



A Otorrinolaringologia em Portugal

João José P. Edward Clode

*A Otorrinolaringologia
em Portugal*

João José P. Edward Clode

*A Otorrinolaringologia
em Portugal*





A Otorrinolaringologia em Portugal

João José P. Edward Clode

FICHA TÉCNICA

[TÍTULO]

A Otorrinolaringologia em Portugal

[AUTOR]

Dr. João José P. Edward Clode
jjclode@gmail.com

[EDIÇÃO]

Círculo Médico - Comunicação e Design, Lda

[DIRECTOR EDITORIAL]

Dr. Fernando Vilhena de Mendonça

[DIRECÇÃO DE ARTE]

Rui Lis Romão

[DIRECÇÃO DE PROJECTO]

Vanessa Silva

[DESIGN GRÁFICO]

Filipa Mendes

[PAGINAÇÃO]

Nuno Silva

[REVISÃO]

Dra. Maria Teresa Egídio de Sousa
Maria do Céu Lopes

[IMPRESSÃO]

Nome da Gráfica

[TIRAGEM]

1.000 exemplares

[1ª EDIÇÃO]

2010

[DEPÓSITO LEGAL]

xxxxxx/10



CírculoMédico
COMUNICAÇÃO E DESIGN

Av. Prof. Dr. Fernando da Conceição Fonseca, nº 41-A
Massamá – 2745-767 QUELUZ – PORTUGAL
Tel.: +351 214 307 830 a 8 Fax: 214 307 839
atelier@circulomedico.com – www.circulomedico.com

©2010, Círculo Médico todos os direitos reservados.

O conteúdo desta obra é da responsabilidade dos seus autores.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a sua autorização.

Esta publicação foi possível pelo apoio:

Bial

PREFÁCIO	11
I. PORTUGAL E O INÍCIO DA NACIONALIDADE	18
O Mosteiro de Santa Cruz	20
A Fundação da Universidade em Portugal	22
II. A MEDICINA PORTUGUESA NOS SÉCULOS XIV E XV	24
Os Colégios	26
Valesco de Taranta e a Medicina em Portugal	26
A Fundação dos Grandes Hospitais	27
O Hospital Real de Todos os Santos e os Professores de Anatomia e Cirurgia	28
A Reforma da Universidade	29
III. PORTUGAL E O RENASCIMENTO	32
IV. A MEDICINA PORTUGUESA NO SÉCULO XVII	36
Zacuto Lusitano	37
João Curvo Semedo	39
António Ferreira	41
Francisco Morato Roma	43
Frei Manuel Teixeira de Azevedo	43
V. A MEDICINA NO SÉCULO XVIII - UM SÉCULO DE GRANDES MUDANÇAS	46
A Medicina em Portugal no Século XVIII	47
Médicos Portugueses do Século XVIII	49
O Ensino no Hospital Real de Todos os Santos	53
O Primeiro Curso de Operações Cirúrgicas do Hospital Real de Lisboa	55
Manoel Constâncio e o Livro que não foi Publicado	57
A Reforma da Universidade no Século XVIII	57
Os Estudos Médicos e a Reforma de 1772	58
Primeiros Jornais Médicos e António d'Almeida	60
A Primeira Descrição de uma Mastoidectomia em Portugal	63

VI. A MEDICINA NO SÉCULO XIX	64
As Escolas Médico-Cirúrgicas	67
Primórdios da Anestesia Geral em Portugal	76
Primeiro Caso de Morte pelo Clorofórmio Registado em Portugal	79
A Medicina Contemporânea e a Otorrinolaringologia	79
Outras Publicações na Área da Otorrinolaringologia no Final do Século XIX	81
Avelino Monteiro e a Importância da Laringologia	82
História e Polémica sobre a Primeira Mastoidectomia Radical Realizada em Portugal	88
VII. O ENSINO DOS SURDOS-MUDOS EM PORTUGAL	92
Os Métodos de Ensino dos Surdos	98
VIII. O SÉCULO XX	100
O XV Congresso Internacional de Medicina	102
O Estado da Medicina em Portugal em 1908	108
A Primeira Laringectomia em Portugal	109
A Revolução Republicana e a Geração de 1911	112
A Vida e a Obra do Prof. Carlos de Mello	113
A Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa	114
O Hospital de Santa Marta	116
A Formação de Carlos de Mello no Estrangeiro	116
Algumas das Publicações do Prof. Carlos de Mello	119
A Especialidade de Otorrinolaringologia no Hospital de Santo António na Cidade do Porto	124
Hospital Militar Principal e a Otorrinolaringologia	126
A Secção de ORL da Sociedade de Ciências Médicas	132
A Criação da Especialidade de Otorrinolaringologia nos Hospitais Cíveis de Lisboa	133
O Hospital da Marinha	135
IX. O ENSINO DA OTORRINOLARINGOLOGIA	138
O Ensino em Lisboa	140
A Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa	145
A Criação do Ensino da Especialidade de Otorrinolaringologia na Cidade do Porto	145
O Ensino em Coimbra	147
A Escola Médico-Cirúrgica do Funchal	147
A Sociedade Portuguesa de Oto-Neuro-Oftalmologia	150
Material Cirúrgico Idealizado por Otorrinolaringologistas Portugueses	151
A Criação da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Bronco-Esofagologia	151
X. HISTÓRIA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ORL	152
A DÉCADA DE 50	153
A Criação da Sociedade	153

A Criação da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Bronco-Esofagologia	154
X Congresso da Societas Oto-Rhino-Laryngologica Latina	161
III Congresso Internacional de Bronco-Esofagologia	162
A Revista “Clínica, Higiene e Hidrologia”	164
A Assembleia Extraordinária da Sociedade de 1957	170
A DÉCADA DE 60	173
A Criação do Boletim	174
I Congresso Português de Otorrinolaringologia	175
II Congresso Português de Otorrinolaringologia	177
Extracto dos Estatutos da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Bronco-Esofagologia de 1957	179
III Congresso Português de Otorrinolaringologia	181
IV Congresso Português de Otorrinolaringologia	183
I Reunião Internacional de Otologia	184
V Congresso Nacional de Otorrinolaringologia	185
A DÉCADA DE 70	189
A Década da Revolução - Os Anos 70	189
VI Congresso Nacional de Otorrinolaringologia	190
VII Congresso Nacional de Otorrinolaringologia	197
A DÉCADA DE 80	197
A Renovação e a Consolidação	197
VIII Congresso Nacional de Otorrinolaringologia	198
IX Congresso Nacional da Sociedade	208
Associação Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial	210
X Congresso da Sociedade de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial – X Congresso Português de ORL	210
A DÉCADA DE 90	213
A Consolidação	213
XI Congresso Nacional de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial	213
A Associação Portuguesa de Otoneurologia (APO)	216
XII Congresso Nacional de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial	217
Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial - 1999	223
XIV Congresso Nacional de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial	225
O 3º MILÉNIO – O FUTURO HOJE	228
XV Congresso Nacional de Otorrinolaringologia	228
Congresso Nacional do Cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial	229
XXXV Conventus ORL Latina 2004	230

Congresso Nacional do 51º Aniversário da SPORL e II Congresso Luso-Brasileiro de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial	230
52º Congresso Nacional de Otorrinolaringologia	233
53º Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial e a VII Reunião Luso-Galaica de ORL	233
54º Congresso Nacional de Otorrinolaringologia	234
55º Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial	236
56º Congresso Nacional de ORL e Patologia Cérvico-Facial e o XI Congresso Hispano-Luso de ORL	237
Os Congressos Conjuntos com as Sociedades Espanholas e a Sociedade Brasileira de ORL	238
Os Congressos Luso-Espanhol/Hispano-Luso ou Ibéricos	239
As Reuniões da Sociedade Luso-Galaica	240
Os Congressos Luso-Brasileiros	241
XI. A OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA NOS HOSPITAIS	242
LISBOA	
Os Hospitais Cívicos de Lisboa	244
Hospital de S. José	244
Hospital de Santo António dos Capuchos	247
Hospital de D. Estefânia	251
Hospital de Santa Maria	254
Hospital de Egas Moniz	257
Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil – I.P.O.F.G.	260
Hospital de Pulido Valente	261
Hospital da Marinha	262
Hospital da Força Aérea	263
Hospital Militar Principal em Lisboa	264
Hospital CUF Infante Santo	266
Hospital CUF Descobertas	268
Hospital da Luz	268
Hospital dos Lusíadas	269
PORTO	
Hospital Geral de Santo António	270
Hospital de S. João	273
Instituto Português de Oncologia do Porto	274
Hospital Maria Pia	276
Hospital Militar Regional Nº 1	276
Hospitais Privados de Portugal (HPP) Norte	277
COIMBRA	
Hospitais da Universidade de Coimbra	278
Centro Hospitalar de Coimbra	280
Hospital Militar Regional Nº 2 e Nº 3	282

OUTROS HOSPITAIS	
Abrantes - Hospital Dr. Manoel Constâncio	283
Águeda - Hospital Distrital de Águeda	283
Almada - Hospital Garcia de Orta	284
Amadora - Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca	285
Aveiro - Hospital Infante D. Pedro	286
Barcelos - Hospital Santa Maria Maior	287
Barreiro - Hospital Nossa Senhora do Rosário	288
Beja - Hospital José Joaquim Fernandes	289
Braga - Hospital de São Marcos	290
Bragança - Hospital Distrital de Bragança	291
Caldas da Rainha - Hospital Termal Rainha D. Leonor	292
Castelo Branco - Hospital Amato Lusitano	293
Covilhã - Hospital Distrital da Covilhã	294
Espinho - Hospital Distrital de Espinho	295
Évora - Hospital do Espírito Santo de Évora	295
Famalicão - Hospital S. João de Deus	296
Faro - Hospital Distrital de Faro	297
Figueira da Foz - Hospital Distrital da Figueira da Foz	298
Guarda - Hospital Sousa Martins	299
Guimarães - Hospital de Guimarães - Centro Hospitalar do Alto Ave	301
Lamego - Hospital Distrital de Lamego	303
Leiria - Hospital Distrital de Leiria/Hospital de Santo André	304
Matosinhos - Hospital Pedro Hispano	306
Portalegre - Hospital Dr. José Maria Grande	307
Setúbal - Hospital S. Bernardo	308
Santa Maria da Feira - Hospital de São Sebastião	309
Santarém - Hospital Distrital de Santarém	310
Santo Tirso - Hospital Conde S. Bento	310
Torres Vedras - Hospital Distrital de Torres Vedras	311
Viana do Castelo - Hospital de Santa Luzia	311
Vila do Conde - Centro Hospitalar Póvoa de Varzim - Vila do Conde	313
Vila Franca de Xira - Hospital de Reynaldo dos Santos	313
Vila Nova de Gaia - Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho, EPE	314
Viseu - Hospital Distrital de Viseu	315
ILHA DA MADEIRA	
A ORL na Região Autónoma da Madeira	317
ILHAS DOS AÇORES	
São Miguel, Ponta Delgada - Hospital do Dívino Espírito Santo	319
Terceira, Angra do Heroísmo - Hospital de Santo Espírito	320
A ORL NAS ANTIGAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS	323
BIBLIOGRAFIA	326
COLECÇÕES OU FONTES	328
ÍNDICE ONOMÁSTICO	329



A Otorrinolaringologia em Portugal

PREFÁCIO

Se o conhecimento da História de um País é fundamental para o seu progresso, também nenhum Médico devia desconhecer os grandes nomes da História da Medicina tais como Hipócrates, Galeno ou Vesálio.

É igualmente importante que os Médicos Portugueses saibam quem foram ou o que fizeram Amato Lusitano, Zacuto Lusitano, Manoel Cons-tâncio, António Maria Barbosa ou Egas Moniz, entre muitos outros nomes ilustres da nossa Medicina.

Quantos Otorrinolaringologistas sabem quem foram os primeiros na sua especialidade?

É na História que encontramos muitas das soluções para os problemas de hoje, e é através do seu conhecimento, que demonstramos a vontade de poder evoluir, aperfeiçoando e melhorando o que já foi feito pelos nossos antecessores.

Janelas de iluminação da História desta actividade são os Homens, os factos e as técnicas que utilizaram para minorar ou anular os problemas dos doentes do âmbito da ORL.

As origens da Otorrinolaringologia são muito remotas. Esta especialidade, ou melhor, este agrupamento de especialidades, não nasceu de repente. A sua origem foi fragmentária, hesitante, e quase se perde na noite dos tempos. No que a Portugal diz respeito começamos pelo início da nossa nacionalidade.

No final do século XI, foi fundado em Coimbra, pelo Bispo D. Paterno, um Seminário cujos Membros seguiam a regra de S. Agostinho. Alguns desses religiosos fundaram, em 1130 um Mosteiro nos arredores de Coimbra, o Mosteiro de Santa Cruz que teve um papel de relevo no campo da Medicina. Neste Mosteiro praticava-se a Medicina da época, por caridade cristã, e fundou-se nas dependências do Mosteiro um pequeno Hospital.

Personagem importante da História Portuguesa, é PEDRO HISPANO (1216 - 1277), também conhecido como Petrus Lusitano, Petrus Juliani, Pedro Julião e que foi PAPA com o nome de JOÃO XXI. Nasceu em Lisboa no Reinado de D. Afonso III, escreveu o famoso Livro "THESAURUS PAUPERUM" (Tesouro dos Pobres), que chegou a atingir as 80 edições e a ser traduzido para mais de 12 línguas.

Em 1288, os membros do Clero Português comunicam ao Papa ser seu desejo que se fundasse um Estudo Geral em Lisboa, estando dispostos a suportar as despesas daí decorrentes. O Rei D. Dinis concorda com esta pretensão, e em 9 de Agosto de 1290, pela Bula do PAPA NICOLAU IV –"DESTATU REGNI PORTUGALIAE", ficamos a saber que entre as matérias a ensinar se encontram a Física e a Medicina.

Para se ter uma ideia do que era a prática em Medicina em Portugal, a seguir à criação das Universidades no século XV, é preciso conhecer a obra de VALESCO DE TARANTA. Escreveu dois livros



IMAGEM DO LIVRO D. BERNARDO SANTUCCI

principais, o primeiro em 1401, "TRACTATUS DE EPIDIMIA ET PESTE", depois em 1418 começou a escrever o "PHILONIUM PHARMACEUTICUM ET CHIRURGICUM" cuja primeira edição data de 1418 publicada em Veneza, tendo tido inúmeras reedições e várias traduções. Pensa-se que o "Philonium" foi o primeiro livro de Medicina publicado por um Português.

É a partir do Séc. XVI que começa o desenvolvimento da cirurgia em Portugal, terminando progressivamente o domínio dos "sangradores" e dos "barbeiros."

O Período Filipino levou a que Portugal ficasse atrasado em todos os domínios, em relação ao resto da Europa.

A Medicina não foi excepção e Portugal estava com um atraso dos conhecimentos de mais de 50 anos. O espantoso avanço que Vesálio e a escola italiana tinham imprimido à Anatomia era praticamente desconhecido em Portugal.

O Hospital Real de Todos os Santos, foi fundado por D. João II, iniciando-se a sua construção em 1492, estando terminado em 1504, em pleno reinado de D. Manuel I.

Reuniram-se nele os bens de 43 hospitais que havia em Lisboa e arredores.

Nunca em Portugal tinha havido hospital de tal dimensão, e pela sua grandiosidade ganhou fama de ser um dos maiores do mundo. Estava situado no Rossio, ocupando as suas construções a maior parte do espaço onde hoje está a Praça da Figueira.

Nesta época, Portugal e Espanha eram os dois países com maior prestígio Europeu, pelas suas conquistas e viagens. D. João III chamara para Portugal grandes Professores Estrangeiros, estabeleceram-se novos estudos no Mosteiro de Santa Cruz, cria-se um centro humanista em Évora, reforma-se a Universidade de Coimbra e nasce o Colégio Real das Artes e Humanidades. Surgem vultos como Luís de Camões, Sá de Miranda, Gil Vicente, Damião de Góis e Artistas como Nuno Gonçalves e Grão Vasco.

Em Portugal, continuavam as grandes viagens com as quais os Portugueses contribuíram para o avanço da Medicina. Dois homens se destacaram: TOMÉ PIRES e GARCIA DE ORTA.

Na Medicina Portuguesa do século XVI destaca-se um nome: JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO conhecido como AMATO LUSITANO. As "CENTÚRIAS DAS CURAS MEDICINAIS" são, de entre as obras que escreveu, o seu maior legado à Humanidade.

É no século XVII que emergem ZACUTO LUSITANO e JOÃO CURVO SEMEDO como eruditos da Medicina, aproveitando os ensinamentos dos livros estrangeiros para escrever os seus próprios textos que ficaram como referência.

Um dos grandes cirurgiões portugueses deste século foi ANTÓNIO FERREIRA. Nasceu em Lisboa em 1616 e obteve a Carta de Cirurgião em 1644. Em 1650, foi nomeado Barbeiro Sangrador do Santo Ofício e mais tarde Cirurgião dos Cárceres

da Inquisição. Em 1654 foi nomeado Cirurgião do Hospital de Todos os Santos, cirurgião da Câmara de D. Afonso VI e de D. Pedro II, cavaleiro da ordem de S. Tiago e da Ordem de Cristo. Acompanhou a Londres a Infanta D. Catarina quando esta casou com Carlos II de Inglaterra, tendo sido nomeado Cirurgião da Real Câmara, e deixou uma obra notável intitulada “LUZ VERDADEIRA”.

A Grande Escola em Lisboa dos séculos XVII e XVIII vai ser o Hospital de Todos os Santos, que era onde vinham os mestres estrangeiros, como Santucci, ensinar Anatomia. Foi nessa altura que passou a ser obrigatório, para quem quisesse a carta de Cirurgião, apresentar a certidão de ter estudado Anatomia. Santucci publicou um Livro intitulado “ANATOMIA DO CORPO HUMANO”. Este livro vem acompanhado por 18 Magníficas Gravuras, que representam o Corpo Humano, assinadas por Miguel le Bouteaux. Na Estampa 8 encontramos a Laringe, na Estampa 12 encontramos a representação da Orelha e do Ouvido Externo, Médio e Interno e ainda a Trompa de Eustáquio.

Ainda no século XVIII, mais precisamente em 1761, escreveu um tratado de Cirurgia o Dr. ANTÓNIO GOMES LOURENÇO, descrito como Familiar do Santo Ofício. Aprovado em Cirurgia e Anatomia, Catedrático de Cirurgia no Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa. O Livro intitula-se “Cirurgia Clássica Lusitana, Anatómica, Farmacêutica, Médica, a mais moderna”.

Em meados do século XVIII, existiam em Portugal dois pólos principais dos estudos Médico-Cirúrgicos: a Universidade de Coimbra, que preparava Médicos e concedia Doutoramentos, e o Hospital de Lisboa, onde se aprendia Anatomia e Cirurgia.

É neste meio que MANOEL CONSTÂNCIO, que exercia a profissão de Barbeiro na Vila do Sardoal, deseja possuir a Carta de Sangrador, pelo que começou a frequentar o Hospital, continuando a exercer a Profissão de Barbeiro.

Em 1747, a convite do Marquês de Abrantes, vem para Lisboa estudar Cirurgia no Hospital de Todos os Santos.

No final do século XVIII, mais precisamente em 1779, fundava-se em Lisboa o JORNAL ENCICLOPÉDICO, que inseria notícias sobre as Ciências e as Artes, incluindo assuntos Médicos.

É nesta época que surge ANTÓNIO D'ALMEIDA, discípulo de Manuel Constâncio, que foi Lente de operações em Lisboa; publicou duas obras consideradas da maior importância, uma delas é o “TRATADO DE MEDICINA OPERATÓRIA”, cuja 1ª edição foi publicada em 1800 e descreve os últimos progressos cirúrgicos realizados até então, e inclui muito da experiência pessoal do autor.

O século XIX foi um dos séculos mais notáveis da história da Humanidade, pelos progressos realizados em todos os ramos das Ciências, e muito especialmente na Medicina em geral e na Otorrinolaringologia em particular, como veremos em detalhe mais à frente.

Inúmeras conquistas científicas se poderiam referir neste século, entre elas as Leis de Ampère, a descoberta da constituição celular dos tecidos, a descoberta da Fotografia, do Cinema, etc., etc.

É neste século que se inicia a Anestesia Geral, a descoberta dos Rx e que vão surgir as especialidades Médicas, a Obstetrícia, depois a Ginecologia, a Oftalmologia (que já existia mas não como especialidade independente), e na segunda metade do século, muitas outras, entre as quais a Otologia, a Rinologia e a Laringologia. A Otorrinolaringologia, como especialidade independente e única, só surgiria no século XX.

A SOCIEDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE LISBOA vai surgir em Maio de 1835, aproveitando um período de acalmia política no País. A Sociedade ficou sob a Presidência de Francisco Soares Franco e, em 1836, iniciou a publicação de um periódico que se intitulou o “JORNAL DA SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS”.

O Jornal da Sociedade de Ciências Médicas tornou-se o principal órgão da classe médica portuguesa, inserindo casos clínicos, na sua maioria, provenientes das enfermarias do Hospital de

S. José, artigos doutrinários, apreciações e discussões, de assuntos relativos à Higiene, Saúde Pública e ao Ensino da Medicina.

Não admira que, as primeiras notícias escritas sobre assuntos relacionados com a área de Otorrinolaringologia, tenham tido lugar nesse Jornal.

A primeira anestesia com Éter em Portugal, deveu-se ao então estudante de Medicina, António Maria Barbosa, que consentiu em ser anestesiado por este método. Num artigo descreve, com grande minúcia, todas as sensações e estados por que passou ao inalar o Éter Sulfúrico.

É também António Maria Barbosa que, em 1862, realiza, pela primeira vez em Portugal, no Hospital de S. José, a ressecção de todo o maxilar superior do lado direito. António Maria Barbosa, foi um dos nossos mais brilhantes cirurgiões do século XIX.

A partir do dia 7 de Janeiro de 1883, iniciou-se a publicação da revista: "A MEDICINA CONTEMPORÂNEA" que se veio a tornar no mais importante periódico português de Medicina do final do século XIX e no princípio do século XX.

É no final da década de 80 do século XIX, que vão começar a aparecer, com mais regularidade, artigos relacionados com a Otorrinolaringologia, escritos por autores Portugueses. No Jornal da Sociedade das Ciências Médicas e na Medicina Contemporânea, iam surgindo, de forma muito regular, as novidades nesta área, mas traduzidas principalmente dos Jornais Franceses. Igualmente, nas Faculdades de Medicina, surgiam Dissertações Inaugurais sobre esta área.

Francisco Avelino Monteiro, nasceu em 1859 e faleceu em 17 de Dezembro de 1937. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e especializou-se em Otorrinolaringologia em Berlim e em Viena de Áustria. Abriu uma consulta de Otorrinolaringologia no Hospital D. Estefânia, em 1892, na Enfermaria de Santana. Regressou depois ao Hospital de S. José, onde dirigiu a Consulta de Otorrinolaringologia até 1929.

O Dr. Gregório Rodrigues Fernandes dirigia o Serviço de Doenças da Laringe, Ouvidos e Fossas Nasais e Boca na Policlínica de Lisboa, desde pelo menos 1893.



UMA REPÚBLICA EM COIMBRA EM 1924. NO CENTRO O MEU AVÔ - WILLIAM EDWARD CLODE

Manuel Diogo de Sousa Leite Valladares, nasceu em Oura (Chaves), em 19 de Dezembro de 1867 e morreu em Lisboa a 27 de Outubro de 1939. Formou-se e doutorou-se em Medicina na Universidade de Paris, em 1895. Especializou-se em Otorrinolaringologia em Paris e veio para Portugal, sendo nomeado, após provas públicas, para o Hospital de S. José em 1897. Em 1899 era nomeado director da Enfermaria, em 1912 inaugurou uma consulta de Otorrinolaringologia no Hospital de S. José, que era a terceira, pois já existiam as consultas do Dr. Avelino Monteiro e a do Dr. João Sant'Anna Leite que realizou pela primeira vez em Portugal as operações de Esvaziamento petro-mastoideu e de laringectomia total.

Manuel Diogo Valladares foi durante muitos anos Professor de Higiene em diversas escolas industriais. A ele se deve a organização da Identificação Criminal no nosso país e das impressões digitais.

Foi o criador da Identificação Civil em Portugal, dirigiu durante muitos anos o Arquivo de Identificação de Lisboa.

No Porto, a consulta de "Moléstias dos ouvidos, nariz e garganta" foi criada em 10 de Fevereiro de 1909, dirigida pelo Dr. José Augusto Vieira de Lemos Peixoto e, a 23 de Outubro estabeleceu-se uma consulta de ORL dirigida pelo Dr. António Teixeira Lopes Júnior.

Depois de Gregório Fernandes, Avelino Monteiro, Manuel Diogo Valladares, João Sant'Anna Leite e Alberto Mendonça, os principais impulsionadores da Otorrinolaringologia em Portugal, deve-se juntar outro nome que ficará na História da Otorrinolaringologia como um dos mais vivos e brilhantes cirurgiões do princípio do Século XX: Carlos de Mello.

O ensino de Otorrinolaringologia, que foi criado em 24 de Janeiro de 1911 e publicado no Diário de Governo nº 45, integrava os programas das Faculdades de Medicina de Lisboa, Porto e Coimbra. Em Lisboa, as clínicas e o ensino passaram da Escola Médico-Cirúrgica do Hospital de São José

para o Hospital de Santa Marta: a Otorrinolaringologia estava integrada na Cadeira de Clínica Cirúrgica sob a direcção, primeiro do Prof. Cabeça, depois do Prof. Francisco Gentil, sendo finalmente entregue ao Prof. Carlos de Mello, até ao final da sua vida, que aconteceu quando Carlos de Mello tinha apenas 45 anos; publicou cerca de 25 trabalhos, todos na área da Otorrinolaringologia, o que para a época foi um feito considerável. Após a morte de Carlos de Mello, foi convidado pelo Conselho da Faculdade de Medicina para reger o curso de ORL, o Dr. Ary dos Santos.

Depois de ter abordado as origens desta especialidade e dos seus primeiros passos, chegamos à época da sua consolidação e assim, o capítulo seguinte trata da história da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia.

A história de uma Sociedade é, necessariamente, também a história dos seus membros, a começar pelos seus fundadores; a história individual de cada membro contribui, para o bem e para o mal, para a história colectiva de toda a Sociedade.

Existe uma necessidade absoluta que os factos que ao longo dos anos foram ocorrendo fiquem escritos, ou então ficarão perdidos para sempre, nas memórias individuais.

Procurei fazer com que as polémicas, as conspirações e as críticas ficassem de fora desta história, e o que sobrou foram os factos, as realizações e os discursos dos seus membros que contribuíram efectivamente para o nascimento, crescimento e desenvolvimento da nossa Sociedade, que muitas vezes levou a sacrifícios pessoais, para o bem colectivo.

Depois de ter abordado a Otorrinolaringologia na perspectiva da sua evolução em Portugal e a História da Sociedade Portuguesa de ORL, o último capítulo diz respeito à história da Otorrinolaringologia nos Hospitais, pois a história da Otorrinolaringologia é feita do somatório dos actos que se praticam no dia a dia de cada hospital.

Desde sempre quis ser Médico, em parte devido a tradições familiares; o meu Avô era Médico na

Ilha da Madeira e lembro-me das histórias do tempo de estudante em Coimbra, das histórias e da vida nas Repúblicas e da vontade de ajudar os outros, que sempre foi o seu lema de vida.

O primeiro de muitos livros desta especialidade que fui coleccionando ao longo destes anos foi o livro pelo qual o meu Avô estudou a Otorrinolaringologia nos seus tempos de Faculdade em 1921, em Coimbra. Mal sabia eu nessa época que mais tarde me dedicaria a esta Especialidade. É por esse facto que as duas fotos que ilustram esta introdução mais não são do que uma homenagem ao meu Avô.

Finalmente, uma palavra de agradecimento a um conjunto de pessoas, sem as quais este livro não teria sido possível.

Queria agradecer a todos os Colegas que contribuíram com as Histórias dos seus Serviços para engrandecer o Livro pois sem a sua preciosa ajuda, muitos factos ficariam para sempre no esquecimento.

Queria agradecer também a todos os que cederam material dos seus espólios pessoais ou institucionais para a concretização deste livro, a todos eles o meu muito obrigado.

Um agradecimento especial à minha Família: aos meus Pais, pela maneira como me ensinaram e deram o exemplo de estar na vida. À minha mulher Maria João, pelo apoio permanente, não só de sacrifício pessoal, pelas horas que ao longo de vários anos esta recolha demorou, como pela valiosa colaboração que deu passando parte do texto para o computador, agradeço igualmente aos meus filhos, João, Francisco e Bernardo.

Agradeço ao Prof. Dr. João Paço, que ao convidar-me e incentivar-me a publicar na sua Revista me levou a escrever vários artigos, sem me impor limites de espaço ou de imagens, que foram a base para eu reescrever uma História que tinha sido iniciada em 2003 com o Livro “História da Otorrinolaringologia”, publicada por ocasião do cinquentenário da Sociedade Portuguesa de ORL.

Finalmente um agradecimento a várias pessoas sem as quais teria sido impossível reunir muitos dos livros e manuscritos antigos de Medicina, que fazem parte do meu tesouro pessoal. De entre estes gostaria de destacar os Srs. Alfredo Gonçalves, Bernardo Trindade, Carlos Nunes, Carlos Bobone, Luis Burnay e também à Teresa Rebelo, todos eles tantas vezes me guardaram bens preciosos, sem os quais este livro teria sido impossível. A todos eles e a muitos outros que igualmente contribuíram, mas cujo espaço não me permite citar todos, o meu muito obrigado.

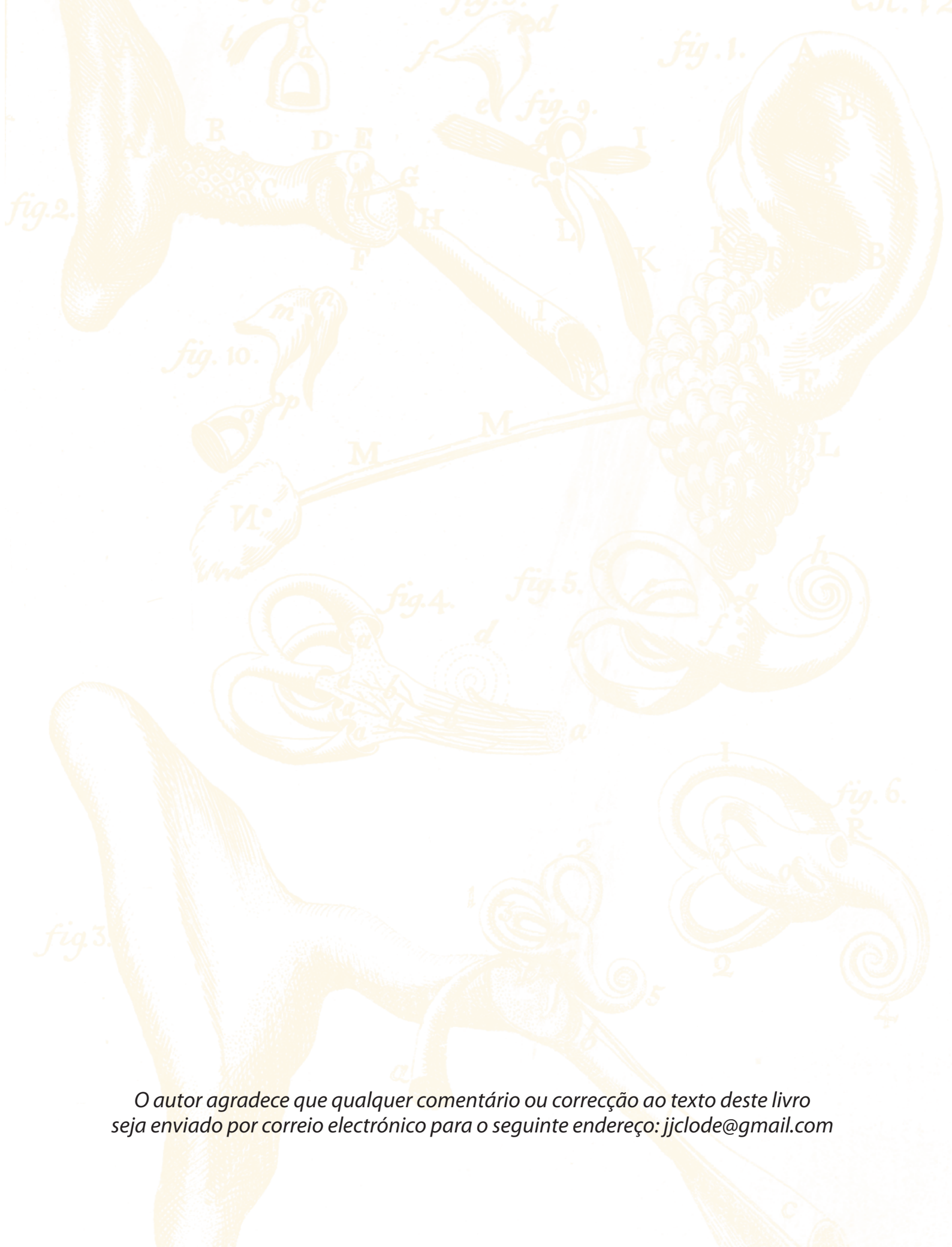
Estou consciente de que gostaria de ter aprofundado mais alguns capítulos e de que o trabalho teria sido enriquecido se mais colaboração houvesse recebido, mas como dizia o Dr. Gregório Marañon “A História julga só os resultados e não os propósitos”, e o resultado foi este, cabe a todos vós julgá-lo.



O LIVRO DE ORL DO MEU AVÔ EM 1921

Lisboa, Maio de 2010

João José P. Edward Clode



O autor agradece que qualquer comentário ou correcção ao texto deste livro seja enviado por correio electrónico para o seguinte endereço: jjclode@gmail.com

anime me
onfus hanc. k. ppria manu

PORTUGAL

Petrus scriba infantis.

A Otorrinolaringologia em Portugal

I

Portugal e o Início da Nacionalidade

Após a Reconquista Cristã na Europa, começou a manifestar-se na Península Ibérica uma tendência separatista dos condados que se tinham formado. No século IX, na Península Ibérica, existiam duas Monarquias Cristãs: a de Oviedo, que mais tarde ficou conhecida como a de Leão, e a de Navarra.

No reinado de D. Afonso VI, a luta contra a invasão Muçulmana estava no seu auge e muitos estrangeiros vinham ajudar os exércitos Cristãos. Entre estes cavaleiros estrangeiros vieram Raimundo de Borgonha, que casou

com D. Urraca, filha de D. Afonso VI, a quem este Rei entregou o governo da Galiza, e Henrique de Borgonha que casou com a outra filha de D. Afonso VI, D. Tereza, e que foi escolhido para governar o Condado Portucalense.

Em 1097, D. Henrique, que já governava desde o Minho até ao Tejo, morre sem ter visto concretizado o seu sonho de Independência, que como sabemos, foi reconhecida em 1143 no Tratado de Zamora. Neste Tratado, foi atribuído a D. Afonso Henriques, filho de D. Henrique e de D. Tereza, o título de Rei de Portugal.

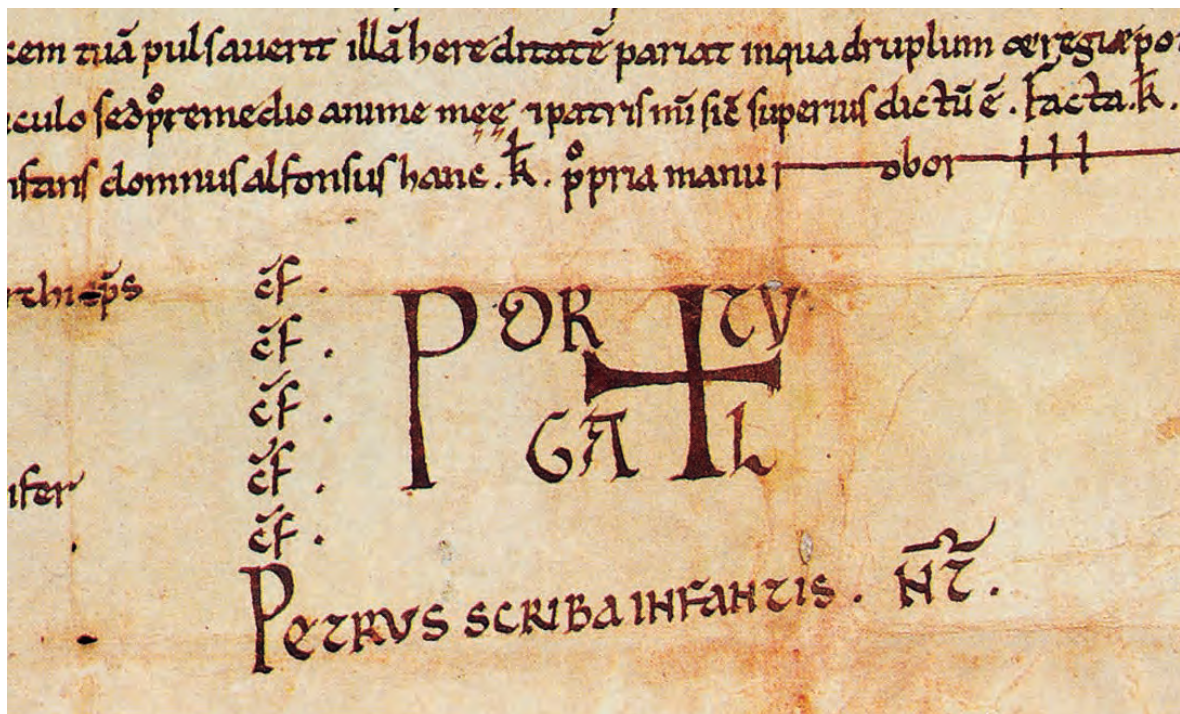


FIGURA 1

DOCUMENTO MAIS ANTIGO EXISTENTE NA TORRE DO TOMBO COM A PALAVRA PORTUGAL - DOAÇÃO DA IGREJA DE CAMPELO - POR D. AFONSO HENRIQUES EM 1129



FIGURA 2

VISTA DO CLAUSTRO DO CONVENTO DE SANTA CRUZ EM COIMBRA NUMA FOTOGRAFIA DE JOAQUIM POSSIDÓNIO DA SILVA EM 1862

Durante esta época a Medicina era essencialmente religiosa, pois a educação era dada pelo Clero. A esta vertente religiosa juntava-se o Curandeirismo que ainda era praticado pelos Muçulmanos e pelos Judeus. Os conhecimentos médicos eram transmitidos individualmente, pois não existiam Escolas Médicas.

O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ

No final do século XI, foi fundado em Coimbra, pelo Bispo D. Paterno, um Seminário cujos Membros seguiam a regra de S. Agostinho. Alguns desses religiosos fundaram, em 1130 um Mosteiro nos arredores de Coimbra, o Mosteiro de Santa Cruz que teve um papel de relevo no campo da Medicina. Neste Mosteiro praticava-se a Medicina da época, por caridade cristã, e fundou-se nas dependências do Mosteiro um pequeno Hospital.

Para o desenvolvimento da Medicina, neste tempo muito contribuía o facto de alguns dos membros desta ordem religiosa serem enviados para o estrangeiro para Centros Culturais importantes como Paris ou Salamanca, onde completavam os seus estudos, vindo depois a praticar e ensinar no Mosteiro de Santa Cruz. Entre os que viajaram

não posso deixar de falar de São FREI GIL, de seu nome GIL RODRIGUES DE VALLADARES, natural de Vouzela, que era um Frade Dominicano, Médico, Teólogo e pregador, que foi canonizado pelo papa Bento XIV em 9 de Maio de 1748, e que é um dos Santos Portugueses com maior projecção internacional. No que respeita à actividade Médica de São Frei Gil, é difícil distinguir entre a lenda (pois são-lhe atribuídos muitos milagres) e a realidade. Recebeu educação religiosa e médica no Mosteiro de Santa Cruz e doutorou-se em Teologia na Universidade de Paris. Apesar de muito se ter escrito sobre São Frei Gil, que faleceu em Santarém, o certo é que ele nada deixou escrito sobre Medicina.

Personagem importante da História Portuguesa é PEDRO HISPANO (1210 - 1277), também conhecido como Petrus Lusitano, Petrus Juliani, Pedro Julião ou PAPA JOÃO XXI. Nasceu em Lisboa no Reinado de D. Afonso III, foi cedo estudar para Paris, onde estudou Filosofia, Teologia e Medicina, frequentou igualmente a Escola de Medicina de Montpellier. Em Paris teve como condiscípulos São Tomás de Aquino e São Boaventura. Entre 1246 e 1252 ensinou Medicina na Universidade de Siena, onde escreveu algumas obras, entre as quais o Tratado "SUMMULAE LOGICALES" que foi o Manual de referência sobre a Lógica Aristotélica durante mais de trezentos anos. Outra obra

de referência é o “DE OCULO”, um tratado que escreveu sobre a Oftalmologia. Em 1262 vai para Viterbo, onde habita o Convento dos Dominicanos. Em 1274 é nomeado Cardeal no Concílio Ecuménico de Leão pelo Papa Gregório X. É nesta época que escreve o famoso Livro “THE SAURUS PAUPERUM” (Tesouro dos Pobres), mas que só foi publicado dois séculos depois, por ordem Papal e chegou a atingir as 80 edições e a ser traduzido para mais de 12 línguas.



FIGURA 3

MEDALHA ALUSIVA A PEDRO HISPANO DO ESCULTOR ARMINDO VISEU

O objectivo do “TESOURO DOS POBRES” era de oferecer medicamentos para serem administrados aos pobres. O conteúdo deste livro revela bem o estado confuso da terapêutica nesta época. Nesta obra destaca-se a condenação das rezas e cantos supersticiosos, preconiza a sangria como meio terapêutico e recomenda o ópio, o aloés, a cânfora e outros medicamentos. A mais antiga edição que se conhece deste livro é a publicada em Veneza, em 27 de Março de 1463. A primeira tradução em língua portuguesa foi impressa em 1613, em Braga. O Tesouro dos Pobres inclui capítulos para 49 diferentes situações clínicas; apenas irei referir os que dizem respeito à área da Otorrinolaringologia que são o nº IX, sobre Doenças dos Ouvidos e o nº XII sobre *Epistaxis*.

O Capítulo IX, relacionado com as Doenças dos Ouvidos, está dividido em 39 subcapítulos, com a descrição de várias terapêuticas. Algumas delas parecem-nos hoje inacreditáveis, mas é necessário ter em conta a época em que o livro foi escrito:

- 1- Suco de folhas de pepino bravo tira as dores de ouvidos;
- 2- Ponha-se ao lume lenha de freixo, apanhe-se o líquido que destilar do seu tronco e deite-se no ouvido; acalma a dor e corrige a audição;
- 3- Cozem-se minhocas e ovos de formiga e folhas de arruda moídas juntamente, e fervidas em azeite; deita-se no ouvido uma gota tépida daquele azeite, obture-se o ouvido com algodão e unte-se à volta da orelha, restitui a audição perdida;
- 10- Se um verme entrar num ouvido, deite-se suco de casca de noqueira ou suco de folhas de pessegueiro;
- 20- Escaravelhos que se encontram nos excrementos dos animais, triturados com óleo, e se puser por cima um emplastro de borra, tira a dor de ouvidos;
- 32- Uma fumigação de vinagre quente desobstrui muito os ouvidos e faz bem à audição, devido à sua subtilidade;
- 36- Instilar gordura de rãs tira imediatamente o zunido dos ouvidos.
- 39- Deitar gordura de arganaz, corrige as lesões incuráveis dos ouvidos.

O capítulo XII é relativo às *Epistaxis*, engloba 34 itens. Começa logo com um muito curioso:

- 1- Espremer suco de excrementos de porco nas narinas restringe o sangue;
- 11- Insuflar nas narinas, cinzas de folhas e de raiz de arruda restringe admiravelmente o sangue;
- 17- Faça-se uma infusão de pêlos de lebre com água e vinagre, e faça-se um tamponamento, será admirável.
- 34- Insuflar cinzas de penas de galinha restringe o sangue do nariz.



FIGURA 4

VISTA DE SANTA CLARA E DA PONTE DA PEDRA EM COIMBRA NUMA FOTOGRAFIA DE CERCA DE 1870

Além do Tesouro dos Pobres, Pedro Hispano deixou-nos outra obra, intitulada “SUMMA DE CONSERVANDO SANITATE” (Suma de Conservação da Saúde), que começa com o seguinte texto:

“Considerando Eu, Pedro Hispano, que os diversos padecimentos mórbidos se originam no corpo humano por negligência, encontrei e provei com razão verdadeira algumas observações úteis e experimentadas para conservar a saúde da vida humana, as quais se não encontram no seio da Arte da Medicina. Uma vez que é melhor preservar a saúde do que lutar contra a doença, deve tratar-se da dita saúde.” Continua a introdução: *“Saúde é uma disposição que conserva o que é natural no homem, segundo o curso da natureza. É que é mais útil prevenir as doenças do que, uma vez contraídas, andar a pedir um auxílio, que provavelmente é impossível”.*

Sábias palavras estas, na introdução, às quais se segue uma lista grande de coisas que fazem bem ou mal aos diferentes órgãos. No que respeita à Otorrinolaringologia apenas encontrei com referência aos ouvidos:

“Coisas que fazem bem aos ouvidos: os ouvidos são órgãos tortuosos e côncavos e instrumentos da alma, por meio dos quais se distinguem os sons e as vozes. O que lhes faz bem é o seguinte: Evitar o calor e o frio, um e outro em excesso. Limpá-los de sujidades com um instrumento cirúrgico, a saber, a “sintija” de ouro ou prata, ou lenha de aloés, a fim de extrair depressa qualquer coisa que lá entre, ou banhos quentes, óleos de amêndoa ou de arruda. A abstenção de legumes e o acto de espirrar pela manhã, purga as orelhas, aguça a vista, expele os resíduos e apura o engenho”.

Seguidamente vem a descrição das coisas que fazem mal aos ouvidos:

“O uso frequente de banhos húmidos, sobretudo depois das refeições, legumes, vinho forte, apertar as orelhas e azeite húmido. Também faz mal mergulhar a cabeça na água, encher-se de alimentos, o fumo e o vento”.

Para Maximiano Lemos, um dos nossos maiores historiadores da medicina, as obras de Pedro Hispano são compilações de textos Árabes, podendo ser o reflexo do ensino Médico em França, na época em que estudou.

Em 20 de Setembro de 1276, Pedro Hispano foi eleito Papa sob o nome de João XXI. No dia 11 de Maio de 1277, oito meses e três dias após a sua investidura, morre na derrocada do seu gabinete de trabalho, por ele mandado construir nas traseiras do Palácio de Viterbo.

A FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE EM PORTUGAL

Em 1288, o Algarve já tinha sido conquistado e Portugal estava prestes a ver as suas fronteiras definitivamente fixadas. Para D. Afonso III, Rei culto que tinha vivido muito tempo em França e para o seu filho D. Dinis, igualmente bastante culto, as preocupações da guerra deixam de ser dominantes e consideraram que era tempo de Portugal ter um Estudo Geral análogo aos outros países.

Em 1288 os membros do Clero Português comunicam ao Papa ser seu desejo que se fundasse um Estudo Geral em Lisboa, estando dispostos a suportar as despesas daí decorrentes. O Rei D. Dinis concorda com esta pretensão, e em 9 de Agosto de 1290, pela Bula do PAPA NICOLAU IV "DESTATU REGNI PORTUGALIAE", ficamos a saber que entre as matérias a ensinar se encontram a Física e a Medicina.

O ensino dado no Estudo Geral era dividido em várias cadeiras: Leis, Cânones, Medicina, Retórica e Gramática. Cada uma destas cadeiras tinha um só Professor. O curso de Medicina tinha vários anos, mas não sabemos quantos. Os alunos que entravam de novo matriculavam-se no ano em que o Curso estava e depois voltavam ao princípio. O ensino era baseado nos textos de Hipócrates, Galeno e Avicena, que os professores liam e comentavam. Era o Bispo de Lisboa, que por delegação Papal, dava o grau de Licenciado e com este título ficava o aluno legalmente habilitado a ensinar em qualquer parte do Reino.

No reinado de D. Fernando, por Bula do Papa Gregório XI, os graus Universitários passaram a ser três: Bacharel, Licenciado e Doutor. A Universidade primitiva teve sede em Lisboa com o pretexto de que era só nesta cidade que os convidados estrangeiros, que vinham ensinar, queriam ficar, mas logo em 1308 foi transferida por D. Dinis para Coimbra, ficando instalada junto dos Paços de Alcáçova. D. Afonso IV, em 1338, mudou a Universidade novamente para Lisboa, e dezasseis anos depois, em 1354, foi outra vez para Coimbra. As mudanças não terminaram aqui, e D. Fernando, vinte e três anos depois, em 1377 transferiu novamente a Universidade para Lisboa. As mudanças só terminaram no Reinado de D. João III que determinou a mudança definitiva para Coimbra em 1537. Pensa-se que uma das principais razões de termos tão poucos dados relativos à Universidade Portuguesa destas épocas, é o facto de estas sucessivas mudanças acarretarem a perda de muitos documentos.



1687
ALVARÁ DE S. MAGESTADE.



U-ELREY. Faço saber, que o Deaõ
e Cabido da Sé desta Cidade me re-
presentáraõ por sua petiçaõ, que ti-
nhaõ nella, e em varias partes muitas
propriedades, que eraõ foreiras á Sé,
de cujos fóros se lhe perdia a maior
parte em razãõ dos possuidores das ditas proprieda-
des as traspassarem, e deixarem em seus testamen-
tos a outras pessoas, sem os supplicantes terem dif-
noticia, o que era em grande damno, e prejuizo
da Sé, e dos suffragios a que os taes fóros e
E, porque Eu fora servido conceder
a todos os Saitos desta Cidade
que offerenciaõ, pa-
razos, e

A Otorrinolaringologia em Portugal

II

*A Medicina Portuguesa
nos Séculos XIV E XV*

Em 1392, D. JOÃO I determinou, por Carta Régia promulgada em 28 de Junho, o primeiro regulamento para a prática da Medicina.

“Ordena o Rei que ninguém possa exercer Clínica sem primeiro ser examinado e aprovado por MESTRE MARTINHO, Físico do Rei, que passará ao candidato uma Carta Selada com o Selo Real”.

Se alguém exercesse Medicina sem ter sido examinado e aprovado, seria preso e todos os seus bens eram confiscados.

No ano 1431, no Reinado de D. João I, a Universidade fez, por sua própria iniciativa, os primeiros estatutos. Nelas se estabelece que o ano lectivo se compunha de 8 meses, e que o Grau de Bacharel apenas seria dado aos que frequentassem as aulas pelo menos durante 3 anos e após terem feito um acto de conclusões magnas perante os Mestres e Doutores. Ao grau de Licenciado só eram admitidos os Bacharéis que estudassem pelo menos 4 anos, e após realizarem um Acto e Conclusões perante os Estudantes e os Mestres da Faculdade.

No dia 25 de Outubro de 1438 é promulgado o Regimento do Cirurgião-Mor, e a partir desse dia todos os Cirurgiões do Reino, tivessem ou não sido alunos da Universidade, eram obrigados a fazer um exame perante o Cirurgião-Mor do Reino, que lhes passaria Cartas, se, pelos seus merecimentos científicos, fossem julgados aptos para isso. Este Regimento foi confirmado por D. João II em 17 de Março de 1486.

O Curso de Medicina compunha-se apenas de uma cadeira, até que uma Carta de D. João II datada de 1493, eleva o número de cadeiras para duas, intituladas de “Prima” e de “Véspera”.

O que designavam não era a disciplina ou grupo de assuntos que versavam, mas sim a hora canónica a que eram dadas as lições.

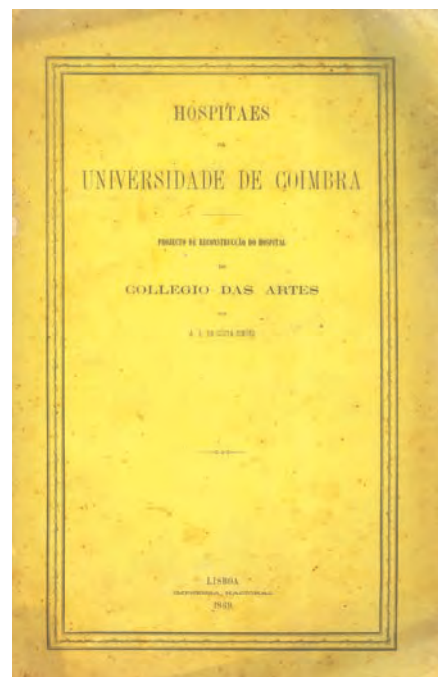


FIGURA 5

PROJECTO DE RECONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DO COLÉGIO DAS ARTES - 1869

Vem dessa época a designação de Lente, dada entre nós ao Professor precisamente porque lia os textos, interpretando-os e comentando-os a seguir.

Na lição, o aluno tomava as suas notas e escrevia o que o Mestre ditava, pois não teriam acesso a livros manuscritos (ainda não havia imprensa), certamente caríssimos. Alguns desses manuscritos que ainda se encontram conservados na Biblioteca da Universidade de Coimbra, chamam-se “Apostilhas” e são as precursoras das Sebentas.

OS COLÉGIOS

Anexos às Universidades, e em alguns casos fazendo mesmo parte dos seus organismos, vamos encontrar os chamados Colégios. Estes eram agremiações onde viviam os estudantes de diferentes terras, geralmente longínquas e vinham para os Colégios aprender as Artes Liberais e as Ciências. Os Colégios eram subsidiados pelos Mosteiros, pelas Catedrais, alguns pelos próprios Monarcas e outros por Particulares.

Os Colégios não eram instituições das Universidades, mas em parte viviam à volta delas. Em 1539 instalou-se em Coimbra o primeiro Colégio.

O mais famoso de todos, dessa época, era o COLÉGIO DAS ARTES, destinado ao estudo da Matemática, da Retórica, das Línguas Clássicas e das Humanidades; começou a funcionar em 1548 e o primeiro Reitor foi o grande Pedagogo e Humanista, Dr. ANDRÉ DE GOUVEIA

Este Colégio era dirigido por Jesuítas e tinha por principal função habilitar os estudantes nas disciplinas que constituíam o ensino secundário, logo os candidatos à matrícula na Universidade.

Outros Colégios famosos eram o de S. Pedro e S. Paulo, que sendo de fundação Real faziam a preparação para lugares de Professores e dos Serviços Públicos.

VALESCO DE TARANTA E A MEDICINA EM PORTUGAL

Para se ter uma ideia do que era a prática em Medicina em Portugal, a seguir à criação das Universidades no século XV, é preciso conhecer a obra de VALESCO DE TARANTA. Embora existam algumas dúvidas sobre a nacionalidade de Valesco, ele próprio referiu no prólogo da sua obra mais famosa, o “PHILONIUM”, ter estudado Artes em Lisboa.

Escreveu dois livros principais, o primeiro em 1401 “TRACTATUS DE EPIDIMIA ET PESTE”, depois em 1418 começou a escrever o “PHILONIUM PHARMACEUTICUM ET CHIRURGICUM” cuja primeira edição data de 1418, publicada em Veneza, tendo tido inúmeras reedições e várias traduções. Pensa-se que o *Philonium* foi o primeiro livro de Medicina publicado por um Português. O *Philonium* divide-se em

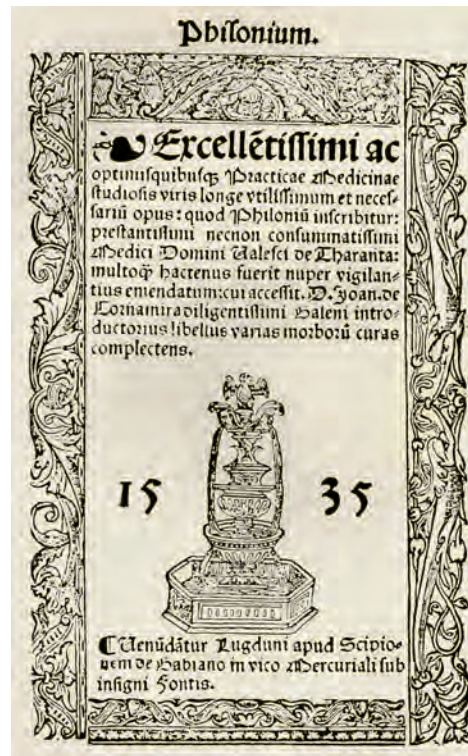


FIGURA 6

ROSTO DO PHILONIUM PHARMACEUTICUM ET CHIRURGICUM DE VALESCO DE TARANTA PUBLICADO EM 1535

sete partes. Na primeira parte trata do estudo das doenças nervosas e mentais, nas outras partes trata respectivamente, das doenças dos olhos, ouvidos, nariz e boca, do peito, dos órgãos digestivos etc. A propósito de cada doença, Valesco começa por defini-la e trata em seguida das causas, dos sintomas, do prognóstico e finalmente da terapêutica.

A melhor maneira de conhecermos a importância de Valesco de Taranta é fazer a tradução do texto de Adam Politzer na História da Otologia quando se refere a este autor:

“Entre os Compêndios Médicos do XIIIº e XIVº séculos, o “Philonium” completada em 1418 pelo autor português Valescus (Balescon) de Taranta, que começou a ensinar em Montpellier em 1382, é aquele que contém a descrição mais completa sobre Otologia. Isto não significa, no entanto, que este livro contenha muitas coisas novas no campo da Anatomia e Patologia do Ouvido. Por outro lado, grande parte deste tratado é uma revisão cuidadosa dos Escritos Árabes e de outros Médicos antigos, e até dos seus contemporâneos.

A Patologia do Ouvido é discutida desde o capítulo 49 até ao 56. Valesco começa com uma descrição da Anatomia do Ouvido no capítulo 49. A sua descrição do osso petroso mostra que Valesco estava ciente da estrutura complexa do ouvido interno, resultando, não tenho dúvida, dos seus estudos em ossos fracturados. Os Médicos desta época não tinham os

conhecimentos necessários para nos darem pormenores anatómicos do ouvido interno. No capítulo 50 fala da surdez, classificando-a da seguinte forma: *Causae, Signo Prognosticatio, Cura, Diaeta, Clarificatio*. Valesco, limita-se a compilar os clássicos sobre a surdez, no entanto, sabia que as descargas purulentas poderiam pôr em perigo a vida dos doentes e recomendava a abertura cirúrgica da mastóide. No capítulo 51, intitulado “*Tinnitus Aurium*”, Valesco descreve alguns casos da sua experiência pessoal, em que os ruídos subjectivos resultavam de traumatismos na cabeça. No capítulo 52, intitulado “*Dolores Auris*” fala das dores nos ouvidos considerando-as como uma doença independente e não um mero sintoma. Toda a informação contida neste capítulo já tinha sido veiculada por outros autores. No capítulo 53 fala de úlceras e no 54 e 55 de fluxos sanguíneos do ouvido”. Assim se referiu Politzer, em 1907, sobre a obra de Valesco de Taranta.

A FUNDAÇÃO DOS GRANDES HOSPITAIS

No final do século XV começam a fundar-se hospitais de amplitude suficiente para substituir as velhas casas de socorro a doentes, umas intituladas de Hospitais e outras de Albergarias.

Dentro da cidade de Lisboa e nos arredores havia muitas Albergarias sem condições para as funções que desempenhavam nos cuidados aos doentes. Além das Albergarias, os cuidados aos doentes eram prestados por Gafarias (eram destinadas a recolher os gafos, que eram indivíduos

que padeciam de lepra) e Hospícios, que eram constituídos por uma ou duas salas, muitas vezes ligados e dependentes dos Conventos.

Começou então a surgir a ideia de construir um grande Hospital em Lisboa. A construção do novo Hospital iniciou-se em 15 de Maio de 1492 e só terminou em 1501, já no Reinado de D. Manuel. Este edifício situava-se no Rossio, no local hoje ocupado pela Praça da Figueira e era um edifício em forma de cruz, de frente voltada para o Rossio com uma escadaria monumental que conduzia à Igreja. No início, as Enfermarias eram apenas três, em 1551 tinha capacidade para 103 enfermos, em 1601 já tinha 324 camas, e a afluência era tal, com dois doentes deitados na mesma cama, pelo que a capacidade em 1620 foi alargada para 600 camas. De início, o Hospital apenas possuía dois Cirurgiões e um Médico, para além dos enfermeiros e auxiliares, mas progressivamente esse número foi aumentando. A existência do HOSPITAL DE TODOS OS SANTOS, nome que foi dado ao hospital, foi um dos pólos de desenvolvimento do ensino da Cirurgia em Lisboa.

Em Coimbra, em 1504 foi fundado o HOSPITAL REAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, também chamado HOSPITAL NOVO ou HOSPITAL REAL DE D. MANUEL, e teve Regimento em 22 de Outubro de 1508. A designação de “Novo” vem do facto de que até ao Século XVI, Coimbra dispôs de cerca de 14 Hospitais, que tinham cada um 3 ou 4 camas para albergar principalmente pessoas de passagem pela Cidade, muitas das quais se dirigiam a Santiago de Compostela.

Este Hospital ficava situado na Praça Velha, tinha 2 Enfermarias, uma para homens com 12 camas e outra para mu-



FIGURA 7

O HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANTOS NUMA GRAVURA DE ZUZARTE

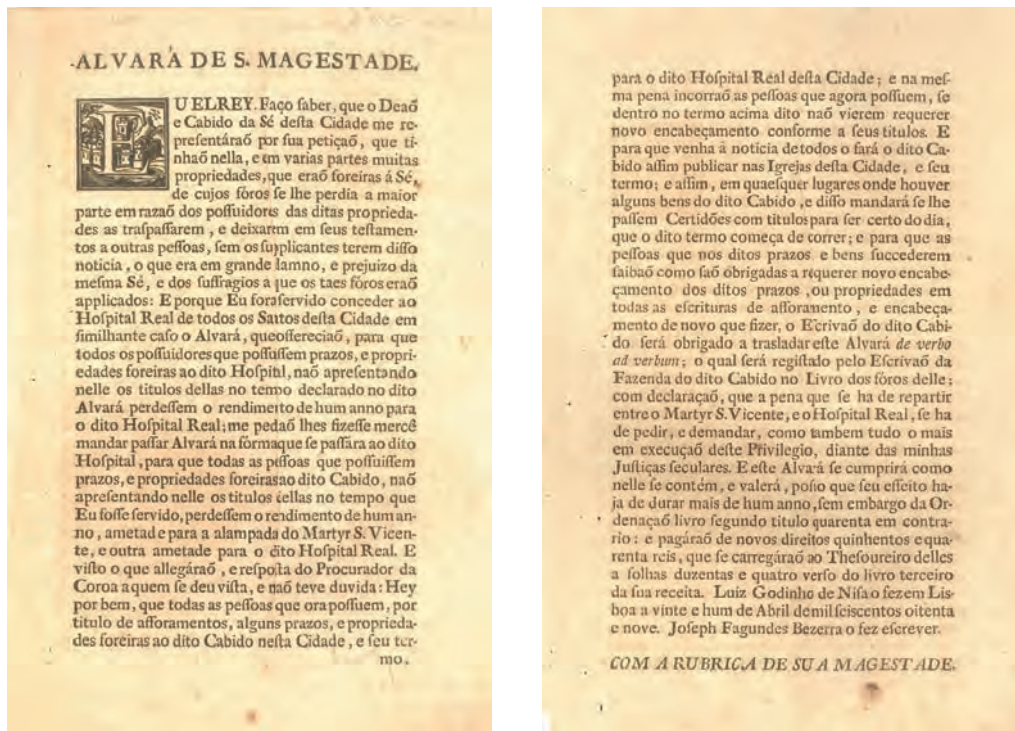


FIGURA 8

ALVARÁ REAL PUBLICADO EM 1689 RELATIVO AO HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANTOS

Iheres com 5 camas, tendo no total 17 camas. Este Hospital veio a servir para o ensino da Medicina após a reforma de 1537, e mais tarde passou a designar-se HOSPITAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, sendo transferido para a alta da cidade em 1772.

Na mesma época em que se começavam a criar os grandes Hospitais foram também criadas as Misericórdias. A primeira a ser fundada foi a Misericórdia de Lisboa, por iniciativa do Religioso Espanhol MIGUEL DE CONTRERAS, que veio para Portugal em 1481. Inicialmente, o papel das Misericórdias era de socorrer os doentes dos Hospitais com comida, visitar os enfermos e os presos dando-lhes alimentos e Medicamentos. Com o tempo, a essas obrigações foram-se adicionando outras, entre as quais a administração dos Hospitais Civis. O próprio Hospital de Todos os Santos foi entregue à administração da Misericórdia de Lisboa em 1564.

O HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANTOS E OS PROFESSORES DE ANATOMIA E CIRURGIA

A fundação do Hospital Real de Todos os Santos foi a origem do progresso da Cirurgia no nosso País. Uma determinação do regimento Hospitalar dava ao Cirurgião Interno a obrigação de ler em cada dia uma Lição de Ana-

para o dito Hospital Real desta Cidade; e na mesma pena incorraõ as pessoas que agora possuem, se dentro no termo acima dito não vierem requerer novo encabeçamento conforme a seus titulos. E para que venha à noticia de todos o fará o dito Cabido assim publicar nas Igrejas desta Cidade, e seu termo; e assim, em qualquer lugares onde houver alguns bens do dito Cabido, e disso mandará se lhe passem Certidões com titulos para ser certo do dia, que o dito termo começa de correr; e para que as pessoas que nos ditos prazos e bens succederem fazião como são obrigadas a requerer novo encabeçamento dos ditos prazos, ou propriedades em todas as escrituras de affirmamento; e encabeçamento de novo que fizer, o Escripto do dito Cabido será obrigado a trasladar este Alvará *de verbo ad verbum*; o qual será registado pelo Escripto da Fazenda do dito Cabido no Livro dos fõros delle; com declaração, que a pena que se ha de repartir entre o Martyr S. Vicente, e o Hospital Real, se ha de pedir, e demandar, como tambem tudo o mais em execuõ deste Privilegio, diante das minhas Justicas seculares. E este Alvará fe cumprirá como nelle se contém, e valerá, poiso que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçõ livro segundo titulo quarenta em contrario; e pagaráõ de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregaráõ ao Theoureiro delles a folhas duzentas e quatro verso do livro terceiro da sua receita. Luiz Godinho de Nisa o fez em Lisboa a vinte e hum de Abril de mil seiscentos oitenta e nove. Joseph Fagundes Bezerra o fez escrever.

COM A RUBRICA DE SU A Magestade.

tomia. Em Novembro de 1556, é instituída uma aula de Cirurgia e de Anatomia, cuja regência ficou a cargo do Dr. DUARTE LOPES, Físico-Mor do Reino. Devia ler diariamente uma lição de GUY DE CHAULIAC, durante uma hora; foi igualmente encarregado de realizar as disseccções para estudo anatómico, que fossem necessárias para demonstrações das lições.

Em 10 de Dezembro de 1560, por Alvará, é nomeado Lente de Anatomia o Licenciado PEDRO LOPES CARDOSO, e por falecimento deste, em 1561 foi nomeado AFONSO RODRIGUES DE GUEVARA, que era Lente na Universidade de Coimbra, e que foi igualmente encarregado de ensinar Anatomia. Guevara era natural de Granada, licenciou-se em Siguenza e ensinou em Valladolid. Começou a leccionar em Coimbra em 1556, de onde veio para Lisboa, deixou-nos um único livro publicado em Coimbra em 1559, no qual assumiu a defesa de Galeno contra Vesálio.

Este livro com 298 páginas está dividido em três partes e mostra que o autor realizou por diversas vezes trabalhos pessoais de disseccção e investigação para apresentar os seus argumentos.

No Livro I é curioso verificar os títulos de alguns Capítulos que têm relação com a Otorrinolaringologia:

Capítulo 2 - Teria razão Galeno em chamar ao osso do paladar (o Esfenóide) cribiforme, ou seria como diz Vesálio, esponjoso?



FIGURA 9

A RECOMPILAÇÃO DE CIRURGIA DE ANTÓNIO DA CRUZ CONSTITUI O PRIMEIRO TRATADO DE CIRURGIA IMPRESSO EM PORTUGAL EM 1601 E TEVE PELO MENOS OITO REEDIÇÕES ATÉ 1711

Capítulo 3 - Trata de alguns erros de Vesálio sobre a Anatomia do ouvido;

Capítulo 4 - Exposição sobre a conformação óssea do ouvido;

Capítulo 12 - Era sobre o facto de Galeno julgar poder haver movimentos dos músculos da língua sem a participação dos nervos, e quais eram esses movimentos.

No Livro II, igualmente existem alguns Capítulos sobre a área de Otorrinolaringologia, são eles:

Capítulo 8 - Aparelho da olfacção - se o movimento do cérebro é natural ou voluntário, e finalmente;

Capítulo 10 - Se os nervos auditivos vão à grande cavidade do osso petroso.

A apreciação de Serrano a esta obra, encontro-a no seu Tratado de Osteologia Humana de 1897:

“O Exame desta obra revela-nos predicados de alta valia - segurança no dizer, sem refohos - campânulas da velha escolástica, Sobriedade a citar os autores cuja crítica se impõe, e acima de tudo imparcialidade e independência” - Conclui Serrano: “Pode afoitamente ter-se por certo que Affonso de Guevara, foi Homem Superior no ramo que exercitou”.

Dos outros Cirurgiões que ensinavam no Hospital de Todos os Santos, um dos mais notáveis foi ANTÓNIO DA CRUZ, nomeado para a vaga devido à morte de JOÃO DIAS, em 1579. António da Cruz, nasceu em Lisboa, estu-

dou em Coimbra e no Hospital de Guadalupe, e teve carta de Habilitação como Cirurgião, passada em Lisboa em 6 de Agosto de 1568.

Deixou-nos um Livro intitulado “RECOMPILAÇÃO DA CIRURGIA, COMPOSTO PELO LICENCIADO ANTÓNIO DA CRUZ, CIRURGIÃO DE EL-REI E DO SEU HOSPITAL DE TODOS OS SANTOS”.

A primeira Edição foi em 1601, e há conhecimento de uma oitava Edição em 1711, já após a sua morte que ocorreu em 1626. Durante muitos anos, esta obra constituiu o Livro de Texto das aulas de Anatomia e de Cirurgia.

Na análise que faz à obra de António da Cruz, Serrano considera que o Tratado pode ser dividido na parte Cirúrgica, que considera bastante interessante, e a parte sobre Anatomia, que considera menos inovadora e nalguns casos incompleta.

Em relação à Otorrinolaringologia encontro referências no terceiro Capítulo que se intitula “*Da Anatomia do Rosto e suas Partes*”; refere: “*que o nariz foi feito para instrumento do cheirar, e para por ele entrar o ar da respiração para os bofes e também para purgar por ele, as superfluidades grossas do cérebro, e para a formosura do rosto*”.

Acerca das orelhas refere: “*As orelhas são feitas de cartilagem e estão postas sobre os ossos petrosos, e foram feitas para instrumento de ouvir, e não há nelas bicho, como o povo diz, mas a cada ouvido vai um nervo que nasce no cérebro, que é o quinto par, o qual chegado ao buraco do ouvido faz uma pele tecida de fios do mesmo nervo aonde dá o tom da voz e se faz o sentido de ouvir*”.

Fala da “*língua, das veas Leónicas que ficam debaixo das fauces, da garganta do padar ou céu-da-boca (véu do paladar)*”, das amígdalas e da campainha, diz que ao inchaço das amígdalas o povo chama aos doentes “*os da boca caídos*”. Neste capítulo fala do osso hióide, mas descreve-o com erros próprios de quem nunca o terá visto.

O quarto capítulo intitula-se “*DA ANATOMIA DO PESCOÇO E SUAS PARTES ESPALDAS E BRAÇOS*”. Fala da “*traca artéria, áspera artéria ou cana do bofe (traqueia e laringe) do izofago meu ou tragadeira e da epiglottis ou larinx*” - dizendo que é um pedaço de cartilagem como uma colher que está sobre a boca da traca artéria, abaixo da campainha, e a esse propósito explica a expressão popular - “*deu-lhe no goto*”.

A REFORMA DA UNIVERSIDADE

No Reinado de D. João III, a Universidade Portuguesa continuava em grande decadência, devido a vícios antigos. Este Rei assumiu a iniciativa da reforma do mosteiro de Santa Cruz, realizada por FREI BRÁS DE BRAGA, que andara a estudar nas Universidades de Paris e de Lovaina. Em Santa Cruz vai-se fazer a primeira tentativa de criar, entre nós, uma instituição moderna de ensino.



FIGURA 10

VISTA PANORÂMICA DA CIDADE DE COIMBRA NUMA FOTOGRAFIA DO SÉCULO XIX

Continuando a não haver uma localização fixa da Universidade, várias localidades pediram ao Rei para serem elas a ter a honra dessa localização. Aconteceu que a certa altura uma grave Epidemia de Peste afectou Lisboa, pelo que a Corte se deslocou para Coimbra e o Rei, na sua estadia, ficou impressionado com a cidade e ordenou que a Universidade ficasse definitivamente sediada em Coimbra. Esta mudança efectuou-se em Março de 1537 e D. João V nomeia Reitor da Universidade, D. GARCIA DE ALMEIDA. Foram contratados Professores Estrangeiros, e a Universidade de Coimbra ganhou grande prestígio; em 1537 tinha 612 alunos e em 1555 contava com 2500 alunos.

O Curso da Faculdade de Medicina tinha seis Cadeiras, que foram sendo criadas à medida que se encontravam os Professores adequados. Assim, em 1537 só havia como Professor, HENRIQUE DE CUELLAR. Em 1538 é nomeado TOMAZ RODRIGUES DA VEIGA e em 1544, ANTÓNIO BARBOSA. Em 1556 é criada a Cadeira de Anatomia que ficou a ser regida a partir de 1561, após a morte de Pedro Lopes Cardoso, por AFONSO RODRIGUES GUEVARA. Existiam as Cadeiras “Prima, Véspera, Tércia e Nona”.

As designações atribuídas às cadeiras não tinham qualquer relação com a matéria ensinada e correspondem à terminologia do Latim:

Prima - hora do nascer do Sol;

Tércia - meio da manhã;

Sexta - meio-dia;

Nona - meio da tarde;

Véspera - uma hora antes do pôr-do-sol.

Na Cadeira Prima eram discutidas as obras de Galeno, durante os seis anos de curso. Na Véspera criticavam-se os Aforismos de Hipócrates. Na Tércia comentavam-se os Tex-

tos de Avicena. Na Cadeira chamada Nona estudavam-se as Obras de Galeno. Havia aulas de Cirurgia e de Dissecção. Nos dois primeiros anos não havia exames e só no terceiro ano havia sessões de argumentação com os Professores. No 5º ano realizava-se o acto de Formatura e no 6º ano o acto de Prática Médica. Como alternativa aos seis anos de Curso Universitário bastava um simples atestado passado por dois Médicos que declarassem que determinado indivíduo tinha praticado com eles, para que pudesse fazer exame perante o Físico-Mor do Reino e lhe fosse concedida a carta de Médico (esta regra só terminou com a Reforma Pombalina).

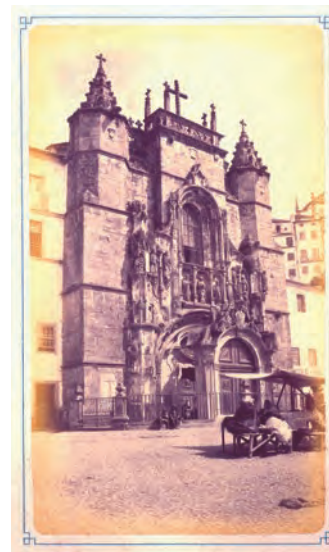


FIGURA 11

FACADA DA IGREJA DE SANTA CRUZ EM COIMBRA NO SÉCULO XIX



*tre sorte
futura.*

*des aux
de lié-*



Or quand les
lèvres d'iceluy
pourroit en ruy
faut vser d'aigu
qu'elles penetre
douleur, enfil
lèvres de la pl
fois (en la man
veulent garder
Cousturiers da
guilles attaché
Telle maniere
aussi necessaire
lèvres fendues
matrice. Mais
y auoit du cui
tout couper, e
faite. Autre m
playes, à raiso

A Otorrinolaringologia em Portugal

III

Portugal e o Renascimento

Dá-se o nome de Renascimento ao movimento artístico, literário e científico que se iniciou em quase todos os países europeus no final do século XV e no século XVI. Esse movimento pretendia substituir as tradições da Idade Média pelos modelos que haviam marcado a Antiguidade Greco-Romana, daí o nome Renascimento, no entanto este não se limitou a repetir o passado, mas encontrou novas formas, novos temas e novas ideias.

É nesta época que aparecem vultos como LEONARDO DA VINCI e MIGUEL ÂNGELO, na Arte; DANTE, SHAKESPEARE, BACON e MIGUEL CERVANTES, na Literatura, e NICOLAU COPÉRNICO na Astronomia.

No século XVI vão surgir algumas das figuras mais importantes da Medicina de todos os tempos. Falo entre outros, de ANDRÉ VESÁLIO, PARACELSO e FRASCATORI.

FRASCATORI pertencia a uma Nobre família italiana, nasceu em Verona, estudou Matemática, Geologia e Astronomia, e exerceu Medicina em Pádua, onde foi companheiro e amigo de Copérnico. Interessou-se muito pelas enfermidades epidémicas, sendo o primeiro a descrever o Tifo Exantemático, a Peste Bubónica e a Sífilis, a quem deu o nome. Em 1546 publicou a sua obra "DE CANTAGIONE" em que escreveu tudo o que se sabia sobre doenças infecto-contagiosas na época, pelo que é considerado o fundador da moderna epidemiologia. A Sífilis foi uma terrível epidemia que teve grande intensidade nos séculos XV e XVI por toda a Europa. Os nomes por que era designada eram muitos e variavam consoante os povos. Os Italianos chamavam-lhe o "Mal Francês"; os Espanhóis o "Mal Napolitano" e no Oriente era conhecido como "Mal Português". Em Portugal chamava-se o "Mal Serpentino", mas devido a um poema escrito por Frascatori intitulado "SYFILIS, SIVE MORBUS GALLICUS", o nome da doença passou a ser o actual. Neste poema, Frascatori imagina um jovem pastor, intitulado Sifilide, que tendo ultrajado os Deuses foi castigado com uma repugnante e terrível enfermidade contagiosa. Após o

poema descreve o tratamento, que na época era o Guariaco ou o Pau-santo (mais tarde foi muito utilizado o mercúrio). A partir dessa época o Morbu Gálico ficou conhecido com o nome de Sífilis.

Outras das grandes figuras foi AMBROISE PARÉ, o maior Cirurgião do Renascimento e um dos maiores de todos os tempos. Deu uma Orientação Científica à Cirurgia, a começar no estudo profundo da Anatomia. Fez um resumo da Obra de Vesálio para estudo dos Cirurgiões. É considerado o Pai da Cirurgia Francesa. Foi assassinado na terrível matança da noite de São Bartolomeu, sob suspeita de que era Huguenote.

Nesta época, Portugal e Espanha eram os dois países com maior prestígio Europeu, pelas suas conquistas e viagens. D. João III chamara para Portugal grandes Professores Estrangeiros, estabelecem-se novos estudos no Mosteiro de Santa Cruz, cria-se um centro humanista em Évora, re-forma-se a Universidade de Coimbra e nasce o Colégio Real das Artes e Humanidades. Surgem vultos como Luís de Camões, Sá de Miranda, Gil Vicente, Damião de Góis e Artistas como Nuno Gonçalves e Grão Vasco.

Em Portugal continuavam as grandes viagens, com as quais os Portugueses contribuíram para o avanço da Medicina. Dois homens se destacaram: TOMÉ PIRES e GARCIA DE ORTA.

TOMÉ PIRES que era Boticário, foi à Índia e China com o intuito de cultivar o espírito. Tendo sido Embaixador de Portugal na China, escreveu sobre os produtos dos Países por onde passava, aumentando muito os conhecimentos de então, sobre drogas.

O outro Português foi também para a Índia estudar. GARCIA DE ORTA era Professor da Universidade de Lisboa e reuniu os conhecimentos adquiridos na notável obra "**COLÓQUIOS DOS SIMPLES**" E "**COISAS MEDICINAIS DA ÍNDIA**"; publicada em 1563. Foi escrita em língua Portuguesa e

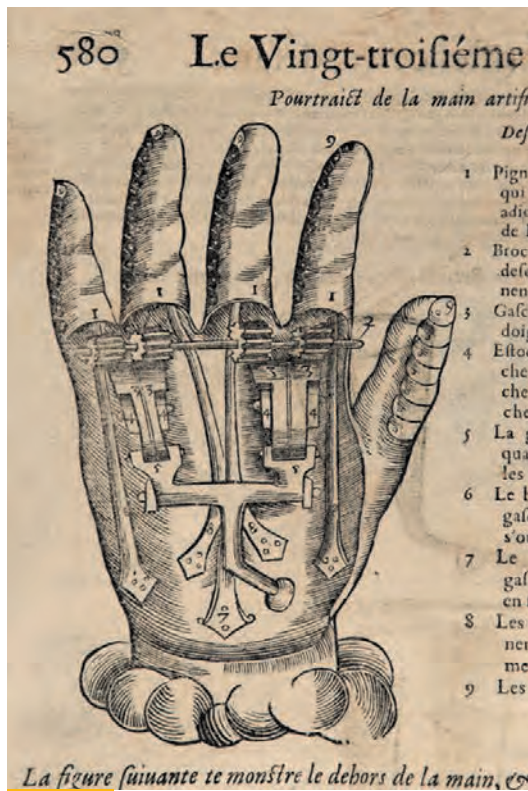


FIGURA 12

DUAS DAS IMAGENS DO LIVRO DE AMBROISE PARÉ DE 1585 - UMA MÃO ARTIFICIAL E UMA SUTURA ESTÉTICA DA FACE

traduzido para várias línguas, inclusive o Latim. O nome "Simples", deriva das drogas que eram colhidas directamente dos três Reinos da Natureza, e com as quais se manufacturavam depois os medicamentos compostos.

Esta foi a sua única Obra e foi escrita sob a forma de um diálogo entre duas personagens: o Doutor Ruano e o Doutor Orim, o primeiro simbolizando o Erudito, tradicionalista e aristotélico, enquanto que o segundo representa o viajante e observador, anti-escolástico e experimentalista crítico, que aos textos contrapõe os factos. A riqueza e os interesses dos colóquios ultrapassam a Medicina pois versam também sobre a vida social, a geografia, a antropologia e até a culinária. Outra particularidade desta obra é a de incluir o primeiro verso impresso de LUIZ VAZ DE CAMÕES, que Garcia de Orta conheceu na Índia e com quem conviveu.

O Livro de Garcia de Orta é admirável e de leitura agradável, vamos tendo conhecimento da História dos Aromas, da História das Plantas e de inúmeras outras Histórias que nos fazem sentir em pleno século XVI. Da leitura breve que fiz da versão comemorativa do quarto Centenário da sua Publicação em 1964, não consegui referências terapêuticas específicas para a área da Otorrinolaringologia embora, muitas se referiram a vómitos e a envenenamentos.

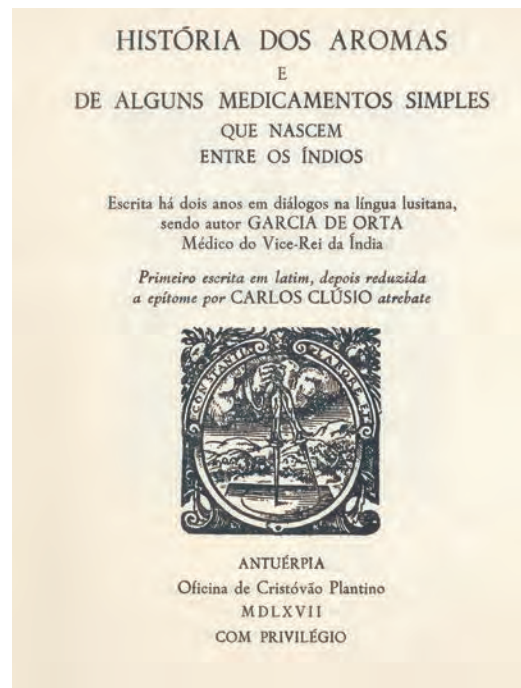


FIGURA 13

VERSÃO PORTUGUESA DA HISTÓRIA DOS AROMAS DE GARCIA DE ORTA NUMA REEDIÇÃO DE 1964



FIGURA 14
ASSINATURAS DE GARCIA DE ORTA

Na Medicina Portuguesa do século XVI destaca-se um nome: JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO (de quem já falei na 1ª parte do Livro), conhecido como AMATO LUSITANO. Nasceu em 1511, em Castelo Branco, filho de pais Judeus, estudou Medicina na Universidade de Salamanca, tendo regressado a Portugal em 1529, devido às perseguições da Inquisição. Viajou para Antuérpia em 1534, e é aí que publica o seu primeiro Livro "IN DIOSCORIDIS". Viajou por toda a Europa até se estabelecer em Ferrara, Itália, em 1541 onde foi Professor de Anatomia. É nesta cidade que inicia a escrita da primeira Centúria (Cem casos clínicos), que dedica a COSME DE MÉDICIS. A instabilidade política e religiosa que então se vivia em Itália, levam-no para Roma onde foi Médico do Papa Júlio III. Finalmente busca refúgio no Império Otomano, primeiro em Ragusa e depois em Salónica, na Grécia, cidade onde escreveu a sua última Centúria e onde morreu em 1569 com 57 anos.

As "CENTÚRIAS DAS CURAS MEDICINAIS" são, de entre as obras que escreveu, o seu maior legado à Humanidade. Escreveu sete Centúrias em latim, e cada Centúria apresenta cem casos clínicos com a descrição pormenorizada do caso clínico, referindo a idade do doente, a descrição da doença e a terapêutica utilizada. Lendo as Centúrias, conseguimos entrar, para além do aspecto médico, em pleno século XVI, pois fala dos hábitos alimentares, da vida quotidiana etc. Conhecem-se pelo menos 59 traduções das Centúrias em diferentes línguas.

Todas as centúrias são notáveis para o estudo da Medicina da época. O relato de cada uma das curas é acompanhado no final, de comentários de Amato.

As Centúrias relacionadas com a área de Otorrinolaringologia são as seguintes:

Um Caso sobre Concreções do Nariz - Centúria VI, cura 1ª;
Dois Casos sobre Vertigem - Centúria VI, curas 80ª e 81ª;
Dois Casos sobre Surdez - Centúria VI, curas 25ª e 87ª;
Quatro Casos de Hemorragias Nasais - Centúria II, cura 100ª; Centúria VI, curas 6ª e 54ª; Centúria VII, cura 66ª;

Dez Casos sobre Anginas - Centúria I, curas 40ª, 87ª e 100ª; Centúria III, curas 28ª, 29ª e 50ª; Centúria IV, cura 90ª; Centúria V, curas 55ª e 73ª; Centúria VII, cura 90ª;

Três casos sobre Aфонia - Centúria II, cura 70ª; Centúria IV, cura 14ª; Centúria VI, cura 5ª.

Em virtude de cada uma das curas ser extensa e com comentários, e de serem várias as da área de Otorrinolaringologia, irei, a título de exemplo, referir uma das curas, a Cura 90ª, da IV Centúria:

"A Viúva Rica sofria de uma angina. Não engolia nada, tinha febre, doía-lhe a garganta e respirava com dificuldade, escarrando porém muita matéria purulenta. Na ocasião em que escarrava, apertava de lado a cabeça com as mãos. Nesse tempo não podia falar. Fui eu próprio vê-la a casa, e considerando o referido e que era uma mulher jovem e obesa e se estava no pino do Verão, mandei tirar-lhe seis libras de sangue da veia cefálica do braço. Externamente foi aplicado no pescoço o seguinte emplastro: ninho-de-andorinha, com alteia e camomila, faça-se um decocto suficiente com água e pise-se num almofariz. A isto junte-se de farinha de cevada, 2 onças; de camomila, uma onça; de óleo rosado de camomila, uma onça; de croco, uma dracma. Misture-se com o referido decocto, quanto baste, faça-se um emplastro e aplique-se tépido ao pescoço. Foi também preparado o seguinte gargarejo: de águas de tanchagem de rosas, uma libra; de xarope acetoso simples, uma onça; de diamorão, uma onça e meia; de croco, uma onça e meia. A doente deu-se bem com este tratamento, que não foi necessário recorrer à abertura das veias sublinguais, tal como aconteceu com um soldado, que regressou da guerra".

Após a descrição da cura, Amato colocava os seus comentários:

"Para dizermos agora algo sobre a angina, de acordo com Galeno, Hipócrates chama a todas as afecções (males) que afectam a garganta ou fauces com dificuldade respiratória, anginas. Há cinco espécies de anginas: a primeira dá-se quando se tornam inflamadas as fauces, isto é, a parte interior da boca, onde se juntam as extremidades da garganta e do esófago. A segunda verifica-se quando nem as fauces nem as outras partes da boca, nem qualquer das partes externas parecem inflamadas e no entanto o doente tem a sensação de perigo de sufocação da garganta. A terceira é quando aparece, externamente, uma inflamação à volta das fauces. A quarta é quando tanto a parte exterior como interior da garganta aparece inflamada. A quinta é quando na parte anterior do pescoço, se deu a luxação das vértebras, isto acontece pelo aparecimento de um tumor extranatural ou por um tubérculo aí nascido."

A parte seguinte do comentário é sobre as propriedades do ninho-de-andorinha, como força dissipante da doença.

Amato Lusitano foi poliglota, dominava o Latim, o Grego, o Hebraico, o Árabe, o Português, o Castelhanos, o Francês, o Italiano, o Alemão e presume-se que também o Inglês. Max Solomon, um dos seus biógrafos, considerou-o como: "Um homem que representa a Medicina do século XVI, como Erudito, como Anatomista e como Clínico."

LV S I T A N I,
M E D I C I, E T P H I L O S O P H I
P R Æ S T A N T I S S I M I,
O p e r u m T o m u s p r i m u s,
I N Q U O
D E M E D I C O R U M
P R I N C I P I U M H I S T O R I A
L I B R I S E X:

V B I M E D I C I N A L E S O M N E S H I S T O R I Æ,
de morbis internis, que passim apud Principes Medicos occurrunt, concinno
ordine disponuntur, Paraphrasi, & Commentariis illustrantur:
necnon Questionibus, Dubiis, & Observationibus
exquisitissimis exornantur.

Editio postrema, à mendis purgatissima.



A Otorrinolaringologia em Portugal

IV

*A Medicina Portuguesa
no Século XVII*

De entre os grandes nomes deste século destaca-se a figura de WILLIAM HARVEY (1578 - 1657) que descobriu a circulação do sangue, e com essa descoberta modificou para sempre o modo como se encarava a Fisiologia Humana. Harvey, no seu Livro "DE MOTOCORDIS", dedicado a CARLOS I de Inglaterra, afirmou e demonstrou que o coração não tinha ar, nem espinhos, mas era um órgão que distribuía mecanicamente o sangue a todo o organismo, funcionando como uma bomba que aspirava e irrigava.

Apesar da intensa obra científica que se ia realizando na Europa, a contribuição portuguesa era bem pequena. A perda da Independência e a conseqüente Guerra da Restauração, não permitiam o sossego necessário para grandes descobertas.

Neste século, em Portugal destacaram-se alguns Médicos entre os quais ANTÓNIO DA CRUZ, do qual já falei e que foi o mais notável cirurgião do Hospital de Todos os Santos, ALEIXO DE ABREU que foi o primeiro Médico Português a descrever o escorbuto, DUARTE MADEIRA ARRAIS, que estudou em Salamanca, foi médico de D. JOÃO IV e escreveu um Livro intitulado: "DE MORBU GÁLICO" sobre as Doenças Venéreas.

ZACUTO LUSITANO

1575 - 1642

ZACUTO LUSITANO (1575 - 1642), outro dos médicos dessa época é considerado o maior nome da Medicina Portuguesa do século XVII.

Zacuto Lusitano, nasceu em Lisboa, em 1575, viveu em Portugal a maior parte da sua vida mas é conhecido sobretudo pelos 17 anos em que viveu no estrangeiro. Era

descendente de uma família de judeus, mas, tendo sido baptizado, era considerado um cristão-novo. Era descendente de Abraão Ben Samuel Zacuto (1450 - 1532), um astrónomo, autor do Almanaque Perpétuo.

Em Lisboa, estudou Latim, Gramática e Retórica, indo depois para Coimbra e a seguir para Salamanca, estudar Filosofia e Medicina.

Doutorou-se com 21 anos em 1596 e foi para Coimbra praticar Medicina durante dois anos, findos os quais teve de fazer o exame de habilitação perante o Físico-Mor do reino. Foi então para Lisboa, e lá presenciou e curou doentes na epidemia de peste de 1600, tal como está descrito no 2º volume da sua "OPERA OMNIA".

Terá sido nessa altura que curou o MARQUÊS DE FERREIRA, D. FRANCISCO DE MELLO, que, depois da Restauração de 1640, ocupou o lugar de Conselheiro de Estado. Esta cura vem repetida, por duas vezes, no 1º volume desse Livro.

Em 1625, devido às perseguições da inquisição, Zacuto Lusitano vai viver para Espanha e depois para a Holanda, para a cidade de Amesterdão. Partiu com a mulher e os seus 5 filhos.

No dia 21 de Janeiro de 1642, Zacuto Lusitano falecia em Amesterdão.

As suas obras, publicadas ao longo de vários anos, foram todas reunidas num Livro intitulado "OPERA OMNIA" (este termo significa, literalmente do latim, *TODA A OBRA*), publicado em Lyon em 1649, em 2 volumes, com páginas a 2 colunas, o 1º volume com 1086 páginas e o 2º com 922.



FIGURA 15

ROSTO DA EDIÇÃO DE 1649 DO LIVRO DE ZACUTO LUSITANO - OPERA OMNIA E A GRAVURA COM A IMAGEM DE ZACUTO QUE SE ENCONTRA NO LIVRO

O Primeiro Volume contém essencialmente a obra “*De MEDICORVM PRINCIPVM HISTORIA LIBRI SEX*”. Começa com um *TOTIUS OPERIS PRÆFATIO*, onde cita muitos Médicos Portugueses. A seguir vem a bibliografia com o nome *OPERIS AUCTORES*. Depois as cartas encomiásticas dos amigos do autor. A obra é composta por 6 Livros:

Livro 1º - 84 histórias sobre as dores de cabeça;

Livro 2º - 151 histórias sobre as doenças do aparelho digestivo, respiratório, circulatório e urinário;

Livro 3º - 48 histórias sobre doenças dos órgãos genitais e dos membros inferiores;

Livro 4º - 55 histórias sobre as febres: espécies, diferenças, causas, sinais, prognóstico e tratamento;

Livro 5º - 33 histórias sobre venenos, doenças tóxicas e seus antídotos;

Livro 6º - 19 histórias sobre doenças diversas.

O 2º volume contém basicamente duas obras: a “*PRAXIS HISTORIARVM*” que compreende 5 Livros e a “*PRAXIS MEDICA ADMIRANDA*”, que compreende 3 Livros.

Seguem-se as cartas encomiásticas e os poemas. Depois a lista dos autores citados e a divisão da “*PRAXIS HISTORIARVM*”.

Vem então o “*INTROITVS MEDICI AD PRAXIN*”, um pequeno tratado de Deontologia médica, segue-se uma Farmacopeia e um tratado de Farmácia, baseado sobretudo nos trabalhos dos árabes.

Vem depois a “*PRAXIS HISTORIARVM*”, dividida nos 5 Livros seguintes:

Livro 1º - Doenças da cabeça;

Livro 2º - Doenças das vísceras, tórax e abdómen;

Livro 3º - Doenças das mulheres;

Livro 4º - Tratamento das febres;

Livro 5º - Cura dos sintomas das febres.

Segue-se uma oração (página 706) e um índice.

A seguir a “*PRAXIS MEDICA ADMIRANDA*”, que compreende 3 Livros:

Livro 1º - Doenças da cabeça;

Livro 2º - Doenças das partes naturais, genitais e membros inferiores;

Livro 3º - Febres e outras doenças.

Zacuto Lusitano ficou na história da Medicina Portuguesa como um dos seus nomes mais sonantes e o primeiro português Historiador da Medicina.

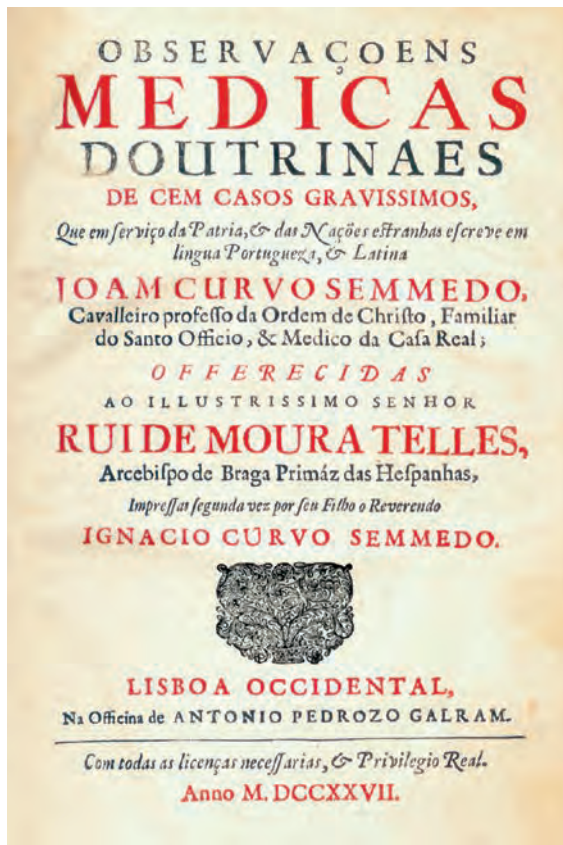


FIGURA 16

ROSTO DO LIVRO DE JOAM CURVO SEMEDO DE 1727 "OBSERVAÇÕES MÉDICAS DOUTRINAIS" E A GRAVURA DO AUTOR QUE ACOMPANHA ESTA EDIÇÃO PUBLICADA EM LISBOA

JOÃO CURVO SEMEDO

1635 - 1719

Um dos Livros mais famosos desta época intitula-se "OBSERVAÇÕES MÉDICAS DOUTRINAIS DE CEM CASOS GRAVÍSSIMOS".

O autor é JOÃO CURVO SEMEDO que nasceu em Monforte em 1635, terminou o Curso em Coimbra, onde se tinha matriculado em 1657. Estabeleceu-se em Lisboa onde adquiriu grande reputação.

Em 1695, publicou "POLIÂNTEA MEDICINAL" que foi um dos Livros de referência dos Médicos Portugueses durante muitos anos.

A Poliântea compõe-se de três Tratados: o primeiro é sobre os vômitos, o segundo sobre as qualidades do antímónio ou pó de Quintílio e o terceiro sobre os benefícios da Química na Medicina.

Curvo Semedo foi um dos Médicos Portugueses mais eruditos. Foi, segundo FERREIRA DE MIRA (autor de um dos mais importantes livros de história da medicina portuguesa), o primeiro que entre nós teve noções exactas sobre a circulação sanguínea e linfática, o primeiro a in-

troduzir a química na terapêutica, o primeiro a falar do emprego da Quina etc.

Senhor de muitos segredos, pois conservava as suas fórmulas secretas, causou muitas invejas entre os seus contemporâneos.

O livro a que faço referência contém cem observações Médicas Doutriniais, das quais três referem-se a doenças da área da Otorrinolaringologia.

A Observação Nº XXVI refere tratar-se de:

"Uma surdez antiga, que por desprezar no princípio, tomou tanta posse que quando se quis curar, zombou da diligência das artes, e sendo eu chamado, apliquei-lhe alguns remédios tão singulares, que dentro de vinte dias ouvia tão claramente, como quando tinha saúde muito perfeita".

Segue-se a descrição do caso clínico em seis páginas. No último capítulo refere: "A água de pão de freixo destilada por descenso, é um remédio maravilhoso, deitando no Ouvido quatro gotas cada dia." O artigo descreve os tratamentos efectuados, referindo que segue os conselhos de Massonia.

A observação Nº LVI refere o caso: "De uma vertigem muito rebelde, que resistindo a mil remédios excelentes, se rendeu

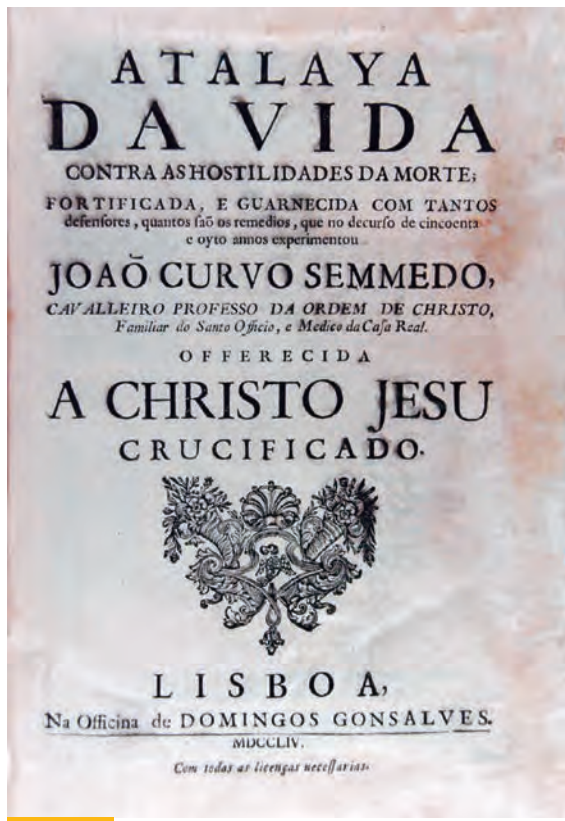


FIGURA 17

ROSTO DO LIVRO DE JOÃO CURVO SEMEDO "ATALAYA DA VIDA" PUBLICADO EM LISBOA EM 1754 E A PÁGINA REFERENTE ÀS DOENÇAS DOS OUVIDOS

aos pós de Quintílio e a umas pílulas que preparo por minhas mãos, que se acharão em minha casa."

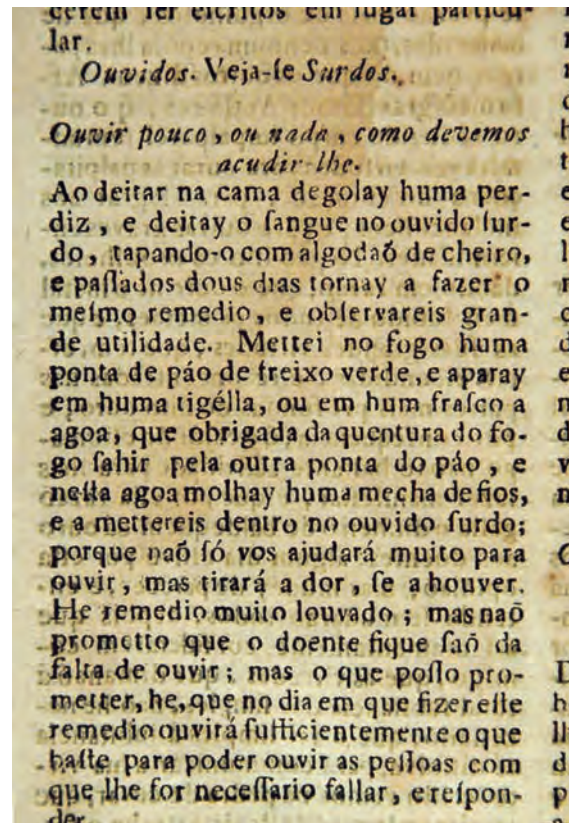
Escreve João Curvo Semedo:

"Confesso que entrei nesta batalha com poucas esperanças de vitória, porque a doença já tinha grandes raízes, o homem era velho, o temperamento adulto, a melancolia grande e a desconfiança maior."

Diz o autor que, após apurar as possíveis causas da doença purgou várias vezes o doente até à cura. Termina citando Galeno: *"Os remédios devem aplicar-se as vezes que forem necessárias, ainda que em muitos dias não vejamos proveito neles."*

A última observação que gostaria de referir é a nº LXIII, que diz o seguinte:

"De uma surdez e zunimento de ambos os ouvidos, acompanhada de uma purgação que por eles corria há dois anos no decurso da qual se applicaram muitos remédios, sem alívio, donde vim a presumir que dentro dos ouvidos havia alguma chaga, e que era essa a causa de tanta resistência. Não me enganei, porque depois do doente bem purgado, lhe deitei dentro um licor feito de escórias de ferro, e foi tão eficaz o efeito deste remédio, que se venceu a doença em cinquenta dias."



Depois de descrever o tratamento, o autor, no ponto 4 do texto refere:

"Quatro coisas quero advertir neste lugar, aos médicos principiantes: A primeira é que todos os remédios que se applicarem para qualquer enfermidade dos ouvidos, se apliquem mornos, porque, como o órgão do ouvido é cartilaginoso e espermático, se ofende com muito frio."

"A segunda é que antes que se aplique este ou qualquer outro remédio, o doente aspire por um funil, o bafo das seguintes ervas aromáticas." (Segue-se uma quantidade enorme de ervas).

"A terceira coisa é, que se a chaga dos ouvidos resistir a todos os remédios referidos, que se lhe meta cada dia uma mecha de fios, remolhada em uma pequena quantidade de unguento." (Segue-se a fórmula).

"A quarta coisa, é que se as outras hipóteses falharem, deve-se mandar preparar no Boticário." (Segue-se nova sequência de ervas, junto com trezentos ovos de formigas e quarenta bichos de conta). *"Tudo deve ser colocado numa garrafa de vidro forte, da Holanda, fechar bem o frasco e enterrá-lo num monte de esterco de cavalo por quinze dias, após o que, depois de fervido, se deitarão seis gotas no ouvido, duas vezes por dia."*

Em 1754 João Curvo Semedo publica um Livro intitulado: "ATALAYA DA VIDA CONTRA AS HOSTILIDADES DA MORTE FORTIFICADA E GUARNECIDA COM TANTOS DEFENSORES QUANTOS SÃO OS REMÉDIOS QUE NO DECURSO DE CINCOENTA E OITO ANOS EXPERIMENTOU JOÃO CURVO SEMEDO, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO, E MÉDICO DA CASA REAL. ALISBOA OFFICINA DE DOMINGOS GONSALVES MDCCLIV".

Ao longo de 495 páginas são descritas inúmeras fórmulas para tratar variadas doenças. Em relação à Otorrinolaringologia, encontro na página 218 o tratamento para o Garrotinho, Esquinência ou Angina, que refere que se cura com os vomitórios de água *benedicta*, de modo a evacuar os humores pela garganta.

Noutra passagem diz que: "O garrotinho ou inflamação da garganta tão grande que nem agoa pôde passar para baixo, se cura muito bem gargarejando com vinagre forte, em que se tenha fervido hum punhado de loína e outro de sal."

Na página 323 fala do olfacto perdido e do seu tratamento, e da página 340 à 344 são os tratamentos para os ouvidos dolorosos e para a surdez, muito na linha dos tratamentos, aos quais já fiz referência no livro dos cem casos gravíssimos.

Eram estes alguns dos tratamentos preconizados pelo Médico mais famoso de Lisboa e Médico da Casa Real, no final do século XVII.



FIGURA 18

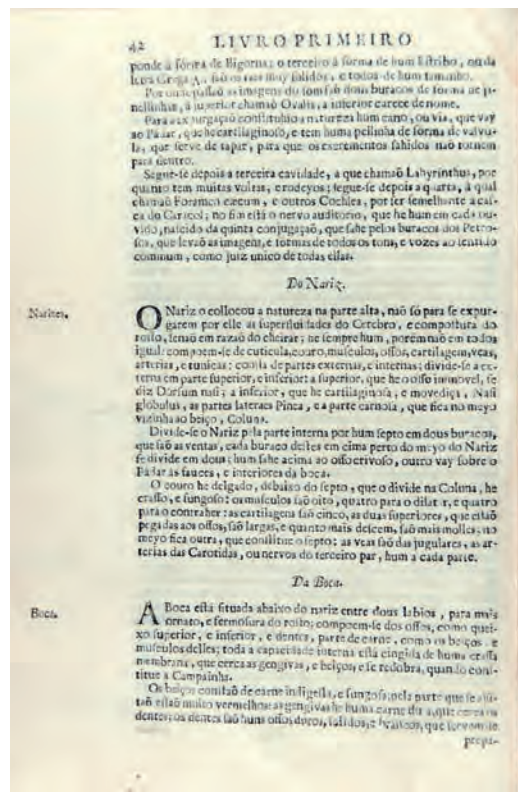
O ROSTO E UMA DAS PÁGINAS RELATIVAS AO OUVIDO, AO NARIZ E À BOCA DA EDIÇÃO DE 1705 DA LUZ VERDADEIRA E RECOPIADO EXAME DE TODA A CIRURGIA DE ANTÓNIO FERREIRA

ANTÓNIO FERREIRA 1616-1679

Um dos grandes cirurgiões portugueses deste século foi ANTÓNIO FERREIRA. Nasceu em Lisboa em 1616 e obteve a Carta de Cirurgião em 1644. Em 1650 foi nomeado Barbeiro Sangrador do Santo Officio e mais tarde Cirurgião dos Cárceres da Inquisição. Em 1654 foi nomeado Cirurgião do Hospital de Todos os Santos, Cirurgião da Câmara de D. Afonso VI e de D. Pedro II, Cavaleiro da ordem de S. Tiago e da Ordem de Cristo. Acompanhou a Londres a Infanta D. Catarina quando esta casou com Carlos II de Inglaterra, tendo sido nomeado Cirurgião da Real Câmara. Faleceu em 1679, com 63 anos.

Deixou uma obra notável (a Edição que eu tenho, que é a de 1705) intitulada "LUZ VERDADEIRA E RECOPIADO EXAME DE TODA A CIRURGIA DEDICADA A AUGUSTO E REAL MAGESTADE D'EL REY D. PEDRO II, NOSSO SENHOR: AUTHOR O LICENCIADO ANTÓNIO FERREIRA."

É um volume com 527 páginas, composto por duas partes, a primeira sobre Anatomia e Patologia com 422 páginas e a segunda parte intitulada "NOVA PRATICA E THEORICA DE CIRURGIA QUE TRATA DE TODOS OS ACIDENTES, CAUSAS, FINAIS, PROGNÓSTICOS E CURA DELLES QUE PODEM SOBREVIR A TODAS AS FERIDAS, COMPOSTO PELO MESMO



AUTHOR." Desta Obra saíram cinco edições, sendo a primeira em 1670 e a última em 1757. Possui um capítulo sobre generalidades de cirurgia e dezoito livros (ou capítulos) - um sobre Anatomia, dois de Apostemas, oito sobre feridas, um sobre fluxo de sangue, dois de chagas, um de fracturas, outro de deslocações e o último intitulado "NOVA PRATICA E THEORICA DE CIRURGIA", contendo no total, nada menos do que setenta e três capítulos.

No capítulo sobre a Anatomia do Rosto, traz referências aos ouvidos, nariz e boca, refere: "As orelhas existem, a externa ou auricular, próximo de algumas glândulas que chamam Parótidas, que são emenatórias do cérebro, porque recebem os excrementos delle."

Ao ouvido interno chama osso petroso que refere ter quatro cavidades:

1. O *Meatus Auditorius*, com um septo, o *tympanum*;
2. A *Cochlea* ou *pelvi*, onde estão muitas partículas que são os instrumentos da pulsação (martelo, bigorna e estribo), da passagem (duas janelas, uma oval e outra sem nome) e de expurgação (a actual Trompa de Eustáquio);
3. O *Labyrinthus* porquanto tem muitas voltas; e por último,
4. O *Foramen Cecum* ou *Cochlea*, por ser semelhante à casca do caracol.

Do Nariz descreve, começando por fora:

"O *Dorsum Nasi* - a parte ossea superior, O *Nasi Globulus*, a parte inferior e média, *molle* e *cartilaginosa*, a *Pinea*, as partes inferiores laterais, a *Columna* (a columela); por dentro estão as ventas separadas pelo septo e cada huma em cima e perto do meyo do nariz se divide em dois buracos, um sahe acima do osso crivoso e outro vay sobre o Padar (véu do paladar) às fauces e interiores da boca."

Não faz qualquer referência ao nervo olfactivo, ao qual António da Cruz já se tinha referido.

No Livro Terceiro sobre os Apostemas, em Particular, fala da Esquinância que refere ser um apostema (inchaço) que nasce na garganta e que impede a respiração e o engolir. Na página 133 fala do tratamento para as dores dos ouvidos.

Os Livros Oitavo e Nono são sobre as feridas, nomeadamente do rosto, da orelha, do nariz, da língua e do pescoço.

O Livro Décimo Quarto é sobre as chagas, a segunda parte do livro é sobre "Nova Prática e Theórica de Cirurgia que trata de todos os Acidentes etc."



FIGURA 19

"COMPENDIO DE MUITOS E VÁRIOS REMÉDIOS DE CIRURGIA..."; POR GONÇALO RODRIGUES DE CABREYRA, QUE VEM INCLuíDO NO TRATADO "LUZ DA MEDICINA" DE FRANCISCO MORATO ROMA, NA EDIÇÃO DE 1726

FRANCISCO MORATO ROMA 1588-1688

FRANCISCO MORATO ROMA (1588 - 1668), natural de Castelo de Vide, veio para Lisboa com D. João IV, pois era Médico dos Duques de Bragança e aqui morreu em 1668.

Publicou um Livro intitulado:

“LUZ DA MEDICINA PRÁCTICA, RACIONAL E METHODICA, Guia de Enfermeiros. Directorio de Principiantes /& /Summario de remédios para poder acudir e remediar os achaques do corpo humano, começando do mais alto da cabeça e descendo athe o mais baixo das plantas dos pés/ Obra muito útil e necessária não só para Professores de Arte da Medicina e Cirurgia, mas também para todo o Pay de famílias. De que se poderão aproveitar os pobres e ricos, na falta de Médicos Doutos/ Composto pelo Doutor Francisco Morato Roma/ Médico da Câmara de Sua Majestade e do Santo Officio da Inquisição/ Cavaleiro Professo da Ordem de Christo/ Com o Compêndio de vários remédios de Cirurgia, recopilado do Thesouro dos Pobres e outros Autores por Gonçalo Rodrigues de Cabreyra/ No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus Anno de 1726/ A custa do Antonio Simoens Ferreyra. Livreiro.”

Este Livro com este título enorme, teve várias edições, a primeira em 1664 ainda em vida do Autor, e as outras póstumas em 1672, 1686, 1700, 1726 e a última em 1753, quase um Século depois da morte do Autor, pois tinha falecido em 1668.

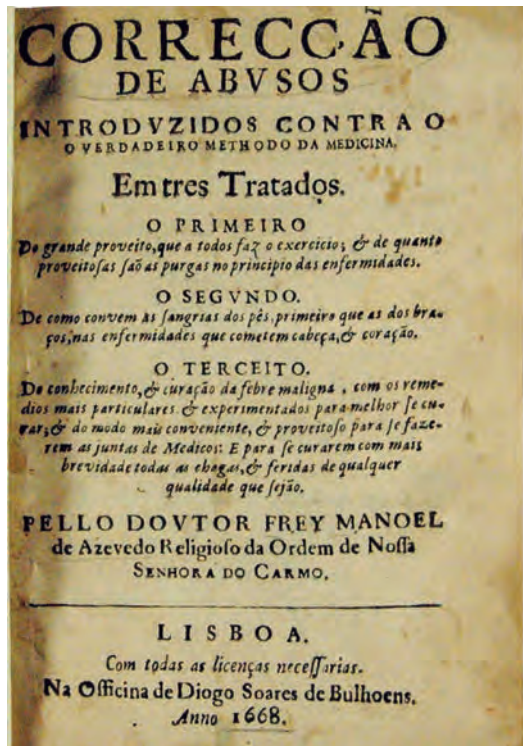


FIGURA 20

PÁGINA DE ROSTO DO LIVRO DE FREI MANUEL DE AZEVEDO “CORRECCÃO DE ABUSOS INTRODYZIDOS CONTRA O VERDADEIRO METHODO DA MEDICINA” PUBLICADO EM LISBOA EM 1668

A edição que eu tenho de 1726 é um livro com 459 páginas, dividido em vários Livros e Tratados. Em relação à Otorrinolaringologia, encontro a primeira referência na Página 184, no Tratado VIII, Capítulo I como título “DOS ACHAQUES DOS NARIZES” e no Capítulo II “DO FLUXO DE SANGUE DOS NARIZES”, dizendo por exemplo:

“Quando o sangue se não pode estancar por ser muito delgado e haver apertão de vea, neste he forçado acodir com asstringentes e refrigerantes, pondo nas fontes e sobre a comissura coronal o sumo de tanchagem, de alface com humas gotas de vinagre.”

Na segunda parte do livro, encontro um Compêndio de Cirurgia de Gonçalo Rodrigues de Cabreyra. Os capítulos VII e VIII são dedicados aos ouvidos: remédios para dores de ouvidos e para surdos, que não ouvem; apresenta seis fórmulas diferentes de Medicamentos, por exemplo:

“Se houver grande pulsação como que lateja, tomar quatro onças de óleo rolado, e hum de vinagre e posto tudo ao fogo athe que se consuma o vinagre, deitar uma gotas no ouvido: he muito bom.”

No Capítulo VIII são remédios para Surdez Antiga:

“Tomem sumo de orégão e leite de mulher, deitado tudo no ouvido sararão e tira a dor”, e para terminar a mais espantosa das curas: “Tomem ovos das formigas, misturadas muito bem com urina de moço virgem e depois coado, lancem-o nos ouvidos, sararao de todas as Enfermidades, que neles tiverem.”

Eram estas as prescrições de um Médico da Casa Real no Século XVII.

FREI MANUEL TEIXEIRA DE AZEVEDO

No século XVII assistiu-se a um grande interesse pelas sangrias que serviam para tratar quase tudo. Contra este entusiasmo louco pela sangria, insurge-se Frei Manuel Teixeira de Azevedo.

FREI MANUEL DE AZEVEDO, nasceu em Lisboa, estudou Medicina em Salamanca, devendo ter concluído o seu curso em 1626. Embarcou em 1631 na armada Espanhola que de Lisboa se dirigia ao Brasil (Portugal estava sob o domínio dos Filipes), e prestou nela relevantes serviços, assim como em 1635 e 1638. Por este motivo, foi nomeado neste último ano, médico da armada do Mar Oceano, lugar que desempenhou por mais de onze anos, assim como o de médico da real câmara, que andava anexo àquele cargo quando fosse exercido por mais de seis anos. Como tal, percorreu diferentes regiões e vários climas, tendo estado em Salamanca, Évora, Sevilha, Cádiz, Madrid, Catalunha, portos de França, Índia, Brasil etc. A proclamação da Independência de Portugal fê-lo perder o lugar.

Regressando a Lisboa, professou na regra dos Carmelitas Calçados, em 4 de Março de 1649, obtendo dispensa Pontífica para poder exercer a Medicina, o que fez durante toda a sua vida. Faleceu no Convento do Carmo em Lisboa, em 31 de Dezembro de 1672.

Frei Manuel de Azevedo insurge-se contra o uso exagerado da sangria que caracterizava a Medicina do seu tempo. Este uso generalizava-se tanto que dera motivo ao adágio popular: “EM LISBOA NÃO HÁ SANGRIA MÁ NEM PURGA BOA.”

Havia médicos que para uma mesma doença sangravam trinta e quarenta vezes. É de notar que Frei Manuel de Azevedo censurava um abuso para o trocar por outro. Destrojava a sangria para usar os purgantes, que aconselha em larguíssima escala, de modo a inverter os termos do adágio popular. Admitia, porém, no tratamento da febre tifóide o emprego da sangria de pés, processo que, segundo diz, foi o primeiro a introduzir em Lisboa. Igualmente elogia as virtudes da quina que se havia generalizado, como base da célebre preparação da ÁGUA-DE-FERNÃO-MENDES, cujo segredo fora comprado por D. Pedro II.

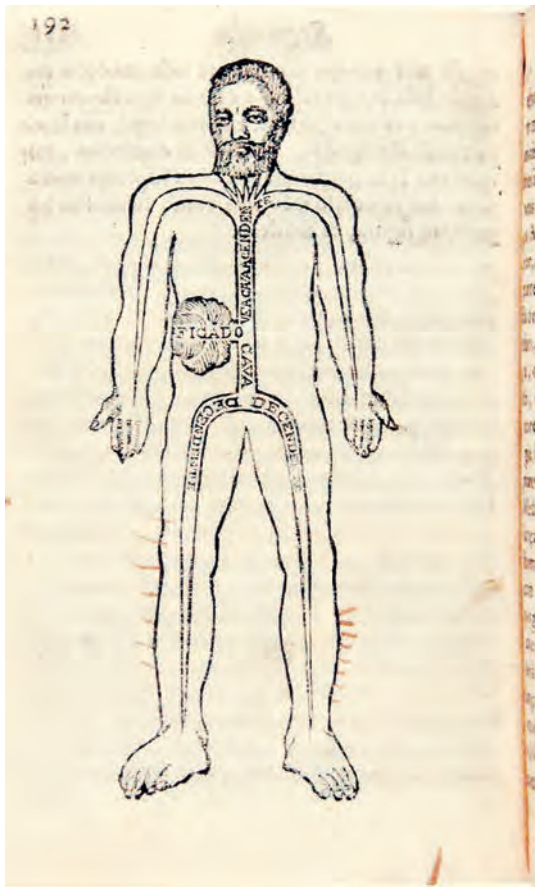


FIGURA 21

ESTA GRAVURA QUE REPRESENTA A VEIA CAVA E O FÍGADO NO LIVRO DE FREI MANUEL DE AZEVEDO DE 1668 É UMA DAS PRIMEIRAS GRAVURAS PUBLICADA EM PORTUGAL SOBRE ANATOMIA HUMANA

Encontram-se nos escritos de Manuel de Azevedo grande número de crenças. Uma das mais notáveis é a crença no quebranto ou mau-olhado, acerca do qual escreveu um tratado especial.

Finalmente, consagra algumas páginas ao estudo das bexigas e do sarampo, devido a uma epidemia que se desenvolveu largamente em Lisboa. Este opúsculo é uma condensação do que encontrara em outros autores. Não só nestas, como em muitas doenças, emprega com mão larga os preparados de antimónio e sobretudo os pós de Quintílio, que se haviam introduzido na prática corrente do século XVII.

O livro que tenho de Frei Manuel de Azevedo tem um nome longuíssimo, como era apanágio da época:

“Correcção de Abusos Introduzidos contra o Verdadeiro Methodo da Medicina. Em tres Tratados. O PRIMEIRO: Do grande proveito, que a todos faz o exercicio & de quanto proveitosas são as purgas no principio das enfermidades. O SEGUNDO: de como convem as sangrias do pés, primeiro que as dos braços, nas enfermidades que cometem cabeça & coraçao. O TERCEIRO: do conhecimento & curaçao da febre maligna, com os remedios mais particulares & experimentados para melhor se curar; & do modo mais conveniente & do modo mais conveniente e proveitoso para se fazerem as juntas de médicos. E para se curarem com mais brevidade todas as chagas & feridas de qualquer qualidade que sejam, pelo Doutor Frey Manuel de Azevedo, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Lisboa, na oficina de Diogo Soares de Bulhoens. Ano de 1668.”

Em relação à Otorrinolaringologia não encontro muitos dados, no entanto no Tratado 2 pag. 6 diz: Ouidos com dores pedem sangria dos pés, e de seguida refere que Garganta inflamada também pede sangria dos pés.

O livro é extremamente curioso na justificação que o autor procura dar para as suas terapêuticas, por exemplo na pag. 190 do tratado segundo, diz:

“Sabido de todos os médicos, ser o figado a origem de todas as veas, como natural fonte que he do sangue, & de todos os mais humores, de que o corpo humano se sustenta. Sahe do figado uma vea grande 8ª (que os Anatomicos chamão vea cava); esta se reparte logo, em se afastando do figado em dous caminhos, ou duas veas uma para o meyo corpo superior, outra para o meyo corpo inferior, como se mostra na presente figura & modelo.”

Segue-se uma gravura que representa a veia cava e o fígado; penso que esta gravura é notável pois é uma das primeiras, se não a primeira, impressa num livro Médico, escrito por um Português na nossa língua.



A Otorrinolaringologia em Portugal

V

*A Medicina no Século XVIII
um Século de Grandes Mudanças*

O século XVIII constituiu um século de grandes mudanças, do qual resultaram profundas transformações políticas, culturais e sociais.

Foi um século de constante agitação, de lutas entre Nações, e de lutas internas dentro dos mesmos estados. Perante este cenário, nada fazia prever as grandes transformações que se produziram para o progresso das Ciências em geral, da Medicina em particular.

Se o século XVII poderá ser chamado o século da Óptica (invenção do Microscópio, Lunetas Microscópicas, descoberta da Dispersão da Luz etc.), o século XVIII poder-se-ia chamar o século da Electricidade, com os trabalhos de Galvani, Volta, o aparecimento de máquinas eléctricas etc. Do ponto de vista médico, o século XVIII, levou a um grande desenvolvimento devido aos progressos nas Ciências Físico-Químicas, mas principalmente, a partir da segunda metade deste século, a Medicina ligou-se ao Pensamento Filosófico e apareceram os chamados Sistemas Médicos. Os principais eram o SISTEMA STAHL (a vida estava ligada à alma, e que sem esta, o corpo entrava em putrefacção); o SISTEMA HOFFMAN (a vida é o movimento, e é o movimento que evita a morte e não) preserva; o SISTEMA HALTER (também chamado de Irritabilidade, dizendo Halter que esta propriedade dependia da estrutura anatómica específica dos órgãos. O SISTEMA BROWN (a vida seria mantida por estimulantes externos como o calor animal, os alimentos, o ar e os internos, como a contração muscular, o pensamento etc.). Finalmente o SISTEMA HAHNEMANN (que distinguia três métodos – o Antipático, baseado na doutrina dos contrários, o Método Alopático, no qual se prescrevem substâncias que determinam efeitos diferentes e o Método Homeopático, no qual são dadas ao doente substâncias que determinam no organismo sintomas semelhantes aos provocados pelas doenças, intitulada “SIMICIA, SIMICIS, CURANTUR”.

Grandes Médicos surgiram neste século, tais como HERMANN BOERHAAVE, (1668 - 1738), Botânico, Químico e Médico, nasceu em Leyden na Holanda e gozou de grande reputação no seu tempo; WOEL, o criador da Embriologia;

MORGAGNI, fundador da Anatomia Patológica, estabelecendo a comparação entre o exame do Cadáver e a observação clínica; AVENBROGGER, que descobriu a percussão; JOHN HUNTER, um dos maiores cirurgiões do seu tempo, e o seu irmão WILLIAM HUNTER, fundador de uma colecção anatómica que ainda hoje se pode ver no Colégio dos Cirurgiões em Londres; EDWARD JENNER que descobriu a vacinação, e muitos outros se poderiam referir.

A MEDICINA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII

Portugal só em 1668 tinha assinado o Tratado de Paz com Espanha, passámos 60 anos de domínio Castelhana e mais 28 anos em guerra, logo a evolução médica que se ia desenvolvendo pela Europa, ia-nos passando ao lado. O século XVIII viria a ser o século de recuperação do tempo perdido.

É nesta época que se inicia em Portugal a criação de Academias Científicas e de publicações periódicas traduzidas, já não do Latim, mas do Inglês e do Francês directamente.

Lisboa tinha-se tornado, em meados do Século XVIII num Centro Médico importante, e apesar dos graus académicos só se poderem obter em Coimbra, Lisboa era onde a vida social fervilhava, e o desejo de muitos Médicos era virem trabalhar para a Capital, e principalmente para o Grande Hospital Real de Todos os Santos, onde se praticava o ensino da Cirurgia.

Em 1721 foi nomeado Professor de Anatomia do Hospital de Todos os Santos, ANTÓNIO DE MONRAVÁ E ROCA, que era uma pessoa de grande saber, e projectou fundar uma Academia para promover o progresso dos estudos cirúrgicos, mas tal nunca lhe foi permitido

Em 1739 cria uma Academia a que chamou das “QUATRO CIÊNCIAS” porque nela se ensinava a Anatomia, a Cirurgia, a Física Experimental e a Medicina. Monravá não só ensinava, como praticava, pois era para além de professor um exímio cirurgião.



FIGURA 22

ESTAMPA Nº 1 DO LIVRO DE ANATOMIA DE SANTUCCI

É curioso o Frontispício de um dos seus primeiros Livros de 1725, que é assim:

"Breve Curso de nueva Cirurgia dedicado ao Señor Infante D. Francisco, por Don Antonio Monravá e Roca, doctor em Medicina, por la Real Universidade de Lerida, Cathedrático de Anatomia do el Hospital Real de Todos os Santos, Presidente y fundador da Nueva Economia Physico-Chirurgica, doctor anatómico de ele sereníssimo Rey de Portugal, Médico Catalan, leida en la dicha academia, com nuevas doctrinas, derivadas de nuevos principios physicos, explicados, por dicha doctor, en dos tomos, dividida em forma de dialogo escrito." Lisboa 1725.

Em 1732 Monravá foi substituído por BERNARDO SANTUCCI, grande Anatomista Italiano que veio viver para Portugal. Era Santucci quem aprovava os Cirurgiões praticantes no que respeitava à Anatomia.

Santucci publicou um Livro intitulado "ANATOMIA DO CORPO HUMANO", dedicado a D. João V e vinha acompanhado no frontispício pelas referências ao autor:

"Por Bernardo Santucci, natural de Cortana, Mestre em Artes e Doutor em Medicina pela universidade de Bolonha, médico da Sereníssima Violante Beatriz da Baviera, Grã Princesa de Toscana e Lente Régia da Cadeira de Anatomia do

Hospital Real destas cidades de Lisboa." Lisboa Ocidental 1739.

Este livro vem acompanhado por 18 Magníficas Gravuras (Estampas) que representam o Corpo Humano, assinadas por Miguel le Bouteaux. Na Estampa 8 encontramos a Laringe, na Estampa 12 encontramos a representação da Orelha e do Ouvido Externo, Médio e Interno e ainda a Trompa de Eustáquio.

O Curso de Santucci era dedicado aos praticantes de Cirurgia, mas também aos Médicos e Cirurgiões com Carta que os habilitava a exercer a profissão. Compunha-se de três lições semanais das 8 às 12h e o ensino era feito no cadáver.

Uma Ordem Régia suspendeu as lições de Santucci, pensa-se que por campanha de Monravá e Roca. Santucci acabou por sair de Portugal e a Cadeira de Anatomia do Hospital de Todos os Santos, vaga em 1747, só foi preenchida em 1750, com a nomeação do francês PEDRO DUFAU.

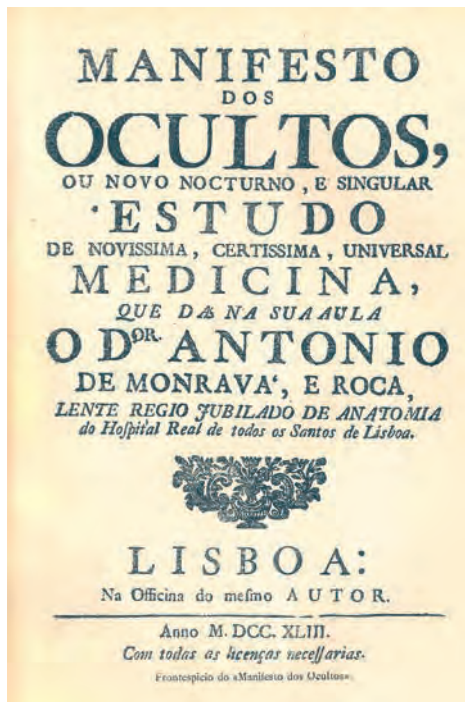


FIGURA 23

PÁGINA DE ROSTO DO LIVRO "MANIFESTO DOS OCULTOS" DE ANTÓNIO DE MONRAVÁ E ROCA DE 1743



FIGURA 24

GRAVURA QUE REPRESENTA UMA LIÇÃO DE ANATOMIA COM A DISSECÇÃO DE UM CADÁVER, DADA POR MONRAVÁ E ROCA NA ACADEMIA DAS QUATRO CIÊNCIAS FUNDADA EM 1739

MÉDICOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVIII

Entre os vários Médicos notáveis deste século em Portugal, devo referir FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES, conhecido como Doutor Mirandela, por aí ter nascido em 1665. É um dos mais ilustres representantes entre nós das chamadas doutrinas iatroquímicas. Em 1726 publicou "O AQUILÉGIO MEDICINAL" que é o primeiro inventário das Águas Medicinais Portuguesas. Publicou ainda um famoso Tratado de Higiene, a "ANCORA MEDICINAL", do qual foram feitas várias Edições e que trata do ar ambiente e dos alimentos.

Outro Médico notável dessa época foi JACOB DE CASTRO SARMENTO (1691 - 1762). De origem judaica, estudou Artes na Universidade de Évora e Medicina em Coimbra. Em 1721 exilou-se em Londres onde estudou Filosofia experimental, Física, Química e Anatomia, tornando-se em 1725, membro do Colégio Real dos Médicos em Londres. Integrou o corpo docente da Universidade de Aberdeen na Escócia. Em 1737 publicou "TEÓRICA VERDADEIRA DAS MARÉS", onde divulgou as ideias de Isaac Newton. Outra obra de destaque foi "MATÉRIA MÉDICA", em 1735, onde classifica os Medicamentos e os divide em Medicamentos do Reino Animal e os do Reino Vegetal. Igualmente se tornou famoso pela produção da célebre "ÁGUA DE INGLATERRA", que era uma água que continha quinino, eficaz no combate ao Paludismo, mas cuja composição era secreta. Após o isolamento da quinina por Pelletier em 1820, a importância desta água decresceu muito.

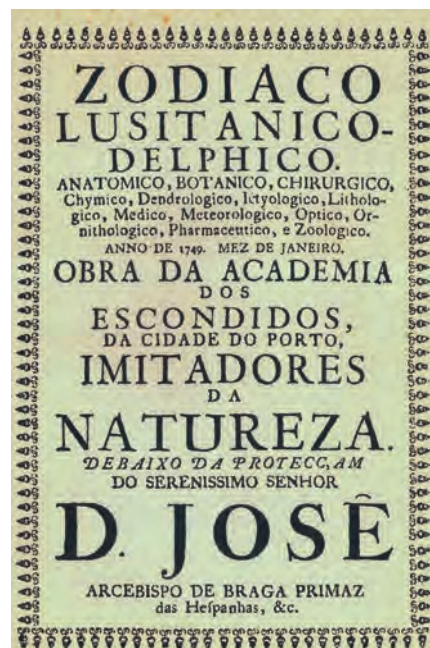


FIGURA 25

"ZODÍACO LUSITANICO - DÉLFICO"; O PRIMEIRO JORNAL MÉDICO EM PORTUGAL

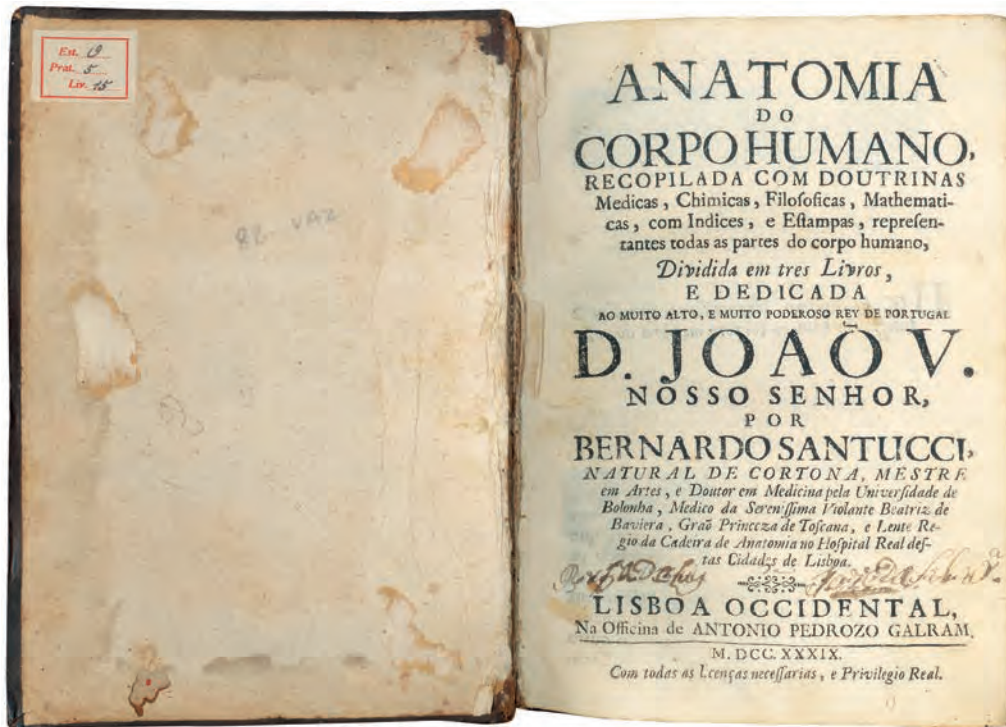


FIGURA 26

A "ANATOMIA DO CORPO HUMANO" DE BERNARDO SANTUCCI, PUBLICADA EM 1739, INCLUI 18 ESTAMPAS SOBRE ANATOMIA HUMANA GRAVADAS POR MICHEL LE BOUTEAUX (1682 - 1764)



FIGURA 27

AS ESTAMPAS DO LIVRO DE ANATOMIA DE SANTUCCI PROCURAM IMITAR AS GRAVURAS DOS TRATADOS DE A. VESÁLIO E DE J. VALVERDE. NESTA IMAGEM ESTÁ REPRESENTADA A ESTAMPA Nº 18

Igualmente famoso neste século, foi o cirurgião MANUEL GOMES DE LIMA (BEZERRA), que foi um dos promotores da fundação das Academias. A ele se deve o "ZODÍACO LUSITANO - DÉLFICO", o primeiro Jornal Médico em Portugal.

Em 1714, JOAM VIGIER publica um Livro intitulado "THE-SOURO APOLLINEO, GALENICO, CHIMICO, CHIRURGICO E PHARMACEUTICO OU COMPÊNDIO DE REMÉDIOS PARA RICOS E POBRES ETC.". Divide-se em duas partes, a primeira contém remédios para os achaques internos, a segunda para os externos, termina o título: "OFERECIDO AO EXMO. SENHOR D. NUNO ALVAREZ PEREYRA DE MELO, DUQUE DO CADAVAL POR JOAM VIGIER, NACIONAL DO REYNO DE FRANÇA E MORADOR NESTA CORTE DE LISBOA."

Na área da Otorrinolaringologia, apenas encontro referências na segunda parte, em dois dos capítulos: no Capítulo XXVII intitulado "Contra a Surdez e Zunido dos Ouidos."

Refere Joam Vigier: "A Surdez, tendo causas diferentes deve ter remédios diferentes, porque pode vir do conduto exterior do ouvido estar entupido, ou de que o nervo acoustico esteja roto, ou paralítico, ou porque há alguma falta no órgão immediato do ouvido."



FIGURA 28

AS DEZOITO ESTAMPAS DO LIVRO DE ANATOMIA DE SANTUCCI MOSTRAM OS SISTEMAS ESQUELÉTICO, MUSCULAR E CIRCULATÓRIO, A ESTRUTURA DO CÉREBRO, DOS OLHOS E DOS OUIDOS. QUATRO DAS ESTAMPAS REPRODUZEM IMAGENS MICROSCÓPICAS

Seguem-se as descrições de obstrução do Conduto Auditivo Externo.

Fala também dos zumbidos a que chama “zunidos, assobiamentos ou murmurinhos”, cujas causas podem ser pulsações das artérias, inflamações, abscessos, chagas ou “fermentações dos humores, acre.”

Descreve a seguir as diferentes Medicinas contra a Surdez, desde sementes, e folhas diversas, todas em cozimento, passando por purgantes, fel de touro e de carneiro, óleos e tinturas.

Por último vêm as fórmulas ou receitas para as diferentes situações: contra a surdez, quando a cera é muita, contra os zunidos e contra as dores de ouvidos. Curiosamente apresenta para a maior parte das situações outras receitas alternativas. Apenas e por curiosidade, vou referir o tratamento para os zumbidos:

“Contra os zunidos: Recipe (Receita): coluquintas, meya onça, cuminhos, coentro seco e óleo de amêndoas doces e amargas, de cada hum onça huma e meya, vinho branco onças quatro, coza-o a fogo lento té se gastar o vinho e neste óleo se misture meya onça de Água da Rainha da Ungria, e se applique bem revolvido as gotas dentro do ouvido.”

Esta era a receita de Joam Vigier em 1714, para os Acufenos, quem sabe se resultaria?

Finalmente encontro outra referência à Otorrinolaringologia, no Capítulo XXIX (2ª parte) intitulado: *“Contra as chagas da boca, relaxação da campainha e esquinência”*. Dou como exemplo a fórmula empregada como inflamação da garganta: *“Recipe (Receita): folhas de malvas de rosas vermelhas e de tanchagem, de cada hum meya mão chea, poli-iodo pizado meya onça, mostarda pizada, oytavas duas, água de cevada quartilho hum e meyo, vinagre branco meyo quartilho, sal coza-se tudo e coada sirva para gargarejo.”*

Não encontrei nas 519 páginas do livro qualquer outra referência à Otorrinolaringologia.

Em 1723 é publicado um Livro intitulado “CASTELO FORTE”; o seu autor foi JOÃO LOPES CORREIA, que ensinou Cirurgia no Hospital de Todos os Santos de 1710 a 1726. J. A Serrano considerou que a parte anatómica do volumoso Tratado em 2 volumes, “O Castelo Forte” estava recheada de erros.

Apenas posso referir o primeiro tomo, que é aquele que eu possuo, e devo dizer que é um extenso Tratado com 818 páginas.

O título completo é o seguinte:

“Castello Forte”, contra todas as infirmitades que perseguem o corpo humano e thesouro Universal, aonde se acharão os remédios para ellas dedicado a Nossa Senhora do Castello

da Villa de Coruche. No qual se acharão difinições, causas finaes, prognósticos, auras e todos os sintomas de qualquer infirmitade cirúrgica, como também se acharão nelle todos os nomes das infirmitades e dos Medicamentos, hervas, plantas e mineraes, deduzidas da lingua Grega, Latim, Barbara e mais línguas na nossa Língua Portuguesa etc. Author João Lopes Correa, cirurgião do Hospital Real de Todos os Santos e da Casa da Supplicação. Lisboa 1723.

Depois de uma introdução muito curiosa, Lopes Correia, refere já saber que a inveja vai fazer com que o seu trabalho seja atacado. No Índice dos Capítulos, o Capítulo XV é sobre Dor de Ouvidos, o XVI sobre a Parótida, o XIX sobre o Fluxo de Sangue do Nariz, o XXII sobre as Enfermidades da Garganta que causa a Esquinência.

O Capítulo Quinquagésimo (XV) é sobre dor e mais achaques dos ouvidos, vai da página 206 à 217 e refere as eventuais causas dos achaques dos ouvidos: ou são escuras, ou manifestas, e seguidamente refere os sintomas e as auras. Refere, por exemplo, que se a dor for violentíssima se devem usar narcóticos, porém com muita cautela porque ofendem o cérebro gravemente, tal como referia Galeno. Todo o livro é interessante, pois remete-nos para as terapêuticas utilizadas nessa época.

Ainda no século XVIII, mais precisamente em 1761, escreveu um Tratado de Cirurgia, o DR. ANTÓNIO GOMES LOURENÇO, descrito como Familiar do Santo Ofício. Aprovado em Cirurgia e Anatomia, Catedrático de Cirurgia no Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa. O Livro intitula-se "CIRURGIA CLÁSSICA LUSITANA, ANATÓMICA, FARMACÉUTICA, MÉDICA, A MAIS MODERNA, A SEGUNDA PARTE":

Na página 109, o autor faz referência de como se curam as feridas da cabeça, incluindo as do nariz, boca, pescoço e das orelhas. Em relação a estas últimas, refere o seguinte:

"As feridas das orelhas se devem curar, pretendendo nelas, união breve, com costura falsa, e se for maior e penetrar a cartilagem, se coserá com alguns pontos verdadeiros; metendo dentro do ouvido, fios ou algodão; para o defender de qualquer coisa estranha."

Em relação ao nariz, diz: *"além de se suturar, devem-se meter para dentro das ventas, mechas canuladas de encerrado, ou de penas de escrever cobertas de panos ou de fios molhados."*

Na página 237, refere como se tratam as deslocções dos ossos próprios do nariz. Refere o autor que: *"se deverão meter pelas ventas um dedo, ou pau de proporcionada gros-*

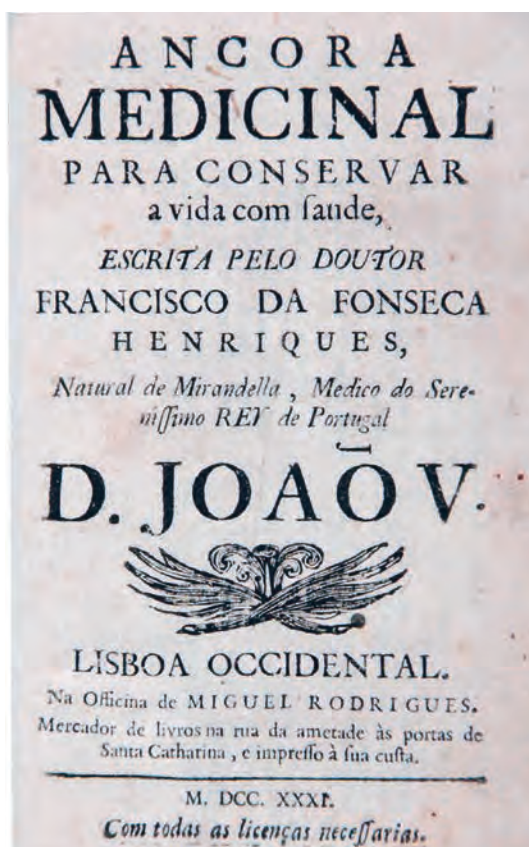
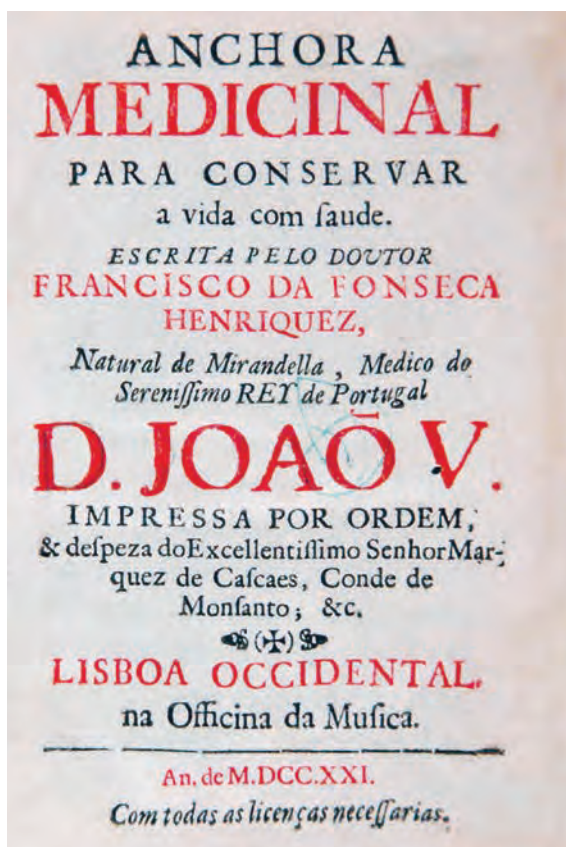


FIGURA 29

FRONTISPÍCIO DAS EDIÇÕES DE 1721 E DE 1761 DO FAMOSO TRATADO SOBRE HIGIENE "ANCORA MEDICINAL" DE FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES

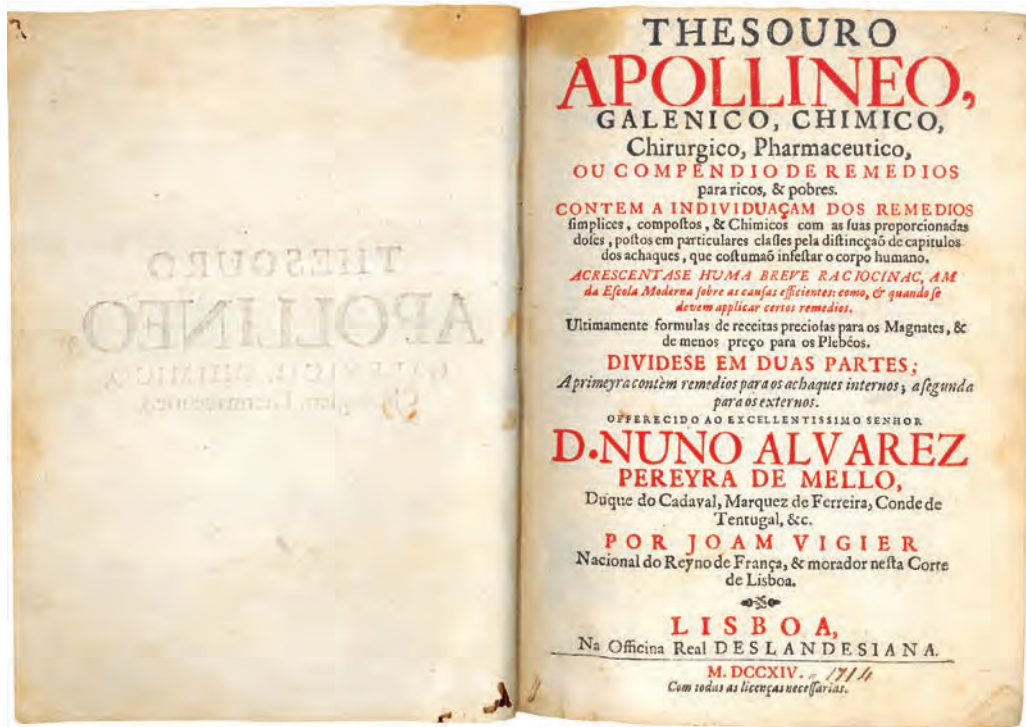


FIGURA 30

FRONTISPÍCIO DO LIVRO "THE SOURO APOLLINEO" DE JOAM VIGIER PUBLICADO EM LISBOA EM 1714

surra, coberto de pano brando e com o dedo polegar pela parte externa, se irão fazendo movimentos, com o pau ou os dedos, até se reporem no seu lugar. Depois de alinhados, deve-se colocar um emplastro ou panos molhados em água ardente e atadura própria."

O ENSINO NO HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANTOS

Após a saída de Santucci, em 1747, a cadeira de Anatomia do Hospital de Todos os Santos só foi ocupada em 1750 com a nomeação do francês PEDRO DUFAU. (Em alguns textos da época o nome vem escrito de modo diferente: DuFaut).

Dufau estudou em Pau e foi Cirurgião Militar. Segundo constava na época, a sua nomeação devia-se à protecção que o futuro Marquês de Pombal lhe tinha dado, pois tinham-se conhecido em Viena. Pedro Dufau, em 1764 foi substituído por Manuel Constâncio.

Em meados do Século XVIII, existiam em Portugal, dois pólos principais dos estudos Médico-Cirúrgicos: a Universidade de Coimbra, que preparava Médicos e concedia Doutoramentos, e o Hospital de Lisboa, onde se aprendia Anatomia e Cirurgia.

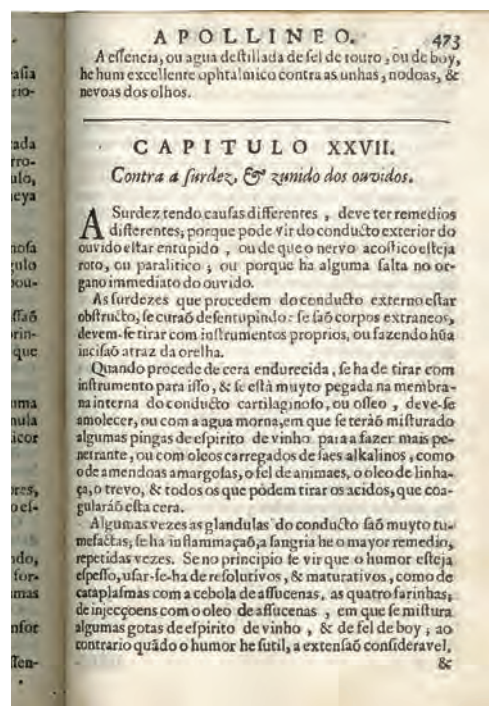


FIGURA 31

PÁGINA DO LIVRO "THE SOURO APOLLINEO" DE JOAM VIGIER DE 1714 REPRESENTANDO O INÍCIO DO CAPÍTULO XXVII INTITULADO CONTRA A SURDEZ E ZUNIDOS DOS OUVIDOS



FIGURA 32
FRONTISPIÇO DO 1º VOLUME DO CASTELLO FORTE DE JOAÕ LOPES CORREIA NA EDIÇÃO DE 1723

Neste tempo marcavam-se inexpugnáveis barreiras entre a Medicina e a Cirurgia, a ponto de haver sanções penais para o Médico que exercesse Cirurgia e para o Cirurgiãõ que praticasse Medicina.

A Lei, no entanto, reconhecia exceções: onde não houvesse Médicos, os Cirurgiões podiam exercer Clínica Médica legalmente. Para isso habilitavam-se mediante um exame feito perante o Físico-Mor, versando sobre os seus conhecimentos de Medicina Interna, mas a própria Lei dizia que o Físico-Mor devia ter em consideração os poucos conhecimentos que os Cirurgiões pudessem ter.

A carta de Sangrador (Cirurgiãõ) adquiria-se por meio de um exame a que presidia o Cirurgiãõ-Mor, assistido por dois Barbeiros-Sangradores, como membros do Júri. O exame era prático e o Candidato tinha de provar haver praticado durante pelo menos dois anos. Muitos Barbeiros habilitavam-se a exercer Cirurgia com esta Carta de Curso.

Havia ainda alguns indivíduos munidos de licenças que eram passadas apenas em certos ramos da Medicina ou Cirurgia, licenças que eram passadas pelo Físico-Mor ou pelo Cirurgiãõ-Mor, conforme a especialização respeitava à Medicina ou Cirurgia, era o caso das Parteiras, Dentistas etc.

É neste meio que Manuel Constãncio, que exercia a profissão de Barbeiro na Vila do Sardoal, desejava possuir a Carta de Sangrador, pelo que começou a frequentar o Hospital, continuando a exercer a Profissão de Barbeiro.

Em 1747, a convite do Marquês de Abrantes, vem para Lisboa estudar Cirurgia no Hospital de Todos os Santos. Quando Constãncio se matriculou era a Cadeira de Anatomia regida por Pedro Dufau, cuja regência não era nenhuma maravilha, mas era um Professor esforçado, praticando disseções de nada regular com grande assistência, e publicou um pequeno volume de osmologia e miologia que servia de livro de texto para os alunos.

Constãncio foi aluno distinto e apoiado de Dufau, estudou a língua francesa de modo a obter uma melhor preparação.



FIGURA 33
CAPÍTULOS SOBRE O NARIZ, A GARGANTA E OS OUIDOS INCLUIDOS NO LIVRO "CASTELLO FORTE" DE JOAÕ LOPES CORREIA DE 1723

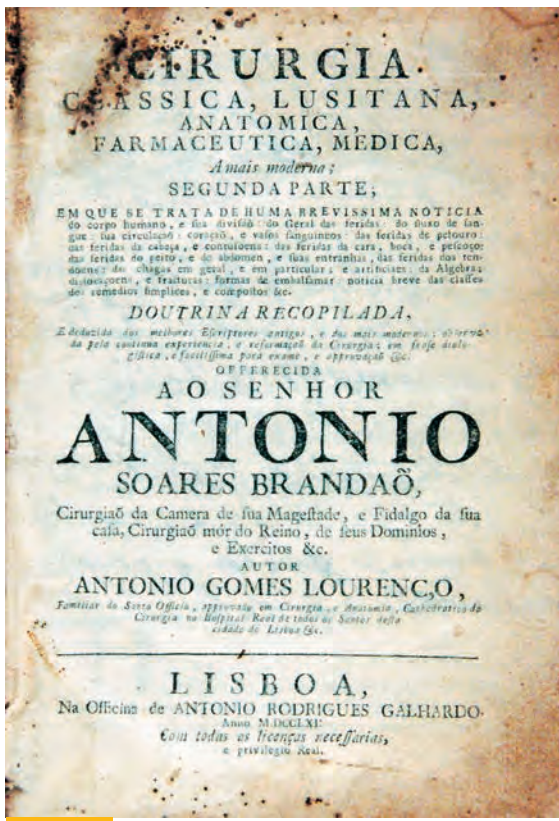


FIGURA 34

ROSTO DA EDIÇÃO DE 1761 DA CIRURGIA CLÁSSICA LUSITANA, ANATÓMICA, FARMACÉUTICA, MÉDICA DE ANTÓNIO GOMES LOURENÇO

Apresentou-se a exame para Sangrador obtendo a Carta de Sangria em 16 de Julho de 1754. Só quatro anos depois, em 21 de Outubro de 1758, Constâncio foi a exame para Cirurgião, sendo a sua Carta de Cirurgia assinada pelo Cirurgião-Mor ANTÓNIO SOARES BRANDÃO. Um dos elementos do seu Júri de Exame era MANUEL JOSÉ FONSECA, que chegou a ter grande fama na época devido ao seu Livro "Exame de Sangradores", que chegou a ter onze edições.

A 11 de Novembro de 1763, Constâncio substituiu Pedro Dufau na Cadeira de Anatomia do Hospital de Todos os Santos. Dufau tinha-se ausentado de Portugal devido ao estado de guerra entre Portugal e a França.

O nome de Constâncio tinha sido indicado por Dufau, mas FILIPE JOSÉ GOUVEIA também era candidato ao lugar, contando com vários apoios no Paço Real. A situação ficou resolvida, ficando Constâncio como Lente de Anatomia e Gouveia como Cirurgião da Enfermaria, que fora de Dufau, e colocado na Regência do Curso de Operações e Ligaduras.

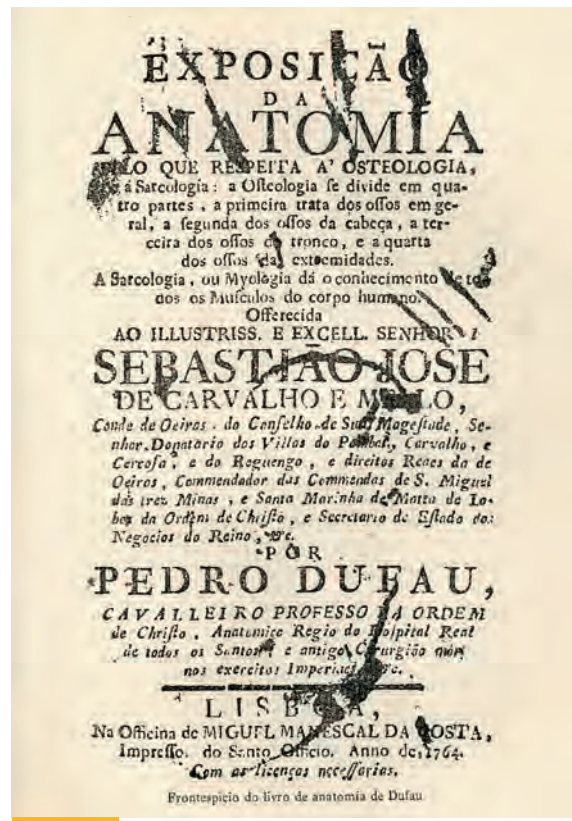


FIGURA 35

ROSTO DO LIVRO "EXPOSIÇÃO DE ANATOMIA" DE PEDRO DUFEAU PUBLICADO EM LISBOA EM 1764

O PRIMEIRO CURSO DE OPERAÇÕES CIRÚRGICAS DO HOSPITAL REAL DE LISBOA

FILIPE JOSÉ GOUVEIA, realizou o primeiro Curso de Operações Cirúrgicas em Janeiro de 1762. O Curso começou com uma preleção intitulada:

"ORAÇÃO INAUGURAL DO PRIMEIRO CURSO DE OPERAÇÕES CIRÚRGICAS, QUE PUBLICAMENTE FEZ COM PERMISSÃO DE SUA MAJESTADE FIDELÍSSIMA NO HOSPITAL REAL DE LISBOA. FILIPPE JOSEPH DE GOUVEIA, CIRURGIÃO DA CÂMARA DO SERENÍSSIMO INFANTE O SENHOR D. MANUEL, RECITADO NO ÚLTIMO DE JANEIRO DE 1762."

A Oração inaugural inicia-se por considerações Filosóficas: "Se depois de tantos Séculos que preservará Senhores a grande cena do Universo, deitamos os olhos para essa contínua revolução de acontecimentos, de que se compõem a história dos humanos, apenas acharemos objecto de mais digno das nossas admirações, da que o prodigioso empenho, com que o nosso espírito rompendo montes de dificuldades, não cessa de ganhar novos triunfos sobre a ignorância."



FIGURA 36

ORAÇÃO INAUGURAL DO PRIMEIRO CURSO DE OPERAÇÕES CIRÚRGICAS REALIZADO POR FILIPE JOSEPH DE GOUVEIA NO HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANTOS EM JANEIRO DE 1762

Filipe Gouveia continua a introdução explicando como os Portugueses estavam longe do Progresso:

“Não é de facto bem constante, que até o mesmo nome de novidade ou invenção passou a ter entre os Portugueses o sinónimo de loucura e de desacerto. Circunscritos como estamos nesta ocidental praia lusitana, apenas ouvíamos os ecos daquelas novidades e daqueles novos progressos das Ciência e Artes que bem longe de extraordinários, já passavam por comuns, em quase todo o resto da Europa.”

O discurso continua com elogios ao Rei e ao Marquês de Pombal e com a História do modo como surge o Curso e da sua preparação para o lugar:

“Parece-me que ninguém poderá duvidar das utilidades deste Curso de Operações Cirúrgicas, quando a vontade do Soberano com o seu Real beneplácito o Aprova, pois é bem notório que, hum decreto publicado em Março de 1673 ordenou o Rei Cristianíssimo, que no Teatro Anatómico do Jardim Real das Plantas, se fizessem todos os anos publicamente, não só demonstrações de Anatomia, mas também um Curso completo de Operações Cirúrgicas, como ainda hoje se está praticando.” Depois refere a importância da Cirurgia na Vida dos Homens Chamando-lhes a “A Honorífica Arte da Cirurgia”, refere depois o seu impacto até chegar àquele lugar:

“Eu, Senhores, neste Hospital Real aprendi a Cirurgia com o meu Mestre, o Senhor Pedro D’Arvellos Espinal, assaz conhecido neste Reino e em Outros. Acabado o tempo que determina o Regimento da Faculdade, continuei a prática neste mesmo Hospital e a Certidão dele, fiz o meu exame, com cuja aprovação saí a estabelecer-me nas vizinhanças desta Corte. Passado algum tempo obtive a fortuna que sei estimar quanto possa de entrar ao Serviço do Sereníssimo Infante D. Manuel, para Cirurgia de Sua Família.”

Refere depois que após esta honra procurou aperfeiçoar-se o melhor possível, e todas as pessoas lhe disseram que era em França que isso melhor poderia acontecer; pediu licença ao Infante e:

“Parti logo para França e lá me demorei perto de 3 anos, não necessito referir por miúdo as grandes comodidades que se acham em Paris, para que todos os que desejarem possam fazer os maiores progressos na Cirurgia.” Refere depois as escolas e os estabelecimentos existentes em Paris para ensino da Cirurgia e descreve o seu percurso. *“Tive pois, neste espaço, a honra de fazer dois Cursos completos de Anatomia com Mr. Sub Censor Real Professor e Demonstrado das Escolas de Cirurgia. Mais outro de Anatomia e das enfermidades dos ossos e operações cirúrgicas com Mr. Ferrein e com o seu substituto Mr. Mertrud, Cirurgião do Rei e Prof. de Anatomia nos Jardins do Rei.”* Refere mais dois Cursos de Operações, um quarto curso de Operações, outro curso sobre “Enfermidades das Mulheres e dos Partos”, um Curso de Fisiologia, e: *“Sobre tudo o Curso Prático, e particular que Mr. Moreau, fazia nos Invernos no grande Hospital chamado “Hotel de Dieu”, de todos estes Cursos, conservo os atestados que me deram no fim respectivo de cada um.”*

A Oração continua:

“A Arte é longa, mas a vida é breve e a prudência está ditando, que sempre devemos medir os nossos desejos pela tarifa das nossas possibilidades. Tanto que cheguei a este Reino cumprir a honrosa obrigação de buscar logo o Sr. António Soares Brandão, Cirurgião Mor deste Reino. Recebeu-me com aquela urbanidade e benigna atenção que sempre acompanharam as pessoas Sábias e Illustres.”

Da conversa com António Brandão, refere Gouveia, nasceu a ideia de pôr em prática este Curso que estava a apresentar, depois de novos elogios ao Rei e ao Senhor D. Jorge Machado de Menezes Mendonça, Enfermeiro-Mor do Hospital. Refere a seguir:

“Vemos que os novos Cirurgiões Praticantes se acham tão consideravelmente adiantados com os conhecimentos anatómicos que adquiriram na Aula de Mr. DuFaut, meritoriamente Professor Real de Anatomia neste Hospital.”

Depois de elogiar Mr. DuFaut (ou Dufau) refere o plano do Curso:

“Consiste pois este Curso de Operações em mostrar sobre o cadáver o método prático com que se pode executar, qualquer Operação de Cirurgia. Não é necessário muita reflexão para conhecer as grandes vantagens desta instrução.” Refere depois que não basta saber a teoria, é necessário praticar as

cirurgias nos cadáveres para treinar as mãos. Termina dizendo: “Venho comunicar gratuitamente, e dentro do meu Paiz o que fora dele, fui adquirir com muito trabalho e despesa todos os que quiserem utilizar-se das minhas fadigas, acharão esta aula em todas as segundas, terças, quintas e sextas, que não forem dias de festa. A lição principiará às duas horas da tarde, finalizando pelas quatro e o Curso continuará enquanto a temperatura do tempo permitir a operação nos cadáveres, sem a incomodidade do mau cheiro, o que talvez será praticável até aos fins de Março. Preparei primeiramente, em cada lição, a matéria dela e logo com o cadáver à vista, executarei sobre ele a operação proposta.”

Esta longa descrição, penso que é de todo o interesse para mostrar como se realizava a preparação dos cirurgiões e os Cursos Práticos de Cirurgia no Século XVIII.

MANOEL CONSTÂNCIO E O LIVRO QUE NÃO FOI PUBLICADO

O antigo Hospital de Todos os Santos, destruído pelo terremoto de 1755 fora transferido para o edifício do COLÉGIO DE SANTO ANTÃO, que tinha pertencido aos Jesuítas, expulsos pelo Marquês de Pombal, e ficando com o nome de HOSPITAL DE S. JOSÉ em homenagem ao soberano reinante D. José I. As aulas de Constâncio eram muito famosas e frequentadas mesmo por Cirurgiões já diplomados.

MANOEL CONSTÂNCIO deixou escrito um Tratado de Anatomia, que só foi descoberto por BAETTA NEVES em 1891, quando encontrou um exemplar de cerca de 300 páginas manuscritas. Alguns trechos deste manuscrito foram publicados por Maximiano Lemos, nos Arquivos da Medicina Portuguesa entre os anos de 1894 e 1896. O título deste Manuscrito era o seguinte:

“ANATOMIA, A MAIS CORRECTA COLHIDA DE VÁRIOS AUTORES, OS MAIS PERITOS QUE DESTA SCIÊNCIA TEM DESCRITO ATÉ AO PREZENTE AGORA NOVAMENTE CORREGIDA E AUGMENTADA, ASSIM NO PRÁTICO COMO NO THEÓRICO, SEGUNDO AS MELHORES OPINIÕES, DITADA AOS PRATICANTES DESTA FACULDADE NESTE HOSPITAL REAL DE S. JOSÉ POR MANOEL CONSTÂNCIO, LENTE RÉGIO DESTA MESMA FACULDADE. E AGORA DE NOVO DESCRITA POR ANTÓNIO DO ESPÍRITO SANTO. DOS SEUS PRATICANTES O MAIS HUMILDE DIVIDIDA EM CINCO TRATADOS, LISBOA NESTE HOSPITAL REAL DE S. JOZÉ NO ANNO DE 1780.”

Não tive acesso a nenhum exemplar desta Obra (não sei se chegou a ser publicada), no entanto, segundo Maximiano Lemos e Barbosa Soeiro, esta Obra ombreará com o Livro de Santucci, se é que não lhe seria superior.

Referirei uma passagem do livro de Constâncio transcrita por Barbosa Soeiro sobre o Pescoço:

“O pescosso he aquella parte do corpo humano, situada entre a base da cabeça e as clavículas. Ele se divide em face anterior,

denominada garganta; posterior, cervix e laterais. Na parte anterior se nota superiormente huma eminência, denominada furcula. Na parte posterior se nota superiormente huma cavidade ou depressão, denominada nuca; nas partes laterais se notam inferiormente, duas sensíveis cavidades, denominadas “supraclaviculares”. Não estamos perante um estilo brilhante de expor, mas rigoroso, com simplicidade e clareza.

Constâncio foi um Mestre muito elogiado no seu tempo, e muitos anos depois, tendo sido comparado, em termos de importância para a restauração da Cirurgia em Portugal, ao papel de Ambroise Paré em França, alguns séculos antes.

Constâncio jubilou-se em 1805 com 79 anos, tendo-lhe sucedido o seu antigo discípulo MANUEL JOSÉ TEIXEIRA.

A REFORMA DA UNIVERSIDADE NO SÉCULO XVIII

Durante o Reinado de D. João V, foram feitas algumas tentativas de reformas do ensino, alterando disciplinas e introduzindo novos métodos de ensino.

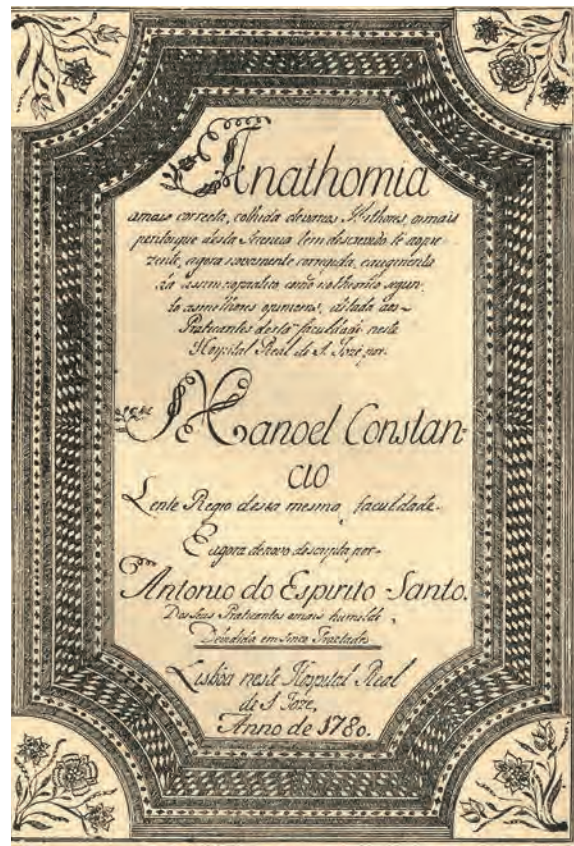


FIGURA 37

TRATADO DE ANATOMIA QUE MANOEL CONSTÂNCIO DEIXOU MANUSCRITO, 1780

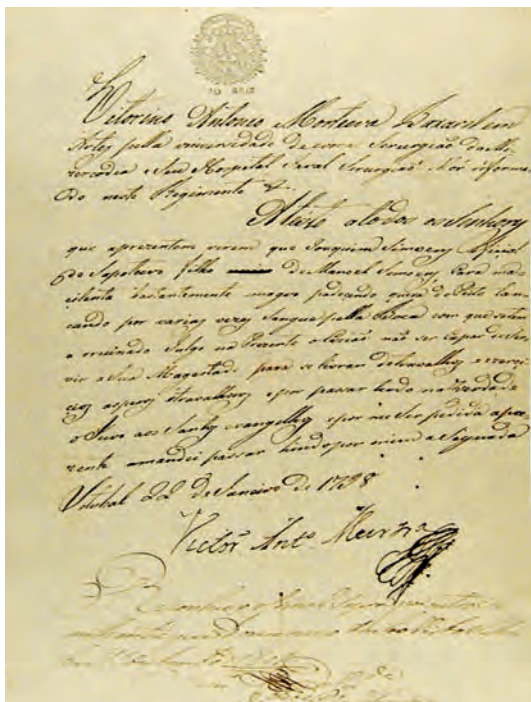


FIGURA 38

ATESTADO MÉDICO DO SÉCULO XVIII

Terminadas as Guerras com Espanha, o Rei decide proteger as Artes, as Letras e as Ciências e fomentar a instrução e o ensino. É criada a Academia Real da História Portuguesa, são criadas Bibliotecas, vêm do estrangeiro grandes quantidades de livros para as preencher.

Apesar destas tentativas de melhorar os conhecimentos, a Universidade estava a precisar de uma grande reforma na sua organização e funcionamento, que não foi possível fazer neste Reinado.

Sucedeu a D. João V no trono o seu filho D. José I. Este, nomeou como Secretário de Estado do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, mais tarde Conde de Oeiras e Marquês de Pombal.

No dia 1 de Novembro de 1755, por volta das nove e meia da manhã, a terra começou a tremer, Lisboa foi atingida por três violentos terramotos. O primeiro foi precedido por um rugido medonho que continuou com um abalo tão violento que as casas começaram a cair, durou cerca de um minuto e meio. Um minuto depois, novo abalo ainda mais violento e cerca de um minuto depois um terceiro abalo, que destruiu o que restava no centro de Lisboa. No total, o terramoto de Lisboa durou nove minutos, e foi seguido de um maremoto, que submergiu a baixa da cidade. Como se isto não bastasse, um violento incêndio eclodiu na cidade sem haver meio de o combater. Os resultados da tragédia foram: mais de 50 mil mortos e a destruição da cidade de Lisboa. Este terramoto não atingiu só Lisboa, por exemplo, no Algarve todas as igrejas ficaram destruídas, com centenas de casas destruídas e milhares de mortos.

O MARQUÊS DE POMBAL, imediatamente após o terrível abalo que atingiu o grau 9 na Escala de Richter, ordenou que nenhum dos fidalgos ministros saísse de Lisboa, que nada se vendesse ou alugasse por maior preço do que antes da tragédia.

Mandou vir para Lisboa os oficiais e trabalhadores deslocados noutras zonas para começar imediatamente a reconstrução da cidade. Os roubos foram violentamente reprimidos, tendo sido enforcados nos dias seguintes ao terramoto 34 pessoas.

A torre do Castelo de S. Jorge, que se chamava Torre do Tombo por nela estarem guardados desde o Século XIV os documentos reais, ruiu, tendo, o Chanceler-Mor do Reino, MANUEL DA MAIA, com risco da própria vida, salvo muitos documentos.

Passados uns meses e feito o balanço, as perdas culturais causadas pelo terramoto eram terríveis. O Palácio Real ruiu e com ele foram, além dos móveis, jóias e quadros, a preciosa biblioteca com mais de 70 000 volumes. Perdeu-se a chamada Casa da Índia com milhares de diamantes, prata e muito ouro. Ruíram a Ópera, os Tribunais, o Conselho de Guerra e o Conselho Ultramarino, com todos os seus recheios, papéis e livros. O Palácio dos Duques de Bragança, o Palácio Côrte-Real, e os Palácios dos Marqueses de Távora, do Duque de Aveiro, do Duque do Cadaval, arderam com todas as suas preciosas riquezas.

O Marquês de Pombal aproveitou toda esta destruição para realizar grandes mudanças. Extinguiu as Escolas da Companhia de Jesus que cobriam todo o Reino, responsabilizando-os pelo atraso do ensino em Portugal. Ordenou uma Reforma Geral com aquilo a que chamou: *“Um método de ensino reduzido a termos simples, claros e de maior facilidade, como se pratica pelas nações Polidas da Europa.”*

O Ensino deveria passar a ser feito em Língua Portuguesa e não em Latim, como faziam os Jesuítas. Propõe-se que seja seguida a ortografia que *“Compôs o nosso Luiz Antonio Verney, breve e exacta”*.

OS ESTUDOS MÉDICOS E A REFORMA DE 1772

Os Estatutos de 1772 determinam, no que respeita à Faculdade de Medicina, que para efectuar a matrícula, se exigia conhecimento do Latim, do Grego, e das Línguas Francesa e Inglesa. Os cursos preparatórios eram constituídos pela Filosofia Racional, seguidos de três anos de estudo das ciências Físico-Químicas, Cálculo e Álgebra. Era necessário ter pelo menos 18 anos e ter-se completado estes estudos preparatórios para entrar na Universidade.

O ensino da Medicina processava-se do seguinte modo, nos cinco anos de curso:

No primeiro ano estudava-se as Cadeiras de Matéria Médica e de Prática Farmacêutica, devendo o Professor começar por ensinar a História da Medicina. O estudo nesse ano tinha um carácter prático e os alunos estudavam no Dispensário Farmacêutico.



FIGURA 39

GRAVURA Nº 16 DO LIVRO DE ANATOMIA DE SANTUCCI

No segundo ano, os estudos compreendiam Anatomia, Medicina Operatória e Obstetrícia. O estudo da Anatomia devia ser feito com o auxílio de estampas e por meio de disseções praticadas em cadáveres humanos. Foi para esse fim criado o Teatro Anatómico para que fossem levados os cadáveres não reclamados.

No terceiro ano havia a frequência Hospitalar e estudava-se a Cadeira chamada de Instituições, onde se ensinava um conjunto de conhecimentos relacionados com a Fisiologia, Higiene, Semiótica e Terapêutica Médica.

No quarto ano continuava a prática de Clínica Hospitalar e estudavam-se os Aforismos de Hipócrates e os de Boerhaave - ou seja a Patologia Médica.

No quinto ano era um ano de prática Hospitalar, tanto de Medicina como de Cirurgia e designava-se por 2ª Cadeira Prática.

Para este efeito, Marquês de Pombal extinguiu o Hospital de Nossa Senhora da Conceição em Coimbra e criou o Hospital da Universidade, com capacidade para oitenta doentes que foi entregue à Faculdade de Medicina.

Com a Reforma de 1772, as aulas passaram a ter a duração de uma hora e meia e eram obrigatórias. Desapareceram as discussões escolásticas, e aos Sábados havia revisões

da matéria dada durante a semana; e por ser nesse dia da semana, se chamavam Sabatinas.

Os estudantes faziam exames no fim de cada ano e sem ter obtido aprovação não passavam para o ano seguinte. Após o quarto ano podia-se obter o Grau de Bacharel, mas estes só podiam exercer a clínica depois de ter realizado com êxito, o exame do quinto ano que era sobre assuntos práticos, feito à cabeceira do doente. Os alunos estudavam os doentes durante vinte dias e depois elaboravam um relatório sobre o diagnóstico, enfermidades, suas causas, terapêutica a seguir, que depois era discutido com os Professores.

Esta Reforma realizou um notável progresso no Ensino Médico Português e os Médicos passaram a ser considerados pessoas cultas e com outro estatuto na Sociedade.

Para ensinar nas Universidades, após a reforma de 1772, foram chamados alguns jovens com talento. Jubilados os antigos Lentes, entre estes jovens temos, JOSÉ FRANCISCO LEAL, FRANCISCO TAVARES, Lente de Matéria Médica, que chegou a Médico da Rainha D. Maria I, Físico-Mor do Reino, é considerado o Fundador da Hidrologia Científica Portuguesa; JOSÉ CORREIA PICANÇO que estudou em França, acompanhou a Família Real para o Brasil, onde promoveu o ensino Médico; CAETANO PINTO

DE ALMEIDA, Professor de Terapêutica Cirúrgica em Coimbra que também ensinou no Porto; FRANCISCO SOARES FRANCO, grande Anatomista, cujo Livro "ELEMENTOS DE ANATOMIA" foi durante muitos anos, o livro de texto nas três Escolas Médicas.

No Porto a escolaridade cirúrgica efectuava-se nas enfermarias do HOSPITAL PÚBLICO DA MISERICÓRDIA, para o desenvolvimento do qual, muito contribuiu o humanitário legado de D. LOPO DE ALMEIDA.

Cirurgião de renome na época, MANUEL GOMES LIMA cirurgião e médico na cidade do Porto, publicou em 1756 uma Obra intitulada: "PRATICANTE DO HOSPITAL CONVENCIDO OU DIÁLOGO CIRÚRGICO SOBRE INFLAMAÇÃO."

Manuel Lima formou-se na cidade de Coimbra e foi o fundador da ACADEMIA DE CIRURGIA DO PORTO e sócio da ACADEMIA REAL DE NOSSA SENHORA DE MADRID.

Entre muitos outros ilustres Médicos apenas cito BERNARDINO ANTÓNIO GOMES, figura eminente da medicina portuguesa, nasceu em 29 de Outubro de 1768, na Vila de Arcos, no Minho, foi Lente de Matéria Médica na Escola de Lisboa, a ele se deve a criação do antigo horto botânico da Escola Médica de Lisboa, foi o grande entusiasta e apologista da vacina anti-variólica, faleceu com 54 anos em Lisboa.

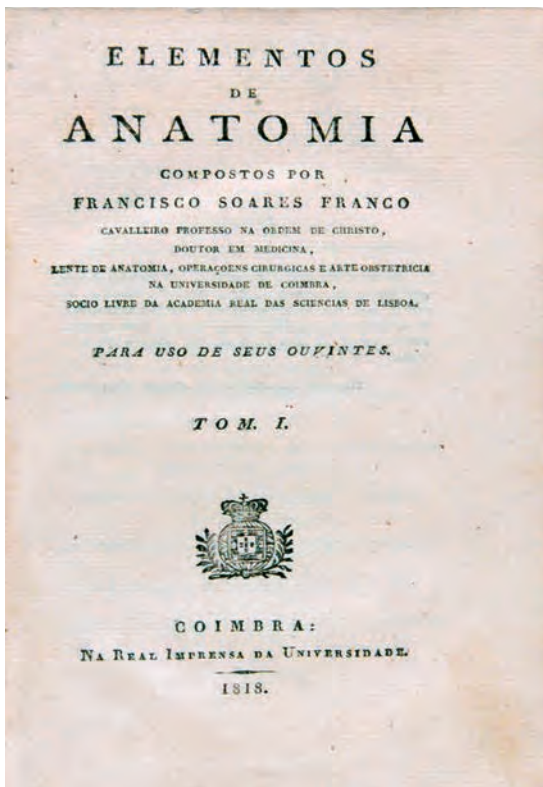


FIGURA 40

O LIVRO "ELEMENTOS DE ANATOMIA" DE FRANCISCO SOARES FRANCO DE 1818

PRIMEIROS JORNAIS MÉDICOS E ANTÓNIO D'ALMEIDA

No final do Século XVIII, mais precisamente em 1779, fundava-se em Lisboa o JORNAL ENCICLOPÉDICO que inseria notícias sobre as Ciências e as Artes, incluindo assuntos Médicos. Este Jornal terminou a sua publicação em 1790 e dois anos depois surgia no Porto o "ANO MÉDICO" com notícias Médicas e Meteorológicas sobre a cidade do Porto. Em 1812 vai surgir o "JORNAL DE COIMBRA" onde começam a despontar os dados relativos aos tratamentos efectuados nos Hospitais. Devido à obrigatoriedade dos clínicos de informarem mensalmente o Intendente da Polícia dos dados relativos aos hospitais, este mandava publicar esses dados, pelo que conseguimos recolher preciosas informações sobre a prática médico-cirúrgica dessa época.

É nesta época que surge ANTÓNIO D'ALMEIDA, discípulo de Manuel Constâncio, que foi Lente de operações em Lisboa, publicou duas obras consideradas da maior importância, sendo uma delas, o "TRATADO DE MEDICINA OPERATÓRIA" cuja 1ª edição foi publicada em 1800, onde descreve os últimos progressos cirúrgicos realizados até então, e inclui muito da experiência pessoal do Autor.

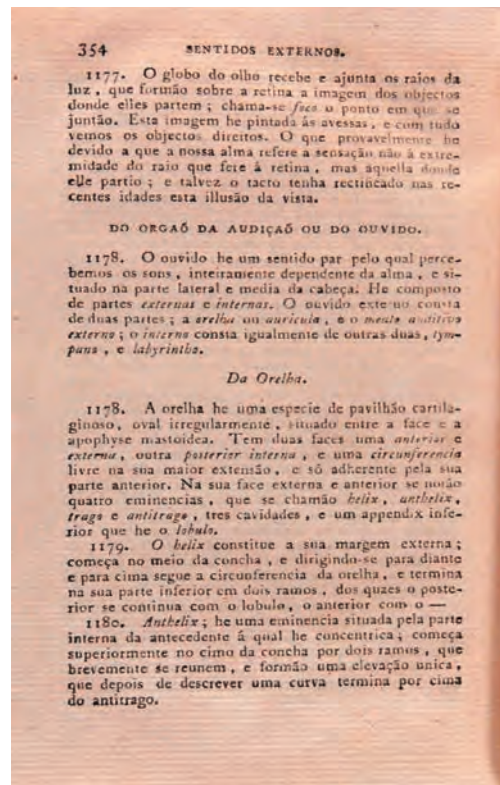




FIGURA 41
BERNARDINO ANTÓNIO GOMES (1768 - 1822)

Este Tratado é composto por quatro Volumes, sendo o Tomo III aquele que diz respeito à área da Otorrinolarinologia.

O III Volume, que eu tenho, é o da Segunda Edição de 1825 e começa logo no Primeiro Capítulo por falar da Broncotomia:

“Chama-se Bronchotomia huma operação por meio da qual se abre um orifício na trachea para a trachea para a passagem de ar”. Como nota complementar, diz o autor: “Sendo a trachea o canal onde se pratica a abertura, e não os brônquios, parece mais próprio chamar-se a operação de tracheotomia, como muitos lhe chamao, mas todos entendem a mesma cousa pelos dous nomes, pouco importa que nos sirvamos de hum, ou d’outro.”

Na página 4, refere que se as amígdalas incharem tanto, para impedir a respiração, deve extirpá-las antes de “ganhare o carácter cancroso, ou produzirem suffocação”. Refere de seguida, indicações para traqueotomia, como o caso dos corpos estranhos, ou os espasmos da Laringe, que refere serem causa raríssima de indicação para a Broncotomia. Outra indicação são os tumores externos “a ponto de fazerem a respiração trabalhosa” e “algumas vezes produzirem a suffocação.” A última indicação é a esquinência, referindo que este nome indica: “a toda a inflamação que ataca a parte interna das fauces, como amygdalas, véo do paladar, campainha, larynx e pharynx. Se distingue em Benigna e Maligna”, refere seguidamente



FIGURA 42
ANTÓNIO D’ALMEIDA, NO TOMO III, “TRATADO COMPLETO DE MEDICINA OPERATÓRIA”, 1825, VOL. III, PÁG. 4 NOTA 1) FAZ A DESCRIÇÃO DA AMIGDALECTOMIA POR DISSECÇÃO



FIGURA 43
ROSTO DA 2ª EDIÇÃO DE 1825 DO TOMO III DO TRATADO COMPLETO DE MEDICINA OPERATÓRIA DE ANTÓNIO D’ALMEIDA. ESTE TRATADO CONSTITUIU UM MARCO NA CIRURGIA PORTUGUESA E VEM ACOMPANHADO POR VÁRIAS ESTAMPAS DE INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS

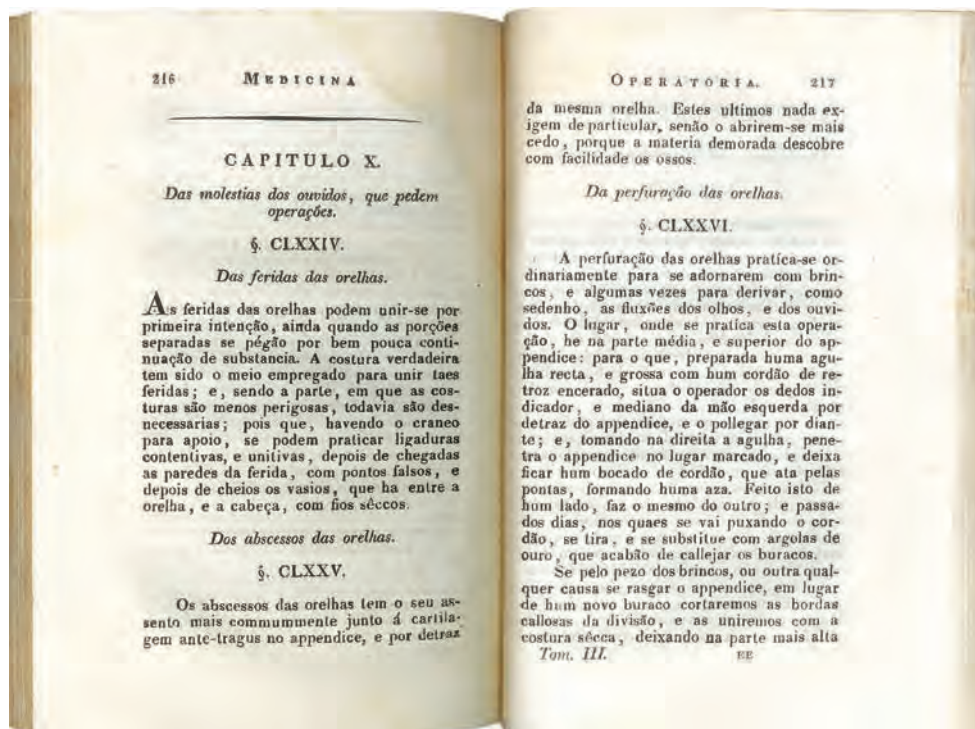


FIGURA 44

TRATADO DE MEDICINA OPERATÓRIA DE ANTÓNIO D'ALMEIDA, DE 1825. A IMAGEM MOSTRA O CAPÍTULO SOBRE AS MOLÉSTIAS DOS OUVIDOS QUE PEDEM OPERAÇÕES

que, se se formar um abcesso que não resolve com gargarejos adstringentes, deve-se picar o abcesso com um faringótomo (que refere ser uma lanceta dentro de um canudo de prata achatado, que sai e se encolhe, por efeito de uma mola, de modo a ser mais segura a incisão).

Numa nota na pág. 4 faz a descrição da amigdalectomia por dissecação na qual que evidencia uma completa modernidade em relação à sua época. Este método cairia em desuso mais tarde com a invenção dos amigdalótomos. É a seguinte nota:

"(...) Para se praticar a extirpação deve o operador escolher o meio; o qual pode ser a ligadura, como nos polypos, se a base he mais delgada do que o corpo, ou hum escarpello, se não tem lugar a laqueação. Para se usar do escarpello, cumpre situar o enfermo sentado defronte de huma janela, abrir-lhe os queixos por meio de uma cunha, ou speculo, e pegar com o tenaculo no corpo, em quanto com o escarpello o descarna, e separa das outras partes. O escarpello deve ter a ponta romba, e o corte da extensão de doze, ou quatorze linhas, para não ferir as partes vizinhas. Alguns prácticos servem-se da tisoira com pontas rombas: porém este instrumento não he tão bom como o escarpello. Deve notar-se que, achando-se ambas as amygdalas na necessidade de se extirparem, só extirparemos a segunda depois de curada a chaga da primeira". (António de Almeida, Tratado Completo de Medicina Operatória, 1825, vol. III, pág. 4 nota 1).

O Capítulo XIX descreve a técnica de traqueotomia, referindo que é preferível fazê-la com o doente sentado, com

da mesma orelha. Estes ultimos nada exigem de particular, senão o abrirem-se mais cedo, porque a materia demorada descobre com facilidade os ossos.

Da perfuração das orelhas.

§. CLXXVI.

A perfuração das orelhas pratica-se ordinariamente para se adornarem com brincos, e algumas vezes para derivar, como sedenho, as fluxões dos olhos, e dos ouvidos. O lugar, onde se pratica esta operação, he na parte média, e superior do appendice: para o que, preparada huma agulha recta, e grossa com hum cordão de retroz encerado, situa o operador os dedos indicador, e mediano da mão esquerda por detraz do appendice, e o pollegar por diante; e, tomando na direita a agulha, penetra o appendice no lugar marcado, e deixa ficar hum bocado de cordão, que ata pelas pontas, formando huma aza. Feito isto de hum lado, faz o mesmo do outro; e passados dias, nos quaes se vai puxando o cordão, se tira, e se substitue com argolas de ouro, que acabão de callear os buracos.

Se pelo pezo dos brincos, ou outra qualquer causa se rasgar o appendice, em lugar de hum novo buraco cortaremos as bordas callosas da divisão, e as uniremos com a costura sécca, deixando na parte mais alta

Tom. III. EE

a cabeça encostada ao peito de um ajudante, e a técnica é a seguinte:

"Toma o operador huma prega transversal na pelle, justamente no meio, e a parte anterior do espaço que há entre o larynx, e o osso sterno, cuja pega, segura de um lado por um ajudante e do outro pelo operador com os dedos da mão esquerda, corta de cima para baixo com hum bisturi, ou escarpello. Esta incisão que deve ter o comprimento de uma pollegada compreendendo, a pelle e gordura descobre os músculos sterno-thyroideos, os quais o operador separa um do outro cortando a cellular, que os une até descobrir a trachea."

A descrição continua referindo os riscos de sectionar os vasos da glândula tiroideia e dizendo que se isso acontecer, às vezes é preciso que se faça pressão durante uma ou duas horas para estancar o sangue. A incisão na traqueia, refere António d'Almeida, não importa que seja feita entre o segundo e o terceiro, ou entre o terceiro e o quarto anéis, pois quanto mais baixo, melhor.

Segue-se como nota complementar uma descrição histórica da Broncotomia, desde Paulo D'Aegina até ao invento da dupla cânula, por George Martin, e a cânula curva inventada por Richter.

Na página 66, em relação aos dentes, diz "como os dentes incisivos, caninos e primeiros molares fazem muita falta, podem depois de tirados, ser muito bem limpos e reimplantados", referindo: "A experiência mostra que não só os próprios dentes, mas os de outra pessoa, pegao, uma vez que se ajustem em dimensões, ou se limpem as suas raízes."

Encontramos várias outras referências à patologia ORL nas enfermidades do seio maxilar, refere que se deve retirar a matéria acumulada no seio maxilar, retirando-se um dos grandes molares e praticando um orifício com um trocarte. Após a limpeza do seio, colocava-se uma pequena rolha no orifício e seringava-se diariamente até estar sem secreções.

O Livro continua com as moléstias do nariz, faz referência ao nariz artificial, à ozena, aos corpos estranhos, à *epistaxis*, para as quais se deve usar: “*Sorvos de água fria, ou misturada com vinagre ou água ardente, aplicações frias a testa e sangrias gerais no braço ou no pé*”. Se estes métodos não resolverem deve-se: “*tapar as ventas anterior e posterior*.”

A PRIMEIRA DESCRIÇÃO DE UMA MASTOIDECTOMIA EM PORTUGAL

O Capítulo X DO TOMO III DO TRATADO DE MEDICINA OPERATÓRIA DE ANTÓNIO D'ALMEIDA trata das moléstias dos ouvidos que “*pedem operações*”, nomeadamente feridas nas orelhas, abscessos, a imperfuração do canal auditivo, os tumores, que devem ser extirpados, e quando tal não for possível, queimados e cauterizados com várias substâncias, entre as quais o Nitrato de Prata.

Finalmente refere no capítulo da purgação do ouvido:

“*Se a matéria formada nas celullas do processo mastoideu, anunciado por huma dor pulsante, febre e mais symptomas de suppuração, causas de inflamação externa e abscesso por detraz da orelha, o abriremos, e com o trépano perfurador ou goivas faremos hum buraco no osso até chegar às cellulas para para por este se remediar, com infecções apropriadas ao estrago da caixa ou tympano, e se evitarem os damnos que podem resultar aos órgãos incluídos na cavidade do crâneo.*”

Esta notável descrição de 1825, de uma abordagem mastoideia e das possíveis complicações intracranianas das infecções dos ouvidos, é a primeira de que tenho conhecimento em Portugal, embora como é evidente não se saiba se ANTÓNIO D'ALMEIDA a terá praticado ou não.

A segunda Obra mais importante de António D'Almeida intitula-se: “*TRATADO DA INFLAMAÇÃO PRECEDIDO DA PHYSIOLOGIA, E PATHOLOGIA NECESSÁRIAS PARA INTELIGÊNCIA DA THEORIA DESTA MOLÉSTIA*” oferecida a S.A.R., o Príncipe R.N.S., por António D'Almeida, *cavalleiro da ordem de Christo*, Cirurgião da Real câmara, Lente de operações no Hospital Real de S. José e membro efectivo do Real Colégio dos Cirurgiões de Londres. A obra foi impressa em Londres e fala de Fisiologia, Circulação, Inervação e de Patologia. Na Edição que tenho, que é de 1813, poucas referências encontro sobre Otorrinolaringologia. Na página 240, refere que o Órgão do Ouvido é muitas vezes afectado pelo mal venéreo, seguindo-se mais ou menos surdez consoante a parte do órgão afectado.

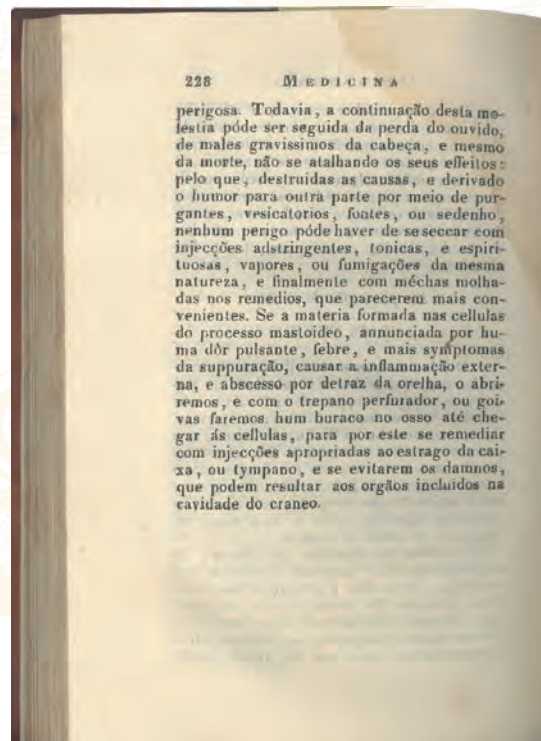
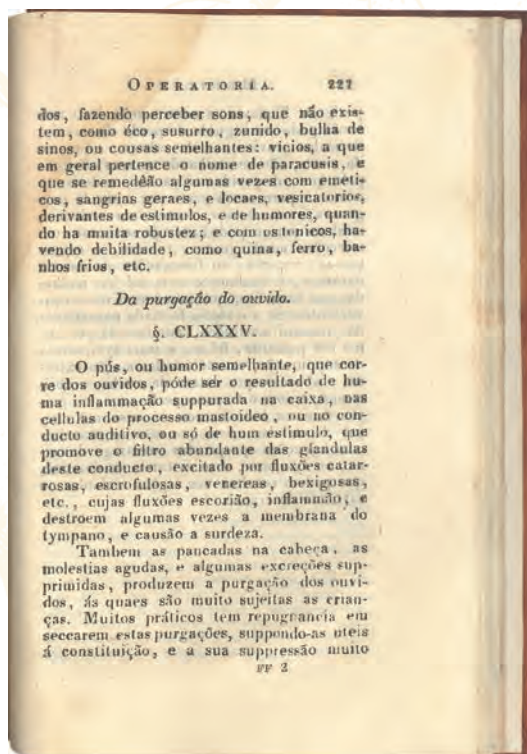


FIGURA 45

NO TRATADO DE MEDICINA OPERATÓRIA DE ANTÓNIO D'ALMEIDA, DE 1825, ENCONTRA-SE A DESCRIÇÃO DA ABERTURA DA MASTÓIDE COM UM TREPANO



A Otorrinolaringologia em Portugal

VI

A Medicina no Século XIX

O século XIX foi um dos séculos mais notáveis da história da Humanidade, pelos progressos realizados em todos os ramos das Ciências e muito especialmente na Medicina em geral e na Otorrinolaringologia em particular, como veremos em detalhe mais à frente.

Inúmeras conquistas científicas se poderiam referir neste século, entre elas as leis de Ampère, a descoberta da constituição celular dos tecidos, a descoberta da Fotografia, do Cinema etc.

É no século XIX que, CLAUDE BERNARD introduz a Fisiologia Experimental Moderna e a experimentação na Farmacologia. É o século de VON HELMHOLTZ que inventa o Oftalmoscópio, de WIRCHOW e da Anatomia Patológica.

LOUIS PASTEUR vai ser um dos mais notáveis contribuintes para o progresso da Medicina, ele que não era Médico, graças às suas descobertas e experiências, é considerado o criador da Microbiologia.

É neste século que se inicia a Anestesia Geral, a descoberta dos Raios-X, e que vão surgir as especialidades Médicas, a Obstetrícia depois a Ginecologia, a Oftalmologia (que já existia mas não era considerada como especialidade independente), e na segunda metade do século, muitas outras, entre as quais a Otologia, a Rinologia e a Laringologia. A Otorrinolaringologia, como especialidade independente e única, só surgiria no século XX.

Em Portugal, o Século XIX começou de uma maneira difícil; as Invasões Francesas, a fuga da Família Real para o Brasil, as guerras entre Liberais e Miguelistas, nenhum destes acontecimentos era favorável a um progresso Médico.

Poucos trabalhos, da área da ORL, encontro neste início do século, no entanto descobri uma dissertação publicada em 1814, sobre:

“OS DIFERENTES MÉTODOS E PRINCIPAIS PROCESSOS DE PRATICAR A RHINOPLASTIA, PREFERINDO-SE O MÉTODO INDIANO.”

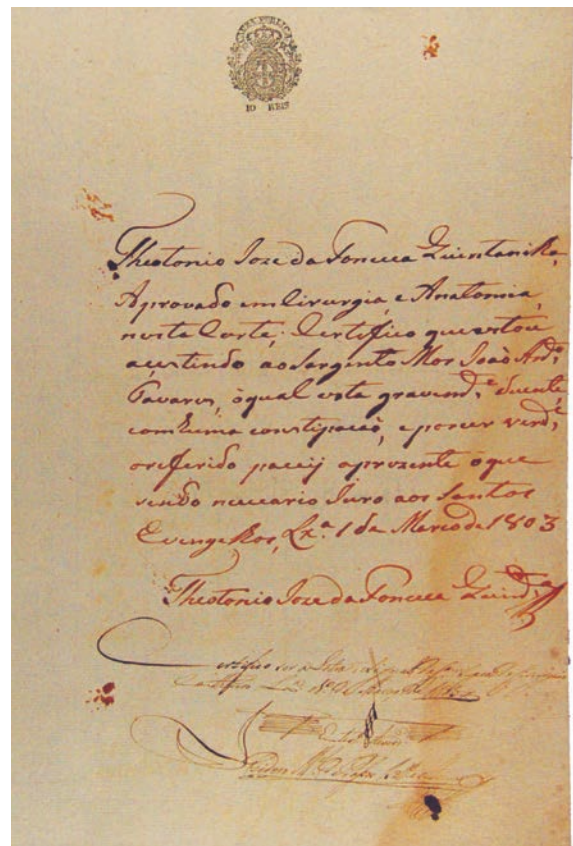


FIGURA 46
ATESTADO MÉDICO DO SÉCULO XIX

Este trabalho foi apresentado à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, por MANUEL PEREIRA DE MIRA FRANCO, que na página 11 apresenta uma História da Rinoplastia, referindo que o primeiro a falar desta operação foi Celso, descrevendo todas as técnicas conhecidas até então, referindo preferir o Método Indiano, embora tenha como defeito as grandes dores que provoca.

Em 1825, criaram-se as Régias Escolas de Cirurgia de Lisboa e do Porto, por iniciativa e sob a direcção do Benemérito THEODORO FERREIRA DE AGUIAR. O Curso de Lisboa compreendia o estudo da Anatomia, Fisiologia, Matéria Médica, Farmácia, Higiene, Patologia Externa, Terapêutica, Arte, Obstetrícia, Medicina Operatória, Clínica Cirúrgica, Patologia Interna e Clínica Médica. Estas Cadeiras eram distribuídas pelos cinco anos do Curso.

A vida destas escolas não foi fácil, pois pouco depois da sua criação, o País entrou em Guerra Civil.

O Ministro PASSOS MANUEL ordenou uma reforma do ensino da Medicina, na qual os estudos foram distribuídos por cinco anos, constituindo dez cadeiras. Em 1848, houve um Decreto que alterou a distribuição das cadeiras que, no entanto, se mantiveram em dez.

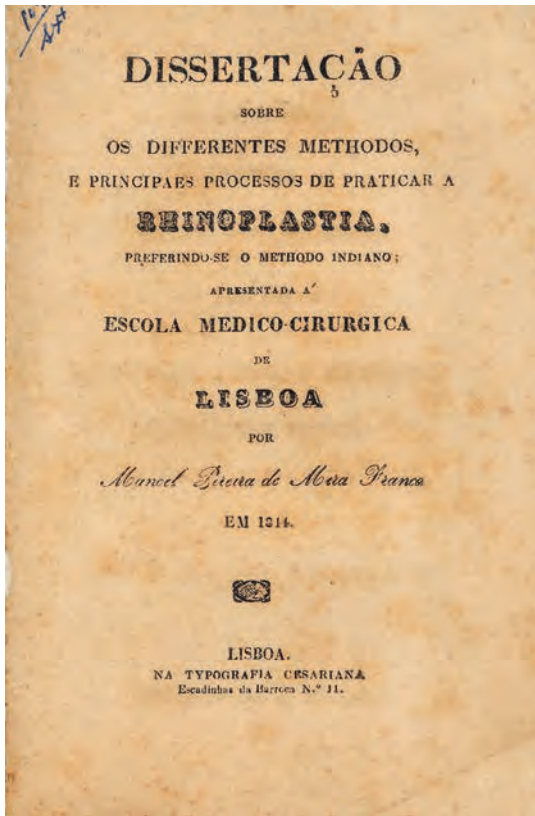


FIGURA 47

DISSERTAÇÃO PUBLICADA EM 1814, SOBRE: "OS DIFERENTES MÉTODOS DE PRATICAR A RHINOPLASTIA" POR MANUEL PEREIRA DE MIRA FRANCO



FIGURA 48

THEODORO FERREIRA DE AGUIAR (1769 - 1827) A QUEM SE DEVE A CRIAÇÃO DAS ESCOLAS DE CIRURGIA DE LISBOA E DO PORTO

Em 1863, as Escolas de Lisboa e do Porto foram transformadas em ESCOLAS MÉDICO-CIRÚRGICAS, e tendo anexa uma Escola de Farmácia.

Durante este século, houve grandes figuras que se destacaram nos diferentes domínios da Medicina e Cirurgia que só anos mais tarde se passariam a chamar Especialidades. Na Cirurgia temos MAGALHÃES COUTINHO, grande Cirurgião, literato Humanista; ANTÓNIO MARIA BARBOSA (de quem falarei no capítulo seguinte), considerado o maior Cirurgião do seu tempo; SOUSA REFÓIOS; ÂNGELO DA FONSECA; DANIEL DE MATOS; ALFREDO DA COSTA destacou-se na Obstetrícia e escreveu sobre a Febre Puerperal.

Na Anatomia destacou-se JOSÉ ANTÓNIO SERRANO. Nasceu em Castelo de Vide, em 6 de Outubro de 1851, nomeado para o banco em 1879 e definitivo em 1885; foi o primeiro cirurgião português que praticou a histerectomia abdominal, autor de um TRATADO DE OSTEOLOGIA em 2 volumes, considerado um dos livros mais notáveis da Medicina Portuguesa, e de onde retirei dados preciosos sobre a História da Anatomia em Portugal. AUGUSTO ROCHA, fundou o primeiro Laboratório de Investigação Bacteriológica que foi continuado com LUIZ DA CÂMARA PESTANA, que estudou no Instituto Pasteur de Paris e morreu vítima da Peste, quando estudava esta terrível Epidemia que surgiu no Porto no final do Século XIX, tinha apenas 36 anos.



FIGURA 49

O DR. MIGUEL BOMBARDA NUMA FOTOGRAFIA DE CAMACHO, COM UMA DEDICATÓRIA AUTÓGRAFA AO DR. DÉCIO FERREIRA

ANTÓNIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES fundou o Ensino Experimental de Fisiologia em Portugal e dedicou-se aos estudos Histológicos.

Muitos outros nomes se destacaram, como ANTÓNIO MARIA SENA na Fisiologia Experimental; MIGUEL BOMBARDA; JÚLIO DE MATOS; SOBRAL CID; ELÍSIO DE MOURA; EGAS MONIZ etc.

Entre outros grandes nomes da Medicina Portuguesa do século XIX, alguns não podem deixar de ser referidos: MANUEL BENTO DE SOUSA, nasceu em 5 de Dezembro de 1835; Grande Cirurgião, Clínico, Professor e Investigador. Cirurgião do Banco desde 1863 e director de enfermaria em 1885, Lente da Clínica Cirúrgica da Escola Médica de Lisboa, sócio da Academia de Ciências e presidente da Sociedade de Ciências Médicas entre 1875 e 1877. Foi um dos responsáveis pela vinda para Portugal de GAMA PINTO, considerado um dos maiores Oftalmologistas da Europa, colaborador nos maiores Tratados de Oftalmologia que se publicavam na Europa.

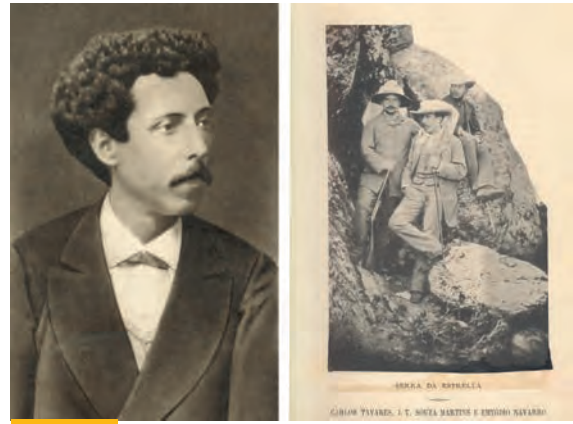


FIGURA 50

DUAS IMAGENS DO DR. SOUSA MARTINS (1843 - 1897)

Outra grande figura deste século foi JOSÉ THOMAZ DE SOUSA MARTINS, que nasceu em 7 de Março de 1843 e faleceu em 18 de Agosto de 1897, tendo deixado uma tradição oral muito mais marcada que a vertente escrita. Era possuidor de uma eloquência admirável. O único livro que nos deixou foram as suas Lições compiladas pelos seus alunos.

CARLOS MAY FIGUEIRA (1829 - 1913) formado em 1858, em Coimbra, Médico do Hospital de S. José, doutorou-se em Bruxelas, e a sua prática clínica apoiava-se em meios laboratoriais e auxiliares (foi um dos introdutores da Fotografia Médica em Portugal). Introduziu entre nós o Microscópio na sua ligação à Clínica, o Oftalmoscópio e o Laringoscópio.

RICARDO JORGE (1858 - 1939), outra das grandes personalidades deste século, formou-se na escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1879 e rapidamente atingiu grande prestígio como Professor, Clínico e Higienista. Após a Epidemia da Peste, no Porto, em 1889 veio para Lisboa reger a Cadeira de Higiene da Escola Médica e dirigir o Instituto Superior de Higiene. Foi o nosso maior Higienista e publicou mais de 300 trabalhos científicos, muitos dos quais sobre História de Medicina.

AS ESCOLAS MÉDICO-CIRÚRGICAS

Por Alvará de 25 de Junho de 1825, são criadas as Escolas Cirúrgicas de Lisboa e Porto sob direcção do grande reformador THEODORO FERREIRA DE AGUIAR, que estudou Medicina e Cirurgia em Leyden, onde se doutorou, e ocupava o cargo de Cirurgião-Mor no reinado de D. João VI. Foi por sua influência que o Rei assistiu, em 27 de Setembro de 1825, à abertura solene da Escola Régia de Cirurgia.



FIGURA 51
CARLOS MAY FIGUEIRA (1829 - 1913)

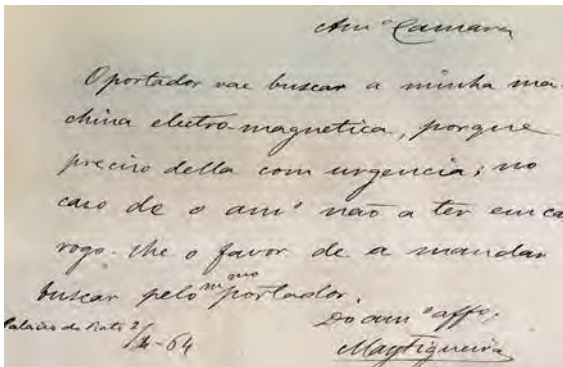


FIGURA 52
NOTA ASSINADA POR MAY FIGUEIRA EM QUE SOLICITA
A DEVOLUÇÃO DA SUA MÁQUINA ELECTRO-MAGNÉTICA EM 1864

Em Lisboa, a Escola foi instalada no Hospital de S. José e começou imediatamente a funcionar com sete professores, quatro substitutos e um ajudante de anatomia; no Porto havia apenas cinco professores, dois substitutos e um ajudante de anatomia.

Após a publicação do decreto de 10 de Setembro de 1825, que criou a Real Escola de Cirurgia do Porto, foram nomeados os seus primeiros Professores; foram eles: Vicente José Carvalho, Francisco Pedro de Viterbo, António José de Sousa e Bernardo Pereira da Fonseca Campeão.

Reuniram-se pela primeira vez em Conselho de Professores no dia 2 de Novembro de 1825, e ficou estabelecido o

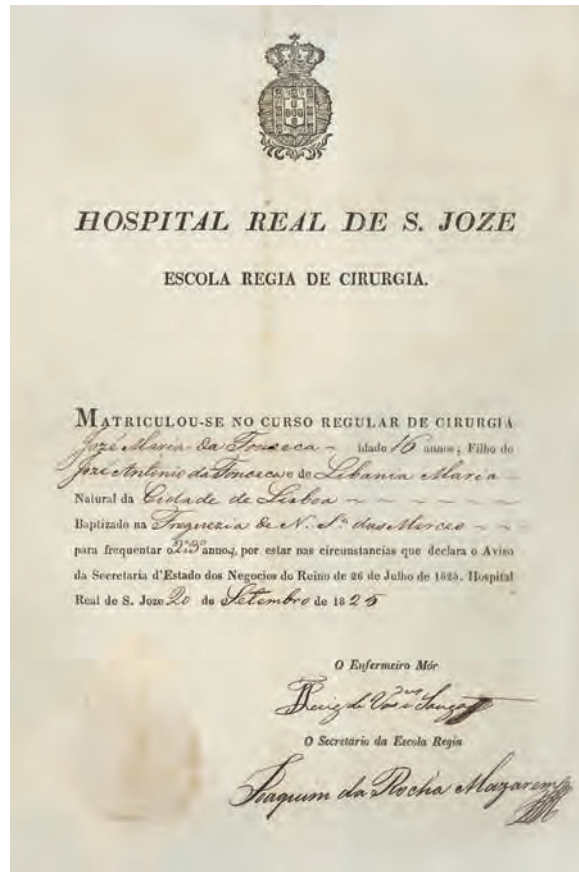


FIGURA 53
CERTIFICADO DE MATRÍCULA NA ESCOLA RÉGIA
DE CIRURGIA NO HOSPITAL REAL DE S. JOSÉ EM 1825

horário e os Compêndios por onde deviam os alunos estudar:

- Primeiro ano** - Anatomia de Soares Franco e Fisiologia de Magendie;
- Segundo ano** - Matéria Médica de Barbier, Farmacopeia Geral e Higiene de Melo Franco;
- Terceiro ano** - Nasografia de Richerand;
- Quarto ano** - Medicina Operatória de Begin, Partos de Mazarem e Medicina Forense de Capuron;
- Quinto ano** - Medicina de Nysten.

A vida na Escola Círgica do Porto não começou de modo fácil, matricularam-se 62 alunos, sendo 23 no 1º Ano.

Em 1827, porém, a Escola do Porto encontrava-se em perfeita anarquia e, a 8 Julho de 1832, o Dr. ARNAUT mandou-a encerrar, e todos os lentes e membros da Escola foram recomendados para se retirarem para lugares onde dominasse o governo de D. Miguel. Só em 1834, depois do fim da Guerra Civil, a Escola reabriu.

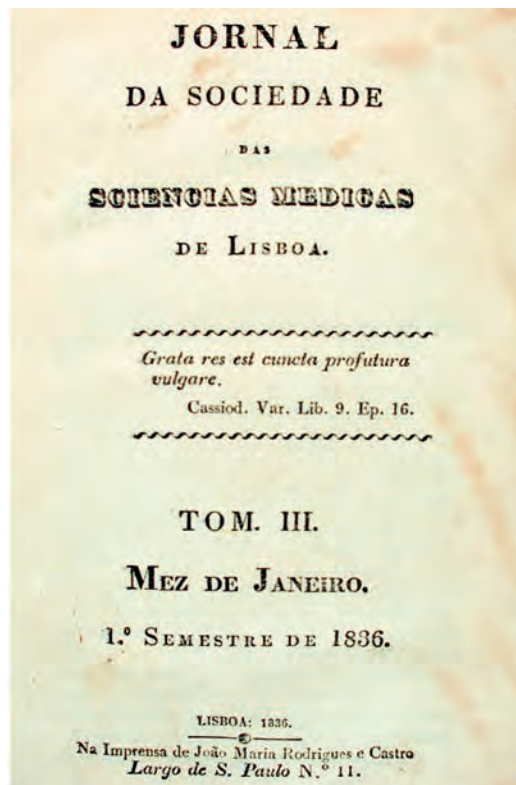
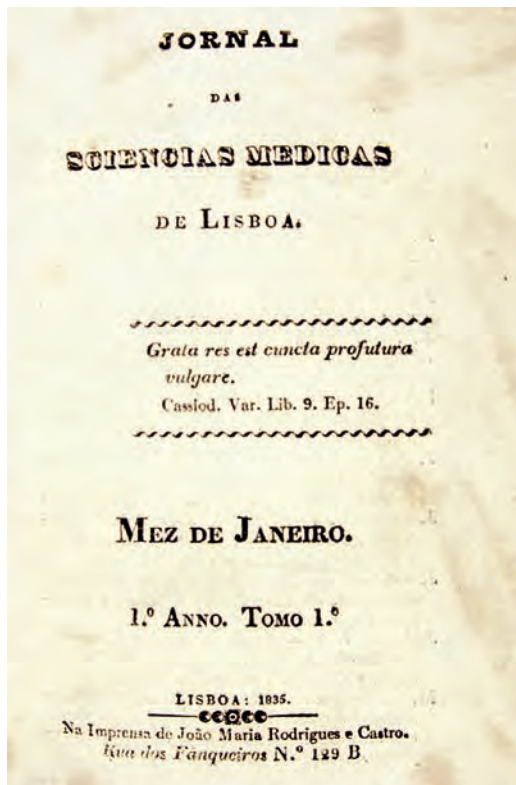


FIGURA 54

JORNAL DAS CIÊNCIAS MÉDICAS DE 1835 E O JORNAL DA SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS DE 1836

O Decreto de 1836 unificou as Reais Escolas de Cirurgia, transformando-as em Escolas Médico-Cirúrgicas, tendo esta reforma sido executada por PASSOS MANUEL.

Segundo a Lei de Dezembro de 1836, foi decretado que as escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto, teriam as seguintes Cadeiras:

Primeiro ano - 1ª Cadeira sobre Anatomia e Química, frequentada em qualquer estabelecimento;

Segundo ano - 2ª Cadeira sobre Fisiologia e Higiene, Zoologia e Botânica, frequentadas em qualquer estabelecimento;

Terceiro ano - 3ª Cadeira sobre História Natural dos Medicamentos, Matéria Médica e Farmácia;
- 4ª Cadeira sobre Patologia e Terapêutica Externas e Clínica Cirúrgica;

Quarto ano - 5ª Cadeira sobre Aparelhos e Operações Cirúrgicas, Cirurgia Forense;
- 6ª Cadeira sobre Partos, Moléstias das Mulheres e Recém-Nascidos e Clínica Cirúrgica;

Quinto ano - 7ª Cadeira sobre História Médica, Patologia Geral e Terapêutica Interna;
- 8ª Cadeira sobre Clínica Médica, Higiene Pública e Medicina Legal;
- 9ª Cadeira sobre Clínica Cirúrgica.

O Decreto no seu Artigo 117 estabelecia que as Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, teriam o seu assento, a primeira no Hospital de S. José, em Lisboa e a segunda no Hospital de Santo António no Porto.

Entretanto, em Coimbra, a Universidade esteve encerrada por motivos políticos desde Maio de 1828 até Março de 1829. Voltou a fechar em 1831 para só reabrir em 1834, após a vitória dos Liberais. O Curso de Coimbra era constituído por cinco anos e dez cadeiras. A Faculdade de Coimbra foi aumentada e melhorando as instalações, ampliou os Hospitais e conseguiu passar para o Convento de S. Jerónimo as Enfermarias de Homens. Em 1852 conquistou para as suas instalações o Colégio das Artes.

Em sessão de 28 de Janeiro de 1858 decidiu o Conselho da Faculdade que as dissertações inaugurais fossem escritas em português e impressas. Até essa data eram em Latim e eram manuscritas.

Em 1863 dá-se a criação de duas novas Cadeiras: de Anatomia Patológica e de Fisiologia Geral. Em 1864, há a registar um facto muito importante para a vida da Faculdade de Medicina de Coimbra, a viagem a vários países estrangeiros de António Augusto da Costa Simões, com instruções para observar de perto os progressos realizados especialmente no domínio da Microscopia e da Fisiologia Experimental. Seguiu Cursos de Histologia e Fisiologia Experimental por Claude Bernard, esteve na Bélgica e na Holanda e nas melhores clínicas da Alemanha. Quando voltou, instalou em Coimbra um Laboratório de Histologia e Fisiologia Experimental.



FIGURA 55

ARTIGO, COM A RESPECTIVA GRAVURA, PUBLICADO NA GAZETA MÉDICA DO PORTO NO Nº10 DE 3 DE JANEIRO DE 1843, SOBRE RHINOPLASTIA, POR ANTÓNIO BERNARDINO DE ALMEIDA

ANTÓNIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES (1819 - 1903) tinha-se Doutorado em 1848, ingressou no Instituto de Coimbra em 1852 e foi seu Presidente em 1867. Fundou o Boletim "INSTITUTO" e foi Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, de 1856 - 1857. Recebeu a Cátedra de Anatomia em 1860, criou a Cadeira de Histologia em 26 de Maio de 1863. Em 1864 frequentou em Lisboa as aulas de Histologia do Dr. MAY FIGUEIRA.

O decreto de 1836 unificou as Reais Escolas de Cirurgia, transformando-as em Escolas Médico-Cirúrgicas, tendo esta reforma sido executada por PASSOS MANUEL; os respectivos orçamentos continuaram a ser suportados pela mesma dotação (10 contos anuais), proveniente do contrato do tabaco.

No terceiro quartel do século XIX, a patologia do foro ORL vai começar a individualizar-se, quer a nível do ensino, quer nos temas debatidos em reuniões científicas.

Até ao ano de 1825, praticamente só havia o JORNAL DE COIMBRA como divulgador dos trabalhos da Medicina Portuguesa. Embora o aparecimento de folhetos sobre temas médicos diversos fosse relativamente frequente, não havia uma revista médica importante. Essa lacuna vai ser superada com o aparecimento do JORNAL DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE LISBOA, em 1835.

A SOCIEDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE LISBOA vai surgir em Maio de 1835, aproveitando um período de acalmia



política no País. A Sociedade ficou sob a Presidência de FRANCISCO SOARES FRANCO e, em 1836, iniciou a publicação de um periódico que se intitulou o JORNAL DA SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS que veio em substituição do JORNAL DAS CIÊNCIAS MÉDICAS que deixou de existir (apenas existiu em 1835) e que no Tomo II do 2º Semestre de 1835 publica um artigo extraído da *London Medical Gazette* sobre o tratamento dos pólipos das cavidades nasais e do Conduto Auditivo Externo, pela solução de sulfato de zinco.

O JORNAL DA SOCIEDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS tornou-se o principal órgão noticioso da classe médica portuguesa, inserindo casos clínicos na sua maioria, provenientes das enfermarias do Hospital de S. José, artigos doutrinários, apreciações e discussões, de assuntos relativos à Higiene, Saúde Pública e ao Ensino da Medicina.

Não admira, que as primeiras notícias escritas sobre assuntos relacionados com a área de Otorrinolaringologia, tenham tido lugar nesse Jornal.

Uma notícia, bem curiosa por sinal, relacionada com a Otorrinolaringologia é no tomo XII, 2º Semestre de 1840. O título é "GARROTILHO (ESQUINÊNCIA LARÍNGEA) CURADO PRINCIPALMENTE COM O TÁRTARO EMÉTICO, CALOMELANOS E MOXAS" pelo sócio efectivo Sr. J. M. ALVITO.

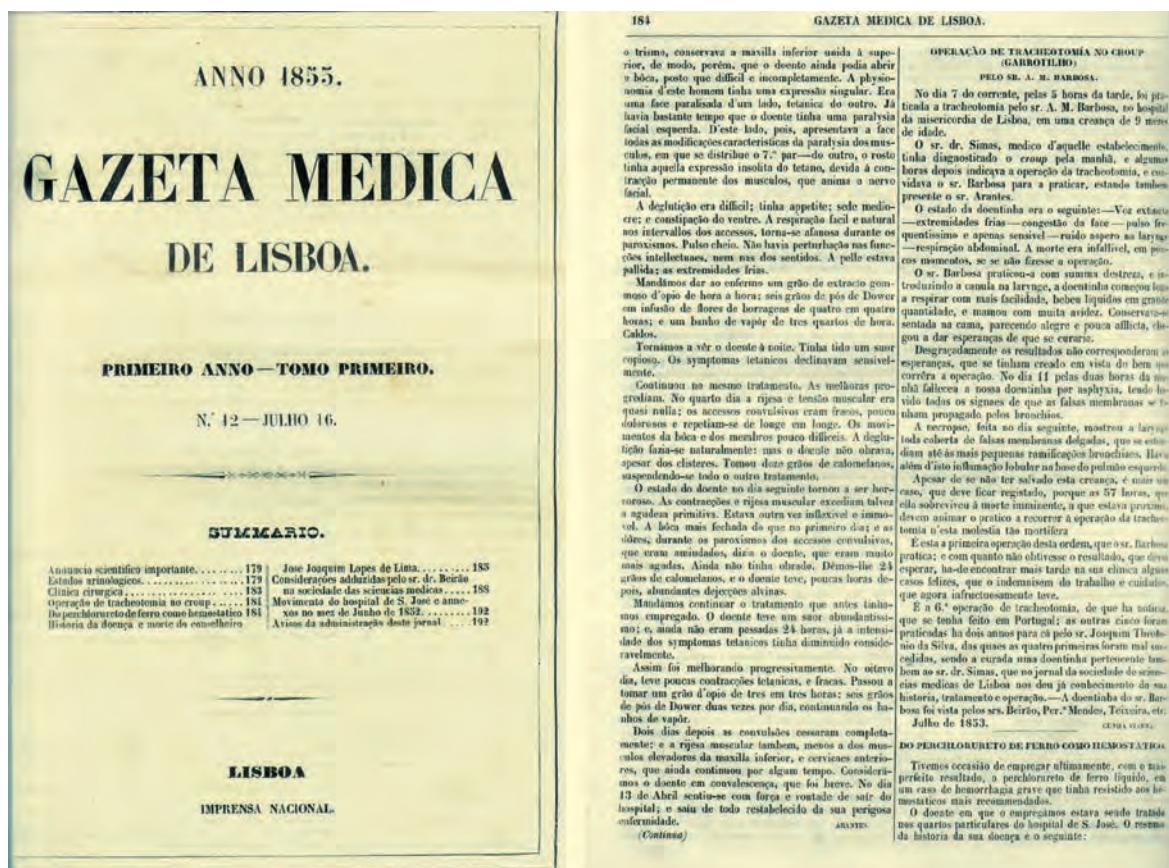


FIGURA 56

GAZETA MÉDICA DE LISBOA - 1853

Era a seguinte, a notícia:

“Hum menino de dois anos de idade, bem constituído, sadio, esperto, forte em relação à sua idade, no dia 6 de Novembro apareceu triste, abatido e com fastio. Fui chamado no dias 7 para o tratar e o achei com febre, pulso cheio e acelerado, voz rouca e sibilante, olhos inchados, e procurando diferentes posições na cama. Capitelei a moléstia de esquinência laríngea (ou garrotinho). Não podendo sangrar o doente, pela sua tenra idade, mandei-lhe pôr seis bichas, três de cada lado da laringe, recomendando que as deixassem sangrar, banhos sinapissadáceos de três em três horas e a seguinte bebida: Tártaro Emético - um grão; Água destilada - três onças; Xarope de aveia-meia onça.”

E o artigo continua a descrição do tratamento que só terminaria um mês depois, desta vez com sucesso.

Em 1841 no JORNAL DA SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS Tomo XIII, surge uma notícia extraída de um artigo francês, do Sr. TROUSSEAU, publicada no *JOURNAL DES CIENCES MED. ET CIR.* (Francês). Diz o artigo que foi o Sr. DESSAULT, o primeiro a estabelecer as indicações da traqueotomia, mas que não a praticava, e elogia BRETONNEAU pelos muitos melhoramentos que fez para a evolução da técnica da traqueotomia; refere vários casos clínicos e termina o artigo dizendo: *“Hoje os doentes já não*

184

GAZETA MEDICA DE LISBOA.

o trismo, conservava a maxilla inferior unida à superior, de modo, porém, que o doente ainda podia abrir a boca, posto que difficil e incompletamente. A physionomia d'este homem tinha uma expressão singular. Era uma face paralisada d'um lado, tetânica do outro. Já havia bastante tempo que o doente tinha uma paralyza facial esquerda. D'este lado, pois, apresentava a face todas as modificações caracteristicas da paralyza dos musculos, em que se distingue o T. par.—do outro, o rosto tinha aquella expressão insolita do tétano, devida à contração permanente dos musculos, que anima a nervo facial.

A deglutição era difficil; tinha appetite; sede moderada; e constipação do ventre. A respiração facil e natural nos intervallos dos accessos, tornava-se affeita durante os paroxysmos. Pulso cheio. Não havia perturbação nas funcções intellectuaes, nem nas dos sentidos. A pelle estava pallida; as extremidades frias.

Mandámos dar ao enfermo um grão de extracto gomoso d'opio de hora a hora; seis grãos de pó de Dover em infusão de flores de lorrageas de quatro em quatro horas; e um banho de vapor de tres quartos de hora. Cabellos.

Tornámos a vêr o doente à noite. Tinha tido um suor copioso. Os symptoms tetanicos declinavam sensivelmente.

Continuou no mesmo tratamento. As melhoras progrediam. No quarto dia a rigidez e tensão muscular era quasi nulla; os accessos convulsivos eram raras, pouco dolorosos e repetiam-se de longe em longe. Os movimentos da boca e dos membros pouco difficéis. A deglutição fazia-se naturalmente: mas o doente não olhrava, apesar dos clisteres. Temoz dois grãos de calomelanos, suspendendo-se todo o outro tratamento.

O estado do doente no dia seguinte tornou-se a ser hebre corso. As contrações e rigidez muscular excediam talvez a agudeza primitiva. Estava outra vez inflexivel e immovel. A boca mais fechada do que no primeiro dia; e os vidros; durante os paroxysmos dos accessos convulsivos, que eram annulados, dizia o doente, que eram muito mais agudas. Ainda não tinha olhrado. Demos-lhe 24 grãos de calomelanos, e o doente teve, poucas horas depois, abundantes dejeções alvinas.

Mandámos continuar o tratamento que antes tinhamos empregado. O doente teve um suor abundantissimo; e, ainda não eram passadas 24 horas, já a intensidade dos symptoms tetanicos tinha diminuido consideravelmente.

Assim foi melhorando progressivamente. No oitavo dia, teve poucas contrações tetanicas, e frias. Passou a tomar um grão d'opio de tres em tres horas; seis grãos de pó de Dover duas vezes por dia, continuando o uso banhos de vapor.

Dois dias depois as convulsões cessaram completamente; e a rigidez muscular tambem, mesmo a dos musculos deovados da maxilla inferior, e cervicais anteriores, que ainda continuou por algum tempo. Consideramos o doente em convalescença, que foi hebre. No dia 13 de Abril acutiu-se com febre e vontade de sair do hospital, e saiu de todo restabelecido da sua perigosa enfermidade.

(Continua)

OPERAÇÃO DE TRACHEOTOMIA NO GROUP (GABROTTILHO)

PELO SR. A. M. BARBOSA.

No dia 7 do corrente, pelas 5 horas da tarde, foi praticada a tracheotomia pelo sr. A. M. Barbosa, no hospital da misericórdia de Lisboa, em uma creança de 9 meses de idade.

O sr. dr. Simas, medico d'aquelle estabelecimento, tinha diagnosticado o *croup* pela manhã, e algumas horas depois indicava a operação da tracheotomia, e convidava o sr. Barbosa para a praticar, estando tambem presente o sr. Arantes.

O estado da doentinha era o seguinte:—Voz extinta—extremidades frias—congestão da face—pulso frequentissimo e apenas sensivel—ruído aspero na larynge—respiração abdominal. A noite era inflexivel, em poucos momentos, se se não fizesse a operação.

O sr. Barbosa praticou-a com summa destreza, e introduzindo a canula na larynge, a doentinha começou logo a respirar com mais facilidade, bebendo líquidos em grande quantidade, e nutros com muita avidéz. Conservou-se sentada na cama, parecendo alegre e pouco afflicta, chegou a dar esperanças de que se curaria.

Desgracadamente os resultados não corresponderam ás esperanças, que se tinham creado em vista do bem que corria a operação. No dia 11 pelas duas horas da manhã falleceu a pouca doentinha por asphyxia, tendo havido todos os signaes de que as falsas membranas se tinham propagado pelos bronchios.

A necropsia feita no dia seguinte, mostrou a larynge toda coberta de falsas membranas delgadas, que se estendiam até ás mais pequenas ramificações bronchicas. Havia além d'isto inflammação lobular na base do pulmão esquerdo.

Apesar de se não ter salvado esta creança, e mais um caso, que deve ficar registado, porque as 57 horas, que ella sobreviveu à morte imminente, a que estava próxima, devem animar o practico a reservar a operação da tracheotomia n'esta moléstia tão mortifera.

É esta a primeira operação desta ordem, que o sr. Barbosa praticou; e com quanto não obtivesse o resultado, que devia esperar, ha-de encontrar mais tarde na sua clinica alguns casos felizes, que o incentivem do trabalho e cuidados, que agora infelizmente teve.

É a 6.ª operação de tracheotomia, de que ha noticia, que se tenha feito em Portugal; as outras cinco foram praticadas ha três annos para cá pelo sr. Joaquim Theobaldo da Silva, das quaes as quatro primeiras foram mal succedidas, sendo a curada uma doentinha pertencente tambem ao sr. dr. Simas, que no jornal da sociedade de sciencias medicas de Lisboa nos deu já conhecimento da sua historia, tratamento e operação.—A doentinha do sr. Barbosa foi vista pelos srs. Beirão, Per.º Mendes, Teixeira, etc. Julho de 1853. CESA ALVES.

DO PERICLORURETO DE FERRO COMO HEMOSTATICO.

Tivemos occasião de empregar ultimamente, com o mais perfeito resultado, a perchlorureto de ferro líquido, em um caso de hemorrhagias grave que tinha resistido aos hemostaticos mais recommendados.

O doente em que o empregarão estava sendo tratado nos quartos particulares do hospital de S. José. O resumo da historia da sua doença e o seguinte:

morrem pelo facto da operação mas, por insufficientes cuidados após a traquetomia, pelo que as cânulas devem ser mudadas duas vezes por dia pela manhã e pela tarde”.

Em 1842, no Tomo XV do Jornal da Sociedade das Ciências Médicas do mês de Fevereiro, página 93, é publicado um artigo sobre a utilização da Aconito (uma planta) contra a surdez, artigo este, extraído de uma publicação estrangeira, a *Encyclographie des Sciences Medicales*, traduzida pelo Sr. J. B. Cardoso Klerk.

No Tomo XVII do mesmo jornal vamos ter um artigo feito pelo Sr. JOSÉ CARLOS MOREIRA BRAGANÇA, Aluno da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, que num extenso artigo que se inicia na página 2 e continua por mais 4 números da revista, nas páginas 66, 103 e 160, fala da “MEMÓRIA SOBRE A ESTRUTURA DA LARINGE HUMANA” oferecido à Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, em 30 de Abril de 1840.

No ano 1843 aparecem dois artigos na *Gazeta Médica do Porto* sobre Rinoplastia. O primeiro no N.º 10 de 3 de Janeiro de 1843 por A. B. D'ALMEIDA, que era Lente da Escola Médica Cirúrgica do Porto.

Termina o artigo dizendo:

“Parabéns aos portugueses que para se verem aliviados das suas doenças e deformidades, já não precisam de ir Além-mar ou Além-Pirinéus, ao pé da casa, tem cirurgiões tão peritos como na Londres Nevoenta e na Inconstante Paris. Um indivíduo, conhecemos nós que, há pouco tempo foi, para se alindar do lábio superior às margens do Tamisa, provavelmente foi algum cirurgião Lorde, o que lhe coseu o beijo. Aqui no Porto, foi noutra dia praticada esta operação por um cirurgião noviço, que havia poucos meses tinha acabado os seus estudos na Escola Médico-Cirúrgica desta cidade. E em qual dos doentes ficaria mais perfeita e igual aderência? Julgaria que seria na operada pelo Lorde? - Enganai-vos.”

Estávamos em 1843!

No Nº 17 da **GAZETA MÉDICA DO PORTO**, de 20 de Março de 1843, apareceu outro artigo, desta vez de MANOEL LEITE DE PINHO CORREIA, sobre Rinoplastias, em que o autor faz a descrição histórica da cirurgia e coloca um desenho esquemático da cirurgia.

Em 1853, na **GAZETA MÉDICA DE LISBOA**, leio, feita pelo Dr. CUNHA VIANA, a descrição dum caso duma operação de traqueotomia. Essa descrição dizia o seguinte:

“OPERAÇÃO DE TRACHEOTOMIA NO CRUPP, (GARROTI-LHO)” pelo Sr. A. M. BARBOSA.

“No dia 7 do corrente, pelas 5 horas da tarde, foi praticada a tracheotomia pelo Sr. A. M. Barbosa, no Hospital da misericórdia de Lisboa, em uma criança de 9 meses de idade a quem o Sr. Dr. Simas, médico daquele estabelecimento, tinha diagnosticado o croup pela manhã, e algumas horas depois indicava a operação da tracheotomia, e convidava o Sr. António Manuel Barbosa para a praticar, estando também presente o Sr. Arantes. O estado da doentinha era o seguinte: Voz extincta - extremidades frias - congestão da face - pulso frequentíssimo e apenas sensível ao ruído aspero da larynge - respiração abdominal. A morte era infalível, em poucos momentos, se não se fizesse a operação.

O Sr. Barbosa praticou-a com summa destreza, e introduzindo a canula na larynge, a doentinha começou logo a respirar com mais facilidade, bebeu líquidos em grande quantidade, e mamou com muita avidez. Conservava-se sentada na cama, parecendo alegre e pouca aflicta, chegou a dar esperanças de que se curaria.

Desgraçadamente os resultados não corresponderam às esperanças, que se tinham ficado em vista do bem que corra a operação. No dia 11 pelas duas horas da manhã falleceu a nossa doentinha por asphyxia, tendo havido todos os signaes de que as falsas membranas se tinham propagado pelos bronchios.

A necropse, feita no, dia seguinte, mostrou a larynge toda coberta de falsas membranas delgadas, que se estendiam ás mais pequenas ramificações bronchiaes. Havia, além disto inflamação lobular na base do pulmao esquerdo.

Apesar de se não ter salvado esta creança, é mais um caso, que deve ficar registado, porque as 57 horas, que ella sobreviveu á morte iminente, a que estava próxima, - devem animar o pratico a recorrer á operação da tracheotomia nesta moléstia tão mortífera.

É esta a primeira operação desta ordem, que o Sr. Barbosa pratica, e com quanto não o tivesse o resultado, que deva esperar, há-encontrar mais tarde na sua clínica alguns casos felizes, que o indemnisem do trabalho e cuidados, que agora infunctuosamente teve.

É a 6ª operação de tracheotomia, em caso de Crup que há noticia, de que se tenha feito em Portugal; as outras cinco foram praticadas de há dois annos para cá pelo Sr. JOAQUIM THEOTÓNIO DA SILVA, das quaes as quatro primeiras foram mal succedidas, sendo a curada uma doentinha pertencente também ao Sr. Dr. Simas que no jornal da sociedade de Ciências Médicas de Lisboa nos deu já conhecimento da sua historia, tratamento e operação. A doentinha do Sr. Barbosa foi vista pelos Sr. Beirão, Pereira Mendes Teixeira etc.”

Esta cirurgia foi realizada pelo DR. ANTÓNIO MARIA BARBOSA, um dos nossos mais brilhantes cirurgiões do século XIX. Foi o primeiro em Portugal a realizar uma ovariectomia, o primeiro a experimentar a esterização, e a extirpar um tumor hemorroidal com o esmagador de Chassaignac.

A primeira anestesia com Éter, em Portugal, deveu-se ao então estudante de Medicina, António Maria Barbosa, que consentiu em ser ele próprio anestesiado. Num artigo publicado no JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA, vol. IV, página 604, descreve, com grande minúcia, todas as sensações e estados por que passou ao inalar o “Ether Sulfurico”, sob a direcção do Sr. Barral, pelo aparelho fabricado pela empresa *Walters and Company*, de Londres.

Foi também o primeiro a utilizar o hidrato de cloral, como calmante, e a tratar a difteria com insuflações pela flor de enxofre lavado.

No Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de 1860, na página 98, encontro um artigo de A. M. Barbosa com o título “RESSECÇÃO DO MAXILAR INFERIOR EM UM CASO DE CANCRO DO OSSO” que refere o seguinte:

“Damos apenas uma noticia sucinta desta operação, que acaba de ser magistralmente praticada nos quartos particulares do Hospital de S. José pelo nosso distinto colega e prezadíssimo amigo, o Sr. Magalhães Coutinho, não sabemos de outro caso de ressecção do maxilar inferior, senão do que operou há anos o nosso sábio e Mestre, o Sr. Lourenço da Luz.”

Segue-se a descrição da cirurgia de forma bastante exaustiva e a conclusão:

“A dissecção da peça anatómica que foi estudada ao microscópio pelo Sr. Dr. May Figueira, confirmou o diagnóstico da doença e a sua sede primitiva no osso.”



FIGURA 57

O PROF. ANTÓNIO MARIA BARBOSA (1825 - 1892), CONSIDERADO UM DOS MAIORES IMPULSIONADORES DA CIRURGIA EM PORTUGAL

É também ANTÓNIO MARIA BARBOSA que, em 1862, realiza, pela primeira vez em Portugal, no Hospital de S. José, a ressecção de todo o maxilar superior do lado direito, conforme vem escrito no Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Novembro de 1862.

Considerado um dos maiores impulsionadores da Cirurgia em Portugal, ANTÓNIO MARIA BARBOSA, foi a todos os títulos, um brilhante pioneiro.

Nascido na ilha do Faial a 12 de Julho de 1825, António Maria Barbosa cursou na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, tendo sempre louvor nos exames, e alcançando prémios em seis das nove cadeiras que constituíam o curso.

Foi-lhe passada a carta de Médico-cirurgião em 7 de Outubro de 1850. Foi nomeado cirurgião do Banco do hospital de S. José em 3 de Fevereiro de 1855, director do mesmo Banco em 4 de Agosto do mesmo ano. Foi nomeado primeiro substituto da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 3 de Setembro de 1859, lente proprietário em 20 de Agosto de 1863 (Anatomia Patológica e Medicina Operatória), cirurgião efectivo da Real Câmara do Hospital de São José e da Misericórdia, director do Banco do Hospital de São José e das Enfermarias de Santo António e de Santa Quitéria, respectivamente, nos Hospitais de São José e de Dona Estefânia.

Foi nomeado Médico honorário do Paço Real, por serviços prestados na última doença da rainha D. Estefânia (A rainha faleceu muito jovem, apenas um ano depois de ter chegado a Portugal e de ter casado com o Rei D. Pedro V). António Maria Barbosa foi agraciado com as ordens de Cristo, Torre e Espada, Santiago, Legião de Honra (França), Isabel, a Católica (Espanha), Rosa (Brasil), Gustav Wasa (Suécia), S. Maurício e de S. Lázaro (ambas da Itália) e a medalha municipal da Febre-amarela.

Foi presidente da Sociedade de Ciências Médicas e um profícuo escritor médico, tendo assinado cerca de uma centena de obras, entre as quais se destacam: “Ensaio sobre a cólera-epidémica”, “Dissertação sobre o tratamento dos apertos orgânicos da uretra”, “Estudos sobre o garrotinho”, “Nota sobre a ovariectomia”, “Aneurisma da aorta peitoral descendente”, “Cancro encefalóide das partes moles do braço direito”, “Amputação, diagnóstico e curabilidade do cancro e úlcera cancróide do lábio superior, Extirpação.”

António Maria Barbosa faleceu em Lisboa em 8 de Julho de 1892.

No Catálogo do leilão da Biblioteca do Dr. António Maria Barbosa (muito rico, como era de esperar, em Livros de Medicina), que se realizou em 1893, destaco com o Nº 277, o livro do Dr. Morell Mackenzie sobre Doenças da Laringe, publicado em 1882. Com o Nº 305, o livro de Adam Politzer, “Traité des Maladies de L’oreille”, traduzido do alemão em 1884 e os livros de Toynbee (Nº 366), “Maladies de L’oreille”, de 1874 e de Anton Von Troeltsch (Nº 369), “Traité des Maladies de L’oreille”, de 1870.

Isto prova o interesse em estar efectivamente munido dos melhores Tratados de Otorrinolaringologia que existiam nessa época.

Em 1855 vai surgir um artigo de ANTÓNIO MARIA BARBOSA sobre “GARROTILHO – TRACHEOTOMIA NO PERÍODO APNEICO - CURA”, que veio inserido em duas publicações distintas, no Jornal da Sociedade de Ciências Médicas e na Gazeta Médica de Lisboa - 1ª Série, Tomo 3º, 3º Ano, nº 64 de 16 de Setembro de 1855. Termina o artigo com a descrição da anatomia da região em que praticou a traqueotomia. Finalmente faz uma descrição de técnica utilizada que, por curiosidade histórica, vamos transcrever:

“Processo de Tracheotomia empregada: Os instrumentos de que nos servimos, que fazem parte dos que temos em uma caixa especial no Banco do Hospital de S. José, feita numa oficina do Sr. António Polycarpo, foram os seguintes: três escalpelos pequenos, um convexo, um recto pontiagudo e um de botão, ligeiramente curvo sobre o corte; uma sonda de rego; um estilete agulha; uma pinça de dissecação; um tenáculo agudo; dois rombos; um dilatador de Trousseau; a cânula dobrada de Borgelot, linhas enceradas e esponjas (como nesta época não havia aspiração eram utilizadas esponjas para absorver o sangue).”

A operação foi praticada pelas 11 horas da noite, segundo o processo de Trousseau: a criança, já insensível a tudo, semi-morta, foi deitada em decúbito dorsal, sobre uma mesa coberta com um lençol dobrado. Debaixo do pescoço e espáduas colocou-se uma almofada de certa consistência, para manter a cabeça de modo a que a traqueia ficasse saliente.

Colocados à direita do paciente, fizemos uma prega transversal na pele da parte média da região traqueal. Um dos colegas segurava a sua extremidade esquerda e a outra era sustida pela nossa mão esquerda: com um canivete convexo na mão direita, incisámos perpendicularmente, a parte média desta prega, compreendendo a pele e a fascia superficial. Ficou então uma incisão vertical, na linha mediana da região traqueal, isto é, estendida da altura do bordo inferior da cartilagem cricoideia ao esterno.

Incisámos depois a aponevrose cervical, servindo-nos da pinça de dissecação da sonda arrejoada e do canivete pontiagudo. Separámos com a sonda um do outro, os músculos esterno-tiroideus e as veias do plexo infra-hioideu, que corriam paralelas.

Com os tenáculos rombos, separámos os bordos da ferida para descobrirmos a traqueia, então encontrámos a artéria tiroideia inferior direita, laqueámos esta artéria em dois pontos próximos e cortámos-la. Apareceu depois a traqueia na extensão de uma polegada, tendo encostada à sua direita a artéria carótida primitiva, que desviámos.

Bem limpo o fundo da ferida com esponja, e fixa a traqueia com o dedo indicador esquerdo, fizemos uma punção no órgão, cravando o escalpelo perpendicularmente, logo abaixo da cartilagem cricoideia. Logo que penetrámos na traqueia e cortámos um ou dois dos seus anéis cartilagosos, um ruído notável, devido à passagem do ar pela ferida, anunciou a abertura da traqueia. Em seguida, substituímos o escalpelo pontiagudo pelo de botão, com o qual cortámos mais três ou quatro anéis da traqueia em seguimento aos primeiros. Aberta assim, largamente a traqueia saiu uma onda de líquido com flocos membranosos. Introduzimos logo o dilatador de Trousseau, e entre os seus ramos metemos a cânula dobrada de Borgeat, reconhecendo a passagem de ar pela cânula, retirámos o dilatador e segurámos a cânula com uma fita própria.

A união das extremidades da ferida com adesivo posto de trás do pavilhão da cânula e uma tira de colocar à volta do pescoço completaram a operação.”

Tal como já referi anteriormente, o primeiro Cirurgião a realizar uma traqueotomia em Portugal, para um caso de Crup, em 1851, foi JOAQUIM THEOTÓNIO DA SILVA que foi também o primeiro cirurgião, em Portugal, a generalizar a eterização (utilização de Éter para anestesiarem os doentes) dos operados, assim como a realizar as primeiras experiências com o clorofórmio em animais domésticos. Joaquim Teotónio da Silva nasceu em Lisboa



FIGURA 58

JOAQUIM THEOTÓNIO DA SILVA (1817 - 1896) FOI O PRIMEIRO CIRURGIÃO A REALIZAR UMA TRAQUEOTOMIA EM PORTUGAL PARA UM CASO DE CRUP, EM 1851

em 1817 e a ele se deve também a extirpação completa do astrágalo (1875), entre outras inovações cirúrgicas.

JOAQUIM THEOTÓNIO DA SILVA foi director da Enfermaria de Santo Onofre, do Hospital de S. José, Lente de Obstetrícia e Regente de Patologia Externa e Clínica Geral da Escola Médica de Lisboa, além de Presidente da Sociedade de Ciências Médicas de 1856 - 1858, era Médico Honorário da Real Câmara e faleceu em Lisboa no dia 25 de Março de 1896.

No Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, no dia 8 de Janeiro de 1859, JOAQUIM THEOTÓNIO DA SILVA descreve um caso de traqueotomia, que realizou numa criança, e no final do artigo, faz algumas considerações referindo o facto de ter realizado esta cirurgia desde 1851. Diz o cirurgião:

“É a oitava vez que pratico a operação de traqueotomia, e é a terceira vez que consigo fazer voltar á vida crianças votadas a uma morte certa.

Este resultado favorável veio confirmar a opinião em que eu estava quando em 1851, ousei empregar este recurso, que em Portugal ninguém antes de mim tinha ensaiado como meio de curar o croup.

Esta observação nada apresentou de notável, mas serve para corroborar os princípios que em 1851 e 1854 emiti acerca dos fenómenos observados durante o croup.

1. A insensibilidade da pele nos doentes com croup, permite fazer a intervenção sem dores para o doente.
2. É desnecessária a laqueação das veias do plexo subtiroidéu nas crianças, pois provoca flebite em muitos casos.
3. A sucção e respiração artificial são práticas a que não pode eximir-se o operador, a despeito dos perigos que lhe possam advir, podendo usar um tubo de goma elástica como aconselha o Sr. Grussart."

Em 1860 MANUEL BENTO DE SOUSA, apresentou e defendeu a sua tese de fim de curso intitulada "DO CROUP E SEU TRATAMENTO. TRAQUEOTOMIA." É um manuscrito de 84 páginas com uma dedicatória ao Prof. Cunha Vianna. Este estudo, sendo basicamente uma revisão dos autores Franceses, tem no final uma referência a antigos livros médicos portugueses: Zacuto, Curvo Semedo, e António de Almeida de quem Manuel Bento de Sousa diz ter sido o primeiro entre nós a descrever as falsas membranas no 3º volume do seu tratado de cirurgia "MEDICINA OPERATÓRIA" do qual já falei anteriormente.

Na Gazeta Médica de Lisboa, no dia 1 de Outubro de 1860 vem publicado um artigo sobre "EXPLORAÇÃO DO CANAL AUDITIVO EXTERNO E DO TÍMPANO; SUA IMPORTÂNCIA; EXAME CRÍTICO DOS METHODOS EMPREGADOS ATÉ HOJE E INDICAÇÃO DE UM NOVO METHODO", pelo Dr. Troeltsch de Wurzburg.

É um artigo dividido em três partes e publicado em três semanas consecutivas que passa em revista, de uma maneira exaustiva, todos os métodos de exploração do ouvido, conhecidos na época e muito pouco empregues em Portugal. Penso ser o primeiro artigo de fundo, publicado em Portugal, sobre as técnicas de Otoscopia.

No ano de 1861, na mesma Gazeta Médica de Lisboa, ANTÓNIO MARIA BARBOSA publica, dividido em vários capítulos a começar no dia 1 de Julho de 1861, no nº 11, e que se vai prolongar até ao nº 24 de 16 de Dezembro, uma monografia intitulada "ESTUDO SOBRE GARROTILHO OU CRUP." Este Estudo, que começa com a definição da doença, os sintomas, e termina com a terapêutica, foi publicado sob a forma de Livro, ainda no ano de 1861, intitulado "ESTUDOS SOBRE O GARROTILHO OU CRUP, MEMÓRIA APRESENTADA À ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA" por António Maria Barbosa.

Em 1862, MANUEL JOSÉ DA SILVA PEREIRA faz a sua Dissertação Inaugural para o acto de Conclusões Magnas na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, sob o tema "DA ANGINA MEMBRANOSA E SUAS CAUSAS E NATUREZA." O autor refere rejeitar o nome de Crup, pois achava que este nome inventado pelo Médico Escocês, FRANCIS HOME, não se adaptava à Língua Portuguesa. É um trabalho com cerca de cem páginas, onde não faltam referências aos diversos tratamentos e à Traqueotomia.



FIGURA 59

"ESTUDOS SOBRE O GARROTILHO OU CRUP"
DE ANTÓNIO MARIA BARBOSA PUBLICADO EM 1861

Na Revista Gazeta Médica de 1863, na página 248 encontro a notícia de que no dia 11 de Abril desse ano, o Dr. ALVES BRANCO praticou uma extracção completa do maxilar superior numa doente de 40 anos de idade, com "UM TUMOR ENCEPHALOIDE QUE TINHA AFECTADO TODO O MAXILAR SUPERIOR DO LADO ESQUERDO."

No número seguinte da revista, na página 259, o Dr. Alves Branco, descreve os detalhes da cirurgia "Têm aparecido ultimamente, neste Hospital de S. José, cinco casos de Cancro do Seio Maxilar."

Descreve depois cinco casos, dois dos quais operados por António Maria Barbosa e os outros três por ele. A hemorragia era controlada com ferros em brasa e foi empregue a serra articulada para o corte do osso. Vem de seguida a descrição da operação referida no número anterior:

"No dia 11 de Abril procedemos à operação. A doente foi clo-roformizada sem que todavia se pudesse obter anestesia completa. A incisão foi feita no processo do Sr. Velpeau..." A descrição da cirurgia continua: "Ligou-se só uma artéria subcutânea e com ferro em brasa estancou-se o sangue que corria nas outras partes com quatro alfinetes unimos a incisão da face e o doente passou bem." Teve alta no dia 13 de Maio, dois meses após a cirurgia.



FIGURA 61

DEMONSTRAÇÃO CIRURGICA EM LISBOA NO PRINCIPIO DO SÉC.XX- É DE NOTAR, A ANESTESIA COM MASCARA. ENTRE A ASSISTÊNCIA ENCONTRA-SE O JOVEM ESTUDANTE DE MEDICINA ARTUR RICARDO JORGE (2º A PARTIR DA DIREITA, NA 2º FILA) FILHO DE RICARDO JORGE

Em 30 de Março de 1842, o Dr. CRAWFORD WILLIAMSON LONG extraiu a um doente que se chamava James Venoble, um tumor do pescoço sob anestesia geral com éter. Repetiu esta anestesia mais duas vezes, em Julho de 1843 e Janeiro de 1845.

Em Julho de 1844, um dentista, WILLIAM MORTON realiza uma extracção dentária sem dor a um paciente sob o efeito do éter. Em 1847, realizam-se em França e na Alemanha, as primeiras anestésias gerais com éter.

O primeiro artigo que entre nós se ocupou do assunto foi publicado no jornal da Sociedade Farmacêutica Lusitana, (tomo IV, Lisboa, 1847) assinado por ANTÓNIO MARIA BARBOSA que experimentou o éter e reuniu neste artigo as suas impressões; Barbosa era estudante de Medicina, e mais tarde foi um professor distinto da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

Em Portugal, foi o Prof. da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, Dr. LUIZ PEREIRA DA FONSECA, em Novembro de 1847, o primeiro a utilizar o éter em Anestesia Cirúrgica, utilizando um aparelho eterizador, que aplicou em três casos, uma castração e duas fimoses. Descreveu estes casos no Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Em 12 de Janeiro de 1848, o Dr. BERNARDINO ANTÓNIO GOMES (Filho) fez em Portugal a primeira aplicação do Clorofórmio em Cirurgia. A operação foi realizada pelo Dr. JOÃO PEDRO BARRAL, e o clorofórmio preparado pelo Lente de Farmácia, JOSÉ TEDESCHI. Esta primeira aplicação vem descrita no JORNAL DE PHARMÁCIA E SCIENCIAS

ACCESSÓRIAS, 1ª série Tomo I de 1948:

“Entre nós o chloroformio começa a ser aplicado, felizmente a primeira experiencia, em que se empregou o chloroformio por nos obtido, foi coroada do mais feliz resultado: com efeito pretendendo o Sr. J. P. BARRAL fazer a extracção d’um chisto a um doente que tinha em sua enfermaria, ali fomos com o fim de ver os efeitos d’este novo producto e na verdade ficamos bem convencidos da sua utilidade quando vimos que tendo o Sr. Dr. Bernardino António Gomes feito a applicação á boca e nariz do doente d’um lenço de cambraiadobrado em oito partes no qual lançara uma oitava do chloroformio ao fim de dous minutos este se achava em tal estado de insensibilidade, que pode o Sr. Barral fazer a extracção completamente sem que o operado desse o menor sinal de dor! Terminada a operação o Sr. Dr. Gomes retirou o lenço e dous minutos depois o doente se mostrava admirado de já não ter o chisto”.

Nesta mesma revista vem publicado um quadro desdobrável da autoria de Joaquim Theotónio da Silva onde são descritos os primeiros 14 casos do emprego do éter e os primeiros 10 casos do emprego do clorofórmio em Lisboa entre Abril de 1847 e Março de 1848.

No Porto, a primeira aplicação de clorofórmio foi efectuada por ANTÓNIO BERNARDINO DE ALMEIDA, em 31 de Janeiro de 1848, numa rapariga de 20 anos para excisão de um *naevus*.

O Prof. CÂMARA SINVAL, a 31 de Maio de 1848, aplica pela primeira vez em Portugal o clorofórmio num parto instrumental; o Professor Magalhães Coutinho foi o primeiro a usar o clorofórmio num parto eutócico, em 1848.

With computations to A Costa Quinta
on his exhibition of skill, particularly
in taking out children's tonsils without
an anaesthetic - a much less terrifying
experience than I had imagined! - &
in gratitude for his hospitality.
R.R. Macintosh 18 Sept '50

FIGURA 62

O DR. MACINTOSH ESTEVE EM PORTUGAL, EM SETEMBRO DE 1950 E ESCRVEU UMAS PALAVRAS NO LIVRO DE HONRA DO HOSPITAL INFANTIL DE S. ROQUE APÓS ASSISTIR ÀS CIRURGIAS DO DR. COSTA QUINTA.

Em 1900, o Prof. SABINO COELHO realizou em Lisboa, a primeira Raquiianestesia de que há conhecimento em Portugal.

Durante muitos anos um dos grandes problemas anestésicos eram as cirurgias envolvendo a boca ou o nariz, pois a anestesia era feita apenas com máscaras, e embora existissem técnicas para a aplicar, permitindo ao cirurgião actuar, havia um risco enorme de aspiração de sangue, pois a via aérea não estava protegida.

A primeira entubação orotraqueal de que há registo realizou-se em 1878 num adulto acordado, pelo cirurgião WILLIAM MACEWAN, usando os dedos como guia. Antes do desenvolvimento do Autoscópio de ALFRED KIRSTEIN, que realizou a primeira laringoscopia directa num adulto em 1895, a necessidade de ver a laringe para realizar uma entubação era compensada pela utilização do tacto ou pela entubação às cegas.

Em 1913, CHEVALIER JACKSON publicou um artigo descrevendo um aparelho para a Laringoscopia directa e cauterização da traqueia, e HENRY JANEWAY publicou um artigo intitulado "Intratracheal Anesthesia from the Standpoint of the Nose, Throat and Oral Surgeon with a description of a new instrument for catheterizing the trachea."

Era o início da era da entubação orotraqueal, e Janeway desenvolveu um Laringoscópio com o único propósito de permitir ao Anestesiologista colocar um tubo intratraqueal. Este Laringoscópio possuía uma luz distal e uma pequena bateria. Apesar da sua utilidade, não teve grande divulgação, e a própria entubação orotraqueal só foi popularizada após a Primeira Guerra Mundial por Magill e Rowbothan, com a utilização de tubos curvos e de pinças próprias para a sua colocação.

A grande dificuldade dos laringoscópios era o facto de as lâminas serem rectas, pois traumatizavam a boca e muitas vezes era impossível ver as cordas vocais. Foi em 1943 que se deu a grande revolução, com a invenção, pelo Dr. ROBERT MACINTOSH, do Laringoscópio de Lâmina curva e iluminação distal com vários tamanhos, e que ainda hoje é usado nos Blocos Operatórios de todo o Mundo.

DR. E. LOPES SOARES
INTERNO DOS HOSPITAIS

Lisboa, 25-9-1950

Exmo. Sr. Dr. A. Costa Quinta
Dig. Director do Serviço de Oto-Rino-Laringologia do
Hospital Infantil de S. Roque.

Muito penhoradamente venho agradecer a V. Ex^{ta} todas as facilidades concedidas para a execução das demonstrações praticas de anestesia realizadas pelo Prof. R.R. Macintosh da Universidade de Oxford, no Serviço de que V. Ex^{ta} é mui digno Director.

Certo de que isto contribuiu para o prestigio da anestesia no nosso meio, dada a alta categoria e projecção de Prof. Macintosh, oraio-me muito feliz por ter tido a oportunidade de ter conseguido a sua vinda a Lisboa. Para o exito desta visita muito contribuiu a maneira como decorrerem os trabalhos no serviço de V. Ex^{ta}.

FIGURA 63

CARTA DO DR. LOPES SOARES AO DR. COSTA QUINTA EM 1950 POR OCASIÃO DA VISITA DO DR. MACINTOSH

PRIMEIRO CASO DE MORTE PELO CLOROFÓRMIO REGISTRADO EM PORTUGAL

Na Revista Gazeta Médica de Lisboa, em 16 de Janeiro de 1860, vem relatado o primeiro caso de morte pelo clorofórmio, registado em Portugal. O artigo começa por referir que o clorofórmio já tem feito um certo número de vítimas e que em França e Inglaterra esse número ascende acima de 120.

Este caso é o relato dado ao Jornal pelo Sr. EMÍLIO SEVERINO DE AVELLAR, destacado aluno da Escola, a quem o doente pertencia. O doente era João Ferreira de Matos, de 29 anos e tinha sido internado para a extracção de dois pequenos quistos da pálpebra superior.

A administração de clorofórmio foi realizada pelo Sr. Dr. Maduro, um facultativo brasileiro que estava presente na sala. Segundo o relato, o colapso foi imediato, tendo o doente falecido em dois minutos. Segue-se o relato das tentativas de reanimação e da posterior autópsia.

A conclusão do artigo é que nas operações pequenas, não se deve descurar, ainda que raros, os perigos do uso do clorofórmio que se deveria analisar muito bem o estado do coração e dos pulmões antes do emprego desta droga.

A MEDICINA CONTEMPORÂNEA E A OTORRINOLARINGOLOGIA

A partir do dia 7 de Janeiro de 1883, iniciou-se a publicação da revista: "A MEDICINA CONTEMPORÂNEA" que se veio a tornar no mais importante periódico português de medicina do final do Século XIX. A Redacção era composta pelo Prof. Manuel Bento de Sousa, Presidente, e os redactores eram o Prof. António Maria de Senna; Bettencourt Raposo; Curry Cabral; Daniel Mattos; J. A. Serrano; Miguel Bombarda; Oliveira Feijão; Sabino Coelho; Sousa Martins; V. de Saboya e o Dr. Carlos Tavares. Na nota introdutória são referidos os seguintes objectivos da Revista:

"Dar conta dos adiantamentos da sciencia no Estrangeiro, pôr em relevo os factos e estudos Portugueses, e advogar todas as reformas úteis que digam respeito à Medicina e seu exercício entre nós."

O primeiro trabalho publicado foi um estudo anatómico sobre o Nervo de Wrisberg, por CARLOS TAVARES. Este estudo prolongou-se ao longo de 46 números da revista e só terminou em 11 de Novembro desse Ano. Este trabalho foi publicado sobre a forma de Livro, com o título "O NERVO DO GOSTO OU DE WRISBERG (INTERMEDIÁRIO)", Tese inaugural à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, por Carlos Tavares em 1883. A 3ª parte do Livro intitula-se "O

Nervo Gustativo de Souza" em que Carlos Tavares procura provar a existência de uns pequenos nervos, relacionados com os nervos petrosos profundos e com os superficiais a que chamou Nervos Gustativos de Sousa.

No jornal, A MEDICINA CONTEMPORÂNEA de 11 de Agosto de 1895, encontro sob o título de "TUMOR NO CEREBELLO" um artigo de CARVALHO DE FIGUEIREDO e de GREGÓRIO FERNANDES, naquela que poderá ser a primeira descrição de um neurinoma do acústico em Portugal.

"A gravura que vae junta a esta observação é de um tumor do cerebello, diagnosticado durante a vida de um individuo que entrou para a enfermaria de S. Francisco em meados de Dezembro e que falleceu passados poucos dias - O doente fôra nos enviado pelo nosso colega Carvalho de Figueiredo, na persuasão de que se tratasse de alguma alteração do ouvido interno."

Eu vi-o em 28 de Setembro, até quando foi tratado por outro medico.

Estava de cama n'um grande estado vertiginoso; eram permanentes as vertigens, até d'olhos fechados e em completa immobildade. Causavam-lhe grande incommodo os ruídos na estrada próxima á casa: dizia que lhe soavam dentro da cabeça. Ouvia bem. Aquellas vertigens eram tão intensas que o doente mal se podia assentar na cama e quando o fazia era de olhos fechados. A claridade agrava-as também.

Tinha fastio completo, desanimo por o seu estado; prizão de ventre, curtos somnos e vômitos frequentes ao tomar alimentos, assim como espontaneamente.

Foi por esse tempo que elle accusou novas alterações auditivas: tinha zumbidos, do lado esquerdo, d'onde quasi não ouvia: um relógio de algibeira só o percebia quasi encostado á orelha; daquelle lado não accusava também os estalidos provocados pelos processos d'exploração de Toynbee e de Valsalva. Havia pois também obstrucção da trompa d'Eustachio esquerda.

Seguidamente foi tomando mais forças. Dormia bem. Cesaram os zumbidos; ouvia um pouco melhor; o coração chegava a não dar falhas durante 3 e 4 minutos; os vômitos da manhã faltavam ás vezes; havia dias até em que nenhum vinha e o estado vertiginoso diminuía, a ponto do doente passear pelo quintal e por casa, encostado a dois paus (um em cada mão).

Eis o que me ocorre relativo ao homem, cuja titubeação procurei estudar, mas da qual não achei descripção conveniente, nos livros que consultei e nunca tinha observado."

Termina aqui a primeira parte do artigo, a partir daqui o doente foi enviado para a enfermaria do Dr. GREGÓRIO FERNANDES no Hospital de S. José e é este Médico que continua o artigo:

"A observação a que procedemos veio nos demonstrar que se tratava de um tumor do cerebello e não de qualquer alteração do lado do ouvido. O exame feito com o especulo nada



FIGURA 64
"A MEDICINA CONTEMPORANEA" ANO 1 - Nº1

revelava do lado do typographo que apresentava a transparência e posição normaes. As trompas estavam permeáveis n'esta occasião. A função auditiva estava ligeiramente diminuída. Não havia dor de ouvidos ou outro symptoma que indicasse alterações profundas no ouvido interno.

O doente podia-se sentar na cama sem maior dificuldade, sem sentir grande perturbação e apenas uma ou outra vez tinha vômitos.

Os músculos motores de baixo parciam paréticos, porquanto o doente não fazia os movimentos de rotação.

Havia também uma certa parésia dos músculos posteriores da cabeça. A sensibilidade estava perfeita e faculdades intellectuales integras. Quando porem se levantava da cama havia grande titubeação; as pernas, apesar de terem grande vigor, dobravam-se facilmente, indo ora para o lado direito, ora para o esquerdo sem que o doente podesse obstar a estes movimentos desordenados, precisando-se apoiar em duas bengalas, e contudo, isto não succedia por falta de força muscular, pois quando deitado, a contração dos músculos da coxa e da perna fazia-se com facilidade."

O doente faleceu na enfermaria passados poucos dias e é referido o resultado da autópsia:

"A autópsia, feita às 24 horas proxivamente, nada digno de menção, apresentava nos diversos órgãos e aparelhos – a não ser na cavidade craneana: Aberto o craneo viu-se intensa congestão da dura mater que contrastava de um modo notável com a normal vascularização do encephalo.



FIGURA 65
JORNAL "A MEDICINA CONTEMPORANEA" DE 11 DE AGOSTO DE 1895

O cérebro normal, com as suas circumvoluções bem accentuadas e duras ao toque. As diversas secções do cérebro mostram a perfeita integridade d'este órgão. Os ventrículos com pouca sorsosidade. Cerebello normal na parte superior; na parte inferior apresentava um tumor do tamanho de um avellã arredondado de uma certa dureza, collocado no lado direito e próximo da linha média. O tumor enviava finos prolongamentos que se dirigiam para o calamus. A analyse histológica classificou-o de glioma."

Penso estarmos perante a primeira descrição de um tumor do ângulo Ponto Cerebeloso (que poderá ser um Neurinoma do Acústico) numa revista portuguesa.

Curiosamente, apenas 3 anos depois encontro um trabalho com referência à Otorrinolaringologia, em 18 de Novembro de 1888, sobre o tratamento da Otite Média pelo Ácido Láctico, baseada numa referência a um autor estrangeiro.

Em 1889, aparece o primeiro artigo original sobre Otorrinolaringologia com um artigo intitulado "APONTAMENTOS A RESPEITO DAS AMYGDALITES INFECIOSAS", de Bettencourt Raposo. Ainda nesse ano, em Abril de 1889, vem uma referência curiosa a que M. Neller em França, em 20 autópsias a crianças com menos de 2 anos, encontrou sempre líquido no Ouvido Médio bilateralmente, encontrou microrganismos em 50% delas, sendo os mais frequentes, o *Streptococcus pyogenes* (13 vezes); o *Staphylococcus aureus* (9 vezes); o *Pneumococcus* (5 vezes), referindo serem estas as mesmas proporções que encontrava nos adultos.



FIGURA 66

"MEDICINA CONTEMPORANEA" DE 11 DE AGOSTO DE 1895
IMAGEM DO TUMOR

Durante o Ano de 1890 apenas uma referência aos ouvidos, sendo referido o caso de uma complicação de uma Otite Média, num doente com cefaleias, vômitos, náuseas e vertigens, tendo sido feita uma trepanação intracraniana e puncionado o lóbulo direito do cerebelo, de onde saiu um pus fétido, tendo sido deixado um dreno; infelizmente o doente que pareceu ter uma melhoria nas primeiras horas, faleceu no dia seguinte.

Em 18 de Outubro de 1891, no ano IX, nº 42 desta revista surge um artigo, de J. Theotónio da Silva, intitulado "GARROTILHO, TRACHEOTOMIA, CURA", onde descreve um caso de Crup laríngeo em que realizou uma traqueotomia numa criança de 5 anos. A curiosidade do caso refere-se à utilização do clorofórmio, diz Theotónio da Silva:

"Porque empreguei neste caso o chlorofórmio, que até agora nunca tinha usado nas outras 22 operações de tracheotomia que praticava desde 1851?" Em Portugal já era desde 1846, empregado o ether sulfúrico e desde 1847, o chlorofórmio em todas as operações, sobretudo nas de alta cirurgia. No entanto, nas crianças, eu não me atrevia a usar narcóticos e mais tarde não anestesiéi os meus operandos, porque notei que os meus doentes que estavam na 3ª fase do Crup não davam mostras de sensibilidade no pescoço, interrogados depois da operação, disseram que nenhuma dor tinham sentido."

No entanto, neste caso, como as falsas membranas foram muito precoces, Theotónio decidiu avançar para traqueotomia antes da anestesia própria da 3ª fase do Crup, pelo que anestesiou a criança. O artigo termina com uma estatística das traqueotomias realizadas por Crup em Por-

tugal, segundo um artigo do Prof. António Maria Barbosa em 1873, ou seja, 16 anos antes:

"Na sessão de Junho de 1873, o Professor Barbosa comunicou que tinha reduzido 23 traqueotomias com 9 casos de cura e que Theotónio tinha realizado 21 casos com 8 de cura, termina referindo que tinha conhecimento de que até aquela data, mais 15 operações de traqueotomia realizadas por outros colegas, nas quais 4 resultaram em cura, em que foram operadores Henriques Teixeira, Jorge Gualdino Carvalho, Teixeira Marques e Alves Branco."

O artigo continua dizendo que o Dicionário Déchambre em França, referindo-se à estatística Portuguesa, achava que os dados eram pouco fiáveis, contrapondo Theotónio com erros no artigo e mostrando uma falsa estatística publicada em França sobre o cancro do colo do útero em que o autor duplicou os dados, foi desmentido e nunca contrapôs argumentos. Eram assim, na época, as polémicas sobre números e resultados.

OUTRAS PUBLICAÇÕES NA ÁREA DA OTORRINOLARINGOLOGIA NO FINAL DO SÉCULO XIX

É no final da década de 80 do século XIX que vão começar a aparecer, com mais regularidade, artigos relacionados com a Otorrinolaringologia, escritos por autores Portugueses. No Jornal da Sociedade das Ciências Médicas e na Medicina Contemporânea, iam surgindo, de forma muito regular, as novidades nesta área, mas traduzidas principalmente dos Jornais Franceses. Igualmente, nas Faculdades de Medicina, surgiam Dissertações Inaugurais sobre esta área. Tive acesso a duas da Escola Médico-Cirúrgica do Porto e duas da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

Em 1888, é publicada uma Dissertação Inaugural da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, apresentada por PEDRO NUNES DE SOUSA sobre "RESSECÇÃO DO MAXILAR SUPERIOR."

Em 1889, uma das Dissertações apresentadas nesse ano à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa é sobre "OTITE MÉDIA PURULENTA E SEU TRATAMENTO", por FREDERICO GUILHERME TEIXEIRA BASTOS. Na sua Dissertação fala de vários Médicos estrangeiros, como Politzer, Wilde, Troelstch, Toynbee, Schwartz, discutindo os vários tratamentos, que estes autores empregavam. Nos casos clínicos, refere de início um caso do Dr. LUIZ DA CÂMARA PESTANA, que só se levantou no 60º dia e ficou curada ao 95º dia da doença. Depois de vários casos pessoais descreve um caso numa doente do Dr. Gregório Fernandes, que realizou uma Paracentese do Tímpano com uma faca utilizada para as Cataratas. Termina com um agradecimento ao Dr. Gregório Fernandes, que pôs à sua disposição os livros que precisava de consultar e lhe tinha fornecido doentes da sua Enfermaria.

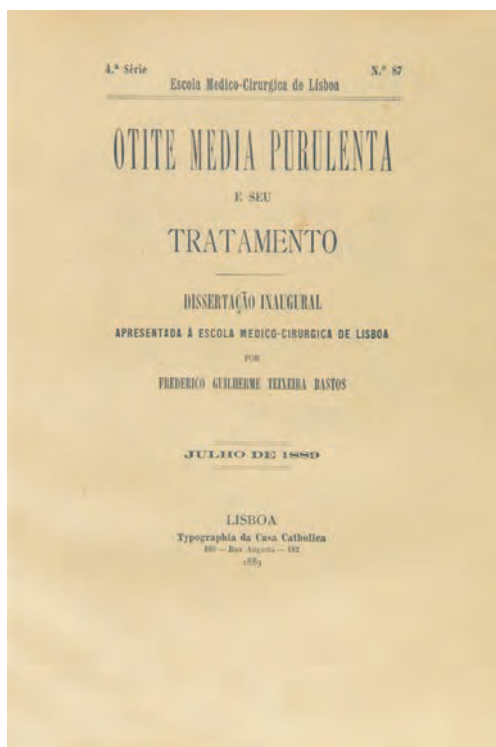


FIGURA 67

DUAS DISSERTAÇÕES INAUGURAIS DAS ESCOLAS MÉDICO-CIRÚRGICAS DO PORTO E DE LISBOA "RESECCÃO DO MAXILLAR SUPERIOR" POR PEDRO NUNES DE SOUSA EM 1888 E "OTITE MÉDIA PURULENTA E SEU TRATAMENTO" POR FREDERICO GUILHERME TEIXEIRA BASTOS EM 1889

AVELINO MONTEIRO E A IMPORTÂNCIA DA LARINGOLOGIA

Em 13 de Dezembro de 1891, na Revista Medicina Contemporânea, nº 50 Ano IX, AVELINO MONTEIRO publica um artigo muito curioso sobre Laringologia que considera ser o primeiro sobre Laringologia publicado em Portugal, eis o texto:

"Ao apresentarmos a observação que adiante publicamos, não temos outro intuito que não seja o de chamar a atenção dos nossos collegas para a necessidade que há em fazer sempre o exame laryngoscópico de qualquer doente, em todos os casos em que se apresente com alteração da voz. De tal exame feito opportunamente, evitam-se muitas vezes verdadeiros desastres. Não existindo também em Portugal, que saibamos nenhum trabalho sobre laryngologia, é possível que da simples publicação desta modesta quanto desprezenciosa observação, algumas vertigens para que se generalize no paiz tão precioso methodo de investigação."

Segue-se uma descrição pormenorizada do caso clínico, com as várias etapas de diagnóstico das várias laringoscopias efectuadas e a decisão, ao supor a natureza benigna do tumor é de realizar uma cirurgia endolaringea, com pinças de forma tubular, tal como eram usadas na Alemanha. Diz Avelino Monteiro:

"Quase ao findar a terceira sessão preparatória tivemos a felicidade de ver o tumor entre os ramos da pinça e poder agarrá-lo, facto este que raras vezes succede antes de se terem feito um maior número de sessões."



FIGURA 68

FRANCISCO AVELINO MONTEIRO (1859 - 1937) ABRIU UMA CONSULTA DE OTORRINOLARINGOLOGIA NO HOSPITAL D. ESTEFÂNIA, EM 1892

O artigo prossegue referindo que: “Na reobservação do doente se notou que a sede do tumor não era na comissura anterior, mas sobre a parte anterior da corda vocal direita, no seu bordo livre.” Para terminar refere: “Continuámos a ver o doente, três vezes por semana, e nessas ocasiões tocávamos-lhe as cordas vocais e especialmente a ponta espessada com um soluto de chloreto de zinco, por meio de um estylete a cuja extremidade se enrola um pouco de algodão hydrophilo, isto feito sempre sobre a direcção do Laryngoscópio, actualmente o doente está de todo restabelecido e com a voz natural.”

Penso que esta descrição tem todo o interesse para se ter a noção de como se tratavam estas patologias no final do Século XIX, além de ser um dos primeiros artigos sobre o tema, publicado entre nós.

FRANCISCO AVELINO MONTEIRO, nasceu em 1859 e faleceu em 17 de Dezembro de 1937. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e especializou-se em Otorrinolaringologia em Berlim e em Viena de Áustria. **Abriu uma consulta de Otorrinolaringologia no Hospital D. Estefânia, em 1892, na Enfermaria de Santana.** Regressou depois ao Hospital de S. José, onde dirigiu a Consulta de Otorrinolaringologia até 1929.

Exerceu durante quarenta anos, a Direcção da Enfermaria de Sousa Martins no Hospital de S. José, sendo considerado o nosso primeiro Especialista de Otorrinolaringologia. Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, foi indigitado para Ministro de Portugal, em Berlim.

Em 1892, é publicada uma Dissertação Inaugural na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, apresentada por MANUEL AUGUSTO DIAS MILHEIRO sobre “ETIOLOGIA, PATHOGENIA E TRATAMENTO DAS ANGINAS AGUDAS.”

É curioso vermos como se tratavam as Anginas antes da era dos antibióticos. Refere o autor que a causa das anginas eram microrganismos – o *Streptococcus pyogenes*, o *Staphylococcus* dourado ou branco, ou os dois em conjunto. Depois de várias referências a causas possíveis da doença e a sua distribuição geográfica e etária, o autor refere qual o tratamento aconselhado:

“Não se tem descoberto até hoje medicação específica da febre tonsilar, as emissões sanguíneas e as sanguessugas estão hoje completamente postas de parte, sendo de utilizar os anti-sépticos sob a forma de gargarejo, tais como a morfina e os brometos dissolvidos em glicerina, ou as preparações de coca que são muito úteis nas anginas dolorosas...”

Em Julho de 1895 GUILHERME GODINHO faz a sua Dissertação Inaugural da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa com o tema “DIAGNÓSTICO DAS LESÕES DO OUVIDO PELO DIAPASÃO.”

Dedica a sua Dissertação ao Dr. Gregório Rodrigues Fernandes e ao Dr. Avelino Monteiro.

Refere o autor que o assunto do seu trabalho, foi-lhe lembrado pelo Dr. Gregório Fernandes, referindo de seguida, que desde há dois anos, ou seja, **desde 1893, que seguia**



FIGURA 69

DISSERTAÇÃO INAUGURAL DE GUILHERME GODINHO EM 1895 COM O TEMA: “DIAGNÓSTICO DAS LESÕES DO OUVIDO PELO DIAPASÃO”

na Policlínica de Lisboa no serviço das “Doenças da Larynge, ouvidos, fossas nasais e bocca”, as consultas nesta área do Dr. Gregório Fernandes, de onde se conclui que Gregório Fernandes, pelo menos desde 1893, já tinha uma consulta de Doenças da Laringe, ouvidos, fossas nasais e boca.

O autor, no final, volta a agradecer ao Dr. Avelino Monteiro, o valioso auxílio que lhe prestou nas observações que fez nos doentes que se iam tratar na Consulta Externa do Hospital de S. José, dizendo que o Dr. Avelino Monteiro dirigia a Consulta de Otologia. Logo em 1895 (ou talvez antes), no Hospital de S. José, Avelino Monteiro tinha uma consulta de Otologia.

GREGÓRIO RODRIGUES FERNANDES, era Médico-Cirurgião pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, nasceu em Salvaterra de Magos, em 4 de Abril de 1849 e faleceu em Lisboa, em 1906. Terminou o curso em 1878, foi nomeado Cirurgião do Banco de S. José, nesse ano, e em 1888 ficou como Director de Enfermaria. Foi Presidente da Sociedade de Ciências Médicas (1903 - 1905), presidiu à 12ª Sessão do Congresso Médico de Lisboa 1906.

Dirigia o Serviço de Doenças da Laringe, Ouvidos e Fossas Nasais e Boca na Policlínica de Lisboa, desde pelo menos 1893, tal como já referi. Publicou vários trabalhos, entre os quais “As ressecções e a sua importância cirúrgica em 1878 - Patogenia da Febre Reumática”, 1875. Em sua homenagem foi dado o seu nome a uma das enfermarias do Hospital de S. José.



FIGURA 70

GREGÓRIO RODRIGUES FERNANDES (1849 - 1906) DIRIGIA O SERVIÇO DE DOENÇAS DA LARINGE, OUVIDOS E FOSSAS NASAIS E BOCA NA POLICLÍNICA DE LISBOA, DESDE 1893

O Dr. Gregório Rodrigues Fernandes, apresenta na Sociedade de Ciências Médicas, em 1891, dois casos de trépano cerebral e, em Março de 1897, descreve a maneira de efectuar cirurgias ao ouvido, apoiando-se no perfeito conhecimento anatómico e referindo as técnicas de autores da sua época, como Slacke, Politzer, Moure, Horseley, Broca e Maubrac. Apresenta ainda as complicações endocranianas da cárie do rochedo (designação do colesteatoma).

Em 1894 é lançada uma nova revista intitulada “REVISTA DE MEDICINA E CIRURGIA” e no seu corpo redactorial vamos ter: ALFREDO DA COSTA, J. DE MELLO VIANA, L. DA CÂMARA PESTANA e AVELINO MONTEIRO, que vem referenciado como Médico dos Hospitais e **Director da Consulta de Laringologia e Otologia no Hospital de S. José**, e ainda AUGUSTO DE VASCONCELLOS como Secretário da redacção.

Na Revista de 10 de Fevereiro de 1894, Avelino Monteiro publica um trabalho sobre “TIROTOMIA E AS SUAS INDICAÇÕES”. Em 10 de Maio do mesmo ano publica “CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS ABCESSOS CHRONICOS DA AMYGDALA”. Em 25 de Fevereiro de 1895 publica na mesma Revista - Tomo III, um artigo sobre o “SANATÓRIO DE DAVOS E A SERRA DA ESTRELA.”

Em 1899 é lançada uma nova revista intitulada “REVISTA DE MEDICINA E CIRURGIA” e no seu corpo redactorial vamos ter o Prof. Dr. Alfredo da Costa, Prof. Dr. Melo Viana, Prof. Dr.

Câmara Pestana e o Dr. AVELINO MONTEIRO. Este vem referenciado como médico dos Hospitais e Director da Consulta de Laringologia e Otologia do Hospital de S. José.

Entretanto, MANUEL DIOGO DE VALLADARES publica no nº 4 da “REVISTA PORTUGUESA DE MEDICINA E CIRURGIA PRÁCTICAS”, cujo primeiro número saiu a 1 de Novembro de 1896, publicação quinzenal dirigida por ALFREDO LUIZ LOPES, um artigo intitulado “HYPERTROFIA DA AMYGDALA LINGUAL” e é referido como Médico pertencente à Faculdade de Medicina de Paris, Especialista de doenças da garganta, nariz e ouvidos.

Em 1897, sai outro artigo do Dr. Manuel Diogo Valladares sobre o “TRATAMENTO DOS EMPYEMAS DO SEIO MAXILAR”. Neste trabalho é feito um estudo exaustivo das técnicas cirúrgicas para a cura das sinusites maxilares purulentas crónicas, sendo referidas a perfuração do meato médio, perfuração do meato inferior, perfuração alveolar e por último a perfuração da fossa canina, seguida da descrição das lavagens que deveriam ser feitas.

Durante a vigência desta revista que durou até 1907, apenas foram publicados mais dois artigos de Otorrinolaringologia, ambos de Diogo Valladares.

Na “Medicina Contemporânea” de 18 de Setembro de 1898, nº 38 é feita uma descrição das diferentes Escolas Médicas e dos Hospitais existentes no nosso País num artigo intitulado “NÚMERO DOS ESTUDANTES E GUIA MÉDICO EM PORTUGAL” São descritos o Ensino Médico e os Serviços Assistenciais de modo exaustivo.

Ficamos a saber quais as cadeiras e os livros recomendados em todas as Escolas de Medicina do País e, os diferentes cursos que os alunos poderiam efectuar, o modo de organização dos Hospitais etc.

Em relação à Otorrinolaringologia encontro referências no capítulo dos HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA, sendo referido:



FIGURA 71

O PRIMEIRO NÚMERO DA “REVISTA DE MEDICINA E CIRURGIA” DE 1894 E DA “REVISTA PORTUGUESA DE MEDICINA E CIRURGIA PRÁCTICAS” DE 1897

"No HOSPITAL DE D. ESTEPHANIA na Enfermaria de Santa Anna (Mulheres) o Director é o Dr. FRANCISCO FIGUEIRA FREIRE, o Assistente FRANCISCO AVELINO MONTEIRO. Uma parte da enfermaria é destinada a uma consulta de doenças da Garganta."

"No HOSPITAL DE S. JOSÉ, na Consulta Externa, o Dr. AVELINO MONTEIRO dá consultas das doenças da Larynge, Fossas Nasaes e Ouvidos às Terças, Quintas e Sábados, das 9h às 10 da manhã."

Não encontrei qualquer outra referência a consultas de Otorrinolaringologia, nem na cidade do Porto ou em Coimbra, nem nas clínicas privadas que também estão descritas neste artigo.

Em 1 de Abril de 1898, no Nº 35 do 2º ano sobre o "TRATAMENTO ACTUAL DA OZENA", Diogo de Valladares vem referido como Médico do Hospital de S. José.

E o último artigo sobre ORL vai ser publicado em 1899, no dia 15 de Agosto no 3º ano, Nº 67, sobre "PERÍODO PRO-DROMICO DA TUBERCULOSE LARYNGEA" por Diogo de Valladares, referido como médico do Hospital de S. José de Lisboa etc.

MANUEL DIOGO DE SOUSA LEITE VALLADARES, nasceu em Oura (Chaves), em 19 de Dezembro de 1867 e morreu em Lisboa a 27 de Outubro de 1939. Formou-se e doutorou-se em Medicina na Universidade de Paris, em 1895. Especializou-se em Otorrinolaringologia em Paris e veio para Portugal, sendo nomeado, após provas públicas, para o Hospital de S. José em 1897. Em 1899 era nomeado Director da Enfermaria, em 1912 inaugurou uma consulta de Otorrinolaringologia no Hospital de S. José que era a terceira, pois já existiam as consultas do Dr. Avelino Monteiro e a do Dr. João Sant'Anna Leite.



FIGURA 72

MANUEL DIOGO DE SOUSA LEITE VALLADARES (1867 - 1939)



FIGURA 73

JORNAL EDITADO PELOS ALUNOS DE MEDICINA NO FINAL DO SÉC. XIX E PRINCÍPIO DO SÉC. XX



FIGURA 74
HOSPITAL DE DONA ESTEFANIA - ASPECTO DE UMA DAS ENFERMIARIAS NO INICIO DO SÉC. XX

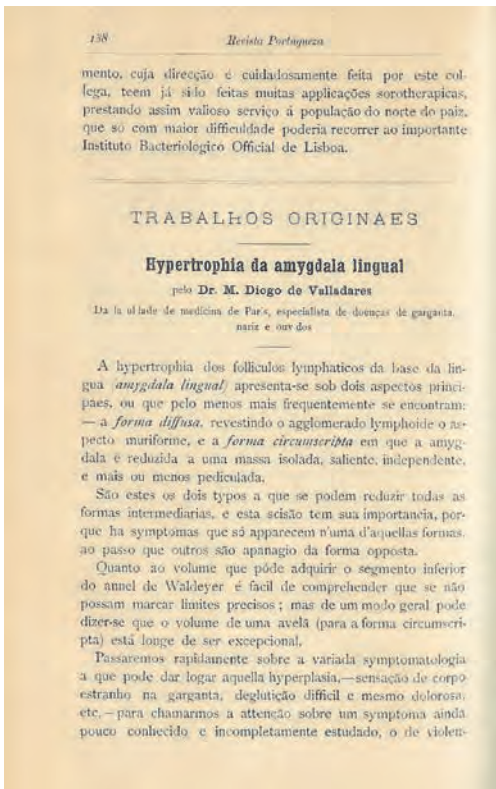


FIGURA 75
TRABALHOS ORIGINAIS DE MANUEL DIOGO VALLADARES

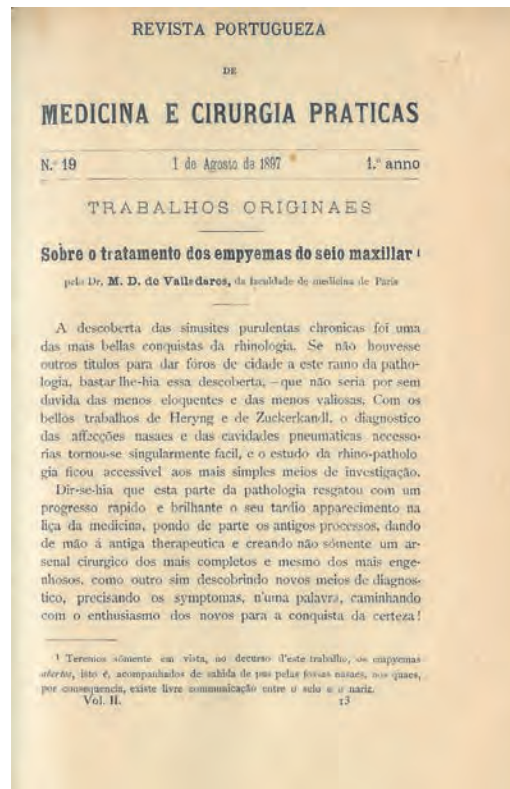


FIGURA 75
TRABALHOS ORIGINAIS DE MANUEL DIOGO VALLADARES

Manuel Diogo Valladares foi durante muitos anos Professor de Higiene em diversas escolas industriais. A ele se deve a organização da Identificação Criminal no nosso país, e das impressões digitais.

Foi o criador da Identificação Civil em Portugal, dirigiu durante muitos anos o ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO DE LISBOA. Em Janeiro de 1919, na 1ª Clínica Cirúrgica, publicou um livro de 70 páginas sobre Mastoidites Agudas.

Em 3 de Março de 1901 na Revista Medicina Contemporânea, nº 9 Ano XIX, AVELINO MONTEIRO publica um artigo na secção de Trabalhos Originiais com o título "MASTOIDITES PURULENTAS AGUDAS." Neste artigo é feita uma revisão das otites médias purulentas e das suas complicações, referindo o autor, citando Politzer, que nas autópsias destes doentes se encontrava sempre pus na mastóide.

Refere depois vários casos clínicos que tinha operado com os colegas RAVARA e LOBO ALVES num caso e outro com JOSÉ AMADO e com SALINAS.

Diz que já operou 25 casos de mastoidites agudas, mas só num caso não encontrou ruptura do tímpano.

Como conclusão do artigo escreve:

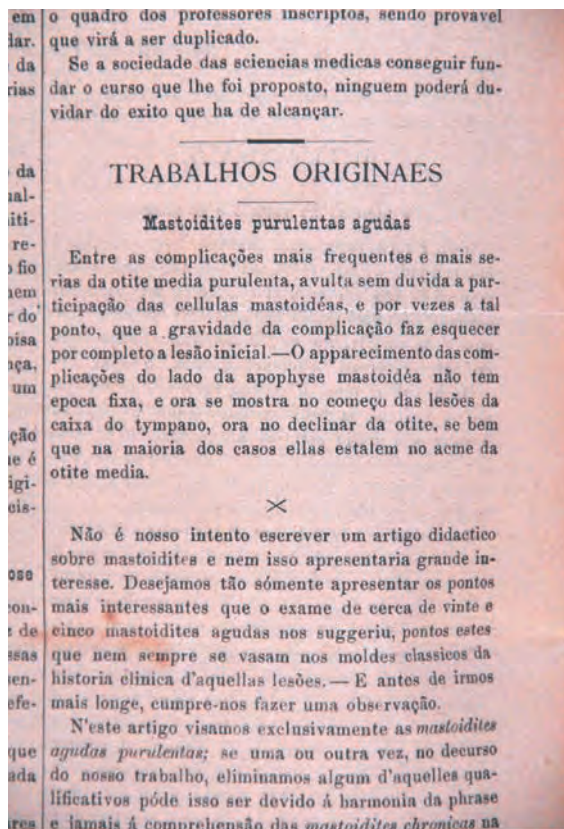


FIGURA 76

MASTOIDITES PURULENTAS AGUDAS - ARTIGO DE AVELINO MONTEIRO NA REVISTA MEDICINA CONTEMPORÂNEA, ANO XIX, Nº 9, EM 1901

"A matoidite purulenta bem caracterizada requer um único tratamento efficaz: Atrepanção do antro mastoidéo.

Finalmente as mastoidites agudas purulentas sem a menor reacção dolorosa: São talvez as mais graves e é contra ellas que se deve estar constantemente em expectativa armada."

JOÃO SANT'ANNA LEITE nasceu em Alcantarilha, no Algarve em 21 de Setembro de 1870 e morreu em Lisboa a 14 de Novembro de 1941. Concluiu o curso de Medicina na extinta Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, defendendo a tese em 1898 com o título "ALGUMAS PALAVRAS SOBRE TRAUMATISMOS DO FÍGADO POR CONTUSÃO. TRATAMENTO CIRÚRGICO."

Em 1899, precedendo concurso de provas públicas, foi nomeado Médico efectivo da Junta Consultiva dos Hospitais Civis de Lisboa e promovido a Assistente do Serviço Médico por decreto de 18 Julho de 1901. Em 1899 e 1900 esteve em comissão gratuita de serviço público na Alemanha e em França a fim de se especializar em Otorrinolaringologia.

No final de 1900, de regresso a Lisboa, iniciou uma Consulta de Otorrinolaringologia do Hospital de S. José, sendo nomeado seu Director em 1906. Em 1912 foi elevado a Director de Enfermaria e por decreto de 7 de Fevereiro de 1929, designado para Director do Serviço de Otorrinolaringologia dos Hospitais, aquando da criação do Serviço de ORL do Hospital dos Capuchos, foi transferido para aquele hospital.

Em 1901 foi encarregado, pela Sociedade de Ciências Médicas, de dar aulas práticas de ORL para Médicos, incluídas nos cursos de aperfeiçoamento, então criados por aquela Sociedade.

Em 1909, por decisão do Conselho Escolar da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, regeu um curso de Otorrinolaringologia para o 5º Ano Médico. Foi sócio titular da Sociedade de Ciências Médicas e da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais.

Realizou, pela primeira vez em Portugal, as operações de Esvaziamento petromastoideu e laringectomia total. Entre outros trabalhos publicou "UM CASO DE COLESTEATOMIA DO ANTRO-MASTOIDEU" no Jornal da Sociedade de Ciências Médicas, tomo LXVI de 1902; "TRINTA CASOS DE INTERVENÇÃO SOBRE A APÓFISE MASTOIDEIA" na Medicina Contemporânea em 1906 - trabalho apresentado no XV Congresso Internacional de Medicina realizado em Lisboa em 1906; "PANSINUSITE, CURA", no Jornal da Sociedade de Ciências Médicas em 1910; "EXTIRPAÇÃO TOTAL DA LARINGE" no J.S.C.M., Lisboa em 1910; "FIBROMIXOMA DA NASO-FARINGE" etc.



FIGURA 77
 JOÃO SANT'ANNA LEITE (1870 - 1941) REALIZOU PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL AS OPERAÇÕES DE ESVAZIAMENTO PETRO-MASTOIDEU E LARINGECTOMIA TOTAL, E UMA DAS SUAS PUBLICAÇÕES

HISTÓRIA E POLÊMICA SOBRE A PRIMEIRA MASTOIDECTOMIA RADICAL REALIZADA EM PORTUGAL

O conhecimento de quem realizou as primeiras mastoidectomias radicais entre nós, vem de uma polémica curiosa que teve lugar nas páginas da Medicina Contemporânea, em 1902, entre João Sant'Anna Leite e Gregório Fernandes. Era o seguinte artigo:

“Na sessão de 31 de Maio de 1902, da Sociedade das Ciências Médicas, Sant'Anna Leite referiu algumas operações por ele praticadas em doentes portadores de otites crónicas e disse que julgava serem as primeiras feitas em Lisboa. O Sr. Francisco Gentil diz que o caso a que se referiu Sant'Anna Leite vem publicado no nº 9 do Boletim de Estatística do Hospital de S. José. A doente entrou para a Enfermaria da clínica escolar e fez-se-lhe o diagnóstico de mastoidite supurada, abcesso do cérebro e abcesso do cerebello. Foi trepanado três vezes, da última não se chegou a abrir o abcesso do cerebello porque se encontrou a Dura Mater com aspecto e pulsações normais. Na Autópsia encontrou-se um abcesso no cerebello do volume de uma avelã.”

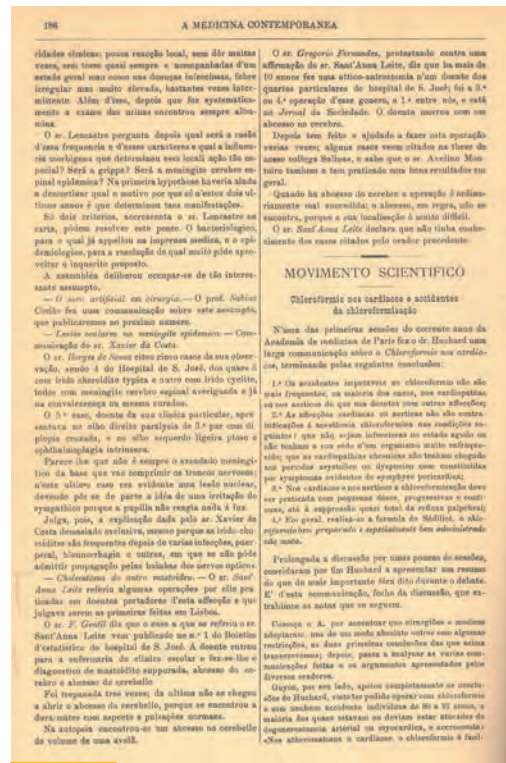


FIGURA 78
 PÁGINA DA MEDICINA CONTEMPORÂNEA COM A POLÊMICA SOBRE A PRIMEIRA MASTOIDECTOMIA RADICAL REALIZADA EM PORTUGAL

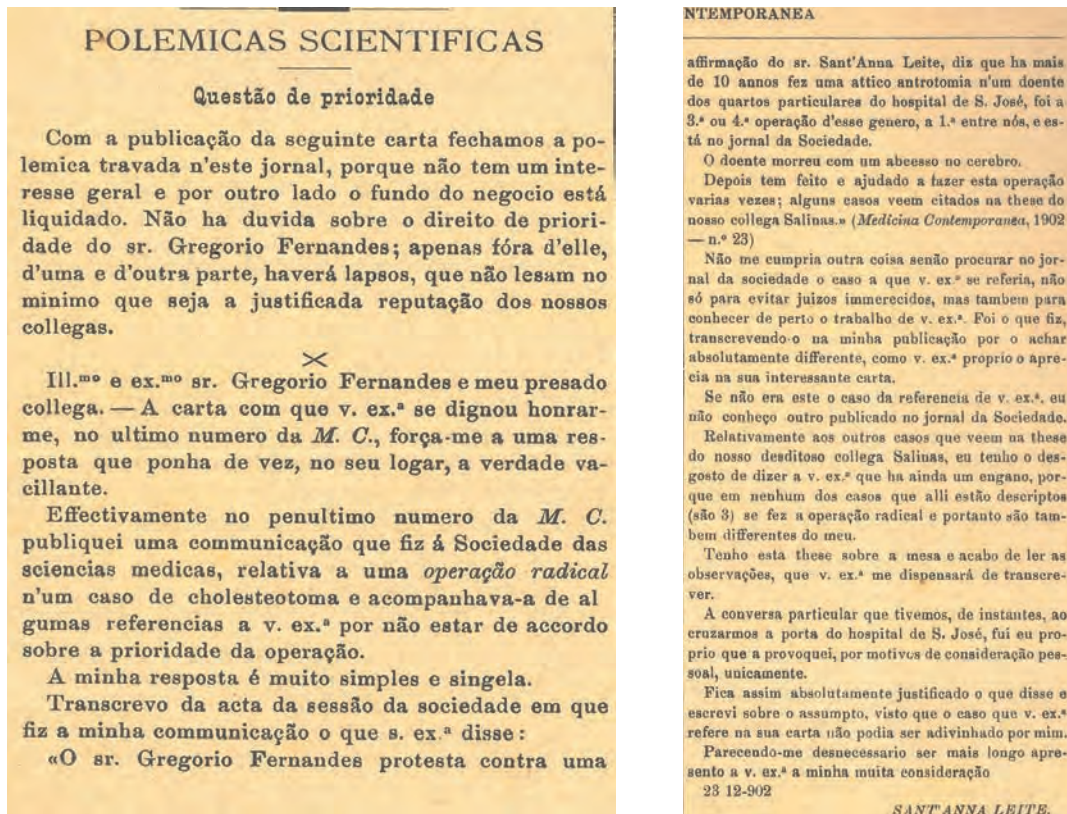


FIGURA 79

PÁGINA DA MEDICINA CONTEMPORANEA COM A POLÊMICA

O artigo continua:

“O Sr. Gregório Fernandes protestando contra uma afirmação de Sant’Anna Leite, diz que há mais de dez anos, fez uma Atico-Antrectomia num doente dos quartos particulares do Hospital de S. José, foi a terceira ou quarta operação desse género, a primeira entre nós, e está no Jornal da Sociedade. O doente morreu com um abscesso do cérebro. Depois tem feito e ajudado a fazer esta operação várias vezes alguns casos vêm citados na Tese do nosso colega Salinas e sabe que o Sr. Avelino Monteiro também a tem praticado com bons resultados em geral.

Quando há abscesso no cérebro a operação é ordinariamente mal sucedida, o abscesso em regra, não se encontra, porque a sua localização é muito difícil.”

O Dr. Sant’Anna Leite declara que não tinha conhecimento dos casos citados pelo orador precedente.

Aparentemente o assunto parecia ter ficado por aqui, mas na Edição de 14 de Dezembro de 1902 da Medicina Contemporânea, página 404, encontro um artigo com o título de “UM CASO DE CHOLESTEATOMA PRIMITIVO DO ANTRO MASTOIDEU DIREITO - OPERAÇÃO RADICAL” por João Sant’Anna Leite.

Pelo interesse histórico e médico, vou transcrever os pontos principais do artigo de Sant’Anna Leite:

afirmação do sr. Sant’Anna Leite, diz que ha mais de 10 annos fez uma attico antrotomia n’um doente dos quartos particulares do hospital de S. José, foi a 3.ª ou 4.ª operação d’esse genero, a 1.ª entre nós, e está no jornal da Sociedade.

O doente morreu com um abscesso no cerebro.

Depois tem feito e ajudado a fazer esta operação varias vezes; alguns casos veem citados na these do nosso collega Salinas.» (*Medicina Contemporanea*, 1902 — n.º 23)

Não me cumpria outra coisa senão procurar no jornal da sociedade o caso a que v. ex.ª se referia, não só para evitar juizos immerecidos, mas tambem para conhecer de perto o trabalho de v. ex.ª. Foi o que fiz, transcrevendo o na minha publicação por o achar absolutamente differente, como v. ex.ª proprio o aprecia na sua interessante carta.

Se não era este o caso da referencia de v. ex.ª, eu não conheço outro publicado no jornal da Sociedade.

Relativamente aos outros casos que veem na these do nosso desditoso collega Salinas, eu tenho o desgosto de dizer a v. ex.ª que ha ainda um engano, porque em nenhum dos casos que alli estão descriptos (são 3) se fez a operação radical e portanto são tambem differentes do meu.

Tenho esta these sobre a mesa e acabo de ler as observações, que v. ex.ª me dispensará de transcrever.

A conversa particular que tivemos, de instantes, ao cruzarmos a porta do hospital de S. José, fui eu proprio que a provoquei, por motivos de consideração pessoal, unicamente.

Fica assim absolutamente justificado o que disse e escrevi sobre o assumpto, visto que o caso que v. ex.ª refere na sua carta não podia ser adivinhado por mim.

Parecendo-me desnecessario ser mais longo apresento a v. ex.ª a minha muita consideração

23 12-902

SANT’ANNA LEITE.

“Na última comunicação que fiz à Sociedade das Ciências Médicas tive a honra de apresentar um doente, que sendo portador de um tumor deste nome, tinha sofrido aquela operação, conseguindo assim a cura. O caso é muito interessante, não só porque o colesteatoma é raro, mas também porque foi necessário recorrer a uma operação que representa a maior intervenção cirúrgica que neste osso do crânio, o temporal, se pode realizar. Este tumor, dá lugar a certa altura da sua evolução, a uma supuração secundária que resistirá a qualquer tratamento, enquanto existir o tumor determinante. A sua principal propriedade é de destruir, por um processo molecular, as paredes ósseas com que está em contacto, e a região onde se desenvolve explica bem como o pus pode ser levado directamente até às meninges e cérebro, seio lateral etc. O tumor é portanto maligno pela sua evolução, embora seja benigno pela estrutura histológica. A operação que fiz”, continua Sant’Anna Leite “não é, como vulgarmente se costuma supor, uma trepanação simples que se limita a, incisar os tegumentos que cobrem a apófise mastóideia, destaca a cortical externa do osso e ir até ao antro mastóideu. A operação radical não consiste nisso, vai mais longe, como adiante se verá, mas sim em esvaziar a apófise e suprimir a parede posterior e parcialmente a superior do Canal Auditivo Externo, ficando assim o ouvido médio e as suas dependências completamente reduzidas a externo. Dai vem o chamar-se à operação ESVAZIAMENTO PETRO-MASTOIDEU.”

“Quando descrevi a operação, tal como executam os especialistas alemães, fiquei verdadeiramente surpreendido ao ouvir o Sr. Gregório Fernandes afirmar que já em 1891 a tinha feito, como constava de uma comunicação, e por mais diligência que faça não encontrei a menor analogia entre a operação que o meu doente sofreu e aquela que o Sr. Gregório Fernandes comunicou à Sociedade na sessão de 4 de Abril de 1891.”

Seguidamente Sant’Anna Leite, descreve o caso clínico do doente que tinha operado, um miúdo de 12 anos com otorreia fétida e pólipos no Conduto Auditivo Externo, e descreve a operação do seguinte modo:

“Em Maio, o doente entra na Enfermaria do Hospital de S. José e é operada a 10. Operação – adormecido o doente pelo clorofórmio, raspada a região e desinfetada, incluindo o Canal Auditivo, uma incisão retro-auricular e arciforme, partindo duma linha horizontal e passando pela inserção superior do pavilhão, veio terminar na ponta da apophyse. O pus do abscesso escoava-se e a cavidade deste é raspada. A rugina põe-me a descoberto a face externa da apophyse onde não há a menor lesão. Descolo o Canal Auditivo, até à membrana do tímpano, mas somente a parede postero-superior. Faço a hemostase. Afastadores mantêm o campo operatório.

Com escopro e martello vou cortando pequenas e delgadas fatias de apophyse, no lugar de eleição para a trepanação simples, e a certa profundidade, aparece no fundo, querendo fazer hérnia, um tumor com a absoluta aparência de uma pérola. Trabalho com o escopro nos limites do tumor, não esquecendo a presença de órgãos que tem de ser poupados. Acho assim o limite do tumor atrás, que se encosta à parede do seio lateral. Faço a ablação da parede superior do Canal Auditivo Externo, de modo que o restante deste fique ao nível do tecto ou parede superior do ático, ficando portanto iluminada a parede externa deste. Faço ablação dos ossinhos, martelo e bigorna estão careados. A parede posterior do Canal Auditivo Externo tem o mesmo destino e o tumor sai então, com toda a facilidade, envolvida na sua membrana. Tinha as dimensões de uma amêndoa... A operação transformou o ouvido médio e externo numa cavidade única e sem divertículos. A parte delicada da operação está terminada, tendo sido poupados o Nervo Facial, o Cérebro e os Canais Semi-circulares. Faço o corte do canal auditivo membranoso, que vai revestir uma parte a intervenção, o resto é coberto por pequenos retalhos de epiderme, estendidos sobre a superfície óssea. Esses retalhos costumo tirá-los do braço, faço depois a sutura da incisão, sendo os pontos tirados aos 12 dias. Todos os pontos futuros são feitos pelo canal. O doente tem alta mês e meio depois da operação, completamente curado, ficando sem a menor alteração estética do ouvido. A audição melhorou consideravelmente, ficando a ouvir a voz baixa a dois metros.

Esta operação só se pode realizar convenientemente com uma iluminação boa, feita em geral com a luz eléctrica. Operando com boa hemostase e com todas as precauções, nunca tivemos de lamentar o menor desastre em todas as operações que temos realizado e já é de algumas dezenas o seu número, como oportunamente teremos ocasião de referir.”



FIGURA 80

JORNAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA INTITULADO: A PARÓTIDA DE 22 DE FEVEREIRO DE 1900

Termina assim o relato da primeira mastoidectomia radical que se realizou no nosso país. Curiosamente os passos não diferem daqueles que hoje realizamos mais de cem anos depois, as condições em que a fazemos é que diferem muito.”

Mas o artigo não termina aqui, seguidamente Sant’Anna Leite transcreveu a comunicação que Gregório Fernandes tinha apresentado na Sociedade das Ciências Médicas, na sessão de 4 de Abril de 1891, e conclui que as duas operações são absolutamente diferentes:

“No caso clínico do Sr. Gregório Fernandes, tratava-se de um suposto abscesso central, que teria vindo complicar a vulgar otorreia. A apophyse mastoideia e o ouvido médio foram poupados, podendo talvez no decorrer da sua exploração cirúrgica lançar na pista da verdadeira localização do abscesso, se elle realmente existia. A minha operação foi determinada pelo diagnóstico firme de um tumor epithelial que obrigou a pôr à vista e a manter assim (porque o tumor algumas vezes se reproduz), o ouvido médio e as suas dependências.”

Gregório Fernandes, ainda no mesmo número da revista, responde com uma carta ao colega dizendo que este se tinha equivocado e que ele tinha feito referência, nunca poderia ter sido confundido com uma mastoidectomia ra-

dical, ou attico-antrotomia, como também era chamada, diz Gregório Fernandes:

“Seria da minha parte uma leviandade inqualificável ou um desconhecimento completo de operações cirúrgicas, que a minha imodéstia, posto que a não tenha por muito grande, não aceito confundir a pré-histórica operação do trépano, com as operações modernas do mastóideu, que hoje ainda apenas atingem a adolescência.” Descreve de seguida o caso clínico de um jovem de vinte anos operado de Attico Antrotomia no dia 12 de Abril de 1894, nesta descrição é referido que todo o canal auditivo tinha sido cortado, mas não são referidos os pormenores da intervenção, não há referência aos ossículos ou à reepitelização da cavidade. Julgo que V. Exa. não poderá pensar por esta descrição incompleta, feita oito anos mais tarde, que estou fantasiando um caso para roubar a prioridade à sua operação, e para garantia do que vai escrito, apelo ao testemunho dos meus ilustres coadjuvadores neste trabalho, os nossos colegas Avelino Monteiro e João Campos.”

Finaliza Gregório Fernandes, relatando que o nome da doença era Cárie do Ouvido Médio e Interno, a causa da doença, a tuberculose e a operação chamada de Kurster.

No dia 28 de Dezembro, no nº 52 da Medicina Contemporânea, Sant’Anna Leite relembra, o que Gregório tinha dito e cita a Tese de Salinas (referido como exemplo), para mais uma vez tentar provar que tanto a cirurgia feita por Gregório Fernandes, como os três casos citados na Tese do Dr. Salinas (não consegui ter acesso a esta Tese), eram diferentes e em nenhum dos casos se fez a operação radical.

Como conclusão, penso que a primeira Mastoidectomia Radical para um caso de Colesteatoma em Portugal foi efectivamente feito por Sant’Anna Leite, embora Gregório Fernandes já fizesse cirurgias da Mastóide, numa das quais teve de eliminar a parede posterior, num caso de tuberculose.



FIGURA 81

RICARDO JORGE EM 1888 PUBLICOU UM TRABALHO PIONEIRO EM PORTUGAL SOBRE A APLICAÇÃO DA ELECTRICIDADE NO DIAGNÓSTICO DAS PARALISIAS FACIAIS

OS SURDOS-MUDOS FALAM!



Atraves-
so uma
porta do
claustro
do collegio
externo da
Casa Pia,
a Santa
Izabel,
desço uma
rampa ao

professor. Larga-se-lhe do fundo da garganta um som rou-
co e debil, alguma cousa parecido com o a o o e grave,
martelado pelas contracções do thorax. Pondo uma das
mãos no peito da creança, o professor esforça-se por con-
ter e regular, por meio de ligeiras pressões, esses abalos
da caixa thoraxica. Effectivamente, o som já sae mais ho-
mogeneo. Mas ainda não é bem um a. Com uma espatula
de marfim, o mestre abaixa-lhe a lingua, que em vez de fi-
car n'uma molleza flacida, inactiva e inerte, procura le-
vantar-se, ficando encostada em arco aos dentes da maxil-
la inferior. Recomeça o alumno a sua expiração. O a já
se precisa mais, toma uma intonação mais perfeita. Con-
secutivamente, o professor repete indefinidamente a expe-

livre, e vejo-me, de repente, diante de uma casa pin-
tada de cinzento, com amplas janellas envidraçadas. é
aqui o nosso instituto de surdos-mudos. Não me dermoam
um minuto; e rompo logo por ali dentro, cheio de
curiosidade, porque me dizem que os rapazinhos
fallam como qualquer de nós. Vamos lá ver esse
prodigio. .

Dentro de uma sala, que tem por unica mobilia
uma meza, um banco comprido, uma cadeira e um
espelho rectangular a toda a largura da parede do
fundo, estão sentados cinco surdos-mudos, cujas caras
são reflectidas no espelho. Um dos surdos-mudos
está a falar, e os outros ouvem-no com a maior
atenção. Um dos surdos-mudos está a falar, e os outros
ouvem-no com a maior atenção. Um dos surdos-mudos
está a falar, e os outros ouvem-no com a maior
atenção.



A Otorrinolaringologia em Portugal

VII

O Ensino dos Surdos-Mudos em Portugal

Quando se fala no ensino dos Surdos-Mudos, não se pode deixar de falar de JACOB RODRIGUES PEREIRA, por ter sido um dos pioneiros no ensino da fala aos Surdos-Mudos.

Em 1745 apresenta os primeiros resultados do seu inovador método. Essa apresentação pública de um Surdo-Mudo, com tão boa dicção, causou uma grande admiração na época e chegou ao conhecimento do REI LUÍS XV de França, que quis conhecer Pereira pessoalmente e atribuiu-lhe uma pensão de oitocentos francos.

Em 1751, nomeou-o intérprete régio das línguas Portuguesa e Espanhola na sua Corte. O vice Rei da Sardenha por seu lado confiou-lhe a educação de uma das suas sobrinhas e Jacob Rodrigues Pereira era recebido nas Cortes da Suécia e da Dinamarca. Em 1759 a ROYAL SOCIETY DE LONDRES admitiu-o como membro, confirmando o seu prestígio.

Infelizmente Jacob Rodrigues Pereira nunca quis divulgar totalmente o seu método de ensino com o qual tão bons resultados obtinha. Tendo uma concorrência directa de L'ABÉÉ DE L'EPEÉ, este acabou por se ter tornar mais destacado em Paris, foi dado o nome de L'ÁBÉE ÉPEÉ ao instituto de Surdos-Mudos desta Cidade.

JACOB RODRIGUES PEREIRA morreu pobre em 1775, sem tornar público o seu método de ensino. O seu epitáfio no cemitério de La Villete diz o seguinte (está no original em francês):

“A Jacob Rodrigues Pereira, primeiro motor e fundador de este Pio lugar, que pleno de virtudes e coberto de honrarias, sendo secretário e intérprete de El Rey e seu Pensionário, da Sociedade Real de Londres, Agente da Nação Judia Portuguesa de Bord e Baye, defensor zeloso, activo e vigilante dos seus privilégios, faleceu em 15 de Setembro de 1780 – Descanse em Paz.”

Este epitáfio prova, não só a importância como também a Origem Portuguesa de Jacob Rodrigues Pereira.

Em Agosto de 1875 os descendentes de JACOB RODRIGUES PEREIRA fundaram uma escola especial em Paris, onde foi reconstituído o seu método de ensino, graças a manuscritos entretanto encontrados.

Em 1822, JOSÉ ANTÓNIO DE FREITAS RÊGO, dirigiu vários pedidos às Cortes Gerais no sentido de ser criado em Portugal o ensino dos Surdos-Mudos. A Comissão de Instrução Pública solicitou informações adicionais a Freitas Lobo, e este fez uma exposição dos casos de Surdo-Mudez que tinha observado e dos resultados obtidos com o seu método, referiu sete casos concluindo não ser possível adoptar uma metodologia universal, mas sim o ensino individual adaptado a cada caso. Apesar dos seus esforços, não conseguiu a criação de uma escola.

Entretanto aparece outro pretendente e novo pedido de LUCAS MARIA XAVIER LEAL, que faz referência ao seu método de ensino, e por ordem de D. João VI é chamado à Capital, a fim de ensinar na escola de ensino mútuo. No Diário do Governo nº 9, de 10 de Janeiro de 1822, este insere a seguinte notícia “Defronte do Correio Geral, nº 2 - 1º andar, abre-se uma aula gratuita para Surdos-Mudos pobres e ricos.”

Nos Jornais da mesma época, um tal ANTÓNIO PATRÍCIO faz publicar vários anúncios em que declarava ter obtido das Cortes, permissão para formar um estabelecimento para ensinar os Surdos-Mudos. Apesar de vir uma referência a António Patrício, num livro Francês, dizendo que era um filantropo, pois dava em Portugal aulas gratuitas para Surdos-Mudos, não consegui confirmar se estas sempre existiram e aonde é que se realizaram.

Em 20 de Abril de 1823, foi assinado em Estocolmo, um contrato com PER ARON BORG (fundador do Instituto dos Surdos-Mudos de Estocolmo), para montar em Lisboa um estabelecimento semelhante.

A notícia da chegada de Per Borg a Portugal vem expressa num livro interessantíssimo do Doutor RAMAUGÉ intitulado “OS CEGOS E OS SURDOS E MEIOS INFALÍVEIS DE RESTABELECER, FORTIFICAR E CONSERVAR A VISTA E O OUVIR EM BOM ESTADO ATÉ À IDADE AVANÇADA.” Este Livro publicado em Lisboa em 1847, conta a história deste Doutor Ramaugé que se dedicava à Oftalmologia e ao tratamento da surdez como ele diz “*Fixei particularmente as minhas investigações sobre uma especialidade*

(a das doenças dos olhos e dos ouvidos), que pensei ser o melhor meio para se distinguir n'este vasto campo da Medicina e Cirurgia Prácticas."

Defende seguidamente: "As palavras Sciencia e Especialidade não são incompatíveis. . . . Compreende-se muito bem como uma longa práctica continuamente dirigida sobre as mesmas doenças, e as mesmas operações muitas vezes repetidas dao ao médico especial uma grande destreza, difficil d'adquirir para aqueles que abraçando a generalidade da Sciencia, querem deste modo saber bem tudo."

Sábias palavras de quem não sabia que quase só mais de 50 anos depois, e em Portugal, ainda mais seriam satisfeitas as suas pretensões da criação das Especialidades Médicas. Mas, continuando com o Dr. Ramaugé: "Abraçei nobre e generosa causa, ocupando-me da Cura daqueles que se acham privados dos órgãos mais necessários para a vida em Sociedade. Foi movido por esses sentimentos, que ajudei durante a minha primeira estada em Lisboa, o Sr. Doutor Kessler, Médico de Sua Majestade o Rei D. Fernando II, a fundar aqui uma casa de caridade destinada ao tratamento dos cegos e d'outras doenças dos olhos."

Neste seu Livro, Ramaugé faz uma revisão de terapêuticas para os olhos e ouvidos, referindo: "O emprego dos vapores de Ether no Ouvido Interno pela Trompa de Eustáquio, para a Cura de Surdez Nervosas, é também um meio novo e que eu não tinha visto empregar em Portugal antes de mim." Fala em seguida dos métodos eléctricos e das correntes galvânicas, da lithotricia e da pulverização das pedras na Bexiga. Depois de considerações sobre a importância da visão e da audição para a vida de relação refere: "A Mudez é unicamente o resultado inevitável da Surdez." Sobre os acufenos refere: "Os Unidos são para os surdos uma causa de tristeza, são a primeira sensação que o afecta quando acorda, elles cançam a cabeça e alteram o livre desenvolvimento das ideias, o génio dos surdos é algumas vezes detestável!"

Voltando ao Prof. PER BORG, este chegou a Portugal em 1823 e logo tratou da escolha de um Português para aprender os seus métodos de instrução, colocou um anúncio na Gazeta de Lisboa, no dia 1 de Novembro, e refere o Dr. Ramaugé, que a escolha recaiu nele:

"A intenção do Governo era sujeitar o novo estabelecimento à administração da Casa Pia, e assim esteve até ao princípio de Março de 1824, na altura em que foi o Estabelecimento declarado independente."

Estabeleceu o Instituto num Palácio existente numa Quinta, pertencente ao Conde de Mesquitela, no sítio da Luz, contígua ao edifício onde então existia o Colégio Militar, pagando anualmente uma renda de 480\$000 reis. Recebeu, na abertura, doze alunos pobres vindos da Casa Pia, sendo quatro do sexo feminino e oito do sexo masculino, entre os seis e os catorze anos, todos Surdos-Mudos.

Durante os dez anos em que funcionou como instituição independente dotada de um orçamento anual para manutenção, pelo rei D. João VI, ou seja até 1834 (ano em que foi incorporado na Casa Pia), o Instituto teve somente três



FIGURA 82
PÁGINA DA REVISTA "ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA" DE 1906 DANDO CONTA DOS PROGRESSOS DO ENSINO DOS SURDOS-MUDOS



FIGURA 83
JACOB RODRIGUES PEREIRA NUMA ESTATUETA FEITA PELO ESCULTOR PAUL CHOPPIN

Professores, PER ARON BORG, o seu irmão JOHAN BORG e o Dr. RAMAUGÉ (José Crispim da Cunha?), que foi nomeado Repetidor e 3º Professor.

Em 1828, Per Borg voltou para a Suécia e ficou o seu irmão a dirigir o Instituto. O Instituto muda-se em 1832 para a Calçada das Necessidades, sendo posteriormente transferido para o Largo da Ajuda, perdendo a sua autonomia por decreto de 15 de Fevereiro de 1834, passando administrativamente para a Casa Pia de Lisboa.

No entanto, por ter aderido à Causa Liberal, Johan Borg recebeu uma Ordem do Duque da Terceira (que no dia 24 de Julho de 1833 havia entrado em Lisboa à frente das tropas liberais), para se dirigir ao Porto, e acabou por falecer na Vila de Porto de Mós.

Depois da morte de Johan Borg, Ramaugé refere ter sido ele a ficar à frente do Estabelecimento até à reunião com a Casa Pia. O Doutor J. J. A. Ramaugé escreveu em 1835, um folheto intitulado: *“História do Instituto dos Surdos-Mudos e Cegos em Lisboa, desde a sua fundação até à incorporação na Casa Pia de Lisboa.”*

Na Casa Pia ficaram como dirigentes do Instituto, AUGUSTO DE CASTRO e JOSÉ DA COSTA, ambos Surdos-Mudos e discípulos de Pedro Borg.

Em 1835, ficou BERNARDO JOSÉ FRAGOSO como responsável dos Surdos-Mudos, e em 1840, outro antigo aluno Surdo-Mudo tomou a Direcção do Instituto - JOSÉ MARIA PEREIRA.

O Dr. Ramaugé, no seu Livro já citado de 1847, refere o seguinte: *“Não há hoje portuguez algum que exerça a profissão de ensinar Surdos-Mudos; porque sendo eu o único professor nacional do antigo Instituto, prefiro servir noutro emprego público, porque ninguém dá apreço ao trabalho que tem um Mentor de Surdos-Mudos, que se esmera no bem dos seus Alunos.”*

Em 1844 é suprimida a dotação para o Instituto e este acabou por ser extinto em 1860.

Abro aqui um parêntesis para referir um facto curioso: No Livro que acabei de citar, escrito pelo Dr. J. J. A. Ramaugé em 1847, este refere ser ele que escreveu o relatório sobre o Instituto e que sucedeu a Per Borg. No entanto, em várias fontes que consultei sobre o tema, estes mesmos factos são atribuídos a JOSÉ CRISPIM DA CUNHA. Os mesmos cargos, o mesmo folheto, são assim atribuídos a dois nomes diferentes (seriam a mesma pessoa?). Será que Crispim da Cunha, devido à revolução liberal, tinha receio de escrever com o seu nome e usava um pseudónimo?

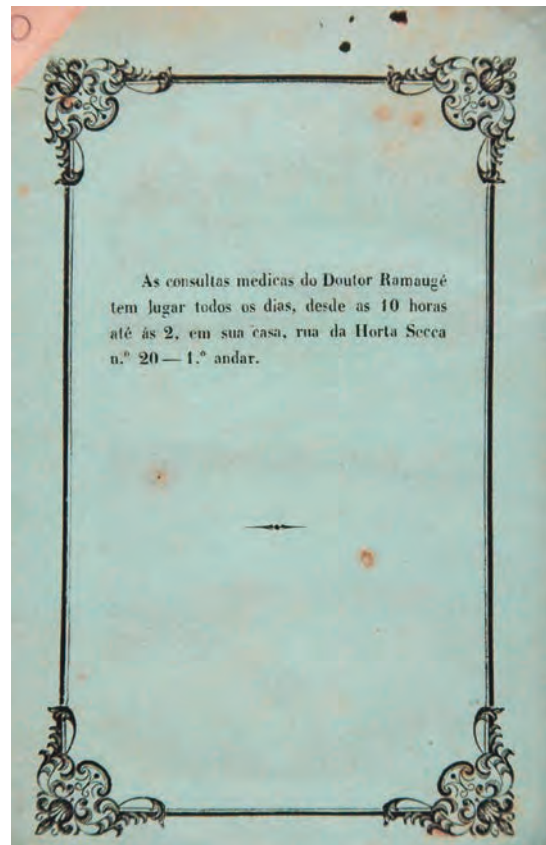
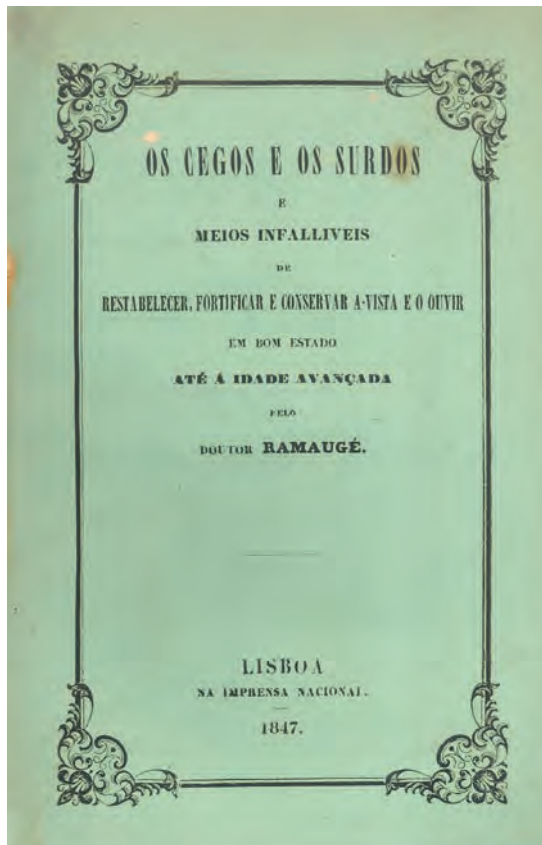


FIGURA 84

LIVRO DO DR. RAMAUGÉ (JOSÉ CRISPIM DA CUNHA) INTITULADO: "OS CEGOS E OS SURDOS E MEIOS INFALÍVEIS DE RESTABELECER, FORTIFICAR E CONSERVAR A VISTA E O OUVIR EM BOM ESTADO ATÉ À IDADE AVANÇADA." PUBLICADO EM LISBOA EM 1847

O ressurgimento do ensino dos Surdos-Mudos deve-se ao Padre PEDRO MARIA DE AGUILAR. Desenvolveu na Escola Normal de Lisboa, onde era Capelão, uma aula de instrução dos Surdos-Mudos. Escreveu os seus métodos de ensino que sucessivamente aperfeiçoou. Em 1872 saiu de Lisboa e partiu para Guimarães, onde estabeleceu um Instituto de Educação para Surdos-Mudos, que dirigiu até falecer.

Em 1875 é impresso um “RELATÓRIO APRESENTADO À COMISSÃO INICIADORA DE UMA ESCOLA PARA SURDOS-MUDOS”, impresso no Porto em 1875, precedida de uma carta do Dr. ANTÓNIO LUIZ FERREIRA GIRÃO, em que elogia Pedro Maria Aguilar e a sua Escola em Guimarães, dizendo que era um maravilhoso espectáculo ver como aquelas crianças se entendem e comunicam, sendo o Mestre o ilustre Aguilar. Elogia depois os membros desta Comissão pelo esforço de tentar fazer uma Escola para Surdos-Mudos na cidade do Porto.

O Relatório conclui *“muito nobre seria se o nosso Governo actual continuasse a fazer crescer entre nós a arte de instruir os Surdos-Mudos sob a inteligente direcção do Padre Aguilar. No entanto este, não podendo continuar com a Escola em Guimarães, dirigiu-se para o Porto onde conseguiu um pequeno subsídio. O Padre Aguilar faleceu no Porto, deixando o seu sobrinho Eliseu Aguilar à frente da Escola, que encerrou em 1887, em virtude da saída para Lisboa do seu director que veio reabrir o Instituto dos Surdos-Mudos.”*

Este Instituto ficou instalado no Palácio Arneiro, mas o Professor Aguilar foi suspenso por factos irregulares da sua

gestão e foi nomeado Director, INÁCIO JOSÉ MIRANDA DE BARROS, que tentou introduzir o método de ensino oral.

Entretanto no Porto, em 1893, é inaugurado o “INSTITUTO DE SURDOS-MUDOS ARAÚJO PORTO” que foi estabelecido com o legado de um benemérito, JOSÉ RODRIGUES DE ARAÚJO PORTO (1815 - 1887), que deixou a sua fortuna em testamento para esse fim. Foram escolhidas as instalações e um Professor, o Prof. MIRANDA DE BARROS, que iniciou um ensino moderno, mas este Professor morreu de tuberculose pouco depois de tomar posse, pelo que foi nomeado outro, Joaquim José Trindade. Sendo necessários mais Professores, a Misericórdia do Porto, que era quem geria a fortuna herdada, e o próprio Instituto, enviou a Paris dois Professores para aprenderem os métodos mais modernos de ensino. No Instituto era ministrado o ensino oral e possuía Oficinas de Tipografia, composição, sapataria, alfaiataria e marcenaria, onde os alunos aprendiam também uma profissão e ganhavam um salário.

Em Lisboa, foram feitas várias tentativas para ensinar os Surdos-Mudos, sendo as mais importantes as realizadas pela Madre Irlandesa, MARIA PETRONILLA, no Convento do Bom Sucesso em Lisboa, e por uma senhora SCHIAPPA PIETRA, que no seu Colégio, em Pedrouços, se ocupou da educação de alguns alunos Surdos-Mudos.

De 1880 a 1887 funcionou na Rua do Benfornoso, um Colégio para Surdos-Mudos dirigido por EMÍDIO JOSÉ DE VASCONCELOS. Neste estabelecimento estavam 14 alunos, e com a morte do Fundador, acabou por desaparecer.



FIGURA 85

O PADRE PEDRO MARIA DE AGUILAR (1828-1879) A QUEM SE DEVE O RESSURGIMENTO DO ENSINO DOS SURDOS-MUDOS EM PORTUGAL

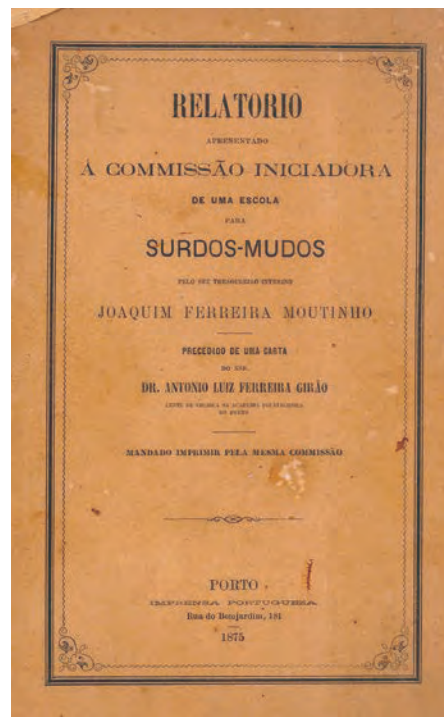


FIGURA 86

RELATÓRIO APRESENTADO À COMISSÃO INICIADORA DUMA ESCOLA PARA SURDOS-MUDOS, 1875

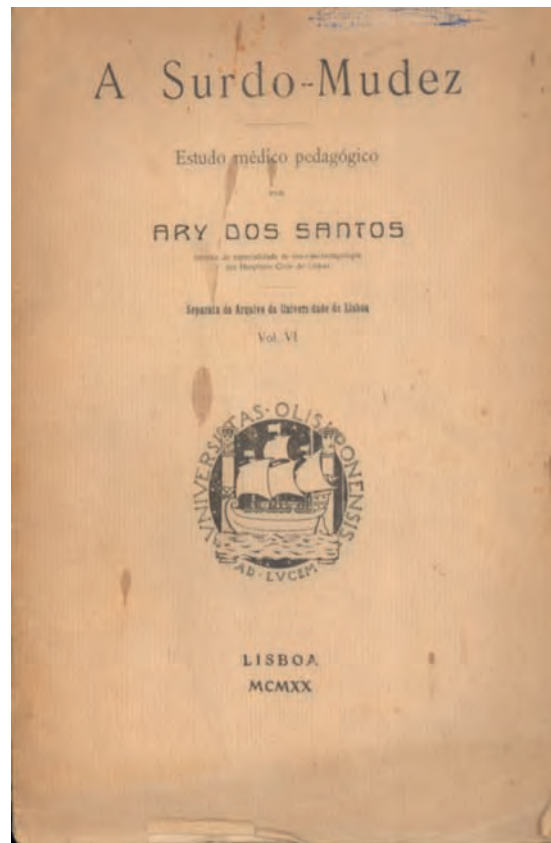
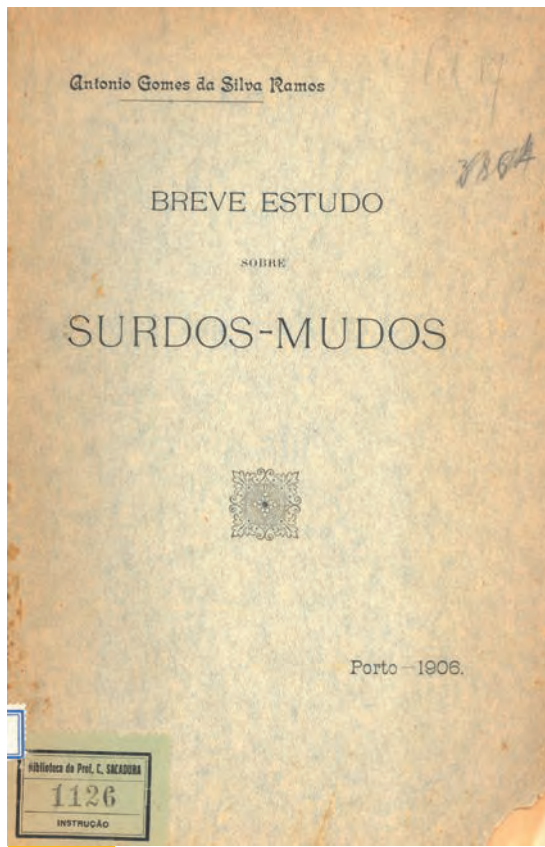


FIGURA 87

DUAS PUBLICAÇÕES RESPECTIVAMENTE DE ANTÓNIO GOMES SILVA RAMOS EM 1906 E DE ARY DOS SANTOS EM 1920 SOBRE A TEMÁTICA DOS SURDOS-MUDOS

Em Benfica, dirigido pelo Professor ANICEL EUSILLIER havia um colégio com resultados muito bons, usando o método oral. Este Professor foi muito elogiado no seu tempo, e deixou vários Livros sobre o tema.

A partida súbita de Eusillier para África, para onde foi continuar a sua obra, levou ao encerramento da escola em 1895.

Por Decreto de 27 de Dezembro de 1905, os Serviços de Beneficência Pública, reorganizaram os Serviços e mandaram ingressar na Casa Pia, os menores internados nos Asilos Municipais; assim entraram na Casa Pia de Lisboa, 35 menores Surdos-Mudos. Estes menores ficaram entregues ao cuidado do Provedor da Casa Pia, JAIME ARTUR DA COSTA PINTO, que visitou o Instituto do Porto e contratou o Professor PAVÃO DE SOUSA para organizar as aulas. Igualmente conseguiu verba para enviar para Paris, dois dos melhores alunos, para aprenderem os métodos do sistema oral puro, foram eles JOSÉ CRUZ FILIPE e EUGÉNIO DE BRITO VASCONCELOS.

Após a morte, em 1913, de Pavão de Sousa, ficou como coordenador o já Professor Cruz Filipe. O Instituto de Surdos passa, em 1922, a denominar-se oficialmente, Instituto de Surdos Jacob Rodrigues Pereira (I.J.R.P.).

Durante muitos anos, o ensino dos Surdos-Mudos foi acompanhado pelo Otorrinolaringologista Dr. Ary dos Santos, que publicou vários relatórios, entre os quais uma publicação feita no Arquivo da Universidade de Lisboa, Vol. II em 1920 - um notável estudo Médico-Pedagógico sobre "A Surdo-Mudez", que muito contribuiu para divulgar os factos mais salientes dos Surdos-Mudos.

Seguindo uma directiva de 1900, a separação dos sexos implicava dois locais de formação, Colégio de Pina Manique e o Colégio D. Maria Pia. Em 1942 inicia-se a remodelação do I.J.R.P., consequência das reformas da Casa Pia de Lisboa, levando a que vinte e duas alunas sejam transferidas para a Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, e encerrando a ala feminina no Colégio D. Maria Pia.

A partir de 1953, o ensino de surdos atinge estabilidade e continua a evoluir. Em 1963, Carlos Pinto de Ascensão é nomeado director do I.J.R.P., desenvolvendo o método oralista para surdos. Começa progressivamente a desaparecer o termo "Surdos-Mudos". Entre 1975 e 1986 são criadas e inauguradas várias instalações consideradas um modelo em Portugal e agraciadas com o Prémio Valmor, pela Ordem dos Arquitectos e C.M.L.



FIGURA 88

UMA DAS LÍNGUAS GESTUAIS PORTUGUESAS

OS MÉTODOS DE ENSINO DOS SURDOS

Entre 1823 e 1860, o ensino dos Surdos-Mudos baseava-se no Método Gestual, comunicação por gesto sem oralizar, e no Alfabeto Manual. Entre 1870 e 1900, a metodologia dividia-se entre o método da mímica, o da linguagem escrita e o Método Oral. Entre 1906 e 1991, a metodologia é baseada no Método Oral, distinguindo-se três métodos: o Método Natural, que implementa o treino da fala e o treino auditivo de forma natural, o Método Materno-Reflexivo, destina-se a crianças surdas, na fase pré-linguística, e defende que estas podem aprender a falar uma língua materna pelo meio oral, sendo reflexiva porque leva a criança a reflectir sobre a língua de uma forma orientada pelo professor, e finalmente o Método Verbotoal que defende que a função essencial da língua é a expressão do significado através do som e do movimento.

A partir de 1990, é aplicado em Portugal o Modelo Bilingue, tendo por princípio que a criança surda deve aprender na escola, através da sua língua materna, a Língua Gestual Portuguesa, e adquirir como segunda língua, a portuguesa, na vertente escrita e eventualmente oral.

Ao contrário do que se possa pensar, a comunicação gestual dos surdos não é universal. A comunicação gestual apresenta diferenças consideráveis entre si. Cada país, cada região, e em muitos casos, cada comunidade tem uma língua gestual própria.

Tentando eliminar a existência de diferenças entre as diversas línguas gestuais, foi criada uma língua gestual internacional. O "GESTUNO", como é conhecida esta Língua Gestual Universal, foi desenvolvida para ser usada em conferências internacionais para surdos. No entanto, a sua aceitação tem sido difícil. Veremos o que o futuro nos reserva.





A Otorrinolaringologia em Portugal

VIII

O Século XX



FIGURA 89

UMA AULA DE DISSECÇÃO DE CADÁVER EM 1910

Na sessão da Câmara Municipal do Porto de 17 de Agosto de 1899, o conselheiro Venceslau de Lima elogiou o médico municipal Dr. Ricardo Jorge, por ter detectado rapidamente o surto de peste bubónica que assolava a cidade, e ter estabelecido um “cordão sanitário” para evitar a propagação da doença. O Porto ficou completamente isolado, por terra e por mar. Os comerciantes e os industriais queixavam-se de graves prejuízos. A reacção da população foi tão violenta, que o Dr. Ricardo Jorge se viu obrigado a sair do Porto. A epidemia fez 112 vítimas e

entre elas lamentava-se a morte de Luiz da Câmara Pestana um dos nossos médicos mais notáveis.

Em 18 de Agosto de 1900, morre em Paris o notável escritor Eça de Queirós, considerado um dos maiores vultos das letras portuguesas; a sua obra é o espelho de uma inteligência superior servida por um estilo literário subtil e insinuante. As suas personagens, inclusive no campo da Medicina, permitem-nos conhecer como era a vida em Portugal no século XIX.



FIGURA 90

DUAS IMAGENS DE RICARDO JORGE POR OCASIÃO DA EPIDEMIA DE PESTE BUBÓNICA QUE ASSOLOU A CIDADE DO PORTO EM 1899



FIGURA 91

O PROF. MIGUEL BOMBARDA DISCURSANDO PERANTE O REI NA SESSÃO DE ABERTURA DO XV CONGRESSO

Na revista "A MEDICINA CONTEMPORANEA" de 30 de Setembro de 1900, nº 39, é feita uma exaustiva descrição de todo o Sistema Médico em Portugal, então existente. O artigo era intitulado como "GUIA MÉDICO EM PORTUGAL", e era uma actualização do Guia Médico que tinha sido publicado em 1898, e a que eu já fiz referência. São descritos, o Ensino Médico e os Serviços Assistenciais de modo exaustivo.

Ficamos a saber quais as cadeiras e os livros recomendados em todas as Escolas de Medicina do País, mesmo no

Funchal e em Goa, o modo de organização dos Hospitais etc.

Em relação à Otorrinolaringologia encontro referências no capítulo da ASSISTÊNCIA PÚBLICA, sendo referido:

"No HOSPITAL DE S. JOSÉ, o Dr. AVELINO MONTEIRO dá consultas das doenças da Larynge, Fossas Nasais e Ouvidos às Terças, Quintas e Sábados, das 9h às 10 da manhã e é assistido pelo Dr. SANT'ANNA LEITE.

No HOSPITAL DA ESTEPHANIA há uma consulta de doenças da Garganta e de Nariz, pelo DR. VALLADARES às Segundas, Quartas e Sextas-feiras, das 9h às 10h da manhã."

Tal como no Guia Médico de 1898, não encontrei qualquer outra referência a consultas de Otorrinolaringologia, nem na cidade do Porto ou de Coimbra, nem nas várias clínicas privadas que também estão descritas neste artigo.

O XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA

O XV Congresso Internacional de Medicina, realizado em Lisboa de 19 a 26 de Abril de 1906, foi um evento científico que teve a participação de congressistas portugueses e estrangeiros. Foi seu Presidente, o conselheiro Costa Alemão, Lente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, e Secretário-Geral, o Prof. Miguel Bombarda, que teve a seu cargo a organização do Congresso. Foram fomentados e desenvolvidos estudos científicos, além de ter possibilitado uma projecção da Medicina portuguesa a nível mundial, como nunca antes tinha acontecido.



FIGURA 92

CRACHAT UTILIZADO PELOS PARTICIPANTES DO XV CONGRESSO

A 19 de Abril de 1906, sob a presidência do Rei D. Carlos I, o XV Congresso Internacional de Medicina iniciava-se com a Sessão Solene de Abertura, que decorreu na magnífica e superlotada Sala Portugal, da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Estiveram presentes 1762 congressistas. Houve congressistas de Espanha, de França, da Itália, de Inglaterra e Irlanda, da Suécia, Noruega, Rússia, Hungria, Holanda, Bélgica, da Dinamarca, dos Balcãs, da Turquia, e da Grécia. Da América vieram 55 delegados, e houve ainda delegações do Brasil, da Argentina, do Chile, do México, de Cuba, e não faltou mesmo uma significativa representação do Japão. Ao todo foram mais de 35 os países representados.

Além de várias conferências, foram apresentadas mais de 500 comunicações livres, com 134 temas, distribuídos pelas 17 Secções do Congresso, algumas delas subdivididas.

O XV Congresso Internacional de Medicina decorreu no edifício Nova Escola Médica de Lisboa, que foi aberto de propósito para este evento (o seu funcionamento como instalações definitivas da Escola Médica só aconteceu em 1910), e contou com a colaboração da Casa Real e várias instituições. São exemplo, a Companhia Real de Caminhos de Ferro, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Câmara Municipal de Lisboa, Inspeção Geral dos Serviços Sanitários, Alfândegas de Lisboa, entre outros.

As 17 secções, referentes às especialidades em que se dividiu o XV Congresso Internacional de Medicina foram:

Anatomia (Anatomia descritiva e comparativa, Antropologia e Embriologia), Fisiologia, Patologia Geral (Bacteriologia e Anatomia Patológica), Terapêutica e Farmacologia, Medicina, Pediatria (Médica e Cirúrgica), Neurologia (Psiquiatria e Antropologia Criminal), Dermatologia e Sifilografia, Cirurgia, Medicina e Cirurgia das Vias Urinárias, Oftalmologia, **Rinologia**, **Laringologia**, **Otologia**, Estomatologia, Obstetrícia e Ginecologia, Higiene e Epidemiologia, Medicina Militar, Medicina Legal, Medicina Colonial e Naval.



FIGURA 93

SALA PORTUGAL NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA NA SESSÃO DE ABERTURA DO XV CONGRESSO

A 12ª Secção (Laringologia, Rinologia, Otologia e Estomatologia) foi presidida pelo Dr. Gregório Fernandes, e o secretário da secção de Otologia foi o Dr. Caldeira Cabral.

Do resumo do Congresso que veio publicado na revista "O OCIDENTE" de 10 de Maio de 1906 destaco:

Na XVI secção de Medicina Legal:

"O Sr. Dr. Valladares apresentou a sua comunicação sobre DACTYLOSCOPIA, novo processo de identificação de criminosos pelas dedadas das mãos. As conclusões foram aceites unanimemente pela secção."

Na XII secção A e XII secção C:

"Presidiu o Sr. Dr. AVELINO MONTEIRO, sendo proclamados presidentes de honra os Drs. ANTÓNIO TÁPIA, SAINT-CLAIR THOMSON e SUAREZ MENDONZA. Foram discutidos os pareceres seguintes: Rhinolaryngologia e Othologia relator o Dr. H. FREY que trata da epilepsia reflexa de origem nasal, auricular e pharyngeana. O Dr. Suarez de Mendonza apresentou o seu trabalho "Diagnóstico e tratamento das vegetações adenóides." O Dr. Tapia fez uma comunicação acerca do seu processo na operação da Sinusite Frontal Crónica e outra de um caso de ovariose tracheal, traqueoscopia, myosite consecutiva dos músculos."

Foram publicadas, em 21 volumes, as comunicações apresentadas no Congresso.

Das recomendações feitas pelas Secções do Congresso e pela Comissão Executiva, ressaltam:

- A mudança do nome de Medicina Colonial para Medicina Tropical;
- A criação de áreas individualizadas de Pediatria, Otorrinolaringologia e Estomatologia, nos estudos médicos;
- A criação de serviços hospitalares de Dermatologia e de Estomatologia;
- O estabelecimento de nomenclaturas apropriadas em diversas áreas médicas;
- A regulamentação de medicamentos e a proibição da sua venda em locais não adequados;



FIGURA 94
DR. GREGÓRIO FERNANDES



FIGURA 95
DR. CALDEIRA CABRAL



O amphitheatro das projecções durante uma conferencia

FIGURA 96
AS PRIMEIRAS PROJEÇÕES DE FILMES MÉDICOS EM PORTUGAL FORAM DURANTE O XV CONGRESSO

- O estabelecimento de uma luta concertada contra a lepra e a tuberculose;
- A protecção aos emigrantes, sanitária e social;
- A assistência aos presos alienados;
- A criação, em Lisboa, de uma estação de Biologia e de um Instituto de Química Biológica, para cientistas nacionais e estrangeiros, de onde resultou a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, que se instalou no Aquário Vasco da Gama;



FIGURA 97

FOTOGRAFIA AUTOGRAFA DO PROF. THOMAZ DE MELLO BREYNER (1866-1933), MÉDICO DE D. CARLOS I, 4.º CONDE DE MAFRA E QUE FOI SECRETÁRIO DA COMISSÃO EXECUTIVA DO XV CONGRESSO DE 1906

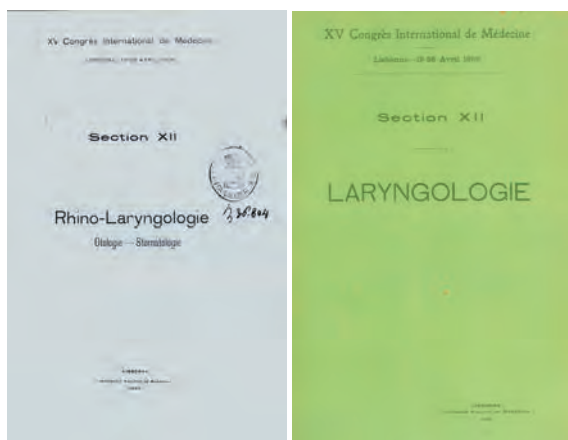


FIGURA 98

LIVRO COM AS ACTAS E AS COMUNICAÇÕES APRESENTADAS NA SECÇÃO DE LARYNGOLOGIA-RHINOLOGIA E OTOLOGIA DO XV CONGRESSO DE 1906

- A criação de uma comissão para o estudo do cancro, que levaria Francisco Gentil a dedicar-se a essa causa e, anos depois, à abertura do Instituto Português de Oncologia.

No final do Congresso foram publicados os trabalhos de cada secção, num total de 21 volumes. Um deles tem o título de "LARYNGOLOGIE"; publicado em Francês, que era a língua Internacional na época, e inclui também os trabalhos das secções de Rinologia e de Otologia. Retirei desse volume os comités organizadores e os *Rapports* oficiais publicados.

SECÇÃO DE RHINO-LARYNGOLOGIA:

Presidente	- Dr. Gregório Fernandes
Vice-Presidente	- Dr. Avelino Monteiro
Secretário Responsável	- Sr. Xavier da Silva
Secretários Adjuntos	- Dr. Francisco Seia - Dr. Souza Teixeira
Membro	- Dr. Souza Valladares

OTOLOGIA

Presidente	- Dr. Gregório Fernandes
Vice-Presidente	- Dr. Sobral Cid
Secretário Responsável	- Dr. Caldeira Cabral
Secretários Adjuntos	- Dr. Ary dos Santos - Dr. Sant'Anna Leite
Membro	- Dr. Costa Rodrigues

Rapports Officiels:

- 1 - Étude de l'action épileptogène des corps étrangers de l'oreille et des végétations du pharynx nasal. *Rapporteurs: M.M. Alfred Fuchs et Hugo Frey, Vienne; C.E. West, Londres.*
- 2 - La valeur des maladies des cavités résonnantes pour le chanteur et leur traitement. *Rapporteurs: M.A. Cas-tex, Paris.*
- 3 - Les différents formes de suppuration du sinus maxillaire. *Rapporteurs: M.M. Lermoyer, Paris; E.J. Moure, Bordeaux.*
- 4 - Complications intra-craniennes des sinusites de la face. *Rapporteurs: M.M. Georges Laurens, Paris; Vincenzo Cozzolino, Naples.*
- 5 - Les injections prothétiques de paraffine en rhinologie. *Rapporteurs: M. Georges Mahu, Paris.*
- 6 - Diagnostic différentiel des lésions tuberculeuses, syphilitiques et cancéreuses du larynx. *Rapporteurs: M.M. Suarez de Mendoza, Paris; Ramon de la Sota y Lastra, Séville.*
- 6a - Sur le cancer du larynx. *Rapporteurs: M. Bernhard Fränkel, Berlin.*



FIGURA 99

MEDALHA MANDADA CUNHAR PELOS COLEGAS
EM HOMENAGEM A MIGUEL BOMBARDA

O Congresso foi um êxito. A organização foi meticulosa e irrepreensível. Toda a imprensa nacional e internacional falou dele.

Portugal mereceu os elogios de todas as representações. O País e a Medicina portuguesa firmavam-se mais na comunidade científica internacional. Em particular, Miguel Bombarda foi rodeado de elogios. Em agradecimento, os Médicos portugueses mandaram cunhar uma medalha com a sua imagem.

Durante o Ano de 1902, Manuel Diogo Valladares vai publicar dois artigos na Revista "A Medicina Contemporânea", no nº 29 Ano XX, de 20 de Julho sobre "CORPOS ESTRANHOS DA LARYNGE" e no nº 48 de 30 de Novembro sobre um: "KYSTO HYALINO DA NARINA DIREITA."

Em 1905 dá-se o Centenário do nascimento de Manuel Garcia, o criador da Laringologia; este acontecimento teve destaque em todos os jornais do Mundo. Da Revista "A Medicina Contemporânea" retiro as seguintes palavras:

"Foi deveras tocante a sessão celebrada em Londres para festejar o centenário do inventor do laryngoscópio e o centenário da invenção.

Organizada por Sir Felix Semon, a ella concorreram delegados das Sociedades Laryngológicas da Europa e da América, bem como representantes dos reis de Inglaterra, de Hespanha e do Imperador da Allemanha. À noite realizou-se um banquete a que concorreram mais de 400 pessoas."

Segue-se a descrição pormenorizada da descoberta da Laringoscopia Indirecta.

Em 1906, TEIXEIRA LOPES publica na revista "Porto Médico", já como Otorrinolaringologista, um trabalho sobre "CORPOS ESTRANHOS NA LARINGE"; outros trabalhos também publicados no "Porto Médico", foram "SUPURAÇÕES DAS CÉLULAS MASTOIDEIAS" por CARLOS DE ANDRADE (onde, após descrição anatómica e patológica dos processos mastoideus supurados, preconiza a operação radical) e "TAMPONAMENTO NASAL NAS EPISTÁXIS" por XAVIER NOGUEIRA.

Em 1907 foi apresentada à Escola Médica de Lisboa uma tese intitulada "MASTOIDITE AGUDA PURULENTA" por JOSÉ GONÇALVES CAROÇA.

Ainda em 1907, na "GAZETA DOS HOSPITAIS DO PORTO" TEIXEIRA LOPES publica um Trabalho Original intitulado "EXTRACÇÃO D'UMA BALA DA APOPHYSE MASTOIDEA". O autor vem referenciado como Médico *Oto-Rhino-Laryngologista* embora não haja referência ao local de trabalho.

Nesta mesma revista, e no mesmo ano, encontro um artigo de M. VALLADARES sobre "A HYGIENE ESCOLAR E A OTO-RHINO-LARYNGOLOGIA". O curioso destes artigos não é o seu conteúdo, mas o facto dos médicos começarem a ser denominados como Otorrinolaringologistas.

Encontrei, na "GAZETA MÉDICA DO PORTO", dois trabalhos originais de TEIXEIRA LOPES. O primeiro em 1908, na página 394, com o título "POLYPOS DA PHARYNGE LARYNGEA", refere um caso de um doente com um pólipos que lhe dificultava a respiração, mas que se recusou a ser operado, acabando por deglutir espontaneamente o pólipos, tendo ficado curado.

O outro artigo foi publicado em 1909, na página 249 da mesma revista, e intitula-se de "EPISTAXIS". Neste artigo, o autor faz uma revisão da anatomia nasal e apresenta várias soluções para tratar as *epistaxis*, descrevendo alguns casos clínicos. O artigo vem ilustrado com 3 gravuras, que Teixeira Lopes refere, em Nota, terem sido desenhadas por um amigo seu e que eram retiradas dos seguintes autores: a 1ª de MOURE e BRINDEL, a 2ª de ESCAT e a 3ª de GUISEZ.

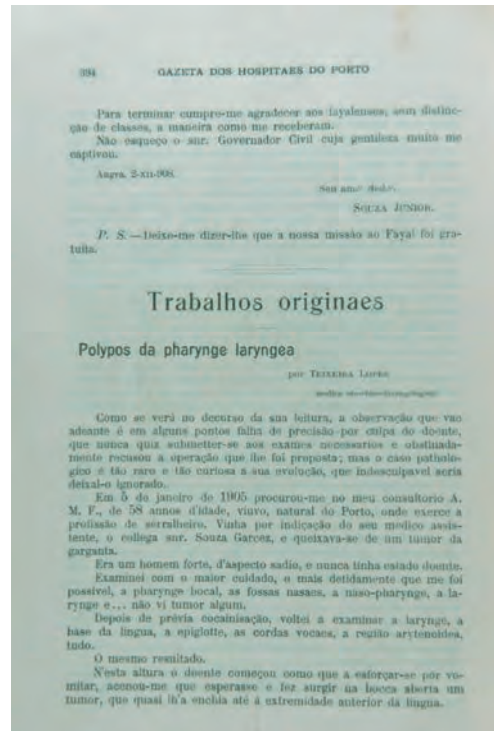
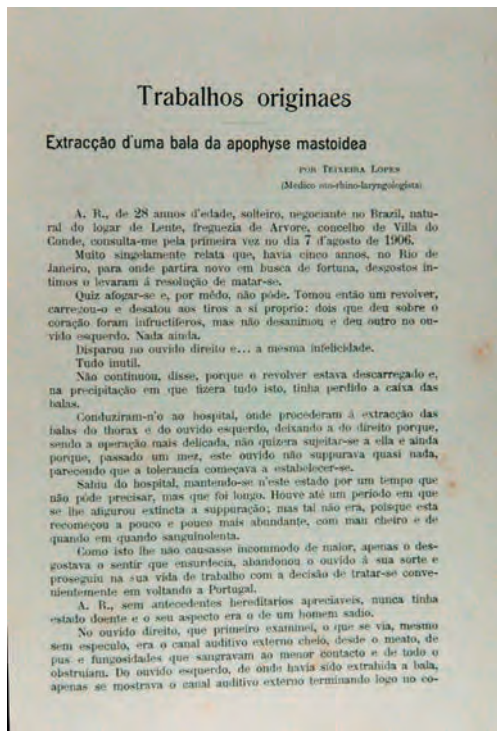


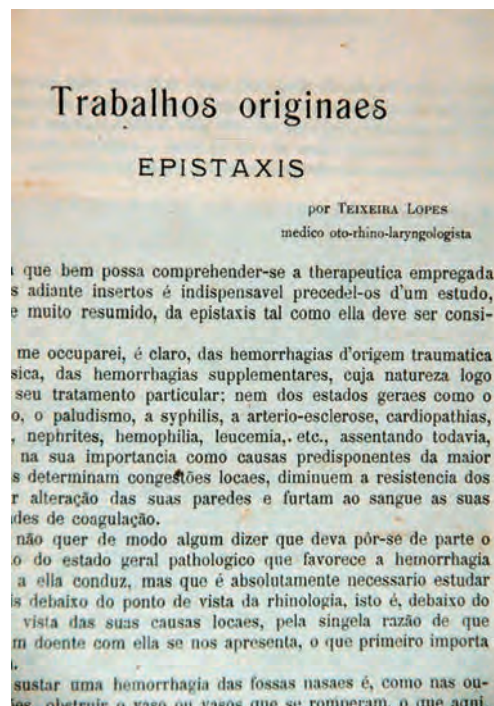
FIGURA 100

PUBLICAÇÕES DE TEIXEIRA LOPES COMO MÉDICO OTO-RHINO-LARYNGOLOGISTA



FIGURA 101

TRABALHO DE TEIXEIRA LOPES PUBLICADO EM 1909 NA "GAZETA MÉDICA DO PORTO"



O ESTADO DA MEDICINA EM PORTUGAL EM 1908

Retirei do livro, Notas sobre Portugal, enviado à Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908, parte do relatório feito pelo Enfermeiro-Mor dos Hospitais Dr. CURRY CABRAL, sobre os Hospitais Civis de Lisboa:

“Os sete hospitais civis actuais, da cidade de Lisboa, ocupam uma área de 229:187 metros quadrados, dos quais 69:104 são cobertos pelas edificações e 160:083 constituem zonas salubres com parques e jardins.

Nestes sete hospitais foram tratados durante o último ano 16 824 doentes nas enfermarias, dando uma existência média diária de 2 380.

A doentes não internados, que dos seus domicílios vêm todos os dias aos hospitais receber tratamento ou consulta, foram prestados os socorros seguintes:

100 846 curativos feitos nos postos permanentes (Bancos de curativo): 78 742 no Hospital de S. José; 13 958 no Hospital Estefânia; 8 146 no Hospital de Doenças infecto-contagiosas;

151 769 Tratamentos e consultas de especialidades:

- *Clínica geral (Junta consultiva) - 10 245;*
- *Doenças de mulheres - 5 868;*
- *Doenças de vias urinárias - 10 547;*
- *Doenças da pele - 955;*
- *Do aparelho gastrintestinal - 673;*
- *Da garganta, nariz e ouvidos - 2 939;*
- *Dos olhos - 75 000;*
- *Venéreas e sífilíticas - 38 397;*
- *Doenças das crianças - 2 145.*

O pessoal empregado na execução de todos os serviços dos hospitais atinge o número de 934 indivíduos: 96 clínicos, 393 empregados de enfermagem, 32 na secretaria da Administração, 40 nas Farmácias, 373 nos serviços gerais e nas diversas oficinas e estabelecimentos anexos.

A despesa feita com a sustentação dos sete hospitais anda, Actualmente, por 563 contos de réis anuais.

Custa o tratamento de cada doente internado, em média diária, 647 réis.

Mais de metade da despesa total é paga pelo Estado; a menor parte absorve os rendimentos dos bens da Administração.

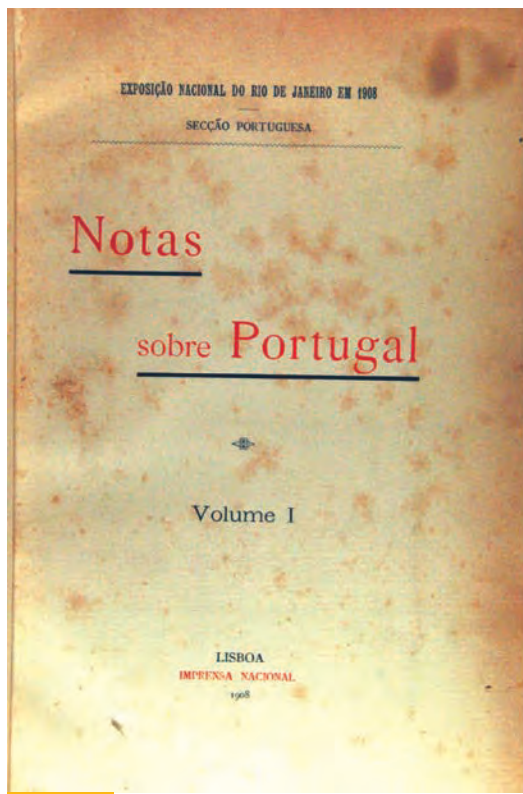


FIGURA 102

CAPA DO RELATÓRIO DA SECÇÃO PORTUGUESA QUE ESTEVE NA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO EM 1908 E A ENTRADA DO HOSPITAL DE S. JOSÉ NA MESMA ÉPOCA



FIGURA 103

ENFERMARIA DE SANTA MARIA NO REAL HOSPITAL DE S. JOSÉ, 1908

Há dispersos pelo país mais de duzentos hospitais, a maior parte pequenos hospitais pertencentes às Misericórdias, e a todas o Tesouro auxilia com subsídios.

Há também perto de 100 asilos, misericórdias e casas pias, albergues, creches, cozinhas económicas, que também recebem subsídio do Estado.

Além disso, outras verbas são destinadas à beneficência pública, distribuídas como socorro domiciliário, pequenas e insuficientes para as necessidades manifestadas, mas que em todo o caso, em concorrência com a beneficência exercida pela iniciativa individual e por instituições particulares, constituem uma grande atenuante da miséria pública."

A PRIMEIRA LARINGECTOMIA EM PORTUGAL

Na revista "A MEDICINA CONTEMPORANEA" de 5 de Junho de 1910, no mesmo dia em que era notícia de capa a morte de ROBERT KOCH, encontro sob o título de "EXTIRPAÇÃO TOTAL DA LARYNGE" um artigo de João Sant'Anna Leite em que este descreve um caso clínico de um doente de 53 anos, com queixas de disфонia, desde há vários meses, e dificuldades respiratórias. O caso é descrito de forma bastante exaustiva, mas vou procurar reproduzir os passos mais significativos daquela que penso ter sido a primeira laringectomia total realizada em Portugal, até porque o autor a certo passo diz:

"Os doentes que teem soffrido a laryngectomia, refiro-me a observações estrangeiras, nacionais conhecidas não há..."



FIGURA 104

PÁGINA DO JORNAL "O SÉCULO" ELOGIANDO OS CIRURGIÕES DOS HOSPITAIS CIVIS

Eis a descrição do caso clínico (o português é o da época): "A observação laryngoscópica, que no doente é difficil, mostra uma congestão geral da larynge. A arytnoidea esquerda está immovel, fixa, mas de volume sensivelmente normal. A corda vocal d'este lado esta substituída por uma massa de tecido de aspecto muriforme em toda a sua extensão. Pode verificar-se na preparação que apresento. Esta massa constitue um tumor, saliente na sua porção superior e inferior, deixando entre si uma depressão apreciável, mais funda atraz do que adeante.

A porção inferior do tumor é mais volumosa e saliente do que a superior. O ventrículo d'este lado e a banda ventricular estão deslocados para cima e mesmo comprimidos pela porção superior do tumor. Este não chama a attenção pela cor que não faz contraste, é firme e tem approximadamente o tamanho de uma castanha pequena, achatada. Excede a commissura e invade a parte anterior e porção inferior da corda vocal direita, limitando como se fosse surdina as vibrações d'esta. Não há ulceração. A glotte está reduzida a menos de metade, e as linhas nítidas e rectas da glotte normal estão substituídas, à esquerda, por uma linha franjada.

Communiquei ao colega Silvestre Falcão que acompanhava o doente o meu diagnostico de epithelioma. A analyse histológica confirmou o diagnostico. Propuz a tracheotomia urgente que se realizou dias depois, quando o doente tinha já

dispensado, á mulher, que n'este pequeno intervallo foi operada de um cancro do seio, os cuidados do esposo.

A tracheotomia realisou-se com anesthesia local e sem incidentes operatorios ou de qualquer outra natureza, affirmando o doente que nada tinha sentido a não ser a introdução da canula.

A 21 de Abril o doente era laryngectomizado na casa de saúde de Portugal e Brazil, tendo tomado todas as precauções junto do doente, dizendo-lhe a gravidade da operação, e a um amigo que pedi me indicasse tudo o mais que não podia nem devia dizer ao próprio doente.

O processo que empreguei foi o de Gluck e o resultado é o que os collegas tiveram occasião de ver. A epiglottle ficou e pode ser vista pelo exame laryngoscópico. Nos primeiros dias alimentou-se pela sonda; actualmente come, bebe, fuma, como antes da operação. Empreguei o chloroformio e injeção de morphina.

Os doentes que teem soffrido a laryngectomia (refiro-me a observações estrangeiras, nacionaes conhecidas não há) é certo e notório que sem o auxilio de protheses teem conseguido uma voz bem modulada.

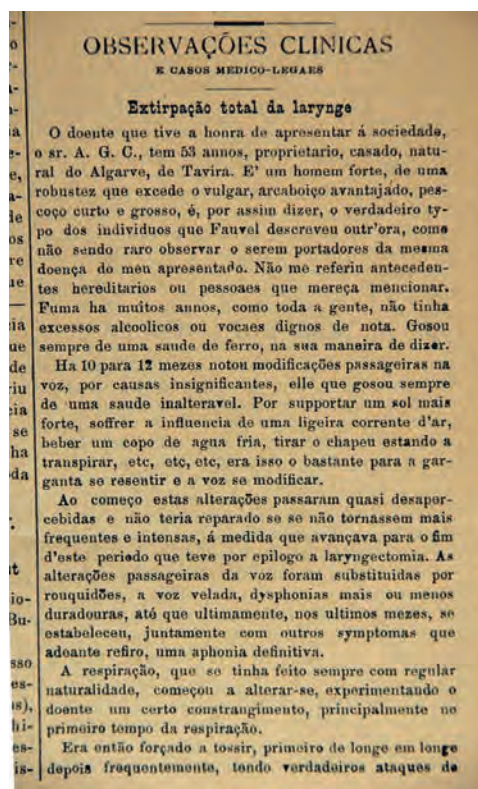
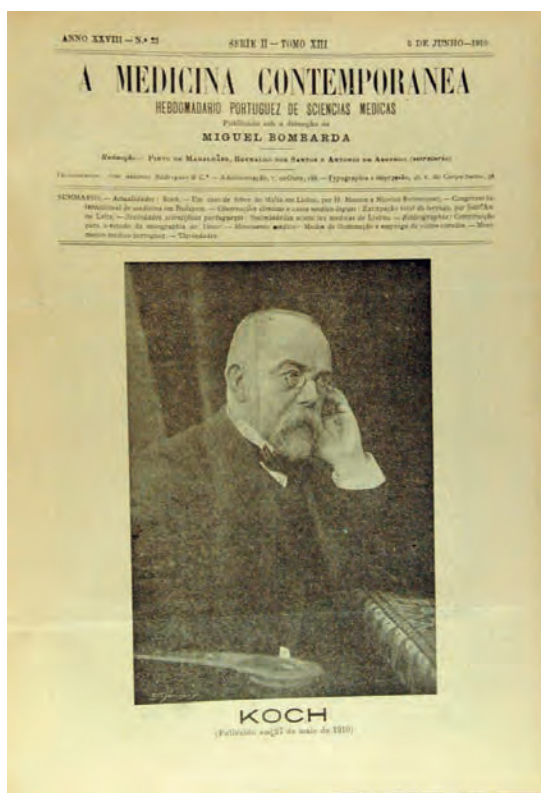


FIGURA 105

"MEDICINA CONTEMPORANEA" DE 5 DE JUNHO DE 1910 NOTÍCIA SOBRE A "EXTIRPAÇÃO TOTAL DA LARYNGE"

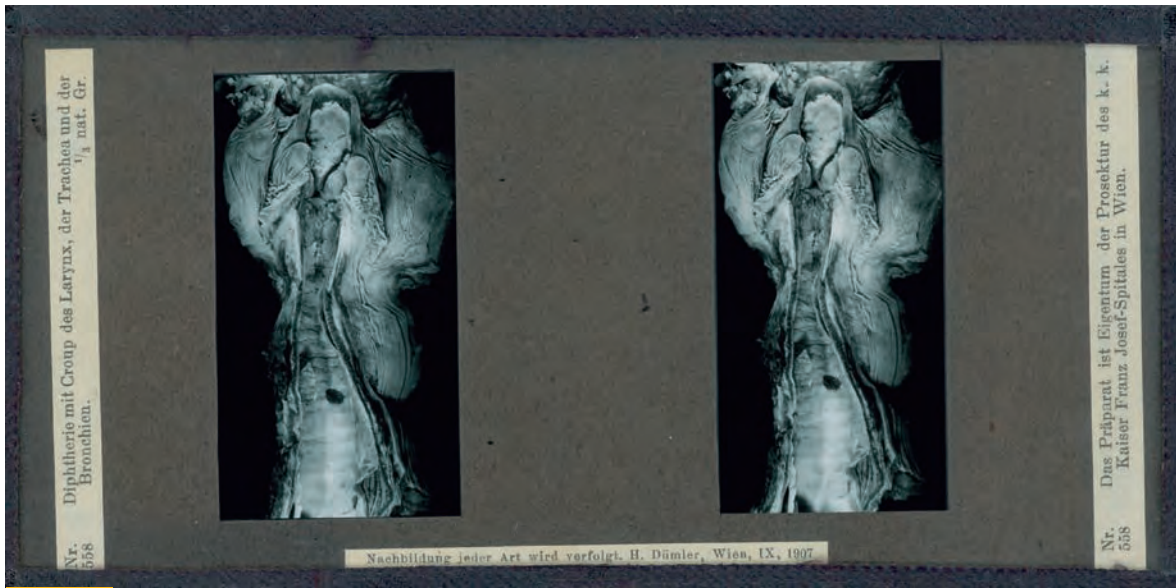


FIGURA 106

IMAGENS ESTEREOSCÓPICAS DA LARINGE NUM CASO DE DIFTERIA DA LARINGE, QUE PERTENCERAM A JOÃO SANT'ANNA LEITE

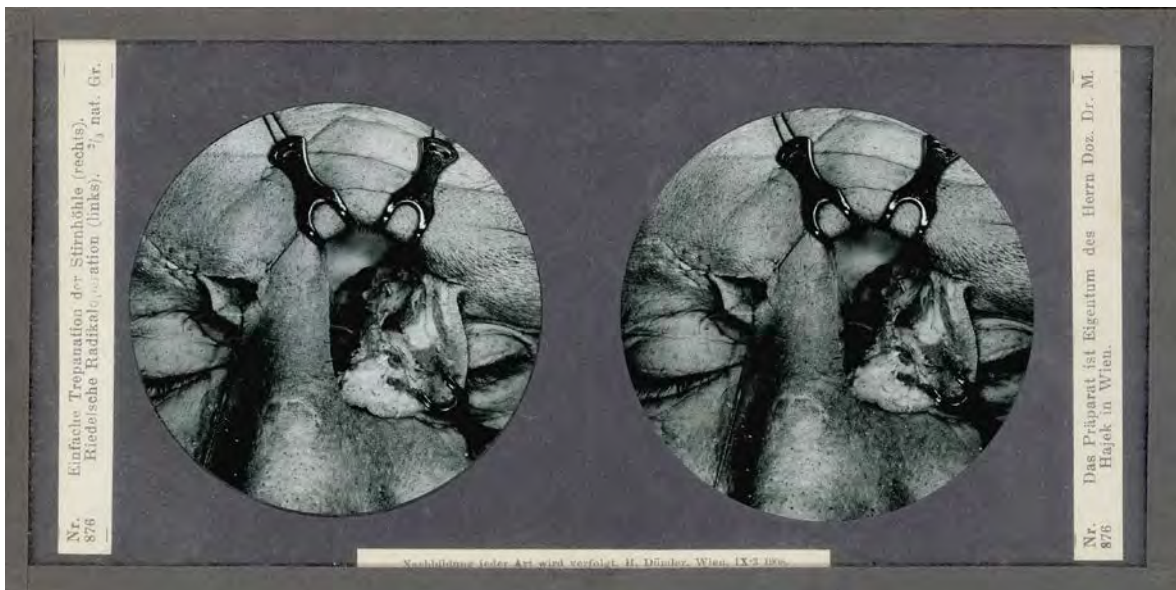


FIGURA 107

IMAGENS ESTEREOSCÓPICAS DA LARINGE QUE PERTENCERAM A JOÃO SANT'ANNA LEITE.
A LEGENDA REFERE QUE A PREPARAÇÃO FOI FEITA PELO DR. HAJEK EM VIENA - A DATA É 1908

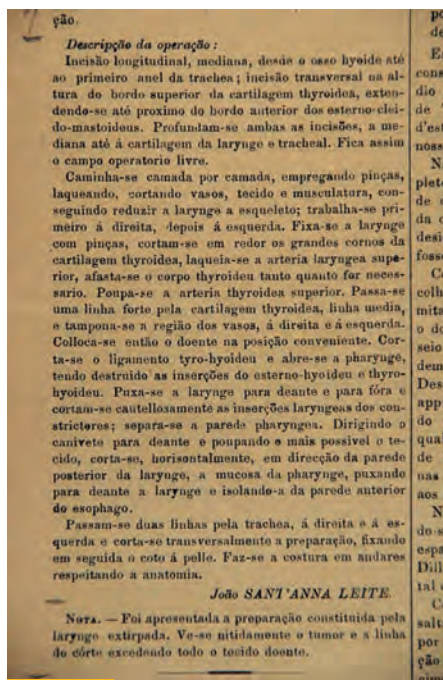


FIGURA 108

DESCRIÇÃO DAQUELA QUE TERÁ SIDO A PRIMEIRA LARINGECTOMIA TOTAL REALIZADA EM PORTUGAL

Nestes casos os doentes conseguem engolir o ar, fazem-n'ò subir sobre pressão novamente para cima, sob acção muscular, produzindo n'este acto um ruído na cavidade buccal ou já no esophago que auxilia a articulação e torna possível uma voz alta e distincta.

N'alguns casos funciona o esophago como folle e o ar regorgitado causa oscilações das pregas da membrana mucosa que funcionam como uma glotte accessoria, cujas oscilações tornam possível a voz alta.

As indicações da laryngectomia estão estabelecidas. Antes de se pôr em pratica o processo operatorio moderno, esta operação dava uma percentagem tal de mortandade que arrefecia os cirurgiões mais ousados e mais indifferentes.

Hoje, a moderna cirurgia usa uma technica que da uma segurança completa de se afastar a causa principal da enorme mortandade, que envolveu por muito tempo em crepes esta operação. Os triumphos de hoje substituem as desilusões d'out'ora e estas teem actualmente um valor histórico, dando aquelles a medida da difficuldade vencida.

Aos collegas e amigos Augusto Monjardino, Jose de Padua e Raymundo Nogueira a minha gratidão pelo precioso auxilio que me dispensaram na operação."

Segue-se a descrição de todos os passos da operação:

"Descrição da operação:

Incisão longitudinal, mediana, desde o osso hyoide até ao primeiro anel da trachea; incisão transversal na altura do bordo

superior da cartilagem thyroidea, extendendo-se até ao próximo do bordo anterior dos esterno-cleido-mastoideus. Profundam-se ambas as incisões, a mediana até à cartilagem da larynge e tracheal. Fica assim o campo operatório livre.

Caminha-se camada por camada, empregando pinças, laqueando, cortando vasos, tecido e musculatura, conseguindo reduzir a larynge a esqueleto; trabalha-se primeiro à direita, depois à esquerda. Fixa-se a larynge com pinças, cortam-se em redor os grandes cornos da cartilagem thyroidea, laqueia-se a arteria laryngea superior, afasta-se o corpo thyroideu tanto quanto for necessario. Poupa-se a arteria thyroidea superior. Passa-se uma linha forte pela cartilagem thyroidea, linha media, e tampona-se a região dos vasos, à direita e à esquerda. Coloca-se então o doente na posição conveniente. Corta-se o ligamento tyro-hyoideu e abre-se a pharynge, tendo destruido as inserções do esterno-hyoideu e thyro-hyoideu. Puxa-se a larynge para deante e para fóra e cortam-se cautellosamente as inserções laryngeas dos constrictores; separa-se a parede pharyngea. Dirigindo o canivete para deante e poupando o mais possível o tecido, corta-se, horizontalmente, em direcção da parede posterior da larynge, a mucosa da pharynge, puxando para deante a larynge e isolando-a da parede anterior do esophago.

Passam-se duas linhas pela trachea, à direita e à esquerda e corta-se transversalmente a preparação, fixando em seguida o coto à pelle. Faz-se a costura em andares respeitando a anatomia.

"Foi apresentada a preparação constituída pela larynge extirpada vê-se nitidamente o tumor e a linha do corte excedendo todo o tecido doente."

Esta, a descrição daquela que terá sido a primeira Laringectomia Total realizada em Portugal.

As fotografias estereoscópicas que ilustram este capítulo (no total são doze estereoscopias em vidro) pertenceram ao Dr. João Sant'Anna Leite (1870 - 1941) e foram-me amavelmente oferecidas pelo seu neto, o Dr. João Manuel Alves Sant'Anna Leite (Médico Radiologista). Elas mostram bem a preocupação que este pioneiro da ORL em Portugal tinha em se documentar sobre a patologia e as técnicas cirúrgicas da cirurgia laríngea, e que culminariam na realização da primeira Laringectomia Total realizada em Portugal.

A REVOLUÇÃO REPUBLICANA E A GERAÇÃO DE 1911

Em 5 de Outubro de 1910 muda o regime político, e com esta mudança mudam as mentalidades e muda o País. A geração que tinha assistido e participado no grande Congresso de Medicina de 1906 tinha começado a frequentar estágios e cursos no estrangeiro, com regularidade e com a vontade imensa de estar a par do que de melhor se fazia lá fora.

É assim que, quando surge a reforma do ensino médico, existe toda uma geração, chamada de Geração de 1911,



FIGURA 109

OS JORNALS DA ÉPOCA DAVAM GRANDE DESTAQUE AOS NOVOS VALORES QUE DESPONTAVAM NA MEDICINA

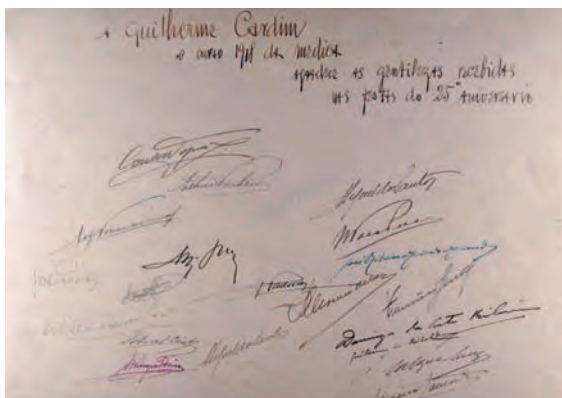


FIGURA 110

JANTAR DO 25º ANIVERSÁRIO DO CURSO DE 1918 COM AS RESPECTIVAS ASSINATURAS ENTRE AS QUAIS F. GENTIL, CELESTINO DA COSTA E SOBRAL CID

que estava preparada para as grandes mudanças prestes a começar. Era o início de uma época de ouro da Medicina portuguesa.

O ensino de Otorrinolaringologia foi criado em 24 de Janeiro de 1911 (Diário de Governo nº 45), e integrava os programas das Faculdades de Medicina de Lisboa, Porto e Coimbra. Em Lisboa, as clínicas e o ensino passaram da Escola Médico-Cirúrgica do Hospital de São José para o Hospital de Santa Marta: a Otorrinolaringologia estava integrada na Cadeira de Clínica Cirúrgica (sob a direcção, primeiro do PROF. CABEÇA, depois do PROF. FRANCISCO GENTIL, sendo finalmente entregue ao PROF. CARLOS DE MELLO.

Depois de já ter falado de Gregório Fernandes, Avelino Monteiro, Manuel Diogo Valladares e João Santana Leite, os principais impulsionadores da Otorrinolaringologia em Portugal, outro nome fica na História como um dos mais brilhantes cirurgiões e impulsionadores do ensino da Otorrinolaringologia em Portugal, no século XX - CARLOS DE MELLO.

A VIDA E A OBRA DO PROF. CARLOS DE MELLO

O Prof. CARLOS DE MELLO foi um dos precursores do ensino da Otorrinolaringologia em Portugal. Procurou, desde a sua formação académica, dar à ORL o lugar de destaque que pensava que ela merecia em Portugal. Alcançou por mérito próprio os mais altos cargos na sua profissão e mais longe não foi, certamente, porque a morte o levou com apenas 44 anos de idade. Os trabalhos

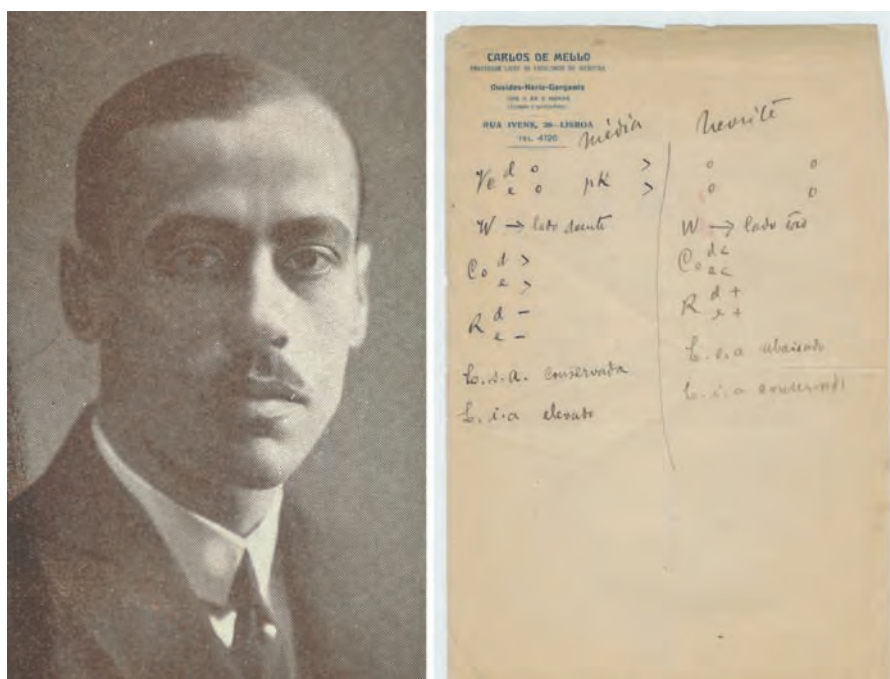


FIGURA 111

O PROF. CARLOS DE MELLO E UM DOS SEUS EXAMES AUDIOLÓGICOS (1888 - 1933)

que publicou mostram bem a capacidade científica e cirúrgica que o tornaram numa das primeiras figuras da História da Otorrinolaringologia em Portugal.

A Biografia do Prof. Carlos de Mello é a história de um brilhante Cirurgião, Professor e Orador, alguém que lutou por conseguir implementar o Ensino da Otorrinolaringologia em Portugal.

Pertenceu a uma geração, que com a reforma do ensino em 1911, lançou em Portugal as bases de uma nova Medicina.

CARLOS PINTO DA CRUZ E MELLO nasceu em Lisboa a 8 de Outubro de 1888. Fez o Curso dos Liceus em Lisboa, tendo obtido nos exames do 5º e 7º ano a classificação de distinto.

No ano lectivo de 1906-1907 frequentou, na Escola Politécnica, as cadeiras de Química Mineral e Química Orgânica, Física Experimental e Zoologia, como preparatórias para os estudos Médicos.

No 2º ano do Curso de Medicina tirou, no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, o curso de Bacteriologia, regido pelo Prof. Aníbal de Bettencourt.

ANÍBAL DE BETTENCOURT nasceu em Angra do Heroísmo em 1868 e morreu em Lisboa em 1930. Principal colaborador de Câmara Pestana, a quem sucedeu na direcção do Instituto Bacteriológico e no ensino da Microbiologia, de que foi Professor Catedrático em 1910. Foi membro honorário de várias sociedades científicas portuguesas e estrangeiras, e ainda o primeiro Presidente da Sociedade Portuguesa de Fotografia fundada em 1907.

Voltando a CARLOS DE MELLO, sabe-se que durante os três últimos anos do curso trabalhou na consulta de crianças e na Enfermaria de Santo Onofre do Hospital de S. José, sob a Direcção do Prof. Salazar de Sousa.

Concluiu a sua formatura na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em Julho de 1911.

A ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DE LISBOA

O ano de 1911 marcou o ano de transição entre a velha e a nova Escola de Medicina. Foi no dia 22 de Fevereiro de 1911 que tudo mudou, o pessoal docente foi renovado e aumentado, foi criada a figura de assistente, também mudaram as condições de frequência, a instituição regular de trabalhos práticos em todas as cadeiras, e até os edifícios eram novos, quer o edifício central quer o das clínicas.

A antiga Escola Médica tinha sido instalada em 1837 no antigo Convento dos Arrábidos. Havia muito pouco ensino prático, pois não havia espaço, nem material. A prática clínica funcionava nas enfermarias ligadas à Escola, Enfermarias S. Carlos, Santa Maria e Santa Bárbara, sendo esta última destinada à Obstetrícia.

Há muitos anos a funcionar em condições deficientes, foi muito desejada a reforma que surgiu em Fevereiro de 1911,

que concluiu com a entrega, à Escola, do Edifício do Campo Santana e com a posse do Hospital de Santa Marta.

O Edifício do Campo Santana tinha ficado terminado em 1906, poucos dias antes do dia 19 de Abril, data em que, presidido pelo Rei D. Carlos, se iniciava o mais importante acontecimento da Medicina Portuguesa até essa data, a inauguração do XV Congresso Internacional de Medicina.

Este Congresso, presidido pelo Prof. MIGUEL BOMBARDA, foi um grande êxito, e o verdadeiro início da criação das Especialidades Médicas em Portugal.

MIGUEL AUGUSTO BOMBARDA, nasceu no Rio de Janeiro em 1851 e faleceu em Lisboa em 1910 assassinado por um doente, licenciou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1877, e a sua tese inaugural foi sobre "O delírio das perseguições". A sua carreira, na Escola Médico-Cirúrgica, foi sucessivamente de Substituto da secção médica (1880-1883), Lente Proprietário de Fisiologia e Anatomia

Geral (1883-1903); Lente Proprietário de Histologia e Fisiologia Geral (1903-1910) e Lente Proprietário de Fisiologia Especial (1907-1910).

No HOSPITAL DE S. JOSÉ foi Cirurgião do Banco em 1879 e Cirurgião Extraordinário em 1874. Foi Director do HOSPITAL DE RIBAFOLHES a partir de 1882.

Miguel Bombarda foi Jornalista, Fundador e Director da Revista "A Medicina Contemporânea", entre muitas outras actividades na área política e social.

Foi um dos mais fecundos escritores Médicos Portugueses, sobre as mais diversas áreas do conhecimento e da política.

Foi Presidente da Sociedade das Ciências Médicas (1900-1903) e Possuía a Grã-Cruz e Comenda da Ordem de Santiago.



FIGURA 112

O EDIFÍCIO DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA NO CAMPO DE SANTANA NO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX



FIGURA 113

O HOSPITAL DE SANTA MARTA TAL COMO ERA NA ÉPOCA DE CARLOS DE MELLO

O HOSPITAL DE SANTA MARTA

O HOSPITAL DE SANTA MARTA tinha uma lotação de cerca de 500 camas, estava ligado ao Ministério da Educação e tinha grande autonomia financeira. O seu Director era um dos Professores que também era Director de um Serviço. Para cada Serviço, existia um Arquivo próprio e as suas secretárias arquivistas. Existiam também Bibliotecas Privativas de cada Serviço e revistas e livros vindos do estrangeiro, que mantinham o pessoal Médico actualizado. Uma revista que foi muito importante, a "LISBOA MÉDICA", estava muito ligada ao hospital, e foi o repositório da actividade científica do Hospital e da Faculdade.

Os Serviços gerais eram o de Medicina e o de Cirurgia, e cada um deles tinha cerca de 100 camas e capacidade para receber um número máximo de 90 alunos.

O Hospital de Santa Marta recebia doentes que eram referenciados pela sua dificuldade ou raridade, o que permitia aos alunos o estudo de uma grande riqueza de patologias.

Os lugares eram obtidos por concurso documental ou de provas, e o quadro de pessoal compunha-se de Professor Ordinário (ou Catedrático), Professor Extraordinário (ou Livre), Professor Agregado sem lugar no quadro, 1º Assistente e 2º Assistente (ou só Assistente).

Quando se deu a transferência para o novo Hospital, ficaram como Professores na Cirurgia, CUSTÓDIO CABEÇA (1866-1936), para a Clínica Cirúrgica, e FRANCISCO GENTIL (1878-1964) para a Patologia Cirúrgica.

Quando as leis que reformaram o ensino e a prática da Medicina em Portugal foram publicadas, os Médicos dessa geração estavam prontos para assumir o leme da nova Faculdade de Medicina, que durante mais de 40 anos, entre 1911 e 1954, deu corpo à época áurea da Medicina Portuguesa. Dessa Geração fizeram parte, entre outros, MARK ATHIAS, ANÍBAL BETTENCOURT, A. CELESTINO DA COSTA, FRANCISCO GENTIL, AZEVEDO NEVES, SÍLVIO REBELLO e HENRIQUE DE VILHENA.

A FORMAÇÃO DE CARLOS DE MELLO NO ESTRANGEIRO

Concluída a sua formatura em Medicina e Cirurgia, Carlos de Mello desejando aperfeiçoar-se na área da Otorrinolaringologia, frequentou no semestre de Inverno de 1911-1912, os seguintes cursos da Universidade de Berlim:

- Curso de Otoscopia e Rinoscopia proferido pelo Prof. PASSOW;
- Curso de Operações nos ouvidos e nariz proferido pelo Dr. WEGENER;
- Curso de Laringologia e Rinoscopia dirigido pelo Prof. HEYMAN.

Continuando a sua formação em Otorrinolaringologia na Universidade de Berlim, foi admitido no semestre de Verão de 1912, como assistente voluntário na Clínica Otorrinolaringológica de Königliche Charité, de Berlim,



FIGURA 114

A REVISTA "LISBOA MÉDICA" ERA O ÓRGÃO OFICIAL DE DIVULGAÇÃO DOS TRABALHOS PRODUZIDOS NO HOSPITAL DE SANTA MARTA

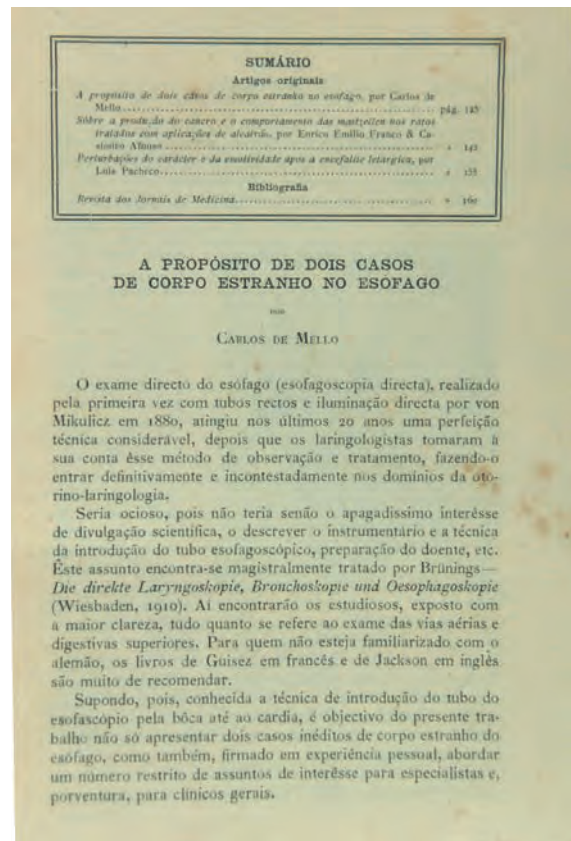


FIGURA 115

UM ARTIGO DE CARLOS DE MELLO ESCRITO EM ALEMÃO

dirigida pelo Prof. PASSOW, tendo frequentado as seguintes cadeiras da Faculdade de Medicina:

- Curso Prático de doenças do Nariz e dos Ouvidos pelo Prof. PASSOW;
- Clínica de doenças das vias aéreas e digestivas superiores pelo Prof. KILLIAN;
- Semiótica das vias aéreas e digestivas superiores pelo Prof. KILLIAN;
- Patologia e terapêutica das perturbações da Fala e da Voz pelo Dr. GULZMAN.

No último trimestre de 1912 dirigiu-se para Viena de Áustria, berço da mais famosa Escola de ORL da época, onde frequentou o Curso de Clínica Otorrinolaringologia dado pelo Prof. CHIARI e pelo Dr. MARSCHUL.

Igualmente frequentou o curso de Rino-Laringologia pelo Prof. HAJEK e o Curso de operações Rino-Laringológicas pelo Dr. SCHEMMER.

Terminados os seus estudos em Viena de Áustria, regressou à Alemanha onde trabalhou durante três meses como Assistente Voluntário na Clínica Oto-Rino-Laringológica do Städtischer Krankenhaus, de Dresden onde se familiarizou com os processos de observação directa das vias aéreas

digestivas superiores, nomeadamente: Laringoscopia, Traqueoscopia, Broncoscopia e Esofagoscopia directa. Durante o semestre de Verão de 1913 trabalhou como Assistente Voluntário na Clínica e Policlínica do Prof. Passow na Königliche Charité de Berlim.

Concluída a sua formação no Estrangeiro, regressou a Lisboa onde foi admitido, no Verão de 1913, como Assistente livre da cadeira de Terapêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Lisboa.

O Professor da Cadeira era o Prof. Francisco Gentil e foi quem o encarregou, aproveitando a experiência e os conhecimentos adquiridos em Berlim e em Viena, de dirigir uma consulta de Ouvidos, Nariz e Garganta no seu Serviço do Hospital Escolar de Santa Marta, consulta onde Carlos Mello trabalhou ininterruptamente até 1921, e após um interregno, em 1925-1926 voltou a reabrir a consulta durante a direcção do Hospital Escolar pelo Prof. Egas Moniz.

FRANCISCO SOARES BRANCO GENTIL nasceu em 1878 e morreu em 1964 em Lisboa, onde se formou em 1900, tendo sido, logo de seguida, o primeiro classificado no concurso para Cirurgião do Hospital de S. José. Fora já preparador de Anatomia, ainda estudante, e pouco depois, em 1903, nomeado chefe de clínica por concurso. Em 1906 foi Lente substituto de Cirurgia, e de Obstetrícia, em 1908. Foi Lente proprietário de Medicina Operatória em 1911, de Patologia Cirúrgica em 1915 e de Clínica Cirúrgica em 1936. Em 1912, já instalado no Hospital Escolar de Santa Marta desde o ano anterior, começou a consulta de cancerosos, e iniciou o primeiro pavilhão no Instituto Português de Oncologia em 1927. Desde 1913 que se ocupou de constru-



FIGURA 116

FRANCISCO SOARES BRANCO GENTIL (1878 - 1964)

ções hospitalares. Foi sócio, membro e participante destacado de inúmeras sociedades científicas, academias e congressos internacionais, e o seu nome ficou para sempre consagrado como notável organizador hospitalar e cirurgião oncológico. Deixou muito extensa e importante bibliografia nas principais revistas médicas durante décadas, em tudo se ocupando, desde a sutura de feridas do coração em cirurgia de urgência, até à mais larga cirurgia oncológica que praticou.

A 17 de Março de 1914, o Conselho da Faculdade de Medicina de Lisboa concedeu autorização ao Dr. Carlos de Mello para reger um Curso Livre de Otorrinolaringologia. O primeiro Curso foi inaugurado em Abril de 1914, o curso tinha a duração de seis semanas, era gratuito e admitiu 12 alunos, tendo-se-lhe seguido mais quatro cursos até ao fim do ano de 1915.

Em 1916, Carlos de Mello integrou uma Missão Médica, nomeada pelo Governo para estudar em França e noutros países, questões de Assistência Médica em campanha militar.

Em Novembro de 1916 fez concurso de provas públicas na Faculdade de Medicina de Lisboa para Professor livre de Otorrinolaringologia, tendo sido aprovado por unanimidade de votos.

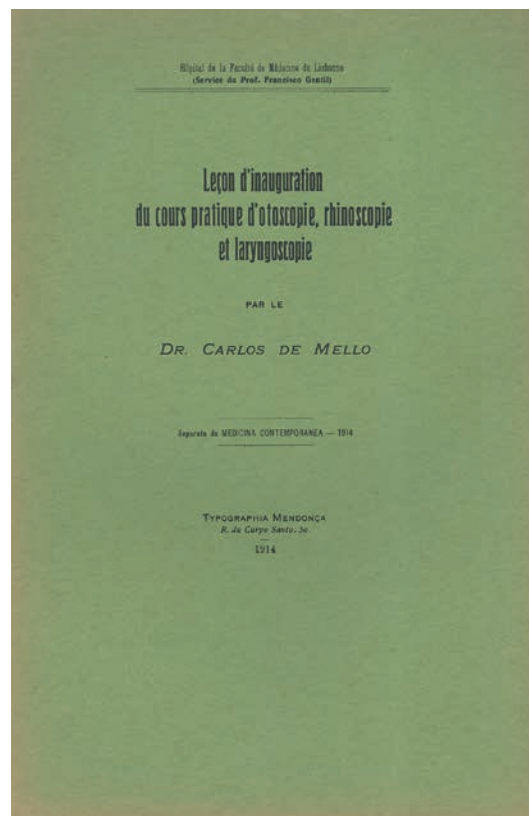


FIGURA 117

BROCHURA COM A PUBLICAÇÃO "LIÇÃO DE INAUGURAÇÃO DO CURSO PRÁTICO DE OTOSCOPIA, RINOSCOPIA E LARINGOLOGIA" EM 1914

Desde 1916 até 1921 regeu o Curso Anual, oficial e obrigatório, de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Em 31 de Julho de 1920 o Conselho da Faculdade de Medicina concedeu um Louvor ao Prof. Carlos de Mello:

"Pelos excelentes serviços prestados ao ensino e ao Hospital Escolar com a criação e a direcção da consulta de Otorrinolaringologia."

Carlos de Mello foi um excelente cirurgião e a sua opinião era sempre acatada como definitiva. A sua maneira de ensinar era intuitiva, e a sua argumentação brilhante, como acontecia nos concursos e nas sessões da Sociedade de Ciências Médicas que frequentava assiduamente.

Publicou numerosos trabalhos (ver capítulo seguinte), tendo publicado em Livro o estudo "OTORRINOLARINGOLOGIA EM CAMPANHA E NA PRÁTICA CLÍNICA", que elaborou quando esteve no C.E.P. (Corpo Expedicionário Português), em França. O Prof. Carlos de Mello foi ainda Director do Hospital Escolar de Santa Marta, e quando faleceu era Director da Revista "LISBOA MÉDICA".

Era sócio titular da Sociedade de Ciências Médicas, Membro do Instituto de Coimbra e condecorado com a Comenda de Santiago. Foi um dos Fundadores do Banco Espírito Santo e um dos seus Directores. Carlos Pinto da Cruz e Mello faleceu em Vidago, no dia 16 de Agosto de 1933 com 44 anos de idade.

ALGUMAS DAS PUBLICAÇÕES DO PROF. CARLOS DE MELLO

Pela sua importância para a História da Otorrinolaringologia Portuguesa, farei uma descrição e alguns comentários a alguns dos trabalhos científicos do Prof. Carlos de Mello que considero mais relevantes:

Apontamentos de Química Mineral publicada em 1907 em colaboração com E. Mc-Bride. Este trabalho, publicado quando ainda era estudante, foi dirigido aos alunos que frequentavam a cadeira de Química Mineral da Escola Politécnica, e foi seguido como livro de texto por sucessivas gerações académicas.

Sobre Paralisias Faciais - Tese inaugural em 1912. Este trabalho foi a sua Tese Inaugural e apresenta a história clínica de um doente portador de paralisia facial e do nervo motor ocular externo, por lesão nuclear. Refere a sua estratégia no diagnóstico e tratamento deste caso.

A Amígdala Faríngea sob o ponto de vista clínico - Medicina Contemporânea - 1912. Artigo sobre a fisiologia e sobre as alterações patológicas que pode provocar no organismo.

A operação do Antro - Medicina Contemporânea - 1912. Baseada nos conhecimentos adquiridos em Berlim, descreve pormenorizadamente a técnica da Antrotomia, a

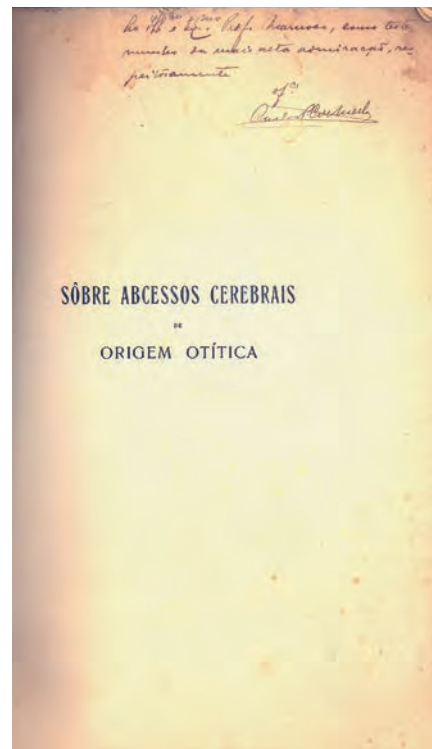
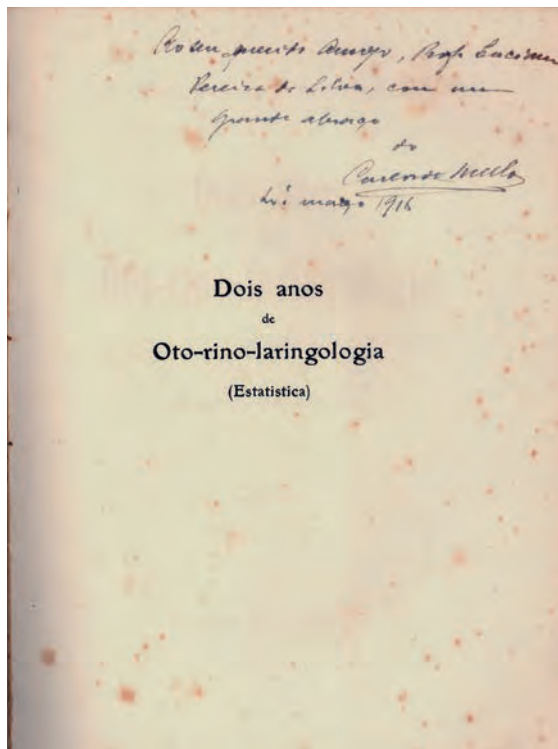


FIGURA 118

DUAS DAS PUBLICAÇÕES DE CARLOS DE MELLO COM DEDICATÓRIA 1914



FIGURA 119

ATRAVÉS DESTAS PUBLICAÇÕES OS TRABALHOS DO SERVIÇO DE CARLOS DE MELLO TINHAM DIVULGAÇÃO INTERNACIONAL

técnica de Anestesia Geral que utiliza, preconiza como pontos de referência a Espinha de Henle, que considera mais vantajosa do que a Linha Temporal Superior. Aconselha a exposição sistemática do Seio lateral e da Dura-Máter em todas as Antrotomias, facto este que foi considerado como revolucionário para a época. Encontro algumas curiosidades neste artigo, uma contrária ao que hoje fazemos, o uso das brocas, e outra um conselho sábio: é necessário praticar muito antes de operar ao vivo. A certa altura refere:

“Para trepanar a mastoidea, é a broca movida à mão ou por electricidade, um instrumento a condenar absolutamente. Com ella torna-se a operação de antro uma intervenção cega, brutal, perigosa, um verdadeiro crime quasi, sirvamo-nos do martelo e do escopro concavo.”

E termina o artigo com uma frase que tinha aprendido de Politzer:

“Ninguém deverá metter-se a emprehendel-a no vivo, sem primeiro a ter repetido no cadáver cinquenta vezes pelo menos.”

Sobre o tamponamento Nasal Pós-operatório - Medicina Contemporânea 1912. Aconselha o tamponamento nasal após as cirurgias nasais, principalmente depois da ressecção sub-mucosa do septo. Nesta época existiam Escolas que advogavam a utilização do tamponamento nasal, e outras que o rejeitavam firmemente.

Sobre Cancros do Esófago - Trabalho da Secção Oto-Rino-Laringológica do Hospital Friedrichstadt em Dresden, publicado na Medicina Contemporânea, em 1913. A propósito de um caso clínico, Carlos de Mello faz um resumo dos tratamentos existentes na época, sobre estes tumores.

Um caso de Pansinusite operada e curada - publicada na Medicina Contemporânea em 1914 e no Jornal da Sociedade de Ciências Médicas em 1916. Baseia-se este trabalho na observação de um caso clínico, começando com uma descrição das relações entre os Seios Perinasais e da técnica do Exame Radiográfico. Descreve depois a Técnica de Intubação Peroral de Kuhn, a qual, Carlos de Mello foi o primeiro a executar em Portugal, e a modificação que usa no seu emprego.

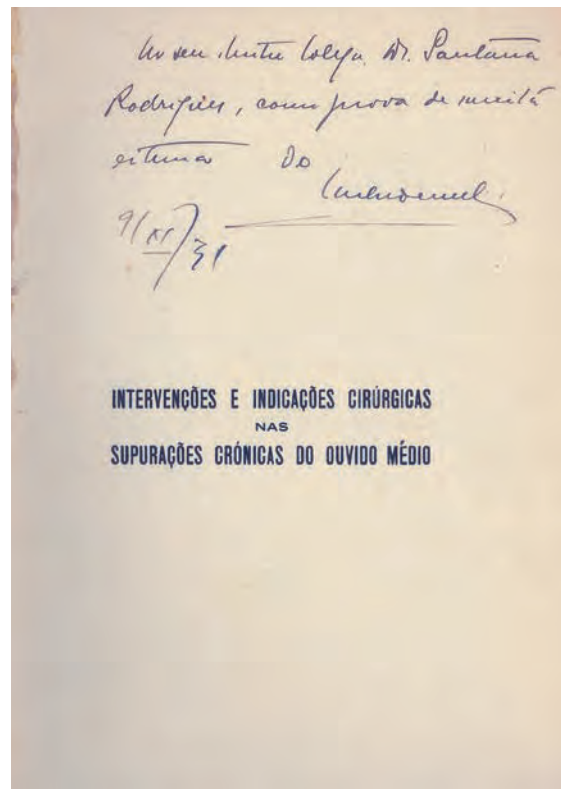
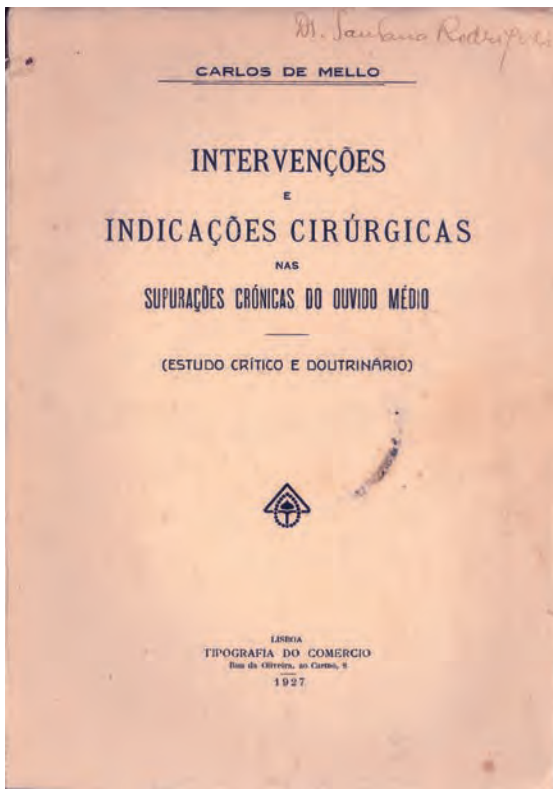


FIGURA 120

PUBLICAÇÃO COM ASSINATURA AUTÓGRAFA DE CARLOS DE MELLO

Leçon d'Inauguration du Cours Pratique d'Otoscopie, Rhinoscopie et Laryngoscopie - Medicina Contemporânea 1914. Foi com esta lição, onde se demonstra a necessidade do conhecimento da Otorrinolaringologia para os Médicos Práticos (Clínicos Gerais de hoje), que Carlos de Mello inaugurou o seu primeiro Curso na Faculdade de Medicina em Lisboa.

Introdução ao estudo das Fossas Nasais - Medicina Contemporânea - 1915. Portugal Médico nº 4 - 1915. Lição feita aos alunos de Medicina Interna sobre noções básicas de Rinologia.

Sobre Abscessos Cerebrais de origem Otítica - Separata da Revista da Universidade de Coimbra -1915. Com prefácio do Prof. Francisco Gentil, que critica Carlos de Mello por este referir que em Portugal não havia ensino de Especialidades; *"levada pelo justo entusiasmo de especialista apaixonado, se deixa arrastar a afirmações menos justas"*, conclui Francisco Gentil ironizando *"Como poderíamos nós ter conseguido o que hoje têm em Viena, há já cinquenta anos"*. Este trabalho baseia-se em oito casos de abscessos cerebrais otíticos, observados e tratados na Clínica Otorrinolaringológica da Königliche Chanté de Berlim. Após uma descrição dos sistemas, diagnóstico diferencial, conclui defendendo a intervenção precoce, refere Carlos de Mello: "Todo o abscesso cerebral não operado

conduz totalmente à morte do seu portador. Tratando da profilaxia das otites, demonstra a importância capital de bem tratar as supurações do Ouvido Médio, considerado pelo povo como algo de bom, que depura e limpa o sangue". Carlos de Mello continua referindo que: "Um tratamento profícuo das otites supuradas, apenas poderá ser posto em prática, quando os médicos, ao sair das respectivas Escolas, nelas tiverem adquirido conhecimentos basilares de Otologia. A existência de uma cadeira de Oto-Rino-Laringologia em todas as Faculdades de Medicina de Portugal, posto que, já decretada, não foi ainda posta em prática, por isso mesmo representa uma necessidade individual e necessidade vital.

Dois casos de abscesso cerebral otítico - Medicina Contemporânea - 1915. Artigo sobre dois casos pessoais de Carlos de Mello operados no Hospital Escolar de Santa Marta.

Dois anos de Oto-Rino-Laringologia - Lisboa - 1916. Esta monografia refere o movimento geral de doentes observados e tratados em 1914-1915, na consulta do Hospital Escolar de Santa Marta, de cuja direcção Carlos de Mello tinha sido incumbido pelo Prof. Francisco Gentil. O número total de tratamentos e observações nos dois anos foi de 6315, e o de intervenções cirúrgicas de 454. Funcionaram nesses anos, cinco cursos, nos quais se inscreveram 86 alunos, sendo nove médicos.

Oto-Rino-Laringologia em Campanha e na Prática Civil - Lisboa - 1916. Este trabalho representa um resumo do que há mais importante a conhecer em traumatismos das regiões que constituem o domínio da Oto-Rino-Laringologia. Carlos de Mello procura fazer um resumo dos serviços médicos Alemães, Ingleses e Franceses para poder aplicar a Portugal a experiência alheia numa altura em que o país se preparava para entrar na guerra. Advoga a necessidade de adoptar ao nosso exército o uso obrigatório de capacetes metálicos, já que em França tinham feito descer em 30% as feridas na cabeça. Neste trabalho são referidos os traumatismos da Face e do Ouvido Externo, faz o estudo dos traumas do Ouvido Médio e Interno e indica o exame funcional de audição que usa na consulta do Hospital Escolar e a forma de despistar simuladores de surdez. Depois de referir a Síndrome de Ménière, comoção labiríntica, nevrose de Ménière, menierismo, terapêutica das lesões labirínticas, nevrite acústica e surdez histérica, conclui que a Otorrinolaringologia de guerra e da paz, em coisa alguma diferem, excepto no número de feridos e nos meios para tratar vários doentes ao mesmo tempo.

INTERVENÇÕES E INDICAÇÕES CIRÚRGICAS NAS SUPURAÇÕES CRÓNICAS DO OUVIDO MÉDIO - ESTUDO CRÍTICO E DOUTRINÁRIO - Tipografia do Comércio, Lisboa 1927. Neste livro, profusamente ilustrado com 121 páginas, Carlos de Mello faz o mais completo estudo realizado até à data, em Portugal, sobre as Otites crónicas. A sua leitura proporciona uma apaixonante visão sobre o estado da Otolgia em 1927. Impossibilitado de descrever exaustivamente este livro, limito-me a transcrever os respectivos capítulos, pois já dá uma boa visão do modo como esta temática foi abordada: 1) - Histórias Clínicas e comentários; 2) - Patogénese e definição de Otites Médias Crónicas Supuradas; 3) - Operação Radical de Esvaziamento pétro-mastoideu; 4) - Perigos e Resultados da Operação Radical; 5) - Radical - conservadora, ático-antrotomia e operação de Bárány; 6) - Ostosclerose defensiva, Continuação da crítica à operação Radical; 7) - Indicações clássicas da operação radical - Exposição e crítica; 8) - Divisão das otites médias crónicas supuradas; 9) - Otites Colesteatomatosas; 10) - Resumo - Estado actual da questão em França, na Alemanha, Inglaterra, América do Norte, Itália, Espanha e Portugal; 11) - Indicações Cirúrgicas - Escolha do processo operatório; 12) - Radical Interna - Resenha dos primeiros casos operados em Portugal; 13) - Bibliografia com 151 referências bibliográficas, grande parte das quais em língua alemã.

Sinusites Maxilares Crónicas - *Recueil des travaux publiés*. Vol I - 1931. Extenso trabalho sobre as sinusites maxilares, referindo que, das 85 sinusites observadas no Hospital de Santa Marta, em 1929 e 1930, 61 eram maxilares. Após referir as causas mais frequentes e os métodos de diagnóstico, disserta sobre as diferentes vias de abordagem e a excelência do Raio-x com contraste para diagnosticar aquilo a que chama as sinusites lactentes. Este trabalho vem ilustrado com sete fotografias de radiografias com contraste.



FIGURA 121

O JORNAL "DIÁRIO DE LISBOA" DE 22 DE FEVEREIRO DE 1922 DEU UM GRANDE DESTAQUE A CARLOS DE MELLO

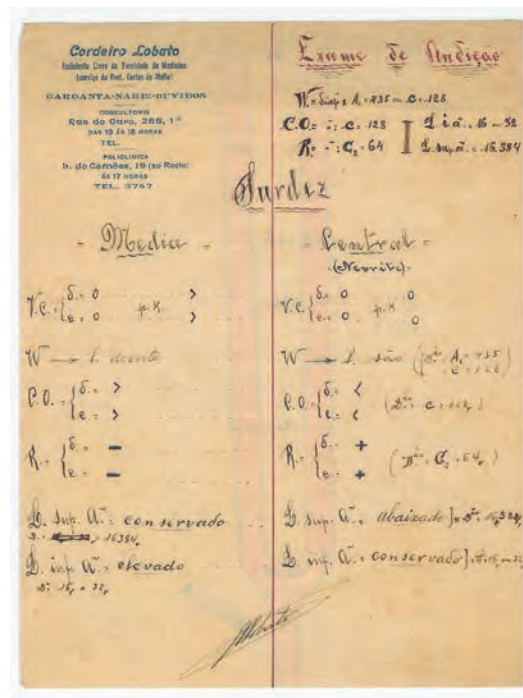


FIGURA 122

EXAME DE AUDIÇÃO REALIZADO POR GERVÁSIO LOBATO, ASSISTENTE DE CARLOS MELLO

Operações Estéticas do Nariz sem cicatriz exterior - Separata do Jornal Lisboa Médica, nº 5, Ano VIII - 1931.

Operações Estéticas do Nariz, Escolioses - Separata de "A Medicina Contemporânea". nº 18 de 1 de Maio de 1932. Trata-se dos primeiros trabalhos de que tenho conhecimento sobre cirurgia estética nasal em Portugal. Divide as deformidades nasais em três grupos: os aumentos de volume, os desvios da sua posição mediana e as deformações provocadas pela destruição osteo-cartilaginosa do nariz. Ilustradas com fotografias, Carlos de Mello descreve as técnicas utilizadas e refere que está longe do seu espírito alcançar a perfeição, mas com a melhoria da técnica, espera noutra ocasião, mostrar casos em que a perfeição seja tocada mais de perto.

Estatística da Clínica da Garganta, Nariz e Ouidos do Hospital Escolar, de Novembro de 1930 por J. Cordeiro Lobato, sob orientação do Prof. Carlos de Mello. Em 1928, o Serviço de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, no Hospital Escolar de Santa Marta, era constituído por uma Consulta Externa e duas Enfermarias de 8 camas cada, respectivamente para homens e mulhe-

res com o respectivo corpo de Enfermagem, e tinha como Corpo Clínico um Director e três Assistentes Voluntários.

Funcionava a Consulta às Terças-feiras e Sábados, sendo as Quintas-feiras destinadas a consultas mais demoradas ou complicadas. Durante esse período, houve 96 dias de consulta e foram observados e tratados 3028 doentes, o que perfaz 32 doentes por consulta. Carlos de Mello conclui, após a apresentação dos quadros estatísticos, que espera no próximo ano alargar as consultas, pois material e boa vontade não faltam no seu Serviço.

O Prof. Carlos de Mello foi, sem qualquer dúvida, o precursor do ensino da Otorrinolaringologia em Portugal. Procurou, desde a sua formação académica, dar à ORL o lugar de destaque que pensava que ela merecia em Portugal. Alcançou por mérito próprio os mais altos cargos na sua profissão e mais longe não foi certamente porque a morte o levou com apenas 44 anos de idade. O trabalho que publicou, sobre todas as áreas da Otorrinolaringologia mostra bem a capacidade científica e cirúrgica que o tornou numa das primeiras figuras da História da Otorrinolaringologia em Portugal.



FIGURA 123

HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO CERCA DE 1870

A ESPECIALIDADE DE OTORRINOLARINGOLOGIA NO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO NA CIDADE DO PORTO

No século XVIII, D. José I deu ordem à Misericórdia do Porto para se construir um novo Hospital que servisse condignamente a cidade do Porto, dado o crescimento da mesma e a manifesta insuficiência do velho HOSPITAL DE D. LOPO, situado na Rua das Flores. Desde o início se projectou um edifício magnífico. O projecto inicial de JOHN CARR contemplava um edifício quadrado de quatro fachadas mas, por falta de recursos, a Misericórdia alterou o projecto ficando então em forma de "U". Devido ao terreno pantanoso escolhido para a construção, tiveram de ser construídos alicerces fundos e largos, o que atrasou muito a conclusão da obra.

A primeira pedra foi solenemente lançada em 15 de Julho de 1770 e as obras arrastaram-se por muitos anos por terem atravessado os difíceis períodos das invasões francesas e da Guerra civil. Com inúmeras dificuldades, entre elas a falta de meios económicos da Santa Casa da Misericórdia, a obra final ficou reduzida a dois terços da inicialmente projectada, sendo esta orçada em 2 milhões de cruzados, por cálculos de 1791. Em 19 de Agosto de 1799, vinte e nove anos após o início da construção e com as obras ainda a decorrer, o HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO recebeu os primeiros doentes transferidos do velho Hospital de D. Lopo - 150 mulheres que foram ocupar a ala sul.

A origem do nome do Hospital tem uma história: logo que D. José ordenou a sua construção, sugeriu que a Misericórdia escolhesse, a votos, o nome de um santo para o Hospital, que ficasse seu patrono e o protegesse. Quatro propostas surgiram na mesa da Santa Casa da Misericórdia: S. João de Deus, S. Sebastião, Santo António e S. José. Na primeira votação, Santo António recebeu mais votos. Assim nasce o Hospital Geral de Santo António.



FIGURA 124

ARTIGO PUBLICADO POR TEIXEIRA LOPES

A primeira referência ao serviço de Otorrinolaringologia no HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO surge relatada na acta da sessão da Direcção Administrativa de 4 Janeiro de 1909. É explanado o pedido do Dr. JOSÉ AUGUSTO VIANA LEMOS PEIXOTO, Director da Enfermaria 3 (Medicina), no sentido de ser autorizada a abertura de "uma consulta especial de moléstia de ouvidos, nariz e garganta, com uma periodicidade de duas ou três vezes por semana...".

A decisão foi adiada por dificuldades de instalações, com a justificação de que seria necessário proceder a melhoramentos no "Banco".

A 23 de Outubro de 1909, é finalmente decidido estabelecer esta Consulta, sendo convidado para a sua direcção o Dr. TEIXEIRA LOPES.

ANTÓNIO TEIXEIRA LOPES JÚNIOR nasceu em 1873, no Porto, onde fez os seus estudos, formando-se em 1900 na antiga Escola Médico-Cirúrgica, com a defesa da dissertação intitulada "Breve Estudo sobre a Dismenorreia e seu Tratamento." Nos anos de 1902 e 1903 especializou-se em Paris em doenças da garganta, nariz e ouvidos, trabalhando no Hospital de Saint-Antoine, sob a direcção do Prof. Lermoyez, e nas clínicas dos Drs. Lubet, Burhon e Luc. De regresso ao Porto, consagrou-se à clínica da sua especialidade, conquistando a reputação que lhe valeu ser encarregado, em 1910, de instalar no Hospital Geral de Santo António o Serviço Especial de Otorrinolaringologia, ficando seu director interino até 1913, ano em que, após concurso, foi nomeado Director efectivo, lugar que ocupou durante mais de vinte anos, e pelo exercício do qual recebeu louvores da mesa da Santa Casa da Misericórdia, administradora daquele estabelecimento hospitalar.

Em 1920, por indicação do Conselho da Faculdade de Medicina do Porto, foi contratado para reger o curso de *Otorrinolaringologia*, renovando-se esse contrato em anos sucessivos, sendo o responsável pelo ensino até 1936.

Colaborou nas revistas *Medicina Moderna*, *Porto Médico*, *Gazeta dos Hospitais do Porto* e *Portugal Médico*, realizando conferências sobre assuntos da especialidade na Associação Médica Lusitana, na Faculdade de Medicina e no Hospital de Santo António.

Publicou um grande número de trabalhos entre os quais: "Corpos estranhos da hipofaringe e do esófago - Princípios gerais em que assenta a sua extracção"; "Complicações intra-cranianas das otites. Um caso de abcesso do cérebro, operação e cura"; "Pólipos da faringe-laríngea"; "Epistaxis"; "Mastoidites nos Diabéticos"; "Um caso de laringocelo - Algumas considerações sobre a sua patogenia"; "Crítica de um exame judicial - A surdez e o acto de testar" etc.

Depois desta pequena biografia de Teixeira Lopes, volto ao Hospital de Santo António.

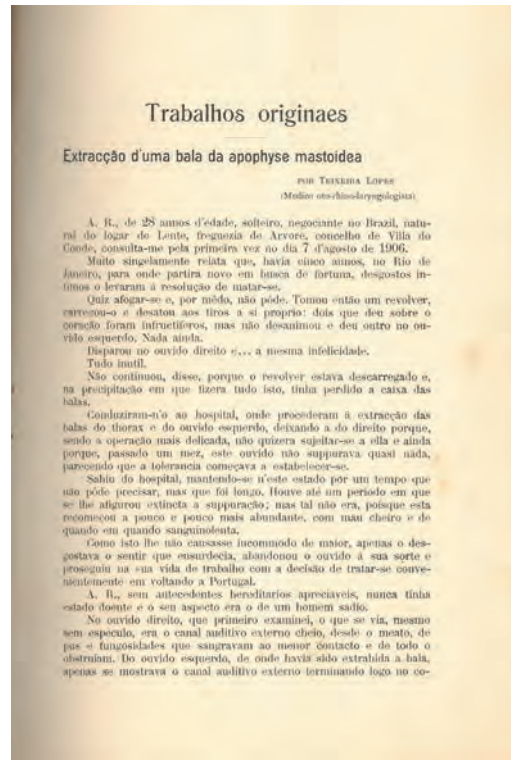
Em 7 de Fevereiro de 1913 o Dr. Aleixo Guerra apresenta a sua pretensão de exercer a especialidade de Otorrinolaringologia no Hospital de Santo António:

"Tendo eu empregado para me aperfeiçoar no estrangeiro, no exercício da clínica especial das doenças de ouvidos, nariz



FIGURA 125

TEIXEIRA LOPES COLABORAVA NA GAZETA DOS HOSPITAIS DO PORTO



e garganta, todo o tempo de licença que a Mesa da presidência de V. Ex.^a se dignou conceder-me; e desejando apresentar-me novamente ao serviço, julgo poder ser mais útil aos numerosos doentes protegidos da Santa Casa prestando-lhes como até aqui as funções da clínica geral. Por isso rogo a V. Ex.^a se digne providenciar, se assim o julgar conveniente, no sentido de me ser distribuído serviço da minha especialidade clínica. Saúde e Fraternidade”.

O Director Clínico, Dr. Dias de Almeida, informa que não veria qualquer inconveniente em ser deferido desde que preenchesse determinadas condições:

“Sendo o lugar absolutamente gratuito e não conferindo direito algum ao requerente, como nenhum direito tem todos os outros auxiliares, incluindo o que já se exerce a especialidade, me pareceu que a Santa Casa em nada era prejudicada, como não era prejudicado o outro clínico, antes pelo contrário haveria quem o substituísse nos possíveis impedimentos.”

Passaram deste modo os dois a realizar consultas da Especialidade em dias diferentes.

Em Setembro de 1913, abriu concurso para Director de Serviço de ORL. Ao mesmo apresentaram-se três concorrentes: Dr. Teixeira Lopes Júnior, Dr. Aleixo Guerra e o Dr. José Lemos Peixoto.

Este concurso, um pouco polémico e marcado pela situação inédita de haverem sido nomeados, para o mesmo concurso, dois júris diferentes com critérios e conclusões também diferentes, culminou com a nomeação do Dr. António Teixeira Lopes Júnior para 1º Director do Serviço de ORL, segundo decisão final, cargo que exercerá até 23/12/1936.

Em 22 de Junho de 1916 é homologado o resultado do concurso para Assistentes desta Especialidade, tendo sido nomeados como 1º e 2º Assistente o Dr. José Augusto Viana de Lemos Peixoto e o Dr. Raul Claro Outeiro, função que exerceram até 1926, data em que o Dr. António Veloso de Pinho ocupa o lugar de 2º Assistente, deixado vago pelo Dr. Raul Claro Outeiro, e o de 1º Assistente em 1929. Durante este período de tempo, assiste-se ao amadurecimento e afirmação progressiva do Serviço, consolidando-se o movimento de consultas e cirurgias. Ao Dr. Veloso de Pinho ficou a dever-se, em 1927, a criação do laboratório para exames histológicos de tumores.

Em 1936, em virtude do Dr. TEIXEIRA LOPES não poder continuar a reger o curso, a Faculdade de Medicina do Porto contratou Dr. JAIME MAGALHÃES, que iniciou o ensino em 1937, utilizando também as instalações do Hospital de Santo António.

Em 1937, o Dr. VELOSO DE PINHO ascende a Director do Serviço e tem como 1º Assistente o Dr. ALVARENGA DE ANDRADE.

Em 1937, quatro estagiários começam a frequentar a Consulta, nomeadamente o Dr. José Alvarenga de Andrade – o qual foi nomeado, em 1937, 2º Assistente provisório; e em 20 de Dezembro de 1938, 1º Assistente, o Dr. Alberto Laurentino Barbedo Júnior; o Dr. Severino Coelho Barbedo e o Dr. Eurico de Oliveira – nomeados igualmente a 20 de Dezembro de 1938, 2º Assistente. Em 1944 entra, como segundo assistente, o Dr. EURICO DE OLIVEIRA.

Em 1944 o Quadro Clínico do Serviço de ORL era composto por:

- 1 Director do Serviço - Dr. Veloso de Pinho;
- 1.º Assistente - Dr. Alvarenga de Andrade;
- 2.º Assistente - Dr. Eurico de Oliveira.

Em 1947 foram autorizados a frequentar o Estágio de ORL, os Drs. Albertino Correia Loureiro e Afonso Ferreira da Costa.

Em 1962, após diversas vicissitudes que levaram ao seu afastamento provisório desde 1953 tendo ficado como Director interino o Dr. Eurico de Oliveira.

Em 1958 realizaram-se, no Serviço ORL do Hospital de Santo António, as primeiras fenestrações labirínticas no Norte do País.

O Dr. Veloso de Pinho retomou o seu lugar de Director do Serviço, ficando o Dr. Alvarenga de Andrade como 1.º Assistente e o Dr. Eurico de Oliveira como 2.º Assistente. Ainda, em 1962 inicia o estágio o Dr. António Gameiro dos Santos e é criado o Internato da Especialidade, sendo o primeiro Médico Interno do Serviço e primeiro Interno do Norte do País, o Dr. Raul Ferreira da Silva. Em meados de 1962 o Dr. Alvarenga de Andrade pede a demissão de Assistente da Faculdade de Medicina, a funcionar no Hospital de S. João.

Em 1965, o Dr. A. Gameiro dos Santos, após regressar de Oxford, onde fez um estágio de cerca de dois anos e meio, inicia funções como Médico Extraordinário do Serviço, sendo ainda contratados mais dois médicos, os Drs. Francisco Alves Correia e Abílio Esteves Marcos. Em 1967, ingressa no Serviço como Médico Extraordinário o Dr. Raul Silva, após o Exame de Saída da Especialidade.

Em 1970, é concedida aposentação ao Director do Serviço de Otorrinolaringologia Dr. Alvarenga de Andrade e, após concurso, o lugar de Director do Serviço é preenchido pelo Dr. Eurico de Oliveira, até então Assistente daquele Serviço, passando o Dr. Raul Silva a Médico Contratado.

O Dr. Gameiro dos Santos (único Médico do Quadro) é nomeado Director do Serviço em Novembro de 1971, mantendo-se no lugar durante 31 anos, até à sua aposentação em 2002. O serviço passou a ser dirigido pelo Dr. Alcides Lima, que acumula com as funções de Regente interino da disciplina de ORL do Curso de Medicina do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Em 2005 assume a Direcção do Serviço a Dra. Cecília de Almeida e Sousa.

HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL E A OTORRINOLARINGOLOGIA

O primeiro Serviço de Otorrinolaringologia no HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL em Lisboa foi criado em 1911 sob a direcção do Dr. ALBERTO DE MENDONÇA, que se manteve até 1935. Sob o seu impulso, o Serviço foi apetrechado com material, novos métodos de exames e técnicas cirúrgicas modernas, nomeadamente, as laringectomias com anestesia local. Foi um dos maiores cirurgiões de laringe da sua época.

Em 1935 sai do Serviço com o posto de Tenente-Coronel, para ser colocado como Director do Depósito de Material Sanitário do Exército. Em 1937 é promovido a Coronel e nomeado Inspector da 3ª Região Militar, nesse ano passa à reserva, continuando, no entanto, como Director do Serviço de ORL do Hospital de São José.

O DR. ALBERTO DE MENDONÇA formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1903.

Em 1911, Tenente Médico, cria e é nomeado Director, do Serviço de ORL do Hospital Militar. Já exercia, paralelamente, as funções de Cirurgião do Banco do Hospital de São José, visita e estagia em várias clínicas de ORL estrangeiras. Em 1915, com a patente de Capitão faz parte da expedição ao sul de Angola. Foi incorporado no corpo Expedicionário Português em França em 1917 e, em 1918 é promovido a Major. Deu provas de ser um grande Cirurgião geral, quer durante a expedição, quer no Hospital Militar e no Hospital de São José, onde efectuou intervenções de grande cirurgia, nomeadamente à laringe. Em 1929 foi nomeado Director do Serviço de ORL do Hospital de São José, e sob a sua direcção formaram-se cerca de 45 especialistas. Publicou numerosos trabalhos sobre o labirinto posterior e com base nos quais se estabeleceram as normas para a avaliação dos pilotos aviadores. Foi o primeiro Presidente da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia, da qual falarei no capítulo seguinte.

O primeiro trabalho publicado de Alberto de Mendonça a que tive acesso foi publicado na Revista "A Medicina Contemporânea" em 18 de Maio de 1913, no nº 20 do XXXI ano, na página 152 sobre: "ETIOLOGIA DAS SUPPURAÇÕES NASAES."

Em 1923 publica um trabalho intitulado "QUISTOS PARADENTÁRIOS", no qual vem referido como Cirurgião dos Hospitais e Director do Serviço d'Oto-Rino-Laringologia do Hospital da Estrela. Neste trabalho, ao longo de 63 páginas, Alberto de Mendonça descreve 18 casos clínicos e as respectivas cirurgias efectuadas em cada um deles.

Ainda em 1923 publica no JORNAL DA SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS, Tomo LXXXVIII um artigo intitulado "UM CASO DE TUMOR DAS FOSSAS NASAIS". Ao longo de 16 páginas, Alberto de Mendonça descreve um caso clínico que considera raro de um tumor da face, e a respectiva cirurgia.



FIGURA 126

O DR. ALBERTO DE MENDONÇA EM DUAS FOTOGRAFIAS EM ÉPOCAS DIFERENTES DA SUA VIDA

O curioso é o facto do artigo ser ilustrado por 9 fotografias, e de no final ter um lamento sobre as condições de trabalho na época, escreve o autor:

"Para documentar o caso que aqui trouxemos, tivemos de recorrer: ao Dr. Manoel de Vasconcelos para as fotografias do operado, antes e depois da intervenção; ao Prof. Celestino da Costa para a micro-fotografia do tumor; ao falecido Dr. Décio Ferreira para fornecer o rádio; ao Dr. Arruda Furtado para aplicá-lo e ao Prof. Azevedo Neves para conseguirmos a fotografia do tumor. Ainda tivemos de recorrer, por mais duma vez, à boa vontade e paciência do nosso primeiro secretário o Sr. Prof. Henrique Parreira, para a preparação e conservação da peça.

Em conclusão: tivemos de obter por exclusivo e especialíssimo favor destes distintos colegas, a quem muito agradecemos, o que o primeiro Estabelecimento Hospitalar do País não podia nem devia deixar de fornecer.

Um ano inteiro nos levou a adquirir o pouco que aqui trouxemos. É indispensável que tal estado de cousas se modifique.

Estamos seguros que dentro em breve, o estado lamentável de abandono, material e científico, em que se encontra o Hospital de S. José desaparecerá para dar lugar a uma nova era de seriedade e de trabalho."

Assim terminava este artigo com os agradecimentos e os lamentos que então, como hoje, passados quase 90 anos, continuamos a fazer muitas vezes.

Desde 1919 Alberto de Mendonça teve como 1º Assistente MANUEL PINTO, que saiu em 1927 com o posto de

Capitão, para se instalar em Águeda e mais tarde em Coimbra. Em 1927, entrou como 2º Assistente JOÃO GONÇALVES VALENTE que, quando sai Alberto de Mendonça em 1935, ascende a Director. O Director seguinte foi AMÉRICO PINTO DA ROCHA, Major - Médico, o qual introduziu o primeiro audiómetro em Portugal.

Em 1932 entrou para o Hospital Militar o Dr. ANTÓNIO DIAS BARATA SALGUEIRO, em acumulação com o Internato dos Hospitais Cívicos. É nomeado 1º Assistente, após concurso de provas públicas, em 1935. Licenciou-se em Coimbra, fez o Internato geral e complementar nos Hospitais Cívicos e ingressou no Exército, esteve no Hospital de Faro e no regimento, no Algarve, durante 2 anos como Cirurgião.

O Dr. BARATA SALGUEIRO, que sucedeu ao Dr. PINTO DA ROCHA como Director do Serviço, preservou o grande prestígio do Hospital Militar, pois equipou o Serviço, remodelou as instalações e equipamentos, criou um gabinete de Audiologia e preparou numerosos especialistas militares e civis, tais como: AFONSO NEVES DE PAIVA, ANÍBAL ARISTIDES LOPES PEREIRA CASEIRO, FERNANDO DEYRIEUX CENTENO e FRANCISCO DA SILVA ALVES.

MANUEL PINTO, que tinha trabalhado e aprendido com Alberto de Mendonça, sendo militar do exército, passou à reserva. Tendo-se formado em 1911 na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, frequentou os serviços do Hospital Laennec em Paris (Prof. Lombard) e do Hospital da Faculdade de Paris do Prof. Castex. Fez a 1ª comunicação da Sociedade de Ciências Médicas da Secção ORL "Vias de acesso nas intervenções do sacco" e, especializou-se também em Radiologia.



FIGURA 127

O HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL NUMA FOTOGRAFIA DE AUGUSTO XAVIER MOREIRA CERCA DE 1865

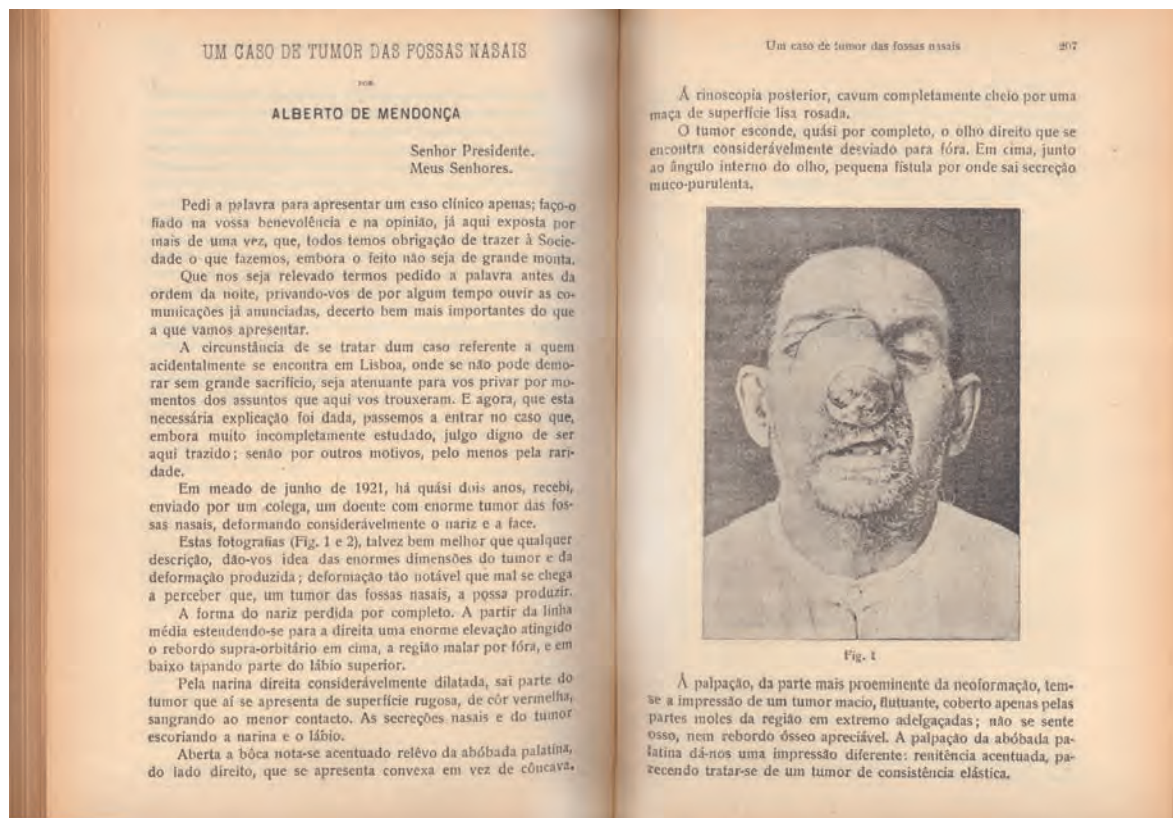


FIGURA 128

UM ARTIGO DE ALBERTO DE MENDONÇA INTITULADO "UM CASO DE TUMOR DAS FOSSAS NASAIS" PUBLICADO NO JORNAL DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MÉDICAS EM 1923



FIGURA 129

TRABALHO DE ALBERTO DE MENDONÇA INTITULADO
"QUISTOS PARA-DENTÁRIOS" PUBLICADO EM 1923

Foi especialista de ORL do Hospital de Águeda onde fundou o serviço de Radiologia, voltou a Coimbra onde foi Director do Hospital Regional nº 2. Doutorou-se pela Faculdade de Coimbra em 1948 com uma tese intitulada "VALOR DOS RAIOS-X NAS DOENÇAS DOS OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA" publicada pela Tipografia Coimbra, Editora em 1948, e dedicada ao Dr. Alberto de Mendonça e ao Dr. Carlos Larroudé.

CARLOS ARY GONÇALVES DOS SANTOS, nasceu em Bragança a 27 de Maio de 1879 formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em Julho de 1904, foi Interno dos Hospitais Cívicos de Lisboa e desde logo escolheu a Especialidade de ORL, tendo partido, tal como Alberto de Mendonça, no corpo expedicionário português para a I Guerra Mundial. No regresso, é nomeado para o Hospital Militar Principal, que dirigiu durante a ausência de Alberto de Mendonça. Em seguida foi, como ORL, para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa onde dirigiu o Serviço de ORL do Hospital Infantil de São Roque durante mais de 30 anos.

Em 1929 foi nomeado Membro Correspondente da "SOCIÉTÉ SCIENTIFIQUE FRANÇAISE DE CHIRURGIE RÉPARATRICE, PLASTIQUE ET ESTHÉTIQUE". Em 1934 foi contratado para Professor do Curso de ORL do 5º Ano da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Foi Presidente da Assembleia-Geral da Companhia dos Caminhos de Ferro e do Banco Português do Atlântico e era membro da Associação dos Arqueólogos.



FIGURA 130

MANUEL PINTO E A SUA TESE DE DOUTORAMENTO

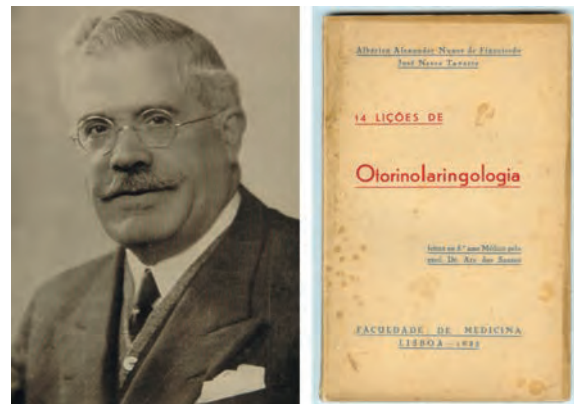


FIGURA 131

CARLOS ARY DOS SANTOS E A SEBENTA COM AS SUAS LIÇÕES EM 1935

Da sua bibliografia constam entre 1904 e 1933, cerca de 30 trabalhos publicados em Portugal, França e Espanha.

Possuía a maior colecção particular de trabalhos sobre Rafael Bordallo Pinheiro, quando faleceu na sua casa em Lisboa, em 12 de Junho de 1955.

Em 18 de Agosto de 1912, vem, na Medicina Contemporânea - Ano XXX, nº 33, Tomo XV - página 256, um artigo que refere o seguinte:

"O nosso colega Ary dos Santos, descreve no nº 35 da Revue Hebdomadaire de Laryngologie, D'Otologie et de Rhinologie, o modelo de um novo afastador automático de sua invenção, que usa há 2 anos nas cirurgias da mastóide com óptimos resultados." O texto vem acompanhado com duas figuras.

Em 1918 publicou um Livro com o título "A CLÍNICA OTORINO-LARINGOLÓGICA DO HOSPITAL MILITAR DE LISBOA - RELATÓRIO."

Este livro, acompanhado de excelentes ilustrações, inicia-se com o autor a afirmar que findos os primeiros doze meses de direcção da Clínica Oto-Rino-Laringológica do Hospital Militar de Lisboa, presta homenagem ao anterior Director



FIGURA 132
O MODELO DE UM NOVO AFASTADOR AUTOMÁTICO DE CARLOS ARY DOS SANTOS

Dr. Alberto de Mendonça, seguidamente descreve as instalações e o movimento da consulta. Este livro contém 77 páginas acompanhadas de 7 fotografias.

Em 1920 publica um Livro intitulado “A SURDO-MUDEZ - ESTUDO MÉDICO-PEDAGÓGICO” por Ary dos Santos, Interno da especialidade de Oto-rino-laringologia dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

CARLOS ARY DOS SANTOS como era já um especialista de grande prestígio, o conselho da Faculdade de Medicina convidou-o, após a morte de Carlos de Mello, para reger o curso de ORL de 1934 a 1936.

Foi um dos fundadores, com LÉON DUFOURMENTEL, da “SOCIÉTÉ DE CHIRURGIE REPARATRICE PLASTIQUE ET ESTHÉTIQUE”. Apresenta no 2º Congresso Transmontano (Régua, 1922) um trabalho sobre “A EDUCAÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS SURDOS-MUDOS EM ALGUMAS INDÚSTRIAS TRANSMONTANAS.”

O Dr. ARY DOS SANTOS era um apaixonado pela medalhística e era um dos maiores colecionadores nacionais desta temática. Em 1958, 3 anos após a sua morte, é publicado, a título póstumo, um livro da sua autoria sob o patrocínio do Ministério da Marinha, intitulado “MEDALHÍSTICA - GUERRA PENINSULAR”, um livro com 346 páginas e muito ilustrado, e com uma introdução em que para além do elogio ao Dr. Ary dos Santos são referidos os títulos de 33 trabalhos que tinha escrito, só sobre a temática das medalhas.

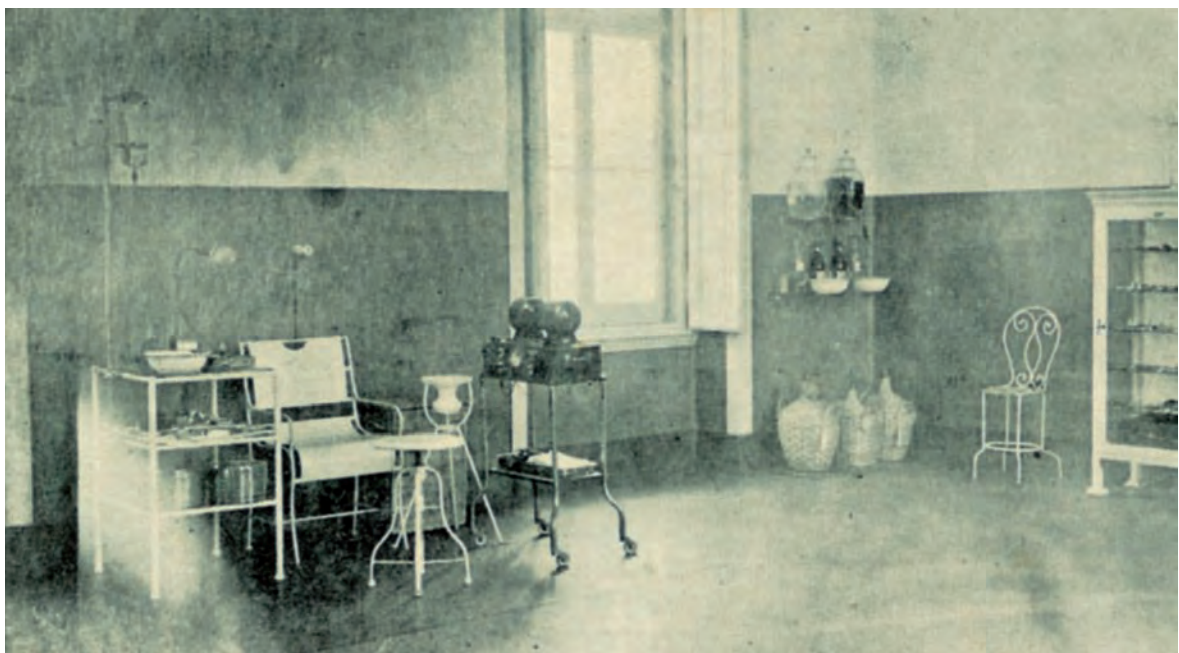


FIGURA 133
SALA DE CONSULTAS (VISTA PARCIAL)

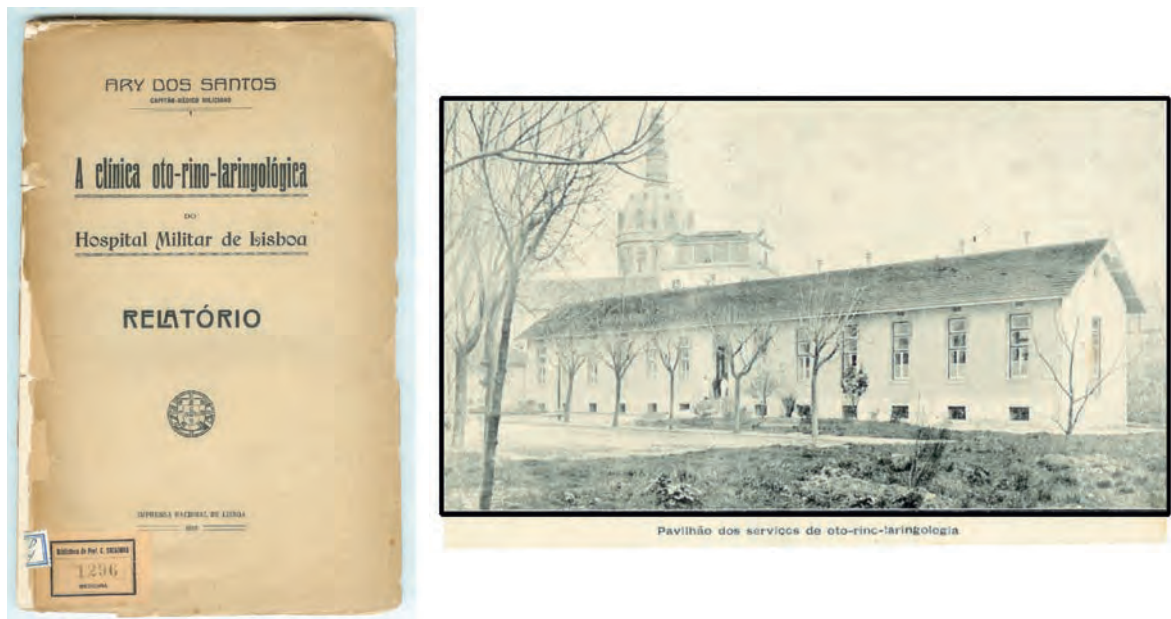


FIGURA 134
A CLÍNICA OTO-RINO-LARINGOLÓGICA DO HOSPITAL MILITAR DE LISBOA - RELATÓRIO DE ARY DOS SANTOS EM 1918

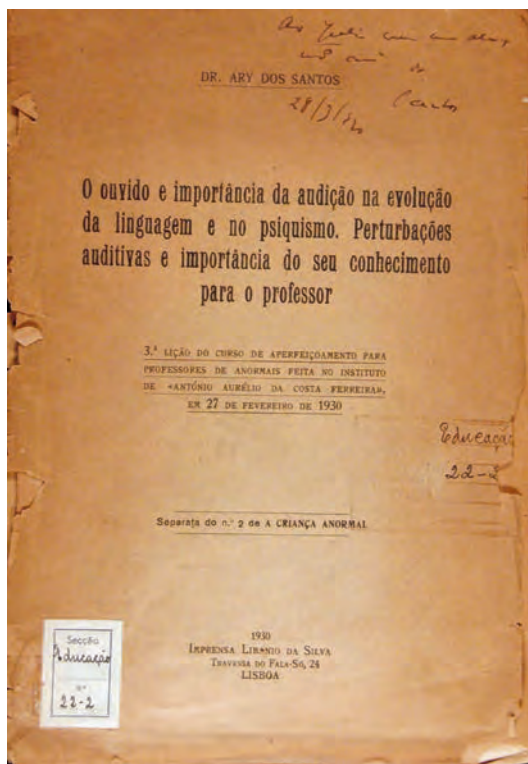


FIGURA 135
LIÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AUDIÇÃO PROFERIDA NUM CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA "PROFESSORES DE ANORMAIS" EM 1930



FIGURA 136
"MEDALHISTICA - GUERRA PENINSULAR" - LIVRO PÓSTUMO COM A COLEÇÃO DE MEDALHAS DE CARLOS ARY DOS SANTOS

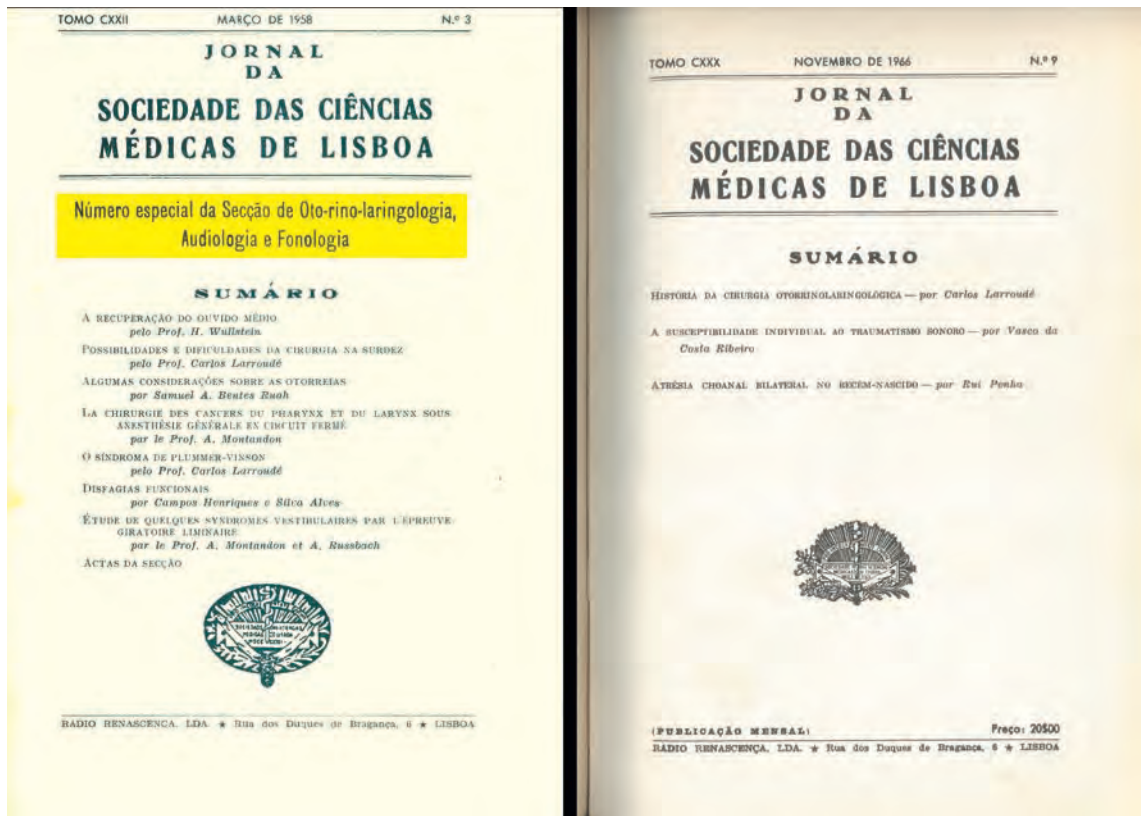


FIGURA 137
DOIS NÚMEROS ESPECIAIS DO JORNAL DA SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS DE 1958 E 1966 INTEIRAMENTE DEDICADOS À OTORRINOLARINGOLOGIA



FIGURA 138
A SECÇÃO DE ORL DA SOCIEDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS FOI AO LONGO DOS ANOS FAZENDO REUNIÕES DE MODO REGULAR

A SECÇÃO DE ORL DA SOCIEDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

Em Abril de 1926 é criada a **SECÇÃO DE ORL DA SOCIEDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS**. Deve-se ao Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, Dr. COSTA SACADURA a iniciativa de criação das Secções de Especialidades na Sociedade de Ciências Médicas, e nomeadamente a Secção de ORL. Foi esta a primeira agremiação de Especialistas de ORL que existiu em Portugal. A Acta nº 1 da Secção de Otorrinolaringologia refere o seguinte:

“Às 16 horas do dia 7 de Março de 1926, na cidade de Lisboa, na Sociedade de Ciências Médicas, na R. do Alecrim nº56 reuniram-se por convite especial do Exmo. Presidente da referida Sociedade, dirigido aos Otorrinolaringologistas de Lisboa, os Senhores Doutores: Alberto Luís de Mendonça, Ary dos Santos, Abel Alves, Cordeiro Lobato, Carlos Larrouët, Francisco Seia, Manuel Pinto, Manuel Valladares e Pinto da Rocha, que foram os que compareceram entre aqueles a quem foi dirigido o convite. Tomou a Presidência da reunião o Exmo. Presidente da Sociedade de Ciências Médicas Dr. Costa Sacadura, ocupando o lugar de Secretário o Dr. Carlos Larrouët.

O Presidente referiu o desejo de constituir dentro da Sociedade de Ciências Médicas uma Secção de Otorrinolaringologia para o que pensava contar com a colaboração de todos os Médicos que se dediquem à Especialidade.”

A primeira Sessão da Sociedade de Ciências Médicas, Secção de Otorrinolaringologia, realizou-se tendo como Presidente o Dr. Costa Sacadura, como primeiro secretário o Dr. António de Azevedo e segundo secretário o Dr. Freitas Simões. Nesta Sessão foram apresentados os trabalhos:

“VIAS DE ACESSO NAS INTERVENÇÕES DO SACO” pelo Dr. Manuel Pinto e “VACINOTERAPIA NO TRATAMENTO DAS OTITES MÉDIAS SUPURADAS” pelo Dr. Abel Alves.

Nesta Acta são referidos os sócios da Secção de Otorrinolaringologia.

Eram membros da Secção de ORL da Sociedade de Ciências Médicas:

Avelino Monteiro

Alberto de Mendonça

Ary dos Santos

Abel Alves

Belarmino Almeida

Caldeira Cabral

Carlos de Mello

Carlos Larroudé

Cordeiro Lobato

Domingos Andrade

Francisco Seia

João Sant’Anna Leite

Mário de Oliveira

Manuel Pinto

Manuel Valladares

Pinto da Rocha

Ruy Leitão

A CRIAÇÃO DA ESPECIALIDADE DE OTORRINOLARINGOLOGIA NOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

O Decreto nº 4563, de 12 de Julho de 1918, procedeu a uma importante reorganização dos Hospitais Civis de Lisboa, acerca da qual se pode ler, no respectivo preâmbulo:

“Na resolução do complexo problema hospitalar reconheceu-se, como orientação fundamental, que os Hospitais Civis de Lisboa devem ser autónomos dentro da Assistência Pública e independentes da Provedoria Central da Assistência de Lisboa; e que devem ser completamente independentes da Faculdade de Medicina de Lisboa, por serem diferentes as suas funções de assistência e pedagógicas, sem quebra, aliás, das boas relações, mútuo auxílio e eficaz colaboração que uma e outra instituição devem manter e dispensar-se.”

Nesta reorganização dos Serviços Hospitalares dos HCL é criada oficialmente a Especialidade de Otorrinolaringologia. Em 1924 o Dr. Valladares obtém a nomeação de Director de Serviço Clínico da Especialidade de Otorrinolaringologia. Em 1929 são também nomeados Directores de Serviço Clínico de ORL o Dr. Avelino Monteiro e o Dr. João Sant’Anna Leite.

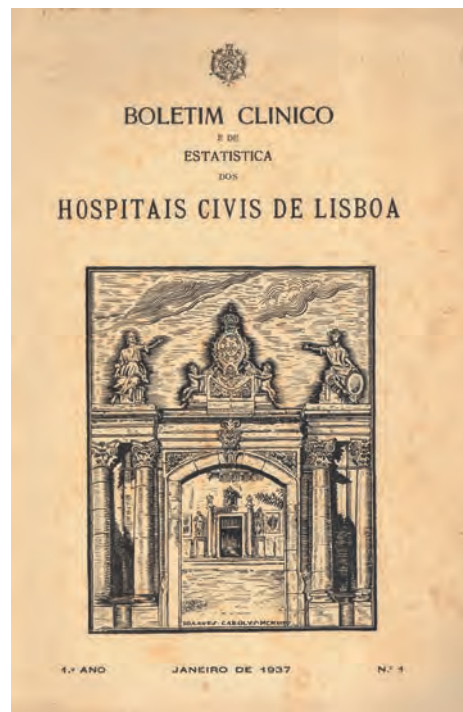


FIGURA 139

O PRIMEIRO NÚMERO DO BOLETIM CLÍNICO DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA EM 1937

Em 1929, após o Dr. Avelino Monteiro atingir o limite de idade, ficou no Hospital de S. José como Director da Consulta, o Dr. Alberto de Mendonça.

Em 1930, foi inaugurado um Serviço de ORL no Hospital dos Capuchos, para onde foram nomeados o Dr. João Sant'Anna Leite e o Dr. Manuel Valladares, como Directores das Salas 1 e 2, tendo como Assistente o Dr. Carlos Larroudé Gomes.

Em 1934 prestaram provas para Assistentes de ORL o Dr. Francisco Calheiros Lopes e o Dr. Luís Queriol Macieira, que foram colocados respectivamente no Hospital de Santo António dos Capuchos e no Hospital de S. José.

Em 1937 o Dr. Valladares pediu a exoneração por motivo de doença, ficando como único Director do Serviço de ORL dos Capuchos, o Dr. Sant'Anna Leite.

Entretanto surge uma consulta de ORL no Hospital de Arroios a cargo do Dr. Charters de Azevedo.

Em 1940, quando o Dr. Sant'Anna Leite atingiu o limite de idade, a direcção do Serviço de ORL dos Capuchos foi assumida pelo então já Prof. Carlos Larroudé, passando o outro Assistente, o Dr. Francisco Calheiros, para o Hospital da Estefânia, onde foi criada uma nova consulta de ORL.

A vaga do Hospital dos Capuchos, que ficou a existir devido à transferência do Dr. Calheiros para a Estefânia, foi preenchida pelo Dr. FRANCISCO DA SILVA ALVES.

Francisco Calheiros ficou no Hospital da Estefânia até 1949, altura em que foi nomeado Director do Serviço e transferido para o Hospital de S. José, em virtude do Dr. Alberto de Mendonça ter atingido o limite de idade.

O Dr. Luís Macieira transitou do Hospital de S. José para o HOSPITAL DA ESTEFÂNIA e tomou a direcção da Consulta em 1963, mas faleceu prematuramente em 1964. Em 1965 ficou como Director o Dr. Samuel Allenby Bentes Ruah que desde 1959 se encontrava como Assistente.

No Hospital de S. José, em consequência do Jubileu do Dr. Mendonça, foi nomeado Director do Serviço o Dr. Francisco Calheiros, que adquiriu o que de mais moderno havia na época em material de endoscopia esofágica e brônquica. Em 1963 retirou-se da Direcção do Serviço, antes do limite de idade, tendo sido substituído na Direcção pelo Dr. JOSÉ ANTÓNIO ROQUETTE DE CAMPOS HENRIQUES, após concurso.

Em 1963 deixou de prestar serviço nos HCL o Prof. Larroudé por ter tomado posse do lugar de Director efectivo do Serviço de ORL do HOSPITAL DE SANTA MARIA, pelo que foi promovido a Director do Serviço dos Capuchos, o Dr. Silva Alves.

As sucessivas alterações a que me tenho vindo a referir (morte do Dr. Macieira e saídas do Prof. Larroudé e do Dr. Calheiros) deram origem a 3 vagas. Aberto concurso para duas delas, ficaram nele aprovados, o Dr. Lídio da Fonseca Amaral e o Dr. Abel Fernandes Correia, que foram colocados respectivamente nos Capuchos e em S. José.



FIGURA 140

O DR. RUAH, O DR. MENDONÇA E O DR. MACIEIRA



FIGURA 141

FOTOGRAFIA DE 1957 COM OS DRS. ALBANO COELHO, CAMPOS HENRIQUES, FRANCISCO CALHEIROS, BARROS SIMÃO, ABEL CORREIA, SANTA E F. MOTA

Um ano mais tarde foi aberta a outra vaga, que foi preenchida pelo Dr. Augusto Marinheiro Júnior, que teve a sua colocação na Estefânia. Tempos depois, este clínico submeter-se-ia a provas de Doutoramento na Faculdade de Medicina de Lisboa, mas continuando em serviço nos HCL.

Alguns anos mais tarde, o quadro dos Especialistas de ORL foi mais uma vez alargado, passando a ser de 8, mas uma vaga ficou ainda por preencher. E assim, entrou primeiramente para o quadro dos Assistentes o Dr. VASCO ROSAS DA COSTA e só passado algum tempo foi nomeado o Dr. JOSÉ DOMINGOS MARTINS CABRAL BEIRÃO, que também obtivera aprovação no mesmo concurso. Entretanto em 1975, ocorreu uma permuta entre os Assistentes Dr. Lídio do Amaral e o Prof. Marinheiro, tendo o primeiro transitado de S. José para a Estefânia e o segundo da Estefânia para S. José.



FIGURA 142

O ARSENAL DA MARINHA EM LISBOA NUMA FOTOGRAFIA DE AUGUSTO XAVIER MOREIRA CERCA DE 1865

Seis anos antes, porém, tinha ocorrido um grave acontecimento na ORL dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Efectivamente, em 1969, a pretexto de que “ia fechar para obras”, foi pura e simplesmente extinto o Serviço de ORL do Hospital de Santo António dos Capuchos. Todo o pessoal clínico do Serviço, com excepção do Director, foi transferido para o Serviço de S. José, com notável prejuízo para as respectivas condições de trabalho. Além do pretexto acima mencionado mais nenhuma razão foram aduzidas para justificar o que se fez.

Em 1983 após atingir o limite de idade, o Dr. Campos Henriques foi substituído pelo Dr. ABEL CORREIA. Em 1991 toma posse como director do Serviço, o Dr. Cabral Beirão vindo a reformar-se em 2003. Foi substituído pelo Dr. Costa Quinta.

Em 2006 dá-se a reforma do Dr. Costa Quinta que foi substituído pelo Dr. Ezequiel Barros, até à presente data.

O HOSPITAL DA MARINHA

O HOSPITAL DA MARINHA foi também pioneiro da ORL nacional, ao ser criado um Serviço em 14 de Janeiro de 1920, que teve como primeiro responsável o 1º Tenente Médico Naval JOSÉ TAVARES LUCAS DE COUTO, entre 1920 e 1933.

A partir de 1929 entrou como seu ajudante o 2º Tenente Médico Naval JOAQUIM ANTÓNIO PRIOR, que fizera os Internatos Geral e Complementar nos Hospitais Cívicos de Lisboa e que assume a direcção do Serviço de 1933 a 1954.

JOSÉ NOBRE LEITÃO licenciou-se em 1938 pela Faculdade de Medicina de Lisboa e entra para a Armada em 1940. Fez estágio no Hospital Militar sob a orientação de Barata Salgueiro e os Internatos nos Hospitais Cívicos de Lisboa (São José); encarregado da consulta de ORL em 1944, ascendeu a Director em 1955. Dirigiu os Serviços de ORL da Misericórdia e da Armada e frequentou clínicas de ORL da Europa e Estados Unidos.

Greetings
to
Dr. Jose Nobre Leitão
recollecting busy days
in the study of
the problems of
Laryngology
Chevalier Jackson
Chevalier Jackson

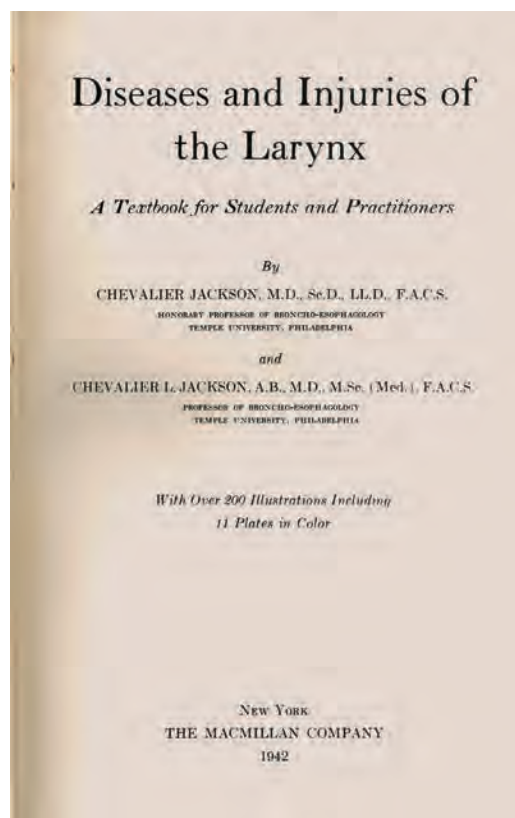


FIGURA 143

SAUDAÇÃO DOS LARINGOLOGISTAS AMERICANOS CHEVALIER JACKSON, PAI E FILHO AO DR. JOSÉ NOBRE LEITÃO



FIGURA 144

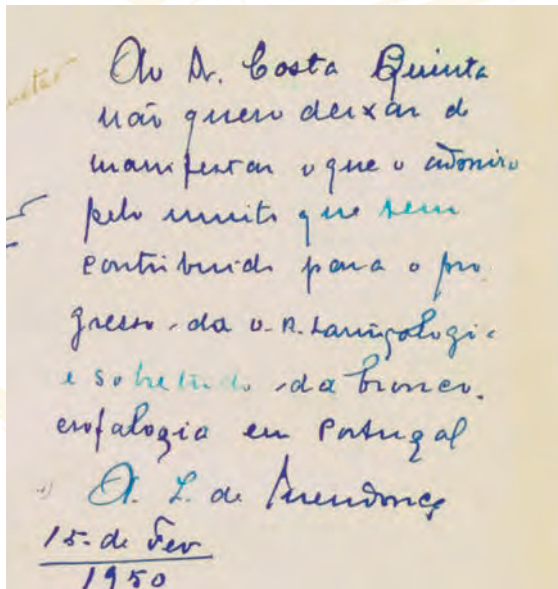
SESSÃO INAUGURAL DO 3º CONGRESSO INTERNACIONAL DE BRONCO-ESOFAGOSCOPIA EM LISBOA

No final da década de 40 e início da década de 50, vários colegas ORL começam a movimentar-se para formar uma Sociedade e, entre eles, destaca-se ANTÓNIO MANUEL COSTA QUINTA. Licenciado em Lisboa em 1935, foi assistente de Broncologia no Hospital de Filadélfia em 1936/37 e exerceu funções de assistente de ORL no *Hospital Necker-Enfants Malades* (Paris). Regressado aos HCL, frequentou o Serviço de ORL do Hospital de São José, sob a direcção de Alberto de Mendonça. Foi um grande divulgador das técnicas de Chevalier-Jackson. Fez o serviço militar no Funchal em 1943 e, durante dois anos, criou, desenvolveu e equipou o Hospital da Misericórdia local; ao voltar a Lisboa foi convidado para dirigir o Hospital Infantil de São Roque (Santa Casa da Misericórdia), onde sucedeu a Ary dos Santos.

Durante o 1º Congresso Internacional de Bronco-Esofagoscopia, que se realizou no Rio de Janeiro (1952), foi

eleito membro do Conselho Internacional de Bronco-Esofagoscopia, e em 1953 na Bélgica, durante o 2º Congresso Internacional de Bronco-Esofagoscopia, é eleito Vice-Presidente, tendo apresentado o trabalho "O TRATAMENTO DA ESTENOSES CONGÉNITAS DO ESÓFAGO".

Organizou o 3º Congresso Internacional de Bronco-Esofagoscopia em Lisboa (10 a 13 de Outubro de 1954), sendo a sessão inaugural presidida pelo Presidente da República. Teve como Presidente do Congresso o Dr. ALBERTO DE MENDONÇA, como Presidente de Honra o Prof. FAUSTO LOPO DE CARVALHO e Vice-Presidente o Dr. FRANCISCO CALHEIROS, nessa altura Director do serviço ORL do Hospital de S. José, o Secretário-Geral foi o Dr. COSTA QUINTA e o Tesoureiro-Geral o Dr. LOPO DE CARVALHO (FILHO).



Não quero deixar de
 manifestar o que o autorizo
 pelo muito que tem
 contribuído para o pro-
 gresso da O.R.L. Laringologia
 e sobretudo da bronco-
 esofagologia em Portugal
 Dr. L. de Mendonça
 15. de Fev
 1950

FIGURA 145

ELOGIO DE ALBERTO DE MENDONÇA A COSTA QUINTA



A Otorrinolaringologia em Portugal

IX

*O ENSINO DA
OTORRINOLARINGOLOGIA*

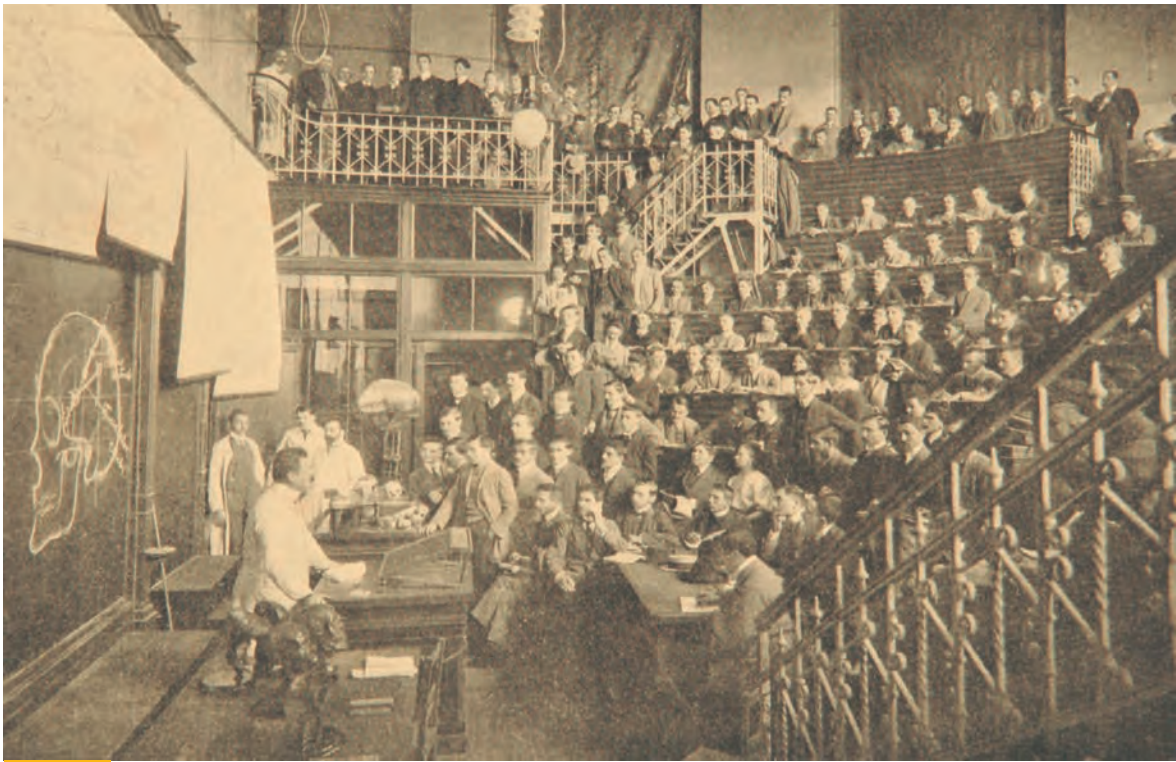


FIGURA 146

UMA AULA DE MEDICINA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX

Anteriormente à sua instauração oficial já se ensinava Otorrinolaringologia, em moldes essencialmente práticos, em determinados Hospitais portugueses, nomeadamente nos Hospitais Cíveis de Lisboa e no Hospital Geral de Santo António do Porto.

O ensino OFICIAL da OTORRINOLARINGOLOGIA foi instituído pela Reforma do Ensino Médico publicada no Diário do Governo nº 45 de 24 de Janeiro de 1911, decretando-se

que devia integrar os programas das Faculdades de Medicina de Lisboa, Porto e Coimbra. A verdade, porém, é que tal não se verificou simultaneamente nas 3 faculdades, tendo principiado em Lisboa em 1916, no Porto em 1920 e em Coimbra em 1939.

O ENSINO EM LISBOA

Para além do Dr. João Sant'Anna Leite ter regido em 1909 um curso livre de ORL no Hospital de S. José, por decisão do Conselho Escolar da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa ensino oficial da Especialidade, começou efectivamente no Hospital de Santa Marta, ao tempo Hospital Escolar, e dele foi encarregado o Prof. Carlos de Mello.

Em 1914, fora CARLOS DE MELLO autorizado, pelo Conselho da Faculdade, a reger um CURSO PRÁTICO DE OTOSCOPIA, RINOSCOPIA E LARINGOSCOPIA. Em 1916 fez concurso para Professor Livre de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo obtido aprovação por unanimidade, e foi a partir de então que o curso passou a ser oficial e obrigatório. Em 1918 ascendeu a Professor Cate-drático, cargo em que se manteve até ao seu falecimento em 1933. Num capítulo anterior, já falei amplamente da vida e da obra do Prof. Carlos de Mello.

A fim de manter a continuidade do ensino, a Faculdade convidou, para reger o Curso, o Dr. CARLOS ARY DOS SANTOS, que dirigia o Serviço de ORL do Hospital Infantil de S. Roque da Misericórdia de Lisboa. Nesse Serviço se deram as aulas até 1936, último ano de regência do Dr. Ary dos Santos.

Com efeito, em 1935 havia prestado provas de Doutoramento e de Agregação, obtendo aprovação, o Prof. CARLOS LARROUDÉ, pelo que foi desde logo encarregado de realizar os exames em 1936, tendo começado a reger o curso de ORL no ano lectivo de 1936/37. As aulas tinham lugar no Serviço de ORL do Hospital de Santo António dos Capuchos, onde o Prof. Larroudé era membro do respectivo corpo clínico.

Quando, em 1959, entrou em funcionamento o Serviço de ORL do Hospital Escolar de Santa Maria, as aulas passaram para o novo Hospital, se bem que o Prof. Larroudé conservasse o lugar de Director do Serviço dos Capuchos por lhe ter sido autorizada a acumulação. Esta situação manteve-se até 1963 porque, ao tomar definitivamente posse da direcção do Serviço de Santa Maria, automaticamente foi forçado a abandonar os Hospitais Cívicos de Lisboa.



FIGURA 147

LISBOA - ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA, NUMA FOTOGRAFIA DE AUGUSTO XAVIER MOREIRA CERCA DE 1865



FIGURA 148

O PROF. CARLOS LARROUDÉ COM O ESPELHO FRONTAL E REALIZANDO UMA LARINGOSCOPIA DE KILLIAN

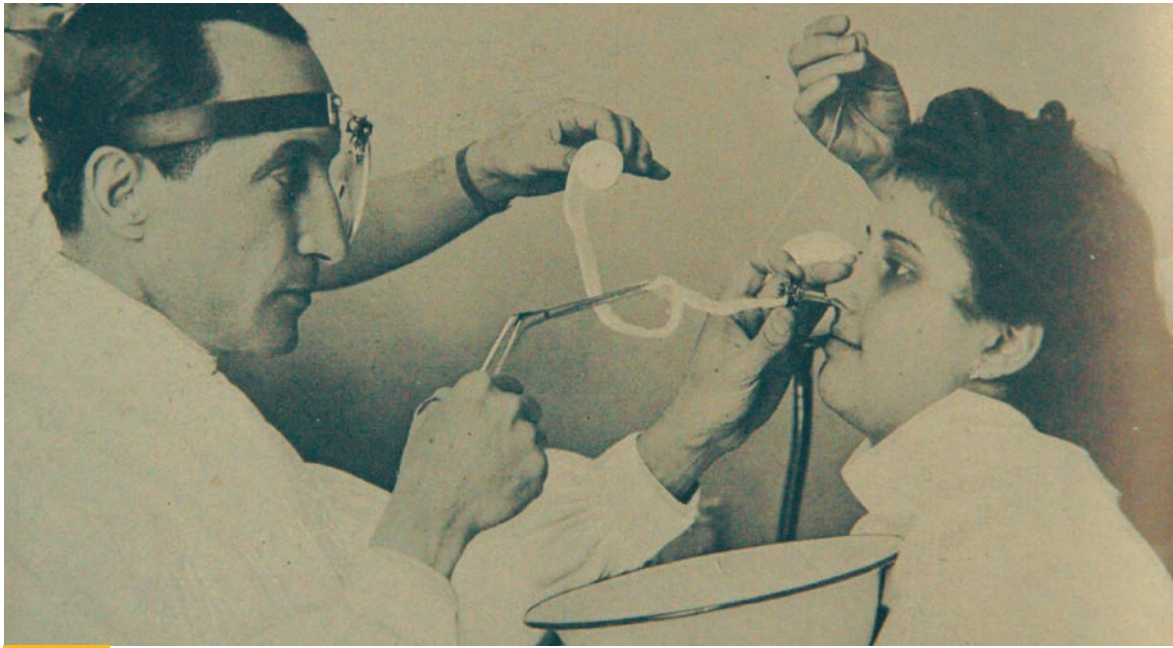


FIGURA 149

O PROF. LARROUDÉ REALIZANDO UM TAMPONAMENTO NASAL ANTERIOR

De seu nome completo CARLOS LARROUDÉ GOMES, nasceu em 17 de Novembro de 1896 em Lisboa e terminou o curso de Medicina em Lisboa, em 1921. Ainda no 5º ano iniciou a carreira hospitalar como Externo do Banco em 1920. Terminado o curso concorreu ao Internato dos Hospitais Cíveis de Lisboa e foi colocado, a seu pedido, no Serviço de Cirurgia Geral dirigido pelo Dr. Alberto Luís de Mendonça, que, embora fosse Cirurgião dos HCL, já dirigia uma consulta de ORL no Hospital de S. José. Também sob a orientação do Dr. Mendonça foi Assistente Voluntário de ORL no Hospital Militar Principal e no Dispensário da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Em 1926 empreendeu extensa e demorada digressão pelas mais famosas Clínicas ORL da Europa. Em 1929 prestou provas públicas em concurso para Assistente de ORL dos HCL, sendo aprovado e colocado no Serviço de ORL do recém-inaugurado Serviço de ORL do Hospital de Santo António dos Capuchos.

Em 1933 publica um Livro intitulado “NOÇÕES PRÁTICAS DE PATOLOGIA OTO-RINO-LARINGOLÓGICA” destinado aos Clínicos Gerais. Este livro, com 177 páginas, procurava dar as noções básicas em ORL, que segundo o autor, com o crescente desenvolvimento da Especialidade, todos os Médicos deviam ter.

Em 1935 fez concurso para Prof. Agregado de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa, obtendo aprovação, pelo que, logo em 1936 foi encarregado de examinar os alunos desse curso. Todavia, o primeiro curso que regeu foi o de 1936/37.

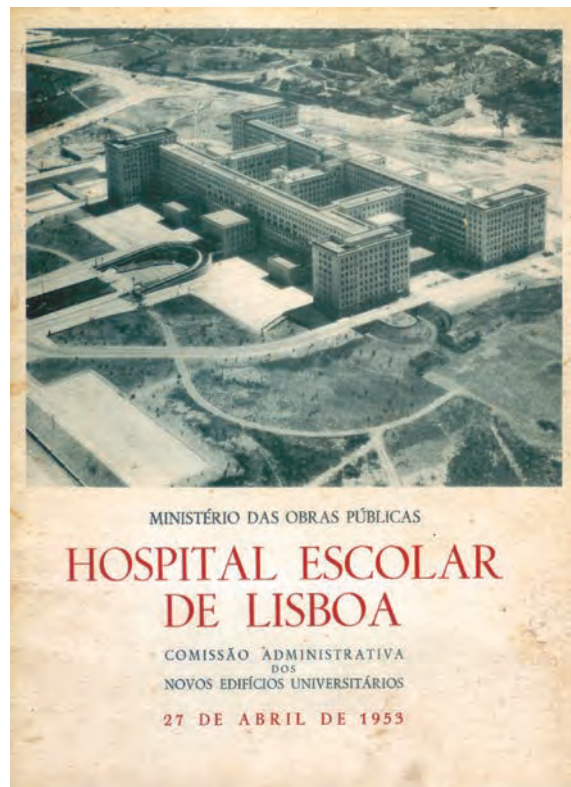


FIGURA 150

O HOSPITAL ESCOLAR DE SANTA MARIA

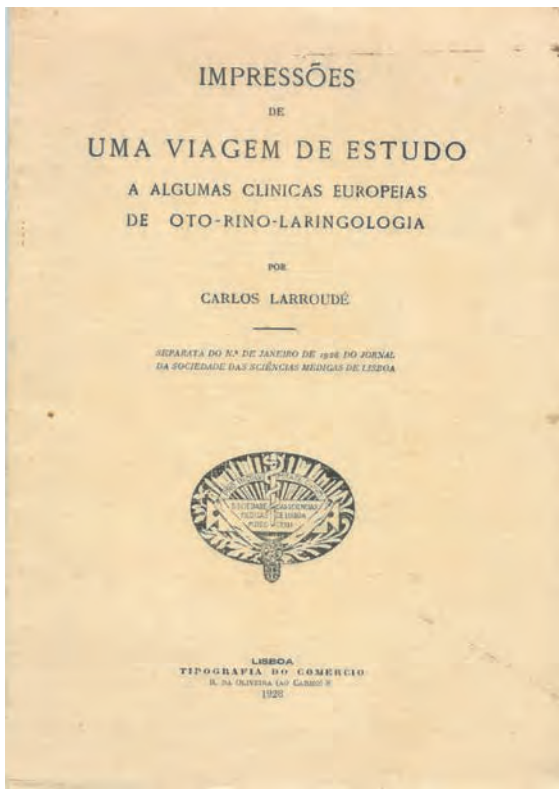


FIGURA 151
DUAS DAS PUBLICAÇÕES DE CARLOS LARROUDÉ



Em Junho de 1940 foi nomeado Director do Serviço de ORL do Hospital dos Capuchos.

Em 1952, por sua iniciativa, foi inaugurado o primeiro laboratório de audiologia em Portugal e criada uma consulta da mesma especialidade.

Em 1953, ao inaugurar-se O HOSPITAL DE SANTA MARIA, foi encarregado de organizar, apetrechar e dirigir o respectivo Serviço de ORL, sem prejuízo de continuar a dirigir o dos Capuchos, direcção que teve que abandonar ao tomar posse de Director efectivo em Santa Maria. Criou neste Hospital o "INSTITUTO DE AUDIO-FONOLOGIA" anexo ao Serviço de ORL. Em 1941 tinha sido nomeado Professor Extraordinário. Foram-lhe concedidos louvores e a medalha de ouro de bons serviços dos Hospitais Civis de Lisboa. Foi condecorado com a Legião de Honra, em cerimónia efectuada na Embaixada de França em Lisboa. Membro de numerosas Sociedades Científicas Nacionais e Estrangeiras. Juntamente com SIR ALEXANDER FLEMING foi relator no Congresso Mundial de ORL realizado em Londres em 1949.

Presidiu ao CONGRESSO INTERNACIONAL DE OTO-NEURO-OFTALMOLOGIA, efectuado em Lisboa, e ao Congresso da SOCIETAS ORL LATINA que teve lugar no Estoril em 1954. Autor de extensa bibliografia em publicações nacionais e estrangeiras.



FIGURA 152
JUNTAMENTE COM SIR ALEXANDER FLEMING, CARLOS LARROUDÉ FOI RELATOR NO CONGRESSO MUNDIAL DE ORL REALIZADO EM LONDRES EM 1949 (AMBOS ESTÃO NA FOTO)

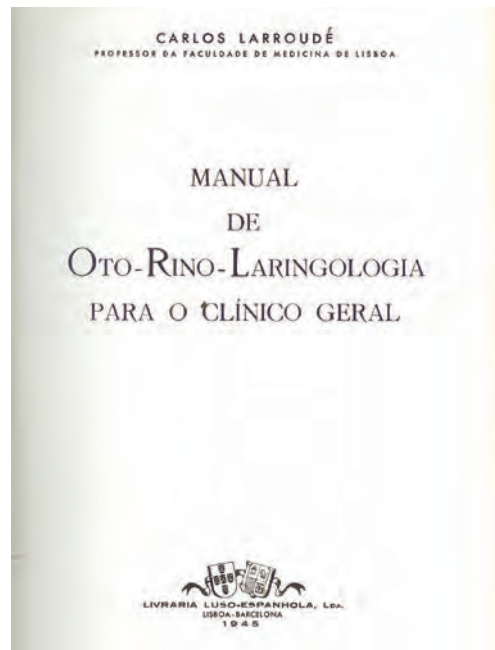
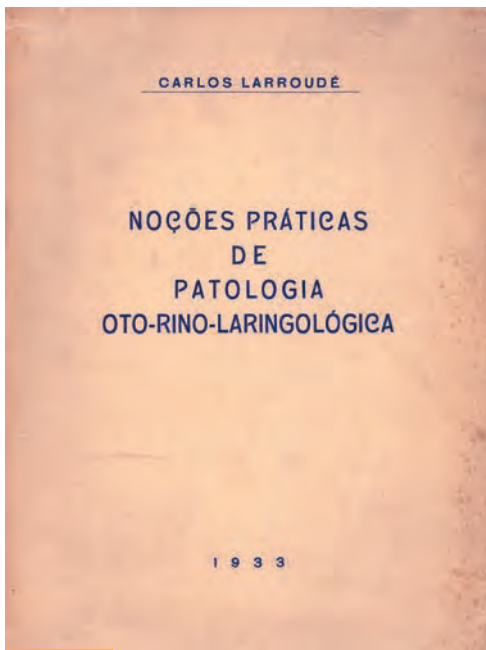


FIGURA 153

DOIS LIVROS DO PROF. LARROUDÉ: "NOÇÕES PRÁTICAS DE ORL" DE 1933 E O "MANUAL DE ORL PARA O CLÍNICO GERAL" DE 1945



FIGURA 154

BODAS DE PRATA DO CURSO MÉDICO DE 1916 - 1921 COM DESTAQUE PARA O PROF. LARROUDÉ E O SEU MANUAL DE ORL



FIGURA 155

O PROF. LARROUDÉ E O SEU SERVIÇO NO HOSPITAL DE SANTA MARIA EM 1969 DURANTE O CONGRESSO DE VERTIGEM

Foi autor dum Manual de ORL destinado aos alunos e Clínicos Gerais, que foi publicado em 1945, intitulado “MANUAL DE OTO-RINO-LARINGOLOGIA PARA O CLÍNICO GERAL” Editado pela Livraria Luso-Espanhola Lda. Trata-se, sem dúvida, de um dos mais completos e bem documentados Manuais de Otorrinolaringologia alguma vez publicados em Portugal.

Retiro do seu *Curriculum*, publicado em 1961, as palavras sobre a sua ambição:

“Estudar e trabalhar, para que entre nós a especialidade de ORL ocupe o lugar que lhe compete, transmitir aos mais novos o que a experiência de muitos anos lhe ensinou e, finalmente criar melhores condições de investigação.”

Em 1966, o Prof. Larroudé atingiu o limite de idade, originando-se um “interregno” de alguns anos, mais precisamente de 1966 a 1973, durante os quais a ORL ficou sem Professor e o Serviço sem Director, mas nem o ensino parou nem o Serviço deixou de funcionar, dado que quer uma quer outra destas actividades ficaram a cargo do Assistente mais antigo, o Dr. BORGES DE SENA, auxiliado pelo restante corpo clínico.

Oficialmente, o Conselho da Faculdade tornou responsáveis pelo Serviço, primeiramente o Prof. XAVIER MORATO e em seguida o Prof. CÂNDIDO DA SILVA.

Em 1972, como continuasse a não haver ninguém doutorado, o Conselho da Faculdade convidou o Dr. JOSÉ NOBRE LEITÃO, que tomou posse em 17.10.1973, tendo-lhe sido atribuído, primeiramente, a categoria de Professor Extraordinário e passando a Professor Catedrático contratado a partir de 1981. Foi exonerado, a seu pedido, em 1984, poucos meses antes de atingir o limite de idade.

Sucedeu-lhe o Prof. MÁRIO ANDREA que já colaborava com o Prof. Nobre Leitão no ensino da Especialidade desde 1973, dando aulas teóricas e práticas, e organizando cursos de aperfeiçoamento. Doutorado em 1975, é desde 1980 o Director do Serviço de ORL do Hospital de Santa Maria e Professor de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa.

A FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

O primeiro Curso de Medicina que inaugurou as instalações renovadas do Campo de Santana, e concluiu a licenciatura na Faculdade de Ciências Médicas, foi o de 1973-1980. Inscreveu-se na Reitoria da Universidade Clássica, mas iniciou as aulas já na então chamada “Extensão do Campo de Santana” da Faculdade de Medicina de Lisboa e constituiu o núcleo inicial da Faculdade.

Iniciou as suas aulas no Instituto de Higiene e Medicina Tropical, à Junqueira, e além das aulas nos locais referidos teve também aulas no Instituto de Ciências Sociais e Políticas, ex.: Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina, no Palácio Burnay, na Rua da Junqueira, bem como nos hospitais que foram sendo articulados com a Faculdade, o primeiro dos quais o Hospital de Egas Moniz.

Este curso teve a particularidade de durar sete anos, tendo em conta as indefinições quanto ao estatuto legal da já então conhecida como “Faculdade do Campo de Santana”, que só vieram a ser esclarecidas em 1977, com a criação formal da Faculdade.

Já nessa altura inovadora, a Faculdade utilizava meios audio-visuais modernos, gravando as aulas teóricas em vídeo, que posteriormente podiam ser visionadas nos horários mais convenientes para os estudantes, nomeadamente para os estudantes trabalhadores.

No entanto, o primeiro curso a ter o Diploma emitido pela recém-criada Faculdade, foi o curso de 1977, então chamado “dos Civis”, uma vez que, apesar de ter tido os seus primeiros anos na Faculdade de Medicina de Lisboa/Hospital de Santa Maria, veio a ter os anos de ensino clínico nos “Hospitais Civis de Lisboa”, que iniciaram em 1976, obtendo os seus diplomas de Licenciado em Medicina e Cirurgia, pela Faculdade de Ciências Médicas em 1978.

Na Universidade Nova de Lisboa começou-se a ministrar o ensino de ORL no Ano lectivo de 1976/77. Ficou encarregue de dar as aulas o Dr. Armando Sant’Anna Leite, que dirigia o Serviço de ORL do Hospital de Egas Moniz (antigo Hospital do Ultramar); com o falecimento deste Médico ficou a reger o curso o Dr. Branco Correia que estava neste Hospital desde 1976, tendo vindo de Lourenço Marques, em Moçambique, onde já tinha regido um curso de ORL em 1969; ficou na regência até 1979.

O ensino, tal como a Direcção do Serviço a partir de 1979, ficaram a cargo do Prof. Dr. Rui Penha que fez o seu Doutoramento na Faculdade de Medicina de Lisboa em 1975, e aí se manteve algum tempo como Professor Auxiliar. Mais tarde fez concurso para Professor Extraordinário de ORL da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, em 1980 e, em Maio de 1981 ao ser criada a Cátedra de ORL ascendeu a Professor Catedrático. Com a aposentação do Prof. Rui Penha, em 1998, ficou no seu lugar o Prof. Dr. José Francisco Madeira da Silva.

A CRIAÇÃO DO ENSINO DA ESPECIALIDADE DE OTORRINOLARINGOLOGIA NA CIDADE DO PORTO

A História do ensino da ORL no Porto é, até determinada altura, a História desta Especialidade no Hospital Geral de Santo António, dado que foi nesta Instituição que o ensino começou a ser ministrado. Ao ser oficializada a docência de ORL, a Faculdade de Medicina do Porto contratou para reger o respectivo curso no ano lectivo de 1920/21 o Dr. António Teixeira Lopes Júnior, que desde 1909 dirigia o Serviço de ORL do Hospital Geral de Santo António. Ao mesmo tempo que efectivava este contrato, a Faculdade solicitava da Administração daquele Hospital autorização para que pudessem ser utilizados o material e as instalações do Serviço de ORL para o ensino.

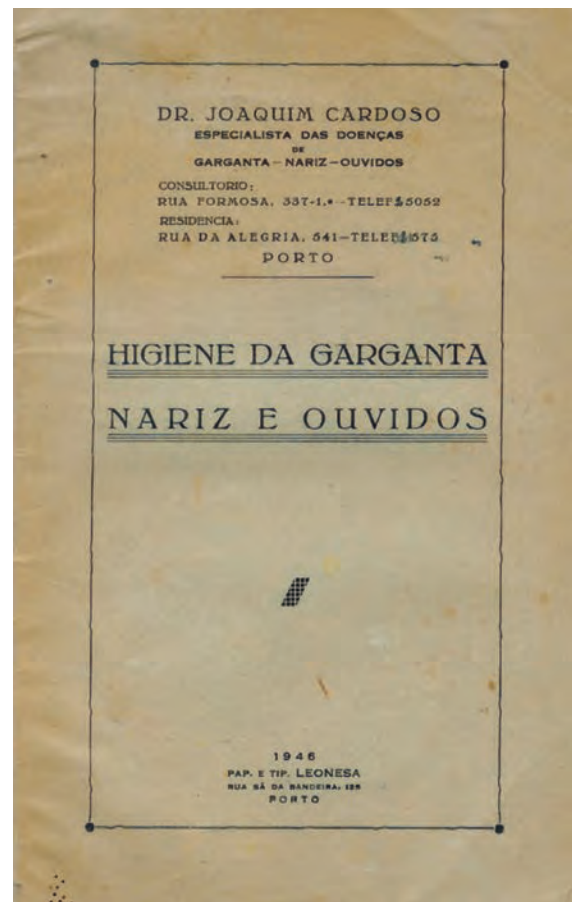


FIGURA 156

NESTA ÉPOCA (MEADOS DO SÉC. XX) SURTIRAM ALGUNS LIVROS DE DIVULGAÇÃO JUNTO DOS DOENTOS DO QUAL ESTE É UM EXEMPLO

**FIGURA 157**

PÁTIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA NUMA FOTOGRAFIA CERCA DE 1870

Em 1936, por alegada impossibilidade do Dr. Teixeira Lopes em continuar a reger o curso, a Faculdade contratou o Dr. Jaime de Magalhães, que iniciou o ensino em 1937, utilizando também as instalações do Hospital de Santo António.

Em 1956 passou a ministrar o ensino da ORL o Dr. Eurico de Oliveira em substituição do Dr. Jaime de Magalhães, até 1959.

Nesta data já o ensino da Especialidade estava a cargo do Dr. José Alvarenga de Andrade.

Tanto o Dr. JAIME DE MAGALHÃES como o Dr. EURICO DE OLIVEIRA e o Dr. ALVARENGA DE ANDRADE deram as suas aulas utilizando o Serviço de ORL do Hospital Geral de Santo António.

O ano de 1959 marcou uma viragem importante, porque foi nesse ano que a Faculdade de Medicina se transferiu para o HOSPITAL DE S. JOÃO, tendo sido o Dr. JOSÉ ALVARENGA DE ANDRADE incumbido de instalar e organizar o Serviço de ORL nesse novo Hospital, sem no entanto deixar de ser 1º Assistente com funções de Director no Hospital de Santo António. Em 1963, o Conselho da Faculdade

convidou o Dr. AFONSO FERREIRA DA COSTA para reger o curso de ORL, com a categoria de 2º Assistente, ficando simultaneamente a dirigir o Serviço da ORL do Hospital de S. João, de cujo apetrechamento e organização o encarregaram. Enquanto se manteve nos cargos mencionados, orientou diversas teses de licenciatura, promoveu reuniões e estimulou a publicação de vários trabalhos. Regeu o curso até 1979 e dirigiu o Serviço até 1982. Tendo-se doutorado em 1978, obtendo aprovação com distinção e louvor, o Dr. MANUEL PAIS CLEMENTE foi proposto em 1979 para Professor Auxiliar de ORL. Actualmente é Prof. da Cadeira de ORL da Faculdade de Medicina do Porto no Hospital de S. João.

Com a criação da Faculdade de Ciências Biomédicas no Instituto Abel Salazar em 1975, instituiu-se mais um centro de ensino de ORL na cidade do Porto que iniciou as suas aulas desta Especialidade em 1979, tendo sido encarregado delas o Dr. ANTÓNIO GAMEIRO DOS SANTOS.

Como o Dr. Gameiro dos Santos era o Director do Serviço de ORL do Hospital Geral de Santo António, era neste Serviço que eram dadas as aulas.

O ENSINO EM COIMBRA

Só em 1939 começou a funcionar, e em péssimas condições, uma consulta de ORL no Hospital da Universidade. Mais do que precariamente instalada num vão de escada, dela foi encarregado o Dr. GUILHERME PENHA. (Falarei mais à frente da introdução da técnica da fenestração em Portugal por este Especialista). O internamento dos doentes fazia-se em camas, a muito custo, cedidas pelos Serviços de Cirurgia Geral, e a utilização do bloco operatório era avaramente consentida. Um único Médico, que era o Dr. Guilherme Penha, tinha que fazer tudo. Foi nestas condições que teve início o ensino da ORL na Faculdade de Medicina de Coimbra.

Em 1950, a consulta passou a ter instalações mais adequadas, possibilitando que nela trabalhassem 2 Médicos ao mesmo tempo. Além disso, à Especialidade foram atribuídas 10 camas para homens e 8 para mulheres.

Em 1960 deu-se nova mudança de local, mas persistiram as más condições de trabalho. Em 1962 prestou provas de doutoramento em ORL, sendo aprovado, o Doutor CARLOS ALBERTO DOS SANTOS MIGUÉIS, que em 1967 foi solicitado para exercer funções docentes.

Começou a exercê-las nesse mesmo ano de 1967, sendo-lhe então entregue, juntamente com a regência do curso, a Direcção do Serviço, que só a partir daquele ano passou a ter autonomia, visto que até aí estava adstrito ao Serviço de Patologia Cirúrgica.

Desde 1980, o Professor Carlos Miguéis, ficou com categoria de Professor Associado.

Sob a sua chefia, o Serviço ORL do Hospital da Universidade de Coimbra, adquiriu finalmente verdadeira dimensão em meios técnicos e assistenciais, e atingiu merecido prestígio nacional e reconhecida projecção internacional, através de bem sucedidas reuniões em que se têm debatido temas de importância capital para a evolução da ORL.

O Prof. Carlos Miguéis jubilou-se em 1995, e nesse mesmo ano, toma posse como Director do Serviço e Professor da Faculdade, o Prof. ANTÓNIO PAIVA.

Também tem havido ensino oficial de ORL no Centro Hospitalar de Coimbra, mais precisamente no Serviço de ORL do Hospital dos Covões, dirigido pelo Dr. José Dias nos anos de 1974 a 1978 e pelo Dr. Manuel Filipe Rodrigues a partir de 1979.

A ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DO FUNCHAL

O Regimento do Hospital de Santa Isabel no Funchal, aprovado pela Mesa Gerente da Santa Casa da Misericórdia a 10 de Agosto de 1816 e confirmado por provisão régia de 19 de Outubro de 1819, criou adjunta ao mesmo Hospital, uma aula médico-cirúrgica, com o fim *“de evitar o estrago da humanidade nesta Colónia, pela ignorância dos Barbeiros, que sem os conhecimentos próprios andam nos campos curando gente, levando á sepultura os que ainda viveriam se fossem tratados por hábeis professores, ou menos ignorantes do que semelhantes curandeiros”*.

Em 1824, o governador e Capitão-General informava o governo da metrópole da necessidade urgente da criação dum Aula de Cirurgia Operadora, ponderando que no Porto Santo e nos campos da Madeira não havia nenhum cirurgião operador, e que *“apenas se encontrava algum miserável sangrador, de cuja competência têm sido vítimas muitos dos que o chamaram para o trato e curativo de suas moléstias”*. O mesmo governador, no ano seguinte, voltava a insistir neste assunto, sem que dos seus esforços e diligências houvesse tirado o menor resultado prático.

O Médico, Dr. JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA, quando em 1825 foi Provedor da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, criou, no hospital que lhe está anexo, uma aula de cirurgia que ele próprio regeu gratuitamente durante algum tempo e de cuja regência encarregou depois o Cirurgião daquele estabelecimento hospitalar, o Dr. JOAQUIM DE OLIVEIRA SIMÕES. Foi por esse tempo que, o Dr. João Francisco de Oliveira apresentou ao governo um projecto da criação dum Escola Médica, indicando as bases do seu funcionamento, método do ensino etc., que apesar de merecer a apreciação superior, não teve deferimento favorável.

O decreto de 29 de Dezembro de 1836 criou em cada uma das capitais dos distritos ultramarinos uma Escola Médico-Cirúrgica, em que haveria duas cadeiras, ensinando-se na primeira Anatomia, Fisiologia, Operações Cirúrgicas e Arte Obstetrícia e na segunda Patologia, Matéria Médica e Terapêutica, e que seriam respectivamente regidas pelo Médico e Cirurgião principais do Hospital a que a mesma Escola estivesse anexa. A primeira cadeira teria um ajudante demonstrador, que seria o preparador dos trabalhos anatómicos, e na botica do hospital ministraria lições de Farmácia, o Farmacêutico do mesmo estabelecimento. A portaria de 16 de Janeiro de 1837, dirigida ao Administrador Geral deste distrito, mandava dar plena execução na Madeira às disposições daquele decreto. Estava criada a Escola Médico-Cirúrgica do Funchal.



FIGURA 158

HOSPÍCIO PRINCESA D. AMÉLIA NO FUNCHAL NUMA FOTOGRAFIA DE J.F. CAMACHO, ANTERIOR À SUA INAUGURAÇÃO EM 1862



FIGURA 159

GRUPO DE MÉDICOS NO FUNCHAL – MADEIRA, POR OCASIÃO DA VISITA DO PROF. CUSTÓDIO CABEÇA EM 1919 – FOTOGRAFIA VICENTES

A VIDA MÉDICA NACIONAL

Foi criada a Sociedade Portuguesa de Oto-Neuro-Oftalmologia

Uma notável alocução do Prof. António Flores

Realizou-se, em Lisboa, no passada dia 12 de Março, a primeira sessão da nova Sociedade Portuguesa de Oto-Neuro-Oftalmologia, que começou a funcionar sob a presidência do ilustre catedrático de Neurologia da Faculdade de Medicina da capital, Prof. António Flores. Ao acto, que se revestiu de grande solenidade e que se desenrolou no salão nobre da Faculdade, assistiram numerosas figuras de relevo, incluindo algumas das mais representativas nas três especialidades agora agrupadas numa mesma Sociedade científica.

Presidiu o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Dr. Leite Pinto, que tinha à sua direita o Prof. J. A. Barré, catedrático de Neurologia da Faculdade de Medicina de Estrasburgo, o Prof. António Flores, Presidente da Sociedade, e o Dr. Henrique Moutinho, tesoureiro da mesma, e à sua esquerda o Prof. Henrique de Vilhena, Director da Faculdade de Medicina de Lisboa, o Dr. Alberto de Mendonça, vice-presidente da Sociedade, e o Prof. Diogo Furtado, secretário.

Iniciados os trabalhos, o Prof. Diogo Furtado leu a acta da sessão preparatória da fundação da nova Sociedade Portuguesa de Oto-Neuro-Oftalmologia e anunciou terem sido aprovados oficialmente os estatutos.

Em seguida, o Prof. António Flores proferiu uma brilhante alocução, acompanhada por toda a assistência com vivo interesse e da qual publicamos um longo extracto.

Depois de saudar as altas individualidades presentes, e, em especial, o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, o representante do Ministro de França, o Director do Instituto Francês, o Director da Faculdade de Medicina, o Presidente da Sociedade Médica dos H. C. L., os Directores do Hospital Militar e do Hospital da Marinha, o Director do Asilo Psiquiátrico de Miguel Bombarda, o Director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, os Professores e Assistentes da Faculdade de Medicina e os médicos dos Hospitais Cíveis de Lisboa, — o distinto orador demonstrou-se no elogio do Prof. Barré, eminente

figura da Universidade de Estrasburgo, dizendo o seguinte:

«O Professor Barré é uma das figuras mais ilustres da Neurologia francesa, autor de vasta obra, iluminada por ideias fecundas e originais, que abrange todos os capítulos da neurologia clínica. O seu espírito, renovador e pouco conformista com as ideias estabelecidas, revelou-se logo na tese de



PROF. ANTÓNIO FLORES
Presidente da Sociedade Portuguesa de Oto-Neuro-Oftalmologia

doutoramento, onde defendeu a natureza vascular sífilítica das osteo-artropatias tabéticas, em contrário da teoria trofo-nervosa, então geralmente aceite. Durante a primeira guerra mundial aprofundou o conhecimento dos sinais orgânicos da cécia e isolou a neuro-radiculite acompanhada de dissociação albumino-citológica, chamada de GUILLAIN-BARRÉ e hoje de diagnóstico corrente. Em Estrasburgo, onde, com Masson, Leriche e outras individualidades de renome, escolhidas para

assegurar o prestígio da ciência francesa na Alsácia readquirida, foi chamado a reger a cadeira de neurologia, o seu espírito investigador dedicou-se, entre muito outros trabalhos, à diferenciação clínica dos síndromas vestibular e cerebeloso, à edificação do síndrome simpático cervical posterior, à descrição dos estados dolorosos causados pelos tumores glómicos e à concepção da natureza simpática de um certo número de sintomas da histeria. Enquanto ia assim delimitando melhor os contornos de alguns quadros neurológicos, aperfeiçoava a semiótica do aparelho vestibular, de cujas perturbações funcionais passou a ser um dos mais abalizados interpretores; e, ao mesmo tempo, dotava a neurologia com uma prova de «deficit» da via piramidal, a «manobra da perna», de grande precisão e hoje consagrada universalmente com o nome de *signal de Barré*.

Todos estes trabalhos possuem uma marca comum: o rigor e a meticulosidade da observação, a atenção prestada às minúcias dos sintomas, a interpretação do significado dos pequenos sinais neurológicos; e tais características fazem da clínica de Estrasburgo, especialmente nos tempos de hoje, onde todos procuram chegar depressa, mesmo ao diagnóstico, uma escola modelar e «em rival de semiologia do sistema nervoso».

Esta obra imensa, a que haveria a acrescentar importantes relatórios apresentados a Congressos internacionais de neurologia, de que apenas destacarei o da ataxia frontal, discutido no de Londres, em 1935, e a última tentativa de interpretação de determinadas perturbações de origem traumática, a que chamou reflexas extenso-progressivas, não teria granjeado ao seu autor a fama de que goza entre os seus pares, se duas qualidades o não destacassem: a independência de espírito com que se absteiu do exame dos factos e a facilidade de se elevar até ao plano das ideias gerais. Entre estas, despertam particularmente a nossa simpatia: em primeiro lugar, o conceito das entidades anatómico-clínicas, pelo qual Barré entende que cada agente mórbido dá ao agrupamento e à evolução dos

FIGURA 160

JORNAL COM A NOTÍCIA DA CRIAÇÃO DA SOCIEDADE DE OTO-NEURO-OFTALMOLOGIA EM 1948

A Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, então presidida por JOÃO AGOSTINHO JERVIS DE ATOU-GUIA, tratou de dar cumprimento às ordens emanadas do Governo Central sem demora, e adaptou a antiga enfermaria dos súbditos ingleses e duas salas contíguas, para a instalação da nova Escola.

O Cirurgião, o Médico e o Boticário do HOSPITAL DE SANTA ISABEL, respectivamente o Dr. LUIZ HENRIQUES, o Dr. LOURENÇO JOSÉ MONIZ e o Farmacêutico NICANDIO

JOAQUIM DE AZEVEDO, foram encarregados da regência das cadeiras que compunham o curso da nova Escola. O Dr. Lourenço Moniz, como era deputado por esta ilha, desistiu do seu lugar de professor da Escola e foi substituído no exercício deste cargo pelo Dr. ANTÓNIO DA LUZ PITA.

A 2 de Maio de 1837 reuniu-se pela primeira vez o conselho escolar, que ficou constituído pelo Dr. Luz Pita, presidente, Dr. Luiz Henriques, vogal, e Nicandio de Azevedo, secretário, sendo este também o dia da definitiva instala-

ção da Escola e começando as primeiras aulas a funcionar no mês de Outubro seguinte. O lugar de ajudante-demonstrador só foi ocupado no ano seguinte pelo Dr. JUVENAL HONÓRIO DE ORNELAS. As nomeações destes quatro lugares somente se tornaram definitivas pelo Decreto de 8 de Setembro de 1838. O Dr. Luiz Henriques e o Farmacêutico Nicandio Joaquim de Azevedo serviram até 1845, ano em que faleceram, e o Dr. Luz Pita até o ano de 1866, em que obteve a sua jubilação.

Foram Directores da Escola Médica, o Dr. Luiz Henriques (1838 - 1845), o Dr. António da Luz Pita (1845 - 1866), o Dr. João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos, (1866 - 1883), o Dr. João Augusto Teixeira (1883 - 1907) e o Dr. Maurício Augusto Sequeira (1907 - 1910).

O curso foi de três anos até 1842, passando a ser de quatro desde 1843, e assim se conservou até a sua extinção. Os primeiros médicos formados nesta Escola foram Valentim Maximiano de Sousa, António José da Silva, que concluíram o seu curso em 1840. Do curso de 4 anos foram Crispiniano Evangelista da Silva, Manuel Lúcio de Freitas, os primeiros Médicos que ali obtiveram a sua formatura.

Em 1902 concluíram o curso desta Escola D. Palmira Conceição de Sousa e D. Henriqueta Gabriela de Sousa, as primeiras e únicas médicas que ali se formaram.

Na sua existência de 73 anos, habilitou a Escola do Funchal cerca de 250 médicos.

A Escola Médica tinha uma biblioteca com cerca de dois mil volumes que se achava no edifício da Misericórdia, e encontra-se hoje na Biblioteca Municipal.

A primitiva organização desta Escola só permitia passar aos que se habilitassem com o seu curso a Carta de Cirurgia ministrante, que depois se modificou, tendo ainda posteriormente, o decreto de 22 de Junho de 1870, concedido aos seus alunos vantagens e regalias de que antes não gozavam, sendo-lhes então permitido concorrer aos Partidos Médicos Municipais ou outros lugares dependentes das corporações administrativas.

Várias tentativas se fizeram em diferentes épocas para a extinção da Escola Médica do Funchal, que resultaram sempre infrutíferas, até que finalmente a Escola foi extinta pelo seguinte decreto:

“Artigo 1º - É extinta a Escola Medico Cirúrgica do Funchal.

§ Único - O pessoal da Escola assim extinta ficará adido.

Artigo 2.º - Fica revogada a legislação em contrário.

Dado nos Paços da Republica em 11 de Novembro de 1910 por Antonio José de Almeida.” E assim terminou a Escola Médico-Cirúrgica do Funchal.

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTO-NEURO-OFTALMOLOGIA

A criação da Sociedade Portuguesa de Oto-Neuro-Oftalmologia ficou a dever-se aos Neurologistas, Prof. Diogo Furtado e Prof. António Flores, que agregaram a si o Otorrinolaringologista Dr. Alberto de Mendonça e o Oftalmologista Dr. Henrique Moutinho, ficando estas 4 individualidades a fazer parte da primeira Direcção, sendo Presidente o Prof. António Flores, o Dr. Alberto de Mendonça Vice-Presidente, Secretário o Prof. Furtado e Tesoureiro o Dr. Moutinho.

Desde logo teve a nova Sociedade grande número de adesões por parte dos Especialistas dos 3 ramos em causa, tendo-se realizado várias sessões na sede da Ordem dos Médicos em Lisboa.

A sessão inaugural teve lugar no dia 12 de Março de 1948 no Salão Nobre da Faculdade de Medicina de Lisboa; presidiu o Sub-secretário de Estado da Educação Nacional Dr. Leite Pinto, que tinha à sua direita, o Prof. J.A. BARRÉ Catedrático de Neurologia da Faculdade de Estrasburgo, a quem foi outorgado o título de Presidente de Honra da Sociedade. Barré fora o fundador da Sociedade Europeia de Oto-Neuro-Oftalmologia.

Em 1949 muda a direcção, ficando como Presidente o Dr. Alberto de Mendonça, Vice-Presidentes o Dr. Sertório Sena (Oftalmologista) e o Prof. António Ferraz Júnior. Mais tarde viria a ser Presidente o Dr. António Ferraz Júnior e Vice-Presidente o Dr. António de Assis Brito.

Pertenceu ainda a esta Sociedade o mérito de levar a cabo, em Lisboa, um Congresso Internacional de Oto-Neuro-Oftalmologia de 22 a 26 de Abril de 1952, que decorreu com grande brilhantismo e reuniu cerca de 300 congressistas nacionais e estrangeiros. O Prof. Diogo Furtado foi o principal organizador e impulsionador deste congresso.

Encontro ainda a notícia de que o Brigadeiro – Médico, Dr. PINTO DA ROCHA (simultaneamente Oftalmologista e Otorrinolaringologista), foi presidente desta Sociedade e da publicação de um Boletim cujo 6º Tomo com 172 páginas foi publicado em 1960.

Com o falecimento do Prof. Furtado, esta Sociedade, que tão brilhante começo tivera, terminou os seus dias sem quase se dar por isso.

MATERIAL CIRÚRGICO IDEALIZADO POR OTORRINOLARINGOLOGISTAS PORTUGUESES

Vários Otorrinolaringologistas Portugueses, com o intuito de vencer dificuldades que enfrentavam, idealizaram instrumentos cirúrgicos que melhor se adaptassem às suas necessidades; aqui fica uma lista não exaustiva, pois muitos mais poderão haver, mas foram aqueles que conseguiram descobrir, de Material Cirúrgico idealizado por Portugueses nesta especialidade:

- 1 - Pinça de biópsia laríngea de MAY FIGUEIRA;
- 2 - Afastador automático para o ouvido de CARLOS ARY DOS SANTOS;
- 3 - Espéculo nasal, de CARLOS LARROUDÉ;
- 4 - Esticador de pele para colheita de enxertos, de NOBRE LEITÃO;
- 5 - Micro-pinça de biópsia para o seio maxilar, de NOBRE LEITÃO;
- 6 - Canivete-aspirador para drenagem de abscessos periamigdalinos, de NOBRE LEITÃO;
- 7 - Descolador-aspirador angulado (direito e esquerdo), de NOBRE LEITÃO;
- 8 - Micro-instrumental para mobilização do estribo e para estapedectomia (sete instrumentos e cabo próprio), de NOBRE LEITÃO;
- 9 - Micro-broca, micro-goivas (anterior e posterior), micro-escopro, micro-serra, todos adaptáveis à peça de mão modo Imperatori de NOBRE LEITÃO;
- 10 - Pinça compressora (hemostática) das locas amigdalinas, de PIMENTA JACINTO;
- 11 - Termo-regulador vestibular com automatismo eléctrico, de MONIZ NOGUEIRA;
- 12 - Sonda para tratamento de estenoses benignas do esófago de COSTA QUINTA;
- 13 - Esofagoscópios de lume oval, de COSTA QUINTA;
- 14 - "Endoscópio de Contacto" fabricado pela K. STORZ dos Profs. MÁRIO ANDREA e ÓSCAR DIAS.

A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA

Em 27 de Janeiro de 1953, foi convocada uma reunião dos Otorrinolaringologistas de todo o país a fim de assentarem as bases para a criação da Sociedade Portuguesa de ORL e de Bronco-Esofagologia. A iniciativa partiu de um grupo constituído por Alberto Luís Mendonça, Carlos Larroudé, António Barata Salgueiro, Joaquim Prior, Abel Alves Valladares, Francisco Silva Alves e José António Ferreira Roquette de Campos Henriques.

A reunião efectuou-se a 17 de Março de 1953 na Ordem dos Médicos em Lisboa, presidida pelo Dr. Alberto de Mendonça, secretariada pelo Dr. Costa Quinta. O Dr. Costa Quinta apresentou um projecto de estatutos que, após discussão, foi aprovado por unanimidade. O requerimento ao Ministério, assinado pelos dez proponentes iniciais, solicitava a homologação dos Estatutos e da 1ª direcção eleita, cujo Presidente eleito foi o Dr. Alberto de Mendonça.

Após a aprovação ministerial, a nova Sociedade realizou a sua sessão inaugural a 20 de Março de 1954 na Aula Magna do IPO, a que estiveram presentes os representantes dos Ministros da Educação e da Saúde, sendo a mesa formada por Prof. Francisco Gentil, Dr. Alberto de Mendonça e Dr. Costa Quinta.

Aqui começa a História da SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA que será referida no próximo capítulo.

Acta nº 1
 sessenta e sete dias do mês de Maio de mil novecentos e cinquenta e dois.
 pela tarde e duas horas, sob a presidência do Senhor Doutor
 Carlos Lúiz de Fendonça, para tal fim indicado pela Assembléa,
 Campos, Henrique, reuniu a Assembléa Geral dos Médicos
 to-rino-laringologistas, a fim de procederem á eleição dos corpos
 gerentes da Sociedade Portuguesa de Oto-Rino-Laringologia e de
 Broncos. Enfajologia, que exercerão o seu mandato no biénio de
 mil novecentos e cinquenta e quatro, mil novecentos e cinquenta
 e cinco.
 Pelo Senhor foi aberta a sessão, tendo-se procedido imediatamente
 te á eleição, após terem sido escolhidos para scrutadores
 os Senhores Doutores Emlílio Alves Vatacares e Fernando Nazeu
 mento Ferreira.
 Após a contagem das listas entradas na urna, em numero
 de dezasseis, verificou-se que foram votados para os diferen-
 tes cargos as seguintes especialidades:
 Dr. Alberto Lúiz de Fendonça - 13 votos.
 Dr. Carlos Larronde Gomes - 8 votos.
 Dr. Yaga Akais - 18 votos.
 1 voto. 13 votos. 1 voto.

A Otorrinolaringologia em Portugal



HISTÓRIA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ORL

A DÉCADA DE 50



FIGURA 161

O AEROPORTO DE LISBOA NOS ANOS 50 DO SÉCULO XX

A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE

A história de uma Sociedade é, necessariamente, também a história dos seus membros, a começar pelos seus fundadores e os seus Presidentes, que eleitos pelos seus pares têm de constituir um modelo de referência para a geração que representam.

A história individual de cada membro contribui, para o bem e para o mal, para a história colectiva de toda a Sociedade.

Existe uma necessidade absoluta que os factos, que ao longo dos anos foram ocorrendo, fiquem escritos, ou então ficarão perdidos para sempre, nas memórias individuais.

Escrever uma história que começou cinquenta anos antes, por quem não a viveu, por vezes é difícil, mas por outro lado, torna-nos mais imparciais, em relação às polémicas que necessariamente estão associadas ao facto de querer fazer algo novo ou diferente.

As polémicas, as conspirações, as críticas ficaram de fora desta história, e o que sobrou foram os factos, as realizações e os discursos dos seus membros, que contribuíram efectivamente para o nascimento, crescimento e desenvolvimento desta Sociedade que muitas vezes levou a sacrifícios individuais para o bem colectivo.

A nossa Sociedade e a Otorrinolaringologia em geral, fica com uma dívida de gratidão para o Dr. Campos Henriques, pois graças à sua capacidade e persistência ao escrever

“Subsídios para a História da Otorrinolaringologia em Portugal”, contribuiu para parte do que hoje sabemos sobre a nossa Especialidade em Portugal.

A década de 50, no Século XX, pode ser considerada a década da Otologia. É no início desta década, com Wullstein e Zollner, que pela primeira vez se começa a ser conservador nas cirurgias das otites médias crónicas. É Wullstein, que utiliza pela primeira vez o termo Timpanoplastia, e que se propõe substituir as clássicas cirurgias radicais por cirurgias funcionais.

Após a revolução no tratamento da Otosclerose, como foram as técnicas de Sourdille, que foi o primeiro a realizar uma fenestração. Esta técnica vai ter como grande divulgador e mestre, Julius Lempert.

Pertence a Samuel Rosen, no Mount Sinai, Hospital em Nova Iorque, em 1952, num feliz acaso de pegar na técnica de mobilização do estribo que tinha sido descrita por Kessel, Miot e Boucheron nos finais do século passado, e dar nova esperança a muitos doentes com otosclerose, infelizmente os resultados eram de curta duração.

Finalmente no final da década, em 1958, John J. Shea vai ser o primeiro a praticar uma estapedectomia, utilizando veia para cobrir a janela oval e um pistão de nylon para substituir o estribo, o que abriu as portas para a técnica actual.

A história dos implantes cocleares vai ter também o seu início na década de 50, quando em 1957, C. Eyries, num doente com colesteatoma bilateral, que tinha sido operado e tinha tido como resultados cofose bilateral e paralisia bilateral, resolve tentar um método utilizado por Djourno de excitar os nervos à distância. Resolve utilizar o método de estimulação no nervo coclear, e o doente pôde ouvir alguns sons.

Só em 1962, House voltou a implantar dois pacientes, com um implante monopolar e desde aí a luta que ainda hoje se mantém, embora com notáveis avanços, é no caminho da melhoria da discriminação auditiva.

Em 1952, o dinamarquês Lassen e o seu Anestesiologista Ibsen mostraram, durante uma terrível epidemia de poliomielite em Copenhaga, que a mortalidade, realizando uma traqueotomia com a introdução de uma cânula com *Cuff*, baixava de 80% para 40% permitindo uma insuflação manual ou automática. Desde essa altura as indicações para traqueotomia aumentaram bastante. É nesta década de inovação e desenvolvimento, passada a década da Guerra, que vai nascer a Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Bronco-Esofagologia.

A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINO-LARINGOLOGIA E DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA

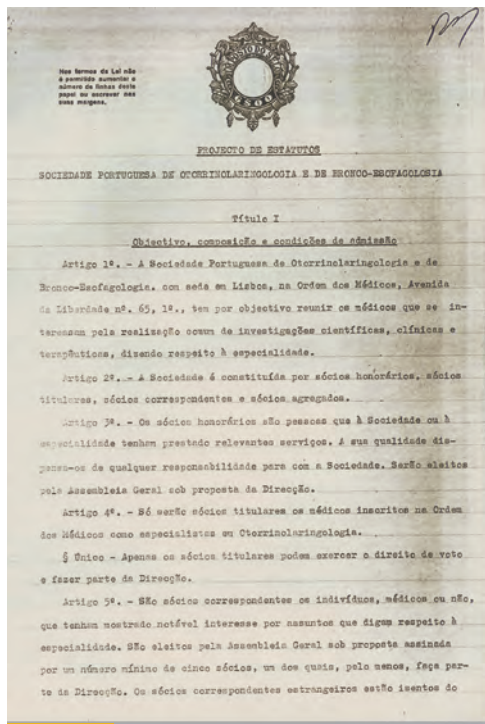


FIGURA 162

O PROJECTO DE ESTATUTOS DE 1952
QUE FOI APROVADO POR UNANIMIDADE

Impulsionado pelo Dr. António Manuel da Costa Quinta, constituiu-se um grupo de Otorrinolaringologistas de que fizeram parte, além daquele Médico, mais os seguintes: Dr. Abel Alves Valadares, Dr. Alberto Luís de Mendonça, Dr. António Dias Barata Salgueiro, Dr. Carlos Larroudé Gomes, Dr. Francisco Calheiros Lopes, Dr. Francisco da Silva Alves, Dr. Joaquim Prior, Dr. José António Ferreira Roquette de Campos Henriques e Dr. Luís Queriol Macieira.

Deste grupo partiu a iniciativa de convocar para o dia 27 de Janeiro de 1952 uma reunião de Especialistas de todo o País, a fim de assentarem as bases para a criação duma agremiação científica que, em princípio, adoptaria a designação de Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Bronco-Esofagologia.

No dia aprazado compareceram na sede da Ordem dos Médicos, em Lisboa, os seguintes Otorrinolaringologistas: Dr. Abel Alves Valadares, Dr. Afonso de Barros Miranda Simão, Dr. Albano de Encarnação Coelho, Dr. Alberto Luís de Mendonça, Dr. António Manuel da Costa Quinta, Dr.

Augusto Marinheiro Júnior, Dr. Francisco Calheiros Lopes, Dr. Francisco da Silva Alves, Dr. Guilherme Penha, Dr. Joaquim Prior, Dr. José António Ferreira Roquette de Campos Henriques, Dr. José Maria Torrado Barroso e Dr. José Nobre Leitão. Fizeram-se representar o Prof. Carlos Larroudé e os Drs. António Dias Barata Salgueiro, Emílio Alves Valadares, Fernando Nascimento Ferreira, Jeremias Tavares da Silva e Luís Queriol Macieira. Enviaram a sua adesão por escrito os Drs. Afonso Ferreira da Costa, Afonso Neves de Paiva, Alberto Barbedo, Alberto Lagoa, Álvaro de Mendonça e Moura, António Alves Filipe, António Paúl, António Santana Carlos, António Veloso de Pinho, Daniel de Carvalho, Jaime de Magalhães, José Alvarenga de Andrade, José Dias Tavares, José de Sousa Campos, Moreira de Sousa e Teófilo Esquível.

Foi convidado para presidir, o Dr. Alberto de Mendonça, tendo a secretariá-lo o Dr. Costa Quinta.

Aberta a sessão ficou desde logo demonstrado, atendendo na lista de nomes acima referida, que a maioria dos Otorrinolaringologistas Portugueses desejava a criação da Sociedade, pelo que o Dr. Costa Quinta apresentou um projecto de estatutos que foi posto à discussão, acabando por ser aprovado por unanimidade.

Assinado pelos 10 componentes do grupo inicial, que devem ser tidos como os fundadores da sociedade, seguiu para o Ministério respectivo requerimento a pedir aprovação superior para os estatutos e bem assim a homologação da primeira Direcção, que entretanto fora eleita em 17-05-1952, e que ficou constituída como segue:

DIRECÇÃO PARA O BIÉNIO 1954/1955

- Presidente:** - Dr. Alberto Luís de Mendonça
- Vice-Presidente:** - Dr. Jaime Magalhães
- 1º Secretário:** - Dr. António Manuel da Costa Quinta
- 2º Secretário:** - Dr. Albano Encarnação Coelho
- Tesoureiro:** - Dr. José Campos Henriques
- Vogais:** - Dr. Teófilo Esquível
- Dr. Cancela de Amorim

Uma vez conseguida a aprovação ministerial, estava a nova Sociedade apta a encetar a sua carreira, sendo da maior justiça salientar a acção dinamisadora desenvolvida pelo Dr. Costa Quinta no lançamento da ideia e o esforço, a tenacidade e o entusiasmo que empregou na sua concretização.

Em 20-03-1954, na Aula Magna do Instituto Português de Oncologia, realizou-se finalmente a sessão inaugural, presidida por um representante do Ministro da Educação Nacional, e estando com ele na mesa, o Prof. Francisco Gentil, o Dr. Alberto de Mendonça e o Dr. Costa Quinta.

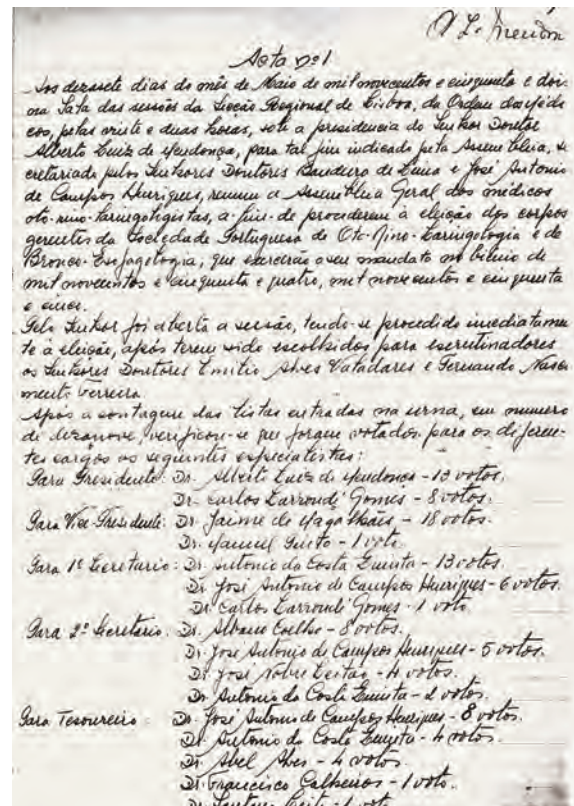
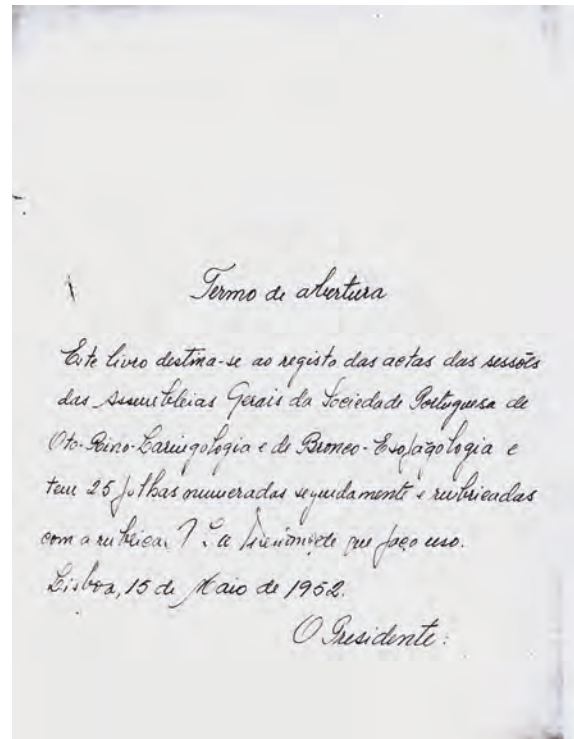


FIGURA 163
1º LIVRO DE ACTAS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA



FIGURA 164

ALBERTO DE MENDONÇA (1879 - 1963)

O DR. ALBERTO DE MENDONÇA nasceu em Lisboa em 1879 e formou-se pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1903. Em 1904 foi nomeado Alferes Médico do Quadro Permanente, após concurso. Em 1915, já Capitão Médico, fez parte da Expedição ao Sul de Angola e em 1917 foi incorporado no C.E.P. (Corpo Expedicionário Português) que participou em França na I Guerra Mundial. Desde 1911 que era Director da Clínica de ORL do Hospital Militar Principal. Paralelamente à carreira militar seguiu a carreira hospitalar nos Hospitais Cívicos de Lisboa, onde começou por ser Cirurgião Substituto do Banco em 1906, sendo nesse mesmo ano promovido a Cirurgião Efectivo. Em 1909 foi designado para visitar, em comissão de serviço, diversas Clínicas de ORL no Estrangeiro. Ao ser criada oficialmente, em 1918, a Especialidade de ORL nos HCL, logo o Dr. Mendonça opta por ela, sendo-lhe entregue uma consulta no Hospital de S. José. Em 1929 foi finalmente nomeado Director de Serviço de ORL, ficando colocado no Hospital de S. José, onde veio a desenvolver notável acção, tanto assistencial como na preparação de numerosos Especialistas. São de sua autoria importantes trabalhos de investigação e clínicos sobre o labirinto posterior, com base nos quais estabeleceu as normas para exames de pilotos aviadores. Tomou parte activa em numerosos Congressos Internacionais e foi o Delegado Português na Societas ORL Latina. Foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia e o seu primeiro Presidente. Faleceu em 1963.

A melhor maneira de conhecermos o nosso primeiro Presidente é com as palavras de quem tão bem o conheceu, pelo que passo a transcrever o discurso que o Prof. Carlos Larroudé proferiu na sessão de homenagem a Alberto de



FIGURA 165

O DR. MENDONÇA ACOMPANHADO DO DR. CAMPOS HENRIQUES E DO DR. SILVA ALVES EM 1957

Mendonça, que se realizou no dia 3 de Maio de 1963; este discurso é um bom exemplo do modo como devemos homenagear os nossos mestres.

Discurso do Prof. Carlos Larroudé de homenagem ao Dr. Alberto de Mendonça:

“Há poucos dias, na Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia, Audiologia e Fonologia, tive ocasião de enaltecer a personalidade do meu Mestre, o Dr. Alberto Luís de Mendonça.

Julgo que um dos sentimentos mais gratos num homem, é poder exprimir o seu reconhecimento para com alguém a quem muito ficou devendo, em ensinamentos e amizade. Por isso me sensibilizou de sobremaneira o convite da direcção da Sociedade de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia para que usasse da palavra nesta sessão em homenagem póstuma ao Dr. Alberto Luís de Mendonça.

O Dr. Manuel Pinto, actualmente vivendo em Coimbra, e eu, foi os seus primeiros e portanto mais antigos discípulos e colaboradores.

Travei conhecimento com o Dr. Alberto de Mendonça em 1921. Nesse ano, ainda estudante de Medicina, tinha sido aprovado, em concurso de provas práticas e públicas para Interno dos Hospitais Cívicos de Lisboa e colocado na Enfermaria de Lourenço da Luz, Enfermaria de Cirurgia Geral.

Apresentei-me ao seu Director, como devia, e iniciei o cumprimento das minhas obrigações de Interno. Poucos dias depois, estava a efectuar um penso de Carrel, numa doente que operara, quando alguém, que eu não conhecia, entrou na enfermaria, veio observar o que eu estava a fazer, e a propósito desse então novo processo terapêutico, formulou algumas críticas bastante rudes, o que provocou da minha parte não menos rude reacção. Era o Assistente da enfermaria Dr. Alberto Luís de Mendonça. Pensei que em breve teria que solicitar a minha transferência, dado que nem um nem outro tinham transigido nos nossos pontos de vista divergentes.



FIGURA 166

O DR. ALBERTO MENDONÇA (2º À ESQ.) COM O DR. PROETZ E O DR. SILVA ALVES (4º E 5º À ESQ.) EM A-DOS FRANCOS EM 1937

Grande porém foi a minha surpresa, quando o Assistente, ao sair, se me dirigiu de novo perguntando-me se eu desejaria ir trabalhar como voluntário sob a sua direcção no Hospital Militar Principal de Lisboa, então mais vulgarmente conhecido por Hospital Militar da Estrela.

Foi o primeiro e único incidente que houve entre nós e assim tomei conhecimento com um dos homens que mais tenho admirado até hoje. Só o convívio constante com ele permitia descobrir a sua rica personalidade e o que se escondia por trás dum feitiço aparentemente ríspido. Trabalhei com o Dr. Alberto de Mendonça durante 7 anos, com alguns raros períodos de escassos dias de férias. Posso dizer que o acompanhei diariamente na Enfermaria de Lourenço da Luz durante 7 anos; no Hospital da Estrela durante 3 anos; e na consulta da Especialidade no Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos onde o acompanhei também durante 3 anos.

O Dr. Alberto de Mendonça, nestas três situações oficiais que ocupava, precisava de colaboradores que partilhassem do seu intenso trabalho e assim fiquei com quase toda a consulta da Especialidade que começou a funcionar com grande frequência em Lourenço da Luz e ainda todo o trabalho de enfermaria e sala de operações.

De manhã muito cedo, três vezes por semana, entrava no Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Militar da Estrela, onde, com Manuel Pinto, efectuámos a consulta e todos os restantes trabalhos do Serviço. Frequentemente, quando havia em Lourenço da Luz operações necessitando

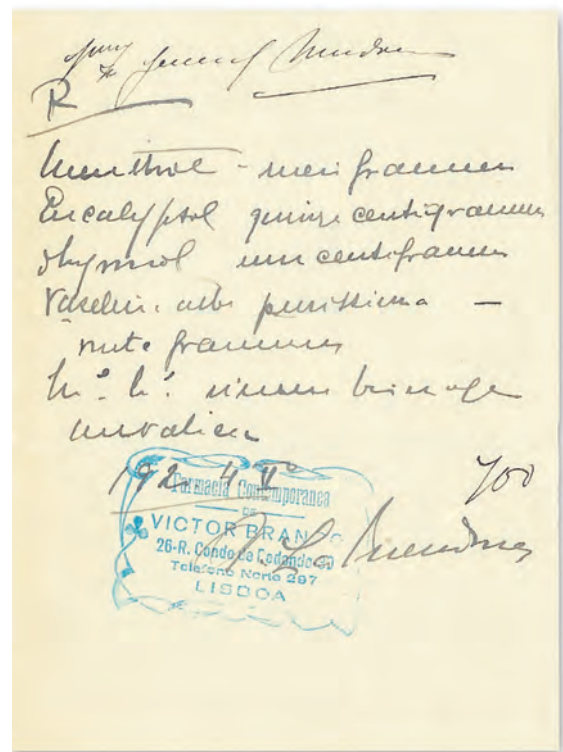


FIGURA 167

RECEITA PASSADA PELO DR. ALBERTO DE MENDONÇA

mais de um ajudante, vínhamos a pé do Hospital da Estrela naquele passo estugado que, providencialmente, tínhamos todos os três, ouvindo o Dr. Alberto de Mendonça falar-nos de casos clínicos ou de episódios da guerra de 1914/1918. Havia uma comunhão afectuosa entre nós, um pouco brusca talvez, mas sinceramente amiga.

O Dr. Alberto de Mendonça tinha entre as suas qualidades, uma que tornava o seu convívio repousante, apesar da sua aparente aspereza; nunca invejava ninguém. Nunca lhe vi aquele "rictus" de fel que mais tarde, por vezes, observei noutros, perante o êxito alheio. A harmonia entre ele e os seus dois colaboradores tinha talvez, nessa forma de sentir que nos era comum, um dos seus fortes esteios. Também nunca ouvi o Dr. Alberto de Mendonça criticar um colega: perante um doente e se algumas vezes, inevitavelmente, o tinha que fazer perante nós, seus discípulos, fazia-o sempre com uma justiça e uma sobriedade que eram uma lição de Deontologia.

Era intransigente em tudo que pudesse beliscar, ao de leve que fosse, a honestidade profissional. Nunca lhe vi adular os poderosos, nem desdenhar os humildes. Disse sempre, doesse a quem doesse, o que entendia ser justo e o que entendia estar mal. Não hesitou em sacrificar simpatias para proceder rectamente. Com tal firmeza de carácter e riqueza de princípios, não encontrou facilidades nos caminhos da vida. O êxito fácil dos intrigantes e dos medíocres, conseguido à custa, tanta vez, de procedimentos que a moral reprova ou em que a dignidade se não saíva, nunca o demoveram da sua admirável linha de conduta, e isso lhe granjeou a admiração e o respeito dos seus colegas, de todos quantos sabem curvar-se perante a honestidade intransigente e grandeza de alma de um verdadeiro homem.



FIGURA 168

O DR. ALBERTO MENDONÇA E O DR. MACIEIRA

Duvido que o Dr. Alberto de Mendonça, como todos nós, soubesse de cor o Juramento de Hipócrates. Mas afirmo, sem a menor dúvida, que o cumpriu sempre com dignidade e generosidade exemplar.

O Dr. Alberto de Mendonça aceitava dificilmente o elogio, quando não o repelia até, a sua forte personalidade tinha pudores assim. A sua indiferença perante o dinheiro era flagrante. Era bondoso, recto e de uma sinceridade que por vezes ia à rudeza. Isso porém não o impedia de ter um espírito muito pessoal em que a graça, levemente sarcástica, alternava muitas vezes com uma ironia subtil. Amigo do seu amigo, podia contar-se com o seu apoio dedicado, mas procurando sempre fazê-lo sem alardes, secretamente quase.

Se o Homem era de fino quilate, o Médico era de primeira grandeza. Foi um grande clínico que estudou muito e escreveu pouco, em relação ao que sabia, o que não obistou porém a que o seu ensino, baseado sobretudo na prática e no exemplo, tivesse contribuído decisivamente para a formação de bastantes Otorrinolaringologistas entre nós.

Convivi com ele quando estava no verão da sua vida, em plena pujança da sua personalidade. Alguns lhe encontravam um feitiço difícil. Difícil de compreender talvez, para: uns tantos, mas tão fácil para os que descobrissem que a forte personalidade do Dr. Alberto de Mendonça se situava num plano acima da média corrente. Toda a sua vida clínica foi um exemplo de trabalho e perseverança. Foi primeiro um excelente Cirurgião que transitou para a Otorrinolaringologia, especialidade essencialmente cirúrgica, possuidor da técnica rigorosa, da decisão esclarecida, da disciplina exigente, que eram o apanágio das suas intervenções. Vê-lo operar, ajudá-lo, era assistir ao desenvolver perfeito de uma sucessão de gestos cirúrgicos que, sem uma hesitação levavam progressivamente à conclusão impecável do programa previamente delineado. Operava com uma elegância, uma perfeição e uma minúcia inigualáveis.

Esta perfeição técnica conseguia-a numa época em que não havia aspiradores eléctricos, aparelhos de electrocoagulação e de electro-diérese, não existiam brocas eléctricas e em que o material não tinha a riqueza e a variedade de hoje. Como aparelho de iluminação, enquanto trabalhei com ele só tínhamos o espelho frontal clássico, reflectindo a luz duma lâmpada eléctrica. Não havia Anestesiologistas e quase toda a cirurgia era executada com anestesia local. Quanta vez o ajudei em laringectomias totais de execução impecáveis, após a anestesia local, impecável também. Operar nestas condições, exigia uma forte personalidade do operador, um temperamento combativo aliado a um auto-domínio perfeito. Esta carência de meios técnicos, tinha de ser suprida por qualidades pessoais que levavam à formação de operadores exímios, e o Dr. Alberto Luís de Mendonça contava-se entre os melhores da nossa Especialidade, dentro e fora do país.

Tinha ainda outra qualidade que, nestes tempos modernos de propaganda e de agitação, o prejudicou enquanto exerceu clínica. Era extremamente modesto, outra faceta do seu pudor profissional. Bastantes vezes lhe pedi a publicação do que fazia tão extraordinariamente bem, lhe sugeri que desse a conhecer em revistas estrangeiras da Especialidade,



FIGURA 169

ALMOÇO OFERECIDO AO DR. ALBERTO MENDONÇA PELOS MÉDICOS DO H. S. JOSÉ NO RESTAURANTE TAVARES, EM 3 DE MAIO DE 1939

trabalhos que nessas publicações ocupariam lugar de destaque. Não concordava, sinceramente, que assim fosse, pois considerava banais os primores do seu saber. A sua modéstia era tão marcada que mais tarde tive dificuldade em conseguir que aceitasse a sua eleição para Sócio Honorário do Collegium Oto-Rhino-Laryngologicum. Também não foi fácil convencê-lo a que fosse o Presidente de Honra do Congresso da Sociedade Latina de Otorrinolaringologia que se realizou em Lisboa em 1954.

O que o Dr. Alberto de Mendonça poderia ter publicado, se a isso se dispusesse, documenta-o a monografia intitulada “Acerca do exame da função vestibular” publicada em 1922, no primeiro volume do Arquivo de Medicina Legal. É um estudo, exaustivo para a época, do problema, que teve notável projecção internacional nos meios que se dedicavam a essas investigações.

Com o Dr. Manuel Pinto, auxiliiei-o nas suas investigações, e o trabalho suscitou-nos grande interesse pela sua novidade e dificuldade. O Dr. Alberto de Mendonça, calmo, impassível, via o nosso entusiasmo (com um leve sorriso de satisfação e, por vezes, ligeiramente irónico).

Ainda hoje recordo com saudade aquelas manhãs no Hospital da Estrela, em que discutíamos os resultados obtidos, a sua interpretação e o seu significado. Era o trabalho de investigação em toda a sua pureza, horas que compensavam de outras menos agradáveis que a vida, inevitavelmente, nos traz.

O Dr. Alberto de Mendonça foi um brilhante representante duma escola de Otorrinolaringologia que começou a modificar-se depois da primeira guerra mundial. A Cirurgia da Especialidade, como a Cirurgia Geral de então, era uma cirurgia

de exérese, cuja técnica tinha chegado a uma perfeição tal que a maioria dos operadores não julgava ser possível realizar mais progressos de monta. No entanto, todo o panorama cirúrgico iria modificar-se radicalmente, iniciando-se a Cirurgia Fisiológica, procurando-se extirpar o mal sem comprometer a função.

A Otorrinolaringologia, que alberga nos seus domínios três dos nossos sentidos, não podia ficar à margem desta evolução.

O Dr. Alberto Luís de Mendonça tinha a intuição da nova cirurgia a nascer em breve, cirurgia menos agressiva e mais lenta, preocupada em poupar ou restabelecer a função do órgão sobre o qual se intervém. O Dr. Alberto de Mendonça, pela leveza das suas mãos, a delicadeza e a minúcia dos tempos operatórios, já se diferenciava dos operadores da sua geração que supunham ter atingido os limites da perfeição pela exérese rápida e completa.

Mas o Dr. Alberto de Mendonça não era só um grande operador; era igualmente um clínico modelar. Antes de intervir, procurava estabelecer um diagnóstico correcto. Nunca o vi contentar-se com um diagnóstico de oportunidade operatória. Procurava sempre identificar a doença, estabelecer a natureza e a extensão das lesões. Era, em resumo, um Cirurgião especializado e não somente um hábil operador.

O Homem, como já disse, era sóbrio de expressão, por vezes ríspido no trato, mas, sob esta aparência um pouco áspera abrigava-se um coração de ouro, totalmente devotado aos seus doentes. Estes eram a sua preocupação principal e eras-lhe dedicadíssimo. Tudo porém sob uma aparência sóbria de manifestações, que mais não era, afinal, do que o pudor de mostrar a sua afectividade.



FIGURA 170

ALMOÇO DE HOMENAGEM AO DR. ALBERTO MENDONÇA
NO SEU JUBILEU HOSPITALAR, EM 5 DE FEVEREIRO DE 1949

Minhas senhoras e meus senhores:

As minhas pobres palavras de hoje tentaram descrever-lhes quem era o Dr. Alberto Luís de Mendonça. Assim o conheci, assim dele me fica a recordação.

Não tenho a menor dúvida que a Medicina Portuguesa acaba de perder um dos seus grandes Clínicos. Apagou-se como viveu. Sem pompa sem alardes corajosamente, simplesmente como foi diante da vida.

Perdi nele quem foi um exemplo na minha juventude, um Mestre que me guiou os primeiros passos firmes no caminho da Especialidade. Hoje, já tão longe desses dias de iniciação, olho para trás e é com orgulho que verifico que não me afastei, em nada, do rumo que Alberto Luís de Mendonça me apontou. Se fosse possível recomeçar a vida, era ainda esse caminho que eu tomaria, o caminho difícil do dever exigente que nos traz tanta incompreensão, mas também íntima satisfação de cumprir os imperativos básicos da Medicina.

É esta a melhor e mais sentida homenagem que posso prestar à memória do meu Mestre, o Dr. Alberto Luís de Mendonça.



FIGURA 171

NA CONSULTA DE ORL DO H. S. JOSÉ NO JUBILEU DO DR. ALBERTO MENDONÇA, EM 5 DE FEVEREIRO DE 1949



FIGURA 172

O DR. CAMPOS HENRIQUES, O DR. ALBERTO MENDONÇA E O DR. SILVA ALVES EM 1957

X CONGRESSO DA SOCIETAS OTO-RHINO-LARYNGOLOGICA LATINA



FIGURA 173

X CONGRESSO DA SOCIETAS LATINA EM 1954. MESA DA PRESIDÊNCIA

De 4 a 8 de Abril de 1954, no Estoril teve lugar o **X CONGRESSO DA SOCIETAS OTO-RHINO-LARYNGOLOGICA LATINA**. O tema desta reunião foi "RELATIONES DISPHONIAE". Este Congresso Internacional era o primeiro da Sociedade Latina em Portugal, tendo esta Sociedade realizado congressos desde 1929. O Presidente de Honra foi o Dr. Alberto de Mendonça; o Presidente, o Prof. Dr. Carlos Larroudé; o Vice-Presidente, o Dr. Jaime de Magalhães; o Secretário das sessões, o Dr. Silva Alves e o Secretário do Congresso, o Dr. Campos Henriques.

A Sessão Inaugural decorreu no dia 5 de Abril no Novo Hospital da Faculdade de Medicina de Lisboa, sob a presidência do Presidente da República.

A partir do dia 6 de Abril, as sessões realizaram-se no Casino do Estoril. Foi publicado um relatório com os trabalhos apresentados nesta reunião.

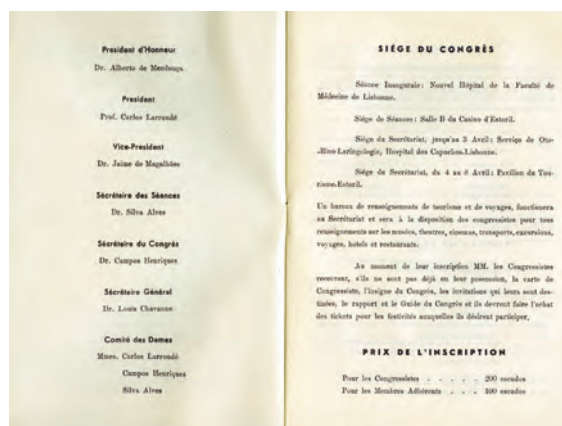


FIGURA 175

PROGRAMA DO X CONGRESSO DA SOCIETAS LATINA EM 1954

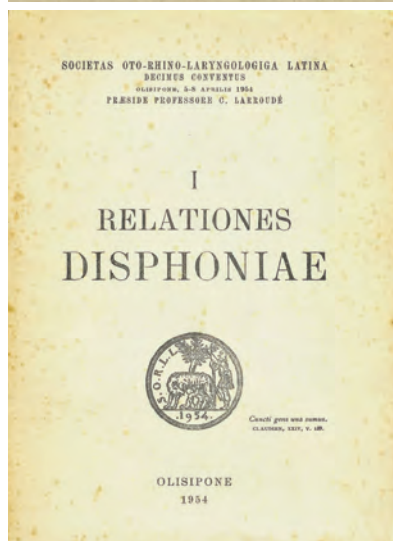
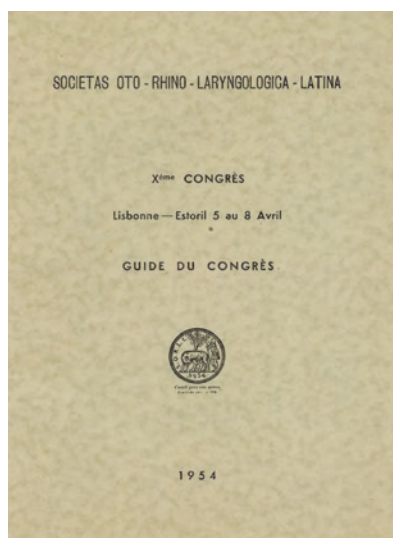


FIGURA 174

X CONGRESSO DA SOCIETAS OTO-RHINO-LARYNGOLOGICA LATINA

III CONGRESSO INTERNACIONAL DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA

De 10 a 13 de Outubro de 1954, teve lugar em Lisboa, o **III CONGRESSO INTERNACIONAL DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA**.

A Sociedade Internacional de Bronco-Esofagologia foi idealizada a partir de 1935, por ilustres personalidades, como HENRY FABRES e CHEVALIER JACKSON, inicialmente como uma secção de Bronco-Esofagologia, a ter lugar nos Congressos Internacionais de Otorrinolaringologia, assim foi planeado para o Congresso de Otorrinolaringologia, em Amsterdão, em 1940. A Segunda Guerra Mundial deitou por terra esses projectos, e assim, só em 1951, numa reunião em S. Paulo, Brasil, foi decidido fazer um Congresso no ano seguinte, no Brasil, e nomear a Direcção da Sociedade que integrou como Vice-Presidente, o Dr. António Costa Quinta. A Sociedade foi constituída com 127 membros fundadores de 30 países.

O PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA teve lugar no Rio de Janeiro, no Brasil, em Agosto de 1952 e foi dedicado ao pioneiro da Bronco-Esofagologia, Chevalier Jackson.

O SEGUNDO CONGRESSO INTERNACIONAL teve lugar em Albert Plage, na Bélgica, em Junho de 1953, sob a Presidência do Prof. Dr. Fernand Eeman, imediatamente depois do Congresso Internacional de Otorrinolaringologia que se realizou em Amsterdão.

Nas eleições para a Direcção, o Dr. ANDRÉ SOULAS foi eleito Presidente e o Dr. Costa Quinta ficou como um dos seis Vice-Presidentes, o Secretário Executivo e Tesoureiro era o Dr. Chevalier Jackson, de Filadélfia.

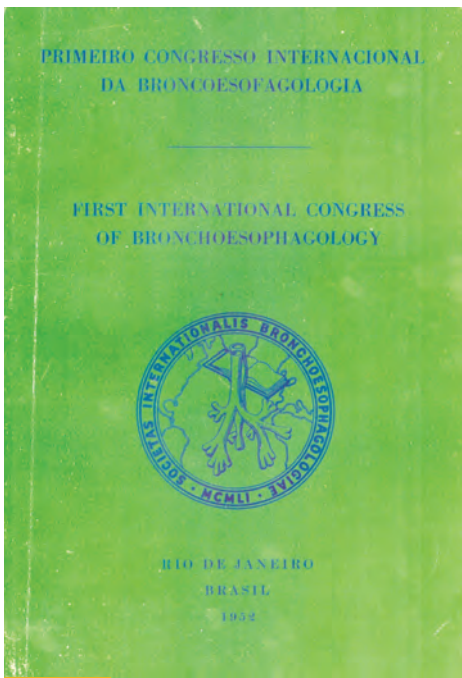


FIGURA 176

PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA
BRASIL - 1952

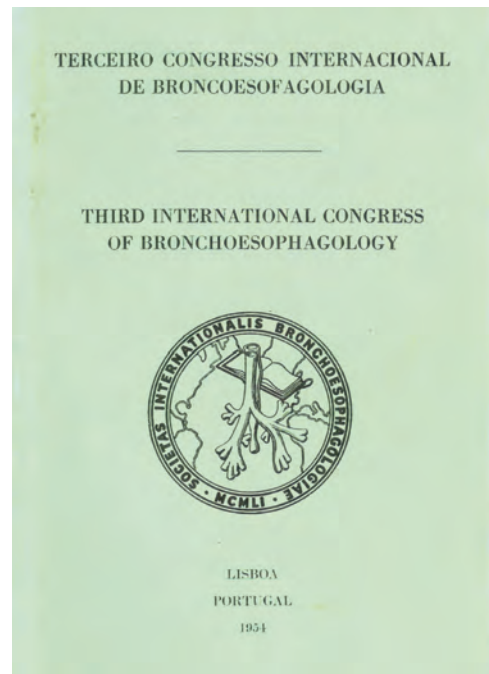


FIGURA 177

III CONGRESSO INTERNACIONAL DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA - LISBOA 1954



FIGURA 178

NO PROGRAMA SOCIAL ESTAVA INCLUIDA UMA LARGADA DE TOUROS EM VILA FRANCA DE XIRA

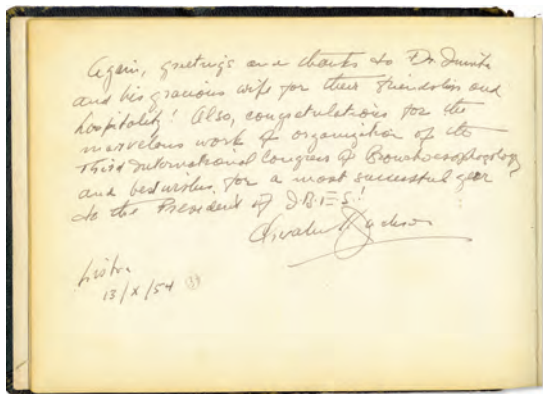


FIGURA 179

DEDICATÓRIA AUTÓGRAFA DE CHEVALIER JACKSON PARA COSTA QUINTA DURANTE A SUA ESTADIA EM LISBOA EM 1954

Ficou também decidido que o terceiro Congresso teria lugar em Lisboa, em Outubro de 1954. No relatório desse segundo Congresso, encontro um artigo do Dr. António Costa Quinta, intitulado "SUR LE TRAITEMENT DES STENOSES CONGENITALES DE L'OE SOPHAGE".

De 10 a 13 de Outubro de 1954, realizou-se em Lisboa, o III CONGRESSO INTERNACIONAL DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA.

A Comissão organizadora do Congresso era assim composta:

Presidente de Honra: - Prof. Dr. Fausto Lopo de Carvalho

Presidente: - Dr. Alberto Luís de Mendonça

Vice-Presidente: - Dr. Francisco Calheiros

Secretário-Geral: - Dr. António Costa Quinta

Secretário Tesoureiro: - Dr. Lopo de Carvalho (Filho)

Foi um dos maiores Congressos de sempre, realizados em Portugal, e a concluir o Dr. António Costa Quinta foi nomeado para Presidente da Sociedade Internacional, como substituto do Dr. Soulas de França, feito notável para a Medicina Portuguesa.

A REVISTA "CLINICA, HIGIENE E HIDROLOGIA"

A Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia não tinha uma publicação própria para divulgar os trabalhos dos seus membros, tendo feito um acordo com a direcção da Revista "CLINICA, HIGIENE E HIDROLOGIA", jornal da Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica, o que permitiu a publicação de alguns números totalmente dedicados à Otorrinolaringologia.

Nos meses de Maio e Junho de 1955 vão sair dois números da Revista "CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA" o N.º 5 de Maio de 1955 (Ano XXI) e N.º 6 de Junho de 1955 (Ano

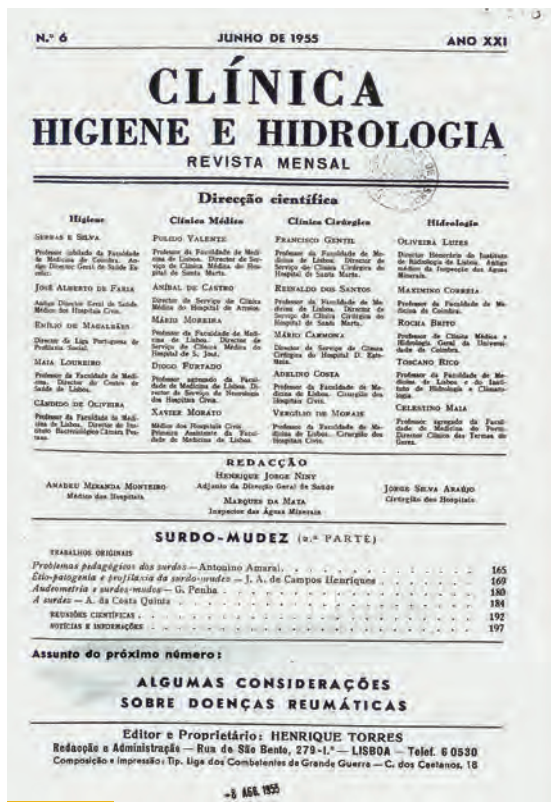
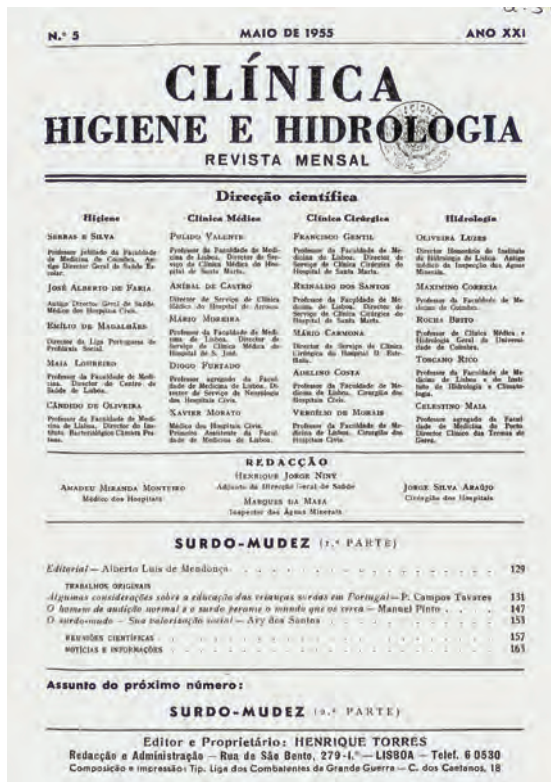


FIGURA 180

A REVISTA "CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA" TINHA NÚMEROS TOTALMENTE DEDICADOS À ORL



FIGURA 181

DEMONSTRAÇÃO CIRURGICA DO PROF. JUAN MANUEL TATO DE BUENOS AIRES, UM DOS GRANDES MESTRES DA ORL NA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA EM NOVEMBRO DE 1947

XXI) dedicados à reunião da *Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Broncoesofagologia*, que tinha tido lugar em Coimbra sobre o tema "SURDO-MUDEZ".

Transcrevo o editorial do Presidente da Sociedade Dr. Alberto de Mendonça:

"Coimbra dá-nos hoje a honra de receber a Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Broncoesofagologia, a fim de nesta cidade se realizar a III Reunião dos seus trabalhos: muito gratos lhes estamos.

O tema é a "Surdo-Mudez", assunto de capital importância e interesse para Portugal no qual a percentagem dos surdos-mudos em grau demasiadamente elevado, excede em muito a de outros países.

Caso estranho, com raras e louváveis exceções, a Surdo-Mudez não tem merecido dos nossos otologistas a devida atenção, sobretudo quanto ao tratamento.

Para que esta sessão tivesse o valor e o brilho que merece, solicitámos a cooperação dos cientistas que entre os portugueses se têm distinguido pelo seu saber acerca desta importante questão.

Acederam gentilmente ao convite, o que nos permite termos a felicidade de os ouvir e de recebermos preciosas lições.

Os nossos agradecimentos aos Exmos. Senhores Dr. Campos Tavares, Dig.mo Provedor da Casa Pia de Lisboa, Prof. Armando de Lacerda, Director do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Prof. Antonino Amaral, Director do Instituto "Jacob Rodrigues Pereira" de Lisboa.

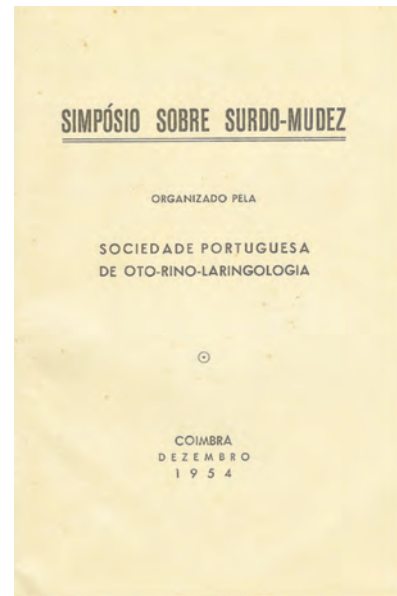


FIGURA 182

SIMPÓSIO SOBRE SURDO-MUDEZ REALIZADO EM COIMBRA EM DEZEMBRO DE 1954

Há porém a assinalar um notável trabalho publicado em 1920 pelo nosso colega Dr. Ary dos Santos que nos dá uma nota daqueles que até à data da sua publicação se dedicavam ao ensino dos surdos-mudos no nosso País e em que demonstra claramente a nacionalidade portuguesa do célebre Jacob Rodrigues Pereira que tão notável se tornou pelo seu método em França

Já de longa data a desmutização tem sido obra de cientistas estranhos à Medicina, desde os remotos tempos em que o jesuíta espanhol Ponce de Léon ensinou os mudos a falar.

Entre nós também assim tem sucedido.

Espero caros Colegas que as lições dos Conferencistas que ides escutar despertem entre vós o desejo de aprofundarem o estudo das causas e da profilaxia da surdo-mudez, de modo a procurar diminuir a aterradora percentagem que presentemente existe no nosso País”.

Em Maio de 1955 saiu como uma separata da Revista “CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA”, um Livro que reuniu todos os trabalhos apresentados no simpósio sobre Surdo-Mudez realizado em Coimbra em Dezembro de 1954.

No dia 19 de Junho de 1955 reuniu-se a 2ª Assembleia-Geral da nova Sociedade Portuguesa de ORL na qual foi eleita a nova **Direcção para o Biénio 1956/1957**, a direcção ficou assim constituída:

DIRECÇÃO PARA O BIÉNIO 1956/1957

Presidente:	- Dr. Jaime de Magalhães
Vice-Presidente:	- Dr. António Manuel da Costa Quinta
1º Secretário:	- Dr. José António de Campos Henriques
2º Secretário:	- Dr. Afonso de Barros Miranda Simão
Tesoureiro:	- Dr. Francisco da Silva Alves
Vogais:	- Dr. Afonso Neves de Paiva - Dr. José Daniel Tavares de Carvalho

O Dr. JAIME DE OLIVEIRA MAGALHÃES, foi o segundo Presidente da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Bronco-Esofagologia, no biénio de 1956/1957, depois de, no biénio anterior, ter sido seu Vice-Presidente.

Nascido em Caldas de Arêgos em 1 de Abril de 1893, fez o curso liceal em Lamego, frequentando a seguir a Escola Médica do Porto, onde terminou o curso em 1921, com elevada classificação.

Inicialmente dedicou-se à Especialidade de Estomatologia, mas, aconselhado pelo Professor Doutor Teixeira Bastos, foi estagiar durante um ano em Bordéus, no Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de Saint-André, dirigido pelo então Catedrático daquela Especialidade, o Professor Moure. Aí se relacionou e se ligou de amizade com o Professor Georges Portmann, amizade que viria a cultivar durante toda a sua vida, sendo raro o ano em que não ia a Bordéus de visita.

Regressado a Portugal, começou a exercer clínica Otorrinolaringológica em acumulação com Estomatologia; progressivamente foi abandonando esta última, passando a dedicar-se exclusivamente à Otorrinolaringologia.

Prestou a sua colaboração a diversos hospitais do Norte, nomeadamente em Lamego, Resende e Paredes.

Em 1937 foi convidado para reger o Curso de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina do Porto, actividade que exerceu durante 8 anos no Hospital Geral de Santo António.

Foi o primeiro Director da Especialidade de Otorrinolaringologia dos Serviços Médico-Sociais do Porto, tendo ocupado este cargo até 1968.

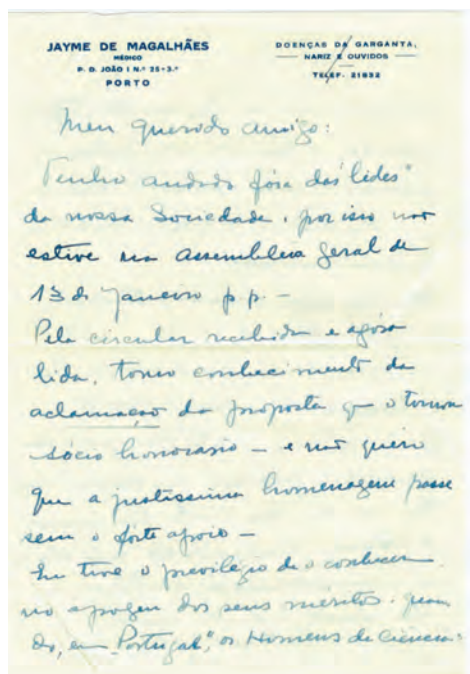
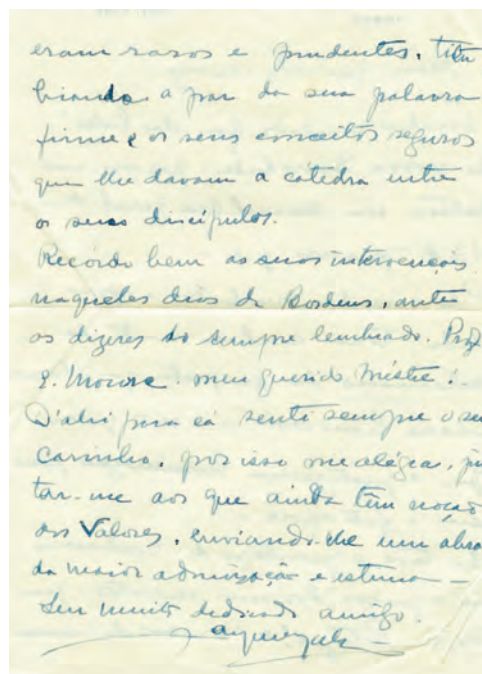


FIGURA 183

CARTA DE JAIME DE MAGALHÃES ELOGIANDO ALBERTO MENDONÇA



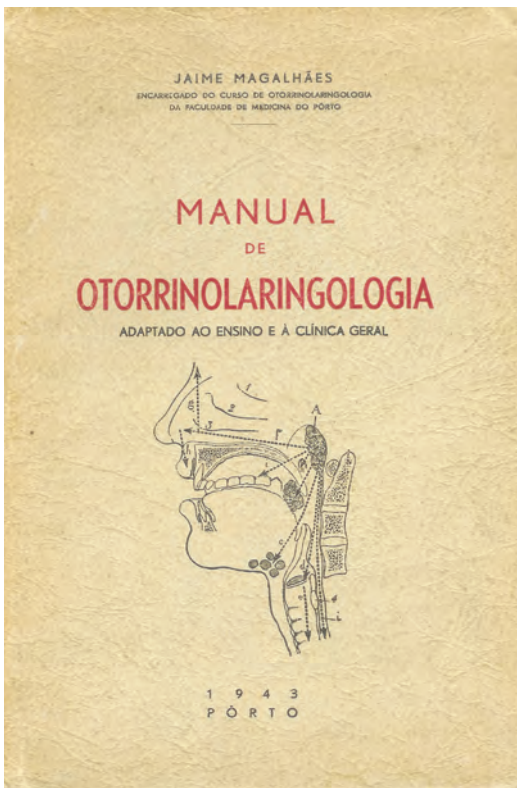


FIGURA 184
MANUAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA
DE JAIME MAGALHÃES EM 1943

Deixou valiosa bibliografia, nomeadamente um Manual para uso de estudantes, em que, com notável clareza e bom sentido didáctico, se expõem as grandes síndromes da Especialidade. Publicou alguns trabalhos no Boletim da Sociedade. Faleceu em 1994.

Nos meses de Agosto e Setembro de 1956 vão sair dois números da Revista “CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA” os Nº 8 de Agosto de 1956 (Ano XXII) e Nº 9 de Setembro de 1956 (Ano XXII) dedicados à Otosclerose.

No nº 9 encontro um artigo de GUILHERME PENHA, intitulado “OTOSCLEROSE - ALGUNS CONCEITOS ACERCA DA SUA PATOGENIA E TRATAMENTO” e com o subtítulo “FENESTRAÇÃO - CASOS OPERADOS ACERCA DE 8 ANOS.” O artigo revê os conceitos sobre etiopatogenia, à luz dos conhecimentos da época, faz várias referências a Beethoven e à sua autópsia, dizendo que em 17 de Março de 1827, o Dr. Johann Wagner fez a seguinte observação: “As células da Apófise Mastóide de Beethoven estavam revestidas por uma mucosa fortemente congestionada, notando-se a mesma congestão no rochedo, que tinha uma rede sanguínea muito acentuada, sobretudo a nível do caracol, cuja lâmina se apresentava vermelha...” Sendo esta observação uma prova de que Beethoven teria otosclerose, e seria essa a causa da sua Surdez, Guilherme Penha continua o seu artigo com a descrição do doente operado por Bárány em 8 de Agosto de 1910, que no decurso de uma cirurgia mastoideia, trepanou acidentalmente o canal semicircular posterior, e o doente, como a cirurgia era sob anestesia local, referiu que tinha começado a ouvir.

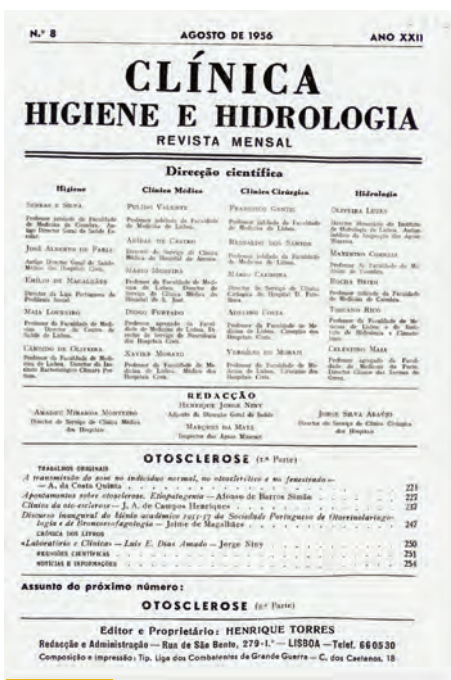


FIGURA 185
REVISTA “CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA” MAIS DOIS NÚMEROS TOTALMENTE DEDICADOS À ORL



A parte que eu considero mais interessante do artigo em termos históricos é o capítulo final em que Guilherme Penha afirma:

“Ultimamente temos procurado acompanhar as modernas orientações da cofocirurgia que completam e mesmo dispensam, com enorme vantagem, a fenestração, temos desta operação uma prática que vem desde a nossa ida aos Estados Unidos em 1946. Com efeito, logo que a fenestração se começou a difundir, fomos fazer um largo estágio naquele país.” Refere depois os locais por onde passou: “Depois de frequentarmos regularmente o Curso de Lempert no seu Endaural Institut de Nova Iorque, visitámos os Serviços de Shambaugh em Chicago, as clínicas dos Professores Schall e Meltzer no Massachussets Eye and Ear Infirmary, de Boston. O Dr. Howard House de Los Angeles, e em Washington, a clínica do Prof. Proetz, onde trabalhámos em íntima colaboração com os cientistas Hallowel Davis e Silverman no modelar “Central Institute for the Deaf” e ainda fomos à Clínica Mayo visitar os serviços de Williams e Figi. De regresso a Coimbra e preparado o serviço para esta nova cirurgia e pretendendo adoptar a via Endaural que aprendêramos, tivemos a maior prudência na selecção de casos para esta técnica, relativamente mal conhecida na Europa.

Tendo efectuado a primeira fenestração, seguindo a técnica de Lempert-Shanbaug, tal como já publicámos (no artigo Contribuição para o tratamento da Surdez - Coimbra Editora -1950), limitar-nos-emos a registar os casos operados por nós há cerca de 8 anos.”

Como este artigo foi publicado em 1956 - concluo que Guilherme Penha efectuou as primeiras Fenestrações em 1948, logo terá sido um dos primeiros a fazê-lo em Portugal.

Ainda no nº 9 é publicado o Discurso inaugural do Biênio académico 1955/1957 da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Bronco-Esofagologia pelo Dr. Jaime de Magalhães.

Um artigo que penso ser notável, pois demonstra o espírito que possuíam os pioneiros da nossa Sociedade, é o artigo do Dr. AFONSO DE PAIVA (1914 - 2010) incluído na mesma Revista “CLÍNICA, HIGIENE E HIDROLOGIA” o Nº 9 de Setembro de 1956 (Ano XXII), intitulado:

“PORQUE APLAUDO A CRIAÇÃO DA NOSSA SOCIEDADE”

“Sem visos da falsa modéstia e sem qualquer espécie de ironia, reconheço sem esforço, franca e honestamente, que me foi concedido um extraordinário privilégio, só por ter vindo dizer a esta sessão algumas palavras de elogio, sobre as virtudes e as vantagens que representa para todos, a nossa Sociedade, a Jovem “Sociedade portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia” mas e sobremaneira, para aqueles que vivemos fora e longe, dos grandes centros, afastados, portanto, dos meios científicos e mesmo técnicos, onde, anteriormente, não chegava o grão da cultura deste ramo da Medicina portuguesa e muito menos aquela necessária curiosidade de saber, e a indispensável inquietação espiritual ou ânsia que



FIGURA 186

DR. AFONSO PAIVA (1914 - 2010)

atija a inteligência, através do estudo teórico e prático - observando e experimentando...

Constrangido, porém, aceitei o pesado privilégio, porquanto, em verdade, sinto não possuir estilo harmonioso, elegante e simples, capaz de poder captar a atenção de V. Ex.as deleitando-os um pouco é nem ao menos saber suprir com astuta ou brilhante dialética a doutrina, das sínteses das grandes ideias e dos básicos princípios, das ciências e das artes.

Ai de mim, nado e criado em um dos contrafortes da Estrela, agarrado à terra e desta não poder voar às alturas que as águias atingem rústico campesino, a enfrentar um selecto auditório que me confunde e me atemoriza.

Que bem que mal, e porque não me foi possível recusar a distinção e honra que me concederam, eis-me chegado a esta sala e a este ambiente de claridade e de altitude, nesta cidade das sete colinas, onde a terra acaba e o mar começa. Fujo ou tento fugir, dos abismos vertiginosos, das neves, que me cercam e já agora começam a amortilhar as ravinas e os cumes das montanhas, da solidão dos longos espaços, procurando caminhar por esta estrada que me liga ao mundo.

Desculpe-se e tolere-se, por isso, o bisonho palrador que promete ser breve e o menos maçador possível

Os problemas que transcendem a própria Ética profissional preocupam-me; há manifestadas inquietações na minha alma uma tendência amorosa me inspira a fazer mais e melhor, sempre em um crescente elevação moral, mais ou menos inteligível e entendida, mais ou menos conceituosa e formal.

Os progressos médicos são de tal forma palpáveis, clarividentes, assombrosos e extraordinários que, a morte, é o termo natural do isolamento.

Sociedades, agrupamentos, congressos, imprensa, conferências - principalmente médicas - são janelas rasgadas para o acanhado e raro mundo, do clínico, que vive ou vegeta por esse país fora, amando e sofrendo em prol dos seus pobres doentes.

É proposição evidente que todo o homem tem de viver em sociedade; o médico, portanto, não pode isolar-se dos homens e principalmente dos outros médicos. Como poderia apaixonar-se por casos que nunca viu ou tratou como havia de resolver todos os problemas sem o conselho, a indicação, o apoio, e a sapiência dos maiores?

A doença, é inegável, na sua forma clínica, não é imutável, sofre transformações.

Essas variações ou transformações, atingem no momento actual em plena era antibiótica, as mais extraordinárias mutações. Todos nós sabemos por exemplo, que a pneumonia franca lobar quase desapareceu da prática jornalreira; a mastoidite aguda é uma raridade, a tuberculose laríngea vai apressadamente a caminho dos arquivos, utópico, estulto e pernicioso, portanto, é o isolamento dos homens, dos amigos, dos colegas.

Por isso a nossa sociedade é realista, sábia, progressiva e encontra-se ao serviço de todos aqueles que amam e servem este ideal.

Cada um de nós, com brilhante archote ou pequeno luzeiro, prégando o trabalho, a dedicação e o entusiasmo - todos a contribuir para o prestígio da Sociedade.

Será um movimento em labareda, uma generosa, afectiva e altruísta cruzada, a bem dos doentes, a bem do País. Portadores, cada um de nós, da mesma chama, reunimo-nos de vez em quando para recebermos baforadas de ar fresco em nossos pulmões saturados de rotina, de maledicência e mesmo de autolatria. Sem estas indispensáveis reuniões periódicas, como ver e aprender, como educar os sentidos e disciplinar a vontade, como fugir ao confrangedor isolamento em que, normalmente, vivemos?!

É legítima a ambição da nossa Sociedade em nos aglutinar de uma poderosa contribuição e expansão da cultura médica especialmente no ramo que professamos.

Trata-se de uma Sociedade natural e humana e, por conseguinte, não pode nem deve endeusar-se, não tolera a afectação e o pedantismo, repele o farisaísmo e, em oposição, só considera e respeita os melhores, isto é, os mais sábios e os mais dignamente humanos.

Também a Sociedade não critica por derrotismo, não louva por subserviência, não intervém na discussão de um assunto que ignora. Cultiva o saber, o aprumo profissional e a amizade entre os sócios.

Não foi acidentalmente, nem por acaso, que a Sociedade surgiu, impôs-se como urgente necessidade e, tanto assim, que vem crescendo, num entusiasmo juvenil, por velhos e

novos, das grandes e pequenas regiões, de perto e de longe, no ardente desejo de algo ensinar e, de algo também aprender; une, ensina, vulgariza; é científica e lúcida; tem bom senso, não foi criada por um, mas por vários e nela (Sociedade) podem entrar os de boa vontade; é uma construção em que todos e cada um têm uma pedra e um assento. Os sócios norteiam-se por um alto ideal, diminuir ou extinguir o sofrimento do próximo, do doente. Orienta-nos para o rigor científico e defende-nos da cristalização; cria uma elite.

Antes e depois do Séc. de Péricles, na velha Grécia, houve gloriosa e remota Atenas, escolas em que a discussão era livre, em que a crítica era apreciada; alguns filósofos eram médicos e todos os médicos tinham uma cultura filosófica e, por vezes, eram ainda humanistas!

A Medicina emancipa-se. Deixa de ser credence, superstição, medo e passa a ser uma ciência e uma arte.

Hipócrates, de Cós, o "Divino" foi mestre de Medicina e criou discípulos teóricos, cientistas e artistas - em sociedade de professor e alunos.

Um outro grego, quiçá menos brilhante, Galeno, com princípios, teses ou actuações um pouco diferentes ou mesmo de divergentes concepções, cria a sua Escola, a sua Sociedade.

Qualquer destes grandes, deslocam-se, ensinam, medicam, procuram acertar... e não se entronizam nas suas torres de marfim, não se isolam.

E foi sempre assim até nossos dias.

Roberto Koch, um anónimo ou desconhecido sai da sua aldeia, encostado ao seu bordão, a caminho de Breslau, com as suas bactérias, e mais adiante até Berlim, onde já pontificava Vinchow. Em 24 de Março de 1882, em um dia doentio e chuvoso, no começo de uma Primavera triste, em uma sociedade médica legou directamente à assistência, este pobre aldeão, uma das maiores revelações de todos os tempos a descoberta do bacilo que havia de imortalizar o seu nome.

Claude Bernard populariza a Medicina experimental. Na Academia de Ciências, na Academia de Medicina, e na Sociedade Biológica, deixa um rasto do seu fulgor e do seu extraordinário labor. Reúne-se semanalmente com Renam e Bertholet, trocando impressões e corrigindo defeitos. Ele sabe que a experiência é a mãe das ciências e das artes, recalçando para segundo plano a arte de bem observar, de meditar e de estudar. Não ama o isolamento...

Virchow, lutou, escreveu, criou jornais e fundou a Sociedade Alemã de Antropologia.

Lister frequenta assiduamente a Associação Inglesa de Medicina e apresenta-lhe o princípio da antissépsia.

Deulafov, nos fins do último século, pontifica na Academia Francesa.

Foi também numa Academia que Pasteur, corajosa e heroicamente, contra as objecções de alguns, o desdém de outros e a rotina da maioria, expõe as suas doutrinas, legando à posteridade o mundo dos infinitamente pequenos.

Laennec, Pavlov, Cagal, Brown Séquard, os Curie, Egas Moniz e tantos, vão às Sociedades, apresentam e defendem pontos de vista, que os immortalizam, aos seus nomes, às suas épocas e às suas pátrias.

Em todo o mundo, e desde sempre o Médico, se reúne e aglutina em Sociedades.

Glória e honra à nossa “Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia”, que continua mantendo no plano primeiro o estudo do doente. Não quer apenas saber teórico e científico. Cria, como disse, uma élite com um ideal.

Ao judicioso equilíbrio da observação, da investigação, da experiência, do bom senso, do espírito prático, do sentido do relevo e das proporções, devemos a grandeza da nossa Querida Sociedade.

Não é pedante, é prudente, é equilibrada, é útil e indispensável para quem moureja longe dos grandes hospitais e das melhores clínicas.

Avante, pois, “Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia”. Com fé, com esperança, com alegria, olhando sempre em frente caminhando para o futuro sem apreensões, inspirando os novos para maior beleza, para maior fraternidade, para novas audácias, para honra, orgulho e glória de todos nós.

E quase já a findar, perguntarei se vale a pena sacrifícios, dispêndios de energias, perda de tempo e intenções por vezes mal compreendidas?

Diremos como o Poeta: “Vale sempre a pena quando a alma não é pequena”.

A ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DA SOCIEDADE DE 1957



FIGURA 187

MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO DOS DRS. SILVA ALVES, ALBERTO MENDONÇA E CAMPOS HENRIQUES DURANTE A REUNIÃO DA SPORL EM 1957



FIGURA 188

REUNIÃO NA SPORL NA ORDEM DOS MÉDICOS EM 1958

Em 9 de Junho de 1957 realizou-se uma Assembleia Extraordinária da Sociedade sob a Presidência do Dr. Jaime Magalhães na cidade da Guarda e é aprovada uma mudança dos Estatutos nos quais se retira o artigo nº 13 que referia o seguinte:

“O primeiro presidente da Sociedade será eleito pela Assembleia-Geral. Seguidamente, em cada biénio, passará a ocupar o lugar de Presidente a individualidade que já exercia o cargo de Vice-Presidente”.

Na nova redacção, todos os membros da Direcção passam a ser eleitos pela Assembleia-Geral, podendo ser reeleitos. No entanto, foi ressalvado que os anteriores Estatutos ainda se aplicavam à antiga Direcção, salvaguardando a futura nomeação do Dr. Costa Quinta como futuro Presidente.

No dia 15 de Março de 1958, na Sede da Ordem dos Médicos realizou-se sob a Presidência do Dr. Jaime de Oliveira Magalhães nova Assembleia-Geral com o intuito de aprovar as contas e eleger a nova Direcção.

Em face dos resultados foi eleita a nova **Direcção para o Biénio 1958/1959**, que ficou assim constituída:

DIRECÇÃO PARA O BIÉNIO 1958/1959

Presidente:	- Dr. António Costa Quinta
Vice-Presidente:	- Dr. Joaquim Magalhães Barbosa
Secretário-Geral:	- Dr. Afonso Barros Miranda Simão
Tesoureiro:	- Dr. José Maria Torrado Barroso
Vogais:	- Dr. Afonso Ferreira da Costa - Dr. Fernando Marques do Nascimento

O Dr. ANTÓNIO MANUEL COSTA QUINTA nasceu em 1908 na Sobreda da Caparica e terminou a licenciatura na Faculdade de Medicina de Lisboa em 1935. Em 1936 e 1937 foi Assistente de Broncologia no *Temple University Hospital* de Filadélfia e no ano seguinte exerceu as funções de Assistente de ORL no “Hôpital Necker-Enfants Malades”



FIGURA 189
DR. ANTÓNIO COSTA QUINTA (1908 - 1970)

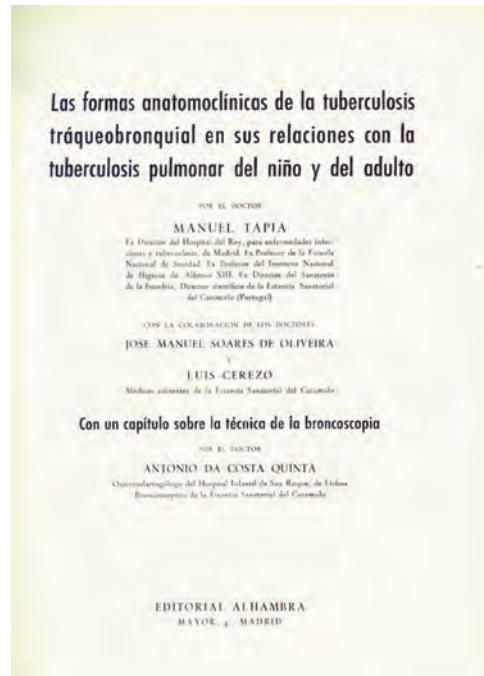


FIGURA 190
LIVRO SOBRE TUBERCULOSE COM UM CAPÍTULO SOBRE BRONCSCOPIA PELO DR. COSTA QUINTA - 1950

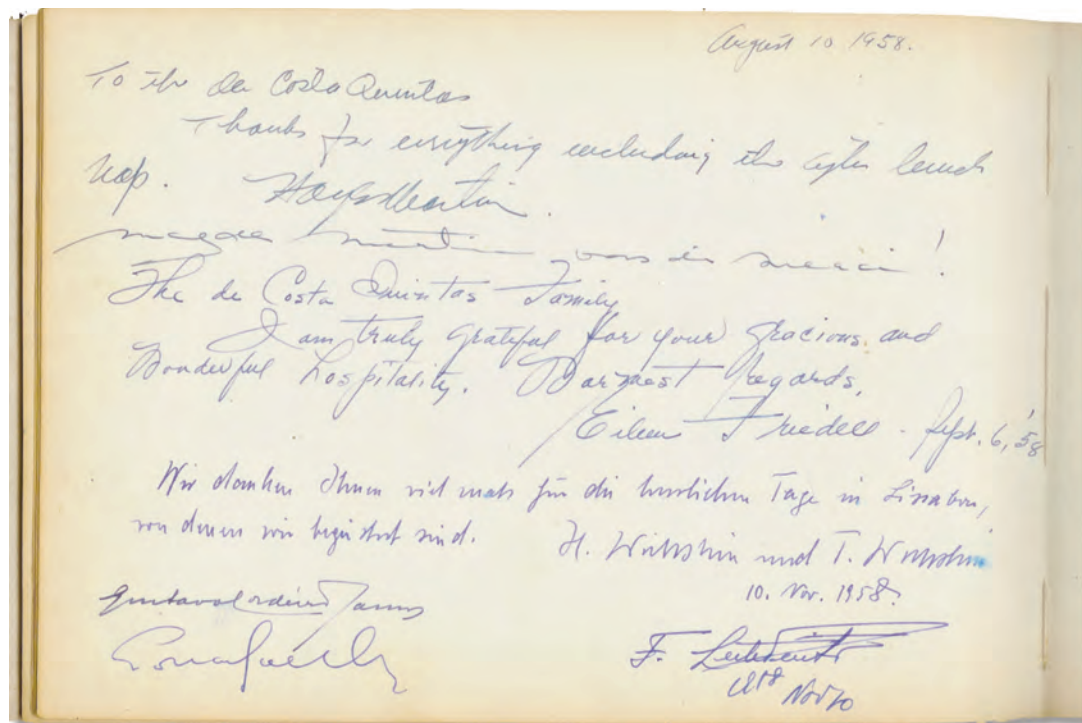


FIGURA 191
O DR. COSTA QUINTA TINHA UM LIVRO DE HONRA NO QUAL AS GRANDES FIGURAS DA MEDICINA QUE VINHAM A PORTUGAL DEIXAVAM A SUA ASSINATURA



FIGURA 192

1 - COSTA QUINTA COM CÉSARD BERTRAND • 2 - REUNIÃO DA SOC. ANDALUZA EM 1955 • 3 - COSTA QUINTA COM GARCIA TAPIA • 4 - COSTA QUINTA COM E. SCOLA

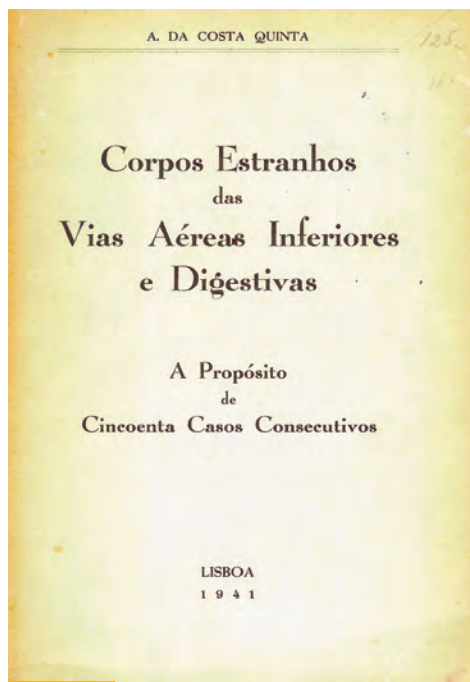


FIGURA 193

LIVRO DE COSTA QUINTA DE 1941

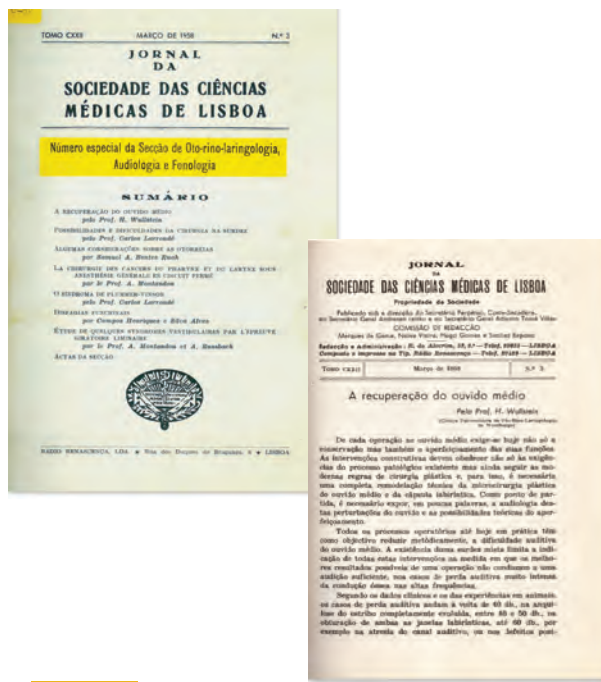


FIGURA 194

NÚMERO ESPECIAL DO JORNAL DA SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS DEDICADO À SECÇÃO DE OTO-RINO-LARINGOLOGIA, AUDIOLOGIA E FONOLOGIA

de Paris. Regressando a Lisboa fez o Internato Geral dos HCL, frequentando simultaneamente o Serviço de ORL do Hospital de S. José.

Tornou conhecidas e divulgou entre nós as técnicas bronco-esofagoscópicas de Chevalier-Jackson. Em 1943 foi mobilizado, seguindo para o Funchal, onde permaneceu 2 anos, durante os quais criou, organizou e dirigiu o Serviço de ORL do Hospital da Misericórdia. Ao voltar para Lisboa, foi convidado para dirigir o Serviço de ORL do Hospital Infantil de S. Roque da Santa Casa da Misericórdia. Visitou demoradamente as principais clínicas otorrinolaringológicas da Europa e das Américas, tendo regido cursos de Broncologia em algumas delas, nomeadamente em França, Espanha e Argentina. Foi Broncologista do Sanatório do Caramulo. Organizou o III Congresso Internacional de Broncologia efectuado em Lisboa. Nessa reunião, o Dr. António Costa Quinta foi eleito Presidente da Sociedade Internacional de Bronco-Esofagologia. Foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia, de cuja criação foi mesmo o principal impulsionador, sendo seu Presidente no biénio de 1958/1959. Participou em numerosos Congressos Internacionais e é muito copiosa a bibliografia que deixou e se encontra dispersa em livros e revistas. Faleceu em 1970.

Em Março de 1958 vai sair um número especial do Jornal da Sociedade das Ciências Médicas dedicado à Secção de Oto-rino-laringologia, Audiologia e Fonologia.

A DÉCADA DE 60

Vai caber à Direcção que foi eleita no dia 5 de Março de 1960 na Sede da Ordem dos Médicos, em Lisboa, o papel de grande dinamizadora da Sociedade com a realização de diversas manifestações científicas e a publicação do Boletim Oficial do qual falaremos muitas vezes adiante.

Foi assim eleita a seguinte **Direcção para o Biénio 1960/1961**:

DIRECÇÃO PARA O BIÉNIO 1960/1961

Presidente:	- Dr. Francisco Silva Alves
Vice-Presidente:	- Dr. Afonso Neves de Paiva
Secretário-Geral:	- Dr. Samuel Ruah
Secretário Adjunto:	- Dr. Alberto Antunes
Tesoureiro:	- Dr. Armando Santana Leite
Vogais:	- Dr. João Moniz Nogueira - Dr. Augusto Marinheiro Júnior

O Dr. FRANCISCO DA SILVA ALVES nasceu em Vizela em 1910, licenciou-se pela Faculdade de Medicina do Porto em 1933. Fez os Internatos Geral e Complementar de ORL dos HCL, o último dos quais no Serviço de ORL do Hospital de S. José, sob a orientação do Dr. Alberto Mendonça.



FIGURA 195

DR. FRANCISCO DA SILVA ALVES EM 1934 E EM 1957

Quando terminou o Internato Complementar foi reconduzido como Interno contratado além do quadro. Em 1942, após aprovação em concurso de provas públicas, foi nomeado Assistente de ORL dos HCL e colocado no Serviço do Hospital de Santo António dos Capuchos. Em 1963 ascendeu a Director de Serviço, situação que manteve até atingir o limite de idade em 1980. Foi Director de ORL dos Serviços Médico-Sociais desde 1946. Foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia e seu Presidente durante 2 biénios seguidos (1960/1961 e 1962/1963). Durante o seu primeiro mandato tomou a iniciativa de promover a realização do I Congresso Nacional de ORL (1961) a que presidiu.



FIGURA 196

O DR. SILVA ALVES AINDA ESTUDANTE DE ANATOMIA NO PORTO EM 1929

Participou em diversas reuniões internacionais, bem como em cursos de aperfeiçoamento, nomeadamente em França e em Espanha. Era Sócio Honorário da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Patologia Cérvico-Facial. Foi Presidente da Sociedade de Oto-Neuro-Oftalmologia.

A CRIAÇÃO DO BOLETIM

No ano de 1961 começa uma nova era da Otorrinolaringologia Portuguesa com a publicação do BOLETIM, como órgão oficial da Sociedade. No editorial do primeiro número, o Dr. Silva Alves, Presidente da Sociedade, escreveu as seguintes palavras:

“A Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Broncoesofagologia inicia, com o presente volume, a publicação dum “Boletim Oficial”, no qual se registará a sua Vida associativa e será, assim o esperamos, mais um elo a unir a comunidade otorrinolaringológica portuguesa.

Tem tido a nossa Especialidade altos valores a prestigiá-la e desde o pioneiro Alberto Mendonça até Carlos Larroudé, outros clínicos igualmente a servirem, com dedicação e competência.

Todavia, creio poder afirmar, que nunca existiu entre nós, Otorrinolaringologistas, o indispensável espírito gregário, que presentemente se está afirmando, com bastante entusiasmo.

A Direcção da nossa Sociedade tem procurado e procurará estimular este sentimento associativo e oxalá este Boletim possa ter a utilidade que se deseja.

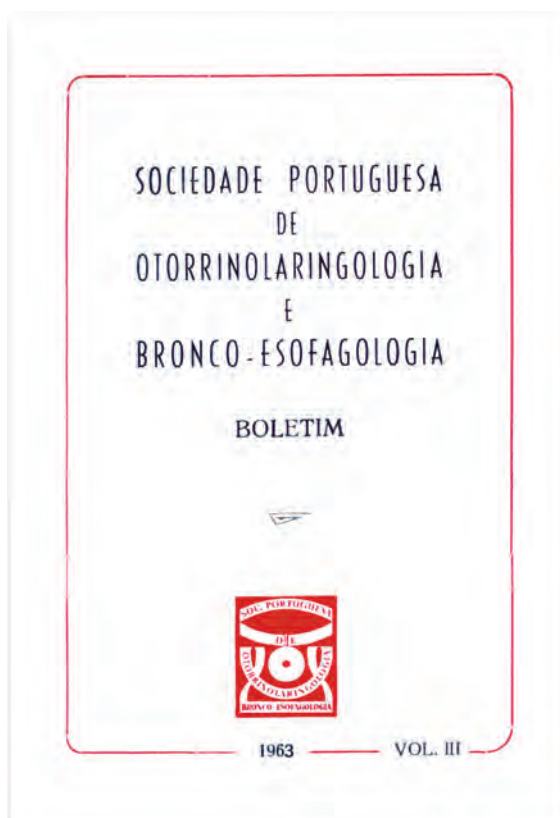


FIGURA 197

UM DOS NÚMEROS DO BOLETIM NO SEU FORMATO INICIAL

Para a "Semana Médica que muito nos facilitou esta publicação, vão os nossos melhores agradecimentos."

O dinamismo da Direcção eleita levou a que fossem organizadas várias reuniões, entre as quais devemos destacar a realização do 1º Congresso Nacional de Otorrinolaringologia que se realizou entre 30 de Novembro e 2 de Dezembro, em Lisboa no Hospital de D. Estefânia.

Para termos uma ideia do dinamismo da Sociedade, apresentamos um resumo das actividades da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia no Biénio 1960/1961.

5 de Março de 1960 - Reunião para apreciação do Relatório do Secretário.

Apreciação do Relatório do Tesoureiro. Eleição dos corpos dirigentes para 1960-1961.

14 e 15 de Maio de 1960 - 1ª Sessão ordinária na Ordem dos Médicos em Lisboa.

Comunicações apresentadas:

- Dr. Moniz Nogueira - Um caso pouco vulgar de diplegia laríngea;
- Dr. Samuel A. Bentes Ruah - Programa para o biénio;
- Dr. César Vieira - Tumor de células gigantes do maxilar superior.



FIGURA 198

1ª SESSÃO ORDINÁRIA NA ORDEM DOS MÉDICOS EM LISBOA - MAIO DE 1960 - JANTAR NO RESTAURANTE MÓNACO



FIGURA 199

SESSÃO DA SPORL EM FARO EM 1961

Foram projectados filmes científicos cedidos pela Casa Sandoz - "LA CHIRURGIE DE LA SURDITÉ" e "PROGRÉS EN ENDOSCOPIE". O Dr. C. Miguéis fez o comentário dos filmes.

3 e 4 de Dezembro de 1960 - 2ª Sessão na Ordem dos Médicos no Porto.

O Tema da reunião foi: "A OTITE DO LACTENTE".

Apresentado por - Drs. Afonso Ferreira da Costa, Barata Salgueiro e Orlando Afonso

Comentado por - Drs. Samuel Ruah, Moniz Nogueira e Alvarenga de Andrade

Outras Comunicações apresentadas:

- Dr. Cidrais Rodrigues - Repercussões gerais da otite do lactente;
- Dr. Nobre Leitão - A situação actual da cirurgia do estribo no tratamento da surdez por anquilose estapedovestibular.

27 e 28 de Maio de 1961 - 3ª Sessão, em Faro.

Comunicações apresentadas:

- Dr. Borges de Sena - Tratamento médico das sinusites agudas;
- Dr. Moniz Nogueira - Tratamento médico das sinusites crónicas;
- Dr. Moniz Nogueira - Criação de um sistema de rastreio na surdez infantil;
- Dr. Lídio do Amaral - Tratamento cirúrgico das sinusites crónicas.

De 30 de Novembro a 2 de Dezembro 1961 realizou-se a 4ª Sessão que correspondeu ao 1º Congresso Português de Otorrinolaringologia.

I CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA

A realização do I CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA vai ficar como um marco nas realizações científicas da Otorrinolaringologia portuguesa, não só porque foi o primeiro, mas porque abriu a porta às múltiplas manifestações científicas que se realizaram daí em diante. O discurso inaugural foi proferido pelo Presidente da Sociedade, Dr. Francisco da Silva Alves em 30-11-1961.



FIGURA 200

O I CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA NO SALÃO NOBRE DO H. S. JOSÉ 30 NOVEMBRO DE 1961



FIGURA 201
DURANTE O I CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA

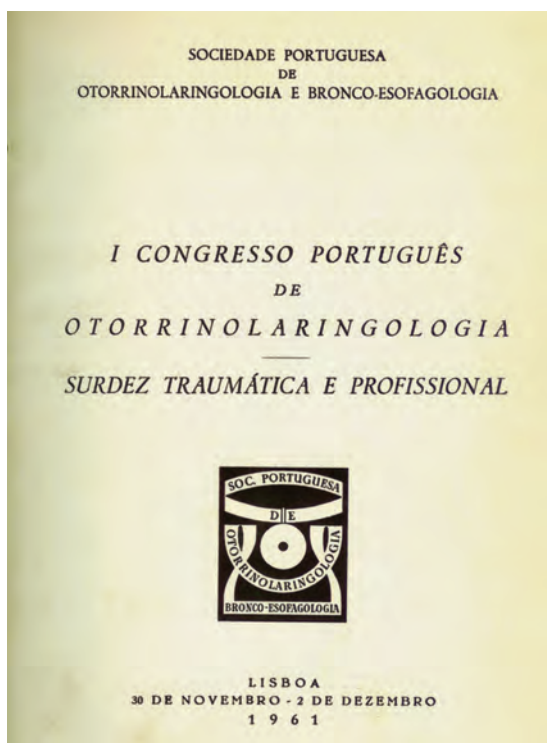


FIGURA 202
RELATÓRIO DO I CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA



FIGURA 203
SESSÃO DE TRABALHOS DURANTE O I CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA

Durante este congresso cujo tema foi a “SURDEZ TRAUMÁTICA E PROFISSIONAL” foram apresentados diversos trabalhos que vale a pena recordar:

1. Conceito, classificação da surdez traumática e profissional
- Dr. Campos Henriques;
2. Conceito da fisiologia da audição e da física do som
- Dr. João Azevedo;
3. O exame de audição na surdez traumática e profissional
- Dr. Orlando Afonso;
4. A surdez nos traumatismos cranianos
- Dr. Samuel Ruah;
5. A surdez nos traumatismos sonoros
- Dr. Rui Penha;
6. A surdez das variações de pressão
- Dr. Barata Salgueiro;
7. A surdez por explosão
- Dr. Abel Correia;
8. A surdez psicogénica em Medicina do trabalho
- Dr. César Vieira;
9. A profilaxia da surdez traumática e profissional
- Dr. Nobre Leitão;
10. A desvalorização na surdez traumática e profissional
- Dr. Barros Simão;
11. *La simulation auditive et son dépistage audiométrique*
- J. E. Fournier.



FIGURA 204
I CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA
CONFERÊNCIA DE J. E. FOURNIER

A Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia estava finalmente a expandir-se; em 5 de Março de 1960 o número de sócios titulares era de 53 e o de sócios agregados de 4. No termo do mandato da direcção do biénio 1960/1961 o número de sócios titulares

era de 95 e o de agregados de 28, ou seja uma duplicação do número de sócios.

No dia 2 de Dezembro de 1961, tal como consta da acta nº 6 do livro de actas da sociedade, é eleita a nova direcção. Em virtude da modificação dos estatutos, foi possível a reeleição do presidente ficando a **Direcção para o biénio 1962/1963** assim constituída:

DIRECÇÃO PARA O BIÉNIO 1962/1963

Presidente:	- Dr. Francisco Silva Alves
Vice-Presidente:	- Dr. José Alvarenga de Andrade
Secretário-Geral:	- Dr. José António de Campos Henriques
Secretário Adjunto:	- Dr. Abel Fernandes Correia
Tesoureiro:	- Dr. Orlando dos Santos Afonso
Vogais:	- Dr. Jaime Barbosa da Cruz Vaz Portugal - Dr. José Manuel Fernandes Cardoso

A Sociedade era constituída, tal como referia o seu artigo 2º, por sócios honorários, sócios titulares, sócios correspondentes e sócios agregados, em 1961 eram os seguintes os sócios honorários:

Sócios Honorários

- Prof. Dr. Armando de Lacerda
- Prof. Dr. Francisco Gentil
- Dr. Alberto Luís de Mendonça

Em 1962 houve sessões nas primeiras terças-feiras dos meses de Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Julho e Dezembro. O número total de trabalhos apresentados foi de 16.

Em 1963 houve sessões nas primeiras terças-feiras dos meses de Janeiro, Fevereiro, Março, Maio e Julho, tendo sido apresentados 8 trabalhos. O Núcleo do Porto realizou uma sessão em Julho de 1963, em que foram apresentados 3 trabalhos.

Realizaram-se 3 sessões plenárias, respectivamente em Lisboa, Coimbra e Castelo Branco.

A sessão plenária de Lisboa, em 1962, constou duma reunião conjunta da Sociedade com a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia. Foram expostos problemas de interesse comum, que larga e proveitosamente se discutiram.

Em Coimbra foi feita uma reunião conjunta com a Sociedade Portuguesa de Pediatria, abordando-se o problema do anel de Waldeyer.

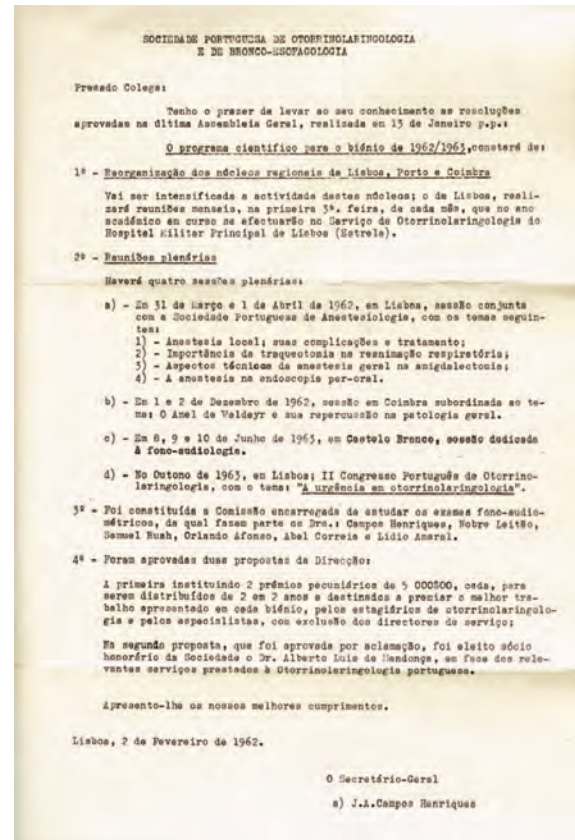


FIGURA 205

CARTA ENVIADA AOS SÓCIOS PELO DR. CAMPOS HENRIQUES SECRETÁRIO-GERAL EM 1962

II CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA



FIGURA 206

II CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA SESSÃO INAUGURAL - 1963

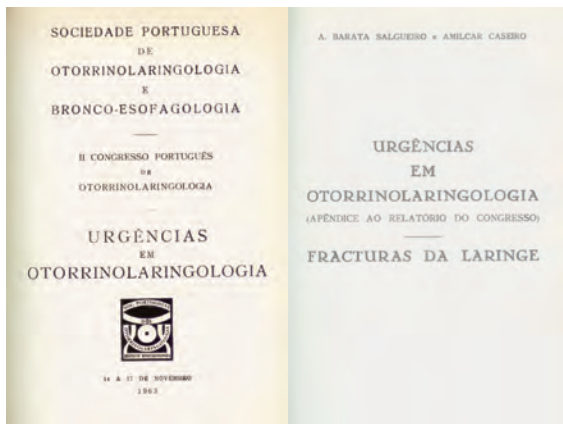


FIGURA 207

ACTAS DO II CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA CUJO TEMA FOI "URGÊNCIAS EM OTORRINOLARINGOLOGIA"



FIGURA 208

II CONGRESSO PORTUGUÊS DE ORL. DISCURSO INAUGURAL FOI PROFERIDO PELO DR. FRANCISCO DA SILVA ALVES



FIGURA 209

II CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA EM 1963

1. HENRIQUES PEREIRA 2. FERNANDO AFONSO 3. NELSON GAMA E CASTRO 4. RUI PENHA 5. ROSAS DA COSTA 6. AUGUSTO MARINHEIRO 7. FRANCISCO PALMA 8. CAMPOS HENRIQUES 9. MONIZ NOGUEIRA 10. AMÍLCAR CASEIRO 11. SILVA ALVES 12. MOURÃO CORREIA 13. JEREMIAS DA SILVA 14. RELVAS DE CARVALHO 15. NASCIMENTO FERREIRA 16. MENDES VASCONCELOS 17. FERREIRA DA COSTA 18. HENRIQUE SOUDO 19. NOBRE LEITÃO 20. LÍDIO DO AMARAL 21. ARMANDO SANT'ANNA LEITE

O II Congresso Português de Otorrinolaringologia cujo tema foi **“URGÊNCIAS EM OTORRINOLARINGOLOGIA”** realizou-se no Hospital de D. Estefânia de 14 a 17 de Novembro de 1963, dois anos após a realização do 1º Congresso. O discurso inaugural foi proferido pelo Dr. FRANCISCO DA SILVA ALVES.

Dos trabalhos apresentados neste congresso foi publicado um relatório com 383 páginas patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

No BOLETIM DA SOCIEDADE desse ano vai aparecer a PUBLICAÇÃO DOS ESTATUTOS NA SUA VERSÃO DEFINITIVA que tinha sido aprovada em Assembleia-Geral, realizada em 9 de Junho de 1957, na cidade da Guarda e submetida a aprovação ministerial; esta foi concedida por despacho do Sub-secretário de estado da Educação Nacional em 28 de Dezembro de 1957. Igualmente saiu publicado o REGULAMENTO DOS PRÉMIOS a entregar anualmente.

EXTRACTO DOS ESTATUTOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA DE 1957

TÍTULO I

Objectivo, composição e condições de admissão

Art. 1º - A **SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E DE BRONCO-ESOFAGOLOGIA**, com sede em Lisboa na Ordem dos Médicos, na Avenida da Liberdade nº 65, tem por objectivo reunir os médicos que se interessam pela realização comum de investigações científicas, clínicas e terapêuticas, dizendo respeito à especialidade.

Art. 2º - A Sociedade é constituída por sócios honorários, sócios titulares, sócios correspondentes e sócios agregados.

Art. 3º - Os sócios honorários são pessoas que à Sociedade, ou à especialidade, tenham prestado relevantes serviços. A sua qualidade dispensa-se de qualquer obrigação para com a Sociedade. Serão eleitos pela Assembleia-Geral, sob proposta da Direcção.

Art. 4º - Só serão sócios titulares os médicos inscritos na Ordem dos Médicos como Otorrinolaringologistas.

Já com o regulamento aprovado foram entregues os **PRÉMIOS DA SOCIEDADE NO BIÉNIO DE 1962/1963**:

O **Prémio para Especialistas** foi atribuído ao Dr. AUGUSTO MARINHEIRO JÚNIOR pelo seu trabalho: **“SÍNDROMES ALÉGICAS DE URGÊNCIA EM ORL”**.

O **Prémio para Estagiários** foi atribuído ao Dr. XEMBU RAUTO DESSAI pelo seu trabalho: **“ESTADOS PRÉ-CANCEROSOS DA LARINGE”**.

Mensão Honrosa atribuída ao Dr. ANTÓNIO PINHO E MELO pelo seu trabalho: **“FISIOLOGIA DO TECIDO LINFÓIDE E FISIO-PATOLOGIA DO ANEL DE WALDEYER”**.

Em Abril de 1963 a Sociedade sofreu o desgosto de ver desaparecer o seu primeiro Presidente, e Sócio Honorário, Dr. ALBERTO LUÍS DE MENDONÇA. Em sessão realizada em Maio de 1963 a Sociedade promoveu justa homenagem à sua memória, como Homem e como Cientista.

A figura do Dr. Alberto Mendonça foi descrita pelos seguintes Otorrinolaringologistas:

- O Prof. Carlos Larroudé, a figura mais representativa da Otorrinolaringologia Portuguesa e um dos seus primeiros Internos;
- O Dr. Jaime de Magalhães, que apesar de exercer a sua actividade no Porto, com ele sempre manteve estreitas relações de amizade;
- O Dr. Barata Salgueiro, um dos seus primeiros discípulos e Director do Serviço (1963) por ele fundado no Hospital Militar da Estrela;
- O Dr. Samuel Ruah, o último Especialista que Alberto Mendonça formou e um dos que com ele mais tempo privou.

Quando O Dr. Alberto Mendonça atingiu o limite de idade o Enfermeiro-Mor do Hospital de S. José mandou louvá-lo pela ordem de serviço nº 3765 de 5 de Fevereiro de 1949 e que dizia assim:

“O Senhor Dr. Alberto Luiz de Mendonça deixa amanhã, 6 de Fevereiro, por ter atingido o limite de idade, o cargo de Director do Serviço n.º 8 do Hospital de S. José, onde durante o tempo em que o exerceu foram inscritos 80.000 doentes, aos quais se deram mais de 500.000 consultas e tratamentos, e foram operados cerca de 20.000 doentes, dos quais 1.700 de grandes intervenções cirúrgicas e 225 de extracções de corpos estranhos do esófago. Sob a sua direcção ali fizeram a sua aprendizagem Médico-Cirúrgica Otorrinolaringológica, 45 médicos, alguns dos quais são hoje Especialistas de renome. Pelos relevantes serviços que prestou tornou-se merecedor da Medalha de Ouro de bons serviços, a mais alta distinção hospitalar. Manifestando-lhe o pesar desta Administração por vê-lo afastar-se do exercício das suas funções, cumpre-me o dever de louvar o Senhor Dr. Alberto Luís de Mendonça pelo muito zelo, grande competência e inextinguível dedicação com que durante 43 anos serviu nestes Hospitais”.

Em 1963 é formada uma COMISSÃO DE LOGO-AUDIOMETRIA constituída pelos Drs. Campos Henriques, Nobre Leitão, Lídio do Amaral, Abel Correia e Orlando Afonso sob a égide da Sociedade com o intuito de criar as bases da Audiometria em Portugal; é elaborado um relatório em 1963.



FIGURA 210

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE LOGO-AUDIOMETRIA

Em 16 de Novembro de 1963, é eleita a **Direcção para o biénio 1964/1965** ficando assim constituída:

DIRECÇÃO PARA O BIÉNIO 1964/1965

Presidente:	- Dr. João Moniz Nogueira
Vice-Presidente:	- Dr. A. Ferreira da Costa
Secretário-Geral:	- Dr. J. A. de Campos Henriques
Secretário Adjunto:	- Dr. Augusto Marinheiro Júnior
Tesoureiro:	- Dr. Lídio do Amaral
Vogais:	- Dr. Carlos Miguéis - Dr. Xembu Rauto Dessai

O Dr. JOÃO MONIZ NOGUEIRA, era natural do Torrão onde nasceu em 1911. Licenciado pela Faculdade de Medicina de Lisboa em 1935. Foi Assistente do Dr. Ary dos Santos no Hospital da Misericórdia de Lisboa, quando este clínico era encarregado da regência do curso de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa. Em seguida foi, como bolseiro, para o Serviço do Prof. George Portmann em Bordéus, onde ficou durante 1 ano. Em Paris frequentou os Serviços dos Profs. Portmann, Veau e Dufourmental e em 1937 regressou a Portugal, fixando-se em Faro, de cujo Hospital foi nomeado Assistente. Visitou demoradamente os Serviços do Prof. Casadesus em Barcelona, do Dr. Portela também em Barcelona e do Prof. Antoli-Candela em Madrid. A partir de 1944 ficou inscrito como Especialista de ORL na Ordem dos Médicos. Em 1945 foi mobilizado para prestar serviço militar em Cabo Verde, aí permanecendo



FIGURA 211

DR. JOÃO MONIZ NOGUEIRA

cendo durante 1 ano. Em 1970 foi integrado nas Carreiras Médicas e colocado no Hospital de Faro, como Director do Serviço de ORL. Em 1979 foi Director Clínico do mesmo Hospital. Foi Presidente da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia, de que é Sócio Honorário, organizou duas reuniões da Sociedade em Faro e uma Reunião Internacional de Audiologia na mesma cidade. Apresentou algumas comunicações não só nas reuniões da Sociedade como nos Congressos Nacionais, a que assiste com muita assiduidade. Inventou uma aparelhagem especial para provas calóricas.

As actividades do ano de 1964 foram fundamentalmente as reuniões dos núcleos.

No NÚCLEO DE LISBOA houve sessões a 4 de Fevereiro, em 3 de Março em 7 de Abril, e em 7 de Julho de 1964.

Na sessão de 3 de Março, antes da ordem da noite, o Dr. Campos Henriques deu conhecimento de que tinham já sido recebidas respostas em número suficiente para permitir escolher o tema do Relatório para o III CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA. Dado que a maior preferência foi para a "Patologia do Nervo Facial", seria este o tema do Relatório. Como veremos mais adiante, este congresso que deveria ter lugar em Luanda acabou por nunca se realizar.

No dia 20 de Abril de 1964, sob o patrocínio desta Sociedade, o Prof. JUSTO ALONSO, de Montevideo, proferiu uma conferência subordinada ao título: "CIRÚRGIA FUNCIONAL NO CANCRO DA LARINGE", no Auditório do Hospital de D. Estefânia.

O NÚCLEO DO PORTO realizou no dia 26 de Maio desse ano, na Secção Regional da Ordem dos Médicos, uma sessão, presidida pelo Dr. Ferreira da Costa, secretariado pelos Drs. Jaime Magalhães e Silva Alves.



FIGURA 212

O III CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA EM 1965 - OS CONGRESSISTAS NO HOSPITAL DE D. ESTEFÂNIA

O Dr. Machado Aires comunicou um caso de mastoidite t mpora-zigomática que apresentava difíceis problemas de diagnóstico e de tratamento. Em seguida, o Dr. Ferreira da Costa fez uma valiosa comunicação sobre três casos de condroma das vias aéreas superiores, localizadas respectivamente na traqueia e na laringe. Ilustrou a sua comunicação com a projecção de dois filmes referentes às operações dos dois casos que operou.

A sessão terminou com a projecção dum filme do Dr. Ferreira da Costa, mostrando uma amigdalectomia por dissecc o sob anestesia geral. O filme tinha sido premiado numa exposição de artistas médicos, realizada no Porto.

O ano de 1965 vai ficar marcado pela impossibilidade de realizar, tal como estava previsto, em Luanda o III Congresso Português de Otorrinolaringologia.

A explicação para este facto está no relatório do Secretário-Geral da Sociedade, Dr. Campos Henriques, referente ao Bi nio de 1964/1965. Perante as dificuldades do Congresso ser em Luanda, foi marcado para Lisboa.

Em 5 e 6 de Junho de 1965 realizou-se a Reunião anual da sociedade no Hospital de S. João no Porto em conjunto com a sociedade Portuguesa de Radiologia e medicina Nuclear.

III CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA

O III Congresso Português de Otorrinolaringologia realizou-se em Lisboa de 17 a 19 de Dezembro de 1965, e o tema da reunião foi: **OTITES MÉDIAS CRÓNICAS**.

Após o Congresso, foi publicado o LIVRO DAS ACTAS DO CONGRESSO.

OS PR MIOS DA SOCIEDADE PARA O BI NIO DE 1964/1965

Não foi atribuído o pr mio para Especialistas.

O pr mio para Estagiários foi dividido pelos Drs. ALIVAR JONES CARDOSO e RUI FRANCO GIL, pelos seus trabalhos "PATOLOGIA DA OTITE MÉDIA CRÓNICA SIMPLES" e "PATOLOGIA DA OTITE MÉDIA CRÓNICA COLESTEATOMATOSA".



FIGURA 213

TRABALHO APRESENTADO PELO DR. ANGELO PENA NA REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE 1965

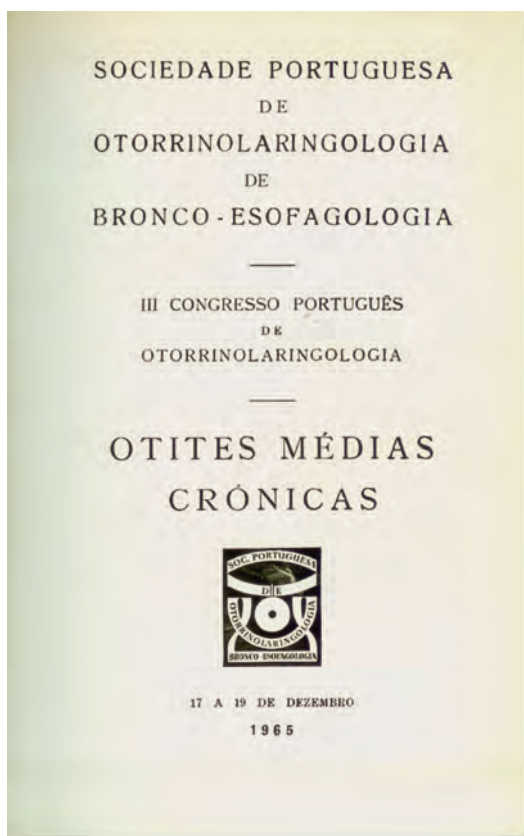


FIGURA 214

III CONGRESSO - 1965

Na Assembleia-Geral da sociedade realizada em 1965 fica eleita uma nova Direcção que fica assim constituída:

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE PARA O BIÊNIO DE 1966/1967

Presidente:	- Dr. José António de Campos Henriques
Vice-Presidente:	- Dr. Armindo Crespo
Secretário-Geral:	- Dr. Augusto Marinheiro Júnior
Secretário-Adjunto:	- Dr. Aristides Amilcar Caseiro
Tesoureiro:	- Dr. Francisco Palma
Vogais:	- Dr. Manuel de Azevedo Gomes (Lourenço Marques) - Dr. Nelson Rebelo da Gama e Castro (Porto)

O Dr. JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA ROQUETTE DE CAMPOS HENRIQUES, nasceu em Lisboa em 1913 e licenciou-se pela Faculdade de Medicina de Lisboa em 1937. Fez toda a carreira hospitalar nos Hospitais Cíveis de Lisboa (Internatos Geral e Complementar de ORL, Assistente de ORL dos HCL e Director de Serviço de ORL no Hospital de S. José até 1983, ano em que atingiu o limite de idade). Du-



FIGURA 215

DR. CAMPOS HENRIQUES

rante o Internato Complementar esteve sempre colocado no Serviço de ORL do Hospital de Santo António dos Capuchos, sob a orientação do Prof. Larroudé e do Dr. Silva Alves. Mobilizado como Tenente Miliciano Médico em 1944, esteve a dirigir o Serviço de ORL do Hospital Militar da Ilha Terceira até Agosto de 1945. Durante este tempo prestou assistência às Forças Britânicas (especialmente da *Royal Air Force*) estacionadas na ilha, o que lhe valeu um louvor do Médico Chefe Britânico. Desde o fim do ano de 1945 e até ao Verão de 1948, exerceu clínica no Funchal, tendo sido convidado para dirigir o Serviço de ORL no Hospital da Misericórdia local. Regressando a Lisboa, foi novamente para o Hospital dos Capuchos como Interno contratado de ORL, além do quadro, e nesta situação se conservou até Dezembro de 1949. Em 1950 prestou provas públicas em concurso para Assistente de ORL dos HCL, obtendo aprovação e indo ocupar a vaga existente no Serviço de ORL do Hospital de S. José. Fez visitas de estudo a Espanha, França, Alemanha, Estados Unidos da América e Brasil, e neste último País promoveu a aproximação entre as respectivas Sociedades de ORL. Foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia, e seu Presidente no biénio de 1966/1967, depois de ter sido Tesoureiro na primeira direcção e Secretário-Geral por 3 vezes. Presidiu ao XXI Congresso da Societas ORL Latina, em 1976, e ao II Congresso Luso-Espanhol de ORL, em 1979. Foi indigitado pela Direcção da Sociedade Espanhola de ORL e de Patologia Cérvico-Facial, com a concordância da sua congénere portuguesa, para ser o primeiro Presidente da Federação Luso-Espanhola de ORL, agremiação que não chegou a concretizar-se. Publicou mais de 50 trabalhos. Foi Sócio Honorário da Sociedade Espanhola de ORL e de Patologia Cérvico-Facial e da Sociedade Portuguesa de

ORL e da Patologia Cérvico-Facial. Representou Portugal no Congresso Mundial realizado em Veneza e em Congressos da Sociedade Latina, ambos em Roma. Em 1975 regeu o curso de ORL para os alunos do 6º ano da Faculdade de Medicina de Lisboa. Faleceu em 1986.

Na sua tomada de posse como Presidente da Sociedade, o Dr. Campos Henriques fez um discurso que revelava a sua vasta experiência ao leme da Sociedade.

Durante o mandato desta Direcção tiveram lugar várias actividades:

Todos os meses de Novembro a Julho tiveram lugar REUNIÕES MENSAIS com comunicações anunciadas em circulares que eram enviadas aos sócios.

No ano de 1966 as reuniões realizaram-se nas salas de conferências do Hospital de D. Estefânia.

As reuniões mensais de 1966 - 1967 tiveram a sua realização na Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, tendo tido lugar uma REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA dedicada ao tema "ALERGIA EM OTORRINOLARINGOLOGIA" que se realizou na sala dos Actos do Liceu de Évora, nos dias 3 e 4 de Julho de 1967.

Em 1966 foram novamente encetadas diligências a nível ministerial para a realização, em 1967, do IV Congresso em Angola, no entanto, mais uma vez saíram frustradas as expectativas, e o congresso acabou por se realizar no Porto.

Em 1966 a Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia ingressou na IFOS - INTERNATIONAL FEDERATION OF OTOLOGICAL SOCIETIES - que é a organização mais importante a nível mundial que congrega Otorrinolaringologistas.

IV CONGRESSO PORTUGUÊS DE OTORRINOLARINGOLOGIA

A Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Bronco-Esofagologia promoveu o seu IV CONGRESSO NACIONAL subordinado ao título "SURDEZ NA CRIANÇA", nos dias 8, 9 e 10 de Dezembro de 1967, na Cidade do Porto.

O programa científico desenrolou-se na Aula Magna da Faculdade de Medicina do Porto iniciando-se com a apresentação e discussão do relatório "SURDEZ NA CRIANÇA", a cargo do Dr. CÉSAR VIEIRA e colaboradores.

Para além da publicação do relatório sobre a Surdez na Criança foi igualmente publicado e distribuído posteriormente a todos os Sócios o livro da Actas do IV Congresso.

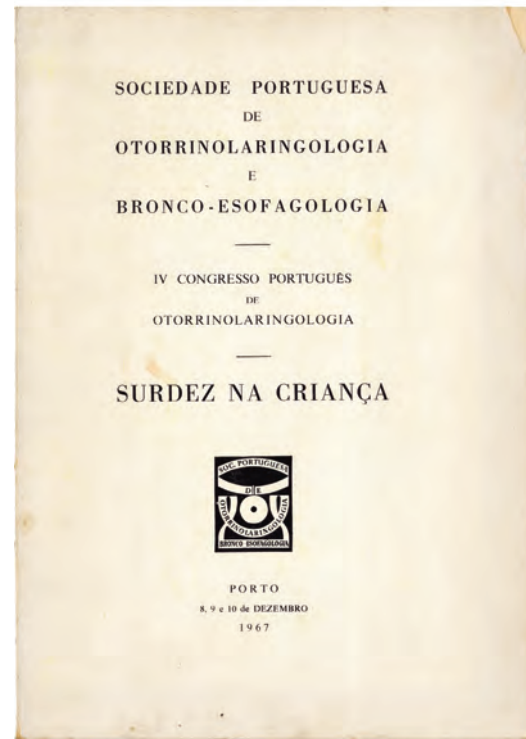


FIGURA 216

RELATÓRIO "SURDEZ NA CRIANÇA" - 1967

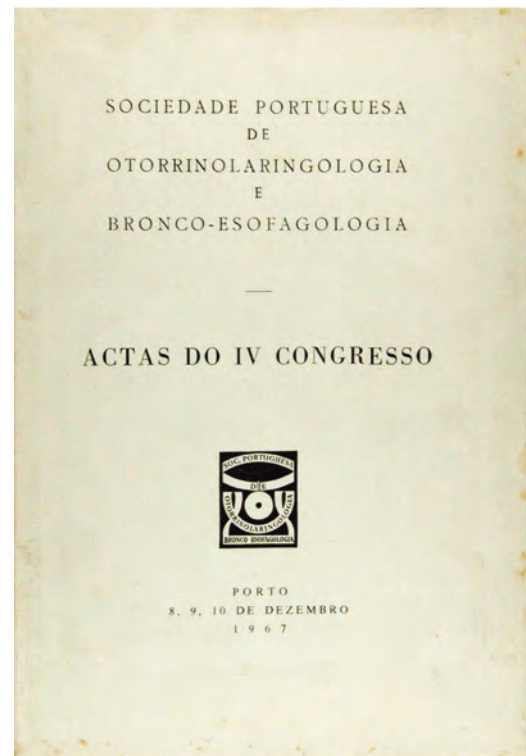


FIGURA 217

LIVRO DA ACTAS DO IV CONGRESSO EM 1967

Após uma curta sessão administrativa teve lugar a eleição da nova Direcção, para o biénio 1968/1969 que ficou assim constituída:

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE PARA O BIÉNIO DE 1968/1969

Presidente:	- Prof. José Nobre Leitão
Vice-Presidente:	- Dr. Mendonça e Moura
Secretário-Geral:	- Dr. Amílcar Caseiro
Secretário-Geral Adjunto:	- Dr. António Gameiro dos Santos
Tesoureiro:	- Dr. Manuel Correia
Vogais:	- Dr. Alivar Cardoso - Dr. Branco Correia

Foram eleitos dois novos sócios honorários da Sociedade:
- Prof. Dr. Howard P. House
- Prof. Dr. Shirley Baron

Durante o mandato desta Direcção realizaram-se reuniões científicas ordinárias, reuniões extraordinárias, e em 1969 o V CONGRESSO NACIONAL.

O Prof. JOSÉ NOBRE LEITÃO nasceu em Castro Verde em 1914 e terminou a licenciatura na Faculdade de Medicina de Lisboa em 1938. Entrou para Médico da Armada em 1940. Foi encarregado da Consulta Externa de ORL do Hospital da Marinha a partir de 1944. Foi Director do Serviço de ORL do mesmo Hospital desde 1955 até 1970. Prestou serviço no Ultramar em zonas de operações militares. Possui vários louvores e condecorações. Antes de exercer funções na Consulta Externa e no Serviço de ORL do Hospital da Marinha, estagiou demoradamente no Serviço de ORL do Hospital Militar Principal sob a orientação do Dr. Barata Salgueiro. Fez os Internatos Geral



FIGURA 218

DR. JOSÉ NOBRE LEITÃO (1914 - 1990)

Complementar de ORL dos Hospitais Civos de Lisboa, este último no Serviço de ORL do Hospital de S. José. Foi Director dos Serviços de ORL do Hospital da Misericórdia de Lisboa e do Hospital de Almada. Visitou demoradamente as principais Clínicas de ORL da Europa e dos Estados Unidos da América. Em 1972 aceitou o convite para Professor Extraordinário de ORL que lhe fora dirigido pelo Conselho da Faculdade de Medicina de Lisboa, e em 1981 tomou posse do cargo de Professor Catedrático contratado. Tem participado activamente em muitas reuniões nacionais e internacionais da Especialidade. Foi Presidente da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia, de que é Sócio Honorário. Criou instrumental diverso, especialmente para a microcirurgia do ouvido e também criou técnicas cirúrgicas originais. Faleceu em 1990.

Durante o ano de 1968 as REUNIÕES DO NÚCLEO DE LISBOA tiveram lugar no Hospital da Misericórdia de Lisboa e durante esse ano realizaram-se reuniões científicas ordinárias em todas as primeiras terças-feiras de Janeiro a Julho e em Novembro e Dezembro.

Em 1969 as reuniões de Lisboa, realizaram-se no Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de Santa Maria, igualmente nas primeiras terças-feiras de cada mês, de Janeiro a Julho.

Durante o biénio de 1968/1969 realizaram-se as seguintes reuniões extraordinárias:

Em 18-03-1968, o professor Agregado da Faculdade de Medicina de Caracas, Dr. EDGAR CHIOSSONE LARES, falou sobre: "DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DAS PARALISIAS FACIAIS".

Em 27-04-1968, o Prof. ROMERO DIAZ, da Universidade de Cordova - Argentina, falou sobre: "SINUSITES FRONTAIS".

I REUNIÃO INTERNACIONAL DE OTOLOGIA



FIGURA 219

I REUNIÃO INTERNACIONAL DE OTOLOGIA

De 19 a 23 de Junho de 1968, teve lugar a I REUNIÃO INTERNACIONAL DE OTOLOGIA, com a participação de:

- Dr. Steban Scola - Madrid
- Dr. J. Prades - Barcelona
- Dr. Salva Ruyra - Barcelona
- Dr. Causse - Beziers - França
- Dr. Nobre Leitão - Lisboa
- Dr. Eduard Brandow - Albany - New-York
- Dr. J. Marquet - Anvers - Bélgica
- Dr. Garcia Ibanez - Barcelona
- Dr. Gavilan Alonso - Madrid

Em 27 de Junho de 1968, vieram a Portugal, o Dr. HOWARD HOUSE, Presidente da Fundação Otológica de Los Angeles que falou sobre: "ALTERAÇÕES CONGÉNITAS OSSICULARES DO OUVIDO E SEU TRATAMENTO", e o Dr. SHIRLEY BARON de S. Francisco, Califórnia que falou sobre: "CONCEITOS SOBRE O TRATAMENTO DO COLESTEATOMA".

Em 24 de Setembro de 1968 o Prof. SUZUKI de Tóquio, apresentou um filme sobre Microcirurgia da Laringe.

Em 17 de Junho de 1969 estiveram entre nós o Prof. MORGAN BROSNAM - Professor de Oto-Laringologia da Universidade de Toronto, Canadá, que falou sobre: "CIRURGIA DAS OTITES CRÓNICAS NO OUVIDO SECO E NAS OTORREIAS" e o Professor DONALD A. SHUMRICK - Prof. da Universidade de Cincinnati, que falou sobre: "TRAUMATISMOS DA LARINGE E DA ÁRVORE RESPIRATÓRIA SUPERIOR".

Pelo exposto se verifica que o biénio findo, ficou assinalado por um número considerável de reuniões extraordinárias com a presença de sumidades mundiais.

V CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA

No final do biénio que terminou, teve lugar o V CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA, cujo tema foi: "TRAUMATISMOS CRÂNIO-ENCEFÁLICOS E LABIRINTO POSTERIOR".

O relatório esteve a cargo do Serviço de ORL do Hospital de D. Estefânia, sob a orientação do seu Director, o Dr. Samuel Bentes Ruah.

Pelo seu interesse para a história da ORL, transcrevo o discurso do Presidente da Sociedade na abertura do V Congresso Nacional:

A LOCUÇÃO PRESIDENCIAL DO PROF. NOBRE LEITÃO:

"Não é sem natural emoção que dirijo aos Exmos. Colegas estas palavras, não só pelo que traduzem de agradecimento pela honra concedida, igualmente pela noção das responsabilidades que me atribuíram.

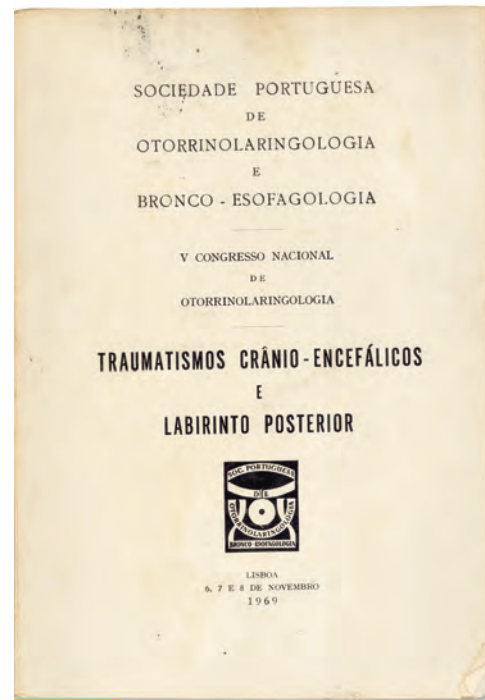


FIGURA 220

"TRAUMATISMOS CRÂNIO-ENCEFÁLICOS E LABIRINTO POSTERIOR"
V CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA - 1969

A nossa vida profissional muito dispersa por várias actividades preenche inteiramente, todas as horas e minutos de que dispomos. Ficamos assim inibidos de dedicar todo o interesse, todo o carinho que merece a actividade do nosso agrupamento científico.

É pois, cômico do pesado encargo que me entregam, e receoso de não poder cumprir integralmente tais funções que, apenas posso prometer a maior dedicação, o maior entusiasmo, para prosseguirmos na elevação do nível da nossa Sociedade, nascida do calor de poucos e transportada ao seu estado actual, pelo brilho dos dirigentes que nos procederam.

Se imaginarmos o isolamento em que viviam os Otorrinolaringologistas, antes da organização desta Sociedade, facilmente nos apercebemos do longo caminho percorrido, nas múltiplas actividades, que uma associação desta natureza tem a seu cargo.

Muito tem contribuído para a formação de novos Especialistas com as reuniões hospitalares, destinadas essencialmente aos Estagiários; pela elaboração de trabalhos; pela discussão de casos; pelos contactos com os mais responsáveis; pela realização dos Congressos, culminando há pouco com o IV cujo tema tanto interesse despertou; pelas posições tomadas no campo internacional; pela publicação com regularidade dos Boletins; tanto e tanto, que só quem nos antecedeu, pode avaliar as muitas horas de trabalho, roubadas às suas actividades normais ou ao justo repouso.



FIGURA 221

GRUPO DE PARTICIPANTES NO V CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA EM 1969

Na fase já distanciada da nossa iniciação na Especialidade, sentia-se, que à nossa frente, tínhamos um campo bem delimitado, muito desenvolvido nas técnicas de diagnóstico e terapêutica.

O advento da era antibiótica teve como consequência imediata uma tremenda redução nos casos cirúrgicos e, momentos houve, em que os Especialistas de ORL se julgaram limitados a uma pequena esfera de acção.

Por outro lado, o campo de ORL foi pouco a pouco restringido, a favor de outras Especialidades Médicas e Cirúrgicas. No campo da endoscopia per-oral iniciada e desenvolvida pela nossa especialidade, estamos hoje muito limitados, pouco mais nos sendo pedido, do que a resolução dos casos de corpos estranhos.

Os Cirurgiões torácicos, os Fisiologistas, os Gastroenterologistas substituíram muito do labor, que entre nós, certamente por desinteresse, escapou às nossas actividades.

No entanto, persistem as razões que justificaram a evolução de tal sub-especialidade, à custa da ORL, e é imperioso, que se promova a sua recuperação para a nossa actividade, criando serviços de laringologia e endoscopia per-oral.

De igual modo, a evolução de Cirurgia Maxilo-Facial vem gradualmente exercendo actividades nos nossos sectores, cuidando de muitos casos que são dos domínios da ORL.

Pelo que diz respeito à Neurocirurgia, também os Otorrinolaringologistas foram relegando muitos casos, que pela sua topografia, relações, etc., são do foro da nossa Especialidade. Até mesmo no que se refere a Radioterapia, muitos doentes são enviados por Internistas sem a consulta prévia da ORL.

Sendo tão elevada a percentagem de doentes com afecções alérgicas que frequentam as nossas consultas, não dispomos nem de recursos próprios, nem mesmo de uma boa colaboração nesta matéria.

Quanto à Cirurgia Plástica, deveriam ser Especialistas de ORL, orientados neste sentido, os melhores técnicos para solucionar as deformações da pirâmide nasal ou para praticar as otoplastias. Ao conhecimento anatómico e cirúrgico das estruturas nasais, aliam o domínio da Fisiopatologia, indispensável para a boa orientação de muitos casos de rinoplastia.

Quer tudo isto dizer que o campo da nossa Especialidade fica assim tão reduzido?

De forma alguma.

A evolução dos meios de diagnóstico e terapêutica, a imperiosa necessidade de se criarem núcleos de investigação, as exicrências de toda a técnica moderna, impõem, pelo contrário, o conceito de que a Especialidade é muito vasta, e de que, embora desejosos de manter sob a nossa dependência toda a patologia que classicamente nos pertence, há uma necessidade premente de subspecialização.

Só com a criação, nos serviços idóneos, de sub-ramos da nossa Especialidade, poderemos manter os domínios que estamos ameaçados de perder.

Quando há três décadas necessitávamos para a cirurgia otológica, apenas o conhecimento das grandes vias do osso temporal, mais tarde, reconhecemos a necessidade de individualizar os pequenos trajectos, e hoje, temos de nos dedicar à exploração das estruturas mínimas.

Não será tarefa fácil, se, simultaneamente tivermos de nos debruçar, com a mesma profundidade, sobre todos os campos da Especialidade.

Estão hoje bem definidas, como sub-especializações do foro ORL, a audiologia, a cofocirurgia, a bronco-esofagologia, a foniatria, a rinoplastia e outras, para não falar dos múltiplos Serviços, em que alguns destes grupos já estão sub-divididos.

Se, por um lado devemos lutar pela preservação dos nossos campos de acção, é também indispensável, que se estabeleçam profundos elos com as Especialidades afins, particularmente a Neurocirurgia, a Oftalmologia, a Estomatologia.

Estão em pleno funcionamento nos Estados Unidos da América, na vizinha Espanha e em França, equipas otoneuro-cirúrgicas.

Esta colaboração ditada pelo supremo interesse do doente, tem sido frutuosa e cremos que no futuro, muitos grupos deste tipo se constituirão, para melhor resolução de muitos casos clínicos.

Visto que no espírito das reuniões hospitalares, está a valorização dos estagiários e recordando a minha, já distanciada, passagem pela Clínica de Laringologia e Broncoesofagologia do Temple University de Filadélfia, não queria deixar de registar aqui, mais uma vez o:

CREDO DE CHEVALIER JACKSON:

- 1 - Estimula o "Ego" dos estagiários, elevando a sua personalidade;
- 2 - Dá-lhe um caso fácil para operar. Isso não prejudicará o doente e despertará o seu interesse, mais do que qualquer outra atitude;
- 3 - Encoraja-o a apresentar um caso clínico numa reunião médica. Fornece-lhe diapositivos, elementos bibliográficos e promove a sua publicação;
- 4 - Está presente quando ele fizer a sua comunicação, e diz à audiência: "Que belo trabalho ele está fazendo";
- 5 - Compra separatas do artigo por ele publicado e envia-as aos seus amigos profissionais;
- 6 - Não tenhas receio, de lhe dar mais crédito do que ele merece, nos seus artigos ou palestras. Junta o seu nome aos seus artigos, mesmo se todos escritos só por ti;
- 7 - Inicia-o num campo especial da investigação. Continua a ensiná-lo, até que ele não tenha mais a aprender de ti;
- 8 - Paga-lhe ou promove o pagamento de bons honorários;
- 9 - Põe o seu nome no seu gabinete, para o ajudar a construir o seu futuro;
- 10 - Não lhe permitas que trabalhe num caso difícil ou perigoso, enquanto ele não possa vencer a adversidade;
- 11 - Dá-lhe uma posição de professorado, quando ele para tal estiver preparado;



FIGURA 222

FOTOGRAFIA AUTÓGRAFA DE CHEVALIER JACKSON

- 12 - Se fizeste bem o teu trabalho, ao fim de alguns anos, enquanto ele é ainda suficientemente novo, para ter espírito criador ele terá suficiente "Ego", para pensar que, fez tudo isso por si próprio, e estará pronto para ir para a frente, com confiança e continuar a tradição.

Permitam-me, que dedique a lembrança destas sublimes directivas, ao meu antigo Chefe de Serviço, Dr. Barata Salgueiro, que sempre adoptou tais princípios, e a quem devo todo o estímulo da minha formação de Especialista.

Que dizer sobre os nossos projectos para o biénio que se aproxima?

Muito gostaríamos de poder continuar a actividade das direcções que nos precederam e que tão brilhantemente elevaram o prestígio da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia.

Contamos com a sua experiência e com a colaboração de todos. A actividade de uma Sociedade Científica não depende exclusivamente da sua Direcção. Dela pode irradiar estímulo, entusiasmo, mas nada resultará de proficuo sem o trabalho dos associados.

São estas preciosas colaborações que temos de pedir a todos, colaboração dos serviços e colaboração individual."



Foram dois anos em que vieram pela primeira vez a Portugal algumas das mais marcantes personalidades da Otorrinolaringologia mundial, levando a uma excelente divulgação das novas técnicas cirúrgicas.

O Júri, para apreciação dos trabalhos dos candidatos aos PRÉMIOS DA SOCIEDADE, NO BIÊNIO DE 1967/1969, foi escolhido durante este Congresso, no entanto os prémios acabaram por só ser atribuídos em 1971, e ficaram assim distribuídos:

PRÉMIO PARA ESPECIALISTAS:

Dr. Bentes Cabrita, com o trabalho: "AUDIOLOGIA EM PRESBIACÚSIA".

PRÉMIO PARA ESTAGIÁRIOS:

Dr. Monteiro Feijão, com o trabalho: "A PESQUISA DE *STREPTOCOCCUS B* HEMOLÍTICO NAS AMÍGDALAS E ADENÓIDES ANTES E DEPOIS DA EXTIRPAÇÃO CIRÚRGICA."

MENÇÃO HONROSA:

Dr. Pimenta Jacinto, com o trabalho: "PINÇA COMPRESSORA DAS LOCAS AMIGDALINAS."

De 24 a 26 de Abril de 1969 realiza-se no Hospital de Santa Maria, organizado pelo Dr. Borges de Sena, um curso de Audio-vestibulometria.



FIGURA 223

CURSO DE AUDIO-VESTIBULOMETRIA EM 1969

A DÉCADA DE 70

A DÉCADA DA REVOLUÇÃO OS ANOS 70

No final do mandato da anterior direcção foi eleita a nova **Direcção para o biénio 1970/1971**, que ficou assim constituída:

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE PARA O BIÉNIO DE 1970/1971

Presidente:	- Dr. António Dias Barata Salgueiro
Vice-Presidente:	- Dr. Carlos Miguéis
Secretário-Geral:	- Dr. Amílcar Caseiro
Secretário-Geral Adjunto:	- Dr. Ernesto Madeira
Tesoureiro:	- Dr. Rui Franco Gil
Vogais:	- Dr. Fernando Nascimento Ferreira (Viseu) - Dr. Henrique Soudo (Luanda)

O Dr. ANTÓNIO DIAS BARATA SALGUEIRO foi licenciado pela Faculdade de Medicina de Coimbra, fez o Internato Geral e o Complementar de ORL dos Hospitais Cívicos de Lisboa, este último no Hospital de S. José, sob a orientação do Dr. Alberto de Mendonça. Médico-Militar, esteve no Algarve 2 anos como Médico Regimental, Cirurgião do Hospital de Faro e Médico Escolar do Liceu. Entrou para o Serviço de ORL do Hospital Militar Principal em 1932, sendo Director daquele Serviço o Dr. Alberto de Mendonça. Em 1935, após provas públicas, foi nomeado 1º Assistente do referido Serviço, acabando por assumir a sua direcção, que manteve durante muitos anos, durante os quais exerceu decisiva influência na formação de elevado número de Especialistas, tanto militares como civis. Ao deixar a direcção do Serviço foi nomeado Consultor do mesmo, pelo que este ainda beneficiou mais algum tempo da sua vasta experiência. Foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia, de que foi Presidente no biénio de 1970/71 e da qual foi nomeado Sócio Honorário.

O ano de 1970 vai ficar marcado pelo desaparecimento de uma das grandes figuras da nossa sociedade, o Dr. António Manuel da Costa Quinta.

O seu amigo Dr. Campos Henriques prestou-lhe uma sentida homenagem no Boletim da Sociedade (volume IX-1970) do qual foram ambos os grandes impulsionadores.

ELOGIO AO DR. COSTA QUINTA PELO DR. CAMPOS HENRIQUES:

“Com o falecimento do nosso colega Dr. António da Costa Quinta, no passado mês de Abril, perdeu a nossa Sociedade mais um dos seus fundadores, justamente aquele que, no período inicial, lhe deu o maior impulso.

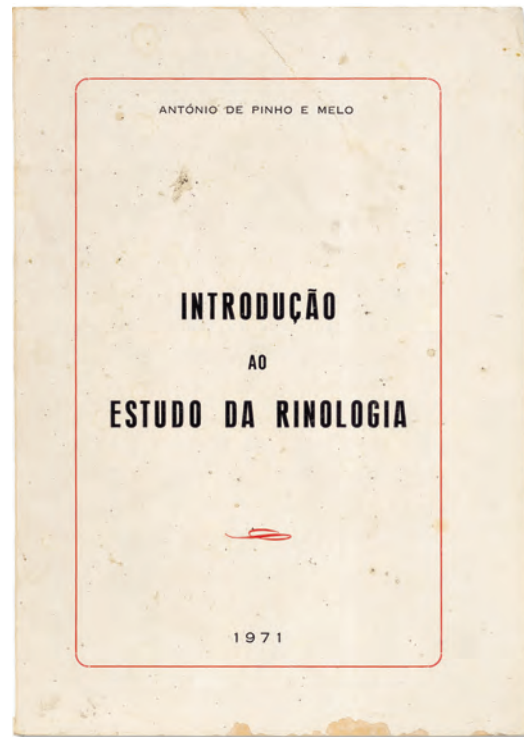


FIGURA 224

LIVRO DO DR. ANTÓNIO DE PINHO E MELO SOBRE RINOLOGIA EM 1971

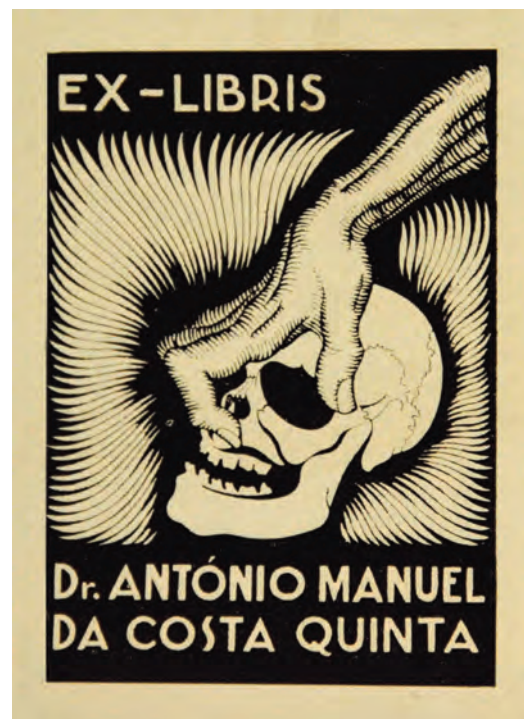


FIGURA 225

EX-LIBRIS DO DR. ANTÓNIO COSTA QUINTA

Efectivamente foi ele, juntamente com alguns outros colegas (mas foi sobretudo ele), quem promoveu a reunião de 27 de Janeiro de 1953, em que se decidiu fundar a Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia, apresentando logo nessa ocasião um projecto de estatutos, que foi aprovado. Por esses estatutos, a que pequenas emendas foram feitas, nos termos regimentais sido Eleito 1º Secretário (assim, se chamava então o Secretário-Geral) da 1ª Direcção que tivemos, não poupou esforços para pôr a Sociedade, em funcionamento, realizando a sessão inaugural, em 20 de Março de 1954, no Instituto Português de Oncologia.

Tendo feito parte, como Tesoureiro, dessa primeira Direcção, posso testemunhar o que a Sociedade lhe ficou a dever pela tenacidade, a persistência e o entusiasmo que generosamente gastou ao serviço de nós todos.

Homem da minha geração, ansiava, como todos nós, por novos horizontes. Por isso, nem sempre foi compreendido.

Dos Estados Unidos, onde permaneceu algum tempo no princípio da sua vida profissional, trouxe e divulgou entre nós a técnica endoscópica de Chevalier-Jackson.

Sempre muito interessado nos contactos internacionais, foi várias vezes convidado a colaborar em cursos e a tomar parte activa em reuniões e congressos, algumas vezes como nosso representante.

Membro Activo da Sociedade Internacional de Bronco-esofagologia, promoveu a realização, em Lisboa, duma dessas reuniões, onde estiveram presentes Chevalier L. Jackson, Lemoyné e outros nomes ilustres da Broncologia.

Mas não foi só à Broncologia que se dedicou, pois interessava-se por todos os capítulos da nossa Especialidade e, por sua iniciativa, vieram a Lisboa fazer conferências e sessões operatórias vultuosos e prestigiosos, como Aubry, Cawthorne, Casadésus e Antoli-Candela.

Do seu trabalho no Sanatório do Caramulo ficou a colaboração no livro sobre Tisiologia.

A sua bibliografia é vasta e reparte-se, praticamente, por toda a nossa Especialidade.

Homem afável e simpático, era-lhe fácil criar amigos e conservá-los. Como seu amigo, que fui, e como companheiro de trabalho durante os primeiros passos da nossa Sociedade, pareceu-me que não haveria melhor lugar para recordá-lo com saudade do que neste Boletim que, indirectamente, é obra sua."

Realizou-se nos dias 13 e 14 de Junho de 1970 uma reunião do Núcleo do Norte, da Sociedade, no Hospital de Santo António, que contou com 14 comunicações Livres por membros da Sociedade e uma sessão administrativa no final para discutir assuntos de interesse para a Sociedade.

No dia 2 de Fevereiro 1971, pelas 21.30 horas teve lugar a reunião mensal do Núcleo de Lisboa, da Sociedade, no Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil, com o seguinte programa:

1 - Um caso de papiloma laríngeo, pelo Dr. Silva Alves;

2 - Correlação das respostas nistagmicas às provas rotatória e térmica, pelos Drs. Borges de Sena, C. Conraux e G. Greiner.

VI CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA

Em 1971 vai-se realizar na cidade do Porto, nos dias 30, 31 de Outubro e 1 de Novembro, o VI CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA que teve como tema "ESTENOSES CICATRICIAIS LARINGO-TRAQUEAIS"; após o Congresso foi editado um relatório com as respectivas publicações.

A vida da Sociedade entra numa fase mais calma do que nos anos anteriores, no final de 1971 é eleita uma nova Direcção para o Biénio 1972/1973 presidida pelo Dr. António Ferreira da Costa.

DIRECÇÃO PARA O BIÉNIO 1972/1973

Presidente:	- Dr. António Ferreira da Costa
Vice-Presidente:	-
Secretário-Geral:	- Dr. José Luís Machado Aires
Secretário-Geral Adjunto:	-
Tesoureiro:	-
Vogais:	-



FIGURA 226

ANTÓNIO FERREIRA DA COSTA



FIGURA 227

SESSÃO INAUGURAL DO VI CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA EM 1971

O desaparecimento do Livro de Actas da Sociedade referente aos anos de 1965-1981, tornou impossível saber quem é que fez parte desta Direcção, apesar das várias tentativas nesse sentido, deixo a possibilidade do aparecimento de algum documento que ajude a completar a lista pelo que fica o espaço destinado aos restantes cargos em branco, para poderem ser completados manualmente.

O DR. ANTÓNIO FERREIRA DA COSTA licenciou-se em 1937, numa época conturbada pelas convulsões da Guerra Civil de Espanha e pelo advento da Grande Guerra. Interrompe o seu estágio na Alemanha, cumpre o Serviço Militar em Angola e já em 1945 se encontra como Estagiário no Serviço de ORL do Hospital de Santo António.

Findo o estágio, qualificado Especialista pela Ordem dos Médicos, é sucessivamente Assistente contratado do Serviço de ORL do Hospital Santo António, Otorrinolaringologista do Instituto Maternal, Assistente de ORL do Hospital Maria Pia, e posteriormente seu Director de 53 a 63, Director do Serviço de ORL do Hospital S. João de 63 a 82, 2º Assistente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e encarregado da Regência da Cadeira de ORL desde 1963, e Prof. Auxiliar Convocado da sua Faculdade em 1971.

Foi Vice-Presidente e posteriormente Presidente da Sociedade Portuguesa de ORL e de Bronco-Esofagologia, e presidiu à Direcção do Colégio da Especialidade.

Às suas qualidades profissionais aliava qualidades humanas, de trato, educação, serenidade e lealdade que compunham um Homem são, íntegro, determinado e atento aos problemas dos seus colaboradores, fossem pessoais ou profissionais, a quem procurava ajudar com elevado sentido de justiça. Faleceu a 25 de Janeiro de 1998 com 85 anos.

Em 1973 não houve Congresso Nacional devido à realização do I CONGRESSO LUSO-ESPANHOL em Santiago de Compostela. Entretanto, foi eleita a nova Direcção da Sociedade para o Biénio de 1974/1975, que ficou assim constituída:

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE PARA O BIÉNIO DE 1974/75

Presidente:	- Dr. Gaspar Borges de Sena
Vice-Presidente:	- Dr. Nascimento Ferreira - Dr. António Gameiro dos Santos
Secretário-Geral:	- Dr. Vasco da Costa Ribeiro
Secretário-Geral Adjunto:	- Dr. Francisco Palma
Tesoureiro:	- Dr. Francisco Campilho

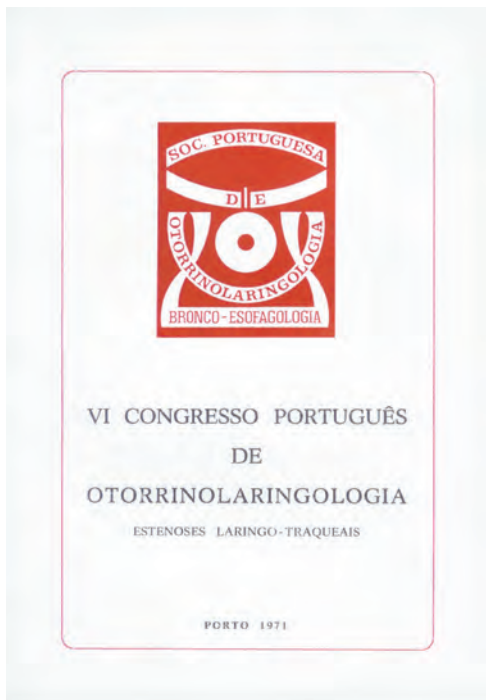


FIGURA 228

RELATÓRIO DO VI CONGRESSO SOBRE ESTENOSES LARINGO-TRAQUEAIS

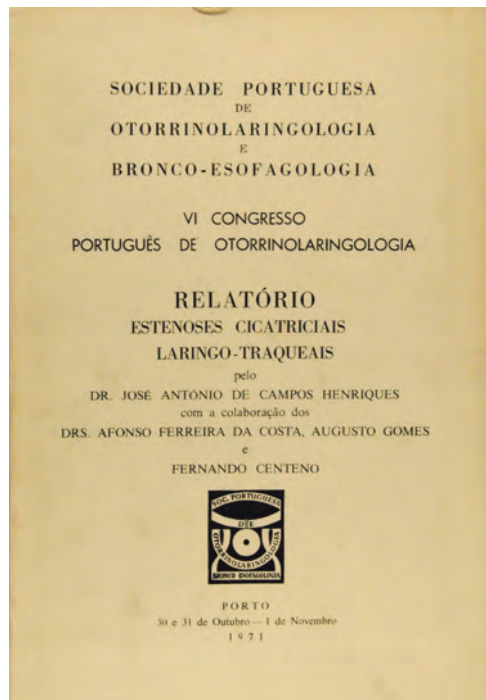
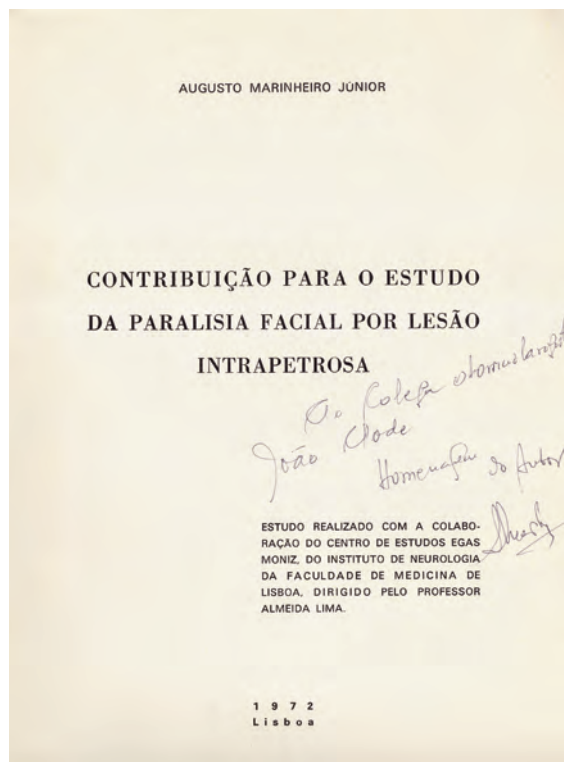


FIGURA 229

O PROF. AUGUSTO MARINHEIRO E A SUA TESE DE DOUTORAMENTO DE 1972



O Dr. GASPAR AUGUSTO BORGES DE SENA nasceu na cidade da Horta, em 24 de Novembro de 1928. Frequentou o Curso Geral dos Liceus no Liceu Manuel de Arriaga, na Horta (1939-1945). Frequentou o Curso Complementar dos Liceus no Liceu D. João de Castro, em Lisboa (1945-1946).

No ano lectivo de 1947-1948 matriculou-se na Faculdade de Medicina de Lisboa, onde concluiu a sua licenciatura em Medicina e Cirurgia, em 22 de Dezembro de 1954.

Foi Médico da Junta da Emigração de 1956 a 1958.

Começou a trabalhar no Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de Santo António dos Capuchos em Fevereiro de 1958 (Director: Prof. Carlos Larroudé).

Em Dezembro de 1959, com a abertura do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de Santa Maria, foi colocado neste Serviço pelo seu Director, tendo trabalhado como voluntário cerca de um ano.

Em Maio de 1961 fez exame para a obtenção do título de Especialista em Otorrinolaringologia pela Ordem dos Médicos, tendo sido aprovado por unanimidade.

No Hospital de Santa Maria, foi em 1960 contratado em regime de prestação de serviços, situação que durou até Janeiro de 1962, data em que foi contratado como 2º Assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Em 1971 fez concurso para Graduado do HSM, tendo ficado aprovado.

Em 1972/73 esteve mobilizado na Guiné. Em Janeiro de 1974 foi contratado como Assistente, além do quadro.

Desde 1959 colaborou no ensino de ORL na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Fê-lo ininterruptamente, quer como Assistente livre quer como Assistente contratado. No período que mediou entre Novembro de 1966 e 1970, por não haver Professor da cadeira, teve a responsabilidade de organizar o ensino desta disciplina e realizar exames.

Em 1970 publicou um Livro intitulado "LIÇÕES DE OTORRINOLARINGOLOGIA" contendo a matéria deste Curso da Faculdade de Medicina de Lisboa. Esta publicação serviu como base de estudo dos alunos do 6º ano durante muitos anos; em 1983, ainda estudei, para a cadeira de ORL, por este livro.



FIGURA 230

DR. GASPAR BORGES DE SENA



FIGURA 231

O DR. BORGES DE SENA EXPERIMENTANDO UMA NOVA PLATAFORMA NO CONGRESSO DE VERTIGEM



FIGURA 232

UM GRUPO DE OTORRINOLARINGOLOGISTAS DO HOSPITAL DE SANTA MARIA NUM MOMENTO DE DESCONTRACÇÃO



FIGURA 233

"LIÇÕES DE OTORRINOLARINGOLOGIA" DE BORGES DE SENA

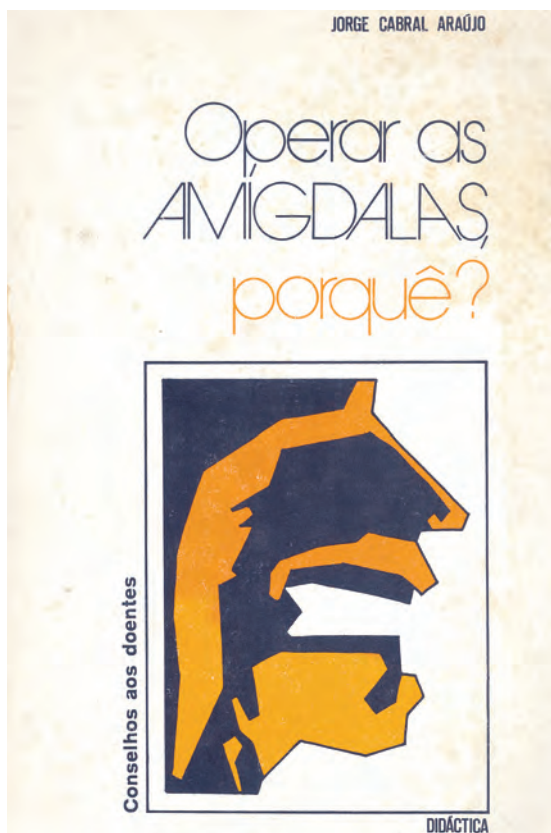


FIGURA 234

LIVRO DE ESCLARECIMENTO PARA OS DOENTES EM 1974



FIGURA 235

DR. GAMEIRO DOS SANTOS

Em 1966 frequentou o Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Necker-Enfants Malades em Paris e o departamento de Otoneurologia do Hospital da Pitié (Prof. David).

Desde 1967 fez diversos estágios no Serviço de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Estrasburgo (Prof. Georges Greiner), que totalizou 16 meses.

Em 23 de Abril de 1968 foi nomeado Assistente Estrangeiro da Faculdade de Medicina de Estrasburgo e Médico-Residente do Centro Hospitalar de Estrasburgo.

Comissões e Corpos Gerentes de Sociedades Médicas em que participou:

1966 - Nomeado para a Comissão da Especialidade de ORL do Conselho Regional da Ordem dos Médicos.

1970/74 - Nomeado colaborador da Comissão Permanente do Formulário Hospitalar, Direcção Geral dos Hospitais.

1972/73 - Eleito Vice-Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de ORL e Bronco-Esofagologia.

1974 /1977 - Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de ORL e Bronco-Esofagologia.

Dedicou muito do seu tempo à introdução da electronistagmografia em Portugal e ao seu ensino.

Os anos de 1974 a 1977 vão ser uns anos de uma certa apatia da Sociedade, caracterizados por poucas actividades, fruto do período conturbado em que o País viveu. Nesses anos não se realizou o Congresso Nacional, e o Dr. Gaspar Borges de Sena, ficou como **Presidente interino da Sociedade no Biénio de 1976/1977**, em virtude de não ter havido eleições.

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE PARA O BIÉNIO DE 1978/79

Para o Biénio de 1978/1979 vai ser eleito como Presidente, o DR. ANTÓNIO HENRIQUE GAMEIRO DOS SANTOS, que será reeleito como Presidente no Biénio de 1980/1981.

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE PARA OS BIÉNIOS DE 1978/79 - 1980/81

Presidente: - Dr. António Henrique Gameiro dos Santos

Vice-Presidentes: - Dr. Vasco Ribeiro
- Dr. Carlos Seabra

Secretário-Geral: - Dr. Machado Aires

Tesoureiro: - Dr. Eurico de Almeida

Presidente da Assembleia-Geral: - Dr. Amílcar Caseiro

Esta Direcção foi reeleita para o Biénio seguinte 1980/1981.

O DR. ANTÓNIO HENRIQUE GAMEIRO DOS SANTOS foi licenciado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto em Julho de 1960.

Tese de Licenciatura sob o tema "TUMORES MALIGNOS DO CAVUM". Em Julho de 1960 é nomeado Assistente Voluntário de Clínica Cirúrgica para Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina do Porto, que mantém até 1972. Início do Estágio da Especialidade no Serviço de ORL do Hospital Militar do Porto durante 3 meses, após os quais passa para o Serviço do Hospital Geral de Santo António, até Janeiro de 1963.

Em Fevereiro de 1963, passa a Estagiário do Serviço de ORL do Hospital de S. João, onde se mantém apenas 1 semana para ir para o Serviço de ORL do *Radcliffe Infirmary*, Oxford, Inglaterra, como Bolseiro do Instituto de Alta Cultura.

"Senior House-Surgeon" de Fevereiro a Setembro de 1963 e "Regitral" e Assistente do Director do Serviço, no *Radcliffe Infirmary em Oxford*, até Maio de 1965.

Fez Exame à Ordem dos Médicos em Maio de 1965 com aprovação por unanimidade. Em Junho de 1965 inicia as funções de Assistente Voluntário no Serviço de ORL do Hospital de Santo António. Exame de Saída do Internato da Especialidade no Hospital de Santo António, em 1969.

Em Março de 1970 concorre à única vaga de Graduado do Serviço de ORL do Hospital de Santo António, tendo ficado classificado em primeiro lugar. Após 13 de Novembro de 1971 volta ao Serviço no Hospital de Santo António sendo nomeado Director do Serviço. Em 1976 fica classificado em primeiro lugar no Concurso para Chefe de Serviço e continua a exercer as funções de Director do Serviço até 28 de Fevereiro de 2003, quando se aposenta antes do limite de idade.

Foi Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia de 1973 a 1977 e Presidente da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia, por 2 mandatos, de 1977 a 1981.

Inicia a realização das Jornadas de Otorrinolaringologia do Serviço de ORL do Hospital de Santo António em 1977.

Director Clínico do Hospital de Santo António de 1979 a 1981.

Professor Associado Convidado do ICBAS, Universidade do Porto desde 1979 e Professor Catedrático Convidado do ICBAS, Universidade do Porto desde 1996.

Membro da primeira Direcção do Colégio de Otorrinolaringologia da Ordem dos Médicos e seu Presidente de 1981 a 1984.

Representante do Colégio de Otorrinolaringologia na UEMS desde 1981 até 1993. Presidente da Secção de Otorrinolaringologia e do "Board" de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial em 1993.

Membro do Comité Executivo da EUFOS, representando Ibéria, Portugal e Espanha, desde 1994. Secretário-Geral da EUFOS, eleito em 1996.

Sócio Honorário da Sociedade Espanhola de Otorrinolaringologia desde 1981.

Membro de Honra da Academia de Ciências Médicas da Roménia desde 1999.

Sócio fundador da EAANO.

Sócio da *Poltzer Society*.

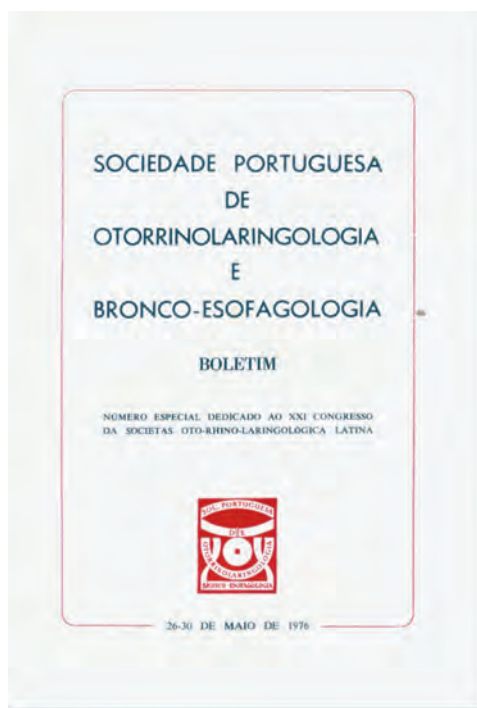


FIGURA 236

NÚMERO ESPECIAL DO BOLETIM POR OCASIÃO DO XXI CONGRESSO DA SOCIETAS OTO-RHINO-LARINGOLÓGICA LATINA - 26 A 30 DE MAIO 1976

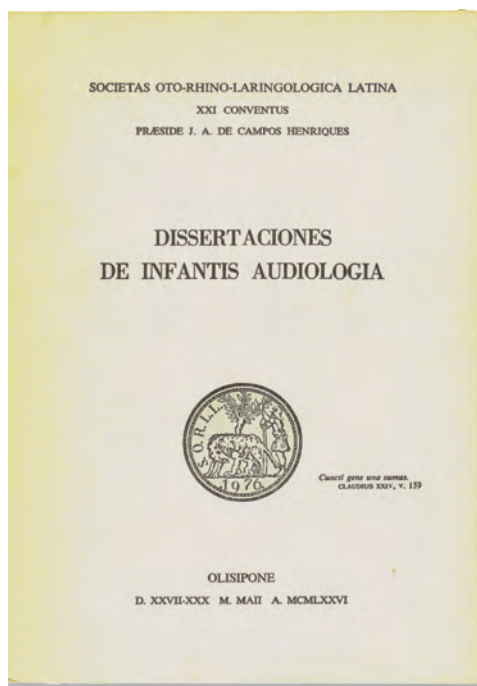


FIGURA 237

OS "PROCEEDINGS DO XXI CONGRESSO DA SOCIETAS OTO-RHINO-LARINGOLÓGICA LATINA" - 26 A 30 DE MAIO 1976



FIGURA 238

"PROCEEDINGS DO IV INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON ACOUSTIC MEASUREMENTS" EM 1979

VII CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA

Em 1979 realiza-se finalmente o VII CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA que foi efectuado em Cascais, sob o tema "TRATAMENTO DAS SINUSITES"; relembro que o VI Congresso se tinha realizado em 1971 no Porto.

De 25 a 28 de Setembro de 1979 decorreu em Lisboa o "IV INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON ACOUSTIC MEASUREMENTS" com a presença de mais de 200 participantes, dos quais, cerca de 85 estrangeiros. O comité organizador teve como Presidente o Prof. Rui Penha e Vice-Presidente o Dr. Branco Correia.

O congresso que foi um dos maiores congressos realizados em Portugal no âmbito da Otorrinolaringologia, teve presente personalidades de renome mundial como:

J. Jerger; I. Klochoff; J. Causse; J. Northern; J. Holmquist; T. Marullo; Y. Onchi etc.

Com base nas comunicações apresentadas durante este congresso, foi publicado um relatório editado pelo Prof. Dr. Rui Penha e pelo Dr. Paulo Pizarro.

A DÉCADA DE 80

A RENOVAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO

Em Junho de 1980, sob a Presidência do Prof. Dr. Pais Clemente, realizou-se na Cidade do Porto o "1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA CIRURGIA LASER CO₂ EM OTORRINOLARINGOLOGIA" que contou com a presença de pioneiros da cirurgia LASER: Prof. STUART STRONG, Prof. JAKO e do Físico Prof. POLANYI.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ACÚSTICA

Em 28 de Outubro de 1980 foi criada a **SOCIEDADE PORTUGUESA DE ACÚSTICA**, formando em 1981 um núcleo de Audio-Fonologia, que promoveu várias manifestações científicas, tais como a publicação de uma nota técnica intitulada "A AUDIÇÃO E O RUÍDO" em 1981, um Colóquio sobre o tema "LÍNGUA MATERNA DE CRIANÇAS MUDAS" em 1982, e o "I CURSO INTERNACIONAL DE VERTIGEM" em 1983. Em 1984 patrocinou, conjuntamente com a Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Patologia Cérvico-Facial, as "PRIMEIRAS JORNADAS INTERNACIONAIS DE AUDIOLOGIA E REABILITAÇÃO AUDITIVA", organizadas pelo Dr. Vasco Rosas da Costa que na época era Director da consulta de Oto-Audiologia dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Esta Sociedade Multidisciplinar tinha como objectivo integrar Arquitectos, Engenheiros, Médicos, Musicólogos, Psicólogos, Sociólogos e Terapêutas da fala, numa só associação.

"ARQUIVOS PORTUGUESES DE OTORRINOLARINGOLOGIA E DE PATOLOGIA CÉRVICO-FACIAL"

Em 1981 surge uma nova publicação periódica intitulada "ARQUIVOS PORTUGUESES DE OTORRINOLARINGOLOGIA E DE PATOLOGIA CÉRVICO-FACIAL", esta revista era editada pelo SERVIÇO DE ORL DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA – HOSPITAL DE SANTA MARIA, tendo como Director o Prof. MÁRIO ANDREA.

Do relatório do Secretário-Geral da Sociedade Portuguesa de ORL publicado no Boletim - VOL XXI de 1982, destaco as seguintes actividades realizadas:

A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE 1980 efectuou-se no Clube de Viseu em 6, 7 e 8 de Dezembro 1980 e foi subordinada ao tema "OTOLOGIA CLINICA".

Durante a semana de 1 a 6 de Julho de 1981, decorreu em Coimbra uma Reunião intitulada "A SEMANA DE OTORRINOLARINGOLOGIA DE COIMBRA" durante a qual se efectuaram as seguintes reuniões:

"1º CURSO INTERNACIONAL DE RINOSEPTOPLASTIA" e "1º SIMPOSIUM INTERNACIONAL DA FUNDAÇÃO PORTMANN - SECÇÃO PORTUGUESA".



FIGURA 239

FOTO DE GRUPO DO II SIMPOSIUM DA FUNDAÇÃO PORTMANN EM COIMBRA EM JULHO DE 1987



FIGURA 240

ARQUIVOS PORTUGUESES DE OTORRINOLARINGOLOGIA E DE PATOLOGIA CÉR-VICO-FACIAL

VIII CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA

O VIII CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA, realizou-se em Espinho de 5 a 8 de Dezembro de 1981, e o Tema do Congresso foi: "PATOLOGIA DAS GLÂNDULAS SALIVARES".

Na Assembleia-Geral realizada durante o congresso foi nomeado Sócio Honorário o:

Dr. FRANCISCO DA SILVA ALVES, pelos altos serviços prestados não só à Sociedade de ORL como à ORL nacional.

Na Assembleia-Geral ordinária de 8 de Dezembro de 1981 foi eleita uma nova direcção tendo como Presidente o Prof. Dr. CARLOS MIGUÉIS. Esta Direcção foi eleita para o biénio 1982/1983, embora como veremos adiante uma alteração aos estatutos levou a que ficasse até 1985.

DIRECÇÃO DA SOCIEDADE PARA O BIÉNIO DE 1982/83

- | | |
|-----------------------------|------------------------------------|
| Presidente: | - Prof. Dr. Carlos Miguéis |
| Vice-Presidentes: | - Dr. Abel Correia (Núcleo do Sul) |
| | - Dr. Raul Silva (Núcleo do Norte) |
| Secretário-Geral: | - Dr. António Cancela de Amorim |
| Secretário-Geral | |
| Relações exteriores: | - Dr. Campos Henriques |
| Tesoureiro: | - Dr. Carlos Seabra |



FIGURA 241

DR. CARLOS MIGUÉIS

O PROF. CARLOS MIGUÉIS Nasceu a 2 de Fevereiro de 1925, fez a sua licenciatura na Faculdade de Medicina de Coimbra em 1952.

Fez um estágio no Serviço de Clínica ORL da Faculdade Medicina de Bordéus de 1954 a 1960, durante o qual obteve:

- *Certificat d' Études Spéciales d' ORL* "diploma nacional Francês": 1957.
- *Chef de Clinique Adjoint d'ORL* da Faculdade Medicina de Bordéus: de 1957 a 1960.
- Especialista pela "Ordem dos Médicos" (Portugal): 1960.
- "Assistente" e "Consultor" do "Centro Anti-Canceroso de Coimbra" "Instituto Português de Oncologia - Francisco Gentil" de 1961 a 1993.
- "Doutoramento Profissional" (Fac. Med. Coimbra): 1961. Título da "dissertação": "*Recuperação funcional após cirurgia da base da língua*".
- "Doutoramento Académico" (Fac. Med. Coimbra): 1962. Título da "dissertação": "*Cirurgia do Estribo (Alguns aspectos)*".
- Primeiro Assistente da Fac. Med. Coimbra em 1966. Encarregado da Regência do Curso de ORL na Fac. Med. Coimbra de 1967 a 1995. Professor Auxiliar da Fac. Med. Coimbra em 1970. Professor Associado da Fac. Med. Coimbra em 1980. Professor Agregado Fac. Med. Coimbra em 1990. Professor Catedrático de ORL a partir do momento em que é criada, na Fac. Medicina de Coimbra, a Cadeira de ORL em 1991. Professor Jubilado da Fac. Med. Coimbra em 1995.
- Director do Serviço de ORL dos Hospitais da Universidade de Coimbra de 1967 a 1995.
- Presidente da Sociedade Portuguesa de ORL - 1982/1985.



FIGURA 242

O SIMBOLO DA SOCIEDADE JÁ COM A NOVA DENOMINAÇÃO

- Publicou vários livros entre os quais:

"Vertigem"; "Surdez"; "Zumbidos"; "Jubilação" e "O Futuro era Ontem".

No dia 8 de Abril de 1982 realiza-se uma Assembleia-Geral Extraordinária em que o ponto principal desta Reunião Magna dos Otorrinolaringologistas era a revisão dos Estatutos da Sociedade. A revisão foi feita artigo por artigo sendo as alterações mais importantes:

Artigo 1 - "O nome da Sociedade deixa de ser **SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E DE BRONCOESOFAGOLOGIA**" e passa a ser "**SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E PATOLOGIA CÉRVICO-FACIAL**", mantendo-se o local da sede e os objectivos da Sociedade.

No artigo 31, que passa para artigo 30, a palavra **Biénio** passa para **Triénio**, ou seja, é alargado o período de mandato de cada Direcção de 2 para 3 anos.

Todas estas alterações foram aprovadas por unanimidade pela Assembleia. Após a aprovação destas alterações, a mesa da Assembleia recebeu uma moção subscrita por nove sócios, para que a actual Direcção presidida pelo Dr. Carlos Miguéis se mantivesse em funções, nos termos das alterações introduzidas, até Dezembro de 1984, ou seja, mais um ano do que o previsto. Esta moção foi aprovada por unanimidade.

Em 18 de Dezembro de 1982 realizou-se uma nova Assembleia-Geral Extraordinária e as decisões mais relevantes foram a criação de uma comissão presidida pelo Dr. Campos Henriques no sentido de escrever uma História da Otorrinolaringologia em Portugal, que deu origem ao livro do Dr. CAMPOS HENRIQUES:

“A OTORRINOLARINGOLOGIA EM PORTUGAL” (SUBSÍDIOS PARA A SUA HISTÓRIA).

Da Introdução deste livro transcrevo as palavras, do Dr. Campos Henriques:

“Por honrosa incumbência da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Patologia Cérvico-Facial, tomei a meu cargo a elaboração deste trabalho, sabendo de antemão, que tarefa de tal monta não estaria isenta de dificuldades e de limitações, tanto mais que, não sendo historiador, facilmente se notará a desproporção que existe entre a importância do tema e a insuficiência do autor.

Não pretendo ter esgotado o assunto, tendo-me limitado a compilar elementos que me foram amavelmente fornecidos pelos Colegas que corresponderam ao meu pedido de informações.

Nenhum trabalho desta natureza está isento de erros ou de incorrecções, mas espero que eles me sejam revelados e faço votos para que o prazer que me proporcionou a sua redacção venha a ser partilhada por quem o ler e que este esboço da História da ORL Portuguesa se revele útil para quem pretenda conhecer um pouco melhor as origens da Especialidade que pratica e os seus pioneiros entre nós.”

Nesta Assembleia foram propostos e aprovados, por unanimidade, os seguintes novos **Sócios Honorários**:

- Prof. Dr. Afonso Ferreira da Costa
- Dr. José António Campos Henriques
- Dr. Fernando Navarro Gimenez
- Prof. Dr. Casimiro del Canizo Suarez
- Dr. George Guillen

Foi também em 1982 que o Dr. António Pinho e Melo, tomou a iniciativa de criar o “COMITÉ” PORTUGUÊS DE AUDIO-FONOLOGIA que teria como Presidente o Dr. Campos Henriques (que não pôde aceitar), fiando o Prof. Rui Penha como Presidente e como Secretário-Geral, o próprio Dr. Pinho e Melo. No entanto, o Comité Português de Audio-Fonologia, cuja designação definitiva foi ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE AUDIO-FONOLOGIA, realizou em Portugal a reunião do BIAP (*Bureau International d’Audio-Phonologie*) de 1983, que teve lugar em Lagos.

Por parte de Portugal, foi membro fundador do BIAP o Professor de Surdos-Mudos, o Dr. Cruz Filipe.

O primeiro Médico português Membro do BIAP foi o Dr. Campos Henriques, que nele ingressou em 1976, a convite do Prof. Mounier-Kuhn de Lyon e do Dr. Reynier de Lausanne.

No dia do Jubileu do Dr. José António Campos Henriques, em Janeiro de 1983, o Dr. Francisco Silva Alves efectuou uma palestra que foi mais tarde publicada na Revista Portuguesa de Otorrinolaringologia no Número de Maio de 1987 - Vol XXV-1. Dada a sua importância para a História da Otorrinolaringologia Portuguesa, transcrevo-a na íntegra:

A OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA DO PASSADO POR FRANCISCO DA SILVA ALVES

“O dia do limite de idade, tem duas facetas: uma triste, a de nos sentirmos um pouco marginalizados e outra, alegre, a de termos a satisfação de atingir esse dia, o que nem a todos Deus permite. E essa alegria é maior ou menor, conforme o cenário onde esse dia se passa e este, Campos Henriques, é de molde a dar-lhe muita alegria.

A Otorrinolaringologia portuguesa do passado, do presente e do futuro foi o tema feliz escolhido para esta reunião pois você, Campos Henriques, viveu ainda um pouco a Otorrinolaringologia do passado, viveu plenamente a do presente e tem condições físicas e psíquicas para enfrentar a do futuro.

Deve-se considerar Francisco Avelino Monteiro, o pioneiro da Otorrinolaringologia em Portugal e cabe-lhe o mérito de ter efectuado a primeira laringectomia no nosso país. Todavia foi nas duas gerações seguintes que a Especialidade se individualizou, graças à acção de Manuel Leite Valadares, João Santana Leite, Alberto Luís de Mendonça, Ary dos Santos (pai) e Carlos de Melo; e neste grupo é de inteira justiça destacar a personalidade de Alberto Mendonça nessa tarefa. Penso que Carlos de Melo, dadas as suas qualidades pessoais, poderia ter influenciado muito mais a especialidade, se a morte o não tivesse ceifado tão cedo.

Alberto Mendonça, foi inicialmente Cirurgião dos Hospitais Cívicos de Lisboa, enveredando depois para a Otorrinolaringologia que graças à sua acção muito se desenvolveu. Trabalhei intensamente com ele cerca de 5 anos e por isso posso descrevê-lo como um homem de carácter duro, mas bondoso, cirurgião seguro, dominando perfeitamente toda a cirurgia da Especialidade dessa época, criando facilmente discípulos, mais pelo exemplo que pela palavra. Íntegro e justo, tinha todavia dois grandes defeitos, um como homem e outro como cirurgião. Nas suas relações humanas era duro com o próximo e vários episódios poderia relatar, mas limito-me a descrever o nosso primeiro encontro.

No 2º ano do meu Internato Geral decidi concorrer a Otorrinolaringologia e procurei-o, pedindo-lhe autorização para estagiar no seu Serviço. Declinando a minha qualidade de Interno, recebi como resposta: “não tenho nada com isso”. Acrescentei ser minha intenção concorrer a Otorrinolaringologia e ele próprio rápido, objectou: “E só agora aparece?”

Justifiquei-me com a obrigatoriedade de estar nos Serviços Gerais e novamente respondeu: “não tenho nada com isso.” Nesta altura eu gaguejava mais que nunca e irritado respondi:

Procurei-o por uma questão de delicadeza, mas em face disto vou entregar o meu requerimento para V. Exa informar. Resposta rápida: “informarei conforme a disposição desse dia.” Claro está, a informação foi favorável e ulteriormente tudo correu bem, tendo sido aprovada por unanimidade pelo júri a que Alberto Mendonça presidiu.



FIGURA 243

O DR. SILVA ALVES COM O DR. CAMPOS HENRIQUES EM CASTELO BRANCO EM 1957

Como Cirurgião, Alberto Mendonça era um excelente operador, mas facilmente se descontrolava, se o doente sangrava demasiado. Certo dia ao amigdalectomisar um adulto, o sangue jorrava abundantemente e Mendonça gesticulava e barafustava em altos gritos, pedindo isto e mais aquilo à Enfermeira, a bondosa Jesuvina, que calma, mas um pouco irada, resmungava: “ele devia ser mulher, pois assim já estava habituado a ver sangue”...

A Otorrinolaringologia do passado era essencialmente clínica e objectiva, vasta e proteiforme, visto o seu campo de acção se estender desde o encéfalo até às vias aero-digestivas.

Nas primeiras décadas deste século a patologia da Especialidade era dominada pelas afecções inflamatórias do ouvido médio e suas complicações e secundariamente pela patologia naso-sinusal e da faringe. Na década de 30, no Serviço de ORL de S. José era frequente efectuar-se 20 a 30 intervenções sobre a mastoideia por mastoidite aguda ou por complicações de otite média crónica, geralmente colesteatomatosa, sendo as mais frequentes a tromboflebite do seio lateral e mais raramente o abscesso encefálico.

Permito-me citar algumas afecções graves e hoje já desaparecidas, como a angina de Ludwig (fleimão do pavimento bucal) e a tromboflebite do seio cavernoso, consecutiva a um furúnculo da asa do nariz. Eram afecções muito raras, mas tive ocasião de as observar.

Na patologia da Especialidade tinha lugar de relevo o corpo estranho das vias aéreas e digestivas, muito mais graves nos primeiros, quando localizados nos brônquios.

Nessa época não havia viroses e a alergia era uma entidade semi-desconhecida, exceptuando a “rinite espasmódica primaveril”.

Como disse, a Especialidade nos seus primeiros tempos, era essencialmente objectiva e praticamente não se faziam exames funcionais. Em S. José havia apenas dois diapasões e quando era necessário efectuar um exame pericial, Alberto Mendonça, trazia do seu consultório o material “sofisticado” da época: um jogo completo de diapasões, o apito de Galton, o monocórdio de Struyken e uma espécie de campáinha, cujo nome e função nunca soube.

Não havia também material para efectuar exames vestibulares, apesar de Alberto Mendonça se ter dedicado muito aos exames labirínticos, dadas as suas funções no Hospital Militar da Estrela, tendo publicado vários trabalhos sobre esta matéria, um dos quais, em 1924, na Revue d’Oto-neuro-acustique, de Strasbourg, intitulado: “Exame da Função dos Canais semi-circulares”. Em S. José limitávamo-nos a irrigar lentamente o ouvido com água fria (20°) durante cerca de 1 minuto e a observar o nistagmos e sua duração, nas várias posições da cabeça. Alberto Mendonça, com efeito não dava valor ao volume da água utilizada, nem à duração da irrigação.



FIGURA 244

UMA AULA NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO EM 1930

A propósito de exames funcionais, permitam-me que vos revele um pequeno episódio. No início do meu internato observei na consulta um doente queixando-se de zumbidos, e ele não tem cera, fico logo "à rasca". Luís Macieira ouvira a nossa conversa e voltando-se para Alberto Mendonça, relatou o facto comentando: nós também ficamos, Sr. Doutor, mas não temos a coragem de o dizer...

Este após observar o doente disse-me: Sabe, Silva Alves, quando no consultório observo um doente, queixando-se de zumbidos, e ele não tem cera, fico logo "à rasca". Luís Macieira ouvira a nossa conversa e voltando-se para Alberto Mendonça, relatou o facto comentando: nós também ficamos, Sr. Doutor, mas não temos a coragem de o dizer...

Ocorre perguntar, actualmente o mesmo não poderá suceder, embora raramente?

No referente à terapêutica médica direi que nas afecções inflamatórias agudas, tinha lugar de relevo a proteinoterapia (injecções de leite, Omnadine, Imunadol, etc.) e com estes medicamentos e gelo local curavam-se muitas mastoidites agudas, sobretudo nas crianças. Após o advento das sulfamidas em 1935, descoberta feita por Domagk, o número de complicações das otites médias agudas diminuiu progressivamente e assim, após ter sido colocado como assistente no Hospital dos Capuchos, em 1942, não mais executei uma mastoidectomia, por complicação de otite média aguda, enquanto no período do internato devo ter efectuado algumas dezenas. Todavia as complicações das otites médias continuaram a surgir com frequência, mesmo após o aparecimento da Penicilina na década de 40 e só nos anos 60, com larga difusão dos antibióticos, essas complicações praticamente desapareceram.

A propósito destas complicações, parece-me de interesse transcreever aqui alguns números recolhidos por mim e publicados em 1946, na Revista Clínica Higiene e Hidrologia, numa pequena nota informativa acerca da otite crónica colestomatosa.

Em 1944, portanto na era pré-antibiótica, foram observados na consulta do Serviço 8 do Hospital dos Capuchos 470 doentes com otites médias, agudas e crónicas, algumas com complicações graves.



FIGURA 245

O 5º ANO MÉDICO DE 1934 DA ESCOLA DO PORTO ONDE ESTAVA O DR. SILVA ALVES



FIGURA 246

A EQUIPA DE BANCO DO DR. SILVA ALVES NO HOSPITAL DE S. JOSÉ EM 1939

Nestas 470 Otites registaram-se 7 falecimentos, cujas causas foram:

1 - por Otite média aguda, com mastoidite aguda;

1 - por Otite média crónica tuberculosa;

5 - por otite média crónica colesteatomatosa, sendo 1 por abscesso cerebral, 1 por tromboflebite do seio (lateral), com meningite aguda e 3 por trombo-flebite do seio lateral, com septicémia.

É de realçar o ter havido apenas um óbito nos 6 casos de abscessos encefálicos e isto na era pré-antibiótica. De facto no Serviço 8 dos Capuchos havia uma boa estatística operatória nessa patologia o que levava os Neurocirurgiões a transferir para o nosso Serviço, os doentes com abscessos otogéneos, admitidos para Neurocirurgia. A técnica empregada era baseada na de Lemaitre, punção e drenagem progressivamente alargada para se obter a exclusão dos espaços subaracnoideos.

Analisando a Cirurgia ORL de outrora, ocorre perguntar se era muito diversificada. Teoricamente sim, mas na prática, para se ser considerado um bom Especialista, era suficiente saber executar bem, meia dúzia de operações de grande cirurgia. Para fundamentar esta afirmação, direi o seguinte: estava eu no início do meu Internato da Especialidade e teve honras de comunicação à Sociedade de Ciências Médicas, a primeira laringectomia efectuada por um dos mais ilustres otorrinolaringologistas portugueses, Director do Serviço e Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Decorridos cerca de 30 anos, nesse mesmo Serviço podia ver-se, por vezes, Internos da Especialidade fazer essa operação...

Na cirurgia do passado ocupava lugar cimeiro as amigdalectomias, cirurgia do septo nasal e seios perinasais e especialmente a cirurgia do ouvido, mastoidectomias e esvaziamentos petro-mastoideos, dada abundância de otites médias supuradas, simples ou complicadas.

Como se realizava essa cirurgia? Em más condições, pois não havia aspiradores, a iluminação era a indirecta e durante os meus 5 a 6 anos de Internato em S. José, nunca lá vi fazer uma anestesia geral. E no entanto nesse Serviço fazia-se



FIGURA 247

O DR. SILVA ALVES ENQUANTO ESTUDANTE DE ANATOMIA NO PORTO EM 1929

toda a cirurgia da Especialidade, desde as amigdalectomias até às laringectomias e ressecções do maxilar superior.

As amigdalectomias eram em grande número, mas bem longe "massacre" das amígdalas dos anos 70... Nos adultos, a operação era feita com anestesia local pela Novocaína adrenalina a 0,5%, mas as crianças eram operadas com "nadocaína" como se dizia em gíria. Era confrangedor o espectáculo de ver, em exíguas instalações, 8 e 10 crianças a chorar, umas operadas e outras com medo de o ser... No Porto, nessa época, o Dr. Jaime de Magalhães utilizava, na amigdalectomia das crianças, o clorofórmio - anestesia, da minha particular antipatia e que nunca empreguei.

A cirurgia do nariz, seios perinasais e ouvidos, era realizada com anestesia local por infiltração ou embebição, muitas vezes associada à injeção de morfina. Nos esvaziamentos petro-mastoideos quando se atingia a caixa do tímpano colocava-se aí um tampão embebido em solução de cocaína. O material utilizado era o clássico: escopro, goiva e martelo, bem como colher de raspagem. Claro está que muitas vezes era necessário mais um ajudante, para tentar segurar a cabeça do doente, por causa das marteladas.

A cirurgia larga da Especialidade, executada com anestesia local, tinha, por vezes aspectos dramáticos. Imaginem operar um fibroma naso-faríngeo, sem anestesia geral e sem aspiração ou fazer nas mesmas condições a extracção dum corpo estranho dos brônquios e neste caso nas crianças, por vezes, não se fazia qualquer anestesia...

Eu ajudava sempre o Alberto Mendonça e nunca mais esqueci a primeira ressecção do maxilar superior que vi fazer. O doente



FIGURA 248

O DR. SILVA ALVES COM O DR. ALBERTO MENDONÇA EM 1957 EM CASTELO BRANCO

era um homem novo, com um pequeno carcinoma no maxilar e a anestesia utilizada foi a loco-regional, com anestesia de base pela morfina. O doente “aguentou”, bem a operação, mas após a ressecção do maxilar superior, agitou-se e o aspecto do campo operatório era horrível: os ramos da maxilar interna sangravam no fundo da loca operatória, o retalho cutâneo bailava de um lado para o outro, com a atrapalhão de pôr compressas e mais compressas e o doente emitia grunhidos horríveis, pois, como é evidente, não podia falar. Esta má imagem ficou sempre gravada no meu espírito, embora atenuada pelo prazer de ulteriormente encontrar esse doente nas ruas de Lisboa, a última vez há cerca de 2 anos. Mais tarde, ainda em S. José, tive ocasião de efectuar uma ressecção do maxilar superior, nas mesmas condições, mas não me impressionei tanto. Estava já mais calejado.

Outro episódio passou-se em Madrid, na década de 50. Fui visitar o Prof. Calderin e este convidou-me para assistir no dia seguinte a uma laringectomia total, efectuada com anestesia local, apesar de nessa época operar já os ouvidos com anestesia geral. Todavia a anestesia local não se revelou muito eficiente e o doente protestava constantemente com o operador e este fazia o mesmo com a “hermana”, dizendo ser o anestésico de péssima qualidade. Quando Calderin iniciou a ablação da laringe, de cima para baixo, o doente agitou-se mais, ficou cianosado, com intensa dispneia e conseguiu levantar-se ficando sentado na marquesa. A rápida intervenção de Sacristan, que ajudava, salvou a situação, introduzindo a Cânula de Tapia na laringe e o doente tossiu, atirando sangue até ao tecto e finalmente deitou-se mais sossegado. Então Calderin colocando a mão direita sobre o tórax do doente e voltando-se para mim, com ar de toureiro disse: Oh Silva, isto foi dramático.

E a propósito destes aspectos dramáticos dir-vos-ei o terror que sentíamos, quando aparecia uma criança, com um corpo estranho nos brônquios. O material existente em S. José era antigo, de Brunings, creio eu, mas Luiz Macieira manejava-o bem. Todavia a técnica era complicada: De início colocava-se o laringoscópio, depois introduzia-se o traqueoscópio e finalmente através deste, um alongador, para



FIGURA 249

O SERVIÇO 8 DO HOSPITAL DOS CAPUCHOS EM ABRIL DE 1952

atingir os brônquios. E isto era feito com anestesia local ou sem ela e com luz dista. Por vezes, no caso de haver dispneia, fazia-se traqueotomia prévia.

No final da década de 30, a vinda para Lisboa do Dr. António Costa Quinta, após prolongado estágio no Serviço de Chevalier Jackson, melhorou muito a situação, pois trouxe bom material e excelente treino em endoscopia. Poucos anos depois fui colocado nos Capuchos, como Assistente, e lá continuei a ter maus bocados, pois então não podia pedir auxílio ao Costa Quinta, por motivos que não interessa citar. E assim lá continuei a fazer broncoscopias, por vezes a altas horas da noite e apenas com auxílio duma Enfermeira e duma criada. Convém esclarecer os mais novos, que nessa época não havia horas extraordinárias.

Julgo ter-vos dado uma ideia da Otorrinolaringologia da primeira metade deste século. A 2ª Grande Guerra, a par dos grandes malefícios causados, trouxe também excelentes benefícios a muitos ramos da Ciência, e a Otorrinolaringologia progrediu muito com o aperfeiçoamento da anestesia, da acústica, da óptica, da electrónica etc.

A pouco e pouco a “nadocaína” e a novocaína deixaram de ser utilizadas, sendo substituídas pela anestesia geral, e o escopro e martelo foram substituídos pela broca eléctrica.

Terminarei fazendo uma referência à transformação operada na cirurgia do ouvido. Fui a Madrid e visitei Antoli-Candela, na época das fenestraçãoes, por ele executadas primorosamente e com grande rapidez, operando vários doentes na mesma sessão. No final duma das sessões operatórias, perguntou-me: Vocês em Lisboa fazem esta cirurgia? Disse-lhe estarmos na fase inicial de preparativos e ele respondeu-me, aludindo a outro Médico, mas numa “indirecta” evidente, para mim: Note o seguinte: os Otorrinolaringologistas, tendo larga prática de cirurgia do ouvido, com escopro e martelo, nunca dominarão bem a cirurgia microscópica do ouvido. Retive a lição e a breve trecho abandonei as tentativas para fazer essa cirurgia e o mesmo sucedeu com a maioria, se não a totalidade dos Otorrinolaringologistas da minha geração.



FIGURA 250

REALIZAÇÃO DE UMA AMIGDALECTOMIA NOS ANOS 40

Isto não deve ser motivo para tristeza, pois sucede isso em vários ramos de actividade humana. Recordemos, apenas a Divina Greta Garbo, triturada pelo cinema sonoro..."

Nos dias 10, 11 e 12 de Junho de 1983 realizou-se na Cidade da Guarda a Reunião Anual da Sociedade, denominada JORNADAS OTORRINOLARINGOLÓGICAS DA GUARDA.

O Presidente de Honra destas Jornadas foi o Dr. António Dias Barata Salgueiro, e a Organização das Jornadas estava entregue a uma Comissão com o Dr. Afonso de Paiva à frente. Estiveram presentes os seguintes convidados estrangeiros:

- Prof. Yves Guerrier
- Dr. Guy-Lacher
- Dr. Jean Pierre Bébear
- Dr. Fernando Navarro Gimenez
- Prof. Dr. Casimiro del Canizo Suarez

Na Assembleia-Geral que se seguiu às Jornadas foram eleitos **Sócios Honorários**:

- Dr. Francisco Silva Alves
- Dr. António Dias Barata Salgueiro

No dia 9 de Julho de 1983, realizou-se a REUNIÃO DO NÚCLEO DO NORTE, organizada pelo Vice-Presidente da Sociedade Dr. Raul Ferreira da Silva, que se realizou na Casa do Médico do Porto e o tema foi "OTITE MÉDIA COM EFUSÃO".

O Boletim da Sociedade passava um período menos bom, embora se conseguisse manter a sua publicação. Havia queixas de dificuldades orçamentais por parte da direcção e a sua publicação foi sendo adiada; finalmente em 1983 passou, sob a direcção do Dr. Campos Henriques, a quadrimestral, com novo grafismo, novos patrocinadores e com um Conselho Científico.

As actividades no âmbito da Especialidade foram muitas e variadas durante estes anos do mandato desta Direcção, mostrando que a ORL nacional estava em franco crescimento. As realizações mais relevantes deste período foram:

I CURSO DE MICROCIRURGIA OTOLÓGICA - Organização do Serviço de ORL da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, Prof. Rui Penha, como convidado, António de La Cruz (U.S.A.) - Maio de 1982.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA PEDIÁTRICA, organizado pelo Serviço de ORL da Faculdade de Medicina do Porto (Prof. Dr. Pais Clemente), em Junho de 1982.

REUNIÃO CIENTÍFICA SOBRE "POTENCIAIS EVOCADOS", organizado pelo Serviço de ORL da Universidade Nova de Lisboa (Prof. Dr. Rui Penha), em 1982.

REUNIÃO CIENTÍFICA ORGANIZADA PELO NÚCLEO DO NORTE DA SOCIEDADE: Jornadas de ORL para o Clínico Geral, em Viana do Castelo, em Julho. ORL com os seguintes temas: Anatomia dos Seios Perinasais, Patologia e Terapêutica das Sinusites, Tratamento da Otite Média e Reabilitação Auditiva.



FIGURA 251

O DR. COSTA QUINTA REALIZANDO UMA BRONCSCOPIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO XX



FIGURA 252

III CURSO DE AUDIOLOGIA DO DR. ANTOLI-CANDELA NO INSTITUTO DO TRABALHO EM MADRID EM 19 DE MARÇO DE 1959, TEVE A PRESENÇA DE VÁRIOS PORTUGUESES

CURSO INTERNACIONAL SOBRE VERTIGEM, organizado pelo Serviço de Otoneurologia e Audiologia do Hospital Egas Moniz (Dr. Branco Correia), Setembro de 1982.

II CURSO INTERNACIONAL DE OTOLOGIA CIRÚRGICA, organizado pelo Serviço de ORL da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (Prof. Ruy Penha), Maio de 1983. Este Curso teve como convidados estrangeiros o Dr. E. Garcia Ibanez; o Dr. J. Bernard Causse; o Dr. Jean Causse e o Dr. Lorenzo Rubio Morales.

I CURSO INTERNACIONAL SOBRE VERTIGEM, organizado pelo Serviço de ORL da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (Prof. Ruy Penha), Outubro de 1983. Este Curso teve como convidados estrangeiros o Dr. F. Olaizola; o Dr. Jan Stahle; o Dr. Lars Odqvist; o Dr. N. Henrikson e o Dr. N. J. Oosteveld.

VI JORNADAS DE ORL DO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO DO PORTO - Dr. Gameiro dos Santos, com a colaboração da Fundação Portmann - Prof. Michel Portmann; Prof. J. P. Bébear / Dr. Guy Lacher.

VII JORNADAS DE ORL DO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO DO PORTO - Dr. Gameiro dos Santos com "Temas de Otolgia" - Prof. J. P. Bébear; Drs. Guy Lacher e Robert Charachon - Março de 1984.

II CURSO DE ORL PARA CLÍNICOS GERAIS, organizado pelo Serviço de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa - Hospital de Santa Maria - Prof. Mário Andrea - Março de 1984.

V CURSO DE CIRURGIA LARÍNGEA, organizado pelo Serviço de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa - Hospital de Santa Maria - Prof. Mário Andrea - Abril de 1984.

IV JORNADAS DE CIRURGIA LARÍNGEA, organizadas pelo Serviço de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa - Hospital de Santa Maria - Prof. Mário Andrea - com Prof. Casimiro Canizo Suarez - Abril de 1984.

I JORNADAS INTERNACIONAIS DE AUDIOLOGIA E REABILITAÇÃO AUDITIVA, organizadas pela Consulta de Oto-Audiologia do Hospital de Santo António dos Capuchos - Dr. Rosas da Costa - com o Prof. Michel Portmann e Dra. Claudine Portmann (Bordéus); Dr. Perelló (Barcelona); Dr. Sten Harris (Lund, Suécia) - Maio de 1984.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE OTONEUROCIURGIA E CIRURGIA DA BASE DO CRÂNIO, organizado pelo Serviço de ORL do Hospital de S. João - Faculdade de Medicina do Porto - Prof. Pais Clemente - com William House (U.S.A.) - Maio de 1984.

II CURSO INTERNACIONAL DE SEPTORRINOPLASTIA, organizado pelo Serviço de ORL da Faculdade de Medicina e H.U.C. - Prof. Carlos Miguéis - com Dr. Georges Guillen



FIGURA 253
PROSPECTO E DIPLOMA DAS JORNADAS DA GUARDA EM 1983



(Bordéus); Prof. Giorgio Sulenti (Bolonha); Dr. Montserrat Viladiu (Barcelona); Dr. J. Fabra (Barcelona); Dr. Iglésias Cendon (Vigo) e Dr. Espina Campos (Vigo), em Junho de 1984.

I JORNADAS SOBRE O OUVIDO INTERNO, organizadas pelo Serviço de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa - Hospital de Santa Maria - Prof. Mário Andrea - com Prof. Miguel Ciges e Drs. Conraux e Uziel, em Julho de 1984.

II CURSO DE CIRURGIA OTOLÓGICA, organizado pelo Serviço de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa - Hospital de Santa Maria - Prof. Mário Andrea, Novembro de 1984.

III JORNADAS DE CIRURGIA OTOLÓGICA, organizadas pelo Serviço de ORL da Faculdade de Medicina de Lisboa - Hospital de Santa Maria - Prof. Mário Andrea, Novembro 1984.

No dia 18 de Abril de 1984 foi constituída por escritura notarial, uma nova agremiação de Otorrinolaringologistas:

“ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE AUDIO-FONOLOGIA”, cujos estatutos referem: A Associação Portuguesa de Audio-Fonologia é uma organização destinada a promover a divulgação, aprofundar os estudos e estabelecer normas orientadoras na audio-fonologia de língua portuguesa.

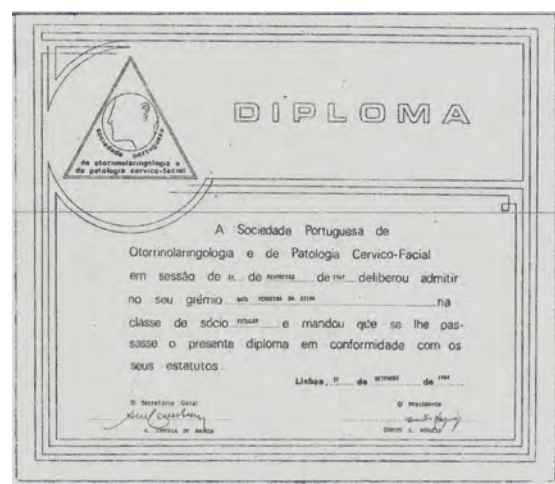


FIGURA 254
DIPLOMA DA SOCIEDADE EM 1983

IX CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE

Em Dezembro de 1984, organizado pelo Serviço ORL do Hospital do Funchal, realizou-se o IX CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE com discussão do Relatório sobre "HISTÓRIA DA ORL PORTUGUESA" e várias Comunicações Livres.

A Assembleia-Geral que se deveria ter realizado na sequência do congresso não se realizou e a votação da nova Direcção foi adiada para Abril do ano seguinte, tendo-se mantido em funções a Direcção até à tomada de posse da direcção seguinte.

No dia 20 de Abril de 1984 realizou-se uma nova Assembleia-Geral da Sociedade com a mesa presidida pelo Prof. Carlos Miguéis e secretariada pelo Dr. Cancela de Amorim.

É aqui referenciado, pela primeira vez em Assembleia, o desaparecimento do Livro de Actas da Sociedade do período de 1964-1982, com todos os prejuízos para o conhecimento e divulgação da História da Sociedade que daí advém.

Nesta assembleia foram nomeados novos **Sócios Honorários**:

- Prof. Nobre Leitão
- Dr. Afonso Neves de Paiva
- Dr. Guy-Lacher
- Dr. Jean Pierre Bébear

No final da Assembleia procede-se à votação da Direcção para o Triénio de 1985/1988 que ficava assim constituída:

DIRECÇÃO PARA O TRIÉNIO DE 1985/1988

Presidente:	- Prof. Dr. Rui da Silva Santos Penha
Vice-Presidentes:	- Prof. Dr. Manuel Pais Clemente - Dr. Jorge Manuel Carvalho Sofia
Secretário para Assuntos Exteriores e Boletim:	- Dr. José António Campos Henriques
Secretário-Geral:	- Dr. Victor Manuel Gabão Veiga
Tesoureiro:	- Dr. José António Costa Quinta

RESUMO DA BIOGRAFIA DO PROF. DR. RUI PENHA

Especialista em Otorrinolaringologia em 1960, Assistente da Cadeira de ORL da Faculdade de Medicina durante 8 anos (1962/1970), Assistente do Instituto de Áudio-Fonologia em 1965, Interno Graduado do quadro do Hospital de Santa Maria em 1970, Assistente Estrangeiro de ORL



FIGURA 255

PROF. DR. RUI PENHA

da Faculdade de Medicina do Recife em 1973. Fez o Doutoramento em Otorrinolaringologia na F.M.L, aprovado com distinção e louvor em 1975, nomeado Professor Auxiliar de ORL da F.M.L. em 1976, Chefe de Clínica de ORL do Hospital de Santa Maria em 1978, Professor Extraordinário de ORL da F.C.M. da U.N.L. em 1980, Professor Catedrático de ORL da F.C.M. da U.N.L. em 1981 e Director do Serviço de ORL, Otoneurologia e Audiologia do Hospital Egas Moniz desde 1980 até 1998.

Exerceu funções de relevo, das quais se destacam:

- Sociedade Portuguesa de ORL, Audiologia e Fonologia - Presidente
- Sociedade Portuguesa de Áudio-Fonologia (Secção Port. do *Bureau International d'Audiologie*) - Presidente
- Sociedade Portuguesa de ORL e Cirurgia Cérvico-Facial - Presidente
- Sociedade Espanhola de ORL e Patologia Cérvico-Facial - Membro de Honor
- Sociedad Extremena de ORL y Patologia Cervico-Facial - Membro de Honor
- Sociedade Luso-Espanhola de ORL - Fundador e Presidente Honorário
- Academia Europeia de Otologia e Otoneurologia - Membro Fundador
- Aerospace Medical Association; Fundação Portmann; - Politzer Society
- International Hearing Foundation em Portugal - Nomeado Presidente



FIGURA 256

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE - 1986

- IFOS - International Federation of ORL Societies - Membro Executivo durante 9 anos, e Conselheiro Vitalício a partir de 2003
- É autor ou co-autor de várias centenas de trabalhos publicados em revistas da Especialidade
- Em 1996, no Congresso da Academia Americana obteve o 2º prémio, para poster
- É autor e/ou editor de onze livros da Especialidade
- Foi Condecorado em Junho de 1994 com a Ordem honorífica: "Grande Oficial da Ordem de Santiago de Espada"

A Direcção eleita, tendo como Presidente o Prof. Dr. Rui Penha e como Secretário-geral o Dr. Gabão Veiga, vai ter um papel importante na dinamização da Sociedade, sendo os pontos mais importantes a legalização da Sociedade, o retomar do Boletim, cuja publicação estava suspensa há vários anos e o retomar das Reuniões Anuais e o Congresso Nacional.

De 27 de Fevereiro a 1 de Março de 1986, realiza-se a Reunião ANUAL DA SOCIEDADE, nas Caldas da Rainha. O Presidente da reunião foi o Prof. Dr. Rui Penha, a organização local esteve a cargo do Dr. Óscar Ferreira e os Professores Convidados foram o Prof. Mirko Tos e o Prof. Jan Thomsen da Dinamarca.

O ano de 1986 foi um ano de grande actividade científica em Portugal, sendo de destacar o Simpósio Internacional de Otosclerose e o Simpósio Internacional da Voz.



FIGURA 257

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE, NAS CALDAS DA RAINHA - 1986

O SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE OTOSCLEROSE, sob a presidência do Prof. Dr. Rui Penha, trouxe a Portugal os maiores nomes mundiais nesta área, tais como os Profs. John J. Shea; Luis Garcia-Ibañez ou Jean Bernard Causse entre muitos outros.

As I JORNADAS INTERNACIONAIS DE IMPLANTES COCLEARES nos dias 30 e 31 de Maio de 1986, no centro Hospitalar de Coimbra, lançaram as bases daquele que seria daí para a frente o centro de referência nesta técnica.

O SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA VOZ, realizou-se sob a presidência do Prof. Dr. Pais Clemente, em Junho de 1986, e que contou com a presença de destacadas individualidades das mais variadas áreas relacionadas com este tema.

Em Maio de 1987 realizaram-se as JORNADAS OTORRINOLARINGOLÓGICAS DA BEIRA INTERIOR, que corresponderam à Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Patologia Cérvico-Facial. A reunião decorreu em Monfortinho, Castelo Branco e teve como convidados estrangeiros o Prof. Dr. Teodoro Sacristan Alonso de Espanha; o Prof. Dr. Luis Garcia Ibañez de Espanha; o Prof. Dr. W Kup, da República Democrática Alemã; o Dr. Alvarez Vicent e o Dr. Joaquin Gil Juan, também de Espanha. Como convidados nacionais estiveram o Dr. Cruz Maurício e o Dr. Eduardo Medina que deram um curso sobre "Tomografia Computadorizada em Otologia".

No dia 3 de Maio de 1987 realizou-se a Assembleia-Geral Extraordinária da Sociedade que teve como ponto principal a aprovação dos novos Estatutos da Sociedade, que logo no artigo Primeiro nº 1 refere que a Sociedade passa a denominar-se:

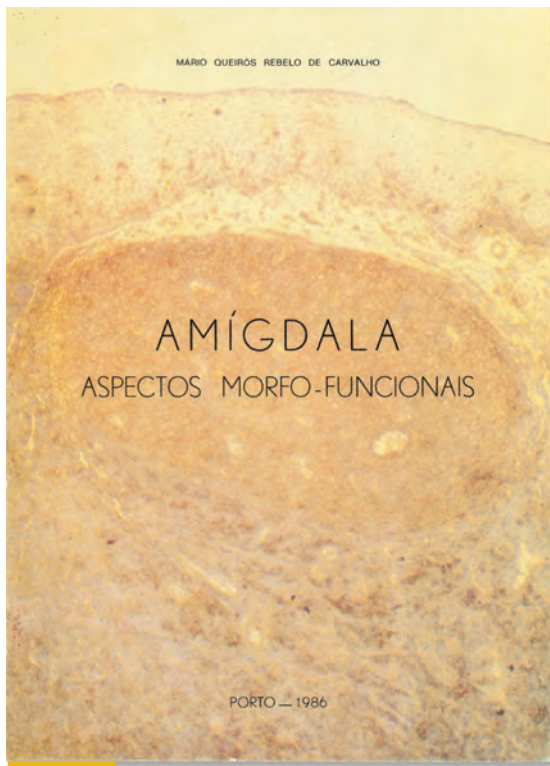


FIGURA 258
LIVRO SOBRE A AMÍGDALA, DE 1986

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

Foi decidido manter a Direcção actual em funções até às novas eleições, pois o mandato da Direcção passou de 2 a 3 anos. É também durante estas Jornadas de Monfortinho que é relançado o BOLETIM, agora com o nome de: REVISTA PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL.

Em Setembro de 1988 realizou-se uma Assembleia-Geral Extraordinária que serviu para a aprovação do Regulamento Eleitoral que foi lido e votado artigo por artigo, sendo aprovados, por unanimidade, todos os artigos.

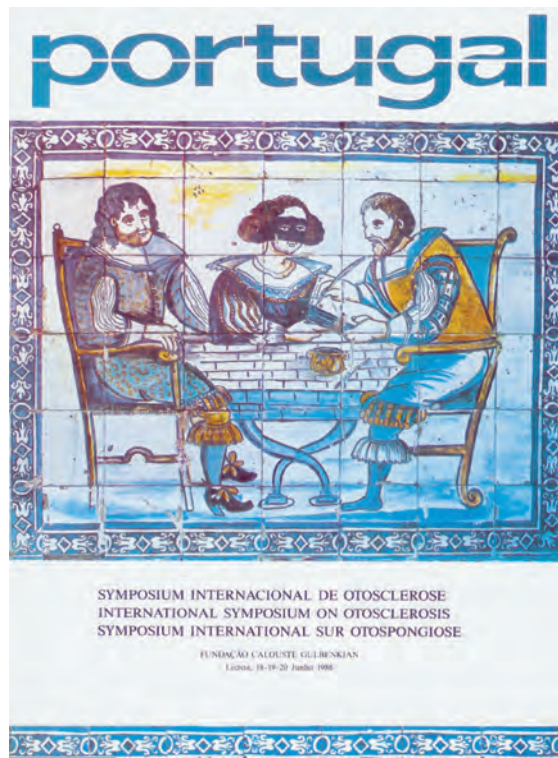


FIGURA 259
SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE OTOSCLEROSE - 1986

X CONGRESSO DA SOCIEDADE DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL – X CONGRESSO PORTUGUÊS DE ORL

O X CONGRESSO PORTUGUÊS DE ORL, teve lugar em Lisboa, de 30 de Novembro a 4 de Dezembro de 1988. Foi o maior congresso de sempre realizado pela sociedade, tendo contado com cerca de 300 inscrições.

O programa foi inteiramente cumprido, e foram realizados três mini-cursos de Ressonância Magnética, um ministrado pelo Dr. CRUZ MAURÍCIO, outro de Progressos em Otoneurologia a cargo dos Drs. CONRAUX E COLLARD da escola de Estrasburgo, e um curso monográfico de Endoscopia Diagnóstica e Cirúrgica dos Seios Perinasais, ministrado pelo Prof. Dr. HEINZ STAMMBERGER.

Além das actividades referidas foram ainda realizadas quatro conferências, feitas cerca de setenta comunicações livres e efectuadas três mesas redondas.

Foram apresentados dezoito posters e vários vídeos.

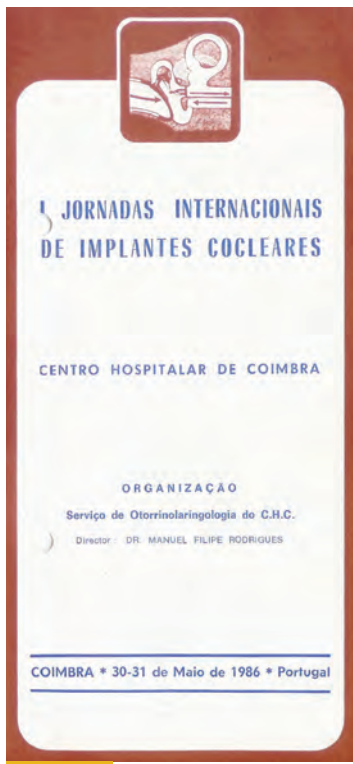


FIGURA 260

JORNADAS INTERNACIONAIS DE IMPLANTES COCLEARES
COIMBRA - 1986

Chegaram a funcionar, simultaneamente, quatro salas de trabalho.

O Presidente de Honra deste Congresso foi o DR. ADOLFO ROCHA (Pseudónimo: MIGUEL TORGA), o ilustre Escritor que para além de ser Médico era Otorrinolaringologista, tendo exercido a sua profissão em Coimbra, durante mais de 50 anos.

Infelizmente, o Dr. Adolfo Rocha não pôde estar presente por motivo de doença, mas enviou um bonito texto que passo a transcrever:

“Impossibilitado de estar presente em carne e osso na abertura solene deste Congresso, que almas generosas quiseram que eu emblematizasse, venho ao menos fazê-lo em espírito em breves palavras. Velho Oto-Rino-Laringologista que me orgulho de ser há cinquenta anos, é-me grato aproveitar esta oportunidade para saudar todos os companheiros que a um dos mais nobres ramos da medicina deram inteligência e devoção. Somos nós os zeladores da fala e do ouvido do homem, as suas riquezas supremas. É pelo que diz e ouve que ele comunica e convive, e sabemos em que poço de solidão mergulha quando a mudez e a surdez o atormentam. Contra essas e outras desgraças muito temos lutado e muito temos conseguido, restituindo a um sem-número de desiludidos a alegria de viver. Que a presente reunião seja mais um passo no sentido da esperança. Da esperança daqueles que, aflitos, nos batem à porta, confiados na nossa ciência e na nossa solida-



FIGURA 261

JORNADAS OTORRINOLARINGOLÓGICAS DA BEIRA INTERIOR EM 1987



FIGURA 262

CAPA DA REVISTA PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA
E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL ADOPTADA ENTRE 1987 E 1993



FIGURA 263

PROCEEDINGS DO X CONGRESSO PORTUGUÊS DE ORL EM 1988

riedade. Não há maior honra do que ser Médico, e recompença maior do que sê-lo no coração agradecido daqueles a quem um dia valemos, ou porque se escoavam em sangue, ou porque um cancro os ameaçava, ou porque, simplesmente, se encontraram de repente afásicos pelo abalo de uma grande emoção, e connosco aprenderam novamente a ter voz”.

ADOLFO ROCHA (Miguel Torga) Coimbra, Outubro de 1988

Durante este Congresso realizou-se uma Assembleia-Geral da Sociedade, na qual foi eleita uma nova Direcção. **Ficando assim constituída a nova Direcção:**

DIRECÇÃO PARA O TRIÉNIO DE 1988/1991

Presidente: - Prof. Dr. Rui da Silva Santos Penha

Vice-Presidentes: - Prof. Dr. Manuel Pais Clemente
- Dr. Jorge Manuel Carvalho Sofia

Secretário para Assuntos Exteriores e Boletim: - Dr. José António Campos Henriques

Secretário-Geral: - Dr. Victor Manuel Gabão Veiga

Tesoureiro: - Dr. José António Costa Quinta

Vogais: - Dr. Alivar Jones Cardoso
- Dr. José Domingos Martins Cabral Beirão
- Dr. Nuno Santiago Silva
- Dr. Raul Ferreira da Silva



FIGURA 264

O DR. ADOLFO ROCHA (PSEUDÓNIMO LITERÁRIO: MIGUEL TORGA)

No dia seguinte realizou-se nova Assembleia-Geral, já com a nova Direcção eleita, na qual foi aprovado por unanimidade, o Regulamento do Congresso da Associação Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial, e procedeu-se à eleição de novos **Sócios Honorários**, tendo sido eleitos por unanimidade, os seguintes nome:

- Dr. Adolfo Rocha - “Miguel Torga”

- Dr. Cruz Maurício

- Prof. Dr. Teodoro Sacristan

- Dr. Fernando Olaizola Gorbea

- Dr. Emílio Garcia Ibañez

- Dr. Jean Causse

- Dr. Jean Bernard Causse

- Dr. Neves Pinto

Em Sevilha, em 1988 teve lugar o CONGRESSO HISPANO-LUSO DE ORL E PATOLOGIA CÉRVICO-FACIAL, patrocinado pela Associação Portuguesa, pela Sociedade Espanhola de ORL e Patologia Cérvico-Facial e ainda pela Sociedade Andaluza de ORL.

No decurso do referido Congresso foi constituída a SOCIEDADE IBÉRICA DE ORL cujo objectivo era cimentar os laços de colaboração entre a Associação Portuguesa e a Sociedade Espanhola. Não tenho conhecimento de qualquer actividade desta Sociedade.

Depois do I CONGRESSO HISPANO-LUSO DE ORL, organizado pela Sociedad Gallega de ORL, Sociedad Española de ORL e da Sociedade Portuguesa de ORL, em Santiago de Compostela, os contactos entre Portugueses e Galegos foi constante.

Em 18 de Junho de 1988 passa a integrar a Junta Directiva da Sociedad Gallega de ORL (SGORL) um Vogal por Portugal, sob proposta do Prof. Nicolas Garcia Soto.

Desde 20 de Junho de 1992 passa a integrar também a Junta Directiva da SGORL um Tesoureiro Português.

Ao longo dos anos têm sido inúmeras as participações em Reuniões Científicas conjuntas, sendo as Reuniões Luso-Galaicas o ponto de honra desses encontros.

Em 1989, o Prof. Dr. Rui Penha, Prof. Dr. Branco Correia e Dr. José Luís Reis publicam um Livro intitulado "AUDIOLOGIA CLÍNICA-TEORIA E TÉCNICAS".

No Editorial é referido que este livro foi pensado no sentido do auxílio que possa prestar aos colegas, aos estudantes e às técnicas de audiologia que iniciam o estudo desta Ciência.

Em Dezembro de 1989, por ocasião das I Jornadas Portuguesas de Audio-fonologia, saiu uma nova Revista intitulada: **REVISTA PORTUGUESA DE AUDIO-FONOLOGIA**, órgão oficial da "ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE AUDIO-FONOLOGIA".

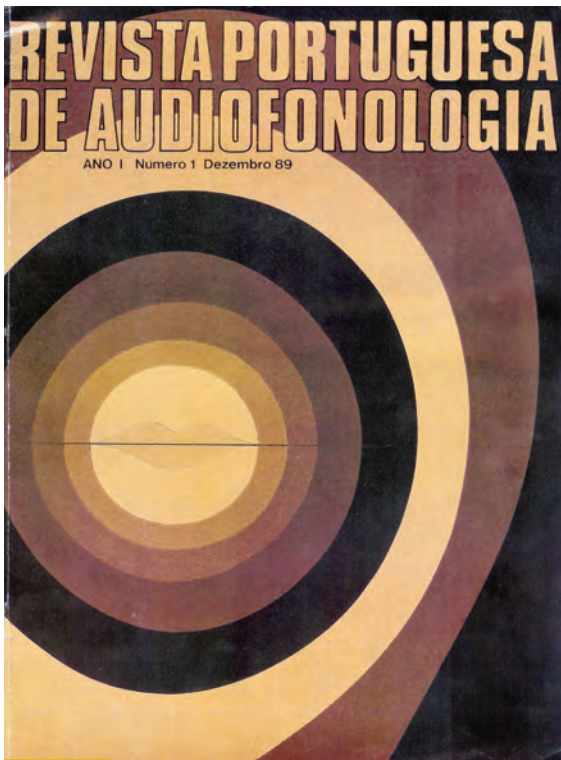


FIGURA 265

REVISTA PORTUGUESA DE AUDIO-FONOLOGIA - ANO I N°1 - 1989

A DÉCADA DE 90

A CONSOLIDAÇÃO

A **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA** de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial decorreu em Coimbra de 6 a 8 de Dezembro de 1990, tendo como organizador o Dr. Carvalho Sofia e como convidados estrangeiros o Dr. Alvarez Vicent; Dr. Guy Cornut; Dr. R. Charachan e Dr. R. Dauman.

É também em 1990 que se dá o falecimento do Prof. Dr. JOSÉ NOBRE LEITÃO.

O ano de 1991 fica marcado pelo **VI CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL** que decorreu no Estoril de 29 de Maio a 2 de Junho de 1991 com a presença de mais de 300 participantes dos dois países.

No ano de 1991 dá-se o falecimento do Dr. ANTÓNIO PINHO E MELO.

A Revista Julho/Agosto 1991 publica um texto do Dr. Pinho e Melo sobre o passado, o presente e os caminhos do futuro na Otorrinolaringologia, que ainda hoje se mantém actualizado nos conceitos e perspectivas para a nossa Especialidade. O Dr. Pinho e Melo, foi um dos pioneiros no estudo da Audio-Fonologia em Portugal.

XI CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

O XI CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA decorreu na Praia da Granja, tendo como organizador o Prof. Dr. Pais Clemente e como Presidente o Prof. Dr. Rui Penha.

O tema do Congresso foi "**MÉTODOS DE DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA EM OTORRINOLARINGOLOGIA**". Neste Congresso realizaram-se as eleições para os novos corpos gerentes da Sociedade, tendo concorrido uma lista única que foi eleita para o Triénio 1992/1994.

A tomada de posse da nova Direcção, que tinha sido eleita durante o congresso, deu-se no dia 7 de Março de 1992. A direcção ficou assim constituída:

DIRECÇÃO PARA O TRIÉNIO 1992/1994

Presidente	- Dr. José Luís Machado Aires
Vice-Presidentes:	- Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Seabra - Prof. Dr. Nuno Santiago Silva
Secretário-Geral:	- Prof. António Henrique Gameiro dos Santos
Tesoureiro:	- Dr. António Augusto Maia Gomes
Vogais:	- Dr. Abel Correia - Dr. Fernando Moreno Vaz Garcia - Prof. José Francisco Madeira da Silva - Dr. Carlos Barreira da Costa



FIGURA 266

REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL - 1990

O DR. JOSÉ LUÍS MACHADO AIRES nasceu a 22 de Março 1934 em Toubres, Murça, Vila Real. Licenciado em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina do Porto em 1959. Trabalhou no Serviço de ORL do Hospital de S. José de 1959 a 1962 como Estagiário, e depois como Interno contratado, 3 anos. Fez exame de Especialidade de ORL na Ordem dos Médicos em 18 de Março 1962 tendo sido aprovado por unanimidade.

Em 31 de Novembro de 1962 foi nomeado Médico Especialista do Serviço de ORL do Hospital S. João, após concurso, onde se classificou em 1º lugar. Em 11 de Janeiro de 1965 é nomeado para prestar serviço militar obrigatório no Ultramar, sendo colocado no Hospital Militar de Luanda onde desempenhou funções de Director de Serviço de ORL durante 2 anos. Em 1 de Setembro de 1966 é integrado no quadro do Hospital Escolar de S. João, como Médico graduado. Em 1967 regressou do serviço militar retomando as suas funções no Hospital Escolar de S. João. Prestou serviço em tempo parcial no Hospital de Crianças, Maria Pia, durante 10 anos. Em 1973 é nomeado Especialista do IPOFG Porto onde toma posse em 21 de Março de 1974. Em 1974 toma posse como Vogal da comissão instaladora do IPOFG Porto. Em 1983 passa à categoria de Chefe de Serviço ORL IPOFG. Em 1 de Fevereiro de 1986 é nomeado Director de Serviço ORL.

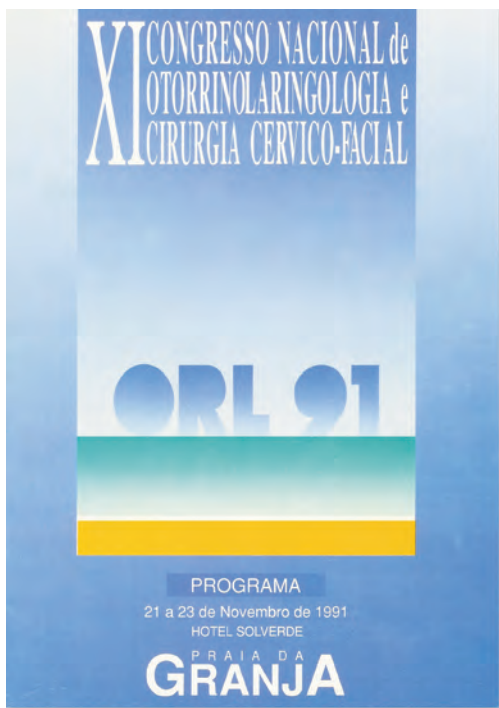
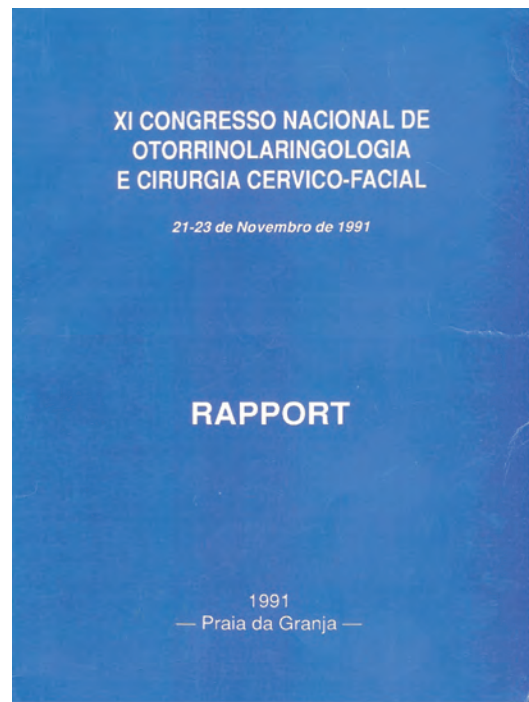


FIGURA 267

XI CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA - 1991



Foi Secretário-Geral da Sociedade nos 2 mandatos do Prof. Gameiro dos Santos.

Em 1992 foi eleito Presidente da Sociedade Portuguesa de ORL e Cirurgia Cérvico-Facial, tendo exercido no triénio 1992/1995.

A sua vida profissional foi dedicada especialmente ao estudo e tratamento do Cancro da Cabeça e Pescoço no Hospital de S. José com o Dr. Campos Henriques; inicia-se na Cirurgia Oncológica, no Hospital de S. João no Porto, trabalha com o Prof. Afonso Ferreira da Costa, continua a dedicar-se à Cirurgia Oncológica, tendo depois concorrido para o IPOFG Porto. No IPOFG implementou e desenvolveu a cirurgia da laringe, total e parcial, a cirurgia por LASER, a cirurgia reconstrutiva da Cabeça e Pescoço e a cirurgia da base do crânio, constituindo uma equipa e conseguindo que o seu Serviço se tornasse uma unidade de referência na Oncologia de Cabeça e Pescoço.

Em 27 de Setembro de 1992 dá-se o falecimento do Dr. LUÍS SOTERO GOMES que foi *Director do Serviço de ORL do Centro Hospitalar do Funchal de 1970 a 1985*.

Durante o ano de 1992 realizaram-se as reuniões dos três Núcleos. A 23 de Maio, em Braga, realizou-se a **Reunião do Núcleo Norte**, organizada pelo Dr. Bentes do Hospital de S. Marcos. A 24 de Outubro, em Lisboa, a **Reunião do Núcleo Sul**, organizada pelo Hospital de S. José, pelo Dr. Cabral Beirão com o tema "CIRURGIA ENDONASAL". A **Reunião do Núcleo Centro** realizou-se em Viseu a 7 de Novembro, organizada pelo Dr. Teixeira Meireles.

Nos dias 7 e 8 de Dezembro de 1992, sob a organização do Prof. Dr. Nuno Santiago e do Núcleo do Sul da Associação, realizou-se em Lisboa a:

REUNIÃO ANUAL DE 1992 DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL, cujos temas principais foram:

- Reabilitação vocal médica e cirúrgica no cancro da laringe, Neoplasias do cavum e Otites seromucosas.

Foram Convidadas as seguintes individualidades:

- Esteban Cvitkovik (França)
- Ingo Herrmann (Alemanha)
- K. B. Huttenbrink (Alemanha)
- Pedro Claros (Espanha)

No ano de 1993 realizou-se a 24 de Abril a **REUNIÃO DO NÚCLEO NORTE** com o tema: "OTITE MÉDIA CRÓNICA NA CRIANÇA: SURDEZ NA CRIANÇA", com a organização do Dr. Arnaldo de Matos, do Hospital Maria Pia do Porto.

Nos dias 14 e 15 de Maio realizou-se a **REUNIÃO DO NÚCLEO SUL** da Associação, no Hospital Garcia de Orta em Almada, numa reunião organizada pelo Dr. Marta Pimentel, tendo como tema a "CIRURGIA DAS GLÂNDULAS SALIVARES" e com a presença do Dr. V. Darrouzé. No mesmo mês realizou-se a **REUNIÃO DO NÚCLEO CENTRO** com o tema de "SURDEZ INFANTIL" e organizada pelo Dr. Manuel



FIGURA 268

CAPA DE REVISTA PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL ADOPTADA ENTRE 1993 E 1996

Filipe Rodrigues do Hospital dos Covões em Coimbra.

No decurso do Congresso Mundial de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial, realizado em Istambul, o Prof. Rui Penha, Catedrático da Faculdade de Ciências Médicas, foi eleito para o COMITÉ EXECUTIVO DA IFOS (*International Federation of OtorhinoLaryngological Societies*).

Criada aproximadamente há 90 anos, a IFOS é o órgão oficial a nível mundial da nossa Especialidade e representa as Sociedades de cada país. É constituída por um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário-Geral e quinze Conselheiros Executivos. Esta eleição veio preencher uma das duas vagas em aberto.

A **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE 1993**, realizou-se no Hotel Vermar da Póvoa do Varzim de 6 a 8 de Dezembro de 1993 e o tema foi:

"MÉTODOS ACTUAIS DE DIAGNÓSTICO E TERAPÉUTICA EM ORL" e contou com a presença de dois convidados estrangeiros, o Prof. Dr. J. Martinez Vidal de Espanha e o Prof. Dr. M. Waioff de França.

Durante o ano de 1994 as reuniões de Núcleo mantiveram-se, tendo-se realizado em Abril a Reunião do Núcleo Sul, com temas: **Laringectomia Sub-total Reconstrutiva; Laser em ORL e Infecções em ORL**. A organização pertenceu ao Prof. Dr. Nuno Santiago e os convidados foram: Prof. Dr. Remacle e Prof. Dr. Staffieri.



FIGURA 269

REUNIÃO ANUAL DE 1992

Em 9 de Julho, a **REUNIÃO DO NÚCLEO NORTE** decorreu no Hospital Senhora da Oliveira, em Guimarães, organizada pelo Dr. Fausto Fernandes.

Durante esse ano realizou-se, em Portugal, o:

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA VERTIGEM

Mais de 400 pessoas, principalmente Médicos ORL e Neurologistas, portugueses e estrangeiros, assistiram ao Simpósio Internacional da Vertigem que se realizou em Lisboa, no dia 18 de Novembro. Tratou-se da primeira realização do Grupo de Estudo da Vertigem, que reúne colegas daquelas Especialidades que se dedicam à Exploração Funcional e ao estudo de doentes do foro Otoneurológico. Nesta primeira reunião foi feita uma revisão sobre as principais questões levantadas pelas Vertigens.

Cerca de 20 palestrantes portugueses, pertencentes a diversos hospitais e com diferente formação (ORL, Neurologia, Neurocirurgia, Psiquiatria, Radiologia e Farmacologia), fizeram curtas comunicações sobre os temas propostos e os dois convidados estrangeiros - Profs. C. Claussen (Würzburg) e C. Conraux (Estrasburgo) proferiram duas conferências:

- "Physiopathology of vertigo and dysequilibrium in the scope of modern neurootology" por Claus Claussen;
- "Traitement chirurgical des vertiges" por C. Conraux.

O Simpósio foi presidido pelo Prof. Mário Andrea e organizado pelo Dr. Vaz Garcia. Teve o patrocínio da Associação Portuguesa de Otorrinolaringologia e da Sociedade Portuguesa de Neurologia.

A propósito desta reunião sobre vertigem, abro aqui um espaço para abordar a criação do **GEV** (Grupo de Estudo da Vertigem) e da **APO** (Associação Portuguesa de Otoneurologia).

A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OTONEUROLOGIA (APO)

A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OTONEUROLOGIA (APO) é uma associação que tem por objectivo agrupar os médicos das Especialidades de Otorrinolaringologia, Neurologia e outros profissionais de Saúde, com interesse comum na área Otoneurológica, com escritura lavrada no Quarto Cartório Nacional de Lisboa, com alterações em 30 de Dezembro 1997 e 30 de Março de 1998 e publicação no Diário da República de 29 de Agosto nº 199/97 suplemento, III série.

São seus sócios fundadores, o nº 1 Dr. Fernando Moreno Vaz Garcia (ORL), nº 2 Prof. Dr. Alberto José da Conceição Trancoso (ORL), nº 3 Dr. José Carlos Rosmaninho Seabra (ORL), nº 4 Dra. Maria Margarida Neves Ferreira de Vargas (ORL), nº 5 Prof. Dr. José Guilherme de Brito Cortez Pimentel (Neurologista), nº 6 Dra. Maria Conceição Valadas Monteiro (ORL), nº 7 Dr. Vítor Manuel Gabão Veiga (ORL), nº 8 Dra. Maria Helena Pereira Coelho Garcia (Neurologista), nº 10 Dr. António Bulha Dias Ferreira (ORL), nº 11 Dr. António Joaquim da Silva Entrudo (ORL) e nº 12 Prof. Dr. Carlos Alberto Barata Dias Garcia (Neurologista).

O GRUPO DE ESTUDO DA VERTIGEM (GEV), que esteve na origem da Associação, iniciou a sua actividade em 1994, tendo realizado diversos eventos científicos, nomeadamente simpósios e cursos, e editado publicações na área da Otoneurologia até à sua extinção em 1998.

O primeiro Presidente da APO foi o Dr. F. Vaz Garcia, em 1998. Sucederam-lhe nos triénios seguintes o Prof. Dr. Alberto Trancoso, o Dr. Carvalho Sofia e, por fim, o actual presidente Dr. Vítor Manuel Gabão Veiga.

Ao longo da sua existência, tanto a APO como o GEV efectuaram várias reuniões e cursos no âmbito da Otoneurologia, de que se destacam as seguintes:

- I Simposium Internacional de Vertigem
Novembro de 1994 - Lisboa, GEV
- Curso sobre Vertigem e Perturbações do Equilíbrio
Maio de 1996 - Estoril, GEV

- II Simposium Internacional de Vertigem
Maio de 1996 - Estoril, GEV
- III Simposium Internacional de Vertigem
Janeiro de 1998 - Espinho, GEV
- II Curso Sobre Vertigem e Desequilíbrio
Novembro de 1998 - Lisboa, APO
- Vertigem Coimbra 99
Janeiro de 1999 - Coimbra, APO
- Vertigem 2001
Dezembro de 2001 - Angra do Heroísmo
- Reunião anual da APO - Avanços em Otoneurologia
Novembro de 2002 - Coimbra
- 30º Congresso anual do NES - Abril de 2003 - Porto
- 1ª Curso Teórico-prático de Vertigem
Dezembro de 2003 - Coimbra
- Curso Teórico-prático sobre Exploração Funcional
na Vertigem - Dezembro de 2004 - Lisboa
- Otoneurologia 2005
Abril de 2005 - Angra do Heroísmo
- 2º Curso Teórico-prático de Vertigem
Outubro de 2005 - Coimbra
- APO Otoneurologia 2006
Junho de 2006 - Porto
- Exploração Vestibular Funcional
Novembro de 2006 - Lisboa
- Reunião anual da APO
Março de 2007 - Coimbra
- Otoneurologia 2008
Junho de 2008 - Viana do Castelo
- Encontro de Inverno da APO
Fevereiro de 2009 - Ericeira
- Otoneurologia 2009
Junho de 2009 - Carvoeiro
- II Reunião de Inverno da APO
Março de 2010 - Ericeira

São Sócios Honorários da APO, o Prof. Dr. Claude Conraux, Prof. Dr. C. F. Claussen, Prof. Dr. Wolf-Dieter Scheineider, Prof. Dr. Torcuato Labella, Prof. Hermínio Perez Garriguez e o Dr. F. Vaz Garcia.

Em 1994, o Prof. Dr. Carlos Miguéis publicou em Coimbra um Livro intitulado **"SURDEZ"**. Este livro foi dedicado ao Prof. Michel Portmann e à Dra. Claudine Portmann.

Refere o autor: *"Michel Portmann, para quem a natureza foi pródiga, é, dos humanos que conheço, um daqueles que, a meus olhos, numa só pessoa, o maior número de qualidades congrega!"*

Igualmente em 1994 foi publicado um **"ATLAS DA PATOLOGIA DO OUVIDO"** da autoria do Dr. Alves dos Santos e com a colaboração do Dr. António Entrudo e do Dr. Orlando Lopes; este Atlas que é dotado de uma excelente qualidade gráfica, teve o seu prefácio escrito pelo Prof. Dr. Jean Pierre Bebear.



FIGURA 270

MESA DA PRESIDÊNCIA DURANTE UMA DAS REUNIÕES DA APO

Decorreu de 25 a 28 de Agosto, a Reunião Anual do Board de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial da União Europeia de Médicos Especialistas (U.E.M.E.), na qual foi eleito Presidente o Prof. Dr. ANTÓNIO HENRIQUE GAMBREIRO DOS SANTOS.

XII CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

Realizou-se em Macau, de 12 a 14 de Setembro, o XII CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL, com o patrocínio do Governo do território, teve como temas: "OTITE CRÓNICA" E "TUMORES DA NASOFARINGE".

Cerca de 250 pessoas, entre participantes e acompanhantes, estiveram presentes nas diferentes actividades científicas e sociais, do Congresso. Foi lida uma Mensagem do Dr. Adolfo Rocha (Miguel Torga) pelo Prof. Carlos Miguéis dirigida a todos os congressistas presentes em Macau:

"O difícil para cada português não é sê-lo; é compreender-se.

Nunca soubemos olhar-nos a frio no espelho da vida. A paixão tolda-nos a vista. Daí a espécie de obscura inocência com que actuamos na História. A poder e a valer, nem sempre temos consciência do que podemos e valem. Hipertrofiamos provincianamente as qualidades alheias e minimizamos maceradamente as nossas, sem nos lembrarmos sequer de que uma criatura só não presta quando deixou de ser inquieta. E nós somos a própria inquietação encarnada. Foi ela que nos fez transpor todos os limites espaciais e conhecer todas as longitudes humanas."

"Quatrocentos anos depois de a termos alargado até este extremo oriente, estamos a despedir-nos de um recanto da pátria e a evocar Camões não, como disse, em termos formais, mas em termos factuais. É uma definitiva meta cronológica que irrevogavelmente assinalamos. E, numa circunstância



FIGURA 271

MEDALHA DO CONGRESSO DE 1994 EM MACAU

tão significativa, tudo quanto disséssemos e fizéssemos à revelia do maior de todos os portugueses seria lamentavelmente negativo. Sem a benção do seu nome e o critério da sua universalidade, nem daríamos um penhor válido de nós, nem poderíamos ter a certeza de voltar. De voltar eternamente."

Dr. ADOLFO ROCHA (MIGUEL TORGA)

Durante o Congresso de Macau realizou-se a Assembleia-Geral da Associação, em que foi decidido que as eleições para a Direcção se realizariam nas Jornadas do Médico Interno em Dezembro, e foram nomeados **Sócio Honorário da Associação:**

- General Rocha Vieira
- Prof Dr. Wayan Singh de Edimburgo



FIGURA 272

XII CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL - MACAU 1994



FIGURA 273

DR. MANUEL FILIPE PEREIRA RODRIGUES

A eleição da nova Direcção realizou-se no dia 10 de Dezembro de 1994, e a Direcção eleita para o triénio 1995/1997, foi a seguinte:

DIRECÇÃO 1995/1997

Presidente:	- Manuel Filipe Pereira Rodrigues
Vice-Presidentes:	- Alivar Manuel Cunha Jones Cardoso - António Augusto Maia Gomes
Secretário-Geral:	- António Carlos Eva Miguéis
Tesoureiro:	- Maria Emília Gomes
Vogais:	- António Carlos Faria de Sousa Vieira - Joaquim Manuel de Almeida Ribeiro - Jorge Manuel Rosa Domingues - Vital Vieira Calado

MANUEL FILIPE PEREIRA RODRIGUES é Licenciado pela Faculdade de Medicina de Coimbra, fez a sua preparação na Alemanha, onde estagiou demoradamente. Chefe de Serviço de ORL no Centro Hospitalar de Coimbra, após aprovação em concurso público, passou a dirigir o Serviço de ORL daquele organismo assistencial a partir de 1980. Organizou diversas reuniões internacionais com a colaboração de Professores Alemães e Espanhóis.

Em 16 de Março de 1985, o Dr. Manuel Filipe iniciou, de forma pioneira em Portugal, o tratamento da surdez total ou profunda bilateral por implantes cocleares. Foi Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de ORL no triénio de 1995/1997.

Também notícia importante para a nossa Associação foi a nomeação do Prof. Dr. Gameiro dos Santos para o Comité Executivo da EUFOS, passando a representar a Península Ibérica. A duração do mandato foi de 4 anos. A EUFOS era presidida na altura pelo Prof. Mirko Tos (Dinamarca).

O ano de 1995, começa com a triste notícia da morte de **ADOLFO ROCHA/MIGUEL TORGA**. Na Revista da Associação é publicado um pequeno texto de Homenagem ao Escritor e ao Médico:

“Embora fosse um desenlace esperado, a notícia não diminuiu a nossa sensação de privação. Da perda de quem falou magistralmente de Portugal, do Homem português. De quem foi uma referência ética, arauto da consciência nacional. Que se afastou deliberadamente de associações literárias ou médicas, da sedução do Poder, dos compadrios. Que denunciou a mediocridade, o oportunismo, a vaidade, a hipocrisia, as invejas. Que viu a sua obra sofrer censura. Que defendeu a liberdade, todas as vezes que a achou ameaçada. E que por tal razão foi preso por uns e escarnecido por outros. Médico e escritor. Mais escritor do que Médico. Um dos maiores escritores da língua portuguesa.

Miguel Torga era o pseudónimo literário do Dr. Adolfo Rocha, Médico Otorrinolaringologista, nascido em 1907, em

Trás-os-Montes, e residente em Coimbra. Após uma infância e adolescência difíceis, em que trabalhou como marçano e porteiro, frequentou o Seminário e se viu obrigado a emigrar para o Brasil, licenciou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra. Como Médico fez Clínica Geral em algumas aldeias do país, estabeleceu consultório em Leiria e depois à entrada de Coimbra, no Largo da Portagem, onde exerceu a sua clínica de “Ouidos, Nariz e Garganta.”

A origem do pseudónimo tem a ver com uma urze comum em Trás-os-Montes, que se chama torga. Miguel era uma homenagem a Cervantes, Unamuno e Molina.

A obra literária de Torga abrangeu Poesia, narrativa autobiográfica, ficção, teatro. A análise da sua importância não cabe no âmbito desta revista. Mas o testemunho da sua vivência de Médico, e sobretudo de Otorrinolaringologista, ficou espalhado pelas páginas do Diário e de A Criação do Mundo. As melhores homenagens que poderemos fazer-lhe são ler as suas obras.”

Foi no dia trinta de Janeiro de 1994, que um grupo de especialistas, em representação de várias associações internacionais, cujos objectivos assentam no estudo dos problemas da voz, se reuniram em Sintra, Portugal, a fim de constituírem uma nova associação mundial, que foi denominada “CONSÓRCIO MUNDIAL DA VOZ.”

Realizou-se na cidade do Porto, entre os dias 9 e 13 de Abril de 1995, o: **I CONGRESSO MUNDIAL DA VOZ.**

Com a participação de aproximadamente mil congressistas provenientes de todo o mundo, a reunião contou com a presença de altas individualidades mundiais no domínio da ciência e artes vocais, bem como de ilustres médicos especialistas portugueses e um vasto conjunto de técnicos com interesses nesta área.

Em 1995 realizou-se em Lisboa um congresso intitulado: **OTORRINOLARINGOLOGIA - O 3º MILÉNIO**. No limiar do século XXI, o Prof. Rui Penha, presidiu ao Congresso, o qual decorreu em Lisboa entre os dias 19 e 22 de Junho. Sob o ponto de vista científico, a reunião atingiu os objectivos a que se propusera, pois foram ilustres figuras da Otorrinolaringologia Nacional e Internacional a participarem em mesas redondas, comunicações livres e vídeos.

A **Reunião do Núcleo Norte** da Associação realizou-se no Hospital de Santa Luzia, em Viana do Castelo, os temas foram: **Tumores em ORL** e **Paralisia Facial**. A organização coube ao Dr. Monteiro Marques e ao Dr. Maia Gomes.

A **REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA** decorreu em Coimbra, em 8 e 9 de Dezembro de 1996 e os temas foram:

- ALERGIA EM ORL;
- OTITE MÉDIA CRÓNICA;
- SEPTORINOPLASTIA;
- CIRURGIA PLÁSTICA E RECONSTRUTIVA DA FACE.

Durante o Congresso Nacional de Otorrinolaringologia que decorreu em Coimbra, realizou-se a Assembleia-Geral Anual da Associação Portuguesa de Otorrinolaringologia, que tomou importantes decisões em relação ao futuro, tendo sido propostas e aprovadas por unanimidade várias resoluções.

Assim foi decidido que as Reuniões Anuais do Congresso e as Assembleias-Gerais passariam a realizar-se entre a última quinzena de Abril e a última semana de Maio.

Em relação aos Estatutos decidiu-se a limitação do exercício da Presidência da Associação a um único Mandato de três anos, adoptou-se o princípio da rotatividade da Presidência entre os três Núcleos.

A Associação passaria a ter contabilidade organizada, com a documentação necessária para a demonstração dos resultados. Foi decidido substituir o símbolo da Associação/Sociedade por um mais moderno que seria apresentado numa nova Assembleia para aprovação final.

Tal como ficou previsto na revisão dos Estatutos, a REUNIÃO ANUAL DE 1996 DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL, realizou-se em Angra do Heroísmo, Açores de 22 a 24 de Maio de 1996.

De 15 a 17 de Maio de 1997 realizou-se no Auditório do novo Hospital Pedro Hispano em Matosinhos, A REUNIÃO ANUAL DE 1997, da Associação Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial, cuja organização esteve a cargo do Serviço de ORL daquele Hospital, dirigida pelo Dr. Maia Gomes.

Na Assembleia-Geral, realizada durante a Reunião Anual de Matosinhos, foram propostos e aprovados para **Sócios Honorários**:

- Dr. Amílcar Aristides Caseiro e
- Prof. Dr. Carlos Alberto dos Santos Miguéis

Um dos aspectos que esta direcção procurou dinamizar foi o convívio entre os Membros da Associação e as suas Famílias, assim entendeu realizar aquilo a que chamou **ORLIMPÍADAS** que se realizaram no Palace Hotel da Curia de 26 a 28 de Setembro de 1997.

Durante o mês de Dezembro de 1997 realizou-se o **I Congresso Luso-Brasileiro de Otorrinolaringologia** em S. Paulo, no Brasil.

De 27 a 30 de Maio de 1998, realizou-se, o que decorreu conjuntamente com o **XIII Congresso Nacional de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial**, o **I Congresso Lusófono de Otorrinolaringologia**. Ambos os eventos se realizaram em Coimbra.

Na Assembleia-Geral, que se realizou durante o Congresso Nacional, foi decidido nomear **Sócio Honorário da Associação** o:

- DR. ANTÓNIO DE LA CRUZ



FIGURA 274

CAPA DA REVISTA PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL ADOPTADA ENTRE 1996 E 1998

O Dr. António de La Cruz, um dos mais extraordinários Cirurgiões Otológicos que tive a felicidade de ver operar ao vivo, era um grande amigo de Portugal e dos Portugueses, falando fluentemente o Português, faleceu súbitamente em Setembro de 2009.

Neste Congresso foi eleita a **Nova Direcção** que ficou assim constituída:

DIRECÇÃO 1998/2000

- | | |
|--------------------------|--|
| Presidente: | - Alivar Manuel Jones Cardoso |
| Vice-Presidentes: | - António Augusto Maia Gomes
- Jorge Carvalho Sofia |
| Secretário-Geral: | - João António Marta Pimentel |
| Tesoureiro: | - Luís Manuel Neves Sotero Gomes |
| Vogais: | - António Carlos Faria de Sousa Vieira
- João José Parra Edward Clode
- João Renato Branquinho Prata
- José António Dinis Saraiva |



FIGURA 275

REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL - 1997



FIGURA 276

XIII CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL E I CONGRESSO LUSÓFONO DE OTORRINOLARINGOLOGIA - 1998

ALIVAR MANUEL CUNHA JONES CARDOSO, nasceu a 10 de Janeiro de 1937 no Sítio da Choupana, Freguesia de S. Maria Maior, Funchal, cidade onde frequentou a Instrução Primária e Liceu. Em 1955 ingressou no Curso de Medicina na Faculdade da Universidade de Coimbra. Casou em 1962 tendo 3 filhos. Faleceu subitamente em 2006.

Em 1962, já licenciado, iniciou como voluntário o estágio de Otorrinolaringologia nos Hospitais da Universidade de Coimbra, dirigido pelo Sr. Professor Guilherme Penha. No final de 1964 transferiu-se para Lisboa onde, sob a orientação do Sr. Professor Nobre Leitão, estagiou nos Hospitais da Marinha e Misericórdia. Em Maio de 1966, perante o Júri nomeado pela Ordem dos Médicos e presidido pelo Dr. Campos Henriques, obteve o título de Especialista em Otorrinolaringologia. Neste ano foi para o Funchal, ingressando no Hospital Distrital do Funchal, Serviço de ORL, dirigido pelo Dr. João Valente e a partir de 1970 pelo Dr. Sotero Gomes.

Em 1985, data em que o Dr. Sotero Gomes atingiu o limite de idade, após concurso público, foi nomeado Director do Serviço, cargo que ocupou até à sua aposentação em Junho de 2001.

Para além da Direcção do Serviço, ocupou em algumas Direcções Clínicas o pelouro de Director da Consulta Externa e do Bloco Operatório.

Foi Director do Hospital e Director Regional dos Hospitais.



FIGURA 277

DR. ALIVAR CARDOSO (1937 - 2006)



FIGURA 278

JOÃO CLODE COM O DR. ANTÓNIO DE LA CRUZ EM LOS ANGELES EM 1988

Relativamente à da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial:

- **Vice-Presidente** de 1995 a 1998
- **Presidente** de 1998 a 2001

Participou activamente em muitas reuniões da Especialidade e publicou muitos artigos, sendo de salientar “Uma bala na Corda Vocal”, publicado no “Journal of Laryngology and Otology”.

Apresentou no Congresso Mundial de Sydney uma comunicação e um Vídeo sobre o “Retalho Miocutâneo do Grande Peitoral” e presidiu a uma Mesa redonda no Congresso Europeu de ORL em Berlim, cujo tema foi Oncologia “Management of the No Neck”.

Nos seus tempos livres fez Automobilismo, Golf, Desportos Náuticos e Montanhismo, tendo vencido uma regata Internacional, Las Palmas, Funchal.

Foi Presidente do Rotary Club do Funchal e do Club Naval do Funchal.

Transcrevo parte do Editorial da revista em que o novo Presidente expõe os objectivos da nova Direcção:

“Assumindo recentemente a Direcção da nossa Sociedade, as nossas primeiras palavras são para TODOS OS SÓCIOS, que procuraremos INDISCRIMINADAMENTE servir, de modo a prestigiar e valorizar a nossa Especialidade.”

As nossas prioridades serão a Revista, a Reunião Anual, as Reuniões de Núcleo e a representação internacional.

A globalização da Revista através da Internet está já praticamente concluída, o que nos obrigará a proceder a pequenas alterações exigidas para termos acesso à mesma. Procuraremos manter os prémios para os melhores trabalhos apresentados, tentando elevar o seu nível científico. A classificação dos artigos pelos próprios, talvez seja um dos pontos que terão de ser alterados.

Vamos dividir as Comunicações Livres em três grupos: Otorlogia, Rinologia e Laringologia-Cirurgia Cérvico-Facial, criando um prémio para a melhor comunicação de cada um destes três grupos, assim como um prémio para o melhor vídeo e poster.

Vamos reactivar as Reuniões de Núcleo”.

Tal como foi anunciado, foram retomadas as Reuniões de Núcleo e assim, houve em 1999, várias Reuniões de Núcleo e a Reunião Nacional que passamos a descrever:

Nos dias 23 e 24 de Janeiro de 1999 realizou-se a **REUNIÃO DO NÚCLEO NORTE DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA** no Auditório do Hospital de Vila Real. A Organização esteve a cargo do Serviço de ORL do Hospital de Vila Real (Director: Dr. Carlos Sousa) e do Dr. Maia Gomes (Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de ORL).



FIGURA 279

CAPA DE REVISTA PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL ADOPTADA ENTRE 1998 E 2005

Os Temas principais do congresso foram **Estética - A Arte e a Clínica; Rinoplastias; Laser na Cirurgia Estética; Cirurgia da Face; Cirurgia do Pavilhão Auricular; Ética em ORL; Mentoplastias e Cirurgia da ATM.**

Teve lugar em Évora nos dias 12 e 13 de Novembro de 1999 a **REUNIÃO DO NÚCLEO SUL DA SPORL**, cuja organização esteve a cargo dos colegas que integram o quadro de ORL do Hospital Distrital de Évora e de que é Director o Dr. Francisco Aguilár.

Houve várias comunicações sobre temas diversificados da nossa Especialidade, a cargo dos Serviços de ORL dos Hospitais do Barreiro, Abrantes, Egas Moniz, Garcia de Orta, S. José, IPO - Lisboa, D. Estefânia, Fernando da Fonseca e CUF.

Contou igualmente com a colaboração de colegas espanhóis da Sociedade Extremena de ORL, os Drs. António Blasco (Badajoz), Benjamin Garcia (Cáceres) e Vicente Guillen Asensio (Mérida), que proferiram conferências sobre Patologia Cervical.

O Dr. Gilbert Aiach (paris), ministrou um curso teórico-prático sobre "Rinoplastia" com o rigor e a clareza próprias de uma personalidade destacada naquela área a nível mundial.

A Reunião teve a participação de 160 Especialistas nacionais e espanhóis, sendo igualmente de realçar o seu programa social criteriosamente preparado pela organização.

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL - 1999

A Reunião Anual da SPORL/CCF que contou com a presença de 430 participantes teve lugar em Cascais no Hotel Estoril-Sol. O número de trabalhos científicos apresentados sob a forma de Comunicações Livres, Posters e Vídeos foi de 103, tendo estes sido avaliados por Júris.

Realizou-se nos dias 14 e 15 de Janeiro de 2000, nos Auditórios dos Hospitais da Universidade de Coimbra, a **Reunião do Núcleo do Centro da Sociedade.**

Teve lugar em Vilamoura no Marinotel de 26 a 29 de Abril a **REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL DE 2000.**

Contou com a presença de 359 participantes. O número de trabalhos científicos apresentados sobre a forma de comunicações livres, vídeos e posters foi de 114, tendo sido distribuídos por áreas e avaliados por júris que os premiaram.

Foram ministrados 8 cursos Teórico-Práticos por Especialistas nacionais e estrangeiros que obtiveram uma grande adesão pelos participantes, para os quais se registaram 404 inscrições.

O Congresso teve a colaboração de 13 palestrantes estrangeiros, entre os quais o Presidente da Sociedade Francesa de Oncologia Cérvico-Facial, Prof. P. GEHANNNO, o Secretário-Geral da Sociedade Francesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia da Cabeça e Pescoço, Prof. F. CHABOLLE e o Secretário-Geral da Sociedade Espanhola de Otorrinolaringologia e Patologia Cérvico-Facial o Prof. P. ORTEGA Del ALÁMO.

Nos dias 27 e 28 de Outubro de 2000, decorreu no Centro Cultural de Belém e no Hospital CUF, a **REUNIÃO DO NÚCLEO SUL DA SPORL** que nesse ano foi simultaneamente a **REUNIÃO ORL DO HOSPITAL CUF.**

Estiveram presentes alguns dos melhores Especialistas na área da vertigem, o Prof. Joel Goebel da Universidade de Washington, o Prof. Moisés Arriaga de Pittsburgh, Otorrinocirurgião, o Prof. Torcuato Labella da Universidade de Santiago de Compostela e o Prof. Lobo Antunes.

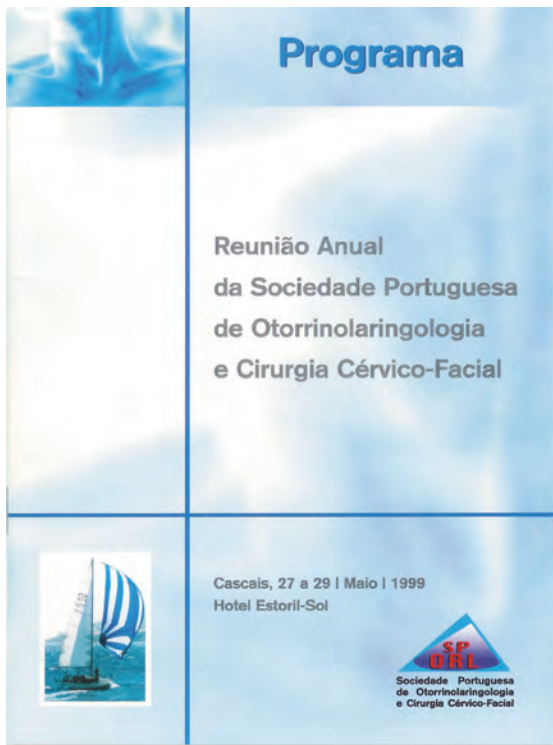


FIGURA 280

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL - 1999

Houve quatro *Workshops* nos quais se procurou trazer algumas técnicas ou opções inovadoras para a nossa especialidade. Contou-se para isso com o Prof. Buchwald da Universidade de Copenhague, que apresentou as vantagens da cirurgia teleguiada por computador, do Prof. Manuel Manrique, que na Universidade de Navarra tem a maior casuística de implantes do ouvido médio, e ainda do Prof. La Vieille da Universidade de Grenoble, que falou dos resultados da utilização das novas próteses de titânio. No dia 28 decorreram no Hospital C.U.F 10 Cursos Práticos: **Cirurgia da Vertigem, Manobras Reabilitadoras, Utilização das Plataformas de Posturografia, Curso de Tomografia Computorizada, Ressonância Magnética, Fibroscopia e de Anatomia Patológica.** Foram ainda apresentados dois cursos da Academia Americana, o primeiro sobre o exame do doente vertiginoso e o segundo, um curso avançado sobre problemas do mergulho.

Estiveram presentes 312 participantes, e a sessão inaugural foi presidida pelo Secretário de Estado da Saúde.

De 29 a 31 Março de 2001 teve lugar em Barcelona, o **CONGRESSO IBÉRICO DE ORL**, do qual foi Presidente o Dr. Emílio García Ibáñez e em cuja organização estiveram envolvidas a Sociedade Espanhola de ORL, Sociedade Portuguesa de ORL e o Instituto de Otologia García-Ibáñez.

Estiveram inscritos 240 participantes de ambos os países e contou com 24 palestrantes portugueses que integraram mesas redondas sobre temas de grande actualidade: **Roncopatia e Apneia do Sono, Cirurgia Endonasal, Rinoseptoplastia, Cirurgia da Base do Crânio, LASER em cirurgia laríngea, Cirurgia do ouvido crónico, Implantes do ouvido, Reabilitação vocal do laringectomizado, Tumores da cavidade oral, Diagnóstico da Vertigem e reabilitação vestibular.**

Para além das mesas redondas foram proferidas Conferências de grande nível Científico, assim como Comunicações Livres, Vídeos e exibição de Posters.

A SPORL e CCF fizeram-se representar pelo seu Presidente, Dr. Alivar Cardoso e pelo Secretário-Geral Dr. João Marta Pimentel.

No decorrer do Congresso proporcionou-se um convite para visitar a Biblioteca particular do Professor Dr. E. Perelló Scherdel, considerada uma das maiores Bibliotecas de ORL mundiais e que possui uma organização exemplar.



FIGURA 281

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL DE 2000



FIGURA 282

REUNIÃO DO NÚCLEO SUL DA SPORL - 2000

Organizada pelo Serviço de ORL do Hospital da Senhora da Oliveira em Guimarães, decorreu nos dias 20 e 21 de Abril de 2001 a REUNIÃO DO NÚCLEO DO NORTE da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia, nas instalações daquele Hospital. O tema escolhido para a reunião foi "Roncopatia e Síndrome de Apneia Obstrutiva do Sono".

Participaram como palestrantes e conferencistas, colegas da Especialidade e de outras Especialidades, nomeadamente de Neurologia, Pneumologia, Maxilo-Facial e Endocrinologia.

Como conferencistas participaram colegas nacionais e estrangeiros com grande prestígio. De entre eles Prof. Robert Maisel (Minneapolis - USA), Prof. Dr. Torcuato Labella (Santiago Compostela - Espanha), Dr. Winfried Hoehnurth (Alemanha).

Estiveram presentes cerca de 280 congressistas.

Foram feitas ainda duas conferências sobre o tema S.A.O.S. e acidente de viação, pelo Prof. Dr. Robert Maisel e obesidade, e S.A.O.S. pela Prof. Dra. Helena Cardoso.

No dia 21 foram efectuadas seis cirurgias em directo com técnica clássica (Fugita), LASER, Coblation e Radiofrequência, sendo comentadas por colegas com experiência. Da parte da tarde, e com a presença de cerca de 56 colegas, foram ministrados cursos em modelo animal de cada uma das técnicas, devidamente monitorizados.

A notícia do falecimento do Dr. NASCIMENTO FERREIRA, sócio nº 2 da Sociedade e do Dr. Jaime Portugal sócio nº 9, veio referenciada nas páginas da revista, tal como transcrevemos:

"Em Agosto último, vítima de atropelamento, faleceu em Viseu o Sócio Honorário e Sócio nº 2 da nossa Sociedade, Dr. Fernando Marques do Nascimento Ferreira, que tinha em cada um de nós um amigo. Tendo nascido a 20.09.1921, licenciou-se pela Faculdade de Medicina de Coimbra.

Fez a sua preparação de ORL no serviço de ORL do Hospital de S. José sob a orientação do Dr. Costa Quinta.

Começou a trabalhar como voluntário no Hospital de Viseu em 1955, tomando posse do cargo de Adjunto em 1958. Nomeado Chefe de Serviço em 1967, foi Director do Serviço de ORL até à sua aposentação, devendo-se-lhe as primeiras intervenções de microcirurgia do ouvido no norte do País.

Foi Vice-Presidente da nossa Sociedade e organizou, de forma ainda hoje recordada, a reunião que a Sociedade efectuou em Viseu em 1980.

Era sócio da Sociedade Portuguesa de Hidrologia, do Clube de Caçadores e Pescadores de Viseu, do Clube de Caça e Pesca da Herdade do Padrão e do Clube de Caça e Pesca de Nelas.

Casado com a Sra. D. Neyde Sampaio Nascimento Ferreira, tinha 4 filhos."

"Foi com pesar que tomamos conhecimento do recente falecimento do colega Dr. Jaime Barbosa da Cruz Vaz Portugal, residente em Coimbra.

Tendo nascido a 10/5/1921 e concluído a sua formatura em 21/12/1945, gozava de gerais simpatias entre os colegas da Especialidade, nomeadamente nos do seu tempo que melhor o conheciam.

Era o sócio nº 9 da Sociedade pois estava inscrito desde 14/3/1958."

XIV CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

Realizou-se de 23 a 26 de Maio de 2001, no Funchal, o XIV CONGRESSO NACIONAL DE ORL E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL, do qual foi Presidente de Honra o Dr. António De la Cruz e Presidente do Congresso o Dr. Alivar Cardoso.

Participaram neste evento o Presidente da Sociedade Brasileira de ORL, Prof. Luc Weckx, o Presidente da Sociedade Espanhola, Professor Pedro Quesada, o Presidente da Sociedade Francesa de Cirurgia Estética da Face, Prof. J. J. Pessey, e o Secretário-Geral da Sociedade Espanhola de ORL, Prof. Carlos Cenjor, dentre outras personalidades estrangeiras.

O Congresso contou com a presença de 325 participantes nacionais e o programa científico foi integralmente cumprido englobando Conferências, Mesas Redondas, Comunicações Livres, Vídeos e exibição de Posters. Foram ministrados seis Cursos Teórico-Práticos e dois Simpósios.



FIGURA 283

XIV CONGRESSO NACIONAL DE ORL E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

As Comunicações Livres, Vídeos e Posters foram avaliados por Júris que distribuíram os prémios aos melhores trabalhos pelas respectivas áreas.

Durante o Congresso foi lançado um Livro intitulado: **“QUEM É QUEM NA OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA”**, coordenado pelo Dr. João Clode e com a colaboração de todos os que enviaram os seus dados pessoais.

“QUEM É QUEM NA OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA”

“A ideia da realização deste livro surgiu na sequência de uma ideia inicial que era a actualização do livro do Dr. José António de Campos Henriques, “A Otorrinolaringologia em Portugal - Subsídio para a sua História”.

*Uma actualização ou mesmo um novo livro implicaria um aturado trabalho de pesquisa, que não foi possível de fazer durante o mandato desta direcção, pelo que se decidiu fazer o **Quem é Quem na ORL Portuguesa**, de modo a que nos possamos conhecer um pouco melhor, associando os nomes às caras, conhecendo os hobbies e interesses de cada um e ficando com os respectivos contactos.”*

Estas palavras que escrevi no editorial do livro, talvez expliquem um pouco o desejo da realização desta história que está nas vossas mãos.

O Dr. Alivar Jones Cardoso, ao terminar o seu mandato, fez um editorial da revista, que representa um balanço, necessariamente resumido do seu mandato:

“Ao terminar o mandato de Presidente, quero em primeiro lugar saudar todos os colegas, Sócios da nossa Sociedade e dum modo muito especial todos aqueles que contribuíram

para o êxito do nosso mandato, enviando comunicações, vídeos e posters para os nossos reuniões e artigos para a revista, tornando possível a nossa missão que é desenvolver e prestigiar a Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico Facial Portuguesa.

As duas Reuniões Anuais que realizámos no Estoril e Vilamoura, o Congresso no Funchal, as várias reuniões de Núcleo, sempre com elevada participação de colegas, são a prova irrefutável que houve uma simbiose perfeita entre a Direcção e os Sócios.

O número de inscrições em qualquer destas reuniões, mais de trezentos para uma Sociedade que conta com mais de quinhentos sócios, num País onde trabalham cerca de quinhentos otorrinolaringologistas, é notável e supera as presenças nas reuniões de outros países com os quais temos contactado.

O número de trabalhos apresentados, 114 no Estoril, 114 em Vilamoura e 110 no Funchal, para além dos cerca de 100 artigos publicados na Revista, são uma prova evidente da vitalidade da Otorrinolaringologia Portuguesa.

A todos os Corpos Sociais que intensa e abenegadamente colaboraram neste mandato, o nosso muito obrigado.

Ao terminar o mandato, e passando à qualidade de simples Sócio não quero deixar de tecer alguns comentários sobre o futuro da nossa Sociedade.

A Sociedade não dispõe de Sede própria, tendo vivido com a colaboração da Ordem, que funciona como Sede Social. Isto tem vantagens económicas mas não sabemos durante quanto tempo será possível continuar com esta situação, uma vez que o espaço de arquivo da Ordem é limitado, podendo levar-nos a perder parte do nosso património. Nas



FIGURA 284

"QUEM É QUEM NA OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA"

circunstâncias actuais pensamos que cabe a cada Direcção, ao terminar o seu mandato entregar na Ordem todo o material de que dispõe passando para a Direcção seguinte apenas o material mínimo indispensável para esta poder continuar o seu trabalho. Não é correcto pensar que um grupo de colegas, ao serem eleitos Corpos Sociais da Sociedade, tenham que dispor de um armazém para receber da Direcção anterior todo o material por aquela colecionado.

A falta de uma sede própria é uma necessidade para o futuro. Neste momento o património da Sociedade permitiria a aquisição duma sede própria mas os encargos com esta terão de ser ponderados.

Para além disto, no futuro teremos que candidatar-nos à realização de eventos internacionais, como aconteceu o ano passado ao apresentarmos a nossa candidatura ao Congresso Europeu. Uma organização deste género pode dar grandes lucros ou grandes prejuízos e não deverá ser a Direcção a suportar qualquer destas eventualidades, necessitando a Sociedade de ter um património para fazer face à situação criada.

Equacionar estes aspectos será um dos trabalhos da futura Direcção.

Ainda durante o nosso mandato melhorámos significativamente as nossas relações com a Sociedade Espanhola, ficá-

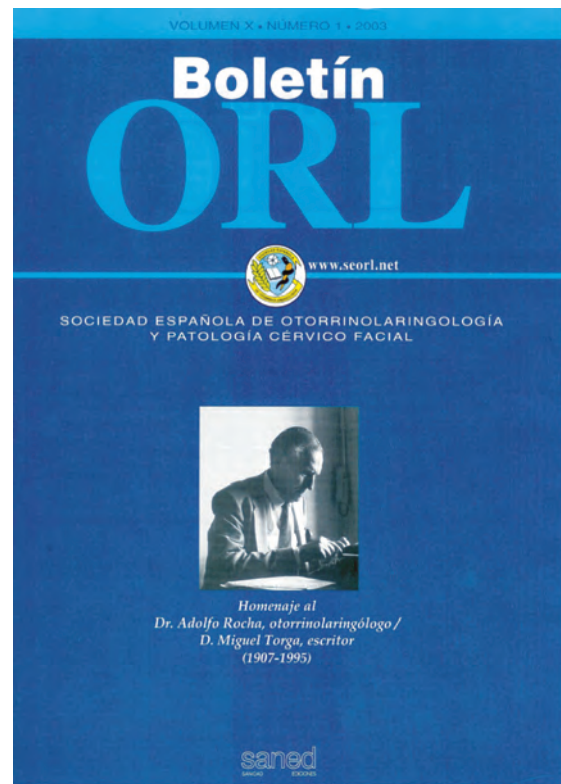


FIGURA 285

NÚMERO DO BOLETIM DA SOCIEDADE ESPANHOLA DE ORL
A ELOGIAR A MEMÓRIA DE MIGUEL TORGA

mos sócios correspondentes da Academia Americana e com esta realizámos uma reunião conjunta que é mais um ponto para a internacionalização da nossa Sociedade.

Contribuímos para a realização do "CONGRESSO IBÉRICO" que apesar de alguns pequenos incidentes no percurso sagrou-se um êxito, pelo que quero apresentar ao Dr. Emílio Garcia Ibáñez o nosso agradecimento pela sua organização.

A publicação do livro "Quem é Quem na ORL Portuguesa" que ficou a dever-se ao trabalho dum dos vogais da Direcção, o Dr. João Clode com o apoio da Roche Farmacêutica, é outra obra que deixamos, é apenas de lamentar que um maior número de colegas não tenha contribuído para que este trabalho seja um marco no futuro da ORL portuguesa.

Para terminar quero mais uma vez agradecer a colaboração de todos os elementos da Direcção, com uma palavra muito especial ao nosso Secretário-Geral Dr. João Marta Pimentel e aos seus colaboradores, entre os quais tenho que salientar o Dr. Carlos Alexandre, pelo exaustivo trabalho na publicação e revisão da Revista e na organização das Reuniões Anuais e Congressos. Quero também salientar a confiança que depositamos nos futuros Corpos Sociais e na pessoa do novo Presidente Dr. Maia Gomes e desejar a todos as maiores felicidades para o desempenho da sua difícil missão."

O 3º MILÉNIO O FUTURO HOJE

Há quem diga que para se escrever sobre a História, o distanciamento deveria ser de pelo menos 50 anos, de modo a que grande parte dos protagonistas já não estivessem presentes, e poder haver um distanciamento inevitável. A regra que resolvi adoptar é um pouco menos dilatada, mas decidi fazer um limite nas minhas descrições, um pouco mais extensas no ano 2000 e, haverá certamente no futuro alguém que fará a descrição deste Milénio muito melhor do que eu.

Tem sido uma década cheia de acontecimentos, de realizações, de congressos, de cursos teóricos e práticos; publicaram-se variados livros (talvez mais do que em muitas outras décadas todas juntas), sobre quase todas as áreas da Otorrinolaringologia, o que prova que esta Especialidade está mais viva do que nunca.

Durante a Assembleia-Geral realizada no decorrer do XIV Congresso Nacional, tiveram lugar as eleições para os Corpos Sociais da SPORL para o triénio 2001/2004, tendo sido eleita uma nova direcção que ficou assim constituída:

DIRECÇÃO PARA O TRIÉNIO 2001/2004

Presidente:	- António Augusto Maia Gomes
Vice-Presidentes:	- António Manuel Diogo de Paiva - João António Marta Pimentel
Secretário-geral:	- Eurico Fernando Martins Gomes de Almeida
Tesoureiro:	- Fausto Manuel Vigário Santos Fernandes
Vogais:	- Carlos Augusto Alves dos Santos - João Manuel Andrade Olias - Jorge Eduardo de Freitas Spratley - José Ezequiel Pereira Barros

ANTÓNIO AUGUSTO MAIA GOMES é natural de Vilar do Pinheiro - Vila do Conde.

Concluiu o Internato Complementar de ORL do Hospital de S. João em Dezembro de 1974, estando inscrito no Colégio da Especialidade de ORL desde Janeiro de 1975.

Assistente Hospitalar ORL do Quadro do Hospital de S. João desde 1976, Assistente Hospitalar Graduado em 1987, Chefe de Serviço do Hospital Pedro Hispano, de Matosinhos, desde 1994, Director do Serviço de ORL do Hospital Pedro Hispano, desde Abril de 1995.

Sócio da SPORL, com o nº 77, desde 1971.

Tesoureiro da Direcção da SPORL 1992/1994, Vice-Presidente da Direcção da SPORL 1995/1998, Vice-Presidente



FIGURA 286

DR. ANTÓNIO AUGUSTO MAIA GOMES

da Direcção da SPORL 1998/2001, Presidente da Direcção da SPORL 2001/2004.

Médico ORL do Hospital Concelhio de Vila do Conde de 1974 a 1988, Médico dos Serviços Médico-Sociais de Clínica Geral de 1968 a 1974 e de ORL de 1974 a 1979, Médico do Departamento Juvenil de Futebol do F. C. do Porto de 1970 a 1973.

Assistente convidado da Faculdade de Medicina do Porto em ORL de 1976 a 1979.

Responsável pelo ensino da ORL nas Escolas de Enfermagem do Hospital de S. João de 1979 a 2001 e do Hospital de Santa Maria - Porto de 1979 a 1990.

Membro das seguintes Sociedades:

Sociedades Portuguesa, Espanhola e Galega de ORL, Associação Portuguesa de Otoneurologia, Sociedade Portuguesa de Imuno-Alergologia, Sociedade de Ciências Médicas, Sociedade Europeia da Base do Crânio.

XV CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA

De 26 a 29 de Maio de 2002, realizou-se em Aveiro, no Centro de Congressos, O XV CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA com a presença de 350 especialistas portugueses, assim como de colegas de Espanha, Brasil, França e Áustria.

Houve um enorme número de comunicações orais apresentadas por internos e/ou especialistas de otologia, rrinologia e laringologia.

O Congresso Nacional teve como convidados estrangeiros as seguintes individualidades:

- Dr. Dominique Rheims,
- Dr. Pedro Clarós,
- Dr. Carlos Cenjor,
- Dr. Pedro Quesada Marin
- Dr. Jacques Magnan

O XV Congresso Português de Otorrinolaringologia finalizou com uma homenagem ao Prof. Nuno Santiago, cerimónia que encerrou o congresso nacional de 2002.



FIGURA 287

XV CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA - 2002

CONGRESSO NACIONAL DO CINQUENTENÁRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

De 3 a 7 de Maio de 2003 realizou-se no Centro de Congressos do Estoril, o Congresso Nacional comemorativo dos 50 anos da nossa Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial, que constituiu, sob todos os aspectos, um verdadeiro sucesso para a Otorrinolaringologia nacional.



FIGURA 288

MEDALHO DO 50º ANIVERSÁRIO

O decano da SPORL Dr. Afonso de Paiva, contou como nasceu a Sociedade há 50 anos, enquanto os Drs. João Clode e Alves dos Santos evocaram a história da ORL nacional fornecendo factos e dados desde há mais de cem anos.

Seguiu-se um momento alto da sessão com a homenagem da Direcção através da atribuição da MEDALHA DE OURO DO CINQUENTENÁRIO às seguintes personalidades:

- Dr. Samuel Ruah
- Dr. Afonso de Paiva
- Prof. Dr. Gameiro dos Santos
- Prof. Doutor Carlos Miguéis
- Prof. Doutor Rui Penha

- Dr. Machado Aires
- Dr. Manuel Filipe Rodrigues
- Dr. Alivar Cardoso

No dia 6 de Maio realizou-se a Assembleia-Geral, em que foram eleitos **SÓCIOS HONORÁRIOS** os seguintes sócios:

- Dr. Samuel Ruah
- Prof. Doutor Nuno Santiago
- Dr. Alivar Cardoso

No decurso do congresso foi feita a apresentação de um Livro de celebração dos 50 anos da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia intitulado: "HISTÓRIA DA OTORRINOLARINGOLOGIA".



FIGURA 289
CAPA DO LIVRO "HISTÓRIA DA OTORRINOLARINGOLOGIA" DE 2003

XXXV CONVENTUS ORL LATINA 2004

Realizou-se entre os dias 22 e 24 de Abril de 2004, no Centro de Congressos do Estoril, o **XXXV CONVENTUS DA SOCIETAS OTO-RHINO-LARYNGOLOGICA LATINA**, sob a presidência do Prof. Pais Clemente, tendo como Presidente Honorário o Prof. Rui Penha, como Secretário-Geral o Prof. João Paço.



FIGURA 290
MEDALHA COMEMORATIVA DO XXXV CONVENTUS DA SOCIETAS OTO-RHINO-LARYNGOLOGICA LATINA

CONGRESSO NACIONAL DO 51º ANIVERSÁRIO DA SPORL E II CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

CONGRESSO NACIONAL DO 51º ANIVERSÁRIO DA SPORL E
II CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE
OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL
NO PORTO - 2004

Foi a partir deste congresso que estes passaram a ter outra numeração, em vez de 17º Congresso, como estava anunciado, foi decidido chamar-lhe Congresso do 51º Aniversário da Sociedade, e a partir deste momento os Congressos deixaram de ser de 3 em 3 anos como era hábito e passaram a ser anuais, e a sua numeração relacionada com esse facto, assim o próximo seria o 52º Congresso, tal como veio a suceder.



FIGURA 291

CONGRESSO NACIONAL DO 51º ANIVERSÁRIO DA SPORL E II CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL NO PORTO - 2004



ESTE CONGRESSO COMEÇOU POR SER ANUNCIADO COMO O XVII CONGRESSO E ACABOU SENDO O 51º CONGRESSO DA SOCIEDADE.

No dia 24 de Maio realizou-se a Assembleia-Geral, em que foram eleitos SÓCIOS HONORÁRIOS os seguintes sócios:

- Prof. MICHAEL PAPARELLA
- Prof. ANTÓNIO GAMEIRO DOS SANTOS
- Dr. JOSÉ CABRAL BEIRÃO

Foi eleita uma nova Direcção para o Trénio 2004/2007:

DIRECÇÃO PARA O TRIÉNIO 2004/2007

- PRESIDENTE:** - António Manuel Diogo de Paiva
- VICE-PRESIDENTES:** - Carlos Afonso Barreira da Costa
- João António Marta Pimentel
- SECRETÁRIO-GERAL:** - Delfim Rui da Silva Duarte
- TESOUREIRO:** - Pedro Augusto Furtado Soares Tomé
- VOGAIS:** - António Manuel da Silva Nobre Leitão
- Diogo Martins Silva Portugal V. Ferreira
- José António Dinis Saraiva
- Maria Luísa Ribeiro Monteiro

ANTÓNIO MANUEL DIOGO DE PAIVA, filho de Afonso Neves de Paiva e de Maria Julieta Pissarra Diogo da Silva de Paiva, nasceu a 24 de Julho de 1946, na Guarda.

Licenciatura em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra - 1972.

Doutoramento Académico pela Universidade de Coimbra - 1986.

Assistente de ORL da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra de 1973 a 1986. Professor Auxiliar de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra de 1986 a 1990.

Título de Agregado pela Universidade de Coimbra - 1991.

Professor Associado de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra de 1990 a 1996.



FIGURA 292

PROF. DR. ANTÓNIO MANUEL DIOGO DE PAIVA

Professor Catedrático em Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra - 1996. Regente da disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra - 1995. Fez o Internato nos Hospitais da Universidade de Coimbra de 1973 a 1974. Especialista pela Ordem dos Médicos - 1975. Assistente do Quadro de Otorrinolaringologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra em 1979. Concurso Nacional para o Grau de Chefe de Serviço em 1987; Concurso Nacional para o Grau de Chefe de Serviço - 1993 = 1.º Lugar; Chefe de Serviço em 1993.

Director do Serviço de ORL dos Hospitais da Universidade de Coimbra desde Fevereiro de 1995.

Presidente do Colégio de Otorrinolaringologia de 1990 a 1993.

Integrou Júris de Doutoramento e de Agregação na sua área; Integrou Júris de todos os graus da Carreira Médica como Vogal e/ou Presidente.

Adjunto da Direcção Clínica dos Hospitais da Universidade de Coimbra de 1990 a 1996.

Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial, nos anos de 2002, 2003 e 2004.

Presidente da Sociedade Portuguesa de ORL e Cirurgia Cérvico-Facial de 2005 a 2007.

Presidente da Assembleia-Geral da Sociedade Portuguesa de ORL e Cirurgia Cérvico-Facial de 2007 a 2010.

Presidente da Assembleia-Geral da Associação Portuguesa de Oto-Neurologia de 2007 a 2010.

Participou em mais de 200 reuniões Nacionais e Internacionais, tendo feito mais de 200 comunicações.

Sociedades Científicas Nacionais e Internacionais - 16.

Publicou em Revistas Nacionais e Internacionais mais de 70 trabalhos.

Foi Bolseiro do Instituto Nacional de Investigação Científica de 1980 a 1984, na Clínica de Otorrinolaringologia e Patologia Cérvico-Facial da Universidade de Bordéus - França, sob a direcção do Professor Doutor Michel Portmann.

ATLAS DE CIRURGIA DA LARINGE

No 52º Congresso Nacional da SPORL DE 2004 foi feito o lançamento oficial do Atlas "CIRURGIA DA LARINGE", da autoria do Dr. João Olias, em que participam também o Dr. Miguel Magalhães, Dr. Pedro Montalvão, Dra. Lígia Ferreira, Dr. Luís Oliveira, Dr. Rui Fino, Dr. Hugo Estibeiro, Prof. Nuno Santiago, Dr. Carlos Zagalo, Dr. António Ribeiro da Silva, Dr. Fernando Torrinha, Dra. Odette Almeida, Dr. Gerardo Millán, Dr. Ouro da Costa, com edição do Círculo Médico.

O prefácio foi escrito pelo Presidente da SPORL - Dr. Maia Gomes. As fantásticas Ilustrações científicas são do Dr. Fernando Vilhena de Mendonça, Otorrinolaringologista.



FIGURA 293

CAPA DO ATLAS CIRURGIA DA LARINGE DE 2004, EDIÇÃO CÍRCULO MÉDICO

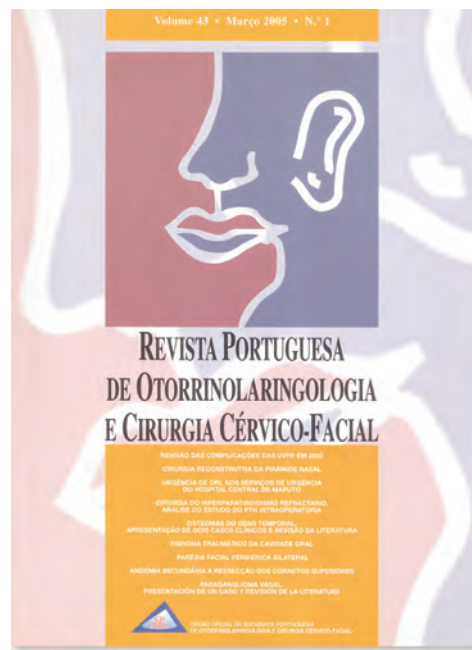


FIGURA 294

CAPA DA REVISTA PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL ADOPTADA ENTRE 2005 E 2007



FIGURA 295

52º CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA - 2005

52º CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA

De 14 a 17 de Maio de 2005, realizou-se em Vilamoura, no Algarve, o 52º CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL com a presença de cerca de 450 Especialistas Portugueses, assim como de colegas de Espanha, Brasil, França e Áustria.

Na Assembleia-Geral que se realizou durante o Congresso Nacional foi decidido nomear Novos **Sócios Honorários**:

- Dr. JOSÉ VICTOR MANIGLIA
- Dr. CARLOS SUAREZ
- Dr. PIERRE GEHANNO

A conferência inaugural do congresso foi feita com o brilhantismo que lhe é habitual pelo Prof. José Hermano Saraiva.

De 20 a 23 de Maio de 2006, realizou-se em Espinho o:

53º CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL E A VII REUNIÃO LUSO-GALAICA DE ORL



FIGURA 296

MEDALHA COMEMORATIVA DO CONGRESSO



FIGURA 297

53º CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA E A VIII REUNIÃO LUSO-GALAICA DE ORL - 2006

De 20 a 23 de Maio de 2006, realizou-se em Espinho o **53º CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA**, no qual foram apresentados mais de 160 trabalhos científicos e contou com a presença de mais de 700 Especialistas e acompanhantes.

Na Assembleia-Geral que se realizou durante o Congresso Nacional foi decidido nomear novos **Sócios Honorários da Sociedade**:

- Dr. MANUEL FILIPE RODRIGUES
- Dr. VITAL CALADO
- Dr. PEDRO CLARÓS
- Prof. K. J. LEE

54º CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA

Decorreu em Coimbra de 12 a 15 de Maio de 2007, no Hotel Qta. das Lágrimas, o **54º CONGRESSO DE OTORRINOLARINGOLOGIA**.

Em simultâneo foram realizados o **XII CONGRESSO LUSO-ESPANHOL** e o **4º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE ORL**.

Nesta última realização da Direcção da Sociedade, que cessou funções, estiveram como convidados estrangeiros figuras importantes da Especialidade internacional: Emile Rey, Gerhard Rettinger, Heinz Stammberger, Jean-Mark Sterkers, Pietro Palma e Wolfgang Steiner que apresentaram conferências sobre temas das suas áreas específicas de actividade.

No âmbito do Congresso decorreram as reuniões Luso-Espanhola e Luso-Brasileira nas quais estiveram 35 colegas Espanhóis e Brasileiros que integraram, juntamente com Especialistas nacionais, as mesas redondas que decorreram, em simultâneo, em 3 salas.



FIGURA 298

MEDALHA COMEMORATIVA DE MIGUEL TORGA

Foram apresentados Cursos, Comunicações Livres e Posters durante os três dias do Congresso.

No dia que antecedeu o início do Congresso foi realizado o **1º ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR EM ORL** que contou com a colaboração organizativa e participação da Associação Portuguesa de Audiologistas e da Associação Portuguesa de Terapia da Fala.

Durante a Sessão de Abertura, presidida pelo Reitor da Universidade de Coimbra, e a que estiveram presentes o Presidente da Administração Regional de Saúde do Centro e o Presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos, foi prestada homenagem póstuma ao colega Adolfo Rocha/Miguel Torga por ocasião do centenário do seu nascimento.

Foi oradora nessa homenagem a Prof^a. Doutora Cristina Robalo Cordeiro.

O Dr. José Miguel Júdice foi o orador convidado da sessão, tendo abordado o tema “Dimensão Social da Política”.

A Assembleia guardou um minuto de silêncio em memória do Dr. Alivar Cardoso, anterior Presidente da Direcção da SPORL.

Transcrevo o Voto de Pesar emitido pelo Governo Regional da Madeira a propósito do falecimento do Dr. Alivar Jones Cardoso, grande Senhor da Otorrinolaringologia portuguesa e Grande Figura Humana com o qual tive o prazer de pertencer à direcção da Sociedade, da qual ele foi o Presidente:

“Para conhecimento e fins tidos por convenientes, abaixo se transcreve o Voto de Pesar pelo falecimento do Dr. Alivar Cardoso, aprovado na reunião do Conselho do Governo Regional realizada no dia 27 de Julho de 2006:

O Governo Regional da Madeira exprimiu um voto de pesar pelo falecimento do Dr. Alivar Cardoso.

Foi Médico distintíssimo, com intervenção importante no estabelecimento e modelo do Serviço Regional de Saúde, bem como gestor eficiente e lúcido em todas as funções de direcção que a Região Autónoma solicitou que exercesse.

Como dirigente desportivo teve um papel decisivo no prestígio que a Madeira alcançou em diversas modalidades, nomeadamente as relacionadas com actividades náuticas.

Profundamente conhecedor das características do nosso Arquipélago, distinguiu-se também como investido privado apontado à valorização do turismo rural e da preservação da paisagem e da ecologia da Região Autónoma da Madeira”.

A componente social teve importante expressão como forma de encontro entre colegas que anualmente têm oportunidade de se rever.



FIGURA 299

54º CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA - 2007

Durante o congresso foi eleita uma nova Direcção para o Trénio 2007/2010:

DIRECÇÃO TRIÉNIO 2007/2010

Presidente:	- João António Marta Pimentel
Vice-Presidentes:	- Pedro Augusto Furtado Soares Tomé - António Carlos Faria de Sousa Vieira
Secretário-Geral:	- José António Dinis Saraiva
Tesoureiro:	- Carlos Alexandre
Vogais:	- João Manuel Andrade Olias - Jorge Eduardo de Freitas Spratley - João Renato Branquinho Prata - Paulo Vera-Cruz



FIGURA 300

DR. JOÃO MARTA PIMENTEL

DR. JOÃO MARTA PIMENTEL nasceu na freguesia de Vermiosa, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, Distrito da Guarda em 18 de Fevereiro de 1944. Completou a Licenciatura em Medicina pela FML em 1968. Fez o Curso de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa em 1969/70.

Ingressou no Internato Geral dos HCL em 1969 que concluiu em 1970, e iniciou o Internato Complementar de ORL do Hospital de S. José, tendo obtido o grau de Assistente Hospitalar de ORL em 10 de Novembro de 1975.

Cumulativamente com os HCL iniciou, no Serviço de ORL do Hospital Militar Principal, o estágio para Especialista de ORL pela Ordem dos Médicos que concluiu em 17 de Dezembro de 1975.

Exerceu as funções de Assistente Hospitalar de Otorrinolaringologia no Hospital de S. José até Agosto de 1983, data em que tomou posse do lugar de Assistente Hospitalar de Otorrinolaringologia do Quadro do Hospital de Almada, a que concorrera.

Após Concurso Nacional obteve o grau de Chefe de Serviço Hospitalar de Otorrinolaringologia em 8 de Junho de 1985.

Foi eleito Director Clínico do Hospital de Almada, cargo que desempenhou de 19 de Dezembro de 1985 a 6 de Janeiro de 1989. A transferência das instalações do Hospital Distrital de Almada para o Hospital Garcia de Orta ocorreu em 1 de Setembro de 1991. Organizou o Serviço de ORL deste Hospital e foi Director até à sua aposentação em 1 de Setembro de 2008.

Fez concurso de provimento de Chefe de Serviço do Quadro do Hospital Garcia de Orta, em Abril de 1995.

Foi Professor da Cadeira de ORL ministrada no curso de Medicina Dentária do ISCS de 1992 a 1995.

É o Representante de Portugal no Conselho de Representantes estrangeiros da Sociedade Francesa de ORL, após eleição, desde Maio de 2009.

Desempenhou os seguintes cargos na Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial:

- Secretário-Geral no triénio 1998/2001;
- Vice-Presidente no triénio 2001/2004;
- Vice-Presidente no triénio 2004/2007;
- Presidente no triénio 2007/2010.



FIGURA 301

LOGÓTIPO DA SOCIEDADE COM O ENDEREÇO ELECTRÓNICO

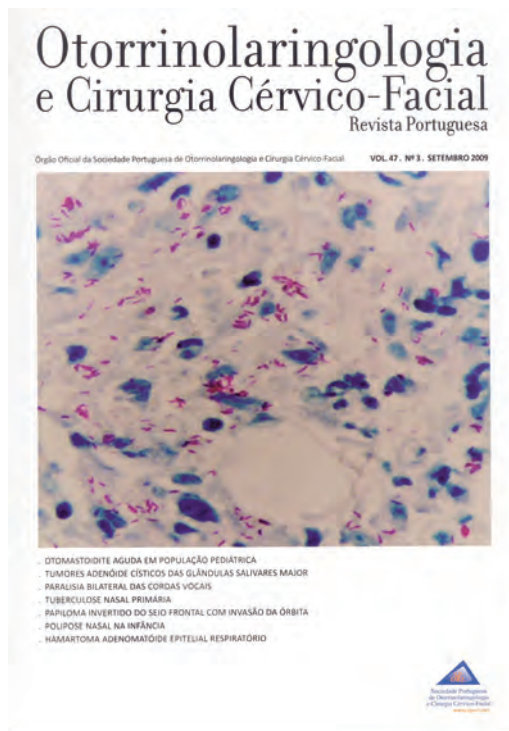


FIGURA 302

CAPA DA REVISTA PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL ADOPTADA A PARTIR DE 2007

Em 2007 saiu uma nova revista de Otorrinolaringologia intitulada "CLÍNICA E INVESTIGAÇÃO EM OTORRINOLARINGOLOGIA", cujo Director era o Prof. João Paço e o secretariado no Centro de ORL do Hospital Cuf Infante Santo. Esta revista impressa em papel de excelente qualidade, publicou durante a sua existência dezenas de artigos sobre os mais variados temas relacionados com esta especialidade. Terminou a sua existência no final de 2009.

55º CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

De 1 a 4 de Maio de 2008 realizou-se o 55º CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL, no Tivoli Marinotel em Vilamoura, no Algarve.

Na reunião participaram cerca de 450 Otorrinolaringologistas de todo o país, sendo de destacar a presença de importantes figuras da Otorrinolaringologia internacional como Aldo Stamm, Carlos Barajas, Herminio Perez, Jesus Algaba, João Bosco Botelho, Mário Sanna, Robert Vincent e Rudolf Hagen. Estes prelectores apresentaram



FIGURA 303

UM DOS NÚMEROS DA REVISTA "CLÍNICA E INVESTIGAÇÃO EM OTORRINOLARINGOLOGIA"

Conferências sobre temas das suas áreas de actividade preferencial que contaram sempre com a presença de elevado número de assistentes.

Ao longo dos 4 dias do Congresso realizaram-se vários Cursos, Conferências e diversas Mesas Redondas sobre importantes temas da actualidade, que tiveram sempre uma assistência muito participada.

A cerimónia de abertura contou com a participação do Presidente da ARS do Algarve, Dr. Rui Lourenço, em representação da Sra. Ministra da Saúde, do Dr. Alvaro Beleza, em representação do Bastonário da Ordem dos Médicos, do Dr. Jesus Algaba, Presidente da SEORL, do Dr. António Maia Gomes, Presidente de Honra do Congresso, do Prof. António Carlos Miguéis, Presidente do Colégio da Especialidade, além, naturalmente, do Presidente do Congresso e da Sociedade, Dr. João Marta Pimentel e do Secretário-Geral da SPORL, Dr. José Saraiva.

Ao longo do Congresso foram apresentadas 103 Comunicações Livres e 74 Posters, em representação da grande maioria dos Serviços de ORL nacionais, sendo de destacar não só o número elevado de trabalhos, mas principalmente a qualidade presente na maioria das apresentações.

No âmbito do programa social, as exposições de escultura de Antonieta Roque Gameiro e de pintura de Alexandra Prieto, bem como o *cocktail* de boas vindas e o jantar de



FIGURA 304

55º CONGRESSO NACIONAL DE OTORRINOLARINGOLOGIA

encerramento, constituíram os pontos altos de um agradável convívio entre todos os colegas.

Uma referência para a I REUNIÃO DE OTORRINOLARINGOLOGIA EM MEDICINA GERAL E FAMILIAR, que decorreu em paralelo com o 55º Congresso, nos dias 2 e 3 de Maio, e que contou com a presença de cerca de 160 Médicos de Clínica Geral vindos de vários pontos do país.

56º CONGRESSO NACIONAL DE ORL E PATOLOGIA CÉRVICO-FACIAL E O XI CONGRESSO HISPANO-LUSO DE ORL

O Porto recebeu de 30 de Abril a 3 de Maio de 2009 o 56º CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL.

O Congresso realizado no Hotel Porto Palácio, decorreu em conjunto com a VIII REUNIÃO LUSO-GALAICA, e contou com a presença de mais de quinhentos Otorrinolaringologistas e teve a participação de importantes figuras internacionais como os Drs. Abel-Jan Tasman, Bernard Ars,



FIGURA 305

56º CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

Carmelo Santandrián, Karl-Bernd Huttenbrink, Manuel Bernal Sprekelsen, Noel Garabédian, Peak Woo, Ranko Mladina e Tânia Sih, que apresentaram cursos ou palestras.

Durante os 4 dias do Congresso realizaram-se várias Conferências, Mesas-Redondas e Cursos sobre variados temas da nossa Especialidade, sempre com a presença de um elevado número de colegas.

A cerimónia de abertura, realizada na Casa da Música, foi seguida de uma conferência proferida pelo Sr. Prof. Daniel Serrão sobre "SENTIDOS E SENTIMENTOS: UMA LEITURA PARA O FUTURO".

Ao longo do Congresso foram apresentadas 110 Comunicações Livres e 70 Posters, na sua maioria de grande qualidade, em representação de muitos dos Serviços de Otorrinolaringologia. A realização conjunta da VIII Reunião Luso-Galaica permitiu a participação de muitos colegas espanhóis que deram o seu contributo em várias mesas-redondas.

OS CONGRESSOS CONJUNTOS COM AS SOCIEDADES ESPANHOLAS E A SOCIEDADE BRASILEIRA DE ORL

Vou terminar este capítulo com uma breve resenha sobre os Congressos Luso-Espanhol/Hispano-Luso ou Ibéricos, sobre as reuniões da Sociedade Luso-Galaica e finalmente sobre os encontros Luso-Brasileiros.

Este capítulo mereceria um maior desenvolvimento, tal a riqueza e variedade das comunicações apresentadas nestas importantes reuniões de afirmação da Otorrinolaringologia Portuguesa além fronteiras, no entanto não quis deixar de fazer referência a estas reuniões.



FIGURA 306

VI CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE ORL E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL



FIGURA 307

X CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE ORL E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL LISBOA, 11 A 13 DE MARÇO DE 2004

OS CONGRESSOS LUSO-ESPANHOL/ HISPANO-LUSO OU IBÉRICOS

I CONGRESSO HISPANO-LUSO DE OTORRINOLARINGOLOGIA
SANTIAGO DE COMPOSTELA 16 a 18 de Março de 1973

II CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE ORL
FUNCHAL 26 a 30 de Junho de 1979

III CONGRESSO HISPANO-LUSO DE OTORRINOLARINGOLOGIA
SALAMANCA, 03 a 05 de Junho de 1982

IV CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE OTORRINOLARINGOLOGIA
ALVOR, ALGARVE, 27 a 30 de Abril de 1985

V CONGRESSO HISPANO-LUSO DE ORL E PATOLOGIA CÉRVICO-FACIAL
SEVILHA, 02 a 05 de Junho de 1988



FIGURA 308

IX CONGRESSO IBÉRICO DE ORL Y CIRURGÍA CERVICO-FACIAL

VI CONGRESSO LUSO-ESPANHOL
DE ORL E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL
ESTORIL, CASCAIS, 29 de Maio a 02 de Junho de 1991

VII CONGRESSO IBÉRICO DE ORL
E PATOLOGIA CÉRVICO-FACIAL,
SANTIAGO DE COMPOSTELA, 25 a 27 de Maio de 1994

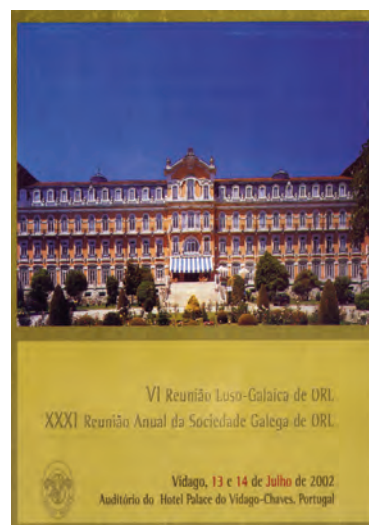
VIII CONGRESSO IBÉRICO DE
OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA
CÉRVICO-FACIAL
PORTO, 01 a 04 de Maio de 1996

IX CONGRESSO IBÉRICO DE ORL Y CIRUGÍA
CERVICO-FACIAL
BARCELONA, 29 a 31 de Março 2001

X CONGRESSO LUSO-ESPANHOL
DE ORL E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL
LISBOA, 11 a 13 de Março de 2004

XI CONGRESSO HISPANO-LUSO
DE ORL E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL
MADRID, 12 a 15 de Novembro 2006

XII CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE ORL
E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL
COIMBRA, 12 a 15 de Maio de 2007



XIII CONGRESSO HISPANO-LUSO
DE ORL E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

I REUNIÃO DA FUNDAÇÃO
DA ACADEMIA IBERO-AMERICANA
DE OTORRINOLARINGOLOGIA
MADRID, 13 a 17 de Novembro de 2009

AS REUNIÕES DA SOCIEDADE LUSO-GALAICA

Depois do I Congresso Hispano-Luso de ORL, organizado pela Sociedad Gallega de ORL, Sociedad Española de ORL e da Sociedade Portuguesa de ORL, em Santiago de Compostela, os contactos entre Portugueses e Galegos foram constantes.

Em 18 de Junho de 1988 passa a integrar a Junta Directiva da Sociedad Gallega de ORL (SGORL) um Vogal por Portugal, sob proposta do Prof. Nicolas Garcia Soto.

Desde 20 de Junho de 1992, passa a integrar também a Junta Directiva da SGORL, um Tesoureiro Português.

Os Portugueses que integram ou já pertenceram à Junta Directiva da SGORL são: Dr. Delfim Duarte, Dr. Eurico Monteiro, Dr. Mário Giesteira de Almeida e o Dr. Fausto Fernandes.

Ao longo destes anos têm sido inúmeras as participações em Reuniões Científicas conjuntas, sendo as Reuniões Luso-Galaicas o ponto de honra desses encontros:

II REUNIÃO LUSO-GALAICA
DE OTORRINOLARINGOLOGIA

XVI REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDAD GALLEGA DE OTORRINOLARINGOLOGIA

Porto - 30 de Junho de 1990

Organização:

Clínica de ORL - Dr. Victor Correia da Silva

Presidentes de Honra:

Prof. Ruy Penha

Prof. Nicolas Garcia Soto

III REUNIÓN GALAICO-PORTUGUESA DE ORL

Vigo - 19 / 20 de Junho de 1992

Centro Cultural CaixaVigo

Presidentes de Honra:

Prof. Nicolás Garcia Soto

Dr. José L. Machado Aires

IV REUNIÓN GALAICO-PORTUGUESA DE ORL

XXVI REUNION ANUAL DA SOCIEDADE GALEGA DE ORL

Santiago de Compostela - 30 / 31 de Maio de 1997

Faculdade de Medicina da Universidade de Santiago

Presidentes de Honra:

Prof. Torcuato Labella Caballero

V REUNIÃO LUSO-GALAICA DE ORL

XXVIII REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDAD GALLEGA DE ORL

Porto - 18 / 19 de Junho de 1999

Casa do Médico - Ordem dos Médicos

Presidentes:

Dr. António Maia Gomes

Prof. Torcuato Labella Caballero

VI REUNIÃO LUSO-GALAICA DE ORL

XXXI REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE GALEGA DE ORL

Vidago - 13 / 14 de Julho de 2002

Hotel Palace do Vidago

Presidentes de Honra:

Prof. Pedro Quesada Marín

Dr. António Maia Gomes

Prof. Torcuato Labella Caballero

OS CONGRESSOS LUSO-BRASILEIROS

1º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA

S. Paulo, BRASIL, 2 e 7 de Dezembro de 1997

2º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

PORTO, 22 a 25 de Maio de 2004

3º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

SALVADOR DA BAÍA, 27 de Novembro a 1 de Dezembro de 2006

4º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL

COIMBRA, 12 a 15 de Maio de 2007



FIGURA 309

3º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL



A Otorrinolaringologia em Portugal

XI
*A Otorrinolaringologia
Portuguesa nos Hospitais*

Depois de ter abordado a História da evolução da Otorrinolaringologia em Portugal e a História da Sociedade Portuguesa de ORL, vou abordar como foi o aparecimento da ORL em cada hospital.

A História da Otorrinolaringologia dos Séculos XX e XXI é em grande parte feita do somatório dos actos e das actividades que se praticam no dia-a-dia de cada hospital, público ou privado.

Para elaborar este capítulo solicitei aos Directores de cada Serviço que me enviassem a história dos seus Serviços. Desde já agradeço a todos aqueles que amavelmente colaboraram. Resolvi colocar a maior parte dos dados que consegui obter, mesmo acontecendo que alguns Hospitais, que têm menos história e tradições, possam surgir com um texto mais desenvolvido. Os textos, em muitos casos estão adaptados, com partes retiradas e outras acrescentadas sendo a responsabilidade final do seu conteúdo apenas minha.

Para tentar ser o mais completo possível, decidi que os hospitais que não responderam, mas sobre os quais possuía informações baseadas principalmente na recolha de dados obtidos aquando da realização do Livro "HISTÓRIA DA OTORRINOLARINGOLOGIA" de 2003, ou dos dados do Livro do Dr. Campos Henriques de 1984, os iria utilizar, pois servirão sempre como instrumento de consulta para a História da Especialidade em cada Hospital.

O critério de colocação dos textos foi o seguinte: primeiro aparecem os Hospitais de Lisboa, Porto e Coimbra, seguidamente os Hospitais do Continente por ordem alfabética das Cidades, depois os Açores e a Madeira, e para terminar uma pequena nota sobre as antigas Províncias Ultramarinas.

Devido às enormes modificações que tem havido nas estruturas hospitalares, com fusões e extinções de Serviços, e mesmo de Hospitais, optei em alguns casos por manter a estrutura de descrição dos hospitais tal como eles existiam antes desta autêntica revolução. Alguém que virá depois, e já com o distanciamento temporal necessário, terá o tempo e a disponibilidade para recolher todos os novos dados.

Alguns dos hospitais já foram descritos anteriormente, pelo que é necessário completar estas descrições com a leitura desses textos noutros capítulos.

Algumas das fotografias que acompanham os textos não têm relação directa com a Medicina, no entanto, por apresentarem aspectos curiosos das cidades ou das regiões onde os hospitais se inserem, achei que poderia ser interessante incluí-las.



FIGURA 310

LISBOA NO DIA DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS RESTAURADORES EM 28 DE ABRIL 1886

LISBOA

OS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

HOSPITAL DE S. JOSÉ

O Hospital de S. José é o herdeiro do Hospital Real de Todos os Santos, transferido da sua primitiva localização na Praça da Figueira em frente ao Rossio pela Reforma do Marquês de Pombal, executada em consequência do Terramoto de 1755. Após o Terramoto foi ordenada a transferência dos doentes que estavam no Hospital de Todos os Santos e outros que estavam dispersos por vários hospitais ou instituições de assistência na cidade de Lisboa para o antigo Colégio dos Jesuítas de Santo Antão-o-Novo. Era assim fundado um novo e grande hospital intitulado de Hospital Real de São José.

Durante o decorrer do século XIX e havendo cada vez mais doentes foi necessário ir anexando a esta estrutura hospitalar outras instituições, entre as quais o Hospital de São Lázaro, destinado aos doentes com Lepra, o Hospital

D. Estefânia destinado a tratar as Crianças, o Hospital do Desterro, o Hospital de Rilhafoles, destinado às doenças mentais, o Hospital Rainha D. Amélia também conhecido como Hospital de Arroios que estava instalado no velho Convento de Arroios, e o Hospital de Odivelas onde eram colocados os doentes incuráveis, passando este conjunto a denominar-se Hospital Real de S. José e Anexos.

No princípio do século XX foi decidido construir dois novos e grandes Hospitais, um no sítio chamado Rego, nos terrenos onde existia o recolhimento da Associação das Servitas de Nossa Senhora das Dores, destinado ao tratamento de doenças infecto-contagiosas febris, inaugurado em 1906, por obra do governo de Hintze Ribeiro, com o nome de HOSPITAL DO REGO. Aquela instituição deu origem ao actual HOSPITAL CURRY CABRAL, assim denominado, no ano de 1929, em homenagem ao Professor José Curry da Câmara Cabral.

O outro novo Hospital surgiu no edifício e na cerca que era posse da Irmandade dos Clérigos Pobres em Santa Marta, e foi destinado ao tratamento de doenças infecto-contagiosas não febris. O Convento de Santa Marta, fundado no séc. XVI, começou a funcionar ao serviço da Saúde em 1890 com a designação inicial de Hospício dos Clérigos Pobres, depois passou a integrar o Grupo Hospitais Civis de Lisboa, em 1903, e ficou conhecido como HOSPITAL HINTZE RIBEIRO e finalmente já no regime

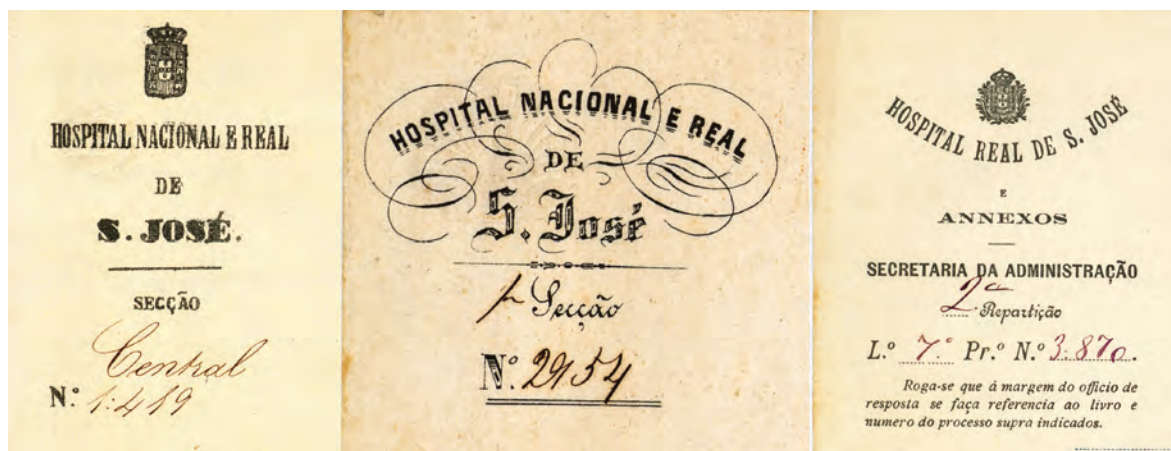


FIGURA 311

ALGUNS DOS LOGÓTIPOS UTILIZADOS NA DOCUMENTAÇÃO OFICIAL DO HOSPITAL DE S. JOSÉ NO SÉCULO XIX

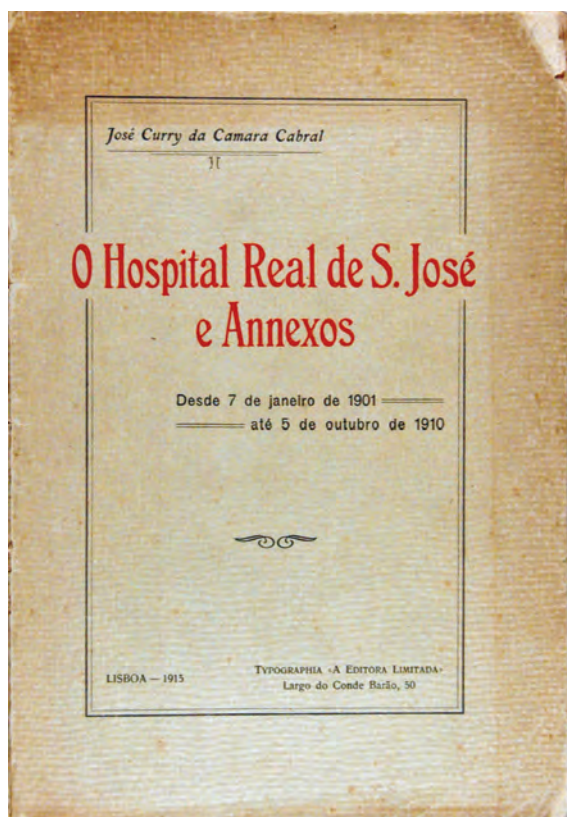


FIGURA 312

RELATÓRIO DE CURRY CABRAL DE 1915 SOBRE O HOSPITAL REAL DE S. JOSÉ NO PERÍODO DE 7 DE JANEIRO DE 1901 A 5 DE OUTUBRO DE 1910

republicano ficou com o seu nome actual de HOSPITAL DE SANTA MARTA. Em 1910 foi atribuída, oficialmente, ao Hospital de Santa Marta, a função de Escola Médico Cirúrgica de Lisboa. Poucos anos depois passou a denominar-se HOSPITAL ESCOLAR DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA (para saber mais sobre a Especialidade de ORL neste Hospital deverá ser consultado o capítulo referente ao Prof. Carlos de Mello).

É a todo este conjunto de edifícios que se deu o nome de HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA. Todos os dados relativos a estes hospitais e ao estado em que se encontravam no princípio do século se encontram descritos, com grande desenvolvimento, no relatório "O HOSPITAL REAL DE S. JOSÉ E ANNEXOS desde 7 de Janeiro de 1901 até 5 de Outubro de 1910" pelo Dr. José Curry da Câmara Cabral, publicado em 1915.

Na reorganização dos serviços hospitalares, aprovada pelo Decreto-Lei 4.563 de 9 de Julho de 1918, aparece mencionada pela primeira vez na vida dos Hospitais Civis de Lisboa a referência à Especialidade de Otorrinolaringologia (art. 65°).

No entanto, já antes de lhe haver sido concedida autonomia, é óbvio que os clínicos desta instituição prestavam assistência aos portadores das doenças que, mais tarde, viriam a ser integradas no foro da ORL.

Para citar apenas um exemplo, o qual já abordei num capítulo anterior, sabe-se que o Cirurgião do Banco do Hospital de S. José, Dr. Theotónio da Silva, por volta de 1851, praticou a primeira traqueotomia de que se tem conhecimento documentado, num doente com Crup.

Cabe ao Dr. Francisco Avelino Monteiro a primazia da assistência otorrinolaringológica nos Hospitais Civis de Lisboa. Efectivamente foi em 1898 que o autorizaram a abrir uma consulta da Especialidade no Hospital de D. Estefânia onde aquele clínico exercia o cargo de Assistente na enfermaria de Sant'Anna.



FIGURA 313

HOSPITAL DE S. JOSÉ UM GRUPO DE MÉDICOS EM 1957 - A COMEÇAR À ESQ. OS DRS. ALBANO COELHO, CAMPOS HENRIQUES, CALHEIROS, ABEL CORREIA BARROS SIMÃO

Entretanto, no final do ano de 1900, o Dr. João Sant'Anna Leite que também era Assistente dos Hospitais Cívicos de Lisboa, foi encarregado de dirigir uma consulta de ORL no Hospital de S. José. Em 1906 tornou-se Director da referida consulta.

Em 1908, o Dr. Avelino Monteiro foi transferido do Hospital de D. Estefânia para o de S. José, por ter sido nomeado Director da Enfermaria de Sousa Martins deste último hospital, e numa dependência desta Enfermaria instalou a consulta de ORL.

Em 1912 surge a terceira consulta de ouvidos, nariz e garganta no Hospital de S. José, desta vez anexa à Enfermaria de Santa Emília, de que era Director o Dr. Manuel Diogo de Sousa Leite Valladares. Da recém-criada consulta ficou encarregado o mesmo Dr. Valladares, que em 1924 obtém a nomeação de Director de Serviço Clínico de Otorrinolaringologia, especialidade que havia sido oficializada em 1918 pelo Decreto-Lei atrás citado.

Em 1929 são também nomeados Directores de Serviço Clínico de ORL os Drs. Avelino Monteiro (a quem faltavam poucos meses para atingir o limite de idade) e João Sant'Anna Leite, assim como o então Cirurgião dos HCL, Dr. Alberto Luís de Mendonça que, por já exercer a Especialidade, decidiu optar por ela.

Perante esta "inflação" de Directores foi determinado que os Drs. Sant'Anna Leite e Valladares dessem as suas consultas em horas diferentes, no edifício que lhes estava destinado na cerca do Hospital de S. José. Do mesmo modo se determinou que os Drs. Avelino Monteiro e

Alberto Mendonça dessem as suas consultas em dias alternados no anexo da Enfermaria de Sousa Martins. Nesse ano de 1929, o Dr. Avelino Monteiro atingiu o limite de idade e o Dr. Alberto de Mendonça ficou como Director único desta consulta.

Em 1930 foi inaugurado no Hospital de Santo António dos Capuchos um novo Serviço de ORL e para lá transitaram os Drs. Sant'Anna Leite e Valladares como Directores das respectivas salas 1 e 2. Como Assistente foi nomeado o Dr. Carlos Larroude Gomes. Em 1934 prestaram provas para Assistentes de ORL, os Drs. Francisco Calheiros Lopes e Luís Queriol Macieira, sendo aprovados por esta ordem e colocados respectivamente no Hospital de Santo António dos Capuchos e no Hospital de S. José.

Em 1937, o Dr. Valladares pediu a exoneração por motivo de doença, tornando-se o Dr. João Sant'Anna Leite único Director do Serviço de ORL do Hospital dos Capuchos.

Existiu, embora sem carácter oficial, uma consulta de ORL no Hospital de Arroios, a cargo do Dr. Charters de Azevedo, consulta esta que teve vida efémera.

Em 1940, quando o Dr. Sant'Anna Leite atingiu o limite de idade, a direcção do Serviço de ORL dos Capuchos foi assumida pelo já então Prof. Carlos Larroude, tendo o outro Assistente, Dr. Francisco Calheiros, tomado a iniciativa de instaurar junto da Administração para que se criasse uma Consulta da Especialidade no Hospital D. Estefânia, o que fez, sendo lá colocado a dirigi-la, como era seu desejo, o próprio Dr. Calheiros, que permaneceu nessa situação até 1949, data em que foi promovido a Director de Serviço e

transferido para S. José, em virtude do Dr. Alberto Mendonça ter atingido o limite de idade.

O Dr. Luís Macieira transitou então de S. José para a Estefânia para tomar a direcção da consulta. Só em 1963, ao terminarem as obras de remodelação do Hospital, é que o Serviço se tornou realidade, sendo o Dr. Macieira nomeado seu Director. Pouco tempo exerceu o seu cargo, dado que veio a falecer prematuramente em 1964.

Durante os 20 anos (1929/1949) em que dirigiu o Serviço de S. José, o Dr. Mendonça não conseguiu ver concretizada a aspiração pela qual ardentemente, mas em vão, se batera, e que era a existência real duma unidade clínica autónoma, como seria de esperar depois da publicação do decreto 28.794 de 1.7.1938, que criava em S. José os Serviços Clínicos de ORL, Oftalmologia e Traumatologia. Simplesmente, ao contrário do que sucedeu com os outros dois, o Serviço de ORL foi criado apenas no papel, tendo o internamento dos doentes continuado a fazer-se, como até então, em camas espalhadas por Serviços Gerais de Medicina e Cirurgia.

Com efeito, a criação dum verdadeiro Serviço de Otorrinolaringologia só se tornou realidade a partir de 15 de Outubro de 1962, data em que findas as indispensáveis obras de adaptação, foi finalmente inaugurado o Serviço 8 do Hospital de S. José.

Foi durante o período em que o Dr. Calheiros era Director do Serviço de ORL do Hospital de S. José que se processaram as obras de remodelação e de adaptação que levaram à instalação do que viria a ser o Serviço 8 na antiga Enfermaria de Sousa Martins. Também neste período se construiu e equipou uma pequena unidade de audiologia, com o auxílio financeiro do próprio Dr. Calheiros e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Por outro lado, por intermédio do Dr. Calheiros, o Serviço recebeu um substancial subsídio das então chamadas Companhias Reunidas de Gás e Electricidade (CRGE), com o qual adquiriu o que de mais moderno havia em material de endoscopia esofágica e brônquica.

Por ter pedido a sua exoneração antes de atingir o limite de idade, o Dr. Calheiros deixou a Direcção do Serviço, tendo assumido essas funções a partir de 1964, o Dr. Campos Henriques, que nelas se manteve até atingir, por sua vez, o limite de idade em 31.1.1983.

Foi com o Dr. JOSÉ ANTÓNIO DE CAMPOS HENRIQUES, com o seu profundo conhecimento científico, o seu dinamismo, as suas qualidades humanas e morais, que o seu Serviço de ORL adquire foros de modernidade. Deve-se-lhe a introdução do microscópio operatório na cirurgia otológica, a cirurgia endolaringea sob controlo microscópico e a Impedanciometria. Ainda com maior relevância programou Reuniões Semanais onde eram discutidos casos clínicos pertinentes ou discutidos temas teóricos. O Dr. CAMPOS HENRIQUES organizou e Presidiu à Reunião Luso-Espanhola de ORL (Funchal - Madeira, 1972), e ao XXI Congresso da Societas Oto-Rino-Laringológica Latina (Maio - 1976).

Após a aposentação do Dr. Campos Henriques, o Dr. ABEL CORREIA vai continuar na linha do seu antecessor. As suas qualidades técnicas, no campo da Cirurgia otológica (em particular na Cirurgia da Otosclerose), muito contribuíram para o aperfeiçoamento dos que com ele trabalharam. Durante este período, o Dr. José Costa Quinta introduz no serviço meios sofisticados de diagnóstico audiológico, tais como a Electro-Cocleografia e os Potenciais Evocados Auditivos. Em colaboração com o Dr. Machado Cândido estabelece um Grupo de Estudo sobre Apneia do Sono. Com o Dr. Lídio do Amaral, introduz na prática operatória as técnicas de Rinoseptoplastia de Maurice Cootle.

Em 1969 extingue-se o Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de Santo António dos Capuchos (o Director era o Dr. Francisco da Silva Alves), sendo integrados no Serviço ORL - HSJ alguns dos seus quadros: o Dr. Lídio do Amaral (Assistente) Dr. Augusto Gomes (Interno Graduado) Dr. José Cabral Beirão (Interno Graduado) Dr. Francisco Campilho (Interno Graduado) Dr. Dr. Alves de Sousa (Médico Contratado) Dr. Barrancos Fino (Médico Contratado) Dr. Pontes Eusébio (Médico Contratado) Dr. Vieira de Carvalho (Médico Voluntário).

Também em 1978 volta para o Hospital de S. José o Dr. Augusto Marinheiro Júnior (Assistente colocado no Serviço do Hospital D. Estefânia), por troca com o Dr. Lídio do Amaral.

De 1991 até 2003 fica como Director de Serviço o Dr. José Cabral Beirão. Em 2003 toma posse o Dr. José da Costa Quinta até 2006, altura em que foi substituído pelo Dr. Ezequiel Barros, até à presente data (2010).

Em Março de 2007 dá-se a integração do Serviço, de Otorrinolaringologia do Hospital de S. José no Departamento de Especialidades Médico-Cirúrgicas, formado pela Otorrinolaringologia, Cirurgia Maxilo-Facial, Cirurgia Plástica e Estomatologia, na sequência da reformulação dos Serviços aquando da constituição do Centro Hospitalar de Lisboa - EPE.

Este serviço organizou em 1994, o 1º Curso de Cirurgia Endoscópica Naso-Sinusal com a participação dos convidados estrangeiros Prof. Patrick Dessi e Dr. Philge Eloy.

Organizou em 1997, o 2º Curso de Cirurgia Endoscópica Naso-Sinusal com a participação dos convidados estrangeiros Prof. Jean Michel Klossec e Prof. Philge Eloy.

HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS

Em 1930 foi inaugurado no Hospital de Santo António dos Capuchos um novo Serviço de ORL, e para lá transitaram os Drs. Sant'Anna Leite e Valladares, como Directores das respectivas salas 1 e 2. Como Assistente, foi lá colocado o Dr. Carlos Larroude Gomes, que havia sido recentemente aprovado em concurso para aquele escalão da Carreira Hospitalar.



FIGURA 314

SERVIÇO 8 DO HOSPITAL DOS CAPUCHOS EM 1952

Em 1934 prestaram provas para Assistentes de ORL os Drs. Francisco Calheiros Lopes e Luís Queriol Macieira, sendo aprovados por esta ordem e colocados respectivamente no Hospital de Santo António dos Capuchos e no de S. José.

Em 1937, o Dr. Valladares pediu a exoneração por motivo de doença, tornando-se o Dr. Sant'Anna Leite único Director do Serviço de ORL do Hospital dos Capuchos.



FIGURA 316

SERVIÇO 8 DO HOSPITAL DOS CAPUCHOS EM 1969

Em 1940, quando o Dr. Sant'Anna Leite atingiu o limite de idade, a direcção do Serviço de ORL dos Capuchos foi assumida pelo já então Prof. Carlos Larroudé, tendo o outro Assistente, Dr. Francisco Calheiros, tomado a iniciativa de instar junto da Administração para que se criasse uma Consulta da Especialidade no Hospital D. Estefânia, o que fez, sendo lá colocado a dirigi-la, como era seu desejo, o próprio Dr. Calheiros, que permaneceu nessa situação até 1949, data em que foi promovido a Director de Serviço e transferido para S. José, em virtude do Dr. Alberto Mendonça ter atingido o limite de idade.

Criado nos Hospitais Cívicos de Lisboa, este Serviço foi a escola de Medicina, anterior à inauguração do Hospital de Santa Maria nos anos 50. A Escola Médica processava-se no Campo de Santana, e nos Hospitais do grupo HCL, sendo os Hospitais de Santa Marta, Capuchos, Desterro, Arroios, Curry Cabral e S. José o local onde eram ministradas as aulas teóricas e práticas das várias cadeiras.

A Otorrinolaringologia era ensinada aos alunos da Faculdade, no Hospital de Santo António dos Capuchos, primeiro pelo Dr. ARY DOS SANTOS e, posteriormente, até à passagem para o Hospital de Santa Maria pelo Prof. CARLOS LARROUDÉ. Este acumulou durante cerca de três anos a Direcção do Serviço do Hospital dos Capuchos com a Direcção do Serviço do Hospital de Santa Maria, até ao final do ano de 1959.

O Serviço funcionava num edifício separado do grupo central do Hospital, com dois andares; no 1º andar existia uma enfermaria de Homens e outra de Mulheres com cerca de 30 camas. Tinha um Bloco Operatório com uma sala, um quarto particular, uma sala de pensos, o gabinete do Director do Serviço e da Enfermeira Chefe.

No rés-do-chão existia a Consulta Externa com seis Postos de Consulta, Sala de Espera para os doentes, Serviços Administrativos para inscrição dos doentes, ficheiros e Arquivo Médico-Cirúrgico, Gabinete de Audiometria, Gabinete de Terapia da Fala, sala para a Cirurgia Ambulatória e

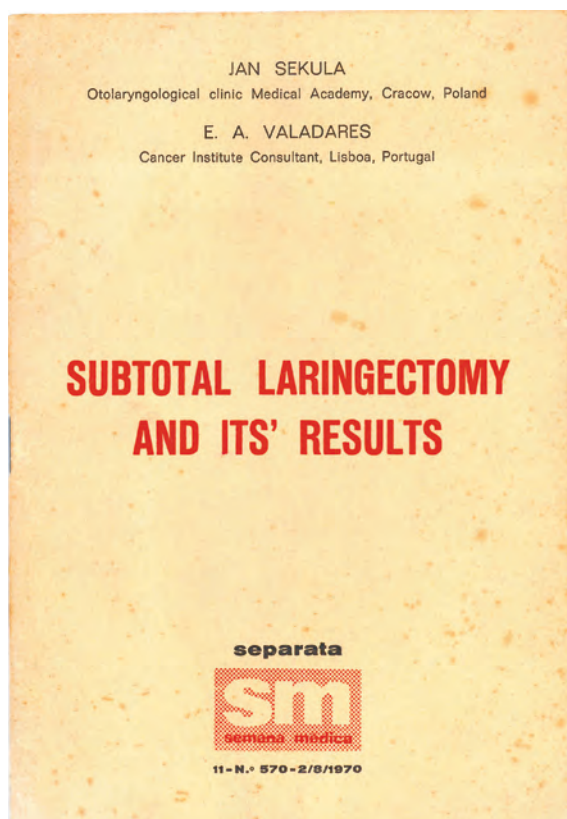


FIGURA 315

SEPARATA DA SEMANA MÉDICA DE 1970 COM UM ARTIGO DO DR. EMÍLIO VALLADARES

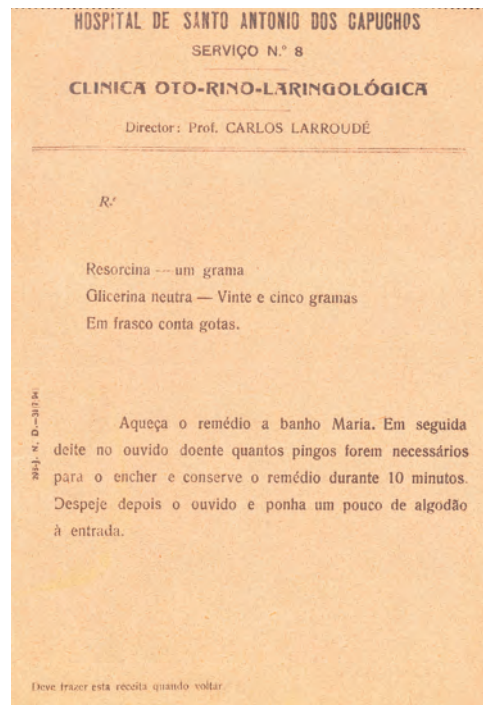
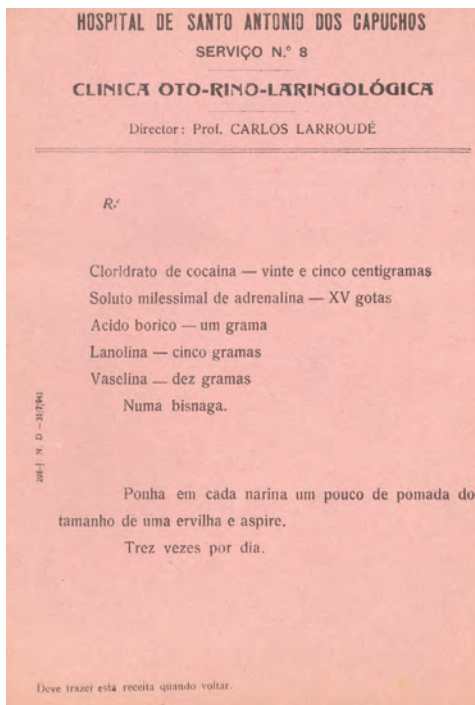
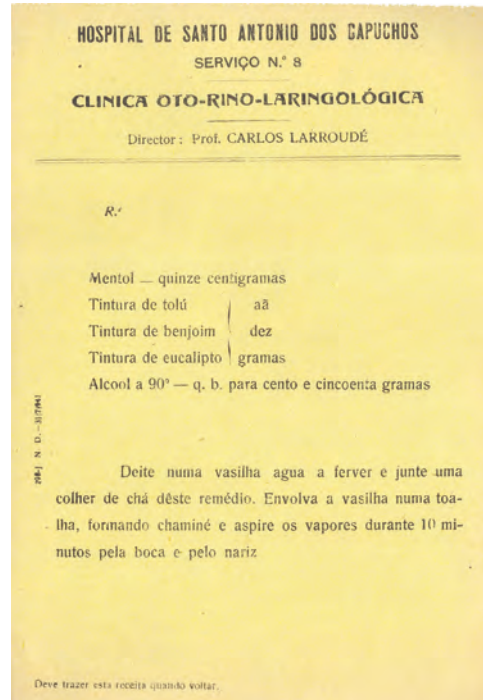
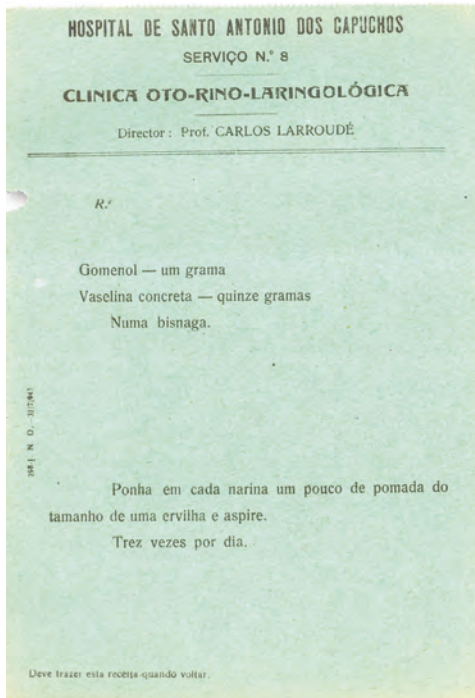


FIGURA 317

ALGUNS EXEMPLOS DE TERAPÊUTICAS QUE ERAM UTILIZADAS NO HOSPITAL DOS CAPUCHOS



FIGURA 318

JANTAR DO CORPO CLÍNICO DO SERVIÇO 8 DO HOSPITAL DOS CAPUCHOS EM JUNHO DE 1962

para a Endoscopia Rígida e várias salas de apoio, quer para os doentes operados, quer para os familiares, sala de enfermagem e sala de esterilização de ferros.

Como Director do Serviço, após a saída do Prof. Carlos Larroudé, ficou o Dr. FRANCISCO SILVA ALVES, estabelecendo novas regras para o seu funcionamento e centrando muito na sua pessoa todo este trabalho.

Pessoa de muito bom trato, irradiando simpatia, foi excelente director e óptimo profissional, deixando em todos os que tiveram o privilégio de o conhecer um admirador e um amigo. Era no entanto uma pessoa muito exigente no trabalho do dia-a-dia, no perfeccionismo técnico-científico, cumprindo e fazendo cumprir horários.

A partir de 1958 estiveram no Serviço os seguintes médicos: Drs. Lídio do Amaral, Borges de Sena, Rui Penha, Jeremias da Silva e Manuel Correia. A seguir foram entrando: os Drs. Cabral Beirão, Augusto Gomes, Pinho e Melo, Fernando Centeno, Francisco Campilho, Aires Ribeiro da Costa, Alves de Sousa, Borges Dinis, Mendes Vasconcelos, Maia Faria, Pádua Santos, Almeida Lima, Teixeira da Silva, Pontes Eusébio, Barrancos Fino, Pimenta Jacinto, Fernando Pires e Vieira de Carvalho.

Os Drs. Borges de Sena, Rui Penha e Maia Faria seguiram com o Prof. Carlos Larroudé para o Hospital de Santa Maria.

O Dr. EMÍLIO VALLADARES era quem operava a maioria dos cancros faringo-laríngeos. Durante estes anos, e possuindo

o Serviço, desde meados dos anos 50, um microscópio operatório Zeiss, desenvolveram-se as técnicas de cirurgia do ouvido, primeiro com escopro e martelo e posteriormente com torno e brocas, as timpanoplastias com *fascia temporalis*, as estapedectomias, a cirurgia do septo nasal pela técnica de Cottle (pois anteriormente utilizava-se a ressecção submucosa), e a microcirurgia da Laringe.

Tendo encerrado em fins do ano de 1969 para obras urgentes, estas nunca se efectuaram, tendo o piso superior passado para a Escola de Enfermagem e a parte inferior sido destinada a outros fins.

Assim, todo o pessoal médico e de enfermagem foi transferido para o Hospital de S. José, cujo Serviço era dirigido nessa altura pelo Dr. JOSÉ ANTÓNIO DE CAMPOS HENRIQUES.

O Dr. Silva Alves, até à sua aposentação, criou no Hospital dos Capuchos uma Consulta de Prótese Acústica, e posteriormente foi substituído pelo Dr. ROSAS DA COSTA, na altura trabalhando e fazendo parte do quadro do Hospital de D. Estefânia. Criou uma Consulta e um Serviço de Oto-Neurologia, tendo-lhe imprimido grande dinamismo.

Quando se processou a abertura do novo Pavilhão de Consultas do Hospital de D. Estefânia e por opção política da altura, o Serviço no Hospital dos Capuchos foi encerrado definitivamente, tendo então passado alguns Médicos para o Hospital de S. José, onde este Serviço passou a tratar na sua maioria adultos, e para o Hospital de D. Estefânia que passou a tratar apenas crianças.



FIGURA 319

PATEO DO HOSPITAL DE D. ESTEFÂNIA NOS ANOS 30

HOSPITAL DE D. ESTEFÂNIA

A História do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de D. Estefânia esteve muito ligada à História dos Hospitais Cíveis de Lisboa, até por volta de 1988 quando, por força do Decreto-Lei 3/88, o Grupo foi praticamente dissolvido, e cada Hospital seguiu o seu caminho. Até essa altura era possível a transferência de Médicos entre os Serviços ORL de S. José e D. Estefânia dado haver um quadro comum aos Hospitais Cíveis de Lisboa. A Portaria 598/93 veio acabar com o quadro comum e definiu um quadro para cada um dos Hospitais.

A primeira actividade clínica organizada da Especialidade ORL, no Hospital de D. Estefânia, iniciou-se em 1898, quando o Dr. FRANCISCO AVELINO MONTEIRO foi autorizado a abrir uma consulta da Especialidade nesse Hospital. Essa actividade cessou em 1908, devido ao facto do Dr. Avelino Monteiro ter sido nomeado Director da Enfermaria Sousa Martins e transferido para o Hospital de S. José.

Aparentemente, o Hospital de D. Estefânia permaneceu sem a prática de uma consulta ORL institucionalizada até ao ano de 1940, quando o Dr. FRANCISCO CALHEIROS LOPES, que era Assistente desde 1934 e estava colocado no Hospital dos Capuchos, no Serviço dirigido pelo Prof. Carlos Larroude, empreendeu várias iniciativas junto da

Administração que deram origem à abertura de uma consulta ORL no Hospital de D. Estefânia e para a Direcção da qual foi naturalmente convidado.

Em 1949, o Dr. Francisco Calheiros foi promovido a Director de Serviço e transferiu-se para o Hospital de S. José onde substituiu o Dr. Alberto Mendonça, que se aposentou por ter atingido o limite de idade. Para o seu lugar, para chefiar a consulta ORL no Hospital de D. Estefânia, foi colocado o Dr. LUÍS QUERIO MACIEIRA que prestava serviço no Hospital de S. José.

Foi durante a vigência do Dr. Luís Macieira, que exerceu funções directivas de 1949 a 1964, e na sequência de importantes obras de remodelação no Hospital, que foi criado o Serviço ORL do Hospital de D. Estefânia em 1963.

Com o falecimento do Dr. Macieira, tomou provisoriamente a Direcção do Serviço o Dr. SAMUEL ALLENBY BENTES RUAH, que já aí prestava serviço como Assistente desde 1959, lugar para o qual foi provido definitivamente, como Director, em 1965.

SAMUEL ALLENBY BENTES RUAH, nasceu em Lisboa em 1920 e terminou o curso na Faculdade de Medicina desta cidade em 1944. Fez os Internatos Geral e Intermediário de ORL dos HCL, e fez a sua preparação no Serviço de ORL do Hospital de S. José, tendo sido o último discípulo do Dr. Alberto Mendonça. Em 1959 obteve aprovação no



FIGURA 320

A INJEÇÃO

concurso para Assistente de ORL dos Hospitais Cívicos de Lisboa e foi colocado no Serviço do Hospital de D. Estefânia. Desde 1965 foi Director do referido Serviço, cujas obras de remodelação e de renovação fortemente incentivou. Deve-se-lhe também o reapetrechamento do Serviço em termos de modernização. Quando, nos anos de 1974 e 1975, houve ensino universitário nos HCL, o Dr. Ruah regeu Otorrinolaringologia. Foi Vice-Presidente e Presidente da Sociedade Médica dos HCL Fundou o Departamento de Alergologia, adstrito ao Serviço de ORL e que, por isso, se encontrava também sob a sua direcção. Promoveu ciclos de conferências e cursos de aperfeiçoamento. Foi Presidente do Colégio da Especialidade de ORL da Ordem dos Médicos. Participou activamente nas reuniões da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e de Patologia Cérvico-Facial, e em Congressos Nacionais e Internacionais. Foi representante de Portugal no *European Working Group in Pediatric Otorhinolaryngology*. É autor de vasta bibliografia, e é em 2010 o Sócio Nº 1 da SPORL.

Durante o ano de 1975, houve alguns desentendimentos no Serviço que culminaram com o pedido de transferência do Prof. Augusto Marinheiro para o Hospital de S. José,

por permuta com o Dr. Lídio da Fonseca Amaral que transitou desse Hospital. O quadro dos Assistentes, nessa época, era formado pelo Prof. Augusto Marinheiro Júnior e o Dr. Vasco Rosas da Costa, chefiando cada um uma Equipa de Médicos, tal como o Director do Serviço, como era tradição nos Hospitais Cívicos de Lisboa.

O Dr. Samuel Ruah manteve-se como Director do Serviço desde o ano de 1959 até Junho de 1990. Sob a sua Chefia, o Serviço passou por um período de grande renovação científica e tecnológica. Foram melhoradas as instalações da enfermaria, procederam-se a importantes aquisições de material de diagnóstico, de observação e de cirurgia, foi criada a secção de Alergologia, anexa ao Serviço. No entanto, a grande obra, a que mais marcou esse período, foi a construção do Edifício onde ficou instalado o Centro de Diagnóstico de Otorrinolaringologia e Imuno-Alergologia, que foi aberto em Dezembro de 1988.

O Dr. Ruah atingiu limite de idade em Junho de 1990 e a direcção do Serviço foi confiada ao Assistente mais antigo, o Dr. LÍDIO AMARAL, em Julho de 1990.



FIGURA 321

O HOSPITAL DE D. ESTEFÂNIA NUMA GRAVURA DO SÉC. XIX

Foi durante a Direcção do Dr. Lídio Amaral que o Serviço sofreu a maior alteração da sua história. Por Despacho conjunto das Administrações dos Hospitais de S. José e de D. Estefânia, datado de 21 de Setembro de 1990 e com o acordo dos respectivos Directores, Dr. Abel Correia e Dr. Lídio Amaral, o Serviço da Estefânia, que era um Serviço ORL geral, passou a ter, a partir de Outubro desse ano, uma vertente exclusivamente pediátrica, só podendo tratar crianças com idade até aos quinze anos. O Serviço de S. José passou a tratar só adultos. A urgência, que tinha sido comum durante dezenas de anos, foi também separada competindo, a partir daí, a cada Hospital tratar o seu grupo etário.

Esta resolução, que na prática criou o Serviço de Otorrinolaringologia Pediátrica do Hospital de D. Estefânia, teve o desacordo unânime dos Médicos da Estefânia que em grande número solicitaram a sua transferência para o Hospital de S. José, inconformados com a nova situação. Nessa altura a Imuno-Alergologia separou-se também do Serviço, tornando-se autónoma.

Ficaram no Serviço o Dr. Lídio Amaral, os Assistentes Graduados do Quadro, Drs. Canas Ferreira, Bernardino Moreira e Vital Calado, o Assistente Dr. Lopes Lima e outros Colegas já Especialistas ou em formação.

Em 1992, o Dr. Lídio Amaral pediu a sua aposentação, tendo-lhe sucedido o Dr. CARLOS CANAS FERREIRA, que tinha obtido a aprovação para Chefe de Serviço, no início

de 1992. A Enfermaria teve que entrar em obras porque estava muito degradada. No entanto, ao contrário do que seria de esperar foi decidido que, quando concluída, iria albergar o Serviço de Infecto, transferido do velho edifício D. Pedro V. Este edifício veio a sofrer uma remodelação total e alberga hoje a Maternidade Magalhães Coutinho, que funcionou em instalações provisórias durante muitos anos. Para garantir a continuidade do Serviço e a posse de uma futura enfermaria, o Dr. Canas Ferreira teve que conduzir difíceis negociações, que foram muito importantes para o futuro da ORL no Hospital de D. Estefânia.

Por ter pedido a sua aposentação o Dr. Canas Ferreira, assumiu a Direcção do Serviço em 1997, o Dr. VITAL VIEIRA CALADO, que já era Chefe de Serviço desde 1993.

Durante a sua Direcção, a Urgência ORL Pediátrica foi transferida para o espaço da Urgência Geral.

No ano 2000, a Dra. MARIA LUÍSA MONTEIRO tomou posse de Chefe de Serviço, e é a actual Directora do Serviço após a aposentação do Dr. Vital Calado.

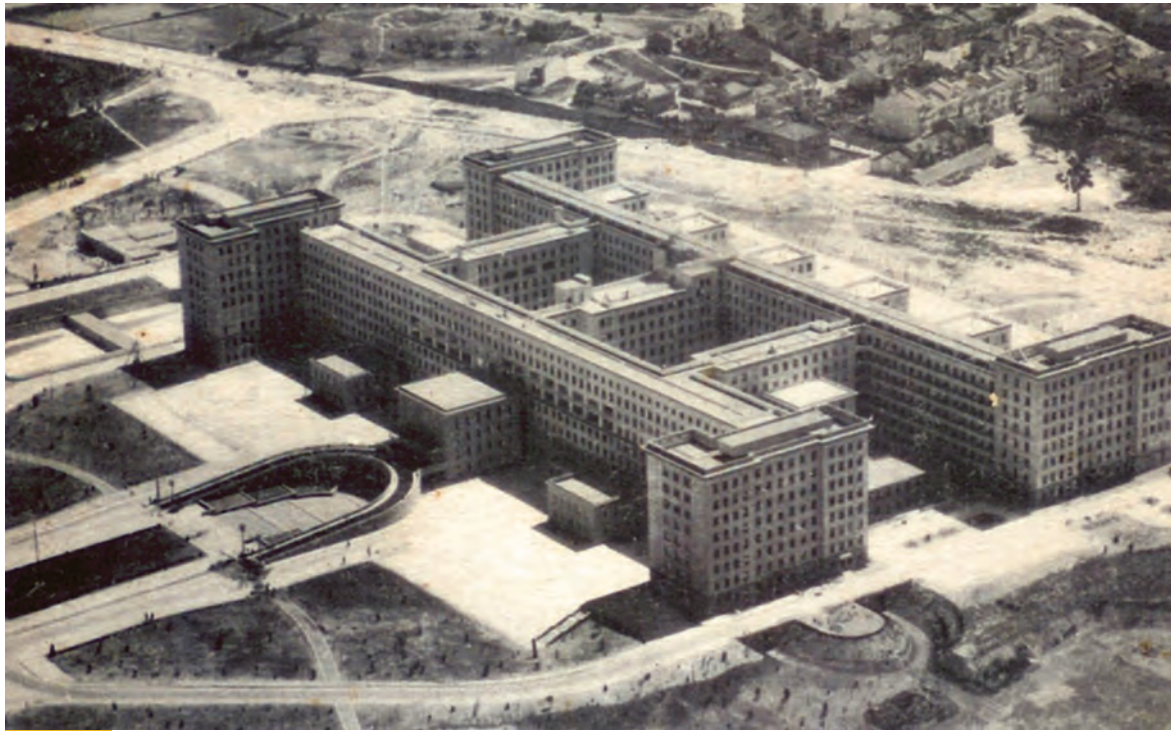


FIGURA 322

A INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL DE SANTA MARIA FOI EM 1953

HOSPITAL DE SANTA MARIA

No dia 28 de Dezembro de 1959, foi observado na Consulta Externa de ORL o primeiro doente, podendo considerar-se este acto como a inauguração do Serviço de ORL do Hospital Escolar de Santa Maria. No mesmo dia, teve lugar a primeira intervenção cirúrgica.

Toda a estruturação do Serviço, desde a difícil etapa da distribuição de áreas, à criação das várias valências e unidades, se deve à visão, dedicação e persistência do Prof. Doutor CARLOS LARROUDÉ. O modo como planeou o Serviço, foi sem dúvida notável e revelador do seu espírito inovador, se bem que o Prof. CARLOS LARROUDÉ conservasse o lugar de Director do Serviço dos Capuchos por lhe ter sido autorizada a acumulação. Esta situação manteve-se até 1963, porque ao tomar definitivamente posse da direcção do Serviço de Santa Maria, automaticamente foi forçado a abandonar os Hospitais Cívicos de Lisboa.

Em 1966, o Prof. Larroudé atingiu o limite de idade, originando-se um "interregno" dalguns anos, mais precisamente de 1966 a 1973, durante os quais a ORL ficou sem Professor e o Serviço sem Director, mas nem o ensino parou nem o Serviço deixou de funcionar, dado que, quer uma quer outra destas actividades ficaram a cargo do Assistente mais antigo, o Dr. BORGES DE SENA, auxiliado pelo restante corpo clínico. Oficialmente, o Conselho da Faculdade tornou responsáveis pelo Serviço, primeira-

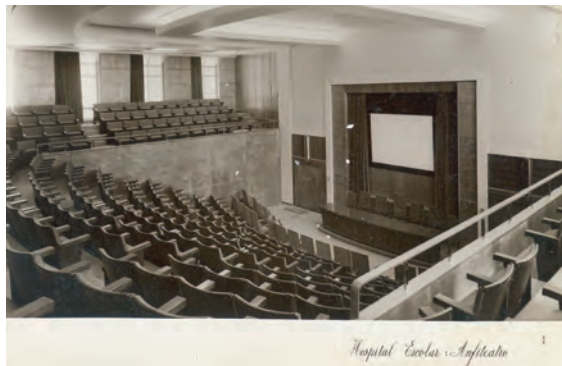
*Hospital Escolar Anfitrião*

FIGURA 323

A INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL DE SANTA MARIA FOI EM 1953



FIGURA 324

FESTA DE HOMENAGEM AO POF. LARROUDÉ QUANDO ATINGIU O LIMITE DE IDADE

CADEIRA PARA OTO-RINO LARINGOLOGIA
Modelo Prof. Larroudé

INTEIRAMENTE IDEALISADA E CONSTRUÍDA PARA SATISFAZER AS NECESSIDADES DA ESPECIALIDADE EM:

OBSERVAÇÃO - TRATAMENTO - CIRURGIA

12 UNIDADES INSTALADAS NO HOSPITAL DE SANTA MARIA

FABRICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE
M. Coimbra
HERDEIROS, LDA.
Rua do Carmo, 43, 1.º - Telef. 2 12 34 e 2 13 41 - LISBOA.

FIGURA 325

CADEIRA DE ORL IDEALIZADA POR CARLOS LARROUDÉ E UTILIZADA NO HOSPITAL DE SANTA MARIA

mente o Prof. XAVIER MORATO e em seguida o Prof. CÂNDIDO DA SILVA.

Em 1972, o Conselho da Faculdade decidiu convidar o Dr. JOSÉ NOBRE LEITÃO, cujo prestígio era unanimemente reconhecido, para assumir a Direcção do Serviço, sendo contratado como Professor Convidado.

Durante os onze anos em que foi Director, reorganizou o Serviço dinamizando os seus vários sectores e desenvolvendo uma intensa actividade considerada, a todos os níveis, como exemplar.

Pioneiro da microcirurgia otológica fez do Serviço uma verdadeira Escola caracterizada pelo rigor das indicações e das próprias técnicas, às quais deu grande contributo idealizando diverso material cirúrgico e propondo novas técnicas operatórias.

Em 1976, com o regresso do Prof. MÁRIO ANDREA, da Faculdade de Medicina de Montpellier, foi criada a Consulta de Grupo Oncológica de ORL, a primeira consulta multidisciplinar oncológica do HSM.

A partir de 1983, o Serviço passou a ser dirigido pelo Prof. Mário Andrea que se tinha Doutorado em 1975, efectuado Provas de Agregação em 1980 e ocupado a vaga de Professor Catedrático de ORL em 1981.

O Prof. Mário Andrea imprimiu um novo ritmo ao Serviço que beneficiou de inúmeras obras, desenvolvendo tanto a Actividade Assistencial como o Ensino e a Investigação.

Um dos primeiros passos foi a criação da Unidade de Áudio-Visuais ORL que teve uma importância fundamental em toda a actividade do Serviço; em 1982 foi organi-

zada a primeira Consulta de Surdez Infantil de um Hospital Público, a qual posteriormente esteve na origem da Unidade dos Implantes Cocleares (1992); em 1986 foi possível, graças ao apoio da Fundação C. Gulbenkian a estruturação da Unidade de Cirurgia Laser ORL, que constituiu uma das primeiras unidades laser do nosso país, a nível estatal, e desde logo vocacionada para a Cirurgia Endoscópica em Oncologia. Mais tarde surgiram a Consulta da Voz e duas Consultas dedicadas à Psicologia - uma vocacionada para as Alterações de Audição e outra para a Voz e Perturbações da Comunicação.

Relativamente ao Ensino Pós-Graduado destacam-se os Cursos Práticos de Cirurgia com a duração de uma semana e uma periodicidade anual - Curso de Cirurgia Laríngea e Cervical (8 cursos) e o Curso de Microcirurgia Otológica (26 cursos); os Cursos de ORL para Clínicos Gerais frequentados por mais de seiscentos participantes, que foram posteriormente realizados em Luanda (1988) integrados nos Projecto de Colaboração com a República de Angola, e nos Açores (1989); foram ainda efectuados vários Cursos de ORL Pediátrica.

Em colaboração com o Serviço de Neurologia, os Profs. Mário Andrea e Óscar Dias organizaram desde 2005 o "MESTRADO EM CIÊNCIAS DO SONO" integrado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina de Lisboa; em 2009 também em colaboração com o Serviço de Neurologia e com o Serviço de Psiquiatria do HSM e o Departamento de Linguística da Faculdade de Letras, iniciou-se o Curso de Doutoramento da Universidade de Lisboa intitulado "VOZ, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO".

A Investigação Clínica esteve sempre articulada com a Actividade Assistencial e com o Ensino. Destacam-se as técnicas desenvolvidas no Serviço por Mário Andrea e Óscar Dias - Endoscopia Rígida associada a Microcirurgia Laríngea e a "Endoscopia de Contacto" que exigiram o desenho de vários Endoscópios feitos e comercializados pela Karl Storz tendo a Endoscopia de Contacto sido aplicada a várias áreas da Especialidade e a outros órgãos e territórios.

Estas duas técnicas que foram motivo de Conferências e demonstrações cirúrgicas em grandes Centros, tiveram o seu ponto mais alto com a publicação do Livro "ATLAS OF RIGID AND CONTACT ENDOCOPY IN MICROLARYNGEAL SURGERY" editado no Estados Unidos em 1995 pela Lippincott - Raven Publishers. O prefácio deste livro foi assinado por Michael Johns, na altura Dean of the Medical Faculty da Johns Hopkins University.

Todo este trabalho foi efectuado no Centro de Investigação ORL da Universidade de Lisboa (Fundação para a Ciência e Tecnologia), tendo em 2003 obtido a classificação de "Excelente" atribuída por um painel de avaliação externo constituído por cientistas americanos.

Foram igualmente proferidas Conferências em Congressos, em Universidades estrangeiras de várias partes do mundo, destacando-se os cursos de "Microsurgical Tonsillectomy" e de "Contact Endoscopy in the Assessment of

the Upper Aero-Digestive Tract" integrados no Programa de Ensino Pós-Graduado da Academia Americana de ORL (1992 a 2002). De salientar a importância do "Projecto de Intercâmbio Luso-Americano em ORL" que teve o apoio da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

Em 1995 a técnica "Microsurgical Tonsillectomy" proposta pelo Prof. Mário Andrea, foi incluída no vídeo sobre Técnicas de Amigdalectomia editado pela Academia Americana de ORL.

Para além destas actividades perfeitamente identificadas com um Hospital Universitário, ressaltam ainda as dirigidas à comunidade.

A mais importante foi a criação, em 2002, do Dia Mundial da Voz "World Voice Day", projecto que foi proposto pelo Prof. Mário Andrea na qualidade de Presidente da *European Laryngological Society* (ELS), no 4º Congresso da ELS em Bruxelas (2 a 7 de Setembro de 2002). O "World Voice Day" é comemorado actualmente em todo o País e por todo o mundo.

Ao longo dos anos foram centenas os Especialistas formados no Serviço e que ocupam lugares de destaque na Otorrinolaringologia portuguesa. Este é sem dúvida, um dos objectivos primordiais de um Hospital Universitário.

Para além de Médicos ORL, tem sido enorme o contributo dado à formação de Médicos de outras Especialidades, Enfermeiros, Audiologistas, Terapeutas da fala, Psicólogos, Professores do Ensino Especial e ainda, de Técnicos de outras áreas do conhecimento.

Durante quase 60 anos, foram muitos os colaboradores do Serviço entre Médicos, Enfermeiros, Técnicos, Pessoal Administrativo e Auxiliar, que fizeram do seu trabalho no Hospital de Santa Maria a razão da sua vida profissional.

Para aqueles que já não estão entre nós, deve ser prestada uma homenagem à sua memória, por todo o esforço e entrega ao Serviço de ORL do HSM.

Foi o trabalho realizado ao longo de várias gerações de colaboradores que permitiu ao Serviço de ORL atingir o reconhecimento de que hoje desfruta.

Actualmente o Serviço de ORL de HSM passou a designar-se "Departamento de ORL, Voz e Perturbações da Comunicação".



FIGURA 326

A FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA EM 1860

HOSPITAL DE EGAS MONIZ

O Hospital de Egas Moniz, comemorou em Abril de 1992, 100 anos de existência, pois foi criado em 24 de Abril de 1902, por CARTA DE LEI, como Hospital Colonial de Lisboa, a funcionar no edifício da Cordoaria Nacional até 1925.

Em 1903 foi estabelecido o primeiro regulamento, para funcionamento do Hospital Colonial. Em 1913 iniciou-se a Consulta Externa.

Em 1919 foi adquirida, pelo Estado, a Quinta do Saldanha, à Junqueira, em cujos terrenos, foi depois construído a expensas de Macau, um pavilhão de internamento, que recebeu o nome de Pavilhão de Macau.

Ficou assim, o Hospital, instalado num agradável parque com um arvoredo e uma magnífica vista sobre o rio Tejo.

Em 1943, numa altura em que o movimento hospitalar tinha entrado em acentuado declínio, foi nomeado Diretor, o Coronel-Médico Dr. PEDRO FARIA, que foi o principal responsável por grandes transformações no Hospital.

O Decreto-Lei n.º 35913 de 23 de Outubro de 1946 reorganizou o Hospital, levando à criação de quase todas as Especialidades que ainda hoje existem, incluindo a Otorrinolaringologia.

Em 1949 dá-se a nomeação, para o Serviço, do Dr. ARMANDO DA COSTA SANT'ANA LEITE (1913 - 1977) que tinha frequentado o Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital dos Capuchos, dirigido pelo seu pai João Sant'Ana Leite, tendo aí permanecido durante 18 anos. Foi 2º Assistente da cadeira de Otorrinolaringologia, por convite do Prof. Dr. Carlos Larroudé, até ir para o Hospital do Ultramar, cujo Serviço de ORL planeou, organizou e dirigiu até ao seu falecimento em 1977.

Em 1950 inicia funções no Serviço o Dr. ARMANDO GRANADEIRO VICENTE, inicialmente como voluntário entre 1950 e 1956, e a partir de Junho de 1956 como Assistente Hospitalar, cargo em que se manteve até perfazer 70 anos de idade.

Desde o falecimento do Dr. Armando Sant'Ana Leite em 1977 e até 1981, data da chegada do Prof. Dr. RUI PENHA, dirigiu interinamente o Serviço, o Dr. Armando Granadeiro Vicente. Entretanto e após 1974, o Serviço integraria dois médicos vindos das ex-colónias, o Dr. AMÍLCAR DOS ANJOS NOGUEIRA e o Dr. ERNESTO MÁRIO TEIXEIRA E SILVA.

Desde 1974 que existia no Hospital o Departamento de Otoneurologia que era dirigido pelo Prof. Dr. BRANCO CORREIA.

ADOLFO BRANCO NUNES CORREIA, nasceu em 1917 em Santarém, tendo-se licenciado pela Faculdade de Medicina de Lisboa em Novembro de 1949. Em 1955 foi para os Estados Unidos da América, a fim de fazer a sua aprendizagem de ORL no *Massachusetts Eye and Ear Infirmary* de

258 A OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA NOS HOSPITAIS

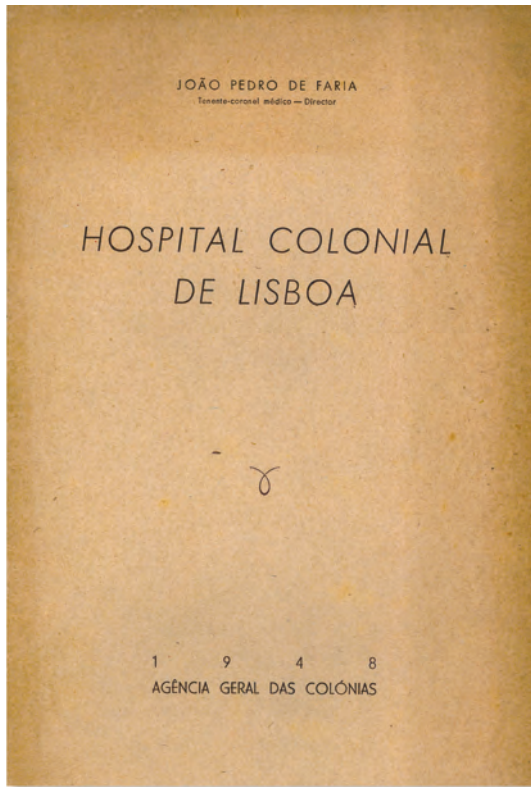


FIGURA 327

LIVRO DO DR. PEDRO FARIA SOBRE O HOSPITAL COLONIAL COM UMA FOTO DO PAVILHÃO DE MACAU

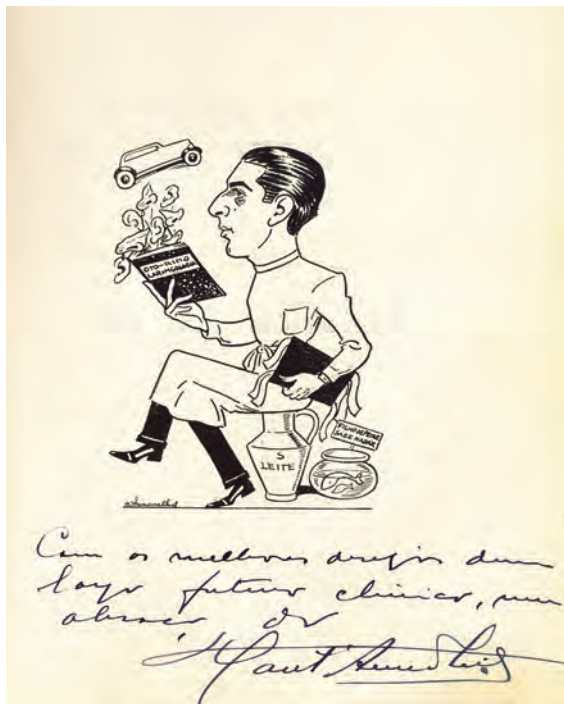


FIGURA 328

O DR. ARMANDO DA COSTA SANT'ANNA LEITE (1913 - 1977)

Boston, sob a orientação do Prof. Montgomery e do Dr. Reed. Detentor duma bolsa de estudo, dirigiu-se seguidamente para New York, onde frequentou durante 1 ano o Instituto de Otologia dirigido por Lempert.

De regresso à Europa fez uma visita de estudo à Clínica do Prof. Zollner em Freiburg. Em 1960 ingressou no quadro de Especialistas do Ultramar e foi colocado na cidade da Beira, para substituir o Dr. Augusto Marinheiro Júnior. Em 1964 pediu transferência para o Serviço de ORL do Hospital Miguel Bombarda de Lourenço Marques. A Faculdade de Medicina desta cidade encarregou-o, em 1969, de reger o curso de ORL. Durante a permanência em Moçambique, visitou Clínicas da Especialidade na África do Sul. Em 1973 partiu para Londres, como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, tendo trabalhado 2 anos com o Prof. Hinchcliffe em Audiologia e Vestibulometria. O interesse que adquiriu nestas matérias levou-o a Estrasburgo em 1974, onde contactou com o Prof. Greiner e com o Dr. Conraux. A partir de 1976 foi colocado no Departamento de Otoneurologia do Hospital de Egas Moniz, até perfazer 70 anos de idade. Doutorou-se em 1986 pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

Em 1974, o Hospital mudou mais uma vez de nome e depois de ser HOSPITAL COLONIAL e HOSPITAL DO ULTRAMAR, adquiriu o seu nome actual - HOSPITAL DE EGAS MONIZ - em homenagem ao nosso único Prémio Nobel da Medicina.

As obras de remodelação do Hospital, que tinham tido início em 1969, terminaram em 6 de Março de 1975, tendo o Hospital adquirido a sua actual configuração.

Em 1981, o Prof. Dr. RUI DA SILVA SANTOS PENHA, nomeado Professor Catedrático de Otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, assumiu a Direcção do Serviço de Otorrinolaringologia, tendo este adquirido o estatuto universitário.

A partir dessa data, uma nova vida começa para este Serviço, com o objectivo de o desenvolver e tornar num dos

melhores a nível nacional. O Prof. Dr. Rui Penha traz consigo do Hospital de Santa Maria os Drs. SERRANO SANTOS, GABÃO VEIGA, MADEIRA DA SILVA, EDUARDO FATELA e VASCO RIBEIRO, que acumulavam as funções assistenciais com as docentes, e ainda o Dr. JOSÉ ANTÓNIO COSTA QUINTA (do Hospital de S. José) exercendo unicamente funções docentes.

Em 1982, o Departamento de Otoneurologia e Audiologia foi englobado no Serviço de Otorrinolaringologia.

Dá-se início a múltiplas iniciativas e eventos que marcaram a ORL Nacional, tais como:

- Congresso Internacional de Impedanciometria em 1982;
- Cursos Práticos de Otologia Cirúrgica e Dissecção do Osso Temporal, tendo o primeiro sido realizado em 1982 (23 cursos);
- Jornadas de Otorrinolaringologia Pediátricas, sendo a primeira em 1988;
- Cursos de Audiologia Clínica;
- Cursos Práticos de Micro-Endoscopia Naso-Sinusal, o primeiro foi realizado em 1993;
- Simposium Internacional de Otosclerose – 1986;
- VI Congresso Luso-Espanhol de ORL – 1991;
- Congresso - Societas Latina ORL – 1992;
- Congresso ORL - O 3º Milénium – 1995;



FIGURA 329
O ANTIGO HOSPITAL DO ULTRAMAR

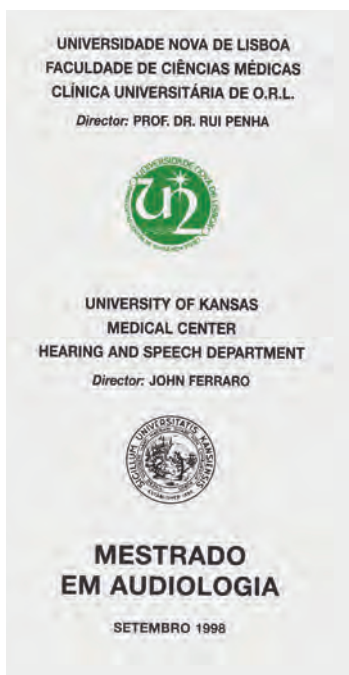


FIGURA 330
CURSO DE MESTRADO EM AUDIOLOGIA – 1998

A partir de 1998 passou a ter como director o Prof. Dr. José Francisco Higino Madeira da Silva que igualmente assumiu a Regência da Cadeira de Otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

O Serviço de ORL do Hospital de Egas Moniz é um Serviço equipado com todos os meios de diagnóstico e tratamento de uma unidade moderna de ORL, possuindo nomeadamente um Laboratório de Dissecção do Osso Temporal.

Este Serviço foi Pioneiro em Portugal, devido à estreita colaboração com o Departamento de Neurocirurgia, e principalmente com o Dr. PRATAS VITAL de muitas abordagens da Base do Crânio, tendo sido este serviço um dos pioneiros da prática da Otoneurocirurgia no nosso País, realizando de modo regular as cirurgias de Abordagem da Hipófise, Cirurgias Translabirínticas, Via da Fossa Média, diversas vias combinadas, a Cirurgia dos Glomus Timpânicos etc.

INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA DE FRANCISCO GENTIL - I.P.O.F.G.

A Otorrinolaringologia começou por ser apenas uma consulta, uma das mais antigas do IPO (1929), tendo inicialmente como responsável o Dr. MANUEL BENTO DE SOUSA. Posteriormente, foi dividida em ORL 1 e ORL 2, tendo ficado o Dr. Manuel Bento de Sousa responsável da ORL 1 e o Dr. ANGELO PENA responsável da ORL 2. Trabalhavam nessa altura na consulta de ORL 1, o Dr. EMÍLIO ALVES VALADARES e o Dr. RUI DE FREITAS, e na ORL 2, o Dr. PULIDO VALENTE e o Dr. CALDEIRA DA SILVA.

Com o Dr. Emílio Valadares a Cirurgia Oncológica da Laringe atingiu grande desenvolvimento em relação aos outros Hospitais Centrais, tendo publicado vários trabalhos com estatísticas notáveis para a época.

Anos mais tarde, a ORL voltou a constituir-se como consulta única, e integraram-na o Dr. Angelo Pena, como responsável, sendo os restantes médicos os Drs. RUI DE FREITAS, ABÍLIO SALVADOR, PULIDO VALENTE, ANTÓNIO GONÇALVES e o Dr. FAUSTO TABORDA.

O Dr. Angelo Pena, que havia feito a sua preparação na Alemanha, imprimiu grande dinamismo à consulta, e é conhecido o facto de que aplicava todo o dinheiro que recebia como salário, na compra de instrumentos de observação na consulta.

Pela Ordem de Serviço nº 12/71 foi regulamentada a actividade das Clínicas Oncológicas criadas em 1969. A Clínica Oncológica I, também designada por Clínica de Tumores da Cabeça e Pescoço, ficou sediada no 5º andar do edifício principal e incluía os casos oncológicos das consultas externas de diferentes Especialidades.

Havia uma clínica que se destinava ao tratamento cirúrgico dos doentes com patologia oncológica observada nessas consultas, tendo também autonomia as consultas

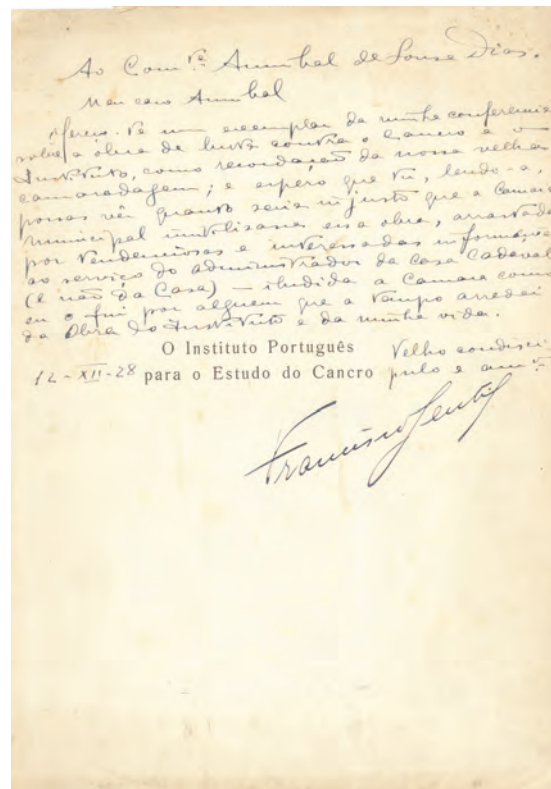
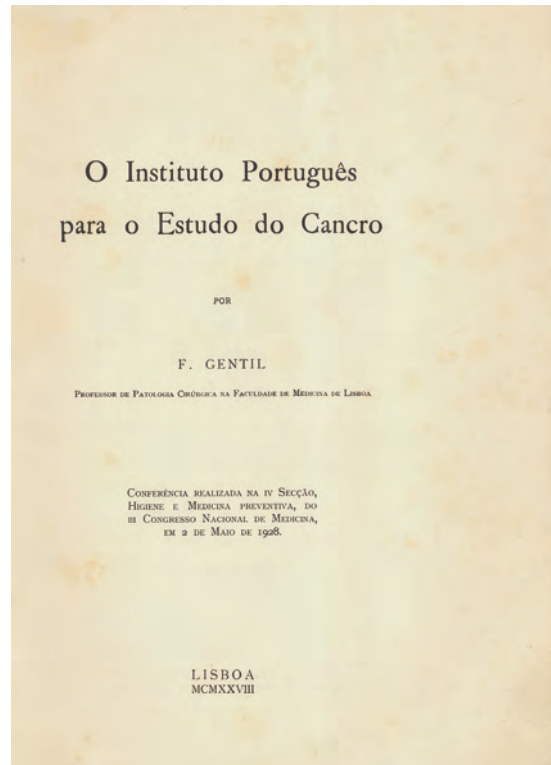


FIGURA 331
CONFERÊNCIA SOBRE A OBRA DA LUTA CONTRA O CANCRO
DE FRANCISCO GENTIL EM 1928 - COM DEDICATÓRIA

com os respectivos chefes das consultas, que no caso de ORL era o Dr. Angelo Pena.

Os chefes das consultas funcionavam como consultores da clínica de Tumores da Cabeça e Pescoço.

Após a reforma do Dr. Angelo Pena em 1 de Janeiro de 1980 ficou a assegurar a chefia da Consulta, o Dr. Abílio Salvador, até à sua reforma em 1995.

O Prof. JOSÉ CONDE assumiu em Setembro de 1985 a Direcção do Centro de Lisboa do IPOFG, e passou o Dr. JOÃO SACADURA a dirigir a Clínica de Tumores da Cabeça e Pescoço até à data da sua reforma.

Em 2 de Abril de 1992 passou a ser responsável pela Clínica Oncológica I, o Prof. NUNO SANTIAGO, cargo que manteve até 26/10/95.

Nesta data, pela Ordem de Serviço nº 47 Série B, foram reorganizados os Departamentos de Oncologia Médica e Cirúrgica, tendo a Clínica Oncológica I sido dividida nos Serviços de ORL, Cirurgia de Cabeça e Pescoço e Unidade de Cirurgia Plástica e Reconstructiva.

Pela Ordem de Serviço 48/95 foram designados os responsáveis dos diversos serviços, tendo ficado o Prof. Nuno Santiago, Director da ORL e coordenador da Área Funcional dos Tumores da Cabeça e Pescoço.

Em Março de 2002, por aposentação do Prof. Nuno Santiago, foi nomeado Director do Serviço, o Dr. JOÃO OLÍAS. Já em 2010, tendo ido dirigir o Serviço ORL do novo Hospital de Cascais, saiu o Dr. Olías, tendo sido nomeado para o substituir, o Dr. MIGUEL MAGALHÃES.

HOSPITAL DE PULIDO VALENTE

Antes de 1974, este Hospital chamava-se SANATÓRIO D. CARLOS I, sendo vulgarmente conhecido como SANATÓRIO DO LUMIAR.

Em 19 de Maio de 1932, no Sanatório Popular de Lisboa, nessa época também conhecido por Hospital de Repouso de Lisboa, era inaugurado o Pavilhão das Senhoras de Caridade. Este pavilhão resultou da iniciativa da Comissão das Senhoras de Caridade, presidida por Isaura Palha Infante De La Cerda. No rés-do-chão foi instalado um gabinete de Laringologia, para além de um Laboratório, uma Sala de Operações e aparelhagem de Metabolismo Basal e Toraco-Cáustico. Não existe referência a nomes que tenham passado pelo referido gabinete de Laringologia.

Por Diploma Legal de Maio de 1975, aquela Instituição foi transformada em Hospital Geral Central, com a designação de Hospital de Pulido Valente. Começou a funcionar em 1 de Janeiro do ano seguinte, vocacionado para a Pneumologia, com quatro Serviços desta Especialidade apoiados por um Serviço de Cirurgia Torácica. Com urgência aberta ao exterior na área da Pneumologia, fazia-se sentir a necessidade de apoio Otorrinolaringológico.

Sob a direcção do Dr. AUGUSTO GOMES inicia-se a criação do actual Serviço, por onde, a partir de 1982 passaram os Drs. Duarte Freitas e Costa Quinta.

MANUEL MARQUES PEREIRA, inicia funções de Assistente nesse mesmo ano. Foi de inestimável valor a colaboração



FIGURA 332

VISTA SOBRE OS JERÓNIMOS TIRADA DA TORRE DE BELÉM NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX

prestada pelo Dr. Coelho Nobre, que se reformou por limite de idade. Outro colaborador foi Paisana Granjo. Estes dois últimos vieram dos novos países de língua oficial portuguesa.

Foram criadas as Unidades de Vertigem e Equilibrimetria, Potenciais Evocados e Otoemissões Acústicas, Electrodiagnóstico do Facial, Vídeo-Laringo-Estroboscopia, Rinomanometria e Rinometria Acústica e Endoscopia, que dão apoio a consultas de Vertigem, Surdez, Acufenos, Patologia da Voz, Roncopatia e "Diagnóstico Rápido".

Em 2008 foi constituído o Centro Hospitalar Lisboa Norte do qual fazem parte o Hospital de Santa Maria e Pulido Valente, tendo o Serviço de ORL do Hospital de Pulido Valente tomado a designação de Serviço de Otorrinolaringologia II.

O Serviço de ORL II, tem actualmente (2010) 14 camas de internamento e mais 6 na Unidade de Cirurgia do Ambulatório, 3 dias por semana.

- Tempos Cirúrgicos - 6 tempos cirúrgicos de cirurgia programada e 3 de ambulatório por semana, além de 8 tempos de SIGIC por mês.

- Consulta externa - 5 gabinetes.



FIGURA 333

CÓPIA DE UMA FOTOGRAFIA DO DR. BERNARDINO ANTÓNIO GOMES (FILHO) NOMEADO DIRECTOR DO HOSPITAL DA MARINHA COM 27 ANOS EM 1833

- Em 2008 foi criada a consulta de Decisão Terapêutica (multidisciplinar) para os pacientes do foro oncológico ORL.

- Possui um laboratório de cirurgia experimental para 2 pessoas em simultâneo.

Constituição do Quadro Permanente:

- José Manuel Borges Guerra (Chefe de Serviço).

ANTÓNIO MARQUES PEREIRA (Responsável do Serviço desde 2003 e Director desde 2004), Paulo Borges Dinis, Luís Gomes Tomás, João Subtil, Carla Branco, António Coimbra Henriques, José Tavares e Leonel Luís.

Em 2009, o Serviço comemorou o DIA MUNDIAL DA VOZ realizando, além de um rastreio, o I Encontro dos doentes com patologia da voz sob o lema "DAR VOZ À VOZ".

HOSPITAL DA MARINHA

Por alvará de Setembro de 1797, assinado pelo então Príncipe Regente D. João VI, foi ordenada a construção de um hospital para a Real Armada nos terrenos do antigo Colégio dos Jesuítas, ao Paraíso.

Projectado por Xavier Fabri, sofreu várias vicissitudes na sua fase de construção que se prolongou até Janeiro de 1806, altura em que recebeu os primeiros doentes.

É seu primeiro Director o Dr. INÁCIO XAVIER DA SILVA, Físico-Mor da Armada, grande cientista e investigador, a quem se deve a fundação do 1º Instituto Vacínico em Portugal, funções que exerce até 1824.

Assumindo o poder em 1833, D. Pedro IV, e após fase conturbada do Hospital, nomeia como seu Director, o Dr. BERNARDINO ANTÓNIO GOMES (Filho), de 27 anos, e que fora Chefe dos Serviços de Saúde do Corpo Expedicionário que desembarcara no Mindelo. São-lhe atribuídos plenos poderes e toda a Saúde Naval sofre um enorme incremento qualitativo que se estende inclusive ao Serviço de Saúde no Ultramar.

Em 1908 nasce a Cirurgia, tendo sido inaugurada a primeira sala de operações em 1910, sendo que em 1926 o Bloco Operatório passa a contar com três salas e é considerado o melhor do País.

Várias Especialidades se vão entretanto autonomizando: a Estomatologia em 1920, a Dermatologia em 1926.

Na década de trinta, novas valências se vão emancipando: a Oftalmologia, a Psiquiatria, a Radiologia, a Fisiatria, e é introduzida na Marinha a vacinação pela B.C.G. que posteriormente se alarga aos outros ramos das forças armadas e à população civil.

Em 1948 é criado, mais uma vez de forma pioneira em Portugal, o 1º Serviço de Anestesiologia. Com a guerra do Ultramar o HM transforma-se no principal esteio da Saúde Naval, no apoio às forças em campanha. Em 1972 inicia-se a assistência aos familiares.

Em 1989 iniciam-se as consultas de Medicina Hiperbárica. Criado inicialmente para apoio aos mergulhadores da Armada, veio a estender-se ao tratamento de vários tipos de patologias, sendo posteriormente aberta à sociedade civil.

Desde 1992 dispõe este Centro do Hospital da Marinha, de um serviço de urgência permanente, único deste tipo em todo o país.

Em 1993 inicia-se no HM uma actividade de recuperação de toxicod dependentes e alcoólicos que culmina na criação da UTITA, aberta também à sociedade civil.

O Serviço de Otorrinolaringologia do HM, tem-se mantido ao longo das últimas décadas como um dos Serviços de referência do Departamento Médico do Hospital, exercendo a sua actividade no âmbito da Especialidade, aplicando e desenvolvendo as várias técnicas e valências na área da ORL moderna.

Sempre com o elevado empenho e colaboração de sucessivas gerações de dedicados Otorrinolaringologistas, como foi o caso do Prof. Dr. Nobre Leitão, distinto Médico Naval e mais tarde Professor na Faculdade de Medicina de Lisboa, um dos introdutores da microcirurgia otológica na Marinha e em Portugal, tem o Serviço de ORL do HM sabido diversificar a sua acção, privilegiando áreas de actuação para as quais se encontra naturalmente mais vocacionado, como tem sido o caso da estreita colaboração que mantém com o Serviço de Medicina Hiperbárica, na vigilância e tratamento das várias patologias que recorrem ao Oxigénio Hiperbárico, como forma terapêutica.

HOSPITAL DA FORÇA AÉREA

O Serviço de Saúde da Força Aérea autonomizou-se do Hospital Militar Principal - HMP - com a criação do Núcleo Hospitalar Especializado em 1975, que mais tarde (1979), foi rebaptizado de Hospital da Força Aérea.

A valência de Otorrinolaringologia integrou as especialidades médicas existentes no HFA desde o início, assegurando quer a vertente assistencial aos militares das Forças Armadas e respectivos familiares, quer no âmbito da Medicina Aeronáutica, nos aspectos de selecção de Pessoal Navegante e no acompanhamento médico desse pessoal, que trabalha num meio fisiologicamente exigente.

A Chefia do Departamento de ORL, então criado, foi entregue ao Dr. ANTÓNIO ENTRUDO, que contava com a colaboração de dois colegas médicos civis - o Dr. Granadeiro Vicente e o Dr. Abel Correia, os quais trabalharam no Departamento até ao início da década de 1980. Asseguravam então a Consulta de Especialidade na vertente assistencial, dispendo ainda de Bloco Operatório, internamento e laboratório de audiologia.

Na década de 1980, novos elementos incorporaram o Departamento, tendo, por opção e orientação da chefia, sido diversificada pelos diversos Serviços de ORL idóneos, a formação destes Médicos. A escola e a tradição desses diversos Serviços ORL muito contribuíram ao ecletismo vivenciado no Serviço ORL do Hospital da Força Aérea.

Assim, em 1980 o Dr. ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA integra o quadro de Otorrinolaringologistas da Força Aérea,



FIGURA 334

FOTOGRAFIA ESTEREOSCÓPICA DE UM DOS PRIMEIROS VOOS REALIZADOS EM PORTUGAL PELO SR. JÚLIEN MAMET EM 27 DE ABRIL DE 1910 NO AERODROMO DE BELÉM

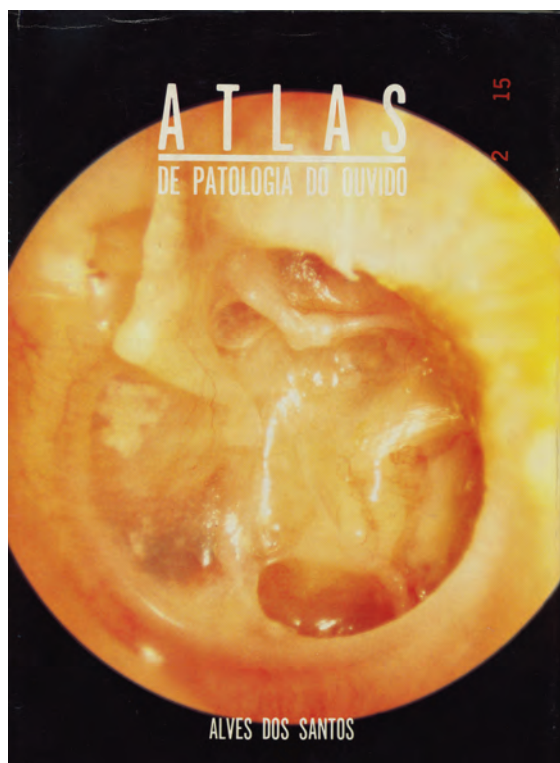


FIGURA 335

“ATLAS DE PATOLOGIA DO OUVIDO” PELO DR. ALVES DOS SANTOS

tendo feito a sua especialização no Hospital de S. José; será Director do Serviço de ORL entre 1987 e 1998.

O Dr. CARLOS ALVES DOS SANTOS entra para o Serviço em 1981; especializado no Serviço ORL do Hospital de Santa Maria, é nomeado em 1998 Director de Serviço.

A par do crescimento da equipa, a área de actividade tem-se expandido, com recrutamento de doentes, além de militares e famílias, a outros subsistemas de saúde, nomeadamente aos Servidores do Estado.

A dotação de microscópios de consulta, a valência de videoendoscopia, o laboratório de audiologia com capacidade de estudo de potenciais evocados auditivos, o laboratório de vestibulometria com VNG e posturografia dinâmica computadorizada, com capacidade de estudo e reeducação de doentes vertiginosos, e alguns equipamentos vocacionados particularmente à Medicina Aeronáutica, nomeadamente o simulador de desorientação espacial e a câmara hipobárica, permitem incluir o Serviço ORL do Hospital da Força Aérea entre os serviços adequadamente equipados aos objectivos assistenciais propostos.

Também a dotação em equipamento cirúrgico, com a inclusão de novos microscópios cirúrgicos, de LASER CO₂, além de outros instrumentos que facilitam alguns tipos de cirurgia, como o Micro Debrider®, o Ultracision®, o Coblator®, tem contribuído para o bom desempenho do Serviço.

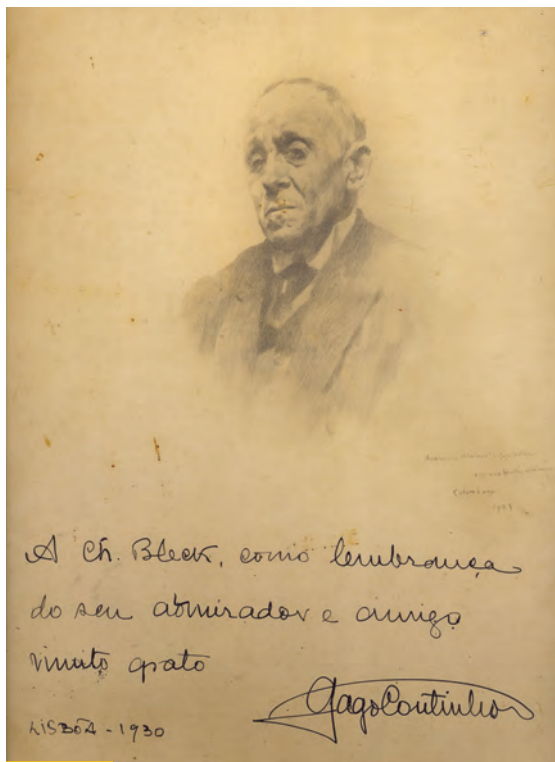


FIGURA 336

DEDICATÓRIA DE GAGO COUTINHO A OUTRO HERÓI DA AVIAÇÃO, CHARLES BLECK

Na vertente científica, o Serviço tem procurado contribuir ao desenvolvimento da Otorrinolaringologia Nacional, com apresentação de trabalhos em Reuniões Nacionais e Internacionais.

Neste âmbito, também é de mencionar a publicação de o “ATLAS DE PATOLOGIA DO OUVIDO” pelo Dr. Alves dos Santos em 1994, e a organização e realização, em Outubro de 2001, das “Jornadas de Cirurgia do Ouvido Médio em Directo”, com o patrocínio de instâncias civis e militares da Saúde em geral, e da ORL em particular.

HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL EM LISBOA

Foi no Hospital Militar Principal em Lisboa que teve início a assistência Otorrinolaringológica aos militares, sendo o respectivo Serviço fundado em 1909 pelo Dr. ALBERTO LUÍS DE MENDONÇA, ao tempo Alferes-Médico.

Em 1911, o mesmo Especialista, já com o posto de Tenente-Médico, foi nomeado Director do Serviço que havia fundado, nessas funções se mantendo até 1935.

De 1915 a 1919 o Serviço esteve encerrado, em virtude do Dr. Mendonça, único Especialista, ter sido mobilizado e incorporado sucessivamente na Expedição Militar ao Sul



FIGURA 337

A BASÍLICA DA ESTRELA EM LISBOA NUMA FOTOGRAFIA DE AUGUSTO XAVIER MOREIRA CERCA DE 1865

de Angola e no Corpo Expedicionário Português em França, no posto de Capitão-Médico.

Aquando da reabertura do Serviço em 1919, ingressou nele, como 1º Assistente, o Dr. Manuel Pinto, com o posto de Tenente-Médico. Este clínico, que também tinha estado em França com o C.E.P., manteve-se como 1º Assistente até 1927, tendo ido nessa data, já Capitão-Médico, instalar-se primeiramente em Águeda e mais tarde em Coimbra.

Em 1927 entrou para o Serviço o Dr. JOÃO GONÇALVES VALENTE, como 2º Assistente. Com a saída do Dr. Mendonça em 1935, o Dr. Valente ascendeu a Director, mas pouco tempo se demorou no exercício dessa função, por ter pedido transferência para o Funchal, donde era natural e onde se fixou.

Durante a chefia do Dr. Valente, entrou para o Serviço o Tenente-Médico Dr. António Dias Barata Salgueiro, em 1932, acumulando a sua actividade militar com a de Interno dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Em 1935, e após provas públicas (as últimas que se realizaram para este efeito), o Dr. Barata Salgueiro foi nomeado 1º Assistente.

Ao Dr. João Valente sucedeu, na direcção do Serviço, o Dr. AMÉRICO PINTO DA ROCHA, Major-Médico. Durante a sua chefia foi introduzido no Serviço o primeiro audiómetro que existiu em Portugal.

O Dr. BARATA SALGUEIRO foi quem sucedeu ao Dr. Pinto da Rocha como Director do Serviço, cargo que exerceu durante longos anos, tendo imprimido profunda influência que se materializou não só na remodelação das instalações, que foram notavelmente melhoradas, como também na constante modernização do equipamento, nomeadamente na entrada em funcionamento do gabinete de audiologia. Mas a acção do Dr. Barata Salgueiro não se fez sentir somente em melhoramento materiais, já que foi decisiva a sua influência na preparação de numerosos Especialistas, tanto militares como civis.

O Director que se seguiu foi o Dr. AMILCAR ARISTIDES LOPES FERREIRA CASEIRO, cuja aprendizagem fora integralmente feita neste Serviço. Durante a sua chefia foi dada ao Dr. Barata Salgueiro a satisfação de o nomearem Consultor Técnico de ORL, funções que manteve até 1971.

Na década de 60, com a guerra do Ultramar, avolumou-se o movimento do Serviço e a necessidade de mais assistentes. Com excepção da Dra. Maria Luísa Herédia (Interna de ORL dos HCL), e obviamente único elemento civil, todos os restantes assistentes eram Médicos militares, tendo feito a sua preparação sob a orientação do Dr. Barata Salgueiro. Foram eles os Drs. Fernando José Deyrieux Centeno, Rui Franco Gil, Alberto Antunes e Manuel Ferreira Correia.

Os Drs. FERNANDO JOSÉ DEYRIEUX CENTENO, RUI FRANCO GIL e MANUEL CORREIA, sucederam por esta ordem ao Dr. Caseiro, na chefia do Serviço.

Todos eles se preocuparam em melhorar as condições de trabalho, particularmente quanto aos meios de diagnóstico mais sofisticados, conseguindo que fosse instalada aparelhagem de impedanciometria, de audiometria automática e de electronistagmografia, para não citar senão o mais importante.

HOSPITAL CUF INFANTE SANTO

Tem mais de sessenta anos a história deste hospital privado, sediado no coração de Lisboa, com 240 camas multidisciplinares. BANDEIRA DE LIMA foi o primeiro que trabalhou no Hospital CUF, desenvolveu a sua actividade, seguido mais tarde por ARMANDO GRANADEIRO.

O Hospital CUF, já com a direcção do Prof. João Paço, construiu um novo edifício de 10 andares, junto às antigas instalações, no qual o “Centro de Otorrinolaringologia” ocupa dois pisos, um de Consultas e outro de Exames, com quatro Salas de Espera, três Recepções e uma Central Telefónica.

Cirurgicamente realiza todas as Técnicas da Especialidade, existindo diariamente uma a duas salas a funcionar, onde se efectuam as Cirurgias de ORL - endoscópica, microscópica, Laser CO₂, Radiofrequência com bisturi ultra-sónico etc.

O Corpo Clínico deste Centro cujo Director é o Prof. Dr. João Paço, conta para além de oito Otorrinolaringologistas (quatro em exclusividade), com três Alergologistas, dois Cirurgiões Maxilo-Faciais, um Endocrinologista, um Neurofisiologista (especialista em Patologia do Sono), um



FIGURA 338

O HOSPITAL DA CUF EM 1945

Generalista, uma Psicóloga Clínica, três Anestésistas e ainda três Técnicos de Saúde, um Audiologista, uma Terapeuta da Fala e uma Nutricionista.

No que respeita ao equipamento, conta com o que de mais moderno existe para a Especialidade, não podendo deixar de destacar a endoscopia rígida e flexível, para além dos microscópios existentes em todos os Gabinetes de Consulta, a Plataforma de Posturografia Dinâmica Computorizada (a 1ª existente em Portugal), as duas Videonistagmografias, o Planetário Optocinético, o Laboratório de Sono com cinco Polissonógrafos e ainda outros como o Analizador Digital de Voz, para além de Audiometria Tonal, Vocal, Altas Frequências, Impedanciometria, Otoemissões Acústicas e Potenciais Evocados Auditivos.

Clínica das Inovações, assim lhe chamou Alfredo da Silva, e tem sido esse o espírito, procurando simultaneamente dá-las a conhecer aos Colegas, facto que nos motivou para a realização regular das “Reuniões ORL do Hospital CUF”, organizadas sempre nos mesmos moldes, um dia dedicado a sessões teóricas, seguidas no segundo dia de Cursos Práticos efectuados nas próprias instalações do Hospital, usufruindo de toda a tecnologia aí existente.

Sendo a CUF o Centro Europeu com maior experiência na Técnica de Bisturi Ultra-Sónico para a Amigdalectomia e Palatoplastia, tem vindo a ser convidado para dar aulas sobre esta Técnica Cirúrgica no “European Surgical Institute”, sediado em Hamburgo.

Todo este trabalho científico tem tido como fruto várias publicações, tanto em revistas nacionais como estrangeiras, para além de ter igualmente participado em capítulos de livros, e elaborado brochuras sobre estas Técnicas Terapêuticas.

No campo da prevenção, criou uma Consulta de Desabitução Tabágica, tem participado activamente em protocolos com as Termas das Felgueiras, para além de realizar Rastreios, do qual se destaca o da Audição na Criança em Idade Pré-Escolar.

Na Academia Americana de Otorrinolaringologia apresentou os seguintes cursos:

- “Current Integrated Treatment of Head and Neck Cancer”, 2002 - Professor Doutor João Paço em colaboração com o Sr. Professor Doutor Pais Clemente.
- “Curso de Cirurgia das Exostoses” - 2004, 2005, 2006 e 2008 - Professor Doutor João Paço em colaboração com Diogo Oliveira e Carmo e Carlos Stapleton Garcia.
- “10 Points for Treatment of Unilateral Ménière’s Disease”, 2006 e 2007 - Professor Doutor João Paço em colaboração com Dr. Carlos Stapleton Garcia e Dr. Diogo Oliveira e Carmo.

Livros e capítulos de Livros Publicados no Âmbito das Actividades do Centro de ORL do Hospital Cuf Infante Santo:

- DOENÇAS DO TÍMPANO, Professor Doutor João Paço, editado por LIDEL Edições Técnicas, Abril de 2003.



FIGURA 339

TRÊS DAS PUBLICAÇÕES DO CENTRO ORL DO HOSPITAL DA CUF INFANTE SANTO, EDIÇÃO CÍRCULO MÉDICO

- FRONTEIRAS COM OTORRINOLARINGOLOGIA, Professor Doutor João Paço em colaboração com António Marinho, capítulo do Livro "Asma Brônquica na Prática Clínica" editado por Lidel, 2005.
- TERAPÊUTICA EM OTORRINOLARINGOLOGIA, Professor Doutor João Paço e colaboradores, capítulo do Livro "Manual de Terapêutica Médica" de Pedro Ponce, 2006.
- SEMIOLOGIA OTORRINOLARINGOLÓGICA, Professor Doutor João Paço e colaboradores, capítulo do Livro "Semiotologia Médica" de J. L. Ducla Soares, 2007.
- PATOLOGIA NASO-SINUSAL, Professor Doutor João Paço e colaboradores. Editado por Círculo Médico, 2008.
- MANUAL DE URGÊNCIAS ORL, Professor Doutor João Paço e colaboradores. Editado por Círculo Médico, 2009.
- OTITES NA PRÁTICA CLÍNICA, de Professor Doutor João Paço e colaboradores. Editado por Círculo Médico, 2010.

O Professor João Paço é desde o seu início o editor e simultaneamente o Director da revista "CLÍNICA E INVESTIGAÇÃO EM OTORRINOLARINGOLOGIA", que com uma periodicidade trimestral, cerca de cem páginas e entre doze a catorze artigos por número, manteve uma regularidade desde o seu início, em 2007, nela tendo sido publicados mais de cem artigos científicos nacionais e estrangeiros.

Com estas publicações, demonstra-se à sociedade que a Otorrinolaringologia portuguesa está bem, mantendo um ritmo de publicações que ainda pode ser incrementado.

Tem sido, o papel do Prof. João Paço desde o seu início, conduzir e estimular os autores, elaborando uma revista que possa ser atractiva pelo conteúdo, inovação científica e actualização, tão necessárias para a prática da Medicina nos dias de hoje.

Prémios obtidos no âmbito das actividades do Centro de ORL do Hospital Cuf Infante Santo:

Ao trabalho "CONDROMAS DE LOCALIZAÇÃO POUCO USUAL - A PROPÓSITO DE 2 CASOS", Professor Doutor João Paço em colaboração com Diogo Oliveira e Carmo, Correia de Oliveira, Gabriel Branco e Jorge Soares, foi atribuído o "Prémio Dr. Rui Silva Carvalho, da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia", 2001.

Ao trabalho "TYMPANIC INSERTION - AN EXPLANATION FOR THE ORIGIN OF THE CHOLESTEATHOMA", Professor Doutor João Paço em colaboração com Diogo Oliveira e Carmo, Hugo Estibeiro e António Marinho, e apresentado na categoria de poster científico foi atribuído o "Prémio da Fundação da Academia Americana de Otorrinolaringologia", 2003.

Prémio de Honra da Academia Americana de Otorrinolaringologia, atribuído ao Professor Doutor João Paço pelos serviços prestados nos programas científicos desta Academia e por ter apresentado continuamente cursos educacionais e cursos de instrução na Academia, 2006.

Ao trabalho "The POSTERO-SUPERIOR QUADRANT OF THE TYMPANIC MEMBRANE", Professor Doutor João Paço em colaboração com Carla Branco, Diogo Oliveira e Carmo, Hugo Estibeiro e apresentado na categoria de poster científico, foi atribuído o "Vice-President's Award da Academia Americana de Otorrinolaringologia", 2008.

Prémio de Honra da Academia Americana de Otorrinolaringologia, atribuído ao Dr. Diogo Oliveira e Carmo, pelos serviços prestados nos programas científicos desta Academia e por ter apresentado continuamente cursos educacionais e cursos de instrução na Academia, 2006.

Ao trabalho “BENEFÍCIO FUNCIONAL: BAHA”, Professor Doutor João Paço, em colaboração com Diogo Oliveira e Carmo, Maria Caçador e Jorge Humberto Martins, foi atribuído a Menção Honrosa do “Prémio Mais Valor da José de Mello Saúde”, 2009.

HOSPITAL CUF DESCOBERTAS

O Hospital privado CUF Descobertas (HCD) foi inaugurado em 2001, tendo o Serviço de Otorrinolaringologia iniciado a sua actividade em Setembro do mesmo ano. Desde então, a sua actividade tem vindo a crescer progressivamente tanto a nível assistencial como formativo e científico.

Composto por uma equipa de Especialistas com vasta experiência nas diferentes áreas de sub-diferenciação da Especialidade, conta também com o equipamento técnico mais diferenciado e adequado a estas áreas.

Durante o ano de 2009 efectuámos no campo assistencial 13.092 consultas, 1.331 procedimentos cirúrgicos e 11.763 exames complementares de diagnóstico.

No âmbito da formação pós-graduada organizámos Jornadas de Otorrinolaringologia em Medicina Geral e Fa-

miliar, com parte teórica e prática (2003, 2004 e 2009), Cursos de ORL em colaboração com o Instituto de Educação Médica para médicos ORL, Pediatras e de Medicina Geral e Familiar (2006, 2007, 2008 e 2010) e *Workshops* sobre Patologia naso-sinusal (2005 e 2009) além de diversas reuniões clínicas com várias especialidades no âmbito das reuniões e encontros organizados no Hospital.

Desde sempre temos estado presentes com trabalhos, comunicações ou cursos em todos os Congressos da nossa Sociedade, bem como em outras reuniões científicas.

De todo este trabalho resultaram várias publicações em revistas nacionais e a redacção de um dos capítulos da Monografia sobre Temas de Oncologia, editada em 2007, pela SPORL, sob a coordenação do Prof. Nuno Santiago.

Os trabalhos publicados e as comunicações apresentadas mereceram o reconhecimento, tendo sido distinguidos com 3 prémios científicos.

O Corpo Clínico da Unidade de Otorrinolaringologia do HCD é actualmente composto por 8 médicos especialistas (4 em exclusividade), 2 audiologistas e 2 terapeutas da fala. O Director é o Dr. JOSÉ SARAIVA.

HOSPITAL DA LUZ

Desde o início do projecto do Hospital privado da Luz que estava previsto um serviço ORL e Patologia Cérvico-Facial. No projecto inicial do hospital não estava previsto um espaço próprio para a Especialidade, mas depois de explicado o tipo de exames e o formato dos gabinetes de consulta, a Administração resolveu criar o espaço onde hoje se encontra. Foi dada inteira liberdade na escolha do equipamento e exigido que se escolhesse o que de melhor e mais moderno existisse para a especialidade.

Conta com 3 gabinetes de consulta, uma sala de tratamentos, uma sala para desinfectação de material e 4 salas para exames e reabilitação vestibular.



FIGURA 340
HOSPITAL CUF DESCOBERTAS



FIGURA 341
HOSPITAL DA LUZ

A equipa começou a trabalhar no dia 26 de Fevereiro de 2007 tendo as primeiras cirurgias ORL sido realizadas no dia 6 de Março de 2007.

A equipa de Médicos é a mesma desde o início e é composta por 10 Médicos. Começou com 2 Terapeutas da Fala e 2 Audiologistas, contando agora com 3 Técnicas de Audiologia e 3 de Terapia da Fala.

No Serviço, existe actualmente uma consulta de surdez infantil e uma consulta de vertigem. Em colaboração com a Neonatologia foi implementado o rastreio universal da surdez infantil, estando este a ser realizado desde o primeiro dia do nascimento.

O Director do Serviço de Otorrinolaringologia, é desde o seu início, o Dr. ANTÓNIO LARROUDÉ .

HOSPITAL DOS LUSÍADAS

O Hospital privado dos Lusíadas entrou em funcionamento em Maio de 2008. Pertencendo ao grupo Caixa Geral de Depósitos, integra a rede nacional da HPP Saúde. Entre as Especialidades existentes no Hospital, encontra-se a Otorrinolaringologia. O Hospital dispõe de internamento em quartos particulares, cuidados intensivos, bloco operatório, recobro e cirurgia ambulatória, consultas externas e atendimento permanente para adultos e crianças. Está equipado com tudo o que há de mais moderno em todas as Especialidades.

A Otorrinolaringologia abriu inicialmente com sete Médicos, procurando-se desde o início que estes elementos fossem diferenciados nas diversas áreas da Especialidade. Fazem ainda parte da equipa duas Técnicas de Audiovestibulometria e uma Terapeuta da Fala.

Tem como Médico coordenador o Dr. JOSÉ CABRAL BEIRÃO, que desde o início arquitectou o espaço destinado à Otorrinolaringologia e, após concurso público e de acordo com o seu critério e da central de aquisição, adquiriu, equipou e montou todas as estruturas existentes, embora algum do equipamento, como por exemplo o destinado ao estudo da voz, só há menos de um ano tenha sido adquirido.

O seu movimento tem crescido progressivamente, referindo-se um crescimento de cerca de 300% no número de consultas do 1º para o 2º ano, atingindo-se no ano de 2009 perto de 6.000 consultas.

Durante este período de tempo foram realizadas algumas iniciativas, nomeadamente a comemoração do Dia Mundial da Voz e do Dia Mundial do Idoso.

O Serviço e o Hospital estiveram presentes junto das escolas da zona, com iniciativas como o rastreio de surdez infantil, integrado no programa "O Vasco vai à escola" e o rastreio de voz a 40 professores do Externato Marista de Lisboa.

O Serviço foi escolhido pela Escola Superior de Saúde de Coimbra, no âmbito do programa Erasmus para dar formação na área da Audiologia, até este momento, a duas estudantes de audiologia de nacionalidade norueguesa e uma belga.

Os Médicos que trabalham no serviço, em 2010, são os Drs. José Cabral Beirão, Aníbal Eliseu, Carlos Zagalo, Ilídio Gama, M. Conceição Monteiro, Pedro Santos, Vitor Sousa.



FIGURA 342

CIDADE DO PORTO COM A PONTE PÊNSIL EM MEADOS DO SÉC. XIX

PORTO

HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO

A primeira referência ao serviço de Otorrinolaringologia (ORL) no Hospital de Santo António (HSA), surge relatada na acta da sessão da Direcção Administrativa de 4 Janeiro de 1909. É explanado o pedido do clínico Dr. José Augusto Viana Lemos Peixoto, Director de Enfermaria 3 (Medicina), no sentido de ser autorizado a abertura no HSA de “*uma consulta especial de moléstia de ouvidos, nariz e garganta, com uma periodicidade de duas ou três vezes por semana...*” A decisão foi adiada por dificuldades de instalações, sendo necessário proceder a melhoramentos no “Banco”.

A 23 de Outubro de 1909, foi criada esta Consulta sendo convidado para a sua direcção o Dr. ANTÓNIO TEIXEIRA LOPES JÚNIOR.

Passados 4 anos dá-se a pretensão, do Dr. ALEIXO GUERRA, em exercer igualmente esta Especialidade.

Apreciada a informação do Director Clínico, Dr. Dias de Almeida, informa que não veria qualquer inconveniente em ser deferido, “*sendo o logar absolutamente gratuito e não conferindo direito algum ao requerente, como nenhum direito teem todos os outros auxiliares, incluindo o que já se exerce a especialidade, me pareceu que a Santa Casa em*

nada era prejudicada, como não era prejudicado o outro clínico, antes pelo contrário haveria quem o substituísse nos possíveis impedimentos”.

Passaram deste modo os dois a realizar consultas da Especialidade em dias diferentes.

Em Setembro de 1913 a Mesa da SCMP, decidiu abrir concurso para Director de Serviço de ORL, entre outras especialidades. Ao mesmo apresentaram-se três concorrentes: Dr. Teixeira Lopes Júnior, Dr. Aleixo Guerra e o Dr. José Lemos Peixoto, que como já citei subscreveu o primeiro pedido de abertura de consulta.

Este concurso, um pouco polémico e marcado pela situação inédita de haverem sido nomeados para o mesmo concurso dois júris diferentes, com critérios e conclusões também diferentes, culminou com a nomeação para 1º Director do Serviço de ORL do Dr. António Teixeira Lopes Júnior, segundo decisão final da Mesa da SCMP, cargo que exercerá até 23/12/1936.

Em 22 de Junho de 1916 é homologado pela Mesa da SCMP o resultado do concurso para Assistentes desta especialidade, tendo sido nomeados como 1º e 2º assistente o Dr. José Augusto Viana de Lemos Peixoto e o Dr. Raul Claro Outeiro, função que exerceram até 1926, data em que o Dr. António Veloso de Pinho ocupa o lugar de 2º Assistente deixado vago pelo Dr. Raul Claro Outeiro e o de 1º Assistente em 1929.

Em 1936, com a aposentação do Dr. António Teixeira Lopes, levantam-se algumas dificuldades ao nível da Fa-



FIGURA 343

HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO NUMA FOTOTIPIA DE EMÍLIO BIEL CERCA DE 1900

culdade de Medicina do Porto, dado que tinha sido o regente entre 1920 a 1936 do curso dessa Especialidade.

No ano de 1937, o Dr. JAIME DE MAGALHÃES, estagiário do HGSA, é convidado para a regência da cadeira de ORL, função que exerceu até 1945.

Jaime de Magalhães, formado no Porto em 1921, exerceu a especialidade de Estomatologia, antes de se dedicar à ORL, depois de aconselhado pelo Prof. Álvaro Teixeira Bastos, ter estagiado durante um ano em Bordéus no serviço de ORL do Hospital St. André, dirigido pelo Prof. Moure, onde estabeleceu relações de amizade com o sucessor daquele, o Prof. Georges Portman, onde estagiaram mais tarde vários Médicos do HGSA.

Em 1944, o Quadro Clínico do Serviço de ORL era composto por:

- Director do Serviço - Dr. VELOSO DE PINHO;
- 1.º Assistente - Dr. ALVARENGA DE ANDRADE;
- 2.º Assistente - Dr. EURICO DE OLIVEIRA.

Em 1947 foram autorizados a frequentar o Estágio de ORL, os Drs. Albertino Correia Loureiro e Afonso Ferreira da Costa.

Em 1953 abre-se um conflito entre o Director do Serviço - Dr. Veloso de Pinho e a Mesa da SCMP tendo-se prolongado, durante alguns anos, o processo de recurso interposto pelo referido Director.

No ano de 1959/60 com a transferência da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto para o Hospital de S. João, o Serviço deixa de ser Universitário.

No que respeita ao quadro clínico, o Dr. Veloso de Pinho retomou o seu lugar de Director do Serviço, dado ter ganho o recurso, o Dr. Alvarenga de Andrade como 1.º Assistente e o Dr. Eurico de Oliveira como 2.º Assistente. Ainda em 1962, inicia o estágio o Dr. ANTÓNIO GAMEIRO DOS SANTOS e é criado o Internato da Especialidade, sendo o primeiro Médico Interno do Serviço e primeiro Interno do Norte do País, o Dr. RAUL FERREIRA DA SILVA.

Em 1964, já com um novo Director do Serviço - Dr. ALVARENGA DE ANDRADE, por aposentação do Dr. Veloso de Pinho.



FIGURA 344

5ºANO MÉDICO DE 1934 NO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO



FIGURA 345

JORNADAS DO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO EM 1986 COM A PRESENÇA DOS PROFS. GAMEIRO DOS SANTOS, BRANCO CORREIA, HUGO FISH, RUI PENHA, OLAI-ZOLA GORBEA E PAIS CLEMENTE

Em 1965, o Dr. A. Gameiro dos Santos, após regressar de Oxford, onde fez um estágio de cerca de dois anos e meio, inicia funções como Médico Extraordinário do Serviço, sendo ainda contratados mais dois Médicos, os Drs. Francisco Alves Correia e Abílio Esteves Marcos.

Em 1967, ingressa no Serviço como Médico Extraordinário o Dr. Raul Silva, após o Exame de Saída do Internamento da Especialidade.

Entre 1968/69 o Serviço muda de instalações e passa a funcionar com uma Consulta Externa com 5 postos de exame, um sector de Audiometria, um Bloco Operatório independente com duas salas de operações, e uma Enfermaria com 27 camas.

Em 1970, é concedida aposentação ao Director do Serviço Dr. Alvarenga de Andrade (Sessão de 02/06/70) e, após concurso, o lugar de Director do Serviço é preenchido pelo Dr. EURICO DE OLIVEIRA, até então assistente daquele Serviço, passando o Dr. Raul Silva a Médico Contratado.

Em Abril de 1971 é aberto concurso para uma vaga no Quadro à qual concorre o Dr. Gameiro dos Santos, obtendo o primeiro lugar. Com a saída do Dr. Eurico de Oliveira aposentado por limite de idade, passa a dirigir o Serviço, como Director Interino, o Dr. GAMEIRO DOS SANTOS. É nomeado Director do Serviço em Novembro de 1971, mantendo-se no lugar durante 31 anos, até à sua aposentação em 2002.

Em 1980, ao abrigo de um protocolo entre o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) e o HSA, reinicia-se o ensino pré-graduado no Serviço, ficando o Dr. Gameiro dos Santos como regente da Disciplina de ORL.

Com a construção do Edifício Dr. Luís de Carvalho, as instalações da Consulta Externa e meios complementares de diagnóstico transferem-se em 1998 para o Piso 1 desse edifício.

Em 2001, a Enfermaria e Bloco Operatório mudam-se para as actuais instalações, no Edifício Neoclássico, Piso 2.

Durante os trinta e um anos de Direcção do Serviço, o Dr. Gameiro dos Santos desenvolveu intensa actividade científica, tendo organizado XX Reuniões Científicas Internacionais de elevada qualidade, com a colaboração de Colegas Nacionais e Internacionais de renome mundial.

Ao mesmo tempo, o Serviço acompanhava toda a evolução das técnicas de meios complementares de Diagnóstico e Tratamento na área Assistencial.

O prestígio do Serviço tornou-se reconhecido a nível nacional e até internacional.

O serviço de ORL passou a ser dirigido em 2003, na sequência da aposentação do Dr. Gameiro dos Santos, pelo Dr. Alcides Lima, que acumula com funções de regente interino da disciplina de ORL do Curso de Medicina do ICBAS.

Em 2005 assume a Direcção do Serviço a Dra. **CECÍLIA DE ALMEIDA E SOUSA**.

Neste momento o Serviço é constituído por:

- 1 Director de Serviço; 2 Chefes de Serviço; 3 Assistentes Hospitalares Graduados; 5 Assistentes Graduados; 5 Internos de Especialidade.

Sub-especialidades no Serviço a nível de consulta externa:

- Consulta de Surdez infantil - Consulta de Foniatria - Consulta de distúrbios da respiração durante o sono - Consulta de Rinite alérgica - Consulta de Vertigem;
- Ensino pré-graduado (Cadeira de ORL do curso de Medicina do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto).

Durante as últimas décadas, o Serviço de ORL sofreu uma profunda remodelação tornando-se uma unidade moderna, cientificamente avançada, e com uma presença muito interventiva na ORL nacional e internacional, *construindo-se um serviço de referência de pessoas para as pessoas*.



FIGURA 346

FOTOGRAFIA DE UM GRUPO DE ALUNOS DO 5º ANO MÉDICO DA ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DO PORTO EM 1911



FIGURA 347

PORTO - A PONTE D. LUIS I EM CONSTRUÇÃO CERCA DE 1884 - FOTOGRAFIA DA CASA EMÍLIO BIEL

HOSPITAL DE S. JOÃO

O Hospital de S. João foi criado pelo Decreto-Lei nº 22917/33 de 31 de Julho que estabeleceu determinadas condições relacionadas com a sua construção: uma lotação de 1500 camas e a inclusão da Faculdade de Medicina do Porto.

O Dr. JOSÉ ALVARENGA DE ANDRADE era na altura o Professor Encarregado da Regência da Disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina do Porto e o Director em exercício do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de Santo António.

Quando o ensino da Disciplina de Otorrinolaringologia transitou para o Hospital de S. João, o Dr. José Alvarenga deu também a sua colaboração ao Serviço de Otorrinolaringologia na sua fase inicial.

Em Dezembro de 1960 é contratado, para Médico eventual do Serviço de Otorrinolaringologia, o Dr. NELSON REBELO DA GAMA E CASTRO que colaborou com o Dr. Alvarenga, não somente na área assistencial, mas também na fase de implementação e de reequipamento do Serviço, cujas instalações exíguas sofreram adaptações várias, num espaço físico sempre considerado insuficiente para a prática da Especialidade.

Só no início de 1961 é que começou a funcionar uma Consulta de Otorrinolaringologia com um Médico, o Dr. Nelson da Gama e Castro e uma Enfermeira para os doentes internados no Hospital e seus funcionários.

O Dr. Alvarenga de Andrade pediu a demissão de Assistente da Faculdade de Medicina do Porto em meados de 1962, e é então convidado para Encarregado da Regência da Disciplina de Otorrinolaringologia, o Dr. AFONSO FERREIRA DA COSTA.

É sob a sua orientação que se ultima a estruturação do Serviço de Otorrinolaringologia e que se inaugura o Serviço de Otorrinolaringologia em Dezembro de 1962.

Ainda nesse ano é contratado o segundo Médico eventual, o Dr. JOSÉ LUÍS MACHADO AIRES, que tinha terminado a Especialidade no Hospital de S. José. Posteriormente este Médico pediu a transferência, em 1974, para o Instituto Português de Oncologia do Porto para ocupar o cargo de Director do Serviço.

Em 1963, o Dr. Afonso Ferreira da Costa é nomeado Director do Serviço de Otorrinolaringologia e recebe os dois primeiros Médicos estagiários: Drs. JOSÉ MANUEL MENDES FURTADO e FENANDO AUGUSTO GONÇALVES RIBEIRO.

Durante o ano de 1963 entraram novos estagiários: os Drs. ARTUR CARDOSO MENEZES DE MASCARENHAS, ALBERTO SAMPAIO e AGOSTINHO OSCAR VASQUES DE CARVALHO, este último ainda a preparar a sua tese de licenciatura.

Em 1964, o Dr. JOSÉ MANUEL SANCHES PINTO DE VASCONCELOS defende a sua tese de licenciatura, intitulada "SINUSITES FRONTAIS – A PROPÓSITO DE QUATRO CASOS CLÍNICOS", e inicia de imediato o estágio no Serviço de Otorrinolaringologia, em 1965. Neste Hospital trabalhou

toda a sua vida, com invulgar dedicação e entusiasmo, atingindo o lugar de Chefe de Serviço, mas infelizmente é vencido pela doença em Julho de 2002.

Em 1965, o Serviço de Otorrinolaringologia organizou uma Reunião conjunta da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e da Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear sob o tema "TRATAMENTO DO CANCRO DA LARINGE".

Em 1967, o Serviço é incumbido de organizar o IV Congresso Português de Otorrinolaringologia sob "ESTENOSSES CICATRICIAIS LARINGOTRAQUEAIS".

Os exames auxiliares de diagnóstico do Serviço começaram a ser realizados em 1963, com uma pequena cabine de audiometria e, posteriormente, a impedanciometria e a electronistagmografia.

Em Abril de 1972, o Dr. MANUEL ANTÓNIO CALDEIRA PAIS CLEMENTE inicia o Internato da Especialidade juntamente com o Dr. Alberto José da Conceição Trancoso.

Em 1973 iniciaram o Internato da Especialidade de Otorrinolaringologia no Hospital de S. João, os Drs. Carlos Afonso Barreira da Costa e Manuel Rodrigues e Rodrigues.

O Dr. Manuel Pais Clemente realizou provas públicas de Doutoramento em Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto nos dias 15 e 16 de Dezembro de 1978, tendo apresentado uma tese sobre "Microcirurgia com Laser CO₂ na Papilomatose Respiratória Recorrente - Estudo Clínico e Experimental" e um trabalho de revisão, como Prova Complementar relacionada com o "Tratamento Cirúrgico do Carcinoma Laríngeo - Revisão de 50 casos".

A 15 de Março de 1979, Manuel Pais Clemente assumiu a Regência da Disciplina de Otorrinolaringologia. Dado que o Professor Dr. Afonso Ferreira da Costa requereu a sua aposentação em Agosto de 1982, foi autorizada a ocupação da referida vaga pelo Professor Doutor Manuel Pais Clemente. A 3 de Janeiro de 1983 inicia as suas funções como Director do Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital de S. João.

Sob a direcção do Prof. Pais Clemente, na área da Rinologia, foi introduzida no Serviço uma nova técnica de cirurgia dos seios perinasais em 1986, para tratamento das sinusites crónicas e polipose naso-sinusal denominada "Técnica COMET" (*Combined Microscopic and Endoscopic Technic*).

No domínio da Laringologia, o Serviço de Otorrinolaringologia foi o primeiro em Portugal no tratamento da patologia vocal por microcirurgia laser CO₂ (1980).

A reabilitação vocal pós-laringectomia total com prótese vocal, também mereceu particular atenção do Serviço de Otorrinolaringologia desde 1990, tendo inclusivamente organizado o "1º SEMINÁRIO SOBRE REABILITAÇÃO VOCAL NOS LARINGECTOMIZADOS", na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, no dia 20 de Maio de 1992.

O Serviço de Otorrinolaringologia deu formação pós-graduada a dezenas de Especialistas de Otorrinolaringologia, alguns dos quais ocupam uma posição de relevo na Otorrinolaringologia portuguesa.

O Serviço de Otorrinolaringologia organizou e/ou colaborou em múltiplas reuniões científicas em Portugal como: "1º Simpósio Internacional de Cirurgia Laser CO₂ em Otorrinolaringologia" (1980), "Simpósio Internacional de Otorrinolaringologia Pediátrica" (1982), "Simpósio Internacional de Oto-Neurocirurgia e Cirurgia da Base do Crânio" (1984), "1º Simpósio Internacional da Voz" (1986), "Cursos de Actualização de Otorrinolaringologia para Clínicos Gerais (1984, 1989 e 1993), "1º Congresso Mundial da Voz" (1995), Cursos Anuais de Dissecção dos Seios Perinasais (1994 - 2001) etc.

Em 31 de Dezembro de 2005 o Hospital de S. João passou a EPE pelo que cessaram todos os cargos directivos, obrigando a um processo de reorganização interna.

A 4 de Abril de 2006, a Dra. MARIA MARGARIDA CARVALHO SANTOS foi nomeada Directora do Serviço de Otorrinolaringologia.

No 2º semestre de 2007 é iniciada a construção de um novo Serviço de Otorrinolaringologia composto por:

- Consulta Externa com 5 gabinetes de consulta, 1 sala de tratamentos, 1 sala de endoscopias, 5 salas de Audio-Vestibulologia e uma sala de Terapia da Fala;
- Internamento com 17 camas e 3 camas de recobro para cirurgia de ambulatório;
- Bloco operatório com 2 salas e 2 camas de recobro;
- Serviço de Urgência com 3 gabinetes de observação.

A mudança para as novas instalações ocorreu em Junho de 2009.

INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA DO PORTO

A criação do Centro do Porto do Instituto Português de Oncologia foi fruto de um longo e conturbado processo de instalação no Norte do País de uma unidade de rastreio e tratamento de doenças oncológicas, processo este levado a cabo pela Liga Portuguesa Contra o Cancro.

Foi para tal nomeada uma Comissão Instaladora constituída pelos Professores Amândio Tavares, Álvaro Rodrigues, Joaquim Bastos e Albano Ramos, que então, decidiram convidar o Prof. FERREIRA DA COSTA para encetar as diligências necessárias à instalação de um Serviço de Otorrinolaringologia. Decorria então o ano de 1972.

O Centro Oncológico foi inaugurado em 1974 e dispunha de um "pequeno" Serviço de ORL, onde começaram a trabalhar dois Médicos, o Dr. Machado Aires e o Dr. Adérito Vaz Pinto.



FIGURA 348

INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA DO PORTO

O Serviço dispunha na altura de dois gabinetes de consulta e, foi desde logo vocacionado para o rastreio das doenças oncológicas da área ORL.

Mas, rapidamente o Serviço iniciou a sua actividade cirúrgica, utilizando para esse fim e por falta de instalações, o bloco operatório da Ordem de S. Francisco, passando nessa altura a contar com mais um colega, o Dr. MOREIRA DA SILVA.

Com a melhoria e alargamento de instalações do Centro de Oncologia, o Serviço de ORL passou a ser integrado na então designada Clínica Oncológica I dirigida pelo Dr. Guimarães dos Santos e, à semelhança de outras áreas de patologia, passou a exercer a sua actividade com base em inovadores critérios de multidisciplinaridade, em estreita colaboração com os Serviços de Radioterapia e Oncologia Médica.

Nessa altura, competia ao Serviço de ORL apenas o tratamento de patologias oncológicas da laringe e do maxilar superior.

Com o progressivo alargamento das instalações do Centro, e já sob a direcção do Dr. Machado Aires, o Serviço foi ganhando espaço e área de influência. Conseguiu progressivamente alargar o número de gabinetes para consulta e, foi igualmente alargando a sua esfera de acção para outras patologias até então vedadas, podendo hoje reivindicar o pleno tratamento de toda a patologia tumoral das vias aerodigestivas superiores, das glândulas salivares, da base do crânio, incluindo ainda as técnicas reconstrutivas adequadas a estas patologias. Para além destes campos, o Serviço tem sido pioneiro na implementação de técnicas diferenciadas dirigidas às patologias oncológicas da área ORL, das quais se destaca pela

actualidade a aplicação regular do LASER às patologias da faringe e da laringe.

Sendo o único Serviço de vocação estritamente oncológica da região Norte, concentra um volume considerável de doentes e, está aberto à colaboração com outros centros hospitalares não só para o tratamento de patologias oncológicas complexas mas também para a formação pré e pós-graduada.

Para além da vertente assistencial, o Serviço desenvolve um vasto trabalho científico, sendo disso prova os muitos trabalhos de investigação e de análise de casuísticas realizados e apresentados em reuniões científicas nacionais e internacionais e ainda, os cursos que anualmente vêm ministrando nas áreas do LASER e da reabilitação vocal dos doentes laringectomizados.

De salientar, ainda, que o Serviço colabora na formação oncológica dos Internos Complementares da Especialidade de ORL através da frequência de estágios parcelares, inicialmente de três e actualmente de seis meses, podendo afirmar-se que a quase totalidade dos actuais Especialistas da região Norte do País passaram por este Serviço e, com os quais se mantém aberto a diversas formas de colaboração.

O Serviço participa ainda em acções de formação para Enfermeiros(as), Médicos de Cuidados Primários e ainda, no Mestrado em Oncologia, tendo ainda em curso protocolos de investigação com Faculdades, nas áreas das Ciências da Saúde.

Desde a sua implantação foram Directores do Serviço o Dr. MACHADO AIRES e o Dr. CARLOS BARREIRA DA COSTA.

Actualmente no Serviço trabalham os seguintes médicos:

- Prof. Dr. EURICO MONTEIRO - Chefe de Serviço e Director de Serviço;
- Dr. Eduardo Breda - Assistente Graduado;
- Dr. João Fernandes - Assistente Graduado;
- Dr. Joaquim Castro Silva - Assistente Hospitalar;
- Dr. Carlos Pinheiro - Prestação de serviços.

HOSPITAL MARIA PIA

Fundado em 1882, o Hospital Especializado de Crianças Maria Pia é um dos mais importantes e prestigiados Hospitais Pediátricos do nosso país.

O Serviço de ORL foi inaugurado em 1938 sob a direcção do Dr. DANIEL DE CARVALHO, que se manteve no cargo até 1949.

Neste mesmo ano, o Dr. AFONSO FERREIRA DA COSTA foi convidado para Assistente da consulta de ORL do Hospital Maria Pia, acabando por ser nomeado Director do Serviço em 1953 e exercendo funções até 1963.

Durante este período de 10 anos entraram para o Serviço, os Drs. João Damas em 1957 e Machado Aires em 1962.

Ao transitar em 1963 para o Hospital de S. João, por ter sido convidado para reger Otorrinolaringologia e para montar e dirigir o respectivo Serviço, o Dr. Ferreira da Costa abandonou o Hospital Maria Pia.

Passou desde então a ser Director do Serviço, o Dr. JOÃO DAMAS.

Outros Médicos passaram por este Serviço de ORL pediátrica, nomeadamente o Dr. Alberto Sampaio, e os Drs. Felizardo Carvalho, Aurélio Neves e José Goulão.

AFONSO FERREIRA DA COSTA, nasceu em 1912 e licenciou-se pela Faculdade de Medicina do Porto em 1937. Em 1942 partiu para os Açores, mobilizado, tendo prestado serviço como médico regimental em várias unidades na ilha da Faial. Em 1945 iniciou estágio no Serviço de OAL do Hospital Geral de Santo António, sob a orientação do Dr. Veloso de Pinho. Em 1948, depois de ter obtido o título de especialista, frequentou os Serviços da Especialidade nos Hospitais Cívicos de Lisboa e no Estrangeiro. Em 1949 ingressou, como Assistente, na consulta de ORL do HOSPITAL INFANTIL MARIA PIA, sendo nomeado Director de Serviço em 1953. Como consultor de ORL fez parte da Comissão Técnica encarregada de proceder à instalação e ao equipamento do Centro do Norte do Instituto Português de Oncologia. Em 1963 foi convidado pelo Conselho Escolar da Faculdade de Medicina do Porto para reger ORL, com a categoria de 2º Assistente. Planeou e organizou o respectivo Serviço no Hospital de S. João e assumiu a sua direcção, que manteve até 1982, ano em que foi atin-

gido pelo limite de idade. Foi Vice-Presidente do I Congresso Luso-Espanhol de ORL, realizado em Santiago de Compostela e foi Presidente da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia, de que é Sócio Honorário. Organizou cursos de aperfeiçoamento no Hospital de S. João e orientou a formação de numerosos Especialistas. Vogal do Colégio da Ordem dos Médicos.

HOSPITAL MILITAR REGIONAL Nº 1

Muito embora a existência de um Hospital Militar na cidade do Porto remonte ao ano de 1808, é apenas no ano de 1854 que se efectuam as primeiras diligências para a edificação de um hospital militar nesta cidade, construído de raiz e destinado a este fim específico. Tal é autorizado por carta de Lei de 18 de Abril de 1854, D. Pedro V.

Sucedeu a D. Pedro V, seu irmão D. Luís, o qual em sua memória ordenará, através do Decreto de Lei n.º 8 de 09 de Abril de 1862, que o futuro Hospital Militar do Porto, receba a denominação de "HOSPITAL MILITAR D. PEDRO V".

No ano de 1869, sete anos após o início dos trabalhos, o Hospital Militar D. Pedro V encontrava-se apenas construído em cerca de 1/3, relativamente ao seu projecto. Não obstante recebe já nesse ano os seus primeiros doentes.

Em 1909, com o advento da república, o Hospital inicialmente denominado de D. Pedro V, vê a sua designação alterada para HOSPITAL MILITAR DO PORTO.

Só em 1912, no regime republicano e decorridos 50 anos do início da sua construção e 43 anos desde a instalação dos primeiros doentes, entram em funcionamento novas dependências.

Fatidicamente, em 1918 o Hospital é assolado por um incêndio de grandes proporções que consome grande parte da fachada do edifício e dependências adjacentes. Ainda assim, as obras de recuperação são levadas a cabo, estando concluídas em 1920.

No ano de 1926 passa a ser designado de HOSPITAL MILITAR REGIONAL N.º1 e em 1990 conhece nova e última nomenclatura, passando desde então a ser conhecido como HOSPITAL MILITAR REGIONAL N.º 1 (D. PEDRO V).

A clínica ORL do Hospital Militar Regional Nº 1 foi instituída em 1913, sendo seu primeiro Director o Dr. JOAQUIM JOSÉ CARDOSO, que foi nomeado em 1915 e ocupou o cargo até 1936. Sucedeu-lhe na chefia o Dr. JOSÉ DANIEL DE CARVALHO, médico civil contratado, que esteve em exercício deste Janeiro de 1937 a Agosto de 1939.

Nesta última data foi nomeado para a chefia do Serviço o Tenente-Médico Dr. JOAQUIM DE MAGALHÃES OLIVEIRA BARBOSA, que esteve como Director até 1961, com uma interrupção de 2 anos em que cumpriu uma comissão de serviço no então Estado Português da Índia.

Em 1963 assumiu a direcção do Serviço o Dr. FRANCISCO AIRES RIBEIRO DA COSTA, Médico civil contratado, função que conservou pelo menos até 1984, com duas interrupções, nomeadamente por ter estado mobilizado em Timor de 1965 a 1967 e porque, de 1966 a 1970, a direcção esteve a cargo do Capitão-Médico Dr. ANTÓNIO JOÃO DE ALMEIDA CERVEIRA SEABRA (Dados de 1984).

HOSPITAIS PRIVADOS DE PORTUGAL (HPP) NORTE

O Departamento de Otorrinolaringologia dos HPP Norte, nasceu em 1 de Abril 1998, no velho Hospital dos Clérigos, sobre a Coordenação do Dr. ANTÓNIO SOUSA VIEIRA e era composto nessa data por 3 Especialistas, 1 Audiologista e 1 Fisioterapeuta. Vocacionado para a ORL geral destacou-se desde logo nas áreas da Rinologia, do Sono e da Vertigem. Em finais de 1999 com a abertura do Hospital da Boavista, passa a ter nessa unidade um gabinete de consulta e toda a actividade cirúrgica, ficando o Hospital dos Clérigos com outro gabinete de consulta e toda a unidade de exames complementares. Nesta altura o corpo clínico passa para 6 elementos. Em Março de 2001

é realizada, no Hospital da Boavista, a 1ª Sessão Científica, um *Workshop* sobre Coblation em ORL, onde foram realizadas 2 cirurgias ao vivo. Em Junho de 2003 realiza, o Departamento, o seu 1º Congresso Internacional "Rhinoplasty 2003 - The State of Art", que teve uma audiência invulgar de 306 participante de 19 países, de todos os continentes. Desde então realizou em 2005, 2008, 2009 e 2010 os Congressos e Cursos Internacionais "Nose - The State of Art". Em 2008 e 2009 são realizados o "1º e 2º Cursos de Vertigem e Zumbidos", sob a Coordenação do Dr. Rosmaninho Seabra. Em 2009 é realizado o 1º Curso de Rinologia para Médicos de Saúde Familiar.

Em 2008, com a desactivação do velho Hospital dos Clérigos e a abertura do novo Hospital da Boavista, passa a ter toda a sua actividade nesta novíssima unidade, 4 gabinetes de consulta, e vê renovado todo o seu equipamento de exames complementares. O quadro médico passa para 11 Especialistas que são complementados por 3 Audiologistas e uma Técnica de Fisioterapia.

Realizou no ano de 2009 um pouco mais de 10.000 consultas e cerca de 600 intervenções cirúrgicas, afirmando-se como o maior Hospital Privado da Região Norte.



FIGURA 349

VISTA AÉREA DA CIDADE DO PORTO NOS ANOS 40 DO SÉCULO XX



FIGURA 350

PÁTIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA NO SÉC. XIX

COIMBRA

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O ano de 1870 foi, na história dos Hospitais da Universidade, um marco de particular importância pois representou a data em que o Liceu foi transferido para o edifício do antigo Colégio de S. Bento e o Hospital ficou finalmente instalado nos 3 edifícios (São Jerónimo, Colégio das Artes e Castelo) que utilizou até 1961, altura em que o Hospital do Castelo foi destruído para construção da Cidade Universitária, continuando os HUC, a viver nos outros 2 edifícios até ao dia 6 de Março de 1987, data em que passou a ocupar um novo edifício feito expressamente para o efeito.

O edifício central do Hospital da Universidade de Coimbra é constituído por vários corpos, apresentando o corpo mais elevado uma planta cruciforme, contendo nos seus braços nascente, sul e poente as enfermarias e os seus apoios. O braço norte alberga as consultas externas e exames especiais, além de uma zona de ensino. Faz ainda parte deste Hospital, a Clínica Obstétrica Dr. Daniel de Matos, o Bloco de Celas e o edifício da antiga maternidade. As 1208 camas da unidade central repartem-se por

unidades de internamento de 33 camas, comportando cada uma dessas unidades, enfermarias de 6, 3 e 1 camas.

O Bloco Operatório (piso +1) é constituído por 12 suites operatórias. A Unidade de Cuidados Intensivos Polivalentes (piso +1) tem 12 camas e a unidade de Cuidados Coronários (piso +3) tem 6 camas (+ 9 camas de cuidados intermédios).

A área de Ensino compreende um Auditório de 500 lugares, dois anfiteatros de 100 lugares e três salas em cada Serviço, com capacidade para 45 alunos.

No edifício do Centro de Cirurgia Cardiorádica funciona o Serviço de Documentação de referência, integrando as 32 Bibliotecas existentes nos diversos Serviços.

O Serviço de Urgência (piso 0) com entrada própria, dispõe de sala de emergência, salas de especialidades, salas de observação, um posto de Imagiologia com radiologia e ecografia e duas salas de operações privativas.

A cozinha tem capacidade para servir 12.000 refeições e dá apoio também ao Bloco de Celas e Clínica Obstétrica. A Lavandaria tem capacidade para lavar 1.600 kg de roupa por hora e pode dar apoio a todos os hospitais de Coimbra.

A Otorrinolaringologia diferencia-se da Medicina Geral, em 1939, para instalar precariamente um posto de consulta num "vão de escada", sem instrumental médico-cirúrgico, tendo que internar os seus doentes na Enfermaria da Patologia Cirúrgica.



FIGURA 351

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA TAL COMO SÃO EM 2010

Posteriormente, em 1950, com a cedência de novas instalações, organiza dois postos de consulta, enfermaria própria, com enfermagem já especializada.

Foi à data, o Prof. Dr. GUILHERME PENHA, responsável pelo Serviço até 1967. Foi então empossado como Director de Serviço, o Prof. Dr. CARLOS MIGUÉIS, que se jubilou em 1995.

Uma nova dinâmica levou ao alargamento do quadro médico e de enfermagem, tendo o Serviço adquirido autonomia, instalando-se num dos pavilhões de Celas, até que em 1987, mudou para o novo Hospital, ficando no bloco de Celas, a funcionar um sector de Exames Complementares de Diagnóstico.

Em Fevereiro de 1995, tomou posse como Director de Serviço, o Prof. Dr. ANTÓNIO PAIVA.

Retiro do excelente sitio da Internet deste serviço algumas das suas actividades realizadas e outras previstas:

“Decorreu durante os meses de Outubro e Novembro de 2008, o XVI Curso de Actualização em Otorrinolaringologia para os Médicos Especialistas em Medicina Geral e Familiar da A.R.S. de Coimbra.

Tencionamos levar a efeito, em 2010, o 1º Curso Teórico-Prático sobre a Voz e o 7º Curso de Rinoplastia. Em 2011 terá lugar o 12º Curso de Microcirurgia Otológica e Oto-endoscopia. Serão realizadas cirurgias em directo, conferências por cirurgiões ORL de renome e trabalhos práticos de dissecação em cadáver, no Laboratório de Cirurgia Experimental dos HUC”.

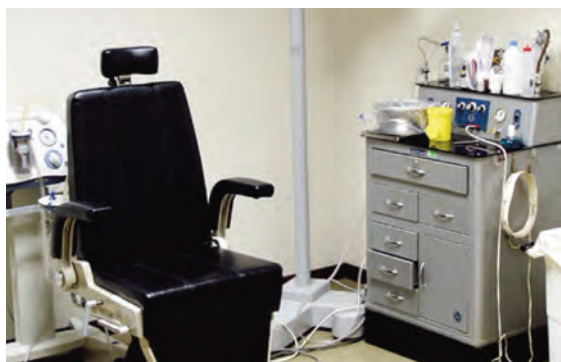


FIGURA 352

UM DOS GABINETES DE CONSULTA E O PROSPECTO DO 6º CURSO DE RINOPLASTIA



FIGURA 353

A CIDADE DE COIMBRA NUMA FOTOGRAFIA DO SÉC. XIX

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

O Serviço de ORL do CHC iniciou a sua actividade em 1974, com instalações e um quadro de pessoal muito restritos, tendo tido como seu primeiro Director o Dr. JOSÉ DIAS.

Em 1 de Janeiro de 1983, sucedeu-lhe o actual Director do Serviço, Dr. MANUEL FILIPE RODRIGUES.

Desde Julho de 1987, por convénio celebrado com a Fundação Bissaya Barreto, a Consulta Externa do Serviço está instalada num Pavilhão do Instituto de Surdos de Benfante. Em Março de 2003 foi feita a transferência da Consulta Externa para um novo edifício junto ao Hospital Geral dos Covões, o que proporcionou ao Serviço, a renovação e actualização de alguns dos seus equipamentos e melhorar as condições de atendimento aos doentes.

A actividade operatória é exercida repartidamente pelo Hospital Geral e pelo Hospital Pediátrico do CHC, onde o Serviço assegura também as Urgências da Especialidade e dá apoio conciliar à Maternidade Bissaya Barreto. Com a abertura do novo Bloco Operatório do Hospital Geral, o Serviço passou a dispor de equipamentos de LASER CO₂ e Neuronavegação (em conjugação com o Serviço de Neurocirurgia), o que irá permitir desenvolver novos procedimentos cirúrgicos para algumas patologias da Especialidade.

Como pontos mais marcantes da actividade científica do Serviço, saliento:

- I e II Jornadas Internacionais de Microcirurgia do Ouvido, realizadas em 1978 e 1979, nas quais se efectuaram 42 actos operatórios, com transmissão televisiva para o auditório;
- I Congresso Internacional de Implantes Cocleares, em Junho de 1986;
- Congresso sobre Surdez Infantil, em Maio de 1993;
- II Congresso Internacional de Implantes Cocleares, "10 anos de Implantes Cocleares em Portugal", em Maio de 1995;
- I Curso Prático de Rinosseptoplastia, em Outubro e Novembro de 1996;
- III Congresso Internacional de Implantes Cocleares, em Outubro de 2001.

Em 16 de Março de 1985 o Serviço de ORL do CHC iniciou, de forma pioneira em Portugal, o tratamento da surdez total ou profunda bilateral por implantes cocleares. Até ao final de 2002 tinham sido realizados, no Serviço, 201 implantes cocleares.

Após a aposentação do Dr. Manuel Filipe Rodrigues em Setembro de 2005, o Serviço de ORL do CHC foi dirigido pelo Dr. FERNANDO RODRIGUES, até Setembro de 2007. Durante este período o Serviço manteve especial empenho na área da implantação coclear bem como noutros

domínios da cirurgia otológica e naso-sinusal. Foram lançados protocolos com Especialidades limitrofes da ORL, nomeadamente Oftalmologia e Neurocirurgia desenvolvendo-se procedimentos cirúrgicos em áreas comuns, como sejam a dacriocistorinostomia endoscópica e abordagem trans-nasal da hipófise.

Com a aposentação do Dr. Fernando Rodrigues em Setembro de 2007, foi a Direcção do Serviço confiado ao seu actual Director, Dr. CARLOS RIBEIRO.

Actualmente (2010) o Serviço mantém grande actividade na área dos implantes cocleares, tendo já, implantado 570 doentes.

Desenvolve trabalhos de investigação nos domínios da genética e surdez, implantação coclear bimodal, percepção da música através de implante coclear, em conjunto com outros organismos nacionais e internacionais. Tem também em curso a elaboração de um protocolo de validação de resultados de reabilitação por implante coclear dirigido à língua portuguesa.

Em Outubro de 2009, o Serviço foi convidado para integrar o Grupo Ibero-Americano de Implantes Cocleares e Ciências Afins, na qualidade de sócio fundador.

Em 24 de Novembro de 2009 o Serviço de ORL, do CHC aplicou pela primeira vez em Portugal um implante coclear híbrido.

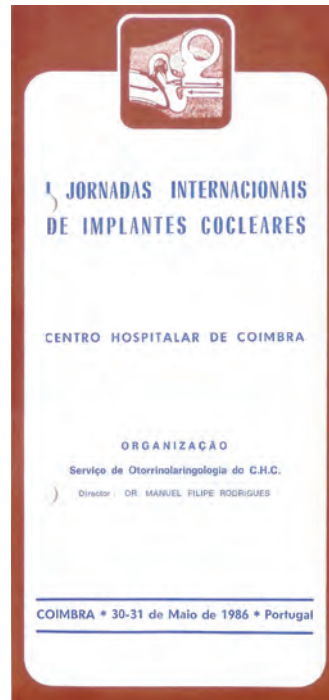


FIGURA 354

FOLHETO DAS I JORNADAS DE IMPLANTES COCLEARES EM 1986



FIGURA 355

COIMBRA CERCA DE 1930

HOSPITAL MILITAR REGIONAL Nº 2 E Nº 3

O estabelecimento foi criado em 1911 como **Hospital Militar de Coimbra**, sendo instalado no edifício do antigo Convento de Santa Teresa. Em 1918 passou para o edifício que ainda hoje ocupa, o qual havia sido construído em 1606 pelos Carmelitas e que havia servido de Colégio Universitário de S. José dos Marianos (1606-1848), de Hospital dos Lázaros (1848-1851) e de Real Colégio das Chagas (1851-1910). Na sequência da reorganização do Exército de 1926, o estabelecimento passa a ser o hospital da 2ª Região Militar, com a designação de "Hospital Militar Regional nº 2" que foi mantida até hoje.

A ORL do HOSPITAL MILITAR REGIONAL Nº 2 esteve sempre entregue a Especialistas civis contratados, com uma única exceção.

E assim, foi seu primeiro responsável, o Dr. BRITO SUBTIL, por volta de 1940, seguindo-se-lhe o Dr. ANTÓNIO JOAQUIM ARRUDA, que se manteve em exercício até 1974.

A seguir o Serviço esteve a cargo do Médico Militar na reserva Dr. AIRES RODRIGUES, até 1977.

Desde então e até 1984 foi Chefe do Serviço, o Médico Civil contratado Dr. JOSÉ DIAS.

No HOSPITAL MILITAR REGIONAL N.º 3, em TOMAR, o Serviço de ORL, pequeno e limitado, esteve desde o início entregue ao Médico Civil contratado Dr. JAIME FERREIRA, que exerceu a sua actividade até ao falecimento em 1983.



FIGURA 356

REALIZAÇÃO DE UMA RADIOGRAFIA A CÉU ABERTO EM PARIS DURANTE A 1ª GRANDE GUERRA



FIGURA 357

ASPECTO DE UMA ENFERMARIA EM 1917

OUTROS HOSPITAIS

ABRANTES

HOSPITAL DR. MANOEL CONSTÂNCIO

A unidade de Abrantes foi fundada em 1483 pelo Conde de Abrantes, Dom Lopo de Almeida, e sua esposa, Dona Brites da Silva. D. João II, em 1488, ordenou que todos os hospitais e albergarias de Abrantes se juntassem para formar um único hospital, o que só veio a concretizar-se em 1530, coincidindo com a sua integração na Misericórdia, fundada em 1529. Manteve-se na dependência da Misericórdia até 1975, momento em que passou para a tutela do Estado. Em 1979, o Ministério da Saúde mandou construir o actual edifício, o qual foi inaugurado em 25 de Outubro de 1985.

O Serviço de ORL foi criado em 1952 e ficou dele encarregado o Dr. ANTÓNIO MORENO JÚNIOR. Dispõe de consulta externa, internamento e atendimento de urgências por chamadas. Todas as consultas, incluindo a de ORL, estiveram mal instaladas na sede do Serviço de Urgência, por não haver outro espaço disponível, até que em 1976 uma parte do Convento de S. Domingos foi cedida pela Câmara Municipal, para aí se instalarem todas as consultas externas (dados de 1984).

A necessidade de rentabilizar recursos humanos, financeiros e técnicos, promovendo a complementaridade, originou a constituição do Grupo Hospitalar do Médio Tejo, através da Portaria n.º 209/2000, de 6 de Abril. Os Hospitais Distritais de Abrantes, Tomar e Torres Novas, embora mantendo a sua natureza de pessoas colectivas públicas com autonomia administrativa e financeira, passaram a estar sujeitos a uma coordenação comum.

Em 2001, a Portaria 1277, de 13 de Novembro extinguiu os três Hospitais Distritais e integrou-os numa única instituição, com uma gestão comum e integrada: O Centro Hospitalar do Médio Tejo.

Em Dezembro de 2002, o Decreto-Lei n.º 301/2002 transformou o Centro Hospitalar em sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos, com a designação de Centro Hospitalar do Médio Tejo, S.A.

A última alteração é feita em Dezembro de 2005, através do Decreto-Lei n.º 233/2005, que transforma os 31 Hospitais S.A. em Entidades Públicas Empresariais, E.P.E.

ÁGUEDA

HOSPITAL DISTRITAL DE AGUEDA

No dia 15 de Agosto de 1922 foi inaugurado solenemente, no edifício actual, o então denominado HOSPITAL-ASYLO CONDE SUCENA.

Vem desde 1449, de 18 de Novembro desse ano, que D. Afonso V nomeia Afonso Anes como Provedor e Administrador da Albergaria de Águeda. Aí começa a história do Hospital de Águeda, que começou a funcionar na Rua do Barril e no Largo de Nossa Senhora da Boa Morte. Em 1901, o edifício é demolido por não ter condições higiénicas.

Então, o Conde Sucena, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Águeda, decide avançar, ele, com a construção de um novo e amplo edifício, que em 1904 já estava a ser coberto, para em 1907 reunir ali, pela primeira vez, a Mesa Administrativa da Misericórdia.

Nos finais do ano de 1909, o hospital estava concluído razoavelmente apetrechado para a época.

O Hospital-Asilo Conde Sucena, sempre administrado pela Santa Casa da Misericórdia de Águeda, veio a ser nacionalizado, tal como outros, em 1975, para em 1976 ter a sua primeira comissão instaladora como hospital concelhio. Em 1978, constituiu-se então o Centro Hospitalar Aveiro/Sul, com os hospitais de Aveiro e Águeda, passando assim o Hospital de Águeda a Distrital, com carreiras médicas e serviço de urgência permanente. Em 1988 desfez-se o Centro Hospitalar Aveiro/Sul e o Hospital de Águeda passou a designar-se Hospital Distrital de Águeda, com autonomia administrativa, que ainda hoje possui.

O Hospital de Águeda foi amplamente remodelado e apetrechado, e assiste hoje, os doentes dos concelhos de Águeda e Sever do Vouga, além dos sinistrados e outras urgências da região.

A Especialidade de ORL existe desde 1929, com consulta e internamento. De início, o Serviço esteve a cargo do Dr. MANUEL PINTO que, a partir de determinada altura, teve como colaborador o Dr. AMILCAR PINHO E MELO, o qual veio a suceder ao Dr. Manuel Pinto na direcção do Serviço.

Entre 1973 e 1980, mas por curtos períodos, exerceram a sua actividade neste Hospital, como Especialistas, os Drs. Francisco Garcia da Rosa, Manuel Tavares Valério e Oscar Sérgio de Almeida Neves (dados de 1984).

ALMADA

HOSPITAL GARCIA DE ORTA

Presta cuidados de saúde aos concelhos de Almada, Seixal e Sesimbra, com uma densidade populacional de cerca de 450.000 habitantes fixos, estimando-se que na época banear a população atinja um milhão de habitantes.

O Serviço de ORL no Hospital de Almada teve início em 1950, data em que foi criada a vaga de Especialidade de ORL do quadro, que foi preenchida pelo Dr. JOSÉ NOBRE LEITÃO, coadjuvado pelo Dr. AMÍLCAR CASEIRO que dois

anos depois o viria a substituir tendo assumido a Direcção do Serviço de 1952 a 1983, altura em que pediu a sua exoneração.

De 1950 a 1967, o Internamento fazia-se nos Serviços Gerais de Medicina e Cirurgia, e em 1967 foi criado um Serviço autónomo com a lotação de 5 camas.

Em 1982 foi aberta uma vaga de Assistente Hospitalar da Carreira Médica, tendo sido provido em 1983, o Dr. JOÃO ANTÓNIO MARTA PIMENTEL que passou a ser responsável pela Direcção do Serviço que equipou com material que lhe permitia efectuar a grande maioria das intervenções cirúrgicas da Especialidade, nomeadamente as do âmbito da microcirurgia.

No dia 1 de Setembro de 1991 foi inaugurado o novo Hospital de Almada que passou a denominar-se de HOSPITAL GARCIA DE ORTA (HGO, com a lotação de 630 camas, tendo sido indigitado, pela Comissão Instaladora do novo Hospital, o Dr. João Marta Pimentel para Director do Serviço de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial. Após a sua reestruturação, o Serviço de ORL passou a dispor de um Internamento de 24 camas, três gabinetes autónomos de Consulta Externa, um gabinete de Urgência e uma suite operatória reservada ao Serviço de ORL no Bloco Operatório Geral. Contava nesta altura com um quadro de recursos humanos que incluía: 2 Chefes de Serviço e 9 Assistentes Hospitalares de ORL, 1 Chefe de Serviço e 2 Assistentes Hospitalares de Maxilo-Facial, 2 Técnicos de Audiologia e 2 Terapeutas da Fala.

Em Novembro de 2008, o Dr. João Marta Pimentel reforma-se, tendo assumido a Direcção do Serviço o Dr. LUÍS ALBERTO CARVALHO JERÓNIMO ANTUNES, até então e nos 4 anos precedentes, Director Clínico do HGO. Nesta data, o Serviço é novamente reestruturado e equipado com equipamentos actuais compatíveis com as novas tecnologias disponíveis.

Assim, actualmente o Serviço de ORL do HGO possui um Internamento de 24 camas, 3 gabinetes autónomos de Consulta Externa, 1 gabinete de Urgência, 1 suite operatória no Bloco Operatório Geral, 1 gabinete de Audiologia, 1 gabinete de Terapia da Fala, 1 gabinete de Endoscopia e 1 gabinete de Otoneurologia e Reabilitação vestibular. Relativamente aos recursos humanos, o Serviço dispõe de, para além do Director de Serviço - Dr. Luís Antunes -, e na área médica, 1 Chefe de Serviço, 4 Assistentes Graduados e 5 Assistentes Hospitalares de ORL, 1 Assistente Hospitalar de Maxilo-Facial, 3 Internos do Internato Complementar e ainda 2 Terapeutas da Fala e 3 Audiologistas.

O Departamento de Exames Complementares de diagnóstico do Serviço engloba os seguintes Sectores:

- Audiologia - este sector tem à sua disposição todo o equipamento necessário à realização de audiometria do adulto e infantil, impedanciometria e otoemissões. Desde 2009, realiza o Rastreamento Universal da Surdez Infantil com uma taxa de cobertura de 95%;

- Otoneurologia e Reabilitação Vestibular - realiza exames de rastreio e diagnóstico da surdez em complementaridade com o sector de Audiologia estando equipado com Potenciais evocados auditivos automáticos e clássicos. No que concerne à patologia vestibular, este sector, possui o equipamento necessário para o diagnóstico e Reabilitação através da Videonistagmografia e Posturografia. Em 2010, passou ainda a dispor de Posturografia para reabilitação vestibular com realidade virtual;

- Endoscopia - equipada com endoscópios rígidos e flexíveis, de adulto e pediatria, estroboscopia laríngea com monitor, *printer* e videogravador.

O Serviço possui ainda uma Unidade de Terapia da Fala, que trabalha em complementaridade com o Sector de Endoscopia, habilitada no diagnóstico e reabilitação de toda a patologia da voz, fala, linguagem e deglutição, em crianças e adultos, e equipada com *software* de análise acústica vocal e electroglotógrafo.

Este Serviço possui idoneidade em tempo total para formar internos do Internato complementar de 17 de Janeiro de 1993, atribuída pela Ordem dos Médicos.

O Serviço organizou, anualmente, entre 1993 e 1998 as "Jornadas de ORL do HGO" data em que passou a estar envolvido na organização dos Congressos Nacionais de ORL da Sociedade Portuguesa de ORL e Cirurgia Cérvico-Facial. Em 2009, foram retomadas as Jornadas de ORL do HGO que se realizam anualmente e que contam com a presença de ilustres convidados de renome da Otorrinolaringologia Portuguesa e Internacional.

No campo da prevenção, o Serviço dedica-se desde 2009 à realização de Rastreio Universal da Surdez e ao Rastreio de Patologia Vocal, este, inserido no âmbito das comemorações do Dia Mundial da Voz.

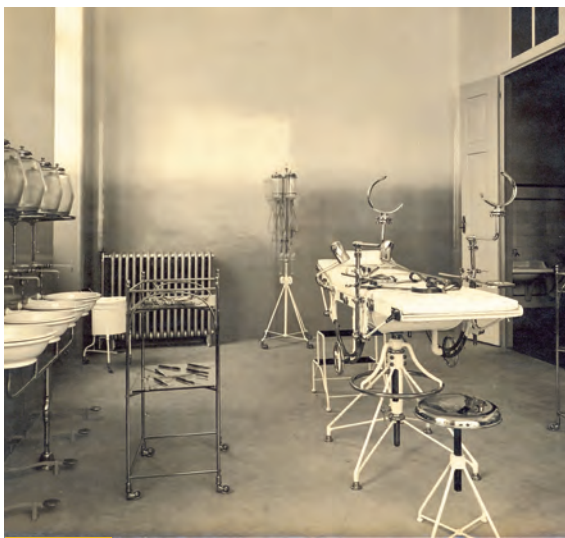


FIGURA 358

UMA SALA DE OPERAÇÕES EM 1917

AMADORA

HOSPITAL PROF. DR. FERNANDO FONSECA

Em 2010, o Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca fez 15 anos de actividade ininterrupta. Foi em 1995 que o referido serviço foi inaugurado sob a direcção do Dr. VICTOR GABÃO VEIGA, função essa que ainda desempenha.

Na altura, o Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca era uma unidade hospitalar de características únicas, uma vez que foi o primeiro Hospital Público com gestão privada, no caso, o Grupo Mello Saúde, e foi também o primeiro hospital Português a ser creditado pelo *King's Fund*. Em Janeiro de 2009 o Hospital passou a E.P.E.

Inicialmente, o serviço de ORL deste Hospital contava com quatro Especialistas além do Dr. Gabão Veiga, nomeadamente o Dr. José Silva Alves, o Dr. João Prata, a Dra. Laura Moreira, e o Dr. Pedro Henriques. Desde essa data, e fruto das crescentes actividades médico-cirúrgicas, o quadro de Especialistas tem vindo a aumentar, contando neste momento com doze Especialistas, onde se incluem cinco graduados.

Em 1998 recebeu a primeira Interna de Especialidade, e actualmente encontram-se em formação quatro Internos. Fazem parte integrante do Serviço, duas Terapeutas da Fala, em estreita colaboração com a consulta de surdez infantil e com a consulta de patologia vocal, e quatro Audiologistas.

Durante estes anos, o Serviço tem vindo a organizar várias Reuniões e Jornadas, tendo participado em todos os Congressos Nacionais, e teve ainda a seu cargo a realização independente do Congresso Luso-Espanhol em 2004, em Lisboa.

Igualmente, conta com uma activa participação nas Jornadas de Otoneurologia em 2009 e 2010.

O Serviço tem actualmente quatro consultas de especialidade em funcionamento. A consulta de roncopatia, a consulta de surdez infantil, a consulta de vertigem e a consulta de patologia vocal.

Em 2009, num estudo realizado pela Escola Nacional de Saúde Pública, foi atribuído o primeiro lugar no *ranking* nacional, ao serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca, pelo desempenho e qualidade de serviços prestados.



FIGURA 359

AVEIRO NUMA FOTOGRAFIA CERCA DE 1860

AVEIRO

HOSPITAL INFANTE D. PEDRO

O HOSPITAL INFANTE D. PEDRO, em Aveiro, serve uma população de cerca de 386.000 habitantes, proveniente de doze Concelhos do Baixo Vouga, articulando-se em rede, de forma complementar, com os Hospitais Distritais de Estarreja e Águeda.

A história do Hospital Infante D. Pedro, Aveiro, remonta a 1901, quando é iniciada a construção do novo hospital, concluindo-se em finais de 1915, tendo recebido o nome de HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE AVEIRO.

Sofreu ao longo do século XX diversas remodelações e aumentos de modo a assegurar, de uma forma mais eficaz, a cobertura hospitalar da parte sul do distrito de Aveiro. Em 1976 recebeu a nova designação de HOSPITAL DISTRICTAL DE AVEIRO, com a previsão inicial de um Hospital Distrital de pouco mais de 300 camas, compreende actualmente cerca de 417.

Em Dezembro de 2002, deu-se um novo passo fundamental no desenvolvimento deste hospital, pois foi incluído no grupo dos trinta e um hospitais que passaram a ter um estatuto de Sociedade Anónima, o que lhe conferiu um diferente modo de actuação, passando a designar-se Hospital Infante D. Pedro, S.A.

O Serviço de ORL existe desde 4 de Agosto de 1944, por deliberação da mesa administrativa da Misericórdia de Aveiro, que elaborou pela primeira vez o quadro do Hospital.

O primeiro Director de serviço foi o Dr. ARMANDO SEABRA que estagiou em França com o Professor George Portmann.

Depois, vieram o Dr. FERREIRA DA COSTA e em especial o Dr. CARLOS SEABRA que acumulava com os Hospitais da Universidade de Coimbra.

Depois da integração do Hospital da Misericórdia de Aveiro no quadro Hospitalar Nacional em 08/02/74, publicado no Diário do Governo, aparece a ORL neste Hospital Distrital como Serviço propriamente dito, sendo o Director de Serviço o Dr. Carlos Seabra, que é o Director Oficial nesta situação.

Com a construção do Hospital novo, pelas construções Hospitalares do Ministério da Saúde e Assuntos Sociais, o Serviço de ORL passa, a partir de 1976, a ter autonomia de espaços quer a nível de Internamento, quer a nível de Consultas e Ambulatório.

Nesta altura, passa por este Serviço, interinamente e provisoriamente por impossibilidade do Dr. Carlos Seabra poder continuar e acumular com o lugar de Chefe de Serviço de ORL de HUC, o Dr. Fernando Rodrigues que aqui esteve muito pouco tempo, vindo chegar o Dr. Manuel Valério após o Concurso Nacional nos Hospitais Cívicos de

Lisboa, embora este pertencesse ao Quadro dos HUC e estivesse em Aveiro, desde alguns meses em regime de destacamento.

Em 1976, o Dr. MANUEL VALÉRIO é nomeado oficialmente Responsável do Serviço de ORL.

Em 1978 é nomeado o Dr. Manuel Valério, Director do Serviço com Publicação em Diário da República, cargo que manteve até Julho de 2002, por Aposentação da Função Pública com o grau de Chefe de Serviço.

Esteve aquele Médico, sozinho e responsável por todo o funcionamento do Serviço (Cirurgias, Consultas e Urgências) de 1976 a 1983, data em que chega ao Serviço o 1º Interno do Internato Complementar, o Dr. António Matos Gonçalves que aqui permaneceu até 1989, altura em que ingressou no quadro do Hospital Distrital de Braga, mediante Concurso Nacional após conclusão do Internato Complementar.

Em 1986, chega ao Serviço o Médico Especialista Dr. J. Lourenço Costa; na realidade era o 2º Médico ORL do Quadro da história do Serviço, vindo dos HUC.

Em 1989 conclui aqui o 2º Médico Interno de ORL do Serviço, o Dr. J. Pitorra Monteiro que faz parte do Quadro do Hospital.

Em 1993, o 3º Médico Interno de ORL, Dr. J. Ferreira Romão, conclui também o Internato Complementar, que pertence agora ao Serviço de ORL dos HUC.

Em 1998, entrou para o Serviço o Dr. Felgueiras Pinto, Especialista pelos HUC.

O Serviço colaborou na formação com outros Serviços do Hospital e com o Serviço de ORL dos HUC, em sessões de pós-graduação de Clínicos Gerais, também em várias, com a ARS de Aveiro.

Colaborou com o Serviço escolar de rastreio escolar de crianças surdas em Aveiro, da administração da ARS do Centro.

Colaborou em estudos de Terapêutica e apresentação Pública de novos medicamentos com ensaios clínicos e mesas-redondas com vários laboratórios Nacionais e Estrangeiros.

Colaborou também, com a Saúde Pública de Águeda e com o Ministério do trabalho em estudos de Toxicidade em ORL de operários em contacto com metais pesados.

Este Serviço co-organizou, em Dezembro de 1987, as primeiras Jornadas Internacionais de ORL, em Aveiro, com colegas de Coimbra.

Publicou e apresentou várias dezenas de trabalhos, em especial durante todo o tempo que esteve a funcionar no Internato Complementar de ORL, até cerca de 1997.

Colaborou activamente na última reunião do Núcleo do Centro da Sociedade de ORL que se realizou em Coimbra no ano de 2000, com trabalhos, palestras e patrocínio de Sessões Científicas.

Participação de vários elementos do serviço em Júris de concurso e Habilitação ao grau da Especialidade.

Co-organizou o Congresso Nacional de ORL em Aveiro em 2002, com o Vice-Presidente, Prof. Dr. A. Paiva. Em 2002 dá-se a saída por aposentação, do Dr. M. Valério.

BARCELOS

HOSPITAL STA. MARIA MAIOR

Neste Hospital iniciou-se a consulta externa de ORL em 1970, sem carácter oficial, a cargo do Dr. RAUL FERREIRA DA SILVA, Chefe de Serviço do Hospital Geral de Santo António do Porto, e do Dr. Costa Maia, Assistente Hospitalar do mesmo Hospital.

Em 1975 iniciou a sua actividade em Barcelos o Dr. Antero Adolfo Beleza Braga.

Em 1976, o Dr. Ferreira da Silva deixou o seu lugar de consultor, ficando o Dr. Costa Maia como tarefeiro e apenas para a consulta, e assumindo o Dr. ANTERO BELEZA BRAGA a direcção do Serviço, com a categoria de Assistente Hospitalar.



FIGURA 360

BARCELOS NO 1º QUARTEL DO SÉCULO XX

BARREIRO

HOSPITAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Inaugurado a 18 de Janeiro de 1959 e dirigido pela Santa Casa da Misericórdia, o HOSPITAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO consistia numa estrutura mais pequena e menos diferenciada, que funcionou durante quase 30 anos, com cerca de 115 camas.

O edifício actual foi inaugurado no dia 17 de Setembro de 1985, com maior número de Especialidades e de camas (cerca de 500), passando a ser designado de HOSPITAL DISTRITAL DO BARREIRO.

Em Setembro de 1995 viu a sua designação ser alterada para HOSPITAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - BARREIRO.

A actividade na área de ORL nesta cidade do Barreiro, iniciou-se em 1976 no antigo Hospital da Misericórdia, tendo nessa altura como único Médico o Dr. JOÃO NUNES MONTEIRO FEIJÃO.

Este Médico manteve-se em funções praticamente sozinho, até ao início da década de 80, altura em que o quadro foi integrado por mais três médicos: Dr. Costa e Silva, Dr. José Romão e Dr. Paulo Levy.

O Hospital tinha instalações muito precárias, dispondo inclusivamente de um Departamento de Audiometria que funcionava num velho edifício a cerca de 1 Km do Hospital, embora já dispusesse de microscópio cirúrgico.

Em 17/09/1985 é inaugurado o novo Hospital já com instalações muito mais dignas, mas por razões várias (aposentações e transferências), apenas transitou para o novo Hospital o Dr. João Nunes Monteiro Feijão, que era e continuou a ser o Director do serviço.

Em 1985 o Serviço admite pela primeira vez um Interno, o Dr. José António Alves Pinto Carmona.

Em 1986 entram no Serviço o Dr. João Ribeiro Mendes e posteriormente o Dr. José Jorge Oliveira Almeida e o Dr. Arlindo Palma Rodrigues, todos Assistentes Hospitalares.

Em Dezembro de 1996, o Dr. João Nunes Monteiro Feijão, até então Director do serviço, reformou-se, tendo sido nomeado Director do Serviço, o Dr. JOÃO RIBEIRO MENDES.

Em final da década de 90 esteve também neste Serviço o Dr. José António Peres de Sousa, que posteriormente se transferiu para o Hospital D. Estefânia, tendo ainda exercido funções no Serviço, o Dr. José Manuel Gomes de Castro.

O quadro era em 2003 constituído por um Chefe de Serviço e cinco Assistentes.

Director-Chefe de Serviço - Dr. João Ribeiro Mendes.

Disponha de um Departamento de Audiometria com Audio IPD e Potenciais Evocados, de bom equipamento no bloco operatório, e quatro gabinetes de consulta.

A área de influência abrangia em 2003 os concelhos do Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete, e efectua cerca de 4.000 consultas por ano e cerca de 300 cirurgias electivas para além do apoio à urgência (consultas e cirurgia).



FIGURA 361

BEJA NUMA FOTOGRAFIA DE CAMACHO CERCA DE 1870

BEJA

HOSPITAL JOSÉ JOAQUIM FERNANDES

O HOSPITAL DE BEJA foi mandado construir em 1490 pelo Duque de Beja, D. Manuel, ainda no reinado de D. João II, chamando-lhe, à data, Hospital Grande de Nossa Senhora da Piedade, com 20 camas, sendo 14 para homens e 6 para mulheres.

Em 1564, D. João III, após ter sido informado pelo irmão, Infante D. Luiz, da “insuficiência dos rendimentos do Hospital para sustentar os doentes”, manda anexar o Hospital à Misericórdia, entregando o “governo e a administração” à responsabilidade do Provedor daquela Instituição, nascendo assim o HOSPITAL DA MISERICÓRDIA, construído em estilo gótico-manuelino.

O Hospital da Misericórdia funcionou, nos primeiros séculos de vida, segundo os padrões da época com um papel predominantemente assistencial e caritativo.

O Hospital de Beja, tal como o conhecemos hoje, foi criado pelo Decreto-Lei n.º 45 226/63 de 4 de Setembro, publicado em Diário do Governo (I série – n.º 208).

Neste documento pode ler-se: “Pela benemérita D. Carolina Almodôvar Fernandes foram doados ao Estado, para serem aplicados na construção do hospital regional de Beja, bens avaliados em cerca de 14.000 contos, com a condição de ao referido hospital ficar ligado o nome do seu falecido marido, José Joaquim Fernandes, e de a obra estar concluída no prazo de três anos e meio. Segundo estudos já elaborados pela Comissão de Construções Hospitalares, o custo da construção e do equipamento do novo hospital, com capacidade para 200 camas, susceptível de ulterior ampliação para cerca de 300, pode estimar-se em 16.000 contos, pelo que será diminuto o encargo a suportar pelo Estado.”

A partir de 1934, logo que regressou de Bordéus, em cuja Clínica longamente estagiou sob a orientação do Prof. George Portmann, o Dr. LUÍS CARNEIRO DA FONSECA deu início a uma consulta de ORL no Hospital da Misericórdia e aí se manteve até 1970.

Nesta data transferiu-se para o novo Hospital Distrital, cujo Serviço da Especialidade montou, organizou e dirigiu. O Dr. FONSECA, que durante anos seguidos foi o único Otorrinolaringologista do Distrito, foi auxiliado pelo Dr. COLAÇO SABINO que lhe sucedeu como Director (dados de 1984).



FIGURA 362

TEMPLO DO BOM JESUS EM BRAGA NO FINAL DO SÉC. XIX. FOTOTIPIA DE "A ARTE E A NATUREZA" DE EMÍLIO BIEL

BRAGA

HOSPITAL DE SÃO MARCOS

O HOSPITAL DE SÃO MARCOS em Braga, foi fundado em 1508 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, que nele concentrou os hospitais e albergarias existentes.

Em 1559, o arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires passa a administração do hospital para a Misericórdia.

No Século XVIII foi construído o edifício onde se situa a Igreja do Hospital, projectado por Carlos Amarante.

Nesse mesmo século foi criada, no hospital, uma Escola de Cirurgia. Já em 1884 adquire o Palácio do Raio para expandir o hospital.

Ao longo do tempo foram construídos vários edifícios adjacentes ao hospital.

No ano 1960 foi construído o actual edifício principal.

Em 1992 passa a Hospital Central, e em 2002 Hospital Universitário e Central.

Em 4 de Novembro de 1935, por decisão da Mesa de Santa Casa da Misericórdia, foi criada uma secção de ORL no Hospital de S. Marcos, com consulta 1 vez por semana e internamento nos Serviços de Pediatria e de Medicina.

Como Director da Especialidade foi desde logo nomeado o Dr. TEÓFILO ESQUÍVEL, que se manteve em exercício até 1962, data em que se afastou a seu pedido.

Sucedeu-lhe, cerca de 1 ano depois, o Dr. JOÃO FERREIRA SOARES que já trabalhava no Serviço de ORL desde a data em que fora admitido como estagiário.

Em 1982, o Dr. Soares atingiu o limite de idade e assumiu a direcção do Serviço o Dr. JOAQUIM JORGE E OLIVEIRA, que já ali exercia a sua actividade, após se ter especializado no Hospital de S. José em Lisboa e de ter obtido o título de Especialista.

O Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Distrital de Braga (Hospital de S. Marcos) transformou-se (dados de 1984) numa unidade autónoma com consulta externa 3 vezes por semana, internamento com capacidade para 10 camas (5 para adultos, 4 para crianças e 1 para clínica privada).



FIGURA 363

A CIDADE DE BRAGANÇA CERCA DE 1930 - FOTO BELEZA

BRAGANÇA

HOSPITAL DISTRITAL DE BRAGANÇA

O Serviço de Otorrinolaringologia nasceu com o Hospital em 1973.

O único elemento médico, com que contava o Dr. ANTÓNIO NETO PIRES DE CARVALHO, era também o Director do Serviço.

Foi desde sempre o Serviço de referência do Nordeste Transmontano.

Passaram pelo Serviço vários colegas, uns como Internos, outros como Assistentes Hospitalares.

O Dr. António Aurélio Ramalho Guedes, foi o primeiro interno da Especialidade deste Hospital, tendo iniciado o seu estágio em 1981, o qual se prolongou por nove meses. Este clínico continuou e concluiu o restante Internato em Hospitais Centrais.

Nos anos de 1982 e 1983 realizou parte do seu Internato, o Dr. Augusto Gomes Pereira, e nos anos de 1983 a 1985 fê-lo, o Dr. Artur Manuel de Sousa Conde.

De Junho a Setembro de 1987, o Dr. Tiago da Costa Godinho foi provido no lugar de Assistente Hospitalar, tendo depois transitado para o quadro do Hospital de Famalicão.

O actual Director iniciou funções por urgente conveniência de serviço, em Julho de 1988, tendo sido provido no lugar de Assistente Hospitalar no ano seguinte.

Em 1993, aposentou-se o Director do Serviço, Dr. António Neto Pires de Carvalho, pelo que o actual Director assumiu a Direcção e manteve-se durante cerca de três anos como único elemento médico do Serviço.

Trabalhou aqui durante cerca de quatro meses, no ano de 1996, como elemento do quadro, a Dra. Maria Edite Correia de Castro Portugal, tendo sido provida por concurso em Hospital da área da sua residência.

O Dr. João Paulo Enes, prestou serviço durante seis meses, no ano de 1997, com um contrato individual.

De Abril de 1997 a Setembro de 1998, o Dr. João Manuel Vaz Fernandes assumiu o lugar de Assistente Hospitalar, tendo depois, por razões familiares, concorrido para Hospitais do litoral, onde foi provido.

Até Outubro de 2000, o Serviço continuou a funcionar apenas com o Director do Serviço.

Nesta data, foi contratado pela Direcção do Hospital, o Dr. Rui Manuel Gorgal Moreira Parracho, em regime de prestação de serviços, tendo-se mantido até à presente data. Em Outubro 2001, o Dr. Francisco Machado Oliveira iniciou funções nos termos e ao abrigo do Decreto-Lei 112/98; em Setembro de 2002 tomou posse como Assistente Hospitalar.



FIGURA 364

O HOSPITAL TERMAL DAS CALDAS DA RAINHA EM DUAS ÉPOCAS DIFERENTES DA SUA HISTÓRIA NO SÉC. XIX E NO SÉC. XX
- É DE NOTAR O AUMENTO DE UM PISO DO EDIFÍCIO

CALDAS DA RAINHA

HOSPITAL TERMAL RAINHA D. LEONOR

Nesta localidade, apesar de grande tradição histórica que o seu Hospital Termal Rainha D. Leonor ostenta, tem havido, até recentemente, pouca fixação de Especialistas de ORL em funções hospitalares. O primeiro de que há notícia é o Dr. IVO ABRUNHOSA, que exerceu entre 1938 e 1941, após ter frequentado o Serviço de ORL do Hospital de S. José de Lisboa, onde colheu os ensinamentos do Dr. Alberto Mendonça. Em 1941 deixou as Caldas da Rainha para ir para o Ultramar.

Sensivelmente pela mesma época, exercia também a sua actividade nesta cidade, o Dr. JOAQUIM GIL DE ALMEIDA RIBEIRO, outro discípulo do Dr. Mendonça. Em 1950 começa um período de maior estabilidade, com a instalação do Dr. JOSÉ MARQUES, que se manteve em exercício no Hospital até falecer prematuramente em 1975. Conjuntamente com o Dr. José Marques, trabalharam os Drs. Manuel António Lopes Vieira (de 1970 a 1972) e Borges Diniz (de 1972 a 1976).

A partir de 1977 passou a dirigir o Serviço o Dr. ÓSCAR FERREIRA (1928-1999) com a categoria de Assistente Hospitalar após aprovação em concurso de provas públicas.

O Dr. Óscar Ferreira fez a sua preparação na Dinamarca, inicialmente como Interno da Especialidade e depois exercendo como Especialista, durante vários anos, num Hospital Central de Copenhaga.

Foi com o Dr. Óscar Ferreira que o Serviço de ORL se organizou e adquiriu equipamento, nomeadamente na área de microcirurgia otológica e cirurgia cérvico-facial, inicialmente trabalhando com o seu próprio equipamento, depois conseguindo a aquisição de todo o material necessário para consulta externa e bloco operatório, além de exames complementares de diagnóstico. Formou dois Internos, o Dr. José Sérgio Galhoz que esteve no Serviço entre 1982 e 1987 e a Dra. Ana Paula Branco que entrou em Janeiro de 1988. O Dr. Óscar Ferreira aposentou-se com o grau de Chefe de Serviço, em Setembro de 1996, ficando o Serviço a ser dirigido pela Dra. ANA PAULA BRANCO.

Desde essa altura que tem havido uma grande instabilidade do quadro médico: a Dra. Edite Portugal (1997-1998), Dr. Alfredo Luís (1997-2001), Dr. Orlando Leiria (2001-2004), Dr. Joel Cossa (2008-2009). Desde 2008 exerce também funções, em horário parcial, a Dra. Graça Barbeiro.

Em Junho de 2004 ingressou no Serviço o Dr. Mário Santos que em equipa com a Dra. Ana Paula Branco são os únicos elementos do quadro, o Serviço que pode comportar até quatro Médicos.



FIGURA 365

SERVIÇOS MÉDICOS DO CORPO EXPEDICIONÁRIO PORTUGUÊS NA 1ª GRANDE GUERRA - FOTO DE ARNALDO GARCÊS

CASTELO BRANCO

HOSPITAL AMATO LUSITANO

Programado na década de sessenta para substituir o então chamado HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CASTELO BRANCO, o HOSPITAL AMATO LUSITANO (HAL) viu iniciada a sua construção em 1968, concluída em 1975.

No dia 1 de Maio de 1977, e após a publicação do quadro orgânico de pessoal, foi oficialmente inaugurado, mantendo a sua actividade desde essa data.

Dotado com todas as valências básicas e complementares que permitem ajustar a sua classificação no nível III de diferenciação da Carta Hospitalar, constitui-se como um serviço de interesse público, instituído, organizado e administrado com o objectivo de prestar à população cuidados médicos diferenciados.

O HAL dispõe de serviços clínicos em todas as valências básicas, intermédias e na maioria das valências diferenciadas.

É, por esse facto, o Hospital mais diferenciado do Distrito, sendo o Hospital de referência para os Hospitais da Covilhã e Fundão (Centro Hospitalar da Cova da Beira).



FIGURA 366

UMA SALA DE OPERAÇÕES NOS ANOS 30 DO SÉCULO XX

O Serviço de ORL do Hospital Amato Lusitano, teve origem numa Consulta da Especialidade criada nos anos 50, no então Hospital da Santa Casa da Misericórdia, pelo Dr. PINTO DA ROCHA, já falecido.

Em 1963, foi substituído pelo Dr. JOSÉ JOAQUIM AFONSO.

Em 1977, com a transferência do Hospital Distrital de Castelo Branco, para o actual edifício, é aprovado o Quadro de Serviço de ORL com 1 Chefe de Clínica e 2 Especialistas.

Porém, só em 1984 o quadro dispôs de 2 Médicos: Dr. José Joaquim Afonso, Dr. Joaquim Luís Mendes Robalo.

A cirurgia ORL diferenciada, nomeadamente a microscópica, tem início em 1985. Dispõe o Serviço de fibroscopia desde 1996 e de audiometria desde 1997.

Dirigiram o Serviço até 1963, o Dr. PINTO DA ROCHA; de 1963 a 1987 o Dr. JOSÉ JOAQUIM AFONSO; de 1988 a 1990 o Dr. MENDES ROBALO; de 1991 a 1996 o Dr. JOÃO ROSSA e a partir de 1997 o Dr. MENDES ROBALO.

COVILHÃ

HOSPITAL DISTRITAL DA COVILHÃ

Anteriormente à existência oficial de um Serviço de ORL, o Hospital Distrital da Covilhã tinha consulta da Especialidade 1 vez por semana, graças aos bons ofícios do Dr. NEVES PAIVA, que durante anos aqui se deslocou, vindo da Guarda, onde exercia a sua profissão. A situação descrita manteve-se até 25/04/1974.

Oficialmente passou a haver consulta de ORL desde que foi colocado neste hospital, em 09/06/1981, o Assistente Hospitalar Dr. FERNANDO PIRES, que em 04/04/1984, pediu a sua exoneração.

Ainda durante a direcção do Dr. Fernando Pires, ingressou no Serviço o Dr. José Rua, em 16/01/1984, com o grau de Assistente Hospitalar e sob requisição ministerial por necessidade de serviço e sem lugar de quadro.

Nesta altura o quadro hospitalar contemplava 1 Chefe de Serviço e 1 Assistente Hospitalar. Passados alguns anos conseguiu alterar-se o quadro hospitalar para 1 Chefe de Serviço e 2 Assistentes Hospitalares.

Após Concurso de Provimento para o lugar de Assistente Hospitalar - Concurso Regional - Zona Centro, o Dr. José Rua tomou posse do lugar em 27/03/1986.

Desde 01/04/1984 a 02/12/1990, data em que ingressou no H. D. Covilhã, por contrato, uma interna graduada em assistente hospitalar, Herli Meister, que em 01/11/1991 efectuou permuta com outro colega, Dr. José Lavrador Gama, que esteve à frente dos destinos da ORL do H. D. Covilhã.

Em 18/04/1987, o Dr. José Lavrador Gama saiu do H. D. Covilhã, por concurso, para o H. D. Guarda. Novamente ficou só o Dr. José Rua, no H. D. Covilhã.

Desde 01/05/1987 a 01/11/1992 foi Director do Serviço o Dr. JOSÉ LAVRADOR. Retomou essas funções em 25/11/1995.

Em Janeiro 1997, ingressou no quadro hospitalar do Serviço, o Dr. Maximiano Correia Nunes e em Abril 2000 a Dra. Maria Ruth Garcia, como Assistente Hospitalar Contratada.

Exercemos de 1994 a 1997 as funções de Director do Departamento das Consultas Externas, de Adjunto do Director Clínico, e por alguns meses as funções de Chefe de Equipa do S. Urgência.

A entrada e saída constante de Médicos, a falta de interesse de colegas se fixarem no Interior, bem como nunca ter havido atribuição ao serviço de vagas carenciadas, cria um clima de instabilidade e de não organização de um Serviço.

Em 2003 houve a passagem do velho H. D. Covilhã "Misericórdia", para um novo Hospital. Todos sabemos o que isto significa a nível de "conquista" de espaços.

O Serviço (em 2003) estava minimamente equipado e estruturado, já que haviam espaços físicos próprios para as consultas externas, serviço de urgência e exames complementares de diagnóstico (apesar de não haver técnicos). Tinha uma enfermaria com 4 camas de adultos e 1 quarto de isolamento. As crianças eram internadas no Serviço de Pediatria. O bloco operatório funcionava uma vez por semana à 4ª feira, para cirurgia programada.

Abriu uma consulta de vertigem e outra de surdez infantil (que abrangia os Distritos de Castelo Branco e Guarda).

Apesar dos anos que passou só, e com a instabilidade da entrada e saída de Médicos, diz o Dr. José Lavrador que sem a preciosa ajuda e colaboração do Dr. Maximiano Correia Nunes não teria sido possível transformar o serviço.



FIGURA 367

ESPINHO

HOSPITAL DISTRITAL ESPINHO

A Especialidade de ORL fez parte das actividades assistenciais do Hospital Distrital desde 1944. Desde o início, que foi encarregado da sua Direcção, o Dr. MANUEL SOARES MOTA.

ÉVORA

HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA

O Hospital Real do Espírito Santo de Évora foi fundado em 1492 pelo Rei D. João II, que para o efeito reuniu cerca de 12 hospitais e alguns dispensários dispersos pela cidade de Évora, e que nalguns casos subsistiam em difíceis condições económicas.

A sua existência foi confirmada pelo Papa Alexandre VI, pela Bula de 23 de Agosto de 1498, em favor do Rei D. Manuel I.

Foi um Hospital gerido pela Misericórdia de Évora até 1975, altura em que a sua designação foi mudada para Hospital Distrital de Évora.

A partir de 1995 passou a designar-se HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO.

A primeira referência à Especialidade de Otorrinolaringologia foi em 1946 com o início das consultas pelo Dr. JOÃO MANUEL PESTANA ROSA DE OLIVEIRA CASQUILHO, que prestou serviço de 01/11/1946 a 10/10/1980, e que anteriormente já praticava a Especialidade na cidade de Évora, como privado.

Seguiram-se o Dr. JOSÉ MANUEL FERNANDES CARDOSO de 18/6/1951 a 23/03/1986, altura em que se aposentou e que foi responsável pelo Serviço, e o Dr. JOSÉ FRANCO VALADARES de 1943 a 1958.

O Serviço tinha um Quadro com 1 Chefe de Serviço e 3 Assistentes/Assistentes Graduados; possuía uma consulta externa, enfermaria de 7 camas, uma pequena sala de exames, e a cirurgia era efectuada no Bloco Operatório com periodicidade semanal.



FIGURA 368

VILA NOVA DE FAMILIÇÃO CERCA DE 1960

FAMILIÇÃO

HOSPITAL S. JOÃO DE DEUS

Em 16 de Maio de 1964 foi inaugurado o edifício onde actualmente funciona o Hospital de Vila Nova de Famalicão. Foi uma obra impulsionada pelo famalicense Amadeu Mesquita, então Provedor da Misericórdia, que geria o hospital. Em 30 de Março de 1972, o Hospital foi classificado como Distrital. Na sequência da Revolução de 25 de Abril de 1974, foi nacionalizado.

Neste período, o Hospital S. João de Deus foi pioneiro num procedimento singular cujas consequências positivas ainda hoje perduram em todos os Hospitais Distritais do país: foi contactado por finalistas do Curso de Medicina da Faculdade do Porto, que se ofereceram para fazer em Famalicão o Internato, como permitia a legislação, desafiando os costumes que sempre atribuíam a tutela do Internato aos Médicos da Universidade.

O Serviço de ORL do Hospital de S. João de Deus, recebe o seu primeiro Médico ORL com o grau de Assistente Hospitalar no ano de 1985: a Dra. MARIA CARLOS DA SILVA PINTO SOBRAL, admitida em 01/12/85, e que exerceu funções até 11/07/87.

Em 24/09/87, em regime de destacamento, após a saída da Dra. Maria Carlos Sobral, inicia funções o Dr. TIAGO DA COSTA GODINHO, o qual vem a tomar posse do lugar de Assistente Hospitalar do Hospital de S. João de Deus em 01/01/88, por transferência do Hospital Distrital de Bragança. Em 27/02/89 toma posse do cargo de Director de Serviço, o qual exerce desde então.

Em 01/11/87, por transferência como Interno Prolongado do Internato Complementar do Hospital Geral de Santo

António, iniciou funções o Dr. Ramiro Matos Silva.

Com um quadro médico, então, de um lugar de Consultor e dois de Assistente Hospitalar, após concurso, ingressou no quadro o Dr. Joaquim Manuel Barbosa Soares de Miranda em 19/03/90 e, posteriormente, por desbloqueamento da vaga de Consultor, em 23/04/90 passa a integrar o quadro médico do Serviço, o Dr. Ramiro Matos Silva.

Com o desenvolvimento que vinha tendo o Serviço, foi colocada em 01/01/92 a Dra. Maria Goreti Azevedo Saldanha, como primeiro e, até à data, único Interno Complementar de ORL. Foi então pedido à Ordem dos Médicos a concessão de idoneidade ao Serviço a qual, após a visita de uma Comissão constituída pelos Drs. Nelson Gama, Faria e Almeida e Maia Gomes, veio a ser fixada em um ano (mais tarde retirada, por o quadro do Serviço não reunir os novos critérios definidos pelo Colégio).

Em 12/08/94 obtêm o grau de Consultor os Drs. Tiago Godinho e Joaquim Miranda. A Dra. Goreti Saldanha aguarda a realização do seu concurso de habilitação ao grau de Chefe de Serviço.

O Dr. Tiago Godinho, após realização do respectivo concurso, toma posse do lugar de Chefe de Serviço em 11/12/98.

O século XXI levou o Hospital ao início de um período de mudanças significativas na sua história. Em 11 de Dezembro de 2002, o S. João de Deus deixou de ser um hospital do Estado para ser uma Sociedade Anónima (SA) de capitais exclusivamente públicos. Em 31 de Dezembro de 2005, com o objectivo de acentuar o carácter público da instituição, o São João de Deus, à semelhança dos outros hospitais SA, passou a ter o estatuto de Entidade Pública Empresarial (EPE).

O quadro médico de ORL era constituído em 2003 por um lugar de Chefe de Serviço e quatro de Assistente Hospitalar, e do seu quadro técnico fazia parte um Técnico de Audiometria.



FIGURA 369
O ALGARVE ILLUSTRADO, DE 1880. A 1ª PUBLICAÇÃO COM FOTOGRAFIAS DO ALGARVE

FARO

HOSPITAL DISTRITAL DE FARO

A actividade de ORL em Faro iniciou-se no velho Hospital da Misericórdia de Faro nos anos 50, com o Dr. Moniz Nogueira, que atinge o limite de idade em 1980.

Com a inauguração do Hospital Distrital de Faro criou-se condições para um quadro hospitalar de 1 Chefe de Serviço e 2 Especialistas de ORL.

Após Concursos Nacionais, tomam posse em 1983, 2 Especialistas, o Dr. Sérgio Veríssimo e o Dr. Jorge Gabriel.

A actividade do Serviço iniciou-se com 11 camas hospitalares, 3 tempos operatórios por semana, 2 dias de consulta externa para cada especialista e apoio a urgência em regime de prevenção.

O alargamento do quadro hospitalar permite a entrada de 2 novos Especialistas, Dr. Francisco Vicente e Dr. Rui Teixeira, nomeadamente em 1987 e 1992.

O provimento em Chefe de Serviço e por inerência do Director do Serviço, Dr. SÉRGIO VERÍSSIMO, permite a entrada da Dra. Clara Ladeira em 1997. Novo alargamento do quadro hospitalar em 2000.

Por razões de operacionalidade hospitalar o Serviço é reduzido para 6 camas hospitalares e 2 tempos de bloco operatório, mantendo consulta externa diária, apoio à urgência até às 21 horas.

Garante o funcionamento da Unidade de Otoneurologia, composta por audiometria e impedanciometria, nistag-

mografia; fazem parte do quadro do serviço 2 Técnicos de Diagnóstico e Terapêutica, licenciados em Audiometria.

O Serviço desenvolveu unidade de endoscopia rígida e flexível para apoiar a consulta externa e urgência.

Em 2003 o Serviço tem um quadro, de 2 Chefes de Serviço e 5 Assistentes Hospitalares, que ainda não está completamente preenchido.

É responsável pela população do sotavento algarvio (de Vila Real de Santo António ao Concelho de Albufeira), de cerca de 250.000 habitantes. No pico do verão responde por cerca de 500.000 habitantes.

Tem consulta externa a funcionar diariamente (média de 15 doentes/dia).

No Serviço de Urgência são observados em média 15 doentes/dia, com exigência frequente de actos Cirúrgicos.

Na actividade cirúrgica os tempos operatórios (2 por semana de 6 horas cada), permitem operar 2 a 4 doentes por sessão (média mensal de 22 doentes), de diversas patologias.

Na Unidade de Otoneurologia são efectuados cerca de 90 exames por semana.

O serviço de ORL do HDF funciona em unidade de internamento de 41 camas (Especialidades Cirúrgicas), compartilhado com Oftalmologia (5 camas), e Ginecologia (30 camas).

Até 2003 o Serviço tinha formado 5 Internos do Internato Complementar. Os internos tiveram estágios electivos de 3 a 6 meses no IPO de Lisboa, Hospital de Santa Maria, Hospital de São José e Hospital Egas Moniz.



FIGURA 370

NA PRAIA DA FIGUEIRA DA FOZ CERCA DE 1930

FIGUEIRA DA FOZ

HOSPITAL DISTRITAL DA FIGUEIRA DA FOZ

A história do Hospital da Figueira da Foz remonta a 1839, onde a primeira unidade de tratamentos hospitalares surgiu integrada na Santa Casa da Misericórdia, fundada em 05 de Dezembro.

Em 1959, os terrenos onde se encontra o actual Edifício Hospitalar foram cedidos a título precário e gratuito, para a construção do Sanatório Hélio-Marítimo da Figueira da Foz, terrenos estes que tinham sido cedidos em 1948, com destino à Instalação de Pavilhões para a Colónia Balnear.

Em 1970, a Junta Distrital de Coimbra fez a proposta para que o Edifício Hospitalar fosse cedido ao Ministério da Saúde e Assistência, o que veio a acontecer em 23 de Março 1971, com a criação do Centro Hospitalar de Coimbra, que integrou o Hospital Ortopédico e de Recuperação, até essa data chamado de Hélio-Marítimo.

Pelo despacho do Secretário de Estado da Saúde e Assistência de 20 de Março de 1972, o Hospital Concelhio da Figueira da Foz, a funcionar na Santa Casa da Misericórdia, passa a ser qualificado de Hospital Distrital.

O edifício do Hospital Ortopédico e de Recuperação manteve-se fechado durante mais de dez anos após a sua construção, até que em 06 de Novembro de 1974 o Hospital citado é desvinculado do Centro Hospitalar de Coimbra e convertido em Hospital Distrital Polivalente, permitindo a junção da ex-Casa da Mãe ao ex-Hospital da Misericórdia, tendo-se criado, desta forma, o suporte jurídico indispensável à regularização da situação.

Em Maio de 1975 deu-se a transferência de todos os serviços da Santa Casa da Misericórdia para o novo estabelecimento Hospitalar.

A 10 de Dezembro de 2002, o Hospital da Figueira da Foz passa para sociedade anónima (SA) com capitais exclusivamente públicos e assim permanece até 2005, ano em que é transformado em Entidade Pública Empresarial, em 29 de Dezembro pelo D.L 233/2005, que surgiu no seguimento do D.L nº 93/2007 que em 07 de Junho do mesmo ano determinou a sua transformação para Hospital EPE.

Desde que existem registos, a assistência Hospitalar Otorrinolaringológica tem sido prestada desde 1948 no antigo HOSPITAL DA MISERICÓRDIA e, a partir de 1975 nas instalações do actual HOSPITAL DISTRITAL DA FIGUEIRA DA FOZ.

Têm prestado assistência no Serviço os Médicos:

- Dr. PORFÍRIO H. ALMEIDA CARNEIRO com início em Abril de 1948 no Hospital da Misericórdia, tendo transitado para o actual onde se manteve até Fevereiro de 1982. Faleceu em 16/02/1982;
- Dr. Jorge Manuel Carvalho Sofia, como contratado em prestação de serviços, desde 22/06/1971 tendo terminado em 31/06/1976;
- Dr. Carlos Alberto Lima Gouveia, contrato de tarefa desde Fevereiro de 1978 até 31/10/1983;
- Dr. Fernando dos Santos Almeida, após concurso a nível nacional, iniciou funções a 22/08/1983 como Assistente Hospitalar. Após os vários concursos da carreira Hospitalar chegou a Chefe de Serviço;
- Dr. Pedro António Miguel Rodrigues, Assistente Hospitalar Graduado, desde 01/03/1988;
- Dr. José Manuel Eufrásio Antunes, Assistente Graduado, por transferência do Hospital Distrital de Leiria, a partir de 01/10/1998.

O Responsável pelo Serviço era o Dr. FERNANDO ALMEIDA que tem sido o Director do Serviço de Especialidades Cirúrgicas, que além de ORL engloba as Especialidades de Urologia, Oftalmologia, Neurologia e Dermatologia (dados de 2003).



FIGURA 371
AFONSO NEVES DE PAIVA

GUARDA

HOSPITAL SOUSA MARTINS

O Hospital Sousa Martins é uma instituição que marcou a história da Guarda no último século. O Hospital ex-Sanatório Sousa Martins é um motivo de orgulho para a cidade, para a região e para a própria História da Saúde em Portugal. Fruto de um acto pioneiro e visionário do médico José Tomás Sousa Martins e do empenho pessoal da Rainha D. Amélia, tendo em vista o tratamento de uma das mais temíveis doenças de finais do século XIX, o Sanatório conferiu à Guarda o epíteto de Cidade da Saúde.

Ao longo dos anos, uma elite de profissionais de saúde tem sabido servir a Cidade e o Distrito com carácter e distinção. Referência especial a Lopo de Carvalho, Amândio Paul, Ladislau Patrício e Martins Queirós, que se empenharam pelo tratamento da tuberculose e pelo sucesso de uma unidade de Saúde que contribuiu para o crescimento e desenvolvimento económico e social da Cidade da Guarda.

Este hospital começou a sua actividade no âmbito da Otorrinolaringologia em Maio de 1950 com o Dr. AFONSO NEVES DE PAIVA (1914-2010), que foi durante longos anos o único Médico da Especialidade no Distrito.

AFONSO NEVES DE PAIVA, nasceu em 1914. Licenciado pela Faculdade de Medicina de Coimbra. Fez a sua preparação no Serviço de ORL do Hospital Militar Principal (Lis-



FIGURA 372
II JORNADAS OTORRINOLARINGOLÓGICAS DO HOSPITAL DISTRITAL DA GUARDA - 1983

boa), sob a orientação do Dr. Barata Salgueiro, completando-a com sucessivas estadias em Serviços Franceses e Espanhóis. De 1954 a 1971 teve a seu cargo o Serviço de Broncologia do Sanatório da Assistência Nacional aos Tuberculosos da Guarda, desde o seu início responsável pelo Serviço de ORL do Hospital desta cidade, até à sua aposentação. Durante alguns anos assegurou também a assistência ORL no Hospital da Covilhã. Foi Vice-Presidente da Sociedade de Otorrinolaringologia e de Patologia Cérvico-Facial, da qual foi nomeado sócio honorário. Organizou por duas vezes Jornadas de ORL na Guarda, respectivamente em 1959 e 1983.

Foi este distinto Otorrino, que instalou e desenvolveu o Serviço, sendo seu Director até 04/02/1985, data em que atingiu o limite de idade.

Como no hospital não havia outro Médico do quadro, continuou o Dr. Afonso Paiva a assegurar o Serviço até 31/07/86.

Além de executar todo o tipo de cirurgia, é de salientar ter realizado na Guarda em 1959 e em 1983 as JORNADAS OTORRINOLARINGOLÓGICAS DA GUARDA com o apoio da Sociedade Portuguesa de ORL.

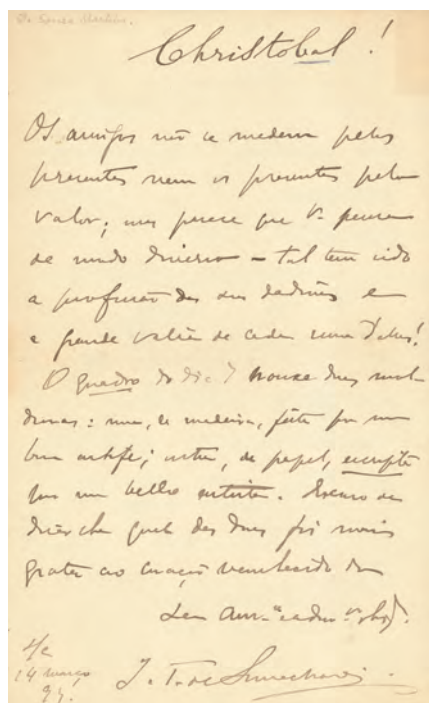


FIGURA 373

ASSINATURA AUTÓGRAFA DE SOUSA MARTINS



FIGURA 374

ALGUNS DOS MÉDICOS DA ESCOLA DE LISBOA FORMADOS EM 1910 VINTE ANOS DEPOIS

Foram Internos da Especialidade com o Dr. Afonso Paiva os seguintes Médicos:

- Dr. Higinio da Fonseca, que concluiu na Guarda a especialidade, hoje em Braga;
- Dr. Rogério Palmiro que também concluiu na Guarda a Especialidade e que o Dr. Afonso Paiva esperava que fosse o seu continuador, mas que não se apresentou a concurso e abandonou a carreira Médica Hospitalar;

- Dr. Tiago Godinho que concluiu a Especialidade no Hospital de Santo António no Porto - foi para Director de Serviço em Vila Nova de Famalicão.

- Em 20 Agosto de 1986 iniciou funções o Dr. BORDALO MATIAS como Assistente de ORL, após concurso Regional da Zona Centro para provimento de lugar de Assistente, efectuado no Serviço de ORL dos HUC.

Director de Serviço a partir de 1 de Setembro de 1986 por despacho do Conselho de Administração até 28 de Fevereiro de 1988, foi o único Médico do Serviço. Coube-lhe reinstalar o Serviço, pedir algum material em falta e reiniciar a actividade cirúrgica.

Cessou funções de Director de Serviço em 31/01/1990.

- Dr. EUFRÁSIO ANTUNES desde 1 de Março de 1988 como Assistente nomeado Director de Serviço em 1 de Fevereiro de 1990 também por despacho do Conselho de Administração até 31/01/93. Em 11/02/93 volta a ser nomeado Director de Serviço, o Dr. BORDALO MATIAS. Em 12/08/ 94 o Dr. Bordalo Matias e o Dr. Eufrásio Antunes tomaram posse como Assistentes Graduados, após concurso de habilitação de grau.

Em 30/11/95 cessou funções o Dr. Eufrásio Antunes por ter pedido transferência para o Hospital Distrital de Leiria.

- Dr. Raul Amaral Interno da Especialidade desde 01/01/92 a 01/01/94 concluiu a sua preparação no Hospital Garcia de Orta. Tomou posse como Assistente em Abril de 1997.

- Dr. José Lavrador Gama iniciou funções de Assistente Graduado em Abril de 1997.

O quadro, em 2003 é de 4 Médicos, 1 Chefe de Serviço, 3 Assistentes, e estava preenchido por:

- 1 Chefe de Serviço - Dr. Bordalo Matias;
- 1 Assistente Graduado - Dr. José Gama;
- 1 Assistente - Dr. Raul Amaral.

O Serviço era constituído em 2003 por:

- 2 Gabinetes de consulta, com equipa ORL com microscópio incorporado;
- Enfermaria - para o serviço de ORL e Oftalmologia com 15 camas, pertencendo 8 a ORL;
- Bloco Operatório - Sala de ORL, 2 vezes por semana;
- Sala de endoscopia com material para nasoscopias laringoscópias e fibroscópio, vídeogravador e printer;
- Sala de Audiometria, com audiómetro, impedanciómetro e cabine insonora.



FIGURA 375

PAÇOS DO CONCELHO EM GUIMARÃES NO FINAL DO SÉC. XIX - FOTOTIPIA DE "A ARTE E A NATUREZA" DE EMÍLIO BIEL

GUIMARÃES

HOSPITAL DE GUIMARÃES CENTRO HOSPITALAR DO ALTO AVE

Desde 1937 que há consulta de ORL com possibilidade de internar doentes em Serviços Gerais de Medicina e Cirurgia. A Especialidade foi depois dotada de 8 camas (4 em Medicina Homens e 4 em Medicina Mulheres).

A sala de operações, comum a todas as Especialidades Cirúrgicas, integra-se num bloco operatório central.

Desde 1937 até agora, trabalharam neste Hospital os seguintes Otorrinolaringologistas:

- Dr. Carlos Baptista SottoMayor (1937/1968);
- Dr. Vitorino Vieira Diniz dos Santos (1962/1973);
- Dr. Arnaldo Alves Machado (1966/1969);
- Dr. António Bentes Cabrita (desde 1969);
- Dr. Eduardo Marques (desde 1981).

Seguidamente, ficou com o cargo de Director do Serviço, o Dr. ANTÓNIO CABRITA, que foi integrado na Carreira Médica Hospitalar em 1971 com a categoria de Chefe de Serviço, e que teve a auxiliá-lo o Assistente Hospitalar Dr. Eduardo Marques.

O hospital de Guimarães, presentemente designado de CENTRO HOSPITALAR do ALTO AVE - Unidade de Guimarães, dispõe de cerca de 480 camas para quase todas as Especialidades médicas e cirúrgicas e urgência geral.

Serve uma população de quase 400.000 habitantes.

O Serviço de Otorrinolaringologia do hospital de Guimarães existe há mais de 50 anos.

Durante bastantes anos esteve instalado no Hospital da Misericórdia em espaço comum com Cirurgia e Oftalmologia.

Desde os anos 1971 que passou a ter instalações autónomas, em pavilhão próprio por esforço do então Director do Serviço Dr. BENTES CABRITA, passando a dispor de espaço próprio de internamento, consulta e bloco cirúrgico geral.

É no entanto, em 1983, ainda pelo esforço continuado do referido Clínico, que o serviço de ORL passa a dispor de instalações totalmente autónomas, possuindo gabinete de consulta externa próprio devidamente equipado, internamento com 12 camas e bloco cirúrgico autónomo.



FIGURA 376

DIPLOMA DE FRANCISCO MARQUES DE SOUSA VITERBO. NASCEU NO PORTO EM 1846 E FALECEU EM LISBOA NO ANO DE 1911. ARQUEÓLOGO E ESCRITOR LICENCIOU-SE EM MEDICINA PELA ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DE LISBOA

Por impedimento do especialista, por motivos de saúde e por saída do Dr. Cabrita, o serviço passou por um período de alguma inactividade.

Em Maio de 1991 foi nomeado Director do Serviço o Dr. FAUSTO FERNANDES.

Durante bastante tempo esteve a sós no Serviço, tendo posteriormente retomado as funções o Dr. Eduardo Marques e, mais tarde veio para o serviço, o Dr. António Barbosa.

Tentamos reactivar o mesmo, o que conseguimos ainda no hospital velho, com a dotação de equipamento adequado e recursos humanos para transferência e montagem do Serviço para o hospital novo.

Foi feito então, um esforço junto da tutela para equipar o Serviço e dotar o mesmo de meios necessários e recursos humanos adequados, o que foi conseguido.

Em Setembro de 1991 foi inaugurado o novo Hospital de Guimarães que passou a ter o nome de Hospital da Senhora da Oliveira, passando a dispor de um Serviço novo.

Tinha então internamento com 9 camas, dois gabinetes de consulta e um de exames subsidiários de ORL e utilização de uma sala do bloco, 2 períodos por semana.

O Serviço tem vindo a crescer em recursos humanos e equipamento.

Actualmente (2010) dispõe de instalações novas em edifício novo com 3 salas de consulta, uma de endoscopia, duas de otoneurologia e uma de terapia da fala, devidamente equipadas.

Possui material de endoscopia, de videonistagmografia, de despiste da surdez infantil.

Tem actualmente 14 camas em espaço específico e sala específica no bloco, utilizada todos os dias da semana.

Ainda no internamento dispõe de um quarto, para laboratório do sono devidamente equipado, para a realização dos exames de estudo do sono - polissonografias.

Efectua o despiste universal da surdez no Recém-nascido, tendo já ultrapassado ao fim de quase 5 anos, as 10 mil crianças rastreadas com taxa de despiste de 94%.

Dispõe desde há 9 anos de uma consulta específica de Roncopatia e Dispneia Obstrutiva do Sono.

Em 2004 foi concedida idoneidade para formação de Internos, mas que por motivos diversos foi retirada, sendo reactivada em 2007, tendo recebido o primeiro Interno em 2009.

O Serviço é desde 2004 Serviço afiliado no ensino clínico da Otorrinolaringologia da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho - Licenciatura em Medicina.

Co-responsável na docência da parte cognitiva e também na parte residencial.

Colabora ainda em mestrados com a Universidade Católica - Braga.

É ainda Responsável pela docência de Otorrinolaringologia da licenciatura em Medicina Dentária da CESPU.

Organizou três reuniões científicas:

- Reunião do núcleo do norte da SPORL - 1994;
- Reunião para Médicos de Família do Alto Ave - 1995;
- Reunião Científica - Roncopatia e Síndrome de Apneia Obstrutiva do Sono - 2001.

Co-organizou ainda:

- Reunião da Sociedade Luso-Galega de ORL - 2002;
- Nariz - Estado da arte - 2003;
- Nariz - Estado da arte - 2005.

Colaborou em múltiplas reuniões científicas, onde participou em conferências, mesas-redondas e comunicações livres.

Tem ainda, publicados, artigos em revistas científicas da especialidade.

Durante o período de 2002 a 2007, o Dr. Fausto Fernandes exerceu as funções de Director Clínico do Hospital pelo que durante este período a Direcção do Serviço foi assegurado pelo Dr. NUNO LOUSAN que actualmente é o Director de Serviço do HOSPITAL DO VALE DO SOUSA. Passaram pelo Serviço antigo, distintos Especialistas dos quais se destaca, para além do Dr. Bentes Cabrita, o seu primeiro Director, os Drs. Souto Moura, Vitorino Diniz, Alves Machado e Eduardo Marques.

LAMEGO

HOSPITAL DISTRITAL DE LAMEGO

O Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro, EPE foi criado em 28/02/07, por fusão do Centro Hospitalar de Vila Real/Peso da Régua, EPE com o Hospital Distrital de Chaves e o Hospital Distrital de Lamego, nos termos e para os efeitos do disposto no Decreto-Lei n.º 50-A/2007, de 28 de Fevereiro e Decreto-Lei n.º 233/2005, de 29 de Dezembro.

O Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro, EPE apresenta-se constituído por quatro unidades hospitalares: o Hospital de S. Pedro, em Vila Real, onde está localizada a sede social, o Hospital D. Luiz I, em Peso da Régua, o Unidade Hospitalar de Chaves, em Chaves e a Unidade Hospitalar de Lamego, em Lamego. Apresenta ainda a Unidade de Cuidados Continuados e Convalescência de Vila Pouca de Aguiar.

A Unidade Hospitalar de Vila Real está inserida numa área de 120.000 m² e compreende um edifício hospitalar monobloco de 9 Pisos, com cerca de 15 anos e uma área conjunta total de 30.000m², com 8 pavilhões de construção antiga.

Foram sucessivamente Directores do Serviço de Otorrinolaringologia:

- Dr. JAIME MAGALHÃES – De Janeiro de 1938 a Janeiro de 1968;
- Dr. JOSÉ BRANCO NEVES – De Março de 1968 a 1972;
- Dr. MANUEL FERREIRA – De 3 de Agosto de 1973 a 12 de Fevereiro de 1987;
- Dr. JORGE BARRANHA SOBRAL – De 1 de Junho de 1986 a 1 de Fevereiro de 1994;
- Dr. SÉRGIO MANUEL DE FIGUEIREDO RAPOSO – De 1 de Março de 1995 até pelo menos 2003.

O quadro clínico era composto, em 2003, por um Chefe de Serviço e um Assistente Hospitalar (dados de 2003).



FIGURA 377

VISTA GERAL DE LEIRIA NO FINAL DO SÉC. XIX - FOTOTIPIA DE "A ARTE E A NATUREZA" DE EMÍLIO BIEL

LEIRIA

HOSPITAL DISTRITAL DE LEIRIA/HOSPITAL DE SANTO ANDRÉ

O Serviço ORL do HDL, agora HOSPITAL DE SANTO ANDRÉ, só começou a existir como Serviço estruturado e hierarquizado em 1996, sob a actual Direcção do Dr. Eduardo Fátela, chefe de serviço ORL, transferido do Hospital de S. Bernardo - Setúbal, onde já exercera as mesmas funções.

Até 1977, a ORL era praticada por um licenciado em Medicina com alguma experiência prática dos rudimentos de ORL - o Sr. Dr. EUGÉNIO CAUTELA, que dedicava 4 dias da semana, 2h/dia, a consultas e 1 dia/semana a algumas intervenções cirúrgicas de adenóides e amígdalas num corredor anexo ao Bloco Operatório.

Em 1977 veio para o HDL o Sr. Dr. ASDRÚBAL CORREIA TEODÓSIO, do Quadro Geral de Adidos, Médico Especialista ORL com formação em Coimbra e que regressara de Moçambique, onde exercera a Especialidade no Hospital de Lourenço Marques, em equipa com um colega com prática das técnicas de Especialidade adquirida nos Estados Unidos. O Dr. Asdrúbal também passara pelo Sanatório Rainha D. Amélia, hoje Hospital Pulido Valente, onde adquirira experiência em Broncologia, o que se veio a revelar muito útil para a sua prática em Leiria.

Este colega passou a partilhar as consultas com o Dr. Cautela e a praticar cirurgia mais diferenciada com a técnica de Amigdalectomia por dissecação por anestesia geral com intubação traqueal, mercê do apoio prestado por sua esposa, Anestésista, que tal como ele tivera larga experiência ORL no Hospital de Lourenço Marques.

Só 3 anos depois da sua chegada a Leiria, 1980, é que o Dr. Asdrúbal passa a fazer parte do Quadro do Hospital como Especialista ORL, mas mesmo assim permanecendo sob a tutela do responsável pelo Serviço, o licenciado e "prático de ORL", Dr. Cautela. Este acabaria por ir

fazer um estágio de ORL no Centro Hospitalar dos Covões, Coimbra, mas mesmo após o seu regresso a Leiria foi ainda o Dr. Asdrúbal que se propôs, com algum entusiasmo, a tentar mudar as prestações da Especialidade.

Começou a praticar cirurgia nasal - Septoplastias e Redução de fracturas nasais, usando o seu próprio material. Só com muita persistência conseguiu que lhe fosse consentido ir ao Bloco Operatório 1 vez/semana, aos sábados de manhã. E aí passou a praticar outra cirurgia - a da Laringe - por Laringoscopia directa, com extracção de nódulos e pólipos das cordas vocais, com "ferros" de Chevalier Jackson, por Orto-laringoscopia de Killian em suspensão, sob anestesia local ou Neurolepto-analgésia.

Posteriormente, mercê da sua experiência e aquisição de algum material pelo Hospital, passou a fazer a extracção de corpos estranhos dos brônquios e do esófago, usando material de endoscopia e uma fonte de luz fria de utilização comum com a Urologia.

De seguida praticou descorticação das cordas vocais e injecções de corticóides por laringoscopia de Kleinsasser com apoio torácico.

Como não se tinha conseguido a aquisição do microscópio cirúrgico, esta cirurgia era praticada com lupa ou lúnetas semelhantes às usadas em cirurgia plástica.

Nas consultas externas também escasseavam os "ferros", e era com os do próprio Dr. Asdrúbal que se faziam as consultas.

Finalmente conseguiu-se a obtenção de otoscópios e de pinças para extracção de corpos estranhos, e ainda uma sonda aspiradora com electro-cautério para tratamento das *epistaxis*, técnica então usada nos EUA.

Cerca de 1990 faleceu o Dr. Cautela, e tempos depois o Dr. Asdrúbal adoece com uma doença crónica grave que iria determinar a sua reforma precoce. Pouco antes desta, chegara ao hospital proveniente do Hospital D. Estefânia, o Dr. MÁRIO GARCIA DOS SANTOS, e foi ele que após a reforma do Dr. Asdrúbal ficou como responsável pelo Serviço ORL.

Finalmente, porque a Oftalmologia também se modificou e deixou de praticar só a optometria, passou a haver necessidade de usar, em partilha com ORL, um microscópio cirúrgico que se adquiriu. É assim que o Dr. Mário Santos e a Dra. Graça Barbeiro, transferido do Hospital dos Covões para Leiria, conseguem fazer as primeiras cirurgias do ouvido nesta cidade - estapedectomia e timpanoplastia - com "ferros" dos próprios Cirurgiões.

Posteriormente, após concurso, o Dr. Mário Santos passa a fazer parte do Quadro do HDL, e a Dra. Graça Barbeiros acaba por regressar também por concurso.

Em 1995 é inaugurado o novo Hospital Distrital de Leiria - o H. Santo André, e começa a compor-se o Quadro de Especialistas com a transferência para o mesmo do Dr. Eufrásio

Antunes, proveniente do Hospital da Guarda. O Dr. Eufrásio, mais graduado que o Dr. Mário, declina a Direcção do Serviço porque se previa já a ocupação da vaga de Chefe de Serviço pelo actual Chefe e Director de Serviço, Dr. Eduardo Fatela, permanecendo, no entretanto, o Dr. Mário Santos como responsável, até Março/96 altura da tomada de posse do Dr. EDUARDO FATELA.

Adquiriram-se (até 2003) 3 microscópios (para a urgência, consulta externa e sala de tratamentos do internamento), e no Bloco Cirúrgico ficou em exclusivo, o microscópio que era de utilização comum com a Oftalmologia.

Também foi adquirido material para Audiometria, para Potenciais Evocados Auditivos, para Endoscopia Rígida e Fibroscópica.

Conseguiu-se Concurso para técnicas de Audiometria e de Foniatria.

Obteve-se uma sala própria e equipada para o apoio ORL às Urgências, bem como uma sala de tratamentos na Consulta Externa e ainda outra no Serviço de Internamento ORL.

Iniciou-se a constituição duma Biblioteca e Videoteca, próprias do Serviço, com a prestimosa colaboração da Indústria Farmacêutica.

Passou-se também a praticar toda a cirurgia ORL, excepto a grande cirurgia oncológica. Também o número de leitos que deveria, pelo menos, ser de quinze no HDL/HSA, mantém-se em cinco (2003), francamente insuficiente para as necessidades da população e do cabal desempenho das actividades do Serviço.

Em 2003 faziam parte do Quadro ORL os seguintes Especialistas:

- Dr. Eduardo Fatela - Chefe de Serviço - Director do Serviço;
- Dr. Mário Santos - Assistente Graduado;
- Dra. Graça Barbeiro - Assistente Graduada;
- Dr. João Paulo Enes - Assistente Hospitalar.



FIGURA 378

PRAIA DE MATOSINHOS CERCA DE 1930

MATOSINHOS

HOSPITAL PEDRO HISPANO

O Serviço de ORL do Hospital de Matosinhos foi criado em 1940 pelo Dr. JOSÉ ALVARENGA DE ANDRADE, que o dirigiu até 1953.

Disponha de consulta externa e internamento e funcionava com dois Especialistas, o já referido Dr. Alvarenga de Andrade, que era simultaneamente Assistente do Hospital Geral de Santo António do Porto, e o Dr. ÁLVARO MENDONÇA E MOURA, que assumiu a direcção em 1953, tendo a colaborar consigo o Dr. Alberto Lagos e, mais tarde, os Drs. Alberto Sampaio, Vitorino Diniz, Felizardo de Carvalho e Artur Mascarenhas.

Com a integração do Hospital, que pertencia à Misericórdia, na rede estatal, o Dr. Mendonça e Moura ficou sozinho, dado que os restantes colegas não puderam acumular com a sua actividade noutros hospitais.

Depois da aposentação do Dr. Mendonça e Moura, o seu lugar é ocupado em Janeiro de 1983 pelo Dr. JOSÉ MANUEL CUNHA E MOURA, que a partir de Julho de 1984 passa a ser

acompanhado pela Dra. Maria do Carmo Santos Magalhães. Fazendo consulta diariamente e cirurgia de 15 em 15 dias, conseguem entretanto, com verbas do PIDAC, equipar o Serviço com uma equipa ORL, audiómetro, timpanómetro e um microscópio de parede, e em 1987 um microscópio cirúrgico Wild, oferta da Fundação Calouste Gulbenkian, o qual passa a ser utilizado também por Oftalmologia.

Em 1992 é admitido no Serviço, o Dr. Delfim Rui da Silva Duarte, e em 1994 a Dra. Lídia Guimarães que viria a pedir licença de longa duração em 1999, após concursos para Assistentes Hospitalares.

Na perspectiva de conclusão das obras do novo Hospital, que viria a receber o nome de Pedro Hispano, que seriam suspensas até 1996, em Novembro de 1994 faz concurso para Chefe de Serviço do novo quadro médico aprovado, o Dr. ANTÓNIO AUGUSTO MAIA GOMES que assume a Direcção do Serviço em Abril de 1995, e com a colaboração do Dr. Delfim Duarte, planeia todo o moderno equipamento das 6 salas de consulta, das salas de curativos da consulta e do internamento, dos blocos central e de ambulatório, do internamento constituído por 22 camas divididas com Oftalmologia, das salas de terapia da fala e gabinetes de audio-vestibulometria, que o novo Hospital dispõe, permitindo efectuar cerca de 19.000 consultas por ano, os exames especiais mais actualizados e todos os



FIGURA 379

DR. ÁLVARO MENDONÇA E MOURA

tipos de cirurgia ORL. A nível de consulta efectua consultas especiais de Oncologia, Imunoalergologia, Surdez infantil, Roncopatia, Vertigem e Voz.

Em finais de 1995 são admitidos, após concurso para Assistentes Hospitalares, os Drs. Abílio Meneses Leonardo e Nuno Trigueiros Silva Cunha, e já no novo Hospital, em 1997, como Assistente Hospitalar, a Dra. Fernanda Paula Azevedo, como Chefe de Serviço, o Dr. Manuel Rodrigues e Rodrigues, e em 1999 o Dr. Roberto Nakamura, com contrato individual de trabalho.

Em 1999 é admitido como 1º Interno ORL do Hospital, o Dr. Gustavo Lopes, ano em que o Colégio da Especialidade confere ao Serviço a idoneidade total; em 2000 é admitido o Dr. Artur Machado que no fim do ano troca de Especialidade, em 2001 inicia o Internato a Dra. Ana Claro e em 2003 a Dra. Joana Melo Pires.

Em Maio de 1997, um mês e meio depois da transferência para o Hospital Pedro Hispano, o Serviço de ORL sob a direcção do Dr. Maia Gomes, realizou aí a Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial e em 1999 a V Reunião Luso-Galaica e o XXVIII Congresso da Sociedade Galega de ORL, na Ordem dos Médicos no Porto.

O Director do Serviço de ORL do HPH, desde 1 de Novembro de 2006, é o Dr. Rodrigues e Rodrigues, Vice-Presidente da Sociedade Galega de ORL, sendo também desde 2009 Chefe de Serviço do Hospital Pedro Hispano, o Dr. Delfim Duarte.

PORTALEGRE

HOSPITAL DR. JOSÉ MARIA GRANDE

O Hospital Dr. José Maria Grande situa-se na zona norte de Portalegre, cidade capital de Distrito. O início do funcionamento do Hospital remonta a Novembro de 1974, e em 2003 tinha 249 camas.

O Serviço de ORL iniciou a sua actividade em Agosto de 1983 com preenchimento da 1ª vaga de médico especialista em ORL pelo Dr. JOÃO ANTÓNIO MERGULHÃO CALHA. Em Agosto de 1990 é preenchida uma 2ª vaga pelo Médico Assistente Hospitalar em ORL, Dr. Vicente Ferrer Mendes Oliveira Lopes. Em 2003 tinha dois Médicos o título de Assistente Hospitalar graduado, sendo o primeiro o responsável pelo Serviço.

O serviço tinha em 2003, 4 camas, uma consulta externa diária - 1 manhã por semana para cirurgia programada, assegurando as urgências durante a semana.

Os dois Médicos do Serviço participaram em reuniões e congressos de ORL tendo tido participação activa quer presidindo a mesas de conferências, quer apresentando posters de casos clínicos julgados de interesse, sendo que na 3ª reunião ORL do Hospital da CUF, o Dr. Vicente Ferrer Mendes Lopes apresentou um poster distinguido com o 1º prémio.



FIGURA 380

PRAÇA BOGAGE EM SETÚBAL - FOTOTIPIA DE "A ARTE E A NATUREZA" DE EMÍLIO BIEL TIRADA NO FINAL DO SÉC. XIX

SETÚBAL

HOSPITAL S. BERNARDO

O Serviço de Otorrinolaringologia do Hospital Distrital de Setúbal remonta o seu início à inauguração do Hospital de S. Bernardo, que assim substituiu o velho e acanhado Hospital do Espírito Santo que consumia os parcos recursos financeiros da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, e se tornara insuficiente para fazer face ao aumento do movimento assistencial. Pela Lei Hospitalar que criou áreas de responsabilidade e estabeleceu uma hierarquia técnica, surge em 1953 a notícia de que a cidade de Setúbal ia receber o primeiro Hospital Regional do País, de modo a assegurar a assistência médica e cirúrgica, os socorros de urgência e as clínicas da Especialidade à população, e permitiria ao Corpo Clínico e ao de Enfermagem exercer e desenvolver a sua actividade profissional nas melhores condições técnicas e de rendimento. Para o arranque da obra muito contribuiu a dádiva de 4 mil contos feita pelo Sr. António Velge, Presidente do Conselho de Administração da SAPEC, que apenas exprimiu o desejo de que o novo Hospital se designasse de São Bernardo, em lembrança dum seu filho que em tempos se tinha curado em Portugal. Situado na parte leste da cidade, no antigo lugar da Vinha, o novo hospital começou a ser construído em Abril de 1955 sob projecto do Arq. Amândio do Amaral, e veio a ser inaugurado oficialmente a 9 de Maio de 1959. Com uma capacidade para 250 camas, o custo total da obra foi de 17.500 contos.

Esteve ligado ao início da actividade do Serviço de Otorrinolaringologia, o Dr. ALBERTO JANEIRO que foi Director até à data da sua aposentação, assim como os Drs. Orlando de Almeida (actualmente aposentado) e o Dr. Silva Alves (actualmente no H. Fernando da Fonseca). Em Maio de 1991, a Direcção do Serviço passou a ser exercida pelo Dr. EDUARDO FATELA, tendo como Assistentes Hospitalares o Dr. Mário Santos, Dra. Deolinda Pedro e Dr. João Roque. A ampliação do H. S. Bernardo iniciada em 1993, veio dotar o serviço de Otorrinolaringologia dum espaço próprio a nível de consulta externa e de enfermaria, e de equipamento moderno de observação e cirurgia. Em 1997, após a concretização da referida ampliação e transferência do Dr. Eduardo Fatela para o H. D. Leiria, o Dr. JOÃO ROQUE passou a ter a responsabilidade da reinstalação, e mais tarde da Direcção do Serviço.



FIGURA 381

CURSO DO 2º ANO DA ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DE LISBOA NO ANO LECTIVO DE 1899-1890. ENTRE OS ESTUDANTES ESTÁ EMÍLIA PATACHO UMA DAS PRIMEIRAS MÉDICAS PORTUGUESAS



FIGURA 382

O CASTELO DA FEIRA NUMA FOTOGRAFIA DE 1884

SANTA MARIA DA FEIRA

HOSPITAL DE SÃO SEBASTIÃO

Considerado uma experiência inovadora no panorama hospitalar do S.N.S., o Hospital de São Sebastião foi um desafio profissional e humano para todos os que iniciaram esse projecto.

Durante o ano 1998, o Dr. Carlos Carvalho é nomeado perito para a instalação do Serviço ORL no novo Hospital a nascer em Santa Maria da Feira (Aveiro-Norte); o seu papel é decisivo na escolha do espaço, selecção e instalação dos equipamentos, contratação dos médicos ORL, formação de equipa de enfermagem, estruturação e organização do Serviço, e todos os grandes e pequenos pormenores, que precederam a entrada em funcionamento efectiva do Serviço.

Cessada a Comissão Instaladora e após publicação do estatuto do Hospital com nova Administração, é nomeado o Dr. CARLOS CARVALHO, Director do Serviço ORL.

A actividade clínica inicia-se com um quadro médico de 4 elementos, o Dr. Carlos Carvalho, a Dra. Anabela Santiago, o Dr. Paulo Gonçalves e o Dr. Rui Pratas. No ano de 2001, o Dr. Hugo Amorim junta-se à equipa do Serviço ORL, e o Dr. Carlos Pinheiro inicia a colaboração, a tempo parcial, como Consultor na área de cirurgia oncológica, formando um Serviço dos mais jovens do país.

O Serviço está instalado em 3 áreas distintas: Internamento (piso 9 - adultos; piso 4 - crianças) com 2 enfermarias de 3 camas, 1 quarto individual e 3 camas de pediatria; Consultas e MCDT (piso 1) com 3 gabinetes de consulta, 1 gabinete de audiologia, 1 gabinete de Vestibulometria, 1 gabinete de terapia da voz, 1 gabinete de urgência; Bloco operatório (piso 1) independente com 2 salas operatórias e 2 salas de recobro.

A realização dos exames de diagnóstico e terapêutica está a cargo de uma técnica de audiologia.

O Serviço efectua (2003), por ano, cerca de 11.000 consultas e opera uma média de 1.000 doentes, envolvendo a patologia da orofaringe, ouvido, nariz, laringe, pescoço e ainda apoio à urgência das 8-20h durante os dias úteis.

Em 2002, o Serviço passou a operar num bloco autónomo de 2 salas, partilhado com Oftalmologia, com uma equipa de enfermagem própria. Para apoio, na clínica, dispõe de

todo o equipamento para a realização dos exames necessários: microscópio, fibroscópios rígido e flexível, audi-vestibulometria, exames electrofisiológicos, otoemissões acústicas, laringostroboscopia.

Ações de formação a Enfermeiros e a Médicos de Clínica Geral, são efectuadas pelo Serviço rotineiramente; a relação estreita e profissional com os Clínicos Gerais, que são os referenciadores dos nossos.

Concretizou o projecto "Guias de Referência à consulta ORL" em 2000 com a distribuição destes a todos os Clínicos Gerais dos Centros de Saúde que nos referenciam doentes.

A divulgação externa do Serviço, ocorreu durante 2001 com a criação de um site na INTERNET dedicado à Otorrinolaringologia. Este é um trabalho que foi pioneiro no panorama da ORL nacional.

O Serviço tem (2003), uma Biblioteca com assinatura mensal de 5 revistas ORL, um acervo de 33 livros técnicos para além de CD e vídeos educacionais.

A Reunião do Núcleo Centro foi organizada pelo Serviço e realizada em Novembro de 2002 (160 participantes distribuídos por 43 hospitais). Em 2003 foi criado um laboratório de dissecação de osso temporal, completamente equipado e aberto a todos os médicos e internos ORL do País.

O Serviço está ainda envolvido em projectos e funções institucionais destacando-se as funções de codificador ORL, Coordenador de codificação de todo o Hospital, Membro de Comissão de Qualidade, selecção, como membro da equipa a formar pela Lisconsult, no âmbito do projecto de MCQ, Coordenador médico do PQUIP (*Portuguese Quality Indicator Project*), participação no Projecto TEAM-HOS, financiado pela Comissão Europeia no âmbito do programa IST (Sociedade de Tecnologias de Informação), Desenvolvimento do SAM e MEDTRIX (informatização clínica), colaboração como perito no IGIF, na área dos MCDT (meios complementares de diagnóstico e terapêutica).

SANTARÉM

HOSPITAL DISTRITAL DE SANTARÉM

A construção do Novo Hospital que veio substituir o velho Hospital da Misericórdia teve início no primeiro trimestre de 1978, tendo então a lotação sido alterada para 484 camas, devido à transformação de uma unidade de Internamento em Quartos Particulares.

O terreno de implantação do Hospital tem uma área total de 48.000 m², sendo a área de construção de 43.075 m², a área coberta de 10.300 m² e a área por cama de 89 m².

A construção é do tipo monobloco, com 14 pisos, 11 dos quais a partir do podium. As enfermarias são ligadas entre si, com os serviços, por três eixos de comunicação vertical, um central e dois laterais.

Tendo iniciado a sua actividade, no ano de 1985, com 240 camas, o Hospital conta com uma lotação de 414 camas, das quais 132 estão afectas à área médica, 160 à Cirurgia, 20 à Psiquiatria e Saúde Mental, 85 ao departamento da Mulher e Criança e 6 à Unidade de Cuidados Intensivos. A Instituição encontra-se igualmente dotada de todas as principais Especialidades Médicas e Cirúrgicas, servindo uma população de aproximadamente 200.000 habitantes.

Em 2002, o Hospital Distrital de Santarém viu o seu estatuto ser alterado de Instituto Público para Sociedade Anónima de capitais exclusivamente públicos, adoptando desde então uma gestão de tipo empresarial. Em Dezembro de 2005, deu-se nova alteração, passando a Instituição a integrar o Sector Empresarial do Estado e a designar-se por Hospital de Santarém, EPE.

A história do Serviço ORL do Hospital de Santarém começa em 11 de Fevereiro de 1946 quando o Dr. MÁRIO ALBERTO MENDES BRITO PUGA inicia funções como Otorrinolaringologista no então Hospital da Misericórdia. Em 7/9/71 é integrado na Carreira Médica Hospitalar. Faleceu em 14/8/83.

O Dr. JOSÉ ALBERTO ALVES ANDRADE trabalhou como médico ORL no Hospital Distrital de Santarém desde finais dos anos 60 até à sua morte súbita em 1981.

O Dr. José Francisco Madeira da Silva desempenhou funções como Médico ORL no Hospital Distrital de Santarém, no início dos anos 80 e durante cerca de 3 anos.

Em 1986 e após concurso para provimento da Região Sul tomaram posse como Assistentes Hospitalares os Drs. José Romão, José Peres de Sousa e Nuno Pizarro.

Em 2003 o quadro do hospital era constituído por um Chefe de Serviço, o Dr. JOSÉ ROMÃO, quatro Assistentes Graduados, e um Assistente Hospitalar.

SANTO TIRSO

HOSPITAL CONDE S. BENTO

O Serviço de ORL do Hospital Conde S. Bento, em Santo Tirso, iniciou-se em 13/04/95, com um quadro clínico de dois Assistentes, um Chefe de Serviço e um Técnico de Audiometria. De 27/07/70 a 31/12/86 fizeram-se várias intervenções cirúrgicas simples no hospital, enquanto ele pertencia à Misericórdia. Em 2003 fazia-se todo o tipo de cirurgia ORL menos a Oncológica, porque ainda não havia Cuidados Intensivos.

No serviço existe a Consulta Externa, o Serviço de Urgência, o Internamento, e o apoio à Consulta de Grupo de Oncologia e do Bloco Operatório.

O Director do Serviço de ORL em 2003 era o Dr. RAMALHO GUEDES.



FIGURA 383

GRUPO DE ESTUDANTES NO FINAL DO SÉC. XIX NO PATEO DA ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DE LISBOA

TORRES VEDRAS

HOSPITAL DISTRITAL DE TORRES VEDRAS

Até 1969 havia uma consulta de ORL a cargo do Dr. José Marques, que a esta localidade se deslocava periodicamente, vindo das Caldas da Rainha. Tal situação manteve-se até ao falecimento daquele Clínico.

A partir de 1969 passou a haver consulta 2 vezes por semana, sendo os Doentes internados nos Serviços da Pediatria e de Cirurgia Geral e utilizada a sala de operações de Cirurgia Geral.

O responsável pela assistência ORL a partir de 1969 foi o Dr. BORGES DINIS (dados de 1984).

VIANA DO CASTELO

HOSPITAL DE SANTA LUZIA

De 1954 a 1969 e de 1970 a 1974 vieram periodicamente a este Hospital respectivamente os Drs. Álvaro de Mendonça e Moura e Vítorino Diniz dos Santos, com carácter semi-privado. Limitavam-se a fazer consulta e a operar amígdalas e adenóides, porque, por não haver internamento, os doentes só podiam ficar umas horas em observação. Tão pouco havia equipamento e eram aqueles médicos que traziam o seu.

Em 1981, por Concurso Nacional, foi colocado com carácter definitivo o Dr. JOAQUIM AUGUSTO LOPES PINHEIRO que, durante 2 anos, se dedicou a organizar e equipar o Serviço.

O Serviço é constituído (1984) por uma consulta externa com sala para audiometria e outros exames complementares, internamento próprio com 9 camas e sala de operações comum para todas as Especialidades Cirúrgicas.

O Director do Serviço em 1984 era o Assistente Hospitalar Dr. JOAQUIM AUGUSTO LOPES PINHEIRO.

312 A OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA NOS HOSPITAIS



FIGURA 384

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA EM VIANA DO CASTELO NO FINAL DO SÉC. XIX
FOTOTIPIA DE "A ARTE E A NATUREZA" DE EMÍLIO BIEL



FIGURA 385

JARRA ORNAMENTAL DA MEDICINA AO ESTILO
DE BORDALLO PINHEIRO EM 1899



FIGURA 386

FOTOGRAFIA DE UM GRUPO DE MÉDICOS NO FINAL DO SÉC. XIX CELEBRANDO O 5º ANO, ENTRE OS QUAIS SE IDENTIFICA COM BARRETE DE CAMPINO, REYNALDO DOS SANTOS



FIGURA 387

PANORÂMICA DOS ARMAZÉNS DE VINHO DO PORTO DE VILA NOVA DE GAIA NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX

VILA DO CONDE

CENTRO HOSPITALAR PÓVOA DE VARZIM VILA DO CONDE

A consulta existe desde 1956, uma vez por semana com a possibilidade de internar doentes quer em enfermarias quer em quartos particulares.

De Janeiro de 1956 a Dezembro de 1969 o Dr. ALFREDO PENICHE foi o único responsável.

Depois, de Julho de 1970 a Dezembro de 1976, o Serviço foi dirigido pelo Dr. Artur Cardoso de Meneses Mascarenhas, com quem colaborava o Dr. António Augusto Maia Gomes desde 1973.

A partir de Dezembro de 1976 quem dirigiu o Serviço foi o Dr. MAIA GOMES (dados de 1984).

VILA FRANCA DE XIRA

HOSPITAL DE REYNALDO DOS SANTOS

Programado para substituir o então denominado Hospital Civil, que funcionava no edifício da Santa Casa de Misericórdia de Vila Franca de Xira, junto à Igreja do Espírito Santo, em 18 de Novembro de 1951, foi inaugurado, próximo da Estrada de Arruda dos Vinhos, o HOSPITAL DA MISERICÓRDIA cuja missão era tratar os pobres e indigentes.

Por despacho de 20 de Março de 1972, do Secretário de Estado da Saúde e Assistência (Diário do Governo nº 79 – II Série, de 4 de Abril), a instituição ficou na dependência da Direcção-Geral dos Hospitais e passou a ser qualificado como Hospital Distrital.

Em 1983, foi concluída a primeira grande obra de ampliação do HOSPITAL DISTRITAL DE VILA FRANCA DE XIRA, cuja configuração se mantinha desde 1951. Tratava-se de um edifício com quatro pisos e uma área de construção de 4008 m² que instalou todas actividades de ambulatório e meios complementares de diagnóstico e terapêutica.

Por despacho de 3 de Dezembro de 1993, do Secretário de Estado da Saúde (data comemorativa do nascimento do Prof. Doutor Reynaldo dos Santos), o Hospital Distrital de Vila Franca de Xira passou a denominar-se HOSPITAL DE REYNALDO DOS SANTOS, em homenagem ao ilustre Médico nascido em Vila Franca de Xira e um dos principais introdutores da Especialidade de Urologia em Portugal.

Em Março de 1998 foi concluída a segunda grande obra de ampliação do Hospital, com a construção de um edifício ligado aos existentes. Trata-se de um edifício com seis pisos e uma área de construção de 4225m² que instalou os serviços de internamento (Medicina Interna, Cirurgia Geral, Pediatria e Ortopedia), a Medicina Física de Reabilitação e a esterilização. Na mesma data procedeu-se a desanexação do Hospital de Vialonga, que ficou sob a administração da Região de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo.

A consulta e a cirurgia da Especialidade funcionam desde 1965, não havendo nessa época Serviço autónomo e fazendo-se o internamento dos doentes nas enfermarias de Cirurgia Geral.

Até Dezembro de 1979, e desde o seu início, foi responsável pelo Serviço o Dr. FERNANDO JOSÉ DEYRIEUX CENTENO, que tinha a colaboração do Dr. AUREALINO ALVES DE SOUSA (dados de 1984).

VILA NOVA DE GAIA

CENTRO HOSPITALAR DE VILA NOVA DE GAIA/ESPINHO, EPE

Na década de 60, a especialidade de Otorrinolaringologia começa a dar os seus primeiros passos neste Hospital, através da implementação de uma consulta externa, sediada no Sanatório de D. Manuel II, com o Dr. José dos Santos Sousa Campos e mais tarde também com o Dr. Alcino Duarte Alvim.

Nos anos seguintes e até 1975, a Especialidade desenvolveu a sua actividade repartida entre o Hospital da Misericórdia de Gaia, onde trabalhavam os Drs. Vitorino Diniz, Alberto Sampaio e Felizardo Carvalho e o Sanatório de D. Manuel II, cujo Médico responsável por esta consulta era o Dr. Alcino Alvim.

Em 26 de Março de 1975, é criado o Serviço de Otorrinolaringologia no Hospital Eduardo Santos Silva (antigo Sanatório D. Manuel II), tendo sido nomeado seu Director, o Dr. Vitorino Diniz, acompanhado pelo Dr. Alcino Alvim.

Em 1977, pelo Dec. Lei nº 20/77 de 16 de Março, é criado o Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, integrando o Hospital de Eduardo Santos Silva, o Hospital Distrital de Gaia e o Sanatório Marítimo do Norte. Tornando-se, assim,

numa unidade hospitalar de nível quatro na Carta Hospitalar Portuguesa, o serviço de Otorrinolaringologia é dotado com um quadro clínico constituído por um Chefe de Serviço e dois Assistentes Hospitalares, que começa a ser preenchido, a partir de 1980, e que foi sofrendo um progressivo alargamento ao longo dos anos.

No ano de 1986, o Dr. Joaquim Faria e Almeida assume a Direcção de Serviço sucedendo ao Dr. Vitorino Diniz, cargo que ocupou até Junho de 1996. Nestes dez anos operou-se uma verdadeira revolução e modernização no serviço, com aumento do quadro médico, aquisição de equipamento de diagnóstico e terapêutica e obras de beneficiação necessárias para as responsabilidades de um hospital central, nomeadamente na formação com a idoneidade total para o Internato de Otorrinolaringologia.

Em 1996, assume a Direcção do Serviço o Dr. Joaquim Almeida Ribeiro que dá seguimento ao trabalho iniciado pelo seu antecessor, consolidando e desenvolvendo a actividade do Serviço nas áreas assistencial e formativa.

Em 2003, o Dr. Agostinho Pereira da Silva, assume a Direcção do Serviço, e na senda dos seus antecessores e sob a sua direcção, o Serviço continua o seu desenvolvimento, quer na perspectiva dos meios técnicos, na melhoria do desempenho e da qualidade assistencial, quer no reforço do espírito de equipa, que sempre caracterizou o mesmo.

Hoje, o Serviço dispõe de um quadro médico composto por três Chefes de Serviço, oito Assistentes Hospitalares e oito Internos de Especialidade e, fruto da melhoria das condições assistenciais e da qualificação do seu quadro médico, responde à generalidade das situações clínicas com destaque para as áreas da Oncologia, da Voz, da Patologia Tiroideia, e da Cirurgia Laser, nomeadamente na Laringologia Pediátrica.

A partir de meados dos anos oitenta, o Serviço tem participado no desenvolvimento científico da nossa Especialidade, quer através de trabalhos científicos, muitos dos quais premiados pela SPORL, quer organizando Reuniões Científicas em variados temas com especial destaque para os cursos dirigidos aos Clínicos Gerais, Reuniões Científicas de Vertigem e Zumbido, Cursos Práticos de Dissecção do Osso Temporal, Cursos Teórico-Práticos de Cirurgia Laser CO₂ em Otorrinolaringologia, Simpósio da Voz.

Também a nível do Ensino Pós-Graduado se deve destacar a idoneidade para o Internato de Otorrinolaringologia, que permitiu a formação de muitos colegas que na sua opção reconheceram neste serviço um potencial de aprendizagem e crescimento enorme, e hoje exercem as suas funções em muitos hospitais do país.

UISEU

HOSPITAL DISTRITAL DE UISEU

O primeiro Hospital de Viseu foi o HOSPITAL DAS CHAGAS, pertencente à Misericórdia, instituído entre 1565 / 1585 por Gerónimo Braga e sua mulher Isabel de Almeida, junto da Igreja de S. Martinho para nele se tratarem os doentes que não excedessem os três meses de curativo. A sustentação dos doentes ficava a cargo da Santa Casa, assim como a sua admissão.

O tempo levou à sua deterioração pelo que o Bispo D. Júlio (Júlio Francisco de Oliveira) o reedificou e ampliou, à sua custa, entre os anos de 1758 e 1760. Em 1760 existiam duas enfermarias uma para homens e outra para mulheres com o total de quarentena e oito camas.

Recebeu ainda a Santa Casa muitas esmolas de diferentes Bispos e particulares, pelo que, no fim do último século, dispondo já de bastantes recursos e sendo o seu Hospital muito pequeno, resolveu edificar outro mais novo e maior, denominado de Hospital Novo.

Caetano Moreira Cardoso, da cidade de Viseu, doou à Misericórdia um olival sito a S. Martinho, junto à Quinta do Serrado para aí se edificar um novo Hospital. Mais tarde os Marqueses de Sub-Serra doaram também um olival que tinham dentro da cerca do Hospital.

A primeira pedra foi lançada pelo Bispo D. Francisco Moreira Pereira de Azevedo no dia 29 de Março de 1793.

D. Maria I, por provisão de 12 de Fevereiro de 1799 obrigou todos os concelhos da antiga Comarca de Viseu a pagarem uma contribuição em favor das obras do dito Hospital; muitos concelhos, alegando a sua distância à sede da comarca, não quiseram sujeitar-se à contribuição. Alguns foram compelidos judicialmente, outros não pagaram pelo que mais tarde, aberto o novo Hospital, a Misericórdia se recusou a aceitar doentes pobres daqueles concelhos a não ser mediante uma avença com as respectivas câmaras

Recebeu o Hospital, que ficou com o nome de HOSPITAL de SÃO TEOTÓNIO, os primeiros doentes em 1842 estando ainda inacabado. É neste ano que se faz o grande portão de ferro da entrada para o edifício, onde se colocou a data.

Em 1876, fez-se a bela escadaria semi-circular exterior, na entrada para o grande terreiro ajardinado em forma de paralelogramo, e que toma toda a frente do edifício. A construção prolongou-se por 49 anos, tendo as despesas ascendido a 185.482.206 reis.

No dia 14 de Julho de 1997 foi inaugurado o novo HOSPITAL DE SÃO TEOTÓNIO que está implantado num terreno com cerca de 15 hectares.

O primeiro Otorrinolaringologista a dar consulta e a operar no Hospital Distrital de Viseu (ao tempo, HOSPITAL DE S. TEOTÓNIO, pertencente à Misericórdia) foi o Dr. ARMINDO CRESPO, que se instalou em Viseu em 1933.

Antes dele, mas fora do âmbito hospitalar exerceram clínica ORL nesta cidade os Drs. ELEUTÉRIO SANTA RITA (1870-1926), JOSÉ DO NASCIMENTO FERREIRA (1886-1946) e ALBERTINO CORREIA DE LOUREIRO.

O Dr. Armindo Crespo trabalhou inicialmente como voluntário, tendo sido empossado como Chefe de Serviço em 1958 e nesta situação se manteve até 1966, data em que faleceu.

Em 1955 ingressou no Serviço como voluntário o Dr. FERNANDO MARQUES DO NASCIMENTO FERREIRA, que em 1958 foi empossado como adjunto, ascendendo a Chefe de Serviço em 1967 e a Director do Serviço até 1991.

Em 1959 realizou algumas das primeiras microcirurgias do ouvido no Norte do País.

Em 1968 ingressou no Serviço, como Médico adjunto, o Dr. MANUEL FERREIRA, que posteriormente foi transferido para Lamego, a seu pedido.

O Serviço teve como Director o Dr. JOÃO TEIXEIRA LEÃO DE MEIRELES de 1991 a 2002, que também foi Director do Hospital de 1975 a 1982.

Seguiu-se como Director do Serviço o Dr. JORGE BARRANHA SOBRAL de 2002 a 2008.

O actual (2010) Director do Serviço é o Dr. JOSÉ MARQUES DOS SANTOS, formado já neste Serviço. Integram o quadro do Serviço, e nele formados, o Dr. Sérgio Raposo e o Dr. António Alves e, completam a Equipa do Serviço a Dra. Emília Amaral o Dr. Canas Marques, o Dr. Raul Amaral e a Dra. Vera Soares.

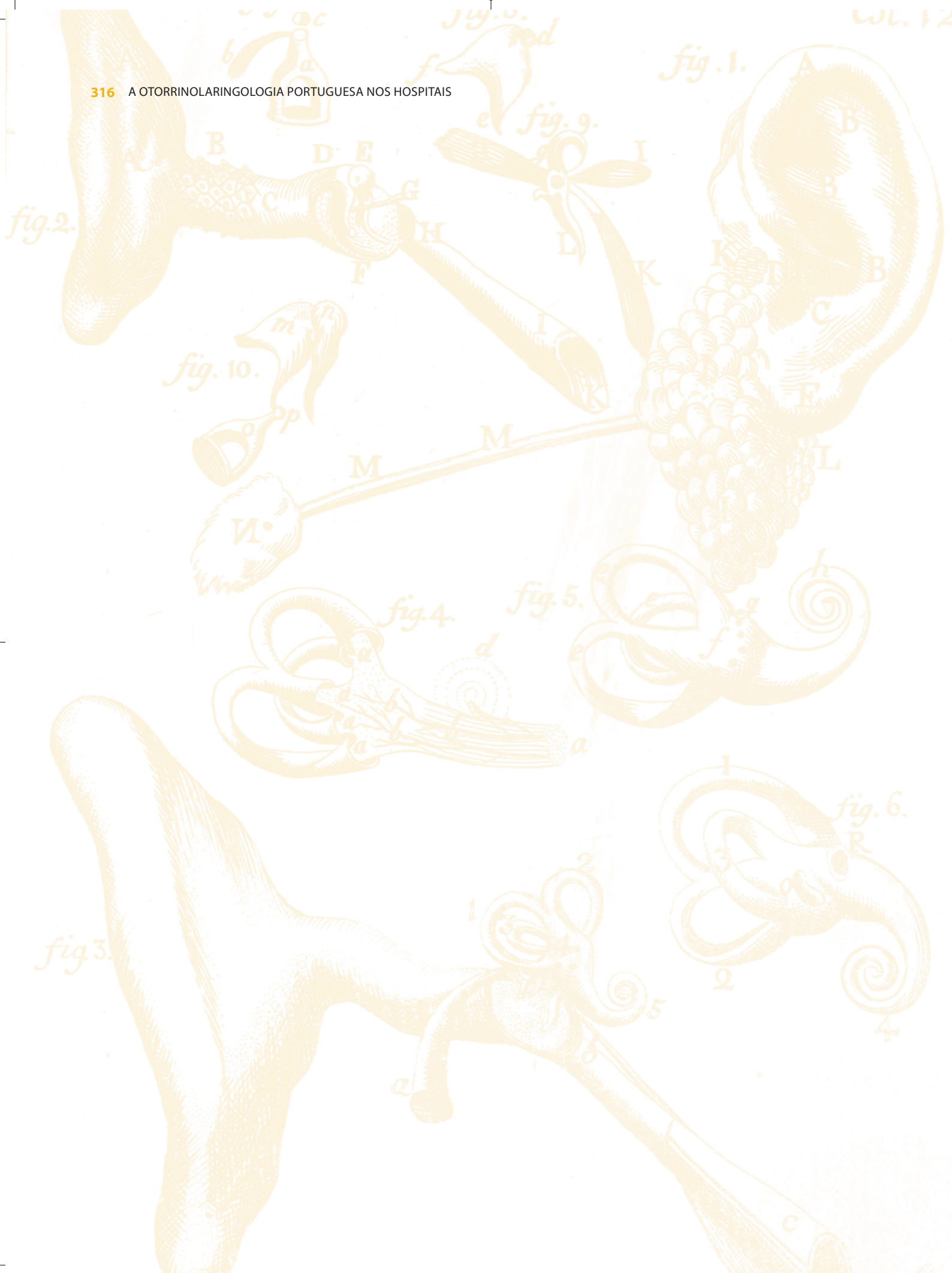




FIGURA 388

A ILHA DA MADEIRA NO SÉCULO XIX NUMA FOTOGRAFIA DE JOÃO FRANCISCO CAMACHO

ILHA DA MADEIRA

A ORL NA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Até 1942 o exercício da Especialidade de ORL na Região Autónoma da Madeira limitava-se às visitas que anualmente faziam durante um mês, o Prof. Dr. Carlos de Mello e o Prof. Dr. Carlos Larroudé, essencialmente no exercício da clínica privada.

A 2 de Maio de 1942, tomou posse como Especialista de ORL do Hospital da Misericórdia do Funchal, o Dr. Fernão Rosa Gomes que nunca chegou a organizar um Serviço, e as suas deslocações ao Hospital eram somente para operar.

Em 1943, encontrando-se na Madeira mobilizado como expedicionário, o Dr. ANTÓNIO MANUEL DA COSTA QUINTA foi nomeado para Director do serviço de ORL do HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DO FUNCHAL, e é na realidade a partir deste ano, e graças a este Médico, que é fundado verdadeiramente o Serviço de ORL, com a abertura da consulta externa a funcionar três vezes por semana, internamento, bloco operatório, arquivo etc.

Contou com a ajuda, desde o início, do Dr. LUÍS SOTERO GOMES, contratado como assistente voluntário, a dar os primeiros passos na Especialidade.

Em 1945 o Dr. Costa Quinta regressa ao Continente, terminada a sua mobilização como expedicionário, ficando o Serviço temporariamente a cargo do Dr. Sotero Gomes, embora passado pouco tempo fosse determinado pela administração do Hospital que o Dr. João Valente, especialista de ORL recém-chegado à Madeira, funcionasse como “tutor” do Dr. Sotero. A 20 de Abril de 1946 é nomeado Director de Serviço, o Dr. JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA ROQUETTE DE CAMPOS HENRIQUES, também na ilha como expedicionário.

A 2 de Julho desse ano, o Dr. Sotero Gomes é nomeado 2º Assistente, pois até aí mantinha-se como Assistente voluntário.

No Verão de 1948, o Dr. Campos Henriques resolveu a seu pedido deixar a Direcção do Serviço e regressar a Lisboa, ficando novamente o Dr. Sotero Gomes, temporariamente como Director.

A 3 de Junho de 1949, a administração nomeou o Dr. JOÃO VALENTE como Director do Serviço, e passado um ano promoveu o Dr. Sotero Gomes a 1º Assistente.

**FIGURA 389**

O "COMANDANTE" DR. ALIVAR CARDOSO AO LEME DO SEU IATE NO FUNCHAL NO DIA 2 DE JANEIRO DE 2000

**FIGURA 390**

LUÍS SOTERO GOMES

Em 1966 chega ao serviço o Dr. Alivar Jones Cardoso que nesse mesmo ano passa à categoria de Assistente Contratado.

Em 1970, o Dr. João Valente atinge o limite de idade, sendo nomeado oficialmente para a Direcção do Serviço, o Dr. Sotero Gomes, ascendendo o Dr. Alivar Cardoso a 2º Assistente.

Em 1973 é finalmente inaugurado o HOSPITAL DISTRITAL DO FUNCHAL, nova unidade hospitalar considerada um modelo a nível nacional, com 560 camas, dotado de um bloco operatório moderno com sete salas muito bem equipadas, amplas enfermarias, cabendo 24 camas ao serviço de ORL. É aqui que se instala o novo Serviço de ORL juntamente com todas as outras Especialidades cirúrgicas existentes na altura; no Hospital dos Marmeleiros ficariam então as Especialidades não cirúrgicas.

Perante a necessidade de aumentar os efectivos no Serviço, e perante as óptimas condições que proporcionava a partir de 1976, o Serviço foi considerado idóneo para a realização do Internato Complementar, e já nesse ano entra como Interno da especialidade, o Dr. José Emanuel Gomes, embora o serviço fosse já frequentado por outro interno em regime de voluntariado desde há alguns meses, o Dr. Luís Manuel Sotero Gomes, que viria a entrar oficialmente no Internato no ano seguinte.

Em 1977 é criado o Centro Hospitalar do Funchal em que são integradas as três unidades hospitalares existentes no Funchal. Em 1979 entra o Dr. Fernando Neves e nos anos seguintes, respectivamente o Dr. João Mendes de Almeida, e Dra. Herli Maister e a Dra. Isabel Nogueira.

A 23 de Abril de 1985 o Dr. ALIVAR CARDOSO toma posse como novo Director do Serviço, uma vez que o Dr. Sotero atinge o limite de idade. Alguns meses depois entra para o Internato da Especialidade o Dr. Carlos Martins, e passados 4 anos entra novo Interno, o Dr. Miguel Furtado, e em 2000 a Dra. Marisol Plácido. Em 2001, o Dr. Alivar Jones Cardoso, depois de presidir a um mandato da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Patologia Cérvico-Facial, pede a sua aposentação, e é nomeado Director de Serviço de ORL do Centro Hospitalar do Funchal, o Dr. LUÍS MANUEL SOTERO GOMES a 5 de Julho de 2001, que toma posse oficialmente em 2002 e aposentou-se em Março de 2007, tendo tomado posse como Director o Dr. JOSÉ EMANUEL DE ABREU GOMES.

Coloco aqui as fotografias de dois grandes Otorrinolaringologistas, ambos foram Directores do Serviço de ORL do Centro Hospitalar do Funchal e meus colegas na Direcção da Sociedade, excelentes seres humanos que infelizmente nos abandonaram cedo demais. Deixam-nos grandes saudades e também grandes recordações.



FIGURA 391

CIDADE DE PONTA DELGADA CERCA DE 1900

ILHAS DOS AÇORES

SÃO MIGUEL - PONTA DELGADA

HOSPITAL DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

O Hospital de Ponta Delgada, situado na Ilha de S. Miguel, é o mais antigo da Região Autónoma dos Açores.

O primeiro Otorrinolaringologista do Hospital de Ponta Delgada foi o Dr. TOMÁS BORBA VIEIRA, licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa. Em 1935 foi aberta uma Enfermaria no Hospital, própria para os doentes de ORL e Oftalmologia.

Em 1934 veio outro Médico Especialista em ORL, o Dr. JOSÉ PACHECO VIEIRA exercer funções no Hospital.

Em 1949, o Dr. Tomás Borba Vieira cessou as funções no Hospital, passando a exercer apenas clínica privada, continuando o Dr. José Pacheco Vieira a exercer as suas funções no Hospital de Ponta Delgada até ao seu falecimento em 27/06/1965.

No dia 27/7/1965, iniciou as suas actividades no Hospital de Ponta Delgada, o Dr. HERMANO ALMEIDA LIMA, especialista em ORL pelo *Brooklin Eye and Ear* de Nova York, que fica em funções como Director do Serviço de ORL.

Em Novembro de 2000, o Hospital de Ponta Delgada mudou-se para novas instalações passando a denominar-se HOSPITAL DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

O Serviço era constituído em 2003 pelos:

- Dr. Hermano Almeida Lima - Director do Serviço;
- Dr. Alvim Pinheiro - Assistente Graduado de ORL;
- Dr. José Carlos Silveira Soares - Assistente Graduado de ORL.

O Serviço de ORL do Hospital do Divino Espírito Santo tinha (2003) 4 sectores:

- **Internamento:** A enfermaria é dividida com a Especialidade de Oftalmologia, constituindo o Serviço de Cirurgia I. O Serviço de ORL dispõe de 16 camas, sendo 9 de homens e 7 de mulheres. Em média são internados 516 doentes anualmente.

- **Consulta Externa:** A área da Consulta Externa possui 2 gabinetes de Consulta, equipados com Otomicroscópio



FIGURA 392

UMA DAS PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS DA PESCA DO CACHALOTE NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉC. XIX - FOTOGRAFIA DE F. A. CHAVES

e uma Sala de Pensos e Tratamentos, equipada com Endoscopia Flexível e Circuito de Vídeo.

- **Sector de Audiologia:** No sector de Audiologia realizam-se exames Audiométricos e Impedanciométricos e Potenciais Evocados Auditivos. O Serviço possui também equipamento para realização de Videonistagmografia e Posturografia Dinâmica. Este sector está a cargo da Audiologista Teresa Reis.
- **Urgência:** O Serviço de Urgência funciona 24 horas por dia. É assegurado em regime de Presença Física durante a semana, das 8h30 até às 13h30. A partir desta hora e durante o fim-de-semana os Médicos do Serviço ficam em Regime de Prevenção. Cada Médico assegura um dia fixo da Semana sendo os fins-de-semana rotativos.
- **Bloco Operatório:** O Serviço dispunha em 2003 de 2 tempos cirúrgicos semanais (Anestesia Geral) no Bloco Central (3ª e 6ª feira). À 3ª feira dispõe também de 1 sala com Anestesia Local. Em média realizavam-se 450 cirurgias por ano, incluindo cirurgia oncológica.

TERCEIRA - ANGRA DO HEROÍSMO

HOSPITAL DE SANTO ESPÍRITO

O Hospital de Santo Espírito, com este nome precisamente, nasceu em 1492, na então Vila de Angra, na época áurea dos Descobrimentos Portugueses em que novos Mundos se abriam ao Mundo. É o primeiro hospital da expansão e que além de ser um Hospital da Misericórdia, tinha uma protecção régia por atender os tripulantes das naus que por aqui passavam no caminho das Índias.

Até ao ano de 1832, o Hospital de Santo Espírito manteve-se no edifício situado junto à Igreja da Misericórdia, como se vê na gravura, passando nesse ano a ocupar as instalações do extinto Convento das Religiosas da Conceição até Agosto de 1961, ano em que foi inaugurado o actual.

Nasceu apenas com Serviços de Medicina, Cirurgia, Obstetrícia, Pediatria e Radiologia.

A história do Serviço de ORL deste Hospital foi descrita pelo Dr. José Henrique Rocha Lourenço em 2003:

"Logo que regresssei a Angra do Heroísmo, minha terra Natal, tive uma reunião com a mesa da Santa Casa da Misericórdia, à qual o Hospital continuava a pertencer, e a Direcção Clínica do mesmo.

Nessa reunião com base nos ensinamentos dos meus mestres Dr. Barata Salgueiro e Prof. Nobre Leitão e do que conhecia da realidade hospitalar e das Ilhas expus o que pretendia para fazer um serviço e se possível, uma escola... nascida do nada.

E foi do nada que iniciamos este "Serviço" em Dezembro de 1967 - 475 anos depois da fundação do hospital.

O primeiro material usado, tanto em consulta como na cirurgia era propriedade minha.

Cama... emprestava-as a Medicina e posteriormente, a Pediatria que nos cedeu durante muito tempo uma sala com duas camas.

À medida que me fui impondo, mostrando serviço, resultados e persistência nas minhas exigências foram apetrechando o serviço.

Durante cerca de 24 anos fui Especialista único para o Grupo Central e Ocidental dos Açores, pois o saudoso Dr. Borges de Sena só ia à Horta nas férias e aproveitava então para dar consultas de ORL.

Durante estes anos fiz de tudo na Especialidade, consultas, cirurgia, exames complementares de diagnóstico. Entretanto passei a ter, regularmente, tempo de Bloco Operatório.

Em 1982 foi-nos dada idoneidade para os dois primeiros anos de internato. Nessa altura dois colegas, Dr. João Gabriel Soares Martins e Dr. José Domingos Brasil Toste, fizeram o mês de opção do Internato Geral em ORL., onde permaneceram até fazerem o exame de saída deste Internato.

Após este, optam pela Especialidade de ORL e permanecem no Serviço durante os dois primeiros anos. Depois foram acabar o Internato no Serviço do Prof. Mário Andreia no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, regressando à Ilha Terceira, terra Natal de ambos, onde fizeram as provas finais.

Em Setembro de 1984 tivemos a primeira Técnica de Audiometria e pouco tempo depois uma Secretária.

Em 1986 o Dr. Jorge Varandas foi colocado na Base Aérea 4 e como mostrasse interesse pela especialidade, veio trabalhar connosco onde permaneceu durante 4 anos. Foi um ótimo colaborador.

Em Janeiro de 1991 veio como interna a Dra. Aida Mateus de Sousa Bártolo que também cá fez os dois primeiros anos indo acabar o Internato no Serviço do Prof. Gameiro dos Santos no Hospital Geral de Sto. António - Porto. Regressou a Angra do Heroísmo e hoje pertence ao quadro da Especialidade.

Em 1989 organizámos com o serviço de ORL do Hospital de Santa Maria o primeiro curso de ORL para Clínicos Gerais dos Açores.

Fizemos as Jornadas de ORL dos Açores com a colaboração de alguns colegas do Continente.

Em 1996, com o apoio da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial organizámos o Congresso Nacional de ORL.

Em 2001 organizámos, aquando da aquisição do material de V.N.G. e Plataforma de Posturografia, um encontro a que demos o nome de "Vertigem 2001". Perto da reforma sinto-me feliz por "do nada" ter conseguido o que me propus quando cá cheguei. Deixo escola e tenho óptimos colaboradores que permitiram que montássemos um Serviço de ORL."

Não será por acaso que o Dr. Rocha Lourenço, reformado em 2005, aos 70 anos, continua a colaborar na actividade clínica do Serviço e os seus antigos colaboradores o continuam a chamar de "Chefe", pois quem o conhece pessoalmente sabe o que ele é na verdade, um homem bom, amigo e dono de um coração generoso, atributos próprios de um líder.

O espírito aberto e a personalidade dialogante do Dr. Rocha Lourenço, levou a que rapidamente se apercebesse do perfil dos seus colaboradores. Assim, no final da década de 90, face à crescente incidência de patologia



FIGURA 393

DR. JOSÉ HENRIQUE ROCHA LOURENÇO

tumoral da Especialidade, nomeadamente o cancro da laringe, impunha a deslocação de muitos destes doentes para o Serviço de Cirurgia da Cabeça e Pescoço do IPOFG-Lisboa, à altura sob a direcção do Prof. Dr. Nuno Santiago. Esta colaboração inter-institucional levou a que se criassem laços de amizade entre os dois Serviços, permitindo estabelecer protocolos quer na área de formação quer de apoio técnico, no qual se inclui a Radioterapia.

Na sequência destes protocolos, o Dr. Brasil Toste e a Dra. Aida Bártolo, realizaram em 1998 um estágio prolongado no IPOFG de Lisboa na área cirúrgica.

Com o regresso destes 2 Especialistas a Angra do Heroísmo, esta equipa cirúrgica passou a realizar a maioria das cirurgias oncológicas desta área.

Pela mesma data, o Dr. João Martins enveredou pela área da Otoneurologia, tendo o Serviço adquirido equipamento específico.

A diferenciação integrada e articulada do Serviço, no contexto hospitalar, levou à criação de duas novas consultas - Consulta de Oncologia da Cabeça e Pescoço sob a coordenação do Assistente Graduado, Dr. Brasil Toste;

- Consulta de Otoneurologia sob a coordenação do Assistente Graduado Dr. João Martins.

A aposentação do Dr. Rocha Lourenço em 2005, não abalou a continuidade nem a boa prática do Serviço, o que prova que o Director cessante tinha conseguido formar uma equipa coesa e com maturidade profissional, atributos necessários a dar continuidade ao trabalho iniciado na década de 60. A Direcção do Serviço tem sido partilhada, ao longo dos últimos 5 anos, pelos dois Assistentes Graduados mais antigos do Serviço (Dr. João Martins e Dr. Brasil Toste).

Actualmente o Serviço tem 3 Assistentes Graduados, pertencentes ao quadro hospitalar e uma Interna.

Para além do corpo médico referido, os recursos humanos da Consulta Externa do Serviço compreendem, duas Técnicas de Audiometria, uma Enfermeira, duas Assistentes Técnicas e uma Assistente Operacional.

As instalações da Consulta Externa e Internamento são as seguintes:

- 3 salas com 9 camas para internamento e junto a estas uma sala de observação e tratamentos;
- Uma Consulta Externa com: 4 gabinetes de consulta devidamente equipados, dois deles com microscópio de parede e um com microscópio de pé;
- Sala de endoscopia dotada com *video printer*, fonte de luz, câmara de endoscopia, monitor e fibroscópios;
- Gabinetes de: Audiometria de Potenciais Evocados e Videonistagmografia, Meios para reabilitação vestibular com Plataforma de posturografia dinâmica computarizada.

Dois dias por semana têm bloco operatório. Faz-se praticamente toda a cirurgia da especialidade, incluindo boa parte da cirurgia oncológica.

Desde 2007, o Serviço integra o GRISI – Grupo de Rastreamento e Intervenção da Surdez Infantil.

Em 2008, o Serviço organizou a Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Otoneurologia, na qual foram homenageados o Prof. Dr. Conraux e o Dr. Rocha Lourenço.

Sendo um Serviço pequeno de uma Região Autónoma, dispersa por 9 ilhas e que tem por missão os cuidados de saúde na área da Otorrinolaringologia para uma população de 70.000 habitantes (ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa), apresenta uma casuística considerável. A revisão da estatística do Serviço dos últimos 5 anos (dados de 2010) revelou a seguinte produção média / ano:

- **Consulta Externa:** 6.100 consultas / ano, das quais 25% foram 1^{as} consultas;
- **Urgência:** 950 urgências / ano;
- **Cirurgia:** 300 doentes / ano;
- **Internamento:** 360 doentes / ano;
- **Exames Complementares de Diagnóstico:** 9.000 exames / ano.



FIGURA 394

HOSPITAL MARIA PIA EM LUANDA CERCA DE 1870 - FOTOGRAFIA DE CUNHA MORAES - LUANDA

A ORL NAS ANTIGAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Numa perspectiva histórica, vou referir como se processou a actividade ORL nos territórios ultramarinos e qual era o seu apoio de retaguarda na Metrópole, até 1974.

Até à data da independência, exerciam Clínica Otorrinolaringológica em Angola, hospitalar e privada, os Drs. TEIXEIRA E SILVA e XEMBU DESSAI, em Nova Lisboa, os Drs. AMÍLCAR NOGUEIRA e ARLINDO AZEVEDO, em Luanda e o Dr. VASCONCELOS, em Benguela. O Dr. Dessai foi mais tarde transferido de Nova Lisboa para Luanda, acabando por deixar Angola ainda antes da independência.

Como Otorrinolaringologista privativo da Diamang encontrava-se o Dr. JOSÉ SOUSA DIAS.

Na Universidade de Luanda, o curso de ORL foi regido pelo Dr. José Sousa Dias.

Com a independência e as perturbações que se lhe seguiram, todos estes Médicos abandonaram Angola, regressando a Portugal.

Em Moçambique, tinha havido em Lourenço Marques, desde 1943 um especialista de ORL que era o Dr. PINTO COELHO, a quem sucedeu o Dr. AZEVEDO GOMES. Depois, instalou-se o Dr. FERNANDO VERGUEIRO e, ocasionalmente, colaborava na consulta externa o Dr. MARQUES PAIXÃO.

Na Beira, exerceram clínica da Especialidade os Drs. DIAS FERREIRA, ABEL ALVES (1 ano), BRITO SUBTIL, AUGUSTO MARINHEIRO JÚNIOR, BRANCO CORREIA e COELHO NOBRE.

O Dr. Adolfo Branco Correia foi depois transferido, a seu pedido, para Lourenço Marques, onde viria a ser Docente de ORL na Universidade de Moçambique.

Como o estágio de ORL no Hospital Miguel Bombarda de Lourenço Marques era considerado idóneo perante a Ordem dos Médicos, especializaram-se lá, em Otorrinolaringologia, o Dr. ASDRÚBAL CORREIA TEODÓSIO e o Dr. JORGE DIOGO, que se radicou posteriormente na África do Sul.

O último Otorrinolaringologista a ser oficialmente colocado no Hospital de Lourenço Marques foi o Dr. BRANCO NEVES. Tal como sucedeu em Angola, todos saíram de Moçambique aquando da independência, com excepção do Dr. Branco Neves.

324 A OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA NOS HOSPITAIS

Aliás, alguns já tinham saído antes, como por exemplo, o Dr. AUGUSTO MARINHEIRO JÚNIOR, que veio fazer carreira nos Hospitais Cíveis de Lisboa e doutorar-se na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Nos restantes territórios ultramarinos não houve com permanência, assistência ORL.

Em Lisboa, como unidade de apoio de retaguarda, funcionava o Hospital do Ultramar (hoje Hospital Egas Moniz), cujo Serviço de ORL foi dirigido pelo Dr. Armando Santana Leite desde 1951.



FIGURA 395

SÍMBOLOS DA SPORL





FIGURA 396

CADEIRA ACÚSTICA DO REI D. JOÃO VI – CRIADA POR FREDERICK CHARLES REIN DE LONDRES EM 1819. FALANDO JUNTO À BOCA DO LEÃO AS CAVIDADES RESSONANTES ESCONDIDAS NO INTERIOR DA CADEIRA AMPLIFICAVAM OS SONS DIRIGIDOS ATRAVÉS DO TUBO ATÉ AO OUVIDO DO REI

BIBLIOGRAFIA

- 1 - A MEDICINA CONTEMPORÂNEA. ANO I-Nº1ª 1883 a ano XXXVI SÉRIE II. Nº52,1918.
- 2 - ACTA OTO-RHINO-LARYNGOLOGICA BÉLGICA. Vol 35, SUPLEMENTOS II, III, IV E V. 1981.
- 3 - ALMEIDA, ANTÓNIO D': "TRATADO DA INFLAMAÇÃO" - 1813.
- 4 - ALMEIDA, ANTÓNIO D': TRATADO DE MEDICINA OPERATÓRIA TOMO I E TOMO III - 1800.
- 5 - ALMEIDA, B. D': "RHINOPLASTIA" GAZETA MÉDICA DO PORTO 1843.
- 6 - AMBROISE PARÉ: "LES OEUVRES DE D'AMBROISE PARÉ, CONSEILLER ET PREMIER CHIRURGIEN DU ROY..." 1585.
- 7 - AZEVEDO, Frei Manuel Teixeira de: "CORRECÇÃO DE ABUSOS INTRODUZIDOS CONTRA O VERDADEIRO METHODO DA MEDICINA, 1668.
- 8 - BARBOSA, António Maria. Relatório apresentado ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor ministro do reino. No congresso médico internacional de Paris. Imprensa nacional. Lisboa, 1867.
- 9 - BASTOS, Frederico Guilherme Teixeira - otite média purulenta e seu tratamento.
- 10 - BASTOS, Frederico Guilherme Teixeira. Otite média purulenta e o seu tratamento. Dissertação inaugural. Typographia da casa católica. Julho de 1889.
- 11 - BEZOLD, FR; siebenmann. text-book of otology for physicians and students. Translated by J. Holinger of chicago. edit. - e.h.cle-grove chicago 1908.
- 12 - Boletim da sociedade portuguesa de otorrinolaringologia e patologia cérvico-facial. VOL I - 1961 a VOL XXIV - 1986.
- 13 - BOTELHO, Luiz da Silveira. 75 anos, o instituto português de oncologia e a luta contra o cancro em Portugal. Lisboa. 1998.
- 14 - CABREYRA, Gonçalo Rodrigues de, compêndio de vários remédios de cirurgia, recopilado do thesouro dos pobres e outros.
- 15 - CAMPOS RODRIGUES, Maximo H. Indicações das intervenções cirúrgicas nas sinusites frontaes. Dissertação inaugural da escola médico-cirúrgica de Lisboa. Julho de 1906.
- 16 - CARDOSO, Joaquim. Higiene da garganta nariz e ouvidos. Tipografia leonesa. Porto 1946.
- 17 - CAROÇA, José Gonçalves, em que foi apresentada à escola médica de Lisboa uma tese intitulada. "Mastoidite aguda purulenta" 1907.
- 18 - CENTENO, Frago. Pequena história da anestesia. Livraria clássica editora. 1943.
- 19 - CHARTERS DE AZEVEDO, L.C. Corpos estranhos do conduto auditivo externo (sua prática clínica). Separata de medicina, dezembro 1934.
- 20 - CLODE, JOÃO JOSÉ P. EDWARD. HISTÓRIA DA OTORRINOLARINGOLOGIA, LISBOA 2003.
- 21 - CLODE, JOÃO JOSÉ P. EDWARD CLODE, coordenador - QUEM É QUEM NA OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA-Lisboa 1991.
- 22 - CORREIA, João lopes - castelo forte - 1723.
- 23 - COSTA QUINTA, A DA. Corpos estranhos das vias aéreas inferiores e digestivas a propósito de cincoenta casos consecutivos. Lisboa. 1941.
- 24 - FERREIRA, Antonio, "luz verdadeira, 1705.
- 25 - FERREIRA DE MIRA, M- história da medicina portuguesa. Lisboa. Edição de imprensa nacional publicidade. 1947.
- 26 - FIGUEIREDO, Albérico; Tavares, José Neves. Catorze lições de otorrinolaringologia feitas ao 5º ano médico pelo prof. Dr. Ary dos Santos. Faculdade de medicina de Lisboa. 1935.
- 27 - Figuras e panoramas da medicina de outros tempos. Hospitais civis de Lisboa. Exposição dedicada ao Doutor Alberto Macbride. Lisboa, novembro de 1954.
- 28 - FRANCO, Francisco Soares - elementos de anatomia - 1818.
- 29 - FRANCO, Manuel Pereira de Mira - "os diferentes métodos e principais processos de praticar a rhinoplastia, preferindo-se o método indiano"- 1814.
- 30 - FRANCO, Evaristo. Glórias da medicina portuguesa. Tipografia da união gráfica. Lisboa. 1949.
- 31 - FRANCO, Manoel Pereira de Mira. Dissertação sobre os diferentes methodos e principaes processos de practicar a rhinoplastia. Typografia cesariana. Lisboa 1814.
- 32 - GAZETA MÉDICA DE LISBOA 1853 a 1874.
- 33 - GODINHO, GUILHERME NUNES. Diagnóstico das lesões do ouvido pelo diapasão. Dissertação inaugural. Typographia mattos moreira e pinheiro. Lisboa. 1895.
- 34 - GOUVEIA FILIPE JOSÉ - "oração inaugural do primeiro curso de operações cirúrgicas" - 1762.
- 35 - GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA- vol-5, vol-15 e, vol-33 - EDITORIAL ENCICLOPÉDIA.
- 36 - GUERRIER, YVES; MOURIER-KUHN, PIERRE. Histoire des maladies de l'oreille, du nez et de la gorge, les grands étapes de l'oto-rhino- laryngologie. Les editions roger dacosta. Paris. 1980.
- 37 - HENRIQUES, FRANCISCO DA FONSECA - ANCORA MEDICINAL - 1726.
- 38 - JORNAL DA SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS (CIÊNCIAS) MÉDICAS DE LISBOA TOMO III 1836 A TOMO CXXIX -LISBOA 1965.
- 39 - JORNAL DAS CIÊNCIAS MÉDICAS 1º ANNO TOMO 1º, 1835.
- 40 - JOURNAL OF OTOTOLOGY. vol 3, number 1, july 1981:p74-78.
- 41 - LARROUDÉ, CARLOS. Manual de oto-rino-laringologia para o clínico geral. Livraria luso-espanhola.1945.
- 42 - LARROUDÉ, CARLOS. Panorama actual da oto-rinolaringologia. Separata de o médico nº 54. 1962.
- 43 - LEITE, JOÃO SANT'ANNA - "um caso de cholesteatoma primitivo do antro mastoideu direito - operação radical". 14 de Dezembro de 1902 na medicina contemporânea.
- 44 - LEITE, JOÃO SANT'ANNA - "trinta casos de intervenção sobre a apófise mastoideia" na medicina contemporânea em 1906.
- 45 - LEITE, JOÃO SANT'ANNA "um caso de colesteatoma do antro-mastoideu" no jornal da sociedade de ciências médicas tomo lxvi de 1902.
- 46 - LEITE, JOÃO SANT'ANNA. Novo processo de operar fibromas naso-faríngeos. Separata da medicina contemporânea.1933.
- 47 - LEITE, João Sant'Anna "extirpação total da larynge", a medicina contemporânea" de 5 de junho de 1910.
- 48 - LEMOS MAXIMIANO - HISTÓRIA DA MEDICINA EM PORTUGAL. DOUTRINAS E INSTITUIÇÕES. VOL I E II. MANOEL GOMES editor-LISBOA 1899.
- 49 - LERMOYEZ, M. Rhinologie, otologie, laryngologie à vienne. Paris: carré, 1894.
- 50 - LESKY E. The vienna medical school of the 19th century, translated from the german die wiener medizinische schule im 19. Jahrhundert by williams I and levij is. Baltimore, md: the johns hopkins university press, 1976.
- 51 - Livro com as actas e as comunicações apresentadas na secção de laryngologia-rhinologia e otologia do xv congresso de 1906.

- 52 - LOURENÇO, António Gomes. Cirurgia clássica lusitana. Anatómica, farmacêutica, médica, a mais moderna. Na officina de António Rodrigues Galhardo. Lisboa 1761.
- 53 - LUSITANO, Amato: "centúrias das curas medicinais".
- 54 - LUSITANO, Zacuto: "de medicorum principio historia libre sex" de 1649.
- 55 - LUSITANO, Amato: "curationum medicinarum centuria septem" de 1551.
- 56 - Machado Macedo, Manuel. História da medicina portuguesa no século XX. Edição dos CTT, correios de Portugal. 2000.
- 57 - Magalhães, Jaime. Manual de otorrinolaringologia. Adaptado ao ensino e à clínica geral. Porto 1943.
- 58 - MELLO, Carlos de. Dois anos de oto-rino-laringologia (estatística de). Lisboa. Typographia da "editora lda". 1916.
- 59 - MELLO, Carlos de. Intervenções e indicações cirúrgicas nas supurações crónicas do ouvido médio. Estudo crítico e doutrinário. Tipografia do comércio. Lisboa. 1927.
- 60 - MELLO, Carlos de. Intervenções e indicações cirúrgicas nas supurações crónicas do...
- 61 - MELLO, Carlos de. Sinusites maxilares crónicas. Imprensa libânio da silva. Lisboa 1931.
- 62 - MELLO, Carlos de. Sobre abscessos cerebrais de origem óptica com um prefácio pelo prof. Dr. Francisco Gentil. Coimbra. Imprensa da universidade. 1915.
- 63 - MIGUÉIS, Carlos. Surdez. Coimbra. 1994.
- 64 - MIGUÉIS, Carlos. Vertigem. Coimbra. 1993.
- 65 - MIGUÉIS, Carlos. Zumbidos. Coimbra. 1996.
- 66 - MILHEIRO, Manuel Augusto Dias. Etiologia, pathogenia e tratamento das anginas agudas.
- 67 - MILSTEIN, Stanley. Otosclerosis. The american journal of otology. vol 2, number 3, jan 1981:p283-285.
- 68 - MONTEIRO, Avelino: "mastoidites purulentas agudas" na revista medicina contemporânea, nº 9 ano: em 3 de março de 1901.
- 69 - MORELL-MACKENZIE. Traité pratique des maladies du larynx. Traduit de l'anglais et annoté par EJ Moure et Francis Berties. Octave doin, éditeur. Paris.1882.
- 70 - MOUNIER-Kuhn P, Guerrier Y. Histoire des maladies de l'oreille, du nez et de la gorge. Paris: daCosta, 1980.
- 71 - MOYA; Julio Lopez; Teodoro Sacristan Alonso. Medio siglo de historia de la sociedad española de otorrinolaringologia e patologia cervico- facial. Edição da sociedade espanhola de otorrinolaringologia . 1999.
- 72 - MUDRY A, Dekany Z. Adam Politzer (1835-1920): his medical studies and publications in hungarian. Otol neurotol 2004;25:72-78.
- 73 - MUDRY A, Kütter J. Joseph Toynbee and his son Arnold: unpublished manuscript written by Adam Politzer. J laryngol otol 2004;118:179-84.
- 74 - MUDRY A. The role of Adam Politzer (1835-1920) in the history of otology. Am J otol 2000;21:753-63.
- 75 - NAMORA, Fernando. Deuses e demónios da medicina. 1º e 2º volumes. Edição do círculo de leitores. 1977.
- 76 - Notas sobre Portugal enviado à exposição nacional do Rio de Janeiro 1908.
- 77 - Notas sobre Portugal. Exposição do Rio de Janeiro em 1908. Secção portuguesa. Vol i-a medicina em Portugal; a cirurgia em Portugal. Lisboa. Imprensa nacional, 1908.
- 78 - O ocidente de 10 de maio de 1906.
- 79 - ORTA Garcia de: "colóquios dos simples" e "coisas medicinais da índia".
- 80 - Otology & neurotology, volume 27(2), february 2006, pp 276-281.
- 81 - Otology & neurotology. 22(2):258-263, march 2001.
- 82 - PINTO, MANUEL. Valor dos raios-x nas doenças dos ouvidos, nariz e garganta. Coimbra editora. 1948.
- 83 - POLITZER A. Geschichte der ohrnheilkunde .i band. Stuttgart. Verlag von ferdinand. Enke. 1907.
- 84 - POLITZER A. Geschichte der ohrnheilkunde .ii band. von 1850-1911. Stuttgart. Verlag von Ferdinand. Enke. 1913.
- 85 - POLITZER A. History of otology. Vol. 1. Translated by Milstein S, Portnoff C, Coleman A. Phoenix, AZ: columella press, 1981:155-62.
- 86 - POLITZER, ADAM. Lehrbuch der ohrnheilkunde für practische ärzte und studirende. Stuttgart. Verlag von ferdinand. Enke. 1887.
- 87 - CARLOS DE ANDRADE: "supurações das células mastoideias".
- 88 - QUINT, Christian; Knerer, Birgit: history of otorhinolaryngology in Austria from 1870 to 1920. The journal of laryngology & otology: august 2005, vol 119, supplement nº 30, pp4-.
- 89 - RAMAUGÉ. Os cegos e os surdos e meios infalíveis de restabelecer, fortificar e conservar a vista e o ouvir em bom estado até à idade avançada. Imprensa nacional. Lisboa.1867.
- 90 - "Relatório apresentado à comissão iniciadora da uma escola para surdos-mudos", impresso no porto em 1873.
- 91 - Revista clínica, higiene e hidrologia. Ano xxi, nº 5 e 6, maio e junho de 1955 e ano xxii, nº 8 e 9, de agosto e setembro de 1956.
- 92 - Revista clínica, higiene e hidrologia. Ano xxi, nº 5 e 6, maio e junho de 1955 e ano xxii, nº 8 e 9, de agosto e setembro de 1956.
- 93 - REVISTA DE MEDICINA E CIRURGIA. REDACTORES- ALFREDO DA COSTA; MELLO VIANNA, CÂMARA PESTANA E AVELINO MONTEIRO. TOMO I, 1894 E TOMO III, 1895. M. Gomes editor.
- 94 - REVISTA PORTUGUESA DE MEDICINA E CIRURGIA PRÁTICAS. Dirigida por ALFREDO LUIZ LOPES. VOL I, 1896 E VOL VI, 1899. M. Gomes editor.
- 95 - REVISTA PORTUGUESA DE OTORRINOLARINGOLOGIA E CIRURGIA CÉRVICO-FACIAL VOL XXV - 1987 a VOL XLVII - 2009.
- 96 - ROMA, FRANCISCO MORATO: " luz da medicina práctica, racional e methodica" 1726.
- 97 - RUAH, SAMUEL A. BENTES; RUAH, CARLOS BENTES. Manual de otorrinolaringologia. 5 volumes. Edição roche farmacêutica, química. 1998, e...
- 98 - SABINO COELHO. O momento cirúrgico e o ensino lisbonense. Faculdade de medicina de Lisboa. Lisboa. 1925.
- 99 - SANTOS, ARY DOS: "a surdo- mudez" 1920.
- 100 - SANTOS, ARY DOS. A clínica oto-rino-laringologia do Hospital Militar de Lisboa. Imprensa nacional de Lisboa.1918.
- 101 - SANTUCCI, BERNARDO: "ANATOMIA DO CORPO HUMANO" - 1739.
- 102 - SÉCULO XX, crónica em imagens. 1950-1960. Círculo dos leitores. 2000.
- 103 - SEMMEDO, JOÃO CURVO: "POLIÂNTEA MEDICINAL" - 1695.
- 104 - SEMMEDO, JOÃO CURVO: "ATALAYA DA VIDA" - oficina de Domingues Gonsalves- 1754.
- 105 - SEMMEDO, JOAM CURVO. Observações médicas doutrinárias de cem casos gravíssimos. Occidental na officina de António Pedrozo Galran. Lisboa. Anno de 1727.

328 BIBLIOGRAFIA

- 106 - SENA, Borges de. Lições de otorrinolaringologia. Edição dos serviços sociais da universidade de Lisboa. Sem data.
- 107 - SERRANO, José António. "tratado de osteologia" em 2 volumes 1895 e 1897.
- 108 - SHAMBAUGH, George. Surgery of the ear. Second edition. W.B. Saunders Company. October 1967.
- 109 - SILVA CARVALHO. História da medicina portuguesa. Monografia. Exposição portuguesa em Sevilha. Vol ii. Imprensa nacional de Lisboa. 1929.
- 110 - STEVENSON RS, GUTHRIE D. A HISTORY OF OTO-LARYNGOLOGY. Baltimore: the William and Wilkins co, 1949.
- 111 - STOOL, Sylvan E.A. Historical vignette: memoirs of an otologist's european study in 1883. The american journal of otology. vol 4, number 4, abril 1983:p346-349.
- 112 - TAVARES, Carlos: "o nervo do gosto ou de wrisberg (intermediário)".
- 113 - TEIXEIRA LOPES: "extracção d'uma bala da apophyse mastoidea" na "gazeta dos hospitais do Porto" em 1907.
- 114 - TEIXEIRA LOPES: "polypus da pharynge laryngea" gazeta médica do Porto 1908.
- 115 - TEIXEIRA LOPES: "'corpos estranhos na laringe"; porto médico', outros 1906 trabalhos também publicados no 'porto médico', foram, "supurações das células mastoideias".
- 116 - TOYNBEE A. The diseases of the ear: their nature, diagnosis and treatment. London: Churchill, 1860.
- 117 - VALLADARES, Manuel Diogo de: "corpos estranhos da laringe" "a medicina contemporânea", no nº29 ano XX, de 20 de julho 1902.
- 118 - VALLADARES, Manuel Diogo de. 1899, no dia 15 de agosto no 3º ano, nº67, sobre "período prodromico da tuberculose laryngea".
- 119 - VALLADARES, MANUEL DIOGO DE: "hypertrofia da amygdala lingual revista portuguesa de medicina e cirurgia prácticas", cujo primeiro número saiu a 1 de novembro de 1896.
- 120 - VALLADARES, MANUEL DIOGO DE. Em 1 de abril de 1898 no nº 35 do 2º ano sobre o "tratamento actual da ozena".
- 121 - VALLADARES, MANUEL DIOGO DE. No nº48 de 30 de novembro sobre um: "kysto hyalino da narina direita". No nº29 ano XX, de 20 de julho 1902.
- 122 - VALLADARES, Abel Alcântara Alves. Mastoidites agudas. Dissertação inaugural. Lisboa. Janeiro de 1919.
- 123 - VESÁLIO, André: "de humani corporis fabrica", reedição-Basileia 1940.
- 124 - VIGIER, JOAM: "thesouro apollineo galenico. Chimico, chirurgico e pharmaceutico ou compendio de remédios para ricos e pobres, etc." - 1714.
- 125 - VOGL, ALFRED. Six hundred years of medicine in Vienna. Bull.n.y.acad.med. Vol43, nº4, abril 1967:p282-299.
- 126 - WEIR, NEIL. Otolaryngology, an illustrated history. Butterworth e co ltd. 1990.
- 127 - WILDE, W: "practical observations of aural surgery and the nature and treatment of diseases of the ear with illustrations". Philadelphia, Blanchard & Lea 1853.
- 128 - WILDE. Practical observations on aural surgery and the nature and treatment of diseases of the ear" de 1853.
- 129 - XAVIER NOGUEIRA: "tamponamento nasal nas epistáxis, 'porto médico'".

AS IMAGENS DE LIVROS, REVISTAS, GRAVURAS, OBJECTOS OU FOTOGRAFIAS INCLUÍDAS NESTE LIVRO PERTENCEM ÀS SEGUINTE COLECÇÕES OU FONTES:

COLECÇÃO JOÃO JOSÉ P. EDWARD CLODE

Figuras:

2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111 (Esq.), 112, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130 (Dta.), 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 174, 175, 180, 182, 184, 185, 186, 190, 193, 194, 197, 202, 207, 210, 213, 214, 216, 217, 220, 222, 224, 225, 228, 229 (Dta.), 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 315, 317, 319, 320, 322, 323, 325, 326, 327, 328 (Esq.), 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 339, 342, 343, 345, 346, 347, 349, 350, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 391, 392, 394

COLECÇÃO DR. SILVA ALVES

Figuras:

144, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 181, 187, 188, 195, 196, 196, 198, 199, 200, 201, 204, 206, 208, 209, 212, 219, 221, 227, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 252, 314, 316, 344

COLECÇÃO DR. ALVES DOS SANTOS

Figuras:

111 (Dta.), 122, 176, 177, 178, 183

COLECÇÃO DR. COSTA QUINTA

Figuras:

126 (Dta.) 140, 141, 145, 155, 168, 179, 189, 191, 192, 203, 313

COLECÇÃO DRA. ANA SENA ALVARENGA

Figuras:

223, 230, 231, 232, 324

COLECÇÃO D. LUÍSA VILARINHO PEREIRA

Figura 68

OUTRAS PROVENIÊNCIAS:

Figura 1 - Reprodução de documento pertencente ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Figura 72 - Enciclopédia Portuguesa e Brasileira - Volume 33 pág. 719

Figuras 77, 328 (Dta.) - Cedida pelo Dr. João Manuel Alves Sant'Anna Leite

Figura 98 - Biblioteca Nacional de Portugal

Figura 130 (Esq.) - Cedida pelo Dr. Cancela de Amorim

Figura 209 - Agradeço a Identificação dos Médicos representados nesta fotografia feita pelo Dr. José Cabral Beirão e pelo Dr. João Mendonça

Figuras 148, 149 - Manual de ORL para o Clínico Geral, do Prof. Carlos Larroudié - 1945

Figuras 162, 163, 205 - Arquivo da Ordem dos Médicos. Livro de Actas da SPORL

Figura 226 - Cedida pelo Dr. Carlos Barreira da Costa

Figura 229 (Esq.) - Cedida pelo Dr. José Luís Marinheiro

Figura 254 - Cedida pelo Dr. Raul Silva

Figura 318 - Cedida pelo Dr. José Cabral Beirão

Figura 338 - A Clínica Das Inovações - HOSPITAL da CUF - EDIÇÃO DE 1995

Figuras 379, 390 - Cedidas pelo Dr. Delfim Duarte

Figura 396 - Catálogo da Exposição Saúde e Medicina em Portugal e no Brasil - 2009

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A. X. LOPES VIEIRA	76	ANTÓNIO DA LUZ PITA	149, 150
ABEL ALVES VALADARES	132, 133, 151, 154, 155, 323	ANTÓNIO DE ASSIS BRITO	150
ABEL CORREIA	134, 135, 176, 179, 198, 213, 246, 247, 253, 263	ANTÓNIO DE LA CRUZ	205, 220, 222
ABEL FERNANDES CORREIA	134, 177	ANTÓNIO DE MONRAVÁ E ROCA	47, 49
ABEL SALAZAR	126, 146, 272	ANTÓNIO ENTRUDO	217, 263
ABÍLIO ESTEVES MARCOS	126	ANTÓNIO FERRAZ JÚNIOR	150
ABÍLIO SALVADOR	260, 261	ANTÓNIO FERREIRA	12, 41
ADÉRITO VAZ PINTO	274	ANTÓNIO FERREIRA DA COSTA	180, 181, 190, 191, 274, 276, 286,
ADOLFO BRANCO NUNES CORREIA	257	ANTÓNIO GOMES LOURENÇO	13, 52, 55
AFONSO DE BARROS MIRANDA SIMÃO	154, 166, 170	ANTÓNIO GONÇALVES	260
AFONSO FERREIRA DA COSTA	126, 146, 155, 170, 175, 180, 200, 215, 273, 274, 276	ANTÓNIO HENRIQUE GAMEIRO DOS SANTOS	126, 146, 184, 191, 195,
AFONSO NEVES DE PAIVA	127, 155, 166, 168, 173, 205, 208, 229, 231, 299	ANTÓNIO JOÃO DE ALMEIDA CERVEIRA SEABRA	206, 213, 215, 217, 219, 229, 231, 271, 272, 321
AFONSO RODRIGUES DE GUEVARA	28, 30	ANTÓNIO JOAQUIM ARRUDA	277
AGOSTINHO OSCAR VASQUES DE CARVALHO	273	ANTÓNIO JOSÉ DE SOUSA	282
AGOSTINHO PEREIRA DA SILVA	314	ANTÓNIO LARROUDÉ	68
AIRES RIBEIRO DA COSTA	250, 276	ANTÓNIO LARROUDÉ	269
ALBANO DE ENCARNAÇÃO COELHO	154, 155	ANTÓNIO LUIZ FERREIRA GIRÃO	96
ALBERTINO CORREIA LOUREIRO	126	ANTÓNIO MAIA GOMES	241
ALBERTO ANTUNES	173, 265	ANTÓNIO MANUEL DA COSTA QUINTA	78, 135, 137, 151, 154, 155, 156,
ALBERTO BARBEDO	155	ANTÓNIO MANUEL DA SILVA NOBRE LEITÃO	162, 164, 166, 170, 171, 172, 173, 189, 204, 205, 208, 212, 225, 259, 261, 317
ALBERTO JANEIRO	308	ANTÓNIO MANUEL DA SILVA NOBRE LEITÃO	231
ALBERTO LAGOA	155	ANTÓNIO MANUEL DIOGO DE PAIVA	147, 228, 279, 231
ALBERTO LAURENTINO BARBEDO JÚNIOR	126	ANTÓNIO MARIA BARBOSA	11, 14, 30, 66, 72, 73, 75, 76, 77, 302
ALBERTO LUÍS DE MENDONÇA	15, 126 a 129, 133, 134, 137,	ANTÓNIO MARQUES PEREIRA	262
ALBERTO SAMPAIO	141, 150 a 166, 170, 173, 177, 179, 189, 200 a 204, 246 a 251, 264, 292	ANTÓNIO MORENO JÚNIOR	283
ALBERTO TRANCOSO	273, 276, 306, 314	ANTÓNIO NETO PIRES DE CARVALHO	283
ALCINO DUARTE ALVIM	314	ANTÓNIO PATRÍCIO	291
ALEIXO DE ABREU	37	ANTÓNIO PAÚL	93
ALEIXO GUERRA	124, 125, 270	ANTÓNIO PINHO E MELO	155
ALEXANDER FLEMING	142	ANTÓNIO PINHO E MELO	179, 189, 200, 213, 250
ALFRED KIRSTEIN	78	ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA	232, 263
ALFREDO DA COSTA	66, 84	ANTÓNIO SANTANA CARLOS	155
ALIVAR JONES CARDOSO	181, 184, 212, 219 a 226, 230, 235, 318	ANTÓNIO SOARES BRANDÃO	55
ALMEIDA LIMA	250, 319	ANTÓNIO SOUSA VIEIRA	219, 220, 235, 277
ALVARENGA DE ANDRADE	125, 126, 146, 155, 175, 177, 271, 273, 306	ANTÓNIO TÁPIA	103
ÁLVARO DE MENDONÇA E MOURA	155, 306, 307	ANTÓNIO TEIXEIRA LOPES JÚNIOR	15, 106, 107, 124, 125, 146, 270
ALVES BRANCO	75, 76, 81	ANTÓNIO VELOSO DE PINHO	125, 126, 155, 270, 271, 276
ALVES DE SOUSA	247, 250, 314	ARLINDO AZEVEDO	323
AMATO LUSITANO	11, 12, 35, 293, 294	ARMANDO DA COSTA SANT'ANNA LEITE	145, 173, 178, 257, 258, 324
AMBROISE PARÉ	33, 34, 57	ARMANDO DE LACERDA	165, 177
AMÉRICO PINTO DA ROCHA	127, 132, 133, 150, 265, 294	ARMANDO GRANADEIRO VICENTE	257, 266
AMÍLCAR ARISTIDES LOPES FERREIRA CASEIRO	127, 178, 182, 184,	ARMANDO SEABRA	286
AMÍLCAR DOS ANJOS NOGUEIRA	189, 195, 220, 265, 284	ARMINDO CRESPO	182, 315
AMÍLCAR PINHO E MELO	257, 323	ARNALDO DE MATOS	215
ANA PAULA BRANCO	284	ARNAUT	68
ANA PAULA BRANCO	292	ARRUDA FURTADO	127
ANDRÉ DE GOUVEIA	26	ARTUR CARDOSO DE MENESES MASCARENHAS	273, 313
ANDRÉ SOULAS	162	ASDRÚBAL CORREIA TEODÓSIO	304
ÂNGELO DA FONSECA	66	AUGUSTO DE CASTRO	95
ANGELO PENA	181, 260, 261	AUGUSTO GOMES	247, 250, 261, 291
ANÍBAL DE BETTENCOURT	114	AUGUSTO MARINHEIRO JÚNIOR	134, 173, 179, 180, 182, 247, 323
ANICEL EUSILLIER	96	AUGUSTO ROCHA	66
ANTERO BELEZA BRAGA	287	AVENBROGGER	47
ANTÓNIO ALVES FILIPE	155	AZEVEDO GOMES	323
ANTÓNIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES	67, 69, 70	AZEVEDO NEVES	116, 127
ANTÓNIO AUGUSTO MAIA GOMES	213, 219, 220, 228, 313	BANDEIRA DE LIMA	266
ANTÓNIO BARATA SALGUEIRO	127, 135, 151, 154, 155, 175, 176,	BARRANCOS FINO	247, 250
ANTÓNIO BERNARDINO DE ALMEIDA	179, 184, 187, 189, 205, 265, 299, 321	BARROS SIMÃO	134, 176, 246
ANTÓNIO BERNARDINO DE ALMEIDA	70, 71, 77	BELARMINO ALMEIDA	70, 133
ANTÓNIO CARLOS EVA MIGUÉIS	219	BENTES CABRITA	188, 301, 303
ANTÓNIO D'ALMEIDA	13, 60, 61, 62, 63	BERNARDINO ANTÓNIO GOMES	60, 61, 77, 262
ANTÓNIO DA CRUZ	29, 37, 42	BERNARDINO MOREIRA	253
		BERNARDO JOSÉ FRAGOSO	95
		BERNARDO PEREIRA DA FONSECA CAMPEÃO	68
		BERNARDO SANTUCCI	12, 48, 50
		BETTENCOURT RAPOSO	79, 80

330 ÍNDICE ONOMÁSTICO

BISPO D. PATERNO	11, 20	EDWARD JENNER	47
BORDALO MATIAS	300	EMÍDIO JOSÉ DE VASCONCELOS	96
BORGES DINIS	250, 262, 311	EMÍLIO ALVES VALADARES	155
BRANCO CORREIA	145, 184, 197, 206, 213, 257, 272, 323	EMÍLIO SEVERINO DE AVELLAR	79
BRANCO NEVES	303, 323	ERNESTO MADEIRA	189
BRASIL TOSTE	321, 322	ERNESTO MÁRIO TEIXEIRA E SILVA	257
BRITO SUBTIL	282, 323	EUGÉNIO DE BRITO VASCONCELOS	97
C. F. CLAUSSEN	217	EURICO DE ALMEIDA	195, 228
CAETANO PINTO DE ALMEIDA	59	EURICO DE OLIVEIRA	126, 146, 271, 272
CALDEIRA CABRAL	103, 104, 105, 133	EURICO MONTEIRO	240, 276
CALDEIRA DA SILVA	260	EZEQUIEL BARROS	135, 247
CÂMARA SINVAL	77	FAUSTO FERNANDES	216, 228, 240, 302, 303
CANCELA DE AMORIM	155, 198, 208	FAUSTO LOPO DE CARVALHO	137, 164
CÂNDIDO DA SILVA	144, 255	FAUSTO TABORDA	260
CARLOS AFONSO BARREIRA DA COSTA	231, 274	FENANDO AUGUSTO GONÇALVES RIBEIRO	273
CARLOS ALBERTO DOS SANTOS MIGUÉIS	147, 175, 180, 189, 198, 199, 206, 217, 220	FERNANDO ALMEIDA	298
CARLOS ALBERTO RIBEIRO DE SEABRA	213	FERNANDO DEYRIEUX CENTENO	127, 250
CARLOS ALEXANDRE	227, 235	FERNANDO MORENO VAZ GARCIA	213, 216, 217
CARLOS ARY GONÇALVES DOS SANTOS	15, 97, 105, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 140, 151, 165, 180, 200, 248, 326	FERNANDO NASCIMENTO FERREIRA	155, 189, 191, 225, 315
CARLOS AUGUSTO ALVES DOS SANTOS	129, 217, 228, 229, 264	FERNANDO PIRES	250, 294
CARLOS BARREIRA DA COSTA	213, 275	FERNANDO RODRIGUES	280, 281, 286
CARLOS CANAS FERREIRA	253	FERNANDO VERGUEIRO	323
CARLOS CARVALHO	309	FILIPE JOSÉ GOUVEIA	55
CARLOS DE ANDRADE	106	FRANCISCO AIRES RIBEIRO DA COSTA	276
CARLOS DE MELLO	15, 113 à 123, 133, 140, 245, 317	FRANCISCO ALVES CORREIA	126
CARLOS LARROUDÉ GOMES	129, 132, 134, 140 a 144, 148, 151 a 156, 162, 174, 179, 193, 246, 250 a 257, 317	FRANCISCO AVELINO MONTEIRO	15, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 103, 105, 113, 133, 134, 200, 245, 246, 251
CARLOS MAY FIGUEIRA	67, 68, 70, 72, 76, 151	FRANCISCO CALHEIROS LOPES	134, 154, 155, 246, 248, 251
CARLOS PINTO DE ASCENSÃO	97	FRANCISCO CAMPILHO	191, 247, 250
CARLOS RIBEIRO	281	FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES	52
CARLOS SEABRA	195, 198, 286	FRANCISCO DA SILVA ALVES	127, 134, 151, 154, 155, 166, 173 a 179, 200, 205, 247, 250
CARLOS SUAREZ	233	FRANCISCO FIGUEIRA FREIRE	85
CARLOS TAVARES	79	FRANCISCO MORATO ROMA	42, 43
CARVALHO DE FIGUEIREDO	79	FRANCISCO PALMA	178, 182, 191
CARVALHO SOFIA	208, 212, 213, 216, 220, 298	FRANCISCO PEDRO DE VITERBO	68
CECÍLIA DE ALMEIDA E SOUSA	126, 272	FRANCISCO SEIA	105, 132, 133
CELESTINO DA COSTA	113, 116, 127	FRANCISCO SOARES BRANCO GENTIL	15, 88, 105, 113, 116, 118, 121, 155, 156, 177, 190, 199, 260
CÉSAR VIEIRA	175, 176, 183	FRANCISCO SOARES FRANCO	13, 60, 70
CHARTERS DE AZEVEDO	134, 246	FRANCISCO TAVARES	59
CHEVALIER JACKSON	78, 136, 137, 162, 164, 173, 187, 190, 204, 305	FRASCATORI	33
CIDRAIS RODRIGUES	175	FREDERICO GUILHERME TEIXEIRA BASTOS	81, 82
CLAUDE BERNARD	65, 69, 169	FREI BRÁS DE BRAGA	29
CLAUDE CONRAUX	217	FREI MANUEL DE AZEVEDO	43, 44
COELHO NOBRE	262, 323	FREITAS SIMÕES	133
COLAÇO SABINO	289	GAMA PINTO	67
COOTE	76	GARCIA DE ALMEIDA	30
CORDEIRO LOBATO	123, 132, 133	GARCIA DE ORTA	12, 33, 34, 35, 223
COSTA ALEMÃO	102	GASPAR AUGUSTO BORGES DE SENA	144, 175, 188, 190, 191, 193, 194, 195, 250, 254, 321
COSTA RODRIGUES	105	GENERAL ROCHA VIEIRA	218
COSTA SACADURA	132, 133	GIL RODRIGUES DE VALLADARES	20
CRAWFORD WILLIAMSON LONG	77	GONÇALO RODRIGUES DE CABREYRA	42, 43
CUNHA VIANA	72, 76	GREGÓRIO RODRIGUES FERNANDES	14, 15, 76, 79, 81, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 103, 104, 105, 113
CUSTÓDIO CABEÇA	15, 116, 148	GUILHERME GODINHO	83
DANIEL DE CARVALHO	155, 276	GUILHERME PENHA	147, 155, 167, 168, 221, 279
DANIEL DE MATOS	66, 278	HENRIQUE DE CUELLAR	30
DELFIN RUI DA SILVA DUARTE	231, 306, 307	HENRIQUE SOUDO	178, 189
DIAS FERREIRA	216, 323	HENRIQUES TEIXEIRA	81
DIOGO MARTINS SILVA PORTUGAL V. FERREIRA	231	HENRY JANEWAY	78
DOMINGOS ANDRADE	133	HERMANN BOERHAAVE	47
DUARTE LOPES	28	HERMANO ALMEIDA LIMA	319
DUARTE MADEIRA ARRAIS	37	HERMÍNIO PEREZ GARRIGUEZ	217
EDUARDO FATELA	259, 304, 305, 308		

INÁCIO JOSÉ MIRANDA DE BARROS	96	JORGE MANUEL ROSA DOMINGUES	219
INÁCIO XAVIER DA SILVA	262	JOSÉ ALBERTO ALVES ANDRADE	310
J. B. CARDOSO KLERK	71	JOSÉ ALVARENGA DE ANDRADE	126, 146, 155, 177, 273, 306
J. E. FOURNIER	176	JOSÉ AMADO	87
J. M. ALVITO	70	JOSÉ ANTÔNIO ALVES PINTO CARMONA	288
J. P. BARRAL	77	JOSÉ ANTÔNIO ARANTES PEDROSO	76
JACOB DE CASTRO SARMENTO	49	JOSÉ ANTÔNIO COSTA QUINTA	208, 212, 247, 259
JACOB RODRIGUES PEREIRA	93, 94, 97, 165	JOSÉ ANTÔNIO DE FREITAS RÊGO	93
JAIME ARTUR DA COSTA PINTO	97	JOSÉ ANTÔNIO ROQUETTE DE CAMPOS HENRIQUES	134, 135, 151 à 215, 221, 243, 246, 247, 250, 317
JAIME BARBOSA DA CRUZ VAZ PORTUGAL	177, 225	JOSÉ ANTÔNIO SERRANO	66
JAIME FERREIRA	282	JOSÉ AUGUSTO VIANA LEMOS PEIXOTO	124, 270
JAIME MAGALHÃES	146, 155, 166 a 168, 170, 179, 180, 203, 271, 303	JOSÉ BRANCO NEVES	303
JAMES SIMPSON	76	JOSÉ CARLOS MOREIRA BRAGANÇA	71
JEREMIAS DA SILVA	155, 178, 250	JOSÉ CONDE	261
JOAM VIGIER	50, 51	JOSÉ CORREIA PICAÑÇO	59
JOÃO AGOSTINHO JERVIS DE ATOUGUIA	149	JOSÉ CRISPIM DA CUNHA	94, 95
JOÃO ANTÔNIO MARTA PIMENTEL	220, 228, 231, 284	JOSÉ CRUZ FILIPE	97
JOÃO AUGUSTO TEIXEIRA	150	JOSÉ CURRY DA CÂMARA CABRAL	79, 108, 244, 245, 248
JOÃO AZEVEDO	176	JOSÉ DA COSTA	95
JOÃO CURVO SEMEDO	12, 39, 40, 41	JOSÉ DANIEL DE CARVALHO	276
JOÃO DIAS	29	JOSÉ DANIEL TAVARES DE CARVALHO	166
JOÃO FERREIRA SOARES	290	JOSÉ DE SOUSA CAMPOS	155
JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA	147	JOSÉ DIAS TAVARES	155
JOÃO GONÇALVES VALENTE	265	JOSÉ DOMINGOS MARTINS CABRAL BEIRÃO	134, 135, 212, 215, 231, 247, 250, 269
JOÃO JOSÉ PARRA EDWARD CLODE	220, 222, 226, 227, 229	JOSÉ DOS SANTOS SOUSA CAMPOS	314
JOÃO LOPES CORREIA	51, 54	JOSÉ EMANUEL DE ABREU GOMES	318
JOÃO MANUEL ALVES SANT'ANNA LEITE	112	JOSÉ EZEQUIEL PEREIRA BARROS	228
JOÃO MANUEL ANDRADE OLIAS	228, 232, 261	JOSÉ FRANCISCO HIGINO MADEIRA DA SILVA	145, 213, 259, 260, 310
JOÃO MANUEL PESTANA ROSA DE OLIVEIRA CASQUILHO	295	JOSÉ FRANCISCO LEAL	59
JOÃO MARTA PIMENTEL	224, 227, 235, 237, 284	JOSÉ FRANCO VALADARES	295
JOÃO MARTINS	322	JOSÉ GONÇALVES CAROÇA	106
JOÃO MONIZ NOGUEIRA	151, 173, 175, 178, 180	JOSÉ HENRIQUE ROCHA LOURENÇO	321
JOÃO NUNES MONTEIRO FEIJÃO	288	JOSÉ JOAQUIM AFONSO	294
JOÃO PAÇO	16, 230, 236, 266, 267, 268,	JOSÉ LAVRADOR	294
JOÃO PEDRO BARRAL	77	JOSÉ LEMOS PEIXOTO	125, 270
JOÃO RENATO BRANQUINHO PRATA	220, 235	JOSÉ LUIS MACHADO AIRES	181, 195, 213, 214, 230, 241, 273 a 276
JOÃO RIBEIRO MENDES	288	JOSÉ MANUEL BORGES GUERRA	262
JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO	12, 35	JOSÉ MANUEL FERNANDES CARDOSO	295
JOÃO ROQUE	308	JOSÉ MANUEL MENDES FURTADO	273
JOÃO ROSSA	294	JOSÉ MANUEL SANCHES PINTO DE VASCONCELOS	273
JOÃO SACADURA	261	JOSÉ MARIA PEREIRA	95
JOÃO SANT'ANNA LEITE	15, 85, 88, 89, 109, 111, 112, 133, 134, 140, 246	JOSÉ MARIA TORRADO BARROSO	170
JOÃO TEIXEIRA LEÃO DE MEIRELES	316	JOSÉ MARQUES	292
JOÃO VALENTE	221, 265, 317, 318	JOSÉ MARQUES DOS SANTOS	316
JOAQUIM ANTÔNIO PRIOR	135	JOSÉ NOBRE LEITÃO	144, 151, 155, 175, 176, 178, 184, 185, 208, 213, 221, 255, 263, 284, 321
JOAQUIM AUGUSTO LOPES PINHEIRO	311	JOSÉ PACHECO VIEIRA	319
JOAQUIM DE OLIVEIRA SIMÕES	147	JOSÉ RODRIGUES DE ARAÚJO PORTO	96
JOAQUIM FARIA E ALMEIDA	314	JOSÉ SARAIVA	220, 231, 235, 237, 268
JOAQUIM GIL DE ALMEIDA RIBEIRO	292	JOSÉ SOUSA DIAS	147, 280, 282, 323
JOAQUIM JORGE E OLIVEIRA	290	JOSÉ TAVARES LUCAS DE COUTO	135
JOAQUIM JOSÉ CARDOSO	276	JOSÉ TEDESCHI	77
JOAQUIM MAGALHÃES BARBOSA	170, 276	JOSÉ THOMAZ DE SOUSA MARTINS	67
JOAQUIM MANUEL DE ALMEIDA RIBEIRO	219	JOSÉ VICTOR MANIGLIA	233
JOAQUIM PRIOR	151, 154, 155	JUVENAL HONÓRIO DE ORNELAS	150
JOAQUIM THEOTÔNIO DA SILVA	72, 74, 81, 245	K. J. LEE	234
JOHAN BORG	94, 95	LÉON DUFOURMENTEL	139
JOHN CARR	124	LÍDIO DO AMARAL	134, 175, 179, 180, 247, 250, 252, 253
JOHN HUNTER	47	LOBO ALVES	87
JORGE BARRANHA SOBRAL	303, 316	LOPES LIMA	253
JORGE CARVALHO SOFIA	220	LOPO DE ALMEIDA	60, 283
JORGE DIOGO	323	LOPO DE CARVALHO (FILHO)	137, 164
JORGE EDUARDO DE FREITAS SPRATLEY	228, 235	LOUIS PASTEUR	65
JORGE GUALDINO CARVALHO	81		

332 A OTORRINOLARINGOLOGIA PORTUGUESA NOS HOSPITAIS

LOURENÇO JOSÉ MONIZ	149	NICANDIO JOAQUIM DE AZEVEDO	149
LUCAS MARIA XAVIER LEAL	93	NICOLAS GARCIA SOTO	213, 240, 241
LUÍS ALBERTO CARVALHO JERÓNIMO ANTUNES	284	NUNO SANTIAGO	212, 213, 215, 229, 230, 232, 261, 268, 322
LUÍS CARNEIRO DA FONSECA	289	ORLANDO DOS SANTOS AFONSO	175, 176, 177, 179
LUÍS MANUEL SOTERO GOMES	220, 318	ORLANDO LOPES	217
LUÍS QUERIOL MACIEIRA	134, 154, 155, 202, 246, 247, 248, 251	ÓSCAR DIAS	256
LUÍS SOTERO GOMES	221, 317	ÓSCAR FERREIRA	209, 292
LUIZ ANTONIO VERNEY	58	PÁDUA SANTOS	250
LUIZ DA CÂMARA PESTANA	66, 81, 101	PAISANA GRANJO	262
LUIZ HENRIQUES	149, 150	PASSOS MANUEL	69
LUIZ PEREIRA DA FONSECA	77	PAULO VERA-CRUZ	235
LUZ PITA	149, 150	PAVÃO DE SOUSA	97
MACHADO CÂNDIDO	247	PEDRO AUGUSTO FURTADO SOARES TOMÉ	231, 235
MAGALHÃES COUTINHO	66, 72, 77, 253	PEDRO CLARÓS	215, 229, 234
MAIA FARIA	250	PEDRO DUFAU	48, 53, 54, 55
MANOEL CONSTÂNCIO	11, 13, 53, 54, 57, 60	PEDRO HISPANO	11, 20, 21, 22, 220, 228, 306, 307
MANOEL DE VASCONCELOS	127	PEDRO LOPES CARDOSO	28, 30
MANOEL LEITE DE PINHO CORREIA	72	PEDRO MARIA DE AGUILAR	96
MANUEL ANTÓNIO CALDEIRA PAIS CLEMENTE	146, 208, 212, 274	PEDRO NUNES DE SOUSA	82
MANUEL AUGUSTO DIAS MILHEIRO	83	PER ARON BORG	93, 94, 95
MANUEL BENTO DE SOUSA	67, 75, 79, 260	PIERRE GEHANNO	233
MANUEL CORREIA	184, 250, 266	PIMENTA JACINTO	151, 188, 250
MANUEL DA MAIA	58	PINTO COELHO	323
MANUEL DE AZEVEDO GOMES	182	PONTES EUSÉBIO	247, 250
MANUEL DIOGO DE VALLADARES	15, 84 a 86, 102 a 106, 132 a 134, 246 a 248	PULIDO VALENTE	260, 262
MANUEL FERREIRA	303, 316	RAIMUNDO LULLE	76
MANUEL FILIPE RODRIGUES	147, 218, 219, 230, 234, 280	RAMALHO GUEDES	310
MANUEL GARCIA	106	RAMAUGÉ	93, 94, 95
MANUEL GOMES DE LIMA (BEZERRA)	50	RAUL CLARO OUTEIRO	125, 270
MANUEL GOMES LIMA	60	RAUL FERREIRA DA SILVA	126, 205, 212, 271
MANUEL JOSÉ DA SILVA PEREIRA	75	RAVARA	87
MANUEL JOSÉ FONSECA	55	RICARDO JORGE	67, 77, 91, 101, 102
MANUEL JOSÉ TEIXEIRA	57	ROBERT MACINTOSH	78
MANUEL MARQUES PEREIRA	261	ROSAS DA COSTA	178, 206, 250
MANUEL PEREIRA DE MIRA FRANCO	66	RUI DE FREITAS	260
MANUEL PINTO	127, 129, 132, 133, 156, 158, 159, 265, 284	RUI FRANCO GIL	181, 189, 265, 266
MANUEL RODRIGUES E RODRIGUES	274, 307	RUI PENHA	145, 176, 178, 197, 200, 205, 208, 209,
MANUEL SOARES MOTA	295	212, 213, 215, 219, 229, 230, 250, 257, 259, 272
MANUEL VALÉRIO	286, 287	RUY LEITÃO	133
MARIA CARLOS DA SILVA PINTO SOBRAL	296	SABINO COELHO	78, 79
MARIA EMÍLIA GOMES	219	SAINT-CLAIR THOMSON	103
MARIA LUÍSA MONTEIRO	231, 253	SALINAS	87, 89, 91
MARIA MARGARIDA CARVALHO SANTOS	274	SAMUEL RUAH	134, 173, 175, 176, 179, 229, 230, 251, 252
MARIA PETRONILLA	96	SÉRGIO MANUEL DE FIGUEIREDO RAPOSO	303
MÁRIO ALBERTO MENDES BRITO PUGA	310	SÉRGIO VERÍSSIMO	297
MÁRIO ANDREA	144, 197, 206, 207, 216, 255, 256	SERRANO SANTOS	259
MÁRIO DE OLIVEIRA	133	SERTÓRIO SENA	150
MÁRIO GARCIA DOS SANTOS	305	SEVERINO COELHO BARBEDO	126
MÁRIO GIESTEIRA DE ALMEIDA	240	SILVESTRE FALCÃO	110
MARQUES PAIXÃO	323	SOBRAL CID	67, 105, 113
MAURÍCIO AUGUSTO SEQUEIRA	150	SOUZA REFÓIOS	66
MENDES ROBALO	294	SOUZA TEIXEIRA	105
MENDES VASCONCELOS	250	SUAREZ MENDONZA	103
MENDONÇA E MOURA	184, 306, 307	TEIXEIRA E SILVA	250, 257, 323
MESTRE MARTINHO	25	TEIXEIRA MARQUES E ALVES BRANCO	81
MICHAEL FARADAY	76	TEÓFILO ESQUÍVEL	155, 290
MICHAEL PAPARELLA	231	THEODORO FERREIRA DE AGUIAR	66, 67
MIGUEL BOMBARDA	67, 79, 102, 106, 115, 259, 323	TIAGO DA COSTA GODINHO	291, 296
MIGUEL DE CONTRERAS	28	TOMÁS BORBA VIEIRA	319
MIGUEL MAGALHÃES	261	TOMAZ RODRIGUES DA VEIGA	30
MONTEIRO FEIJÃO	188	TOMÉ PIRES	12, 33
MOREIRA DE SOUSA	155	TORCUATO LABELLA	217, 223, 225, 241
NELSON REBELO DA GAMA E CASTRO	182, 273	VALESCO DE TARANTA	11, 26, 27

VASCO DA COSTA RIBEIRO	191, 195, 259
VASCO ROSAS DA COSTA	134, 197, 252
VASCONCELOS	323
VICENTE JOSÉ CARVALHO	68
VICTOR CORREIA DA SILVA	241
VIEIRA DE CARVALHO	247, 250
VITAL CALADO	219, 234, 253
VÍTOR MANUEL GABÃO VEIGA	208, 209, 212, 216, 259, 285
VITORINO DINIZ	303, 306, 311, 314
VON HELMHOLTZ	65
W. LAURENCE	76
WAYAN SINGH DE EDIMBURG	218
WILLIAM HARVEY	37
WILLIAM HUNTER	47
WILLIAM MACEWAN	78
WILLIAM MORTON	77
WIRCHOW	65
WOLF-DIETER SCHEINEIDER	217
XAVIER DA SILVA	105
XAVIER MORATO	144
XAVIER NOGUEIRA	106
XEMBU DESSAI	179, 180, 323
ZACUTO LUSITANO	11, 12, 37, 38

*A Otorrinolaringologia
em Portugal*

Bial